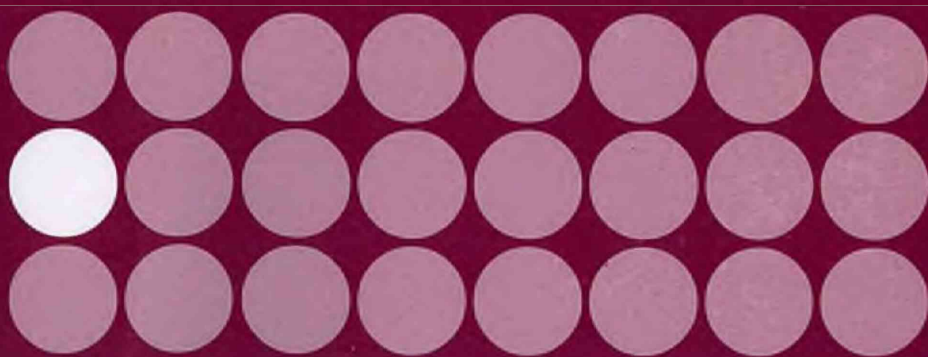


1 e 2 Reis

Introdução
e comentário

Donald J. Wiseman



· SÉRIE CULTURA BÍBLICA · VIDA NOVA



1 e 2Reis

1 e 2Reis

Donald J. Wiseman

Tradução

1Reis

Emirson Justino

Vicente de Paula dos Santos

2Reis

James Reis



VIDA NOVA

Copyright © 1993 Donald J. Wiseman
Título original: *1 and 2Kings, Tyndale Old Testament commentaries*
Traduzido da edição publicada pela Inter-Varsity Press,
(Leicester, Inglaterra)

1.ª edição: 2006
Reimpressões: 2008, 2011

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios
(mecânicos, eletrônicos, xerográficos
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves,
com indicação de fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

ISBN 978-85-275-0371-6

DIREÇÃO EDITORIAL

Aldo Menezes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Marisa Lopes

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Ubevaldo G. Sampaio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Kelly Christine Maynarte

Sérgio Siqueira Moura

SUMÁRIO

PREFÁCIO GERAL	7
PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	9
PREFÁCIO DO AUTOR	11
ABREVIATURAS PRINCIPAIS	13
INTRODUÇÃO	17
I. O valor dos livros de Reis	17
II. Temas e teologia	19
III. Cronologia	26
IV. Evidência arqueológica	34
V. Fontes	38
VI. Forma literária	44
VII. Composição e autoria	49
VIII. Texto	54
ANÁLISE	57
COMENTÁRIO	63
NOTAS ADICIONAIS	
Lugares altos	76
Sabedoria	78
O homem de Deus	127
Reformas de Josafá	168
Hazeel	188

PREFÁCIO GERAL

O objetivo desta série de comentários sobre o Antigo Testamento, tal como aconteceu nos volumes equivalentes sobre o Novo Testamento, é oferecer ao estudioso da Bíblia um comentário atual e prático de cada livro, com a ênfase principal maior na exegese. As questões críticas mais importantes são discutidas nas introduções e notas adicionais, ao passo que detalhes excessivamente técnicos são evitados.

Nesta série, cada autor possui, naturalmente, plena liberdade para prestar suas próprias contribuições e expressar seu ponto de vista pessoal em todas as questões controvertidas. Dentro dos limites necessários de espaço, eles muitas vezes procuram chamar a atenção para interpretações que eles mesmos não endossam, mas que representam conclusões defendidas por outros cristãos sinceros.

Nos livros de Reis, a história do povo de Deus continua a ser contada. Esses livros abrangem um período que vai desde a época do reino unido, sob a liderança de Davi e Salomão, à sua trágica divisão em dois reinos, Israel e Judá, chegando até suas respectivas quedas e, por fim, ao exílio. Neles estão retratados os reis que procuraram governar segundo a lei de Deus, contando sempre com o encorajamento ou a exortação de uma longa linhagem de profetas, desde Elias a Jeremias. A história concentra-se nas figuras de Salomão, Ezequias, Josias de Judá e Acabe de Israel. Porém, nessa porção singular do relato histórico da Bíblia, também somos apresentados a muitos outros indivíduos cuja participação foi fielmente registrada para o conhecimento das futuras gerações.

No Antigo Testamento em particular, nenhuma tradução sozinha consegue refletir o texto original. Os autores desta série utilizam livremente várias versões ou oferecem a sua própria tradução. Onde necessário, as palavras do texto aparecem transliteradas, para ajudar o leitor que não esteja familiarizado com as línguas semíticas a identificar precisamente a palavra em questão. Presume-se, a cada passo, que o leitor tenha livre acesso a uma ou mais versões fidedignas da Bíblia.

O interesse no significado e na mensagem do Antigo Testamento continua constante, e esperamos que esta série venha a incentivar o estudo sistemático da revelação de Deus, de sua vontade e de seus caminhos registrados nas

12

1 E 2 REIS

Escrituras. A oração do editor e dos publicadores, bem como dos autores, é que estes livros ajudem muitos a entender a Palavra de Deus e a lhe prestar obediência nos dias de hoje.

D.J. Wiseman

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série Cultura Bíblica vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os comentários que fazem parte desta coleção são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentários e a notas de rodapé são reduzidas ao mínimo, mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética do que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto, a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examinam-se as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro, seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave, e a partir delas procura-se compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o Antigo Testamento. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreenderem o que o texto veterotestamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes, porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

PREFÁCIO DO AUTOR

Os livros de Reis são a única fonte da história de Israel que cobre os últimos dias da monarquia unida sob Davi até a queda e subsequente divisão dos reinos de Israel (com a captura de samaria em 722 a.C.) e de Judá (com o saque de Jerusalém em 587 a.C.). Sem estes livros, e os relatos parcialmente paralelos de Crônicas, nosso conhecimento sobre como Deus lidou com seu povo no desenrolar do primeiro milênio antes de Cristo seria extremamente limitado.

Não é possível, num espaço limitado, citar os muitos estudiosos aos quais sou devedor. Estamos hoje bem servidos por comentários completos, modernos (em língua inglesa), aos quais me refiro citando o sobrenome do autor (p. ex., Jones [1984]). Nesses trabalhos exaustivos encontram-se argumentações mais detalhadas, especulações teóricas sobre aditamentos do texto e algumas emendas conjecturais sobre o texto que existem em profusão nesses estudos modernos. Apesar de as notas deste estudo destacarem algumas das conclusões deles, sua própria base é o texto da Escritura recebido em nossos dias. O objetivo geral deste comentário, bem como de toda a série, é tornar o texto mais compreensível para os não-especialistas. Há, entretanto, um sentido no qual todo comentário sobre um historiador que escreve a respeito de acontecimentos muito próximos de seus dias pode ser considerado supérfluo.

Incluí neste comentário ênfases que contrariam minhas preferências. Entre elas encontram-se aspectos de descobertas arqueológicas relacionadas com a Bíblia, porque estas têm sido meu principal interesse e o trabalho de minha vida. Tentei também, com exceção de quando julguei necessário, não citar o nome divino inefável (em consoantes hebraicas “YHWH”, comumente pronunciadas “Javé”, mas que são impronunciadas e impronunciáveis), em lugar de “SENHOR”. Este procedimento segue a antiga prática de aplicar ao tetragrama as vogais da palavra “Senhor” (adonai), daí a origem da interpretação (“Jeová”). O Deus único é identificado de inquestionável e inequívoca.

Todos os leitores de nossos dias necessitam estudar esta história, de caráter majoritariamente biográfico, que nos apresenta uma figura vívida da existência pessoal e nacional, e da forma pela qual Deus agia em ambas as instâncias. Sua revelação franca dos triunfos e das tragédias do povo de Deus é extremamente relevante para nós hoje. Tudo isso foi registrado como exemplo para evitar que coloquemos o coração em determinadas coisas como certas

personagens bíblicas o fizeram. Todas essas coisas também foram escritas como advertências, para não imaginarmos que estamos mais firmes do que eles; precisamos prestar atenção para não cairmos (1Co 10.6,11). Ao mesmo tempo, elas foram registradas para nos auxiliar, bem como aos primeiros leitores, a fim de suportarmos os tempos de provação, e para encorajar-nos a confiar e esperar no mesmo Deus imutável. Muitos dos acontecimentos e das personagens apresentados são transportados para o Novo Testamento, possuindo, portanto, importância contínua.

Meus agradecimentos são dirigidos, em primeiro lugar, e em especial, a minha mulher, Mary, por sua paciência resignada e compreensão por mais de quarenta anos. Muito desse tempo foi preenchido com meu trabalho acadêmico, traduções da Bíblia e com o trabalho de edição desta série. Também recebi apoio e encorajamento contínuos da InterVarsity Press, mediante sua equipe. Agradeço também a Ruth Holmes por aliviar a minha carga ao ter decifrado meu manuscrito e tê-lo datilografado, e também a Alan Millard e Bruce Winter da Tyndale House pela ajuda relativa às referências bibliográficas.

Este livro é acompanhado de uma oração para que ele possa ajudar a todos nós sermos fiéis ao Senhor e à sua Palavra.

Donald J. Wiseman

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

<i>ANEP</i>	<i>The Ancient Near East in Pictures</i> , editado por James B. Pritchard (Princeton: Princeton University Press, 1954).
<i>ANET</i>	<i>The Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament</i> , editado por James B. Pritchard (Princeton: Princeton University Press, ² 1955, ³ 1969).
<i>AOAT</i>	<i>Alter Orient und Altes Testament</i>
<i>ARAB</i>	<i>Ancient Records of Assyria and Babylonia</i> , D. D.
<i>BA</i>	<i>Biblical Archaeologist</i>
<i>BASOR</i>	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research</i>
<i>BDB</i>	F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, <i>A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament</i> (Oxford: Oxford University Press, 1906)
<i>Bib.</i>	<i>Biblica</i>
<i>Bi.Or.</i>	<i>Bibliotheca Orientalis</i>
<i>BSOAS</i>	<i>Bulletin of the School of Oriental and African Studies</i>
<i>CAD</i>	<i>The Chicago Assyrian Dictionary</i>
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>DITAT</i>	<i>Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento</i> de R. Laird Harris <i>et al.</i> (São Paulo: Vida Nova, 1998). (TOTC)
<i>DOTT</i>	D. Whinton Thomas (ed.), <i>Documents of Old Testament Times</i> (London: Nelson, 1958)
<i>EI</i>	<i>Eretz Israel</i>
<i>EQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>Exp.T</i>	<i>Expository Times</i>
<i>HUCA</i>	<i>Hebrew Union College Annual</i>
<i>IBD</i>	<i>The Illustrated Bible Dictionary</i> (Leicester, IVP, 19??)
<i>IDB</i>	<i>Interpreter's Dictionary of the Bible</i> (Nashville: Abingdon, vols. I-IV; suplemento, 1976)
<i>IEJ</i>	<i>Israel Exploration Journal</i>
<i>IJH</i>	J.H. Hayes e J. M. Miller, <i>Israelite and Judaeon History</i> (London: SCM Press, 1977)
<i>JANES</i>	<i>Journal of the Ancient Near Eastern Society of Columbia University</i>

<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JCS</i>	<i>Journal of Cuneiform Studies</i>
<i>JEA</i>	<i>Journal of Egyptian Archaeology</i>
<i>JNES</i>	<i>Journal of Near Eastern Studies</i>
<i>JQR</i>	<i>Jewish Quarterly Review</i>
<i>JSOT</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament</i>
<i>JSOTSupp</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament, Supplements</i>
<i>JSS</i>	<i>Journal of Semitic Studies</i>
<i>NDB</i>	<i>O novo dicionário da Bíblia</i> (São Paulo: Vida, 2006).
<i>Or.</i>	<i>Orientalia</i>
<i>PEQ</i>	<i>Palestine Exploration Quarterly</i>
<i>POTT</i>	D. J. Wiseman (ed.), <i>Peoples of Old Testament Times</i> (Oxford: Clarendon Press, 1973)
<i>RA</i>	<i>Revue d'Assyriologie et 'Archeologie</i>
<i>RB</i>	<i>Revue Biblique</i>
<i>SOTSM</i>	Society for the Old Testament Study Monographs
<i>TynB</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>TDOT</i>	G. I. Botterweck e H. Ringgren, vols. I-IV (Grand Rapids: Eerdmans, 1977-1990) <i>Theological Dictionary of the Old Testament</i>
<i>TOTC</i>	<i>Tyndale Old Testament Commentary</i>
<i>UF</i>	<i>Ugarit-Forschungen: Internationales Jahrbuch für die Atertumskunde Syrien-Palästinas</i>
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum</i>
<i>VTSupp</i>	<i>Vetus Testamentum, Supplements</i>
<i>WHJP</i>	A. Malamat (ed.), <i>The World History of the Jewish People: The Age of the Monarchies</i> , vols. IV-V, (Jerusalem, Massada Press, 1979).
<i>ZA</i>	<i>Zeitschrift für Assyriologie.</i>
<i>ZAW</i>	<i>Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft</i>
<i>ZDPV</i>	<i>Zeitschrift des deutschen Palästina-Vereins</i>

Textos e versões

Acad.	Acádio (assírio e babilônico)
ARA	Versão da Bíblia de Almeida Revista e Atualizada
ARC	Versão da Bíblia de Almeida Revista e Corrigida
AV	Authorized (King James) Version, 1611
BJ	<i>A Bíblia de Jerusalém</i> (São Paulo: Paulus, 200?) (JB)
VE	Versões inglesas
GNB	<i>Good New Bible (Today's English Version)</i> , 1976

Heb.	Hebraico
Heb. m.	Hebraico moderno (M.Heb.)
LXX	<i>Septuaginta</i> (versão pré-cristã do AT)
LXX(L)	Recensão de Luciano
MMM	Manuscritos do mar Morto (Cunrã) (DSS)
NASB	<i>New American Standard Bible</i>
NEB	<i>New English Bible</i>
NIV	<i>New International Version</i>
NKJV	<i>New King James Version</i>
NRSV	<i>New Revised Standard Version</i>
NVI	<i>Nova Versão Internacional</i>
OG	<i>Old Greek Translation</i>
REB	<i>Revised English Bible</i> , 1989
RSV	<i>Revised Standard Version</i> , 1952
RV	<i>Revised Version</i> , 1881
Sir.	Siriaco
Targ.	<i>Targum</i>
TM	Texto Massorético (MT)
Ugar.	Ugarítico
Vulg.	<i>Vulgata</i>
5QK	Fragmento dos MMM de Reis da Caverna 5 de Cunrã
6QK	Fragmento dos MMM de Reis da Caverna 6 de Cunrã

Comentários

(mencionados apenas pelo sobrenome do autor)

Burney	C. F. Burney, <i>Notes on the hebrew text of the Book of Kings</i> (1918: repr. Oxford: Oxford University Press, 1983).
Cogan	M. Cogan e H. Tadmor, <i>II Kings</i> , Anchor Bible (New York: Double day, 1988).
DeVries	S. J. DeVries, <i>1 Kings</i> , Word Biblical Commentary 12 (Waco : Word, 1985).
Gray	J. Gray, <i>I & II Kings: A Commentary</i> , Old Testament Library (London: SCM Press, ² 1970).
Hobbs	T. R. Hobbs, <i>2 Kings</i> , Word Biblical Commentary 13 (Waco: Word, 1985).
Jones	G H. Jones, <i>1 and 2 Kings</i> , Vols. I-II, New Century Bible Commentary (London: Marshall, Morgan & Scott, 1984).
Keil	C. F. Keil, <i>The Books of Kings</i> (1872: repr. Grand Rapids: Eerdmans, 1954).

•

- Long B. O. Long, *1 Kings with an Introduction to Historical Literature*, The Forms of Old Testament Literature, vol. IX (Grand Rapids: Eerdmans, 1984).
- Montgomery J. A. Montgomery e H. S. Gehman, *Commentary on the Books of Kings*, International Critical Commentary (Edinburgh: T. & T. Clark, 1951).
- Nelson R. Nelson, *First and Second Kings*, Interpretation (Atlanta: John Knox Press, 1987).
- Noth M. Noth, *Könige*, Biblischer Kommentar: Altes Testament IX/I (NeuKirchen-Vluyn: NeuKirchener Verlag, 1968).
- Provan I.W. Provan, *Hezekiah and the Book of the Kings*, Behefte zur ZAW 172 (Berlin: De Gruyter, 1988).
- Robinson J. Robinson, *The First Book of Kings, The Second Book of Kings*, Cambridge Bible Commentary (Cambridge: Cambridge University Press, 1972, 1976).
- Slotki I.W. Slotki, *Kings* (London: Soncino Press, 1950).

INTRODUÇÃO

Alguns leitores modernos podem não se sentir aptos a abordar Reis, pois nem sempre é fácil fazer a ligação entre os nossos dias e o primeiro milênio antes de Cristo, período em que acontece a história dos antigos reis de Israel e Judá. A narrativa cobre um espaço de tempo de quase quinhentos anos, estendendo-se do início ao ocaso da monarquia. E a história do surgimento e da queda de reinos, de grandes promessas e enormes fracassos, de tragédia, mas também de esperança. O povo escolhido de Deus desviar-se em função da tendência das pessoas de confiarem em si mesmas e, assim, afastam-se do culto a Deus para adorar outros em vez de seguir o próprio Senhor Deus.

I. O valor dos livros de Reis

A história se inicia com o final do reinado de Davi, já estabelecido em Jerusalém, a capital, a partir de onde ele governa uma região que se estende da Síria às cidades-estados da Filístia na costa sudoeste da Palestina, indo até os estados de Amom e Moabe na fronteira transjordânica, ao leste, e até as fronteiras com o Egito, ao sul. Esse crescimento se deu em grande parte em função da fraqueza dos principais poderes daquela época. A Síria ainda não havia se expandido na direção oeste para fazer com que as pequenas cidades-estados de Harã (Damasco) se unissem a Israel para resistir a Salmanasar III em Qarqar em 753 a.C. Somente cerca de um século depois é que os assírios tomaram Damasco e, então, dominaram e gradualmente incorporaram as cidades-estados como vassalas, até que a própria nação de Israel foi tomada no ano 722 a.C. Pouco depois disso, Judá foi invadida (701 a.C.) e colocada debaixo de pressão até que também caiu diante dos babilônios, como herdeiros da Síria, o que fez com que o povo fosse levado para o exílio. Judá sofreu incursões por parte do Egito durante todo esse período. A história de Reis trata, em grande parte, dos relacionamentos entre o povo de Deus e seus vizinhos, tanto ao redor quanto dentro de sua própria terra.

A história de Reis não se propõe a ser um retrato amplo e exaustivo do período, sendo em vez disso uma seleção feita para ilustrar o controle superior de Deus sobre a história, mesmo quando isso não é óbvio aos observadores. O historiador faz isso por meio do uso criterioso de suas fontes e pelo destaque dado à vida de certos indivíduos. Desse modo, Davi, rei de Judá, é o governador ideal ou modelo, e Jeroboão, filho de Nebate, é o exemplo dos reis de Israel que levaram o povo a pecar. Acabe e Jeú são destacados como aqueles que tiveram

um bom início, mas que, apesar das admoestações dos profetas de sua época, não levaram as reformas adiante a ponto de alcançarem uma conclusão final e, desse modo, influenciaram até mesmo Judá a errar e, por fim, a sofrer o mesmo destino de seus vizinhos do norte.

Um dos resultados dessa seletividade (um método comum na historiografia) é que também existe uma ênfase em Salomão, Ezequias e Josias (“o novo Davi”), todos de Judá, e sobre Acabe, como o esperado reformador de Israel, enquanto outros são tratados de maneira bastante resumida. Assim, o afamado governador Onri, rei de Israel, renomado em função de documentos daquela época (e.g., a inscrição no *Mesha* moabita e referências assírias à “casa de Onri”) é citado por alto em apenas oito versículos (1Rs 16.21-28) e o longo reinado de Manassés não chega a ocupar um capítulo inteiro (2Rs 21.1-18).

Reis são uma obra unificada e, conforme defendido aqui, há grandes possibilidades de ser obra de um único historiador. O propósito para o qual o livro foi escrito não está explícito em lugar algum e deve ser deduzido a partir da história como ela se mostra hoje. O livro serve como uma advertência atemporal quanto ao inevitável juízo trazido sobre aqueles que se desviam na adoração e na prática, mas também como encorajamento para seguir a Deus e receber as bênçãos prometidas para aqueles que são obedientes à sua lei, mesmo em momentos de exílio. O livro também é um lembrete do amor e da graça constantes de Deus, ainda que ele seja desprezado. A maior parte do espaço é dado àqueles que, pelo menos inicialmente, foram vistos como os que fizeram “o que era reto perante o SENHOR”, cumprindo de maneira prática sua lei.

Portanto, Reis não são apenas uma crônica — política ou religiosa —, mas uma história “sagrada” com um adequado comentário teológico, ou seja, um comentário religioso sobre a história (v. *Temas e teologia*, p. 19s). Sem a presença dos detalhes, pouco seria conhecido do resultado da experiência do reinado que se seguiu à promessa dada a Davi quanto a uma dinastia eterna. Também não seriam conhecidos ou entendidos aspectos como a sabedoria e o esplendor de Salomão, as grandes façanhas de Elias e Eliseu, o evento e a explicação do exílio de Israel e de Judá e todas as referências feitas a esses eventos em outros lugares das Escrituras. Todos os povos, desde as primeiras sociedades a usarem a escrita, têm feito relatos dos principais eventos que lhes são conhecidos para benefício das gerações seguintes.¹

Como parte da história contínua de Israel desde o tempo do êxodo do Egito, quando, como uma nação, foi chamado de “povo de Deus” até sua queda e dispersão no exílio, Reis não é exceção à regra. Tem-se afirmado que o livro representa também a primeira historiografia contínua e genuína.² Sabe-se

Cf. J. H. Huizinga in R. Klibansky e H. J. Paton (eds.). *Philosophy and History: Essays Presented to Ernst Cassirer* (Oxford: Oxford University Press, 1936), p. 9.
DeVries, p. xxx.

que muitas das formas literárias usadas eram empregadas entre seus contemporâneos no Oriente Médio antigo. Elas têm em comum a característica de os fatos serem extraídos de fontes diversas, mas autênticas. Ainda que, a essa distância, não seja possível distinguir em detalhes as fontes primárias do historiador (v. Fontes, p. 40-6), não há razão para negar que ele poderia muito bem ter tido acesso a registros objetivos e confiáveis como aqueles que eram normalmente mantidos em arquivos oficiais de uma cidade capital naquele tempo. Isso inclui a lista dos reis, ofícios, relatórios de atividades civis e militares, biografias pessoais e documentos semelhantes. Hoje em dia estão sendo feitas tentativas de se distinguir outros gêneros, e.g., narrativas populares, histórias, lendas e memórias, mas não há unanimidade em relação a isso.³

Reis também contribui para nossa compreensão do ambiente social do período. Ele nos conta alguma coisa sobre aprendizado, escritos e sabedoria (1Rs 3; 4.29-34), lei e justiça (1Rs 3.16-28), assim também como injustiça (1Rs 21); construção do palácio e do templo (1Rs 5—7); dedicação e conservação (1Rs 8) e o perigo da mistura na fé e dos casamentos mistos (1Rs 11.1-13; 2Rs 8.18). Há detalhes sobre comércio internacional (1Rs 5.1-18; 10), os problemas da monarquia e a sucessão levando a intrigas palacianas, rebeliões (1Rs 12.16) e o uso frequentemente de homicídio e assassinato para remover rivais, especialmente no reino do norte (e.g., 2Rs 8.7-15; 9.14; 30-37; 10.18,19; 15.30). Os frequentes episódios de fome (1Rs 18.2; 2Rs 6.25-33) e o cerco a Samaria (1Rs 20; 2Rs 6.20—7.10) e Jerusalém (2Rs 18.17), bem como as guerras contra os vizinhos Moabe e Edom (2Rs 14.7) e Harã (1Rs 20; 22.29-36) podem distanciar o leitor dos tristes eventos, mas deve-se lembrar que, embora retratados de acordo com o costume da época, muitos deles seriam classificados hoje como a “expansão colonial” (de Israel em direção a Harã/Síria), como invasão de fronteiras ou até mesmo como a libertação de áreas que estivessem debaixo do domínio de um tirano, acontecimentos comuns nas mesmas regiões hoje em dia. Disputas entre feudos e famílias, tal como os mafiosos da atualidade, levantam questões morais entre nós hoje tanto quanto fizeram entre o povo de Deus nos tempos do Antigo Testamento.

II. Temas e teologia

A apreciação de Reis pode variar de acordo com o ponto de vista assumido pelo comentarista ou pelo leitor com referência ao propósito, ao período e ao local atribuído ao historiador ou ao(s) editor(es). Se o livro for considerado apenas como uma reconstituição posterior de alguns fatos anteriores visando a

³ Long, p. 4-8, 249-64.

encorajar os exilados na Babilônia a entenderem o justo destino do povo de Deus, então a ênfase varia, dependendo de se considerar que o livro vê toda a história como pessimista ou que ele termina com uma nota de esperança de restauração. Por consequência, diferentes temas são considerados dominantes. Contudo, a visão assumida aqui é que não existe um único tema principal, mas toda a seleção de eventos e os comentários teológicos sobre eles levam adiante a história verídica de Deus trabalhando e se relacionando com seu povo da maneira como eles haviam experimentado anteriormente.

Muitos temas de importância teológica são visíveis por todo o livro. Alguns serão vistos como frases recorrentes já conhecidas, extraídas da lei (esp. Deuteronômio) ou em experiências recorrentes registradas nas vidas de uma grande quantidade de reis e profetas. Essas ênfases teológicas, como normalmente são descritas, são citadas aqui com propósito de estudo.

(a) Deus na história

Frequentemente, e com mais ênfase aqui, Deus é tratado como o SENHOR (Javé) Deus (mais de quinhentas vezes). Ele é o SENHOR Deus (1Rs 2.26), o SENHOR dos Exércitos (1Rs 18.15; 19.10,14; 2Rs 19.31). Ele é declarado como o único Deus verdadeiro (1Rs 18.24), incomparável (1Rs 8.23), criador (2Rs 19.15) e doador da vida (1Rs 17.21). Ele está vivo (1Rs 18.15 e a fórmula de juramento “Tão certo como vive o SENHOR” é frequentemente usada, 1Rs 17.12; 18.10,15; 22.14; 2Rs 2.4,6; 3.14). Deus é visto especialmente como o Deus dos patriarcas (1Rs 18.36) e Deus de Israel (1Rs 1.30,48, *passim*). Desse modo, ele é o Deus de Davi (2Rs 20.5) e Salomão (1Rs 3.3,7; 5.4; 8.28) que se referem a ele como “nosso Deus / SENHOR”, do mesmo modo que o povo faz referência a ele como “nosso Deus” (1Rs 8.59,61,65; 9.9; 10.9). Ele é transcendente (1Rs 8.27; 2Rs 2.1-12) e onipresente (1Rs 8.27; 20.28), mas habita com seu povo (1Rs 8.3,12,57), é visto como entronizado de modo invisível no templo (2Rs 19.15) que leva seu nome (1Rs 5.3,5; 8.43), onde ele deve ser adorado (1Rs 18.12, cf. 2Rs 17.32-34,39,41) e louvado (1Rs 1.48; 8.15,56; 10.9). Seu nome deve ser proclamado a todos (1Rs 8.60; 2Rs 19.19). Como o Deus da lei, ele ordena (1Rs 9.4; 13.21) e exige confiança e obediência (2Rs 18.5-6). Ele se revela por meio de feitos, alguns considerados miraculosos (2Rs 20.11) e revela a si mesmo por meio de seus porta-vozes, os profetas (v. Narrativas proféticas, p. 23-4, 44-6).

Deus é visto na história como aquele que governa sobre os reinos dos homens (2Rs 19.15), levantando reis (contra Salomão, 1Rs 11.23) e controlando o desenrolar dos eventos (1Rs 12.15; cf. 3.13). Ele expulsa algumas nações (2Rs 16.3; 17.8) ou reduz seu território (2Rs 10.32), rejeita outras, removendo-as de sua presença e jogando-as no exílio (2Rs 17.20-23; 23.27) quando elas, por teimosia, recusam-se a servi-lo. E Deus quem manda inimigos para destruir seu povo (2Rs 24.2) e ferir Israel (1Rs 14.15). De fato, o SENHOR pode ser provocado à ira (1Rs 11.9; 16.7,13,26,33; 2Rs 17.11,18). A ele são atribuídos de-

sastres (1Rs 9.9; 2Rs 6.33), tragédia (1Rs 17.20), doença (2Rs 15.15),⁴ fome (2Rs 8.1) e até mesmo morte repentina pelo fogo (2Rs 1.12). Contudo, ao mesmo tempo, Deus é aquele que ouve e responde à oração,⁵ e as orações de Salomão (1Rs 8.22-54) e Ezequias (2Rs 19.14-19) estão registradas. Deus concede libertação (2Rs 13.5; 18.30-35; 19.6,7,35-37), vitória (2Rs 5.1), perdão (2Rs 5.18), sabedoria (1Rs 3.28; 4.29; 5.12; 10.24), seu Espírito (1Rs 18.12; 2Rs 2.16) e poder (1Rs 18.46; 2Rs 3.15).

(b) Deus no julgamento

(i) Deixar de adorar a Deus e de cumprir sua lei foram atitudes que inevitavelmente levaram à tendência de adorar outros deuses e a romper o primeiro mandamento (Dt 5.7). Para muitos, a denúncia da idolatria, juntamente com a inovação — ou a não remoção — dos lugares altos é um tema característico da narrativa.⁶ Certamente é uma razão muito enfatizada para o juízo que caiu tanto sobre Israel e Samaria quanto Judá e Jerusalém.

(ii) É citado o exemplo de reis cujos atos afetaram tanto o bem-estar de suas próprias famílias quanto o de seus sucessores. Nos casos de Jeroboão de Israel (1Rs 12.26-33; 21.21,22) e de Jeú, o efeito daquele pecado durou até a terceira e quarta geração (Dt 5.8,9) e levou à queda de Israel (2Rs 10.30,31; 14.6).

(iii) O tema da lei prevalece como o padrão pelo qual os reis eram julgados e seus reinos avaliados para saber se eles haviam feito o que era “bom” ou “mau” perante o SENHOR (v. avaliação teológica na fórmula real, p. 47-50). O historiador presume em todo lugar que a lei era conhecida ou conhecível, muito embora periodicamente esquecida (2Rs 17.13,35). A lei desempenhava um papel significativo na coroação dos reis (2Rs 11.12) e a aliança era reafirmada em momentos de crise nacional (2Rs 11.17; 2Cr 29.10) ou de contrição (2Rs 23.3), assim como depois de mudanças na liderança nacional (cf. Js 8.30-35; 1Cr 11.3).

(iv) A falha em cumprir a lei e os caminhos de Deus recebem frequente alusão. Até os mais devotos não foram exceção. Davi errou e foi o responsável pelo derradeiro cisma que se iniciou no reinado de Salomão (1Rs 15.5; 22.43, heb. *raq*, “exceto”). Promovido por Jeú, o retorno temporário da adoração a Javé em Israel fracassou porque ele mesmo não seguiu a lei (2Rs 10.28-31). Antes disso, Josafá, embora considerado correto, é criticado por sua convivência com Acabe e seu filho Jorão, e sua malsucedida empreitada com eles (1Rs 22; 2Rs 3). Apesar de ter confiado em Deus e de ter sido libertado das mãos dos assírios, Ezequias viu suas novas reformas fracassarem devido à mostra de subserviência a outro poder

⁴ O interesse do historiador em várias doenças é consistente em relação aos reis Jeroboão I (1Rs 13.4-6), Asa (1Rs 15.23), Azarias / Uzias (2Rs 15.15) e Ezequias (2Rs 20.1-8), assim como em relação a outros indivíduos como Naamã (2Rs 5) e o filho da sunamita (2Rs 4.8-36). Similar interesse detalhado em doenças é observável nos escritos de Isaías e Jeremias.

⁵ 1Rs 8.22-54; 19.4; 2Rs 6.17; 13.4; 20.2,11.

⁶ DeVries, p. xlvii.

mundial, a Babilônia, o que terminou provocando o fim do Reino de Judá (2Rs 20.12-18). As duras reformas de Josias foram encerradas logo após sua morte nas mãos do Egito em Megido (2Rs 23.28-30). De modo geral, o destino de Israel é traçado de maneira tal a predizer o que aconteceria com Judá.

(v) O que resulta desse tema de fracasso em cumprir a lei é o julgamento retributivo. Isso é predito a todos os que rejeitam (1Rs 19.10; 2Rs 11.12; 17.14-20) ou violam a aliança (Dt 29.25; 31.6-8,16; 32.26,27; 2Rs 18.12). É um lembrete bastante forte por todas as narrativas proféticas. O resultado é a separação do povo de Deus de sua terra, demonstrada em seu exílio (2Rs 17.20,23).

(c) Deus como libertador: esperança e restauração

Reis não são apenas um retrato de tragédia, fracasso e constante pessimismo (em oposição a Noth). A mesma aliança divina que evoca o juízo também promete esperança e restauração para aqueles que são obedientes, que se afastam do pecado na direção do arrependimento e que se humilham (1Rs 8.33,34). Ela também sustenta o potencial de redenção (cf. 2Rs 25.27-30) e Deus, em sua misericórdia longânima, preserva o remanescente do fiel (1Rs 11.34; 2Rs 11.12). A nota mais feliz é atribuída à promessa de Deus feita a Davi quanto a um trono estabelecido (1Rs 8.25; 9.5), um reinado estável (1Rs 11.38) e uma dinastia eterna (1Rs 2.4,45). Como será mostrado a seguir, vários intérpretes vêem o final otimista da história (e.g. 2Rs 25.27-30) como uma adição feita à narrativa por um editor posterior, fazendo parte da pregação aos exilados (von Rad, Wolff). Os comentaristas estão divididos na questão de defender uma visão da promessa feita a Davi como condicional ou incondicional, o que interfere na sua compreensão do resultado da história como um sucesso ou um fracasso, bem como na composição do livro (v. tb. p. 22).

(d) A promessa de Deus a Davi

A promessa original feita a Davi de uma dinastia duradoura era que sua casa e seu reino perdurariam e que seu trono seria estabelecido “para sempre” (*‘ad ôlām*; 2Sm 7.11-16; 1Rs 9.5). Dessa maneira, ele refletiria o reino e o reinado eterno de Deus na terra (cf. Dn 4.3). Isso foi reiterado a seu filho Salomão na forma de que ele jamais deixaria de encontrar um homem (sucessor) sobre o trono de Israel (1Rs 8.25). A palavra original traduzida como “para sempre” não foi repetida a Salomão que, porém, ouve que, depois dele, quando o reino fosse usurpado, continuaria existindo uma parte ou uma “tribo” em favor de Davi, o servo de Deus, e de Jerusalém (1Rs 11.32,34-36). A natureza duradoura da família foi simbolizada por uma lâmpada eternamente acesa em favor de Davi (v. 1Rs 11.36; cf. 1Rs 15.4; 2Rs 8.19). Davi tinha plena consciência de que a promessa estava condicionada à fidelidade e ao modo de vida de seus sucessores (1Rs 2.4), bem como o próprio Salomão depois de ter recebido a palavra divina (1Rs 8.23; 9.4). Davi foi o rei ideal somente com referência ao

fato de que ele cumpriu a lei. Ele se tornou símbolo do favor e da aceitação divinos em Judá, enquanto Jeroboão e aqueles reis de Judá que seguiram seus caminhos foram rejeitados.

Desse modo, muitos vêem uma contradição entre a promessa e o fato, e acham que a promessa original deve ter sido incondicional, tornando-se condicional apenas pela reinterpretação após a queda de Judá, quando aqueles que estavam no exílio exigiram uma explicação para a queda (Noth). Outros explicariam essa condicionalidade como uma tendência teológica muito posterior, enquanto Nelson (p. 100ss) argumenta que nunca houve o intuito de aplicar a condição de obediência. Tem-se sugerido que o “para sempre” da promessa não deve ser entendido literalmente como nos tratados reais contemporâneos, nas concessões e nas nomeações nas quais “para sempre” é parte da linguagem da legitimação real (Long, p. 16,17; cf. o uso da paz para Davi e seus descendentes “para sempre”, 1Rs 2.33).

As frequentes referências que apontam para Davi mostram-no como um modelo (2Rs 14.3; 18.3) ou como fundador da Cidade de Davi.⁷ A promessa de 2Samuel, como vista em 1Rs 2.4, não é prova de uma fonte diferente, mas o desdobrar implícito daquilo que é explícito na promessa divina na aliança e que, doravante, é qualificado tanto para Israel quanto para Judá.⁸ A condicionalidade está presente por toda a história (Nicholson, Wolff, Tsevat) e é parte integral da teologia de retribuição pelo erro. Será visto como uma introdução feita por um editor posterior somente se a lei de Deuteronômio for considerada pós-exílica. De acordo com o historiador, a promessa de Deus de não destruir totalmente ou abandonar o seu povo está fundamentada na promessa da aliança feita a Abraão, a Isaque e a Jacó (2Rs 13.23). As tradições judaica e cristã posteriores entendem que, apesar dessa condição, Deus manteve vivo um remanescente de seu povo, incluindo a linhagem de Davi, a quem viam como o fundador de seu reino, em vez de Saul. É por meio dessa linhagem que viria o Messias que governaria sobre todo o seu povo para sempre (e.g., Rm 1.3; Ap 22.16). E assim que termina Reis: como começou, com a linhagem de Davi ainda estabelecida em e durante o exílio (2Rs 25.27-30).

(e) *Profecia*

A profecia é uma força criadora de história (von Rad, p. 221; Long, p. 29) e percorre toda a narrativa de Reis de maneira mais ampla do que normalmente é reconhecida. A palavra do SENHOR chega à nação por meio de declarações dos profetas, frequentemente direcionadas a seus líderes.⁹ Em cada período houve um

⁷ 1Rs 2.10; 8.1; 15.8; 2Rs 8.24; 9.28; 12.21; 14.20; 15.7; 15.38; 16.20.

⁸ Hobbs, p. xxiv; J. G. McConville, “Narrative and Meaning in the Book of Kings”, *Biblica* 70, 1989, p. 31-49.

⁹ Veja R. E. Clements, “The Messianic Hope of the Old Testament”, *JSOT* 43, 1989, p. 13,14.

ou mais porta-vozes que falaram em nome de Deus e que desempenharam uma parte significativa de lembrar o rei e o povo quanto aos requisitos de Deus. Entre os profetas citados, encontramos Natã, que interveio no final do reinado de Davi (1Rs 1.22). Aías, de Siló, predisse a divisão do reino depois de Salomão, entregue a Jeroboão de Israel, bem como o anúncio da morte do rei (1Rs 11.29-39; 14.1-18).¹⁰ No mesmo período, a intervenção de Semaías com Roboão de Judá postergou a queda final (1Rs 12.21-24), enquanto dois profetas anônimos falaram da profanação de Betel (1Rs 13.1-32). Jeú, filho de Hanani, advertiu quanto ao final da família de Baasa por seguir os maus caminhos de Jeroboão (1Rs 16.1-4).

Longas narrativas relacionadas aos profetas Elias (1Rs 17—19; 21; 2Rs 1) e Eliseu foram agrupadas (v. o tópico “Fontes proféticas”). Apenas o ministério dos dois cobre um período de quase um século, desde o reinado de Acabe até o de Joás, neto de Jeú,¹¹ e ocupa cerca de um quarto do livro de Reis. Ao mesmo tempo, Micaías, filho de Inlá, e um profeta anônimo caminharam na direção oposta à dos grandes grupos de falsos profetas, aconselhando Josafá de Judá e Acabe de Israel (1Rs 22.8; 20.35-43). Em Israel, Jonas, filho de Amitai, predisse a restauração do território perdido a Israel durante a época de Jeroboão II (2Rs 14.25).

Outro profeta franco com grande influência na corte foi Isaías, que trabalhou nos reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias de Judá (i.e., c. 740-686 a.C.; Is 1.1). Também outros profetas estiveram presentes no longo e perverso reinado de Manassés (2Rs 21.10-15) e uma profetisa chamada Hulda proclamou com insistência a mensagem do recém-descoberto livro da lei que levou às reformas de Josias (2Rs 22.14-20). Durante seu reinado, Jeremias também estava ativo.

O papel desses profetas era basicamente proclamar aos governadores e ao também ao povo “a palavra do SENHOR” que eles haviam recebido.¹² O historiador afirma especificamente quando eventos cumpriram a palavra do SENHOR que lhes fora dada ou que aconteceram “segundo a palavra do SENHOR”,¹³ autenticando assim sua mensagem de acordo com a tradição deuteronomica (Dt 18.21-22). Às vezes suas palavras eram demonstradas por sinais, como o ato de rasgar a capa realizado por Aías (1Rs 11.30), o fendimento do altar (1Rs 13.3) ou, ainda, eram acompanhadas por música (2Rs 3.15) ou ações simbólicas (2Rs 4.41; 5.27; 13.17-19; 20.9-11). Suas declarações são notavelmente constantes em todo lugar, pois, como o próprio historiador comenta, “o SENHOR advertiu a Israel e a Judá por intermédio de todos os profetas” (2Rs 17.13,23) contra a punição que inevitavel-

¹⁰ G. A. Auld, “Prophets and Prophecy in Jeremiah and Kings”, *ZAW* 96, 1984, p. 66-82, 2, argumenta que a atitude favorável para com os profetas é sempre o resultado de adições editoriais posteriores, mas isso não pode ser provado.

¹¹ Cogan e Tadmor, p. 11, n. 21.

¹² 1Rs 6.11; 12.22; 13.20; 16.1,7; 17.2,8; 18.1,31; 19.9; 2Rs 3.12; 9.36; 15.12; 19.21; 20.4,6,19.

¹³ 1Rs 2.27; 8.20,56; 12.24; 13.2,5,9,26; 14.18; 16.12,34; 17.5,8,16; 22.5,19,38; 2Rs 1.7; 4.44; 7.16; 9.26; 14.25; 23.16; 24.2.

mente se seguiria ao seu abandono do Deus verdadeiro e à adoração de falsos deuses (1Rs 11.31-33; 16.3,7,13). As advertências não apenas falavam do julgamento que viria (1Rs 16.3; 2Rs 21.12; 22.16), mas dava conselhos para não entrar em guerra contra seus irmãos (1Rs 12.24; 22.6-23) ou para se prepararem para resistir a ataques (1Rs 20.22). Suas palavras falavam da misericórdia de Deus na preservação do remanescente fiel (2Rs 14.25), prometendo libertação ou vitória (2Rs 3.17; 13.17) bem como cura (2Rs 8.10; 19.10,34). Eles também faziam um chamado ao arrependimento e a um retorno a Deus (1Rs 11.11-13, 38-39; 2Rs 17.13; 19.10). A denúncia que faziam da idolatria não era uma polêmica sem sentido e, às vezes, incluía o ato misericordioso de Deus em retardar a retribuição (1Rs 11.4-13).

O custo para um profeta por seu testemunho franco é destacado. Eles eram frequentemente isolados e sua mensagem era rejeitada. Elias foi perseguido por todo o país e expulso da terra tendo sua cabeça a prêmio, o que lhe causou uma profunda depressão (v. 1Rs 19:3-9). Contudo, o SENHOR sempre preservou e proveu (1Rs 18.4). Outros profetas foram reprimidos publicamente (1Rs 22.24), presos (1Rs 13.4) e encarcerados (1Rs 22.27). A tradição afirma que Isaías foi morto e esquartejado (*Martírio de Isaías*, cap. 5; cf. Hb 11.37).

um

(f) Outros temas

(i) *Modelos*. O estilo do historiador dá ênfase a um grande número de modelos paradigmáticos apresentados por todo o livro. Isso já foi um mostrado no item (d) acima, em relação à promessa de Davi, tratado como o rei ideal. De maneira similar, o papel de Jeroboão, filho de Nebate ao fazer com que Israel se desviasse (1Rs 15.34; 2Rs 17.7-23) é considerado como uma vara para medir o pecado subsequente de Israel em 23 ocasiões. Ele é seguido por Acabe como apóstata que, por sua vez, tornou-se modelo para Manassés (2Rs 21.3), o “Acabe” de Judá (cf. 1Rs 16.31-34). Seguindo a mesma linha, Elias é retratado como o “novo Moisés”.

(ii) *A centralidade da adoração*. Jerusalém era o lugar que Deus escolhera (1Rs 11.13,32,36) para o seu nome e para o templo, lugar onde os adoradores orariam (1Rs 8.30,42,44,48; cf. 2Rs 19:1,14; 20.5). Alguns olham para essa centralização da adoração naquele local como outro tema do livro. Um santuário central, embora considerado em Deuteronômio (cf. Js 22.27), nunca foi declarado ou localizado explicitamente ali. Na experiência antiga, o principal centro de culto normalmente era o local do poder, mas a divindade nacional era igualmente reverenciada em lugares santos em outras cidades.¹⁴ Debaixo de Davi, Jerusalém foi o ponto central dos poderes legal e real da corte, e o templo e seus edifícios auxiliares foram construídos para servir como casa do tesouro (1Rs 15.15-18; 2Rs 14.14) de onde se obtinha recursos para custeio do estado em tempos de necessidade (2Rs 12.16; 22.4-9; 24.13). O templo era um lugar de

¹⁴ M. Weinfeld, “Cult Centralization in Israel in the Light of Neo-Babylonian Analogy”, *JNES* 23, 1964, p. 205.

peregrinação e um santuário (2Rs 11.13), mas esse papel só foi assumido quando o acesso a ele foi impedido durante conflitos tribais internos do reino, quando um substituto foi estabelecido em Betel e Dã (1Rs 12.29,30). De fato, pouco é dito sobre o templo de Jerusalém além da apresentação dos detalhes de sua construção e dedicação (1Rs 3—10). Existe uma preocupação periódica quanto à sua reforma (2Rs 12.4-16; 15.35; 22.4-7) e somente uma breve menção de sua destruição (2Rs 25.9). Portanto, a adoração no templo não é um tema principal em comparação com os detalhes dados quanto à condenação da oração em santuários não ligados a Javé.

(iii) *Monarquia*. O historiador valoriza mais o indivíduo do que a instituição da monarquia. Isso era considerado sagrado pelo fato de derivar da iniciativa divina reafirmada pelo povo. Exceto por um exemplo de coroação ou renovação de aliança (2Rs 23.1-3) e diferentemente dos povos ao redor, Reis não celebra o Festival do Ano Novo ou declara seu rei como filho de seu deus. De fato, excetuando-se Davi, reis como Salomão foram considerados a antítese do rei ideal (cf. Dt 17.14-20). Havia tensões entre a autoridade central e a independência tribal, o que gerou muitos dos distúrbios locais que levaram à queda dos reinos de Israel e de Judá. Nem a monarquia em si nem a terra resgatada e perdida são temas principais do livro.

III. Cronologia

O historiador estende sua seletividade ao uso distintivo de fontes para agrupar eventos dentro de um único reino ou relacionar a um povo opositor (como Harã e Edom) sem a necessidade de apresentá-los numa ordem cronologicamente rígida. De modo similar, ele se sente livre para variar a forma repetitiva que serviu como o arcabouço dentro do qual ele escreveu o todo (v. Fontes e Forma literária, p. 46-52) e para apresentar sua própria resenha pessoal ou fazer comentários de diferentes pontos da narrativa.

A ruptura na história entre 2Samuel e 1Reis é arbitrária. Os capítulos 1 e 2 de 1Reis concluem a narrativa da sucessão do trono de Davi presente em 2Samuel 20. A menção a Davi é essencial para o tema da sucessão dinástica. Do mesmo modo, a ruptura entre 1Reis 22 e 2Reis 1 é de pouca importância. Não há ruptura no texto hebraico em si para apoiar uma interrupção nos relatos do reino de Acazias e do ministério de Elias. A razão normalmente apresentada é que tradutores posteriores precisavam dividir o texto em rolos de tamanho relativamente igual, tanto para propósitos de leitura quanto para marcar o final do reinado de Davi (concluído em 1Rs 2.11) ou o ponto da sucessão de Salomão (2.46).

Ao ler essa história, deve-se fazer um destaque quanto às convenções antigas. Uma fonte é colocada logo depois da outra ainda que se refira ao mesmo momento ou evento. Não havia uma maneira fácil de indicar a contemporaneidade. Aqui, o reinado mais longo em um reino é seguido pelos

relatos dos governadores do outro reino cujas vidas se sobrepunham o coincidiam.¹⁵ Todavia, uma referência cruzada correta é fornecida por sincronismo com outros que estivessem governando no mesmo período de tempo. Esses sincronismos são fornecidos na introdução de cada reino e ocasionalmente, onde for importante, em relação a governantes em outros países por nome ou pelo evento pelo qual eles afligiram Israel e Judá.¹⁶ De maneira pontual, isso fornece referências valiosas sobre a história de países como Assíria, Babilônia, Síria e Egito e uma confirmação da cronologia. Servem também para lembrar o leitor que eventos discutidos aqui aconteceram no palco do mundo real.

A cronologia e o sincronismo apresentados em Reis são notáveis. Embora sejam interpretados de diferentes maneiras, os números atribuídos a governadores individuais do tempo de contemporâneos como Jeroboão I de Israel e Roboão de Judá até a morte de Acazias e Jorão diferem apenas dois ou três anos, mesmo quando são convertidos para nosso moderno calendário juliano. Pelos padrões da historiografia antiga, tais diferenças são mínimas, mas numerosas soluções são propostas para tentar uma harmonização. Algumas variantes entre TM, LXX e LXX (L) podem se dever em parte a uma tentativa posterior de alcançar isso. A cronologia mais amplamente aceita hoje é aquela que está baseada no estudo meticuloso feito por Thiele.¹⁷ A tabela cronológica apresentada nas páginas 28 e 29 é uma modificação de suas tabelas. Em relação aos reis posteriores, a referência a fontes extrabíblicas permite a realização de verificações, de modo que existe uma unanimidade virtual nas datas, tendo em mente que o Ano Novo antigo começava na primavera. Isso significa que os anos de reinado deveriam ser indicados de uma maneira própria, e.g., Onri 886/5-875/4 a.C., onde não é conhecido o mês exato da ascensão. Existem muitas tentativas de se apresentar uma cronologia precisa de acordo com nosso calendário moderno, sendo que temos os seguintes métodos de harmonização:

(a) Aproximação

Tadmor considera que alguns números foram arredondados.¹⁸ Essa não era a prática na Assíria contemporânea e, em oposição a isso, está a cuidadosa notação de reinados que duraram menos de um ano, como o de Zinri (1Rs 16.15). Outros sugerem que uma estrutura artificial foi empregada, baseada na extensão total de 480 anos de monarquia, correspondente ao tempo desde o Êxodo até a construção do templo, mas a interpretação desse número está em aberto (v. o comentário sobre 1Rs 6.1).

¹⁵ Cf. tb. a justaposição de mais de um relato da criação em Gn 1 — 2; a superposição de listas em Gn 5, 10.

¹⁶ V. p. 51, cf. p. 32-5.

¹⁷ E. R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (Grand Rapids: Zondervan, ² 1983).

¹⁸ H. Tadmor, "The Chronology of the First Temple Period", *WHJP* V, p. 51-6.

CRONOLOGIA DE REIS

Ref. Bíblica	Reis de Judá/Israel	Profetas Contemporâneos	a.C.	Reis de Assíria	Babilônia	Egito
REINO UNIFICADO						
1 Sm 16.1	Davi (40) (1010-970)	Natã	1010	Assur-rabi II (1010-970)		21ª dinastia
1 Rs 1—11	Salomão (40) (970-930)*	Crôso	970	Tiglate-Pileser II (966-935)		
REINO DIVIDIDO						
1 Rs 12.1-24; 12.25—14.20	JUDÁ: Roboão (17) (930-913)	ISRAEL: Jeroboão I (22) (930-909)	930	Assur-dan II (934-912)		22ª Dinastia
1 Rs 15.1-8	Abias (3) (913-910)					
1 Rs 15.9-24	Asa (41) (910-869)					
1 Rs 15.25-31		Nadahe (2) (909-908)				
1 Rs 15.32—16.7		Baasa (24) (908-886)	908			
1 Rs 16.8-14		Elá (2) (886-885)		Assurnasirpal II (883-859)		
1 Rs 16.15-20		Zinri (7 dias) (885)				
1 Rs 16.21, 22		Tibni (5) (885-881)				
1 Rs 16.21-28		Omri (12) (885-874)	874			
1 Rs 16.29—22.40		Acabe (22) + (874-853)	874			
1 Rs 22.41-50	Josafá (25) * (872-848)					
1 Rs 22.51—2 Rs 1.18		Acazias (2) (853-852)				
2 Rs 1.17; 3.1—8.15		Jorão (12) (852-841)	850			
2 Rs 8.16-24	Jenrão (8-)* (853-842)					
2 Rs 8.25-29; 9.27-29	Acazias (2) (842-841)					
2 Rs 9.1—10.36		Jeú (28) + (841-814)				
2 Rs 11.1-16	Atalia (17) (841-835)					
2 Rs 11.17—12.21	Joás (40) (835-796)		835			
2 Rs 13.1-9	Jenacaz (17) * (814-798)					

Ref. Bíblica	Reis de Judá/Israel	Profetas Contemporâneos	Reis de Assíria	Babilônia	Egito
2Rs 13.10-25	Jenacaz (16) + (798-781) *	Joel			
2Rs 14.1-22	Amazias (29) (796-767)	Jeremias	Salmanasar IV (793-773)		
2Rs 14.23-29	Jeremias II (41) * (793-753)	Jeremias			
2Rs 15.1-7	Azarias / Uzias (52) + (792-740)				
2Rs 15.8-12	Zacarias (6 meses) (753)				
2Rs 15.13-15	Salum (1 mês) (753/2)	Miquéias	Tiglate-Pileser III (745-727)		Piankhy (747-716)
2Rs 15.16-22	Mensém (10) + (752-742)	Isaías			
2Rs 15.23-26	Pecaias (2) (741-740)				
2Rs 15.32-38	Jotã (16) * (750-735)		750		
2Rs 15.27-31	Peca (20) + (752?-732) *				
2Rs 16.1-7	Acaz (16) * (735-719)				
2Rs 17.1-23	Oséias (9) + (732-722) *		722	Salmanasar V (727-722)	
2Rs 18.1 — 20.21	Ezequias (29) + (715/727 * - 698) (queda de Samaria — 722) +			Sargão II (722-705)	Chabaca (716-650)
2Rs 21.1-18	Manassés (55) + (697-642)		705	Senaqueribe (705-681)	
2Rs 21.19-26	Amom (2) (642-640)	Sofonias		Esaradom (681-669)	Taharga (690-664)
2Rs 22.1 23.30	Josias (31) (640-609)			Assurbanipal (669-627)	Psamético I Psamtik (664-610)
2Rs 23.31-39	Jenacaz (3 meses) (609)	Jeremias			
2Rs 23.34 — 24.7	Jenaiquim (11) (609-598)	Jeremias			
2Rs 24.8-17; 25; 27-30	Joaquim (3 meses) + (597)	Ezequiel			
2Rs 24.18 — 25.26	Zedequias / Matanias (11) (597-586) (queda de Jerusalém — 587/6)			Nabucodonosor II (605-561)	Neco II (610-595)
2Rs 25.22-26	Gedalias (3 meses) + (governador)		587/6		Psamético II (595-589)
			580		Apries / Hofra (589-570)
					Amasis II (570-526)

Legenda: () total de anos de reinado
 (-) menos de um ano

reinado concomitante com um co-regente
 - citado em documentos extrabíblicos

(b) Anos de reinado

A fórmula introdutória de reis individuais fornece o total de anos de seu reinado (e.g., 1Rs 15.2) ou, se tiver sido mais curto, em meses (2Rs 15.8,13) ou até mesmo dias (1Rs 16.15). É feito um sincronismo entre a ascensão real e o ano do reinado do governador contemporâneo de outro reino, e.g., “no décimo oitavo ano do rei Jeroboão, filho de Nebate, Abias começou a reinar sobre Judá. Três anos reinou em Jerusalém” (1Rs 15.1-2). As vezes aparecem referências cruzadas de eventos contemporâneos em outras nações (1Rs 14.25, etc., veja p. 32-5). Contudo, existe dificuldade em interpretar algumas dessas referências, uma vez que diversos sistemas de datação são usados nos dois estados envolvidos. Um sistema de *data anterior* era usado, como no Egito, quando o período entre a ascensão e o primeiro dia do Ano Novo é considerado como o primeiro ano do reinado daquele rei.¹⁹ Diz-se que esse sistema foi usado em Israel de Jeroboão I a Jeoacaz. Depois disso (Jeoás—Oséias), foi empregado um sistema de *data posterior*, similar ao usado em Judá, no qual o primeiro ano do reinado era contado a partir do primeiro dia do Ano Novo seguinte à ascensão (como normalmente aparece nos textos babilônicos).²⁰ Tais mudanças podem ter sido resultado de uma imposição do estilo mesopotâmico à medida que as cidades-estados ocidentais tornaram-se vassalas de seus poderosos conquistadores assírios e babilônios.

Outra solução comumente proposta é presumir que o Ano Novo de Israel começava num mês de primavera (Nisan) enquanto, até o século VIII a.C., Judá seguiu um calendário que começava no mês outonal de Tishri (setembro/outubro; Wellhausen, Mowinckel, Jones). Outros, porém, acreditam que o reino do norte usava o Ano Novo outonal debaixo da influência cananita (Talmon).²¹ Alguns até mesmo aplicam esse argumento a Judá, mas as provas para um Ano Novo outonal são altamente questionáveis.²²

(c) Co-regências

Em sua bem argumentada reconstrução da cronologia, Thiele defende a aceitação do princípio de reinos superpostos explicada pela existência de co-regências demonstráveis.²³ Alguns desses arranjos têm sido propostos há muito tempo, uma vez que os reinados coincidentes de Onri e Tibni (1Rs 16.21) são claramente apresentados; em relação a Jotão e Uzias, Jeorão e Josafá, eles são indicados (2Rs 8.16, cf. 1.17; 3.1) e, em relação a Jotão e Uzias/Azarias,

¹⁹ A. Gardner, *Egypt of the Pharaohs* (Oxford: Clarendon Press, 1961), p. 69-71; cf. 2Rs 25.27).

²⁰ S. Talmon, “Divergences in Calendar-reckoning in Ephraim and Judah”, *VT* 8, 1958, p. 48-74.

²¹ *Ibid.*

²² D. J. A. Clines, “The Evidence for an Autumnal New Year in Pre-Exilic Israel Reconsidered”, *JBL* 93, 1974, p. 22-40.

²³ E. R. Thiele, “Co-regencies and Overlapping Reigns among the Hebrew Kings”, *JBL* 93, 1974, p. 174-200.

podem ser razoavelmente presumidos por causa da lepra deste último (2Rs 15.5). Além disso, Thiele propõe outras co-regências entre Jeroboão II (793-753) e Jeoás (798-781) e Peca (752-732) e Menaém (752-742) em Israel, bem como entre Azarias (792-740) e Amazias (796-767), Acaz (735-715) e Jotão (750-732) e Manassés (697-643) e Ezequias (716-687) em Judá. Outras co-regências têm sido propostas para Acázias (853-852) e Acabe (854-853), Joás (749-781) e Jeocacaz (813-797) e entre Amazias (798-767) e Jeoás (835-796). Thiele considerou que poderia provar que essa cronologia era consistente com a integridade do texto hebraico. Contudo, ele achava que em 2Reis 17 e 18 o editor estava errado em relação aos reinos de Jotão de Judá e Peca de Israel, em função da interpretação do 12º ano do reinado de Acaz, que coincidiu com o ano da ascensão de Oséias em Israel (2Rs 17.1), referindo-se ao seu reinado individual, em vez de datá-lo a partir de sua co-regência anterior com seu pai Jotão. Isso levou à indefensável proposta de 710 a.C. ser o ano da queda de Samaria, contrária a todas as outras evidências, inclusive as externas. Essa confusão fica óbvia diante da proposta de que o sistema de co-regências continuou com Acaz sendo co-regente com Jotão por doze anos e Ezequias com Acaz. Desde os dias de Davi e Salomão, esse uso de co-regências contribuiu muito para a estabilidade de Judá e uma linha sucessória relativamente não perturbada.²⁴ É certo que tais co-regências estão bem declaradas em relação aos reis mesopotâmicos durante esse período e é possível realizar a harmonização dos dados em Reis usando tais métodos. Não é possível fazer uma correlação precisa com o nosso calendário juliano até o reinado dos últimos reis de Judá. Antes disso, anos como 722 a.C. precisam ser indicados como 723/2 ou 722/1 em função de se entender que o ano antigo começava na primavera (março) ou outono (setembro) no hemisfério norte. Datas posteriores a essas, nas quais o ano real indicado por dia, mês e ano de reinado precisos, podem ser convertidas para o nosso calendário dentro dos limites de 24 horas (isso é necessário porque, naquela época, considerava-se que o dia começava no pôr-do-sol). A queda de Jerusalém, por exemplo, no segundo dia do mês de Adar, no sétimo ano de Nabucodonosor, ocorreu em 15/16 de março de 597 a.C.²⁵

(d) Referências extrabíblicas

Muitos aspectos da história de Reis podem ser verificados ou complementados pela comparação com fontes extrabíblicas, principalmente assírias e

²⁴ A co-regência de Ezequias e Acaz foi proposta primeiramente por K. A. Kitchen e T. C. Mitchell, *NBD* (ed. 1962). p. 217; cf. ed. 1982, p. 193; cf. L. McFall, "Did Thiele overlook Hezekiah's Co-regency?", *Bibliotheca Sacra* 148 (out/dez 1989), p. 393-404, esp. n. 29. E. Ball argumenta em favor "da co-regência de Davi e Salomão", talvez debaixo da influência egípcia, em *VT* 27, 1977, p. 268-279.

²⁵ R. A. Parker e W. H. Dubberstein, *Babylonian Chronology 626 BC — AD 75*, Brown University Studies XIX (Providence, Rhode Island: Brown University Press, 1956).

abilônicas. Essas datas são derivadas de listas de reis, crônicas e outros documentos que são confirmados por mais de uma fonte, frequentemente incluindo dados astronômicos.²⁶

(i) Onri e seu filho Acabe são indicados na Inscrição do rei Mesa (a Pedra Moabita), datada de 830 a.C. Esta é uma fonte valiosa para o estudo das relações entre Israel e Moabe e das crenças religiosas daquela época (cf. 2Rs 3.1-27).²⁷

(ii) Na batalha de Qarqar, no sexto ano de Salmanasar III, rei da Assíria (853 a.C.), os assírios registraram a contribuição de Acabe de Israel (*Ahabbu (māt) Sir'ilaia*) com 2.000 carruagens e 10.000 homens para a coalizão liderada por Hadadezer (*Adad-'idri*), de Damasco, que se opôs a eles.²⁸

(iii) Jeú de Israel é citado em letras maiúsculas e provavelmente retratado no obelisco negro de Kalhu (atual BM. 118885, datado de 841 a.C., onde se lê *Ya'ua mār Humri* ["Jeú da dinastia de Onri"]).²⁹

(iv) Jeoás de Samaria (*Yu'asu samerināya*) é citado por Adad-nerari III da Assíria trazendo-lhe tributo de Israel em 796 a.C.³⁰

(v) Tiglate-Pileser III, o rei da Assíria (745-727 a.C.), menciona um grande número de reis de Israel em suas inscrições. Entre os tributos cobrados de Israel (*Bit-Humri*) está o que foi cobrado de Menaém de Samaria (*Menihimme samerināya*) em 738, também registrado em 2Rs 15.19ss,³¹ e de Peca (*Paqaha*) a quem ele depôs em favor de Oséias (*Ausi*), seu indicado, que também pagou-lhe tributo em 731 a.C.³² E possível que um certo *Azriau māt Yaudi* seja uma referência a Azarias de Judá (v. 2Rs 15.1-7),³³ quando fala de *Yauhazi (māt)yaudāya* tornar-se um vassalo em 734 a.C.

(vi) Salmanasar V da Assíria declarou a captura de Samaria em sua Lista Epônima (e na Crônica Babilônica) e é o "rei da Assíria" que atacou Oséias em 723/2 a.C. (2Rs 17.3,4) num cerco de três anos e iniciou o ataque final. Aparentemente ele morreu antes da cidade finalmente cair.³⁴

²⁶ H. Tadmor, "The Chronology of the First Temple Period. A Presentation and Evaluation of the Sources", *WHJP IV/I*, 1979, p. 44-60; Cogan e Tadmor, p. 4.5; traduções selecionadas estão presentes nas p. 330-340; J. Reade, "Mesopotamian Guidelines for Biblical Chronology", *Syro-Mesopotamian Studies* 4/1, 1981, p. 1-7; cf. W. Hallo, "From Qarqar to Carchemish in the Light of New Discoveries", *BA* 23, 1960, p. 34-61. A ausência de registros externos dos reinados de Davi e Salomão pode ser amplamente explicada pela insuficiência de textos contemporâneos sobreviventes daquele período em todos os países vizinhos.

²⁷ *DOTT*, p. 195-198; *IBD*, p. 1016-1018.

²⁸ *DOTT*, p. 46-48; *ANET*, p. 279.

²⁹ *DOTT*, p. 48; *ANET*, p. 281; *IBD*, p. 1427.

³⁰ Rimah stela, *Iraq* 30, 1968, p. 139-153; A. Malamat, *POTT*, p. 145; *IBD*, p. 790.

³¹ *DOTT*, p. 54; *ANET*, p. 283.

³² *DOTT*, p. 56,57; *ANET*, p. 284; Cogan e Tadmor, p. 5.

³³ H. Tadmor, "Azriyau of Yaudi", *Scripta Hierosolymitana* 8 (Jerusalém: Magnes Press, 1961), p. 232-271; *ANET*, p. 282.

³⁴ *DOTT*, p. 85.

(vii) Sargão II da Assíria não é citado em Reis (cf. Is 20.1), mas seus anais o saúdam como o conquistador de Samaria que levou os israelitas para o exílio (2Rs 17.6). Ele afirma ter deportado em 722 a.C. como prisioneiros “27.290 do povo [...] e os deuses em quem eles confiavam” e ter sido “o subjugador da terra de todo Israel” (*Bīt-Humria*) e “conquistador de Samaria” (*Samerina*).³⁵

(viii) Senaqueribe da Assíria, em seus anais do 14º ano de seu reinado (701 a.C.), descreve seu cerco a Jerusalém quando ele “calou Ezequias da Judéia (*Haza-qia yaudāia*) [...] como um pássaro engaiolado dentro de sua cidade real (Jerusalém)”, assim como o tributo cobrado dele.³⁶ As esculturas em seu palácio em Nínive mostram Senaqueribe diante da cidade conquistada de Laquis (2Rs 19.8).³⁷

(ix) Manassés, tributário à Assíria c. 674 a.C., é citado pelo rei Esaradom da Assíria (680-669 a.C.) como “Menase, rei de Judá” (*me-na-si-i sar (āl)ya-ú-da-a-a*),³⁸ e por Assurbanipal da Assíria (668-627 a.C.) como “Minse de Yaudi” (*mi-in-se-e sar (māt)ya-ú-di*).³⁹

(x) A importante série de tábuas das Crônicas Babilônicas dos anos 625-595 fornecem os detalhes históricos desse período. Elas dão provas para a queda de Nínive em 612 a.C. e dos assírios em favor de quem o Egito interveio com forças militares, marchando para libertar Harran em 609 a.C. Durante essa intervenção, Josias encontrou sua morte prematura, sendo portanto um evento precisamente datado naquele ano (2Rs 23.29). A mesma fonte registra a batalha de Carquemis em 605 a.C. e o primeiro ataque de Nabucodonosor II sobre Jerusalém, quando “em seu sétimo ano, no mês de Kislev, o rei da Babilônia levou seu exército à Siro-palestina, armou um cerco sobre a cidade de Judá (*Yāhudu*) e tomou a cidade no segundo dia do mês de Addaru. Ele designou sobre ela um (novo) rei de sua própria escolha, cobrou pesados tributos e os trouxe para a Babilônia”. Desse modo, a queda de Jerusalém pode ser datada precisamente no dia 15/16 de março de 597 a.C., e a ascensão de Zedequias/Mataniah em Judá após a captura de Joaquim aconteceu naquele ano. É desse modo que se pode fixar o início do exílio judaico. O rei Joaquim de Judá (*Ya'ukm sar (māt)Yaudaya*) é citado em várias tábuas encontradas na Babilônia recebendo rações dos depósitos reais ali. Essas tábuas são datadas entre 592-569 a.C. (cf. 2Rs 24.8).

Essa evidência, grafada predominantemente em escrita cuneiforme, é valiosa não apenas pela correlação dos eventos entre Israel e seus vizinhos, mas também por sua interpretação. Infelizmente poucas inscrições palestinas nati-

³⁵ DOTT, p. 59-62 (Annals 12); ANET, p. 284; C. J. Gadd, “Inscribed Prisms of Sargon II from Nimrud”, *Iraq* 16, 1954, p. 173-201.

³⁶ DOTT, p. 67-9; ANET, p. 287-8.

³⁷ ANEP, p. 371-374; IBD, p. 865-8.

³⁸ R. Campbell Thompson, *The Prisms of Esarhaddon and of Ashurbanipal* (Londres: British Museum, 1931), v. 55, pl. 11; ANET, p. 292; DOTT, p. 24.

Prisma C ii. 27; M. Streck, *Assurbanipal II* (Leipzig: Hinrich, 1926), p. 138; ANET, p. 294; DOTT, p. 74.

vas foram encontradas até hoje.⁴⁰ É provável que os reis de Israel e Judá tenham registrado eventos em materiais mais perecíveis ou limitados. Isso é indicado pelos óstracos, selos e lacres do tempo da monarquia.⁴¹ Os nomes escritos em alguns desses materiais podem ser identificados com pessoas citadas em Reis ou pelo menos mostram que o nome era usado naquela época. Selos de um oficial de Ezequias (*hzqyhw*), o nome Peca (*pqh*) escrito em um óstraco (2Rs 15.27)⁴² e os selos de Gedalias (*gdlyh*)⁴³ e de Jazaniaz (*ya'azanyh*) que o apoiaram em Mispa (2Rs 25.23) estão entre os sobreviventes. Uma rara referência a uma mulher é feita num selo que cita Jezabel (*yzbl*).⁴⁴ São provas suficientes para indicar que a escrita estava em uso em diferentes níveis e com diferentes propósitos por todo esse período.⁴⁵

A tabela cronológica das páginas 28 e 29 está baseada nas observações acima e apresenta flexibilidade na datação de reinos para incluir as co-regências para as quais existe evidência.

IV. Evidência arqueológica

Enquanto as inscrições extrabíblicas que se relacionam com a história dos tempos da monarquia sejam uma correlação útil com a cronologia de Reis, escavações em locais da Palestina fornecem provas úteis da situação cultural desse mesmo período. Por meio disso, algumas características arquitetônicas típicas têm-se tornado bem definidas. Padrões elevados de construção, com sólida alvenaria e pedras angulares de fino desenho cuidadosamente assentadas marcam as construções reais dos séculos X e IX a.C. Assim, vê-se que as estruturas fenícias (cananêias) monumentais, com colunas apoiando capitéis proto-ionianos (eólicos) encontradas em Jerusalém, Samaria, Hazor e Megido, estavam fora de moda no século IX a.C. Do mesmo modo, o tipo de fortificações introduzido durante a monarquia unida, com suas paredes ocas de casamatas que podiam ser usadas para armazenamento e que eram rapidamente levantadas ao lado de passagens com “seis cômodos” e prédios com torres, mostraram-se eficientes até o fim do século X. O advento dos equipamentos

⁴⁰ E.g., a pedra encontrada em Gezer, relacionando operações agrícolas por todo o ano e datada por meio de seus escritos no século X a.C., é a única inscrição palestina sobrevivente do período da monarquia unida (DOTT, p. 201-203; ANET, p. 321; IBD, p. 224).

⁴¹ E.g., fragmentos com inscrições sobre Samaria (2Rs 14.28); o óstraco de Arad, c. 598/7 a.C.; BA 31, 1968, p. 2-32; ANET, p. 568, 569.

⁴² Fragmento de um jarro com a inscrição *lpqh* (IBD, p. 1181).

⁴³ Descrito como “filho de Aicão, o chefe da Casa” (*sr 'l hbyt*); 2Rs 25.22; IBD, p. 545.

⁴⁴ N. Avigad, “The Seal of Jezebel”. IEJ 14, 1964, p. 174-6.

⁴⁵ E.g., uma carta do tempo de Josias (ANET, p. 565); as cartas de Laquis, c. 590 a.C. (ANET, p. 322; DOTT, p. 213-215); a descoberta em Tel Hinom (Jerusalém) da bênção sacerdotal (Nm 6.24-26) datada do século VII a.C.

usados nos cercos e os aríetes de ataque assírios⁴⁶ levaram à adoção de muros sólidos e grossos (com cerca de 4 m de largura) como em Dã, Hazor, Megido, Laquis, Tell en-Nasbeh, Arade, Asdode e Berseba. Em alguns poucos lugares que não exigiam grandes defesas (v. 2Cr 11.5) o sistema de casamatas continuou em uso por muitas décadas, como em Tell Beit Mirsim (Debir?) e na acrópole em Samaria que ficava acima da linha principal de fortificações. Em Berseba, a falta de equipamento egípcio apropriado para cerco determinou que não havia necessidade de construírem-se estruturas tão fortificadas.

Os característicos portões de “seis salas”, com torres gêmeas e poderosas defesas, são encontrados no templo de Salomão em Hazor (Nível X), Megido (IVB) e em Gezer, todos planejados pelo governo central (1Rs 9.15). Ao tempo do século IX a.C., os portões principais da cidade foram reduzidos a “quatro salas” e, posteriormente, no século VIII, transformaram-se em entradas de “duas salas”. Associada a mudanças nas técnicas de fortificações no século VIII estava a necessidade de garantir o suprimento de água suficiente para dentro da cidade para que pudessem suportar um longo cerco. Desse modo, os primeiros aquedutos que traziam a água das fontes do lado de fora dos muros foram os de Megido (VB), com um poço de 275 m de profundidade e um túnel de 307 m, Gibeão e provavelmente Jerusalém (Poço de Warren), substituído por poços profundos e degraus para poder jogar água dentro das muralhas.

Outra característica geral da monarquia é a típica construção de “quatro cômodos” consistindo de três grandes salas, sendo que a central era provavelmente aberta como um pátio, e uma longa sala com um pavimento superior. Esta configuração tornou-se a planta básica para as casas tanto de ricos quanto de pobres, sendo usada até mesmo em grandes fortalezas. Grandes prédios públicos também adotaram a forma de três grandes salas contendo duas fileiras de colunas com capitéis. As vezes um pavimento superior era adicionado a essa estrutura (Hazor, Ramate-Rahel). Devido aos pilares, o telhado era de pequena extensão e, em parte, capazes de sustentar algum peso. Alguns serviam como depósitos (*miskenōt*) para grãos ou vinho armazenado em grandes cântaros. Em outros, buracos nos pilares e cochos rasos podem mostrar que eles serviam como estábulos nas chamadas “cidades de carruagem”. Não há indicações precisas de “lugares altos” preservados, a não ser em Dã, onde foi encontrada uma plataforma elevada com acesso por meio de degraus. Diz-se que Megido e Berseba são localidades onde havia lugares rituais semelhantes, onde foi encontrado um altar com pontas. Aharoni considerava que o centro de culto em Arade, com um nicho na parede ocidental com queimadores de incenso, era um templo com a mesma planta daquele que foi construído por

⁴⁶ D. J. Wiseman, “The Assyrian” in Sir John Hackett (ed.), *Warfare in the Ancient World* 1d (Londres: Sidgwick & Jackson, 1989), p. 36-53.

Salomão em Jerusalém (este mesmo influenciado por estruturas sírias encontradas em Tainat e Alalah) com um pórtico com colunas, uma sala principal e um santuário interior, mas isso foi questionado por Yadin.⁴⁷

Juntamente com essas características arquitetônicas típicas, outros achados arqueológicos permitem que se trace a origem cultural com um certo grau de detalhamento. Nos primeiros dias da monarquia unida, a presença dos “filisteus” — (egip. *prst*) associados a outros colonizadores registrados em pinturas em paredes de Ramsés III em Medinet Habu no sudoeste da Palestina — é mostrada por sua cerâmica policromática em Saruém, Gezer, Debir e por toda Sefelá ao norte de Jope. Há sinais de seu comércio penetrando na terra até Tell Deir ‘Alla no vale do Jordão, Gibeá, Jerusalém e Bete-Zur. As principais fortalezas filistéias estavam em Gate, Asquelom, Gate (Tell el-‘Areini ou Tell en-Nagila) e Ecrom. Seu templo único em Tell Qasile (IX) mostra que o suporte do telhado eram colunas de madeira estabelecidas sobre plintos de pedra. Os filisteus ocuparam Siló (Khirbet Seilum) no início da Idade do Ferro, mas foi destruída pouco depois (Jr 7.12). A reforma dos muros em Bete-Semes (Tell Rumeileh IIA), Tell Beit Mirsim e Megido (VB) tem sido explicada como uma atividade de defesa nos dias de Davi.⁴⁸ Bete-Semes perdeu terreno quando Roboão restaurou Zorá usando paredes com casamatas (2Cr 11.10).

Durante o reinado de Salomão há crescimento no uso do ferro (IA II) e melhoria nas técnicas e na atividade. Seu palácio central parece ter seguido o modelo do tipo sírio chamado *bīt-hilāni*. Esse modelo seguia a idéia de paredes construídas com camadas de madeira entre sequências de pedras (v. 1Rs 6.36). Em Jerusalém, o Milo (ou “enchimento”) pode ser representado pelos terraços murados e as construções encontradas nos declives de Ofel.⁴⁹ Naquela época, Jerusalém abrangia praticamente a mesma área das outras grandes cidades palestinas. O trabalho em bronze dessa época pode ser visto nos numerosos poços de fundição, com sua escória e restos de minério em Zaretã (Tell es-Saidiyeh), a leste do Jordão, e em Ezion-Geber (I). Ele também construiu novos palácios em Megido e em Berseba (Tell es-Saba’ III/II) que parece ter sido destruída, como o foi Asdode (VI), por reides de Siamum do Egito, no início de seu reinado. Traços de residência e mão-de-obra importada egípcias foram encontrados nas minas de Tel Mor (Aqaba).

No início do reinado dividido, o ataque de Sisaque (Sheshonq I) contra Roboão c. 928 a.C. (1Rs 14.25,26) é mostrado em seus triunfos retratados nos

⁴⁷ Y. Yadin, “The Archeological Sources for the Period of the Monarchy”, *WHJP* V, 1979, p. 219.

⁴⁸ A lança encontrada em El-Khadr, entre Belém e Hebrom, pode ter pertencido a um soldado que seguia Davi ao exílio.

⁴⁹ K. Kenyon, *Jerusalem* (Londres: Thames & Hudson, 1967), p. 50,51; *BAEHL* II, 1976, p. 595-6.

muros do templo Karnak de Amum, em Tebes, que lista 150 cidades na Fenícia, Judá e até o vale de Esdrelon, assim como Edom e o sul da Síria. Megido foi invadida (daí a existência de uma estrela quebrada ali) e os níveis de destruição em Bete-Semes e Tell Beit Mirsim (Debir ou Kirjath-Sepher) atestam um ataque, depois do qual os egípcios renovaram as defesas de Saruém, Gezer, Tell el-Ajjul e Tell Jemneh para manter uma forte presença contra a qual Roboão reagiu ao fortalecer Laquis e Azeca. Nesse meio tempo, Jeroboão I reforçou o portão de Dã, construiu em Siquém, Gibeá, Betel e Tell en-Nasbeh (Mispa?) que se tornaram a fronteira norte de Judá nos embates subsequentes com Israel (cf. 1Rs 15.15-22). Por volta dessa época, Dã foi destruída (1Rs 15.20), mas pouco depois o portão da cidade e as fortificações foram reconstruídas. Os enormes muros (4 m de largura), as torres e o muito bem preservado portão da cidade em Tell en-Nasbeh parecem ser obra de Asa (cf. 1Rs 15.22).

Durante o século IX, construções em Ramate-Rahel (VB), ao sul de Jerusalém, indicam uma cidadela real ali e os possíveis restos de uma “Casa de Baal” que Yadin atribui ao tempo de Atalia.⁵⁰ Uma construção posterior ali (VA) que se pensava ser a “casa separada” usada para isolar o leproso Uzias (2Cr 26.21), é agora atribuída ao reinado de Jeoaquim.

As atividades de Onri e Acabe são mais bem vistas nas obras do primeiro em Siquém e em Tirza (Tell el Far’ah), 11 km a nordeste, que ele transformou na nova capital de Israel. Ali ele construiu sobre um assentamento preexistente e, como mostrado pela cerâmica e outros fragmentos encontrados, deixou vários edifícios importantes sem serem concluídos quando transferiu a capital para ainda outro lugar em Samaria, 15 quilômetros a oeste. Ali ele construiu esplêndidos edifícios num bom estilo arquitetônico israelita, usando um pouco de cerâmica do assentamento anterior como enchimento dos pisos (cf. 1Rs 16.23-24). Acabe estendeu sobre o topo da colina paredes de retenção de casamata e enchimento como base para um grande palácio (I) construções monumentais e armazéns administrativos nos quais óstracos com inscrições foram posteriormente encontrados. O amor de Acabe pelo luxo pode ser visto na colunata que leva ao portão da cidade e nas guarnições de mármore (fragmentos que se descobriu serem similares aos de Arslan-Tash e Nimrud) que eram bastante conhecidos (1Rs 22.39; Am 6.4). Uma grande cisterna (10m x 20.6m) pode ser o açude no qual sua carruagem foi lavada (1Rs 22.38). A “Casa de Baal” estabelecida por Acabe (1Rs 16.32) poderia muito bem ter sido localizada fora da acrópole, pois a referência a ela é feita como “cidade/área construída” (“santuário interno”, NVI) da Casa de Baal (2Rs 10.25). Acabe também fortificou Megido (IVB: portão de quatro cômodos), Dã, Hazor e Tell Qasileh. Essas cidades permaneceram ocupadas até que terminaram sendo destruídas pelos assírios (e.g., Megido III).

⁵⁰ Y. Yadin, *op. cit.*, p. 211.

Sargão II, em vingança pela rebelião promovida por Yamani de Asdode, cercou e saqueou Gezer (tratada como *Gazru* nos relevos de seu palácio) e Asdode, onde um fragmento da pedra com inscrições sobre sua vitória foi encontrado (cf. Is 20.1). Sargão também destruiu Hazor (V), Tell Qasileh (VIII) e Tirza (II) naquela época.

Entre as provas arqueológicas do período de Ezequias temos o desenvolvimento de Jerusalém saindo de Ofel pela colina ocidental. Um grande muro de 7 m de largura, descoberto por Avigad em sua escavação do Velho Quarteirão Judaico, pode marcar o seu fechamento (ou o de Manassés) deste “segundo quarto da cidade” (*mišneh*). O novo suprimento de água trazido do aqueduto de Siloé para resistir ao cerco assírio em 701 a.C. (2Rs 20.20; cf. 2Cr 32.30) era protegido por um muro longo. Tumbas escavadas na pedra ao norte do templo no estilo fenício, encontradas por Mazar e datadas como dos séculos IX ou VIII a.C., podem muito bem estar entre aquelas usadas como locais de sepultamento pelos reis de Judá. O bem-sucedido cerco a Laquis, realizado por Senaqueribe, pode ser marcado pela grande rampa de acesso, pela contrarrampa interior, uma cova comum para cerca de 1.500 corpos e fragmentos assírios encontrados ali juntamente com o nível da destruição (III). Contudo, alguns argumentam que isso pode ser o resultado da primeira campanha de Nabucodonosor na área, em 598/7. Se for assim, o saque da cidade, associado às cartas de Laquis, devem referir-se a um nível de destruição posterior, ocorrido depois de uma segunda campanha babilônica em 588/7 a.C.. A arqueologia mostra que Tell Beit Mirsim, 13 km a sudeste de Laquis, foi parcialmente destruída em 701 a.C., assim como o foi Berseba (II). É difícil encontrar apoio arqueológico para o saque final de Jerusalém em função das subseqüentes reconstruções. Contudo, algumas casas parcialmente destruídas e queimadas no lado leste podem corroborar para este evento. Os níveis de destruição em Laquis, Asdode, Azeca (2Rs 24.7), Gezer, Tell el-Hesi (VII/VI), Bete-Semes (II), Tell Beit Mirsim e Ramate-Rahel mostram com certeza que elas nunca se recuperaram.⁵¹

V. Fontes

Uma variedade de fontes cronográficas estavam disponíveis ao historiador em todas as grandes sociedades antigas do Oriente Médio do período dos reis hebreus. Por mais de dois milênios, registros de uma alta ordem foram mantidos em arquivos reais ou do templo, na forma de listas de reis, anais e crônicas, inscrições reais, épicos históricos, assim como autobiografias pseudo-epigráficas, textos

⁵¹ Os dados arqueológicos estão resumidos em D. J. Wiseman, “Archeology and the Old Testament” in D. J. Wiseman e E. Yamahuchi (eds.), *Archeology and the Bible: An Introductory Study* (Grand Rapids: Zondervan, 1979), p. 3-59; cf. F. Gabelein (ed.) *The Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 1979), p. 309-355; Y. Yadin, *op. cit.*, p. 187-235.

que forneciam uma descrição generalizada de períodos numa forma “profética”, assim como numerosas alusões históricas numa ampla gama de literatura.⁵²

Os anais davam detalhes de campanhas reais genuínas e normalmente eram compostos logo depois do evento como parte do relatório que um rei prestava à sua divindade nacional ou como exemplo de como ele desincumbira seu comissionamento divino.⁵³ Os anais, comprovadamente do segundo milênio e bem usados também pelos hititas, cobriam operações e eventos em um ou mais anos ou em uma área, tal como aqueles mantidos no Egito, eram baseados em diários ou registros mantidos pelo rei ou por um secretário em seu nome. Algumas poucas biografias reais foram compiladas a partir de textos reais e algumas narrativas pseudoautobiográficas foram recolhidas, relacionadas a uma pessoa que, por meio delas, tornou-se “legendária”.⁵⁴ Crônicas são encontradas desde o período sumério inicial até os tempos helenistas. Eles estão inter-relacionadas com listas de reis e anais, e não deveriam ser tão amplamente valorizadas. Elas eram frequentemente compiladas na Babilônia, onde algumas cobriam um longo período. Um exemplo é a Crônica Neobabilônica, com apontamentos anuais cobrindo o tempo de Nabonassar, no século VIII, até a queda da Babilônia em 539, indo até a era de Acamenides. Essas crônicas eram mais breves do que os anais e seguiam uma forma estritamente cronológica de acordo com os anos de reinado, com referências aos principais eventos como ascensão, campanhas militares, rebeliões, assuntos internos e externos, acontecimentos econômicos e religiosos e a morte de um rei e a sua sucessão. Outras crônicas são baseadas em extratos especiais, como a Crônica Sincrônica das relações Assírio-babilônicas, c. 1550-783 a.C., na qual cada parágrafo trata de um rei e seus contemporâneos naquilo em que eles tiveram algum assunto em comum (normalmente guerras) um com outro. Outras relacionam preços de mercado (c. 1800-750 a.C.) ou fornecem um resumo eclético de eventos (c. 1100-722 a.C.).⁵⁵ As crônicas babilônicas têm se mostrado serem fontes contemporâneas, precisas, objetivas e confiáveis que podem originalmente ter sido extraídas de diários astronô-

⁵² A. K. Grayson, *Assyrian and Babylonian Chronicles* (Locust Valley, Nova York: J. J. Augustin, 1970), p. 1-5; *Babylonian Historical-Literary Texts* (Toronto: University of Toronto Press, 1975), p. 13-37 (profecias acadianas), p. 41-45 (épicas históricas).

⁵³ D. J. Wiseman, “Law and Order in OT Times”, *Vox Evangelica* 8, 1973, p. 10,11; F. Thureau-Dangin, *Une relation de la huitième campagne de Sargon* (Paris: Paul Geuthner, 1912), sobre o relato das guerras de Sargão II em 714 a.C. relatadas a Ashur; H. Tadmor e M. Weinfeld (eds.) *History, Historiography and Interpretation: Studies in Biblical and Cuneiform Literatures* (Jerusalém: Magnes Press, 1983), p. 58-75, contendo discussão sobre alguns dos complexos problemas resultantes de leituras variantes de uma única campanha.

⁵⁴ E.g., lendas de Sargão, *ZA* 42, 1934, p. 62-65; Naram-Sin, *Anatolian Studies* 5, 1955, p. 93-113; *JCS* 11, 1957, p. 83-88. Assim como as profecias acadianas (*JCS* 18, 1964, p. 7-30), estes apresentam um governador como “bom” ou “ruim”.

⁵⁵ Veja A. K. Grayson, *Assyrian and Babylonian Chronicles* (Locust Valley, Nova York: J. J. Augustin, 1975), Crônica P, p. 51-65.

micos ou de outros tipos.⁵⁶ Tudo isso é de interesse como pano de fundo para a obra de qualquer historiador hebraico importante. Seria surpreendente se as narrativas de Reis, singulares por sua clareza, estilo e abrangência, não refletissem essas formas literárias contemporâneas e bebessem de fontes originais similares. De fato, Reis faz referência a fontes às quais o leitor original foi direcionado em busca de informação adicional (v. Fórmula de conclusão, a seguir, p. 50s) e esses devem ter sido os dados disponíveis nos dias do autor.

(a) *O Livro da História de Salomão (1Rs 11.41)*

Este registro do palácio ou da corte forma a base de muito de seu reinado e os documentos administrativos mantidos em Jerusalém incluíam lista de oficiais da corte (4.2-6) e governadores de distritos (4.7-19, 27-28), os arranjos para a provisão da corte (4.22-23) e as entradas reais (10.14-29). Assim como acontecia com outros arquivos do estado,⁵⁷ era costume manter duplicatas de textos relativos a acordos internacionais, tanto negociações quanto tratados (cf. Salomão e Simei, 1Rs 2.43; Egito, 1Rs 3.1; filisteus, 1Rs 4.21; Salomão e Hirão de Tiro, 1Rs 5).⁵⁸ Do mesmo modo, informações comerciais (1Rs 10.10) podem ter-se baseado nessa mesma fonte. Não é provável que os detalhes da construção de um templo principal e de um palácio fossem derivados dos registros do templo em vez de serem extraídos dos anais de Salomão, pois estes eram comumente preservados numa estrutura literária precisa na qual os reis antigos incluíam a) o comissionamento da empreitada de construção em função da ordem de uma divindade nacional; b) a preparação para a construção (cf. 1Rs 5); c) o processo de construção em si (cf. 1Rs 6-7); d) elogios à construção, normalmente na forma de um hino (cf. 1Rs 8.15-21); e) a história da dedicação da construção já finalizada (cf. 1Rs 8.22-66) e f) a bênção e a retribuição ao rei por parte da divindade nacional (cf. 1Rs 9.1-9).⁵⁹ Em Reis, o historiador segue um padrão similar. O mesmo arquivo, mantido pelos escribas do estado, estava mais preocupado com a habilidade do rei como juiz e administrador (1Rs 3.16-28), mostrada na “sabedoria” (1Rs 11.41; veja também a p. 85).

⁵⁶ D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldaean Kings (626-556 a.C.) in the British Museum* (Londres: British Museum, 1956), p. 1-5; A. K. Grayson, *Assyrian and Babylonian Chronicles* (Locust Valley, Nova York: J. J. Augustin, 1970), p. 1-5.

⁵⁷ Cf. Ras Shamra, J. Nougayrol, *Ugaritica III-V* (1956-68); *Le palais royal d'Ugarit III-VI* (1955-70); A. Malamat, *Mari and the Early Israelite Experience* (Oxford: British Academy, 1989), p. 8-9.

⁵⁸ O historiador de Reis está consistentemente interessado em acordos internacionais desse tipo feitos por Asa com Ben-Hadade II de Damasco e com Baasa (1Rs 15.19,20); Acabe e Ben-Hadade (1Rs 20.33-34) e com Moabe (2Rs 1.1); Josafá e Jorão (2Rs 3.7) e entre a Assíria e Judá (2Rs 18.23,31).

⁵⁹ V. Hurowitz, *Temple Building in the Bible in the Light of Mesopotamian and Northwest Semitic Writings* (Universidade de Jerusalém: tese de doutoramento, 1983). Cf. “I Have Built You an Exalted House” (Sheffield: JSOT Supp 115; 1992).

Com essa fonte (*sēper dibrē*; 1Rs 11.41), o historiador dá mais ênfase à construção do templo do que à construção dos palácios reais que consumiram mais tempo e dinheiro. Essa fonte pode diferir de qualquer “livro dos anais de Salomão” (*sēper dibrē hayyamīm*) que certamente estaria disponível para referências adicionais.

(b) Anais e crônicas

Os anais estavam disponíveis aos reis de Judá e Israel como referência e eram usados como fontes.⁶⁰ O historiador de Reis, portanto, faz constantes referências ao “Livro da História dos Reis de Judá”⁶¹ ou ao “Livro da História dos Reis de Israel”⁶² como fontes adicionais de informação. Pode-se presumir que, tal como sua contraparte, ou seja, os anais assírios e as crônicas babilônicas, o historiador considerava que essas fontes eram completas (“a tudo quanto fez”), que eram fonte de ações não específicas (“quanto aos demais atos”) ou ainda que continham notas sobre “realizações” especiais, incluindo façanhas militares (1Rs 22.45; 2Rs 14.28). Diz-se que esses anais incluíam detalhes de guerras (1Rs 14.19; 2Rs 13.12; 14.15), rebeliões (1Rs 16.20) e conspirações (2Rs 15.15). As atividades de construção de maior destaque foram registradas neles (1Rs 15.23; 22.39; 2Rs 20.20). Esses documentos não foram compilados pelos próprios reis, pois também falam do papel dos profetas e dos pecados cometidos por reis como Manassés (2Rs 21.17). Seria de se esperar que os últimos reis de Judá tivessem usado o tipo de registro contemporâneo da crônica babilônica, pois há referências a Matanias/Zedequias na crônica de Nabucodonosor II sobre seu sétimo ano como “um rei segundo o meu coração”.⁶³

(c) Outras fontes não reconhecidas

(i) *A narrativa da “sucessão”* O texto de 1Reis 1.1—2.46 dá continuidade à “história da corte” do rei Davi, apresentada em 2Samuel 9—20, e pressupõe conhecimento dos eventos anteriores. Isso é comumente chamado de “Narrativa da Sucessão”, uma vez que conclui a história de Davi com detalhes da luta pela sucessão, encerrada com o trono firmemente nas mãos de Salomão.⁶⁴ A narrativa

⁶⁰ Exceto pelo fato de que nada é dito sobre Jeoacaz. A referência posterior ao reinado de Aza é que, do início ao fim, ela foi escrita “no Livro da História dos Reis de Judá e Israel” (2Cr 16.11), uma referência genérica ao uso dessas fontes.

⁶¹ 1Rs 14.29; 15.7,23; 22.45; 2Rs 8.23; 12.19; 15.6,36; 16.19; 20.20; 21.17,25; 23.28; 24.5.

⁶² 1Rs 14.19; 15.31; 16.5,14,20,27; 22.39,45; 2Rs 1.18; 10.34; 13.8,12; 14.15,18,28; 15.11,15,21,26,31,36; 16.19.

⁶³ D. J. Wiseman, *op. cit.*, p. 72,73 (BM. 21946, r. 13 “um rei de sua própria escolha”).

⁶⁴ L. Rost, *Die Überlieferung von der Thronnachfolge Davids* (Stuttgart: W. Kohlhammer, 1926); G. von Rad, *The Problem of the Hexateuch and Other Essays* (Edinburgh: Oliver & Boyd, 1966), p. 189ss.

forma uma unidade com tratamento consistente de personagens complexos e temas que permeiam o todo. A história parece ter sido compilada no início do reinado de Salomão, quando os fatos históricos ainda podiam ser verificados.⁶⁵ A maioria dos comentaristas considera essa seção como pró-salomônica, mas o autor é desconhecido. A narrativa cria um significativo elo com Davi e serve como introdução ao relato que vem a seguir sobre o reinado de Salomão. O todo é um produto habilidoso de um gênio literário.⁶⁶ Não há concordância quanto ao fato de poder ter recebido edições posteriores ou comentários editoriais, e nenhuma dessas linhas foi definida com certeza.⁶⁷ É possível que literatos da corte como Natã, o escriba, possam ser os responsáveis aqui, especialmente no capítulo seguinte, com sua avaliação da sabedoria de Salomão.⁶⁸

(ii) *Fontes da profecia.* Reis apresenta muitas narrativas sobre profetas claramente mencionados como Aias (1Rs 11.29-39; 14.1-18), Semaías (1Rs 12.21-24), Jeú, filho de Hanani (1Rs 16.1-16) e Micaías, filho de Inlã (1Rs 22). Outros profetas não são citados por nome, embora haja indicações do lugar e da época em que eles estiveram ativos (1Rs 13.1-32 e um homem de Deus em Judá, um antigo profeta de Betel), trabalhando no tempo de Acabe (1Rs 20.35-43) ou no de Manassés (2Rs 21.10-15). A todo o momento o historiador enfatiza que “veio a palavra do SENHOR” a governadores, profetas e ao povo.⁶⁹ Ele diz claramente quando eventos cumpriram a palavra do SENHOR ou aconteceram “segundo a palavra do SENHOR”.⁷⁰ Esse tema está presente em toda história com maior frequência do que normalmente reconhecemos.

Narrativas mais extensas sobre Elias (1Rs 17—19; 21; 2Rs 1) e Eliseu (2Rs 2.1—10.36) são colocadas juntas. Conseqüentemente, recebem o nome de “ciclo de Elias” e “ciclo de Eliseu”. São colocadas dentro da última década da dinastia de Onri (Jeorão — Joás), cobrindo o final do ministério de Eliseu e

⁶⁵ R. N. Whybray, *The Succession Narrative: A Study of II Samuel 9 — 20 and I Kings 1 and 2* (Londres: SCM Press, 1968), p. 19-47. Embora alguns possam argumentar que seja um relatório neutro e objetivo (cf. D. M. Gunn, *The Story of King David: Genre and Interpretation* [Sheffield: JSOT Supp 6, 1978], p. 23.24), sua interpretação difere grandemente (v. n. 66).

⁶⁶ Von Rad, *op. cit.*, p. 176, 192, o considera como “o mais antigo espécime de documento histórico do antigo Israel”, mas o classifica como “propaganda política”, ainda que seja “um texto histórico genuíno”; W. McKane (*I & II Samuel*, Londres: SCM Press, 1963, p. 19) considera-o um “épico nacional” e O. Eissfeldt (*The Old Testament, an Introduction*, Oxford: Basil Blackwell, 1965, p. 141) como “um bom romance histórico”.

⁶⁷ Jones, p. 48-51, traz uma pesquisa de diversas teorias de adições: cf. M. Noth, *The Deuteronomistic History* (Sheffield: JSOT Supp 15, 1981), p. 8-13; Gray, p. 14-22.

⁶⁸ J. L. Greenshaw, “Methods in Determining Wisdom Influence upon ‘Historical Literature’”, *JBL* 88, 1969, p. 129-142.

⁶⁹ 1Rs 6.11; 12.22; 13.20; 16.1,7; 17.2,8; 18.1,31; 19.9; 2Rs 3.12; 9.36; 15.12; 19.21; 20.4,6,19.

⁷⁰ 1Rs 2.27; 8.20,56; 12.24; 13.2,5,9,26; 14.18; 16.12,34; 17.5,8,16; 22.5,19,38; 2Rs 1.7; 4.44; 7.17; 9.26; 14.25; 23.16; 24.2.

estendendo-se até os sucessores de Jeú.⁷¹ Um retrato notável e vivido é registrado numa variedade de incidentes que podem muito bem ter sido ricas lembranças retidas por grupos de profetas e registradas em memórias proféticas, como no caso de Samuel, Natã e Esdras.

(a) *Elias* é apresentado como o Moisés *redivivo*⁷² que luta pela pureza e continuidade da adoração ao SENHOR no meio da idolatria e do intrusivo reconhecimento sincretista de deuses estrangeiros. A demanda por uma fé e uma prática consistentes contrasta com o politeísmo de muitos cultos a Baal e sua falta de preocupação com a ética.⁷³ Os milagres realizados — cinco por Elias e dez por Eliseu — são reunidos aqui, tal qual no êxodo e, posteriormente, na ressurreição de Jesus e nascimento da igreja, momentos quando a fé do povo de Deus está sendo severamente testada. Eles não são direcionados para enfatizar a grandeza pessoal ou o prestígio carismático e poder do profeta em si, mas para encorajar o fiel por meio da demonstração do poder divino.

O relacionamento entre esses eventos — frequentemente desprezados como lendas, sagas ou histórias populares de milagres — com a história tem sido muito discutido, não recebendo muito esclarecimento. A esta distância, é impossível fazer distinção entre narrativas históricas e lendas, e o todo não seja sumariamente desprezado como mera hagiologia. Muito depende da atitude do leitor diante do sobrenatural e do milagre. As evidências circunstanciais fornecidas por detalhes de lugar, pessoas e eventos (e.g., seca, Nabote, monte Carmelo, Sarepta, menino que ressuscitou [1Rs 17.17-24] e a prisão de Elias [2Rs 1.9-16]) estão todas entre os muitos acontecimentos que foram testemunhados, lembrados e recontados (e.g., 2Rs 8.4-5). O cerne histórico é firme e não se pode dizer que as evidências foram contrárias a essas tradições. As histórias, tal qual a história como um todo, recebem uma ênfase teológica e não podem ser lidas como uma polêmica deliberada contra a mitologia popular cananéia.⁷⁴ muito embora pudessem servir como tal.

(b) *Eliseu* também assumiu uma parte ativa na política no tempo de Jeú e, de muitas maneiras, mostra uma postura similar e uma percepção da missão divina como Elias (1Rs 17.1; 18.15; 2Rs 3.14,16). Tem-se notado a frequente menção a lugares santos como o Carmelo (2Rs 4.8-37), Dotã (2Rs 6.8-23) e Gilgal (2Rs 4.1-7, 38-41; 6.1-7), assim como anteriormente a Betel (1Rs 12.33—13.31) e Siló (1Rs 14.1-18), sendo que todos esses eram locais associados aos círculos proféticos que podem ter preservado as narrativas. O comentário apontará para questões de similaridade e diferença entre os feitos de Elias e seu discípulo Eliseu.

(c) *Isaías*. O historiador inclui material (2Rs 18.17—20.19) que também é encontrado numa forma resumida em Isaías (36—39). A maioria considera essas

⁷¹ Cogan e Tadmor, p. 11, n. 21.

⁷² R. R. Carroll, "The Elijah-Elisha Sagas", *VT* 19, 1969, p. 408-14.

⁷³ L. Bronner, *The Stories of Elijah and Elisha as Polemics against Baal Worship* (Leiden: E. J. Brill, 1968).

⁷⁴ Against Bronner, *op. cit.*, p. 139.

fontes como independentes, com prioridade dada a Reis. Por outro lado, o apêndice (2Rs 25.27-30) que também é encontrado com pouca mudança em Jeremias (52.31-34) pode ser ligado a uma fonte posterior comum a ambos.

VI. A forma literária

O historiador arranja de maneira bastante distinta o material que obteve das diversas fontes. Para cada reino descrito ele usa um arcabouço literário óbvio e conveniente de fórmula real ou currículo (Long) para marcar tanto o início (“fórmula introdutória”) e o término (“fórmula de conclusão”) de cada período real.

(a) *Fórmula introdutória*

Ela é encontrada exceto onde os detalhes de uma luta pelo trono assumem seu lugar numa narrativa mais longa que fornece a mesma informação (e.g., nos casos de Salomão, Jeroboão e Jeú).⁷⁵ Essa informação inclui:

(i) *O nome do rei* e a relação com seu antecessor, normalmente o pai, por meio de sucessão direta.⁷⁶ A mesma sentença adiciona:

(ii) *a data da ascensão*, sincronizada com o governador contemporâneo correspondente de outro reino, de Israel ou de Judá (v. Cronologia, p. 28-9) e também

(iii) *sua idade* ao chegar ao trono (fornecida apenas para os reis de Judá).⁷⁷

(iv) *A duração* do reinado, registrada em anos inteiros, aparecendo meses e dias somente quando o reinado durasse menos de um ano inteiro,⁷⁸ para todos os governadores de ambos os reinos divididos. Os números arredondados incluem qualquer período de tempo que o rei tenha agido como co-regente com seu pai (v. tb. p. 31). O fato de nenhum governador ser omitido pode muito bem ser uma testemunha adicional da existência de listas de reis tanto em Judá quanto em Israel.

Esses detalhes (i-iv) seguem, no caso de Israel, uma forma já usada em Juízes (9.22; 10.2,3; 12.7,11) e, no de Judá, a fórmula empregada em Samuel (1Sm 13.1; 2Sm 10.5; cf. 2Rs 12.1,2; 21.1; 22.1).

(v) *O lugar do reinado* também é fornecido. No caso dos reis de Israel, ele foi inicialmente Tirza, até que a capital foi mudada para Samaria debaixo do reinado de Onri (1Rs 16.24,29). No caso de Judá, sempre foi em Jerusalém, a cidade onde Deus escolheu colocar seu nome (1Rs 14.21).

⁷⁵ A fórmula também é obtida no caso de Atalia, que não foi considerada uma governadora legítima.

⁷⁶ O nome do pai fica ausente quando este foi um usurpador, como no caso de Zinri (1Rs 16.15) e Onri (1Rs 16.28).

⁷⁷ Como apresentado anteriormente a Saul (1Sm 13.1) e a Davi (2Sm 2.10).

⁷⁸ 1Rs 16.15; 2Rs 15.8,13.

(vi) *O nome da mãe* é mencionado apenas no caso dos reis de Judá. As exceções de Jeorão (2Rs 8.17) e Acáz (2Rs 16.2) podem se dever ao fato de a mãe ter morrido antes da ascensão ou de ter-se casado com um membro de uma família israelita oponente. De maneira geral, são apresentadas a ascendência da mãe,⁷⁹ o lugar de origem⁸⁰ ou ainda ambos, como acontece no caso de pelo menos seis reis de Judá.⁸¹ As únicas exceções são a mãe de Roboão, Naamá, destacada como amonita (1Rs 14.21), a omissão de qualquer dado sobre a mãe de Acáz (v. 2Rs 16.2) e a ausência do matronímico de Hefzibá (2Rs 21.1). Essa preocupação de que a linhagem davídica pudesse ser plenamente registrada por meio da citação de ambos os pais também deve ser vista na nota referente a Abisague (1Rs 1.3-4), na citação dos pais da mãe de Salomão (2Sm 11.2) e no colofão presente no final de Rute (4.18-22).

(vii) *Uma avaliação teológica de cada reino*. Os versículos iniciais sempre incluem uma declaração julgando o reinado como “reto” ou “mau”. Não se trata simplesmente de um julgamento como “bom” ou “ruim”, como é possível encontrar em algumas crônicas mesopotâmicas. É uma avaliação da vida do indivíduo como um todo, pois os critérios são teológicos e específicos na frase hebraica “perante o SENHOR”, o que inclui os aspectos morais e práticos da vida diária. Esses julgamentos são expressos como veredictos resumidos em termos claros e inequívocos (às vezes chamados de “fórmula de julgamento”) em uma das duas formas mostradas a seguir.

1. *Fez o que era reto perante o SENHOR*.⁸² Essa frase é dita em relação a apenas dez reis de Israel, incluindo inicialmente Salomão (1Rs 3.3; cf. 11.6).⁸³ A referência se dá por comparação aos pais, especialmente o rei “ideal” Davi, como fundador da dinastia pela qual ele mesmo foi avaliado (1Rs 15.15). É digno de nota o fato de o historiador dizer que Asa “fez o que era reto perante o SENHOR, como Davi” (1Rs 15.11; 1Cr 14.12). O mesmo fizeram Ezequias (2Rs 19.3) e Josias (2Rs 22.2). Outros que “fizeram o que era reto” são comparados a seus antepassados imediatos que fizeram o mesmo, como acontece com Josafá e Asa (1Rs 22.43), Azarias e Amazias (2Rs 15.3) e Jotão e Azarias (2Rs 15.24). É notável que a influência dos pais tenha sido reforçada pelo encorajamento e advertência dados pelos profetas contemporâneos (a Asa por Azarias e Hanani, o vidente [2Cr 16.7], a Josafá por meio de Jeú, o vidente, e por Micaías [2Cr 18.8; 19.2], a Jeú por um profeta anônimo [2Rs 9.1-10] e por Jonadabe [2Rs 10.15]). João foi encorajado pelo sacerdote Joiada (2Rs 12.2) e repreendido por Zacarias (2Cr 24.20). O mesmo é verdade em relação a Amazias (2Rs 14.3; 2Cr 25.7s), Aza-

⁷⁹ 1Rs 15.2; 22.42; 2Rs 15.33; 18.2.

⁸⁰ 2Rs 12.1; 14.2; 15.2.

⁸¹ 2Rs 21.19; 22.1; 23.31,36; 24.8,18.

⁸² Cf. Dt 12.25,28 e a expressão do cronista “julgava e fazia justiça” (1Cr 18.14).

⁸³ Jeú de Israel pode ter sido classificado dessa maneira inicialmente, uma vez que ele extinguiu a casa de Acabe (2Rs 10.30).

rias (2Rs 15.3; 2Cr 26.5) e Jotão (2Rs 15.34). Ezequias ouviu Isaías (2Rs 19.1-2; 20.1,14) e Josias ouviu a profetisa Hulda (2Rs 22.14,20).

O veredicto de “fazer o que era reto” implica que o leitor reconheceria que o rei estava sendo medido pelo padrão da lei divina — “como está escrito na Lei de Moisés” (cf. 1Rs 2.3; 3.14; cf. Dt 6.7-10) — e da aliança de Deus com seu povo (Dt 12.28; 13.19).⁸⁴ Esse julgamento não está restrito apenas àqueles sobre quem se diz terem iniciado reformas exigidas na lei deuteronomica, como a remoção e a destruição de lugares altos, postes ídolos (Aserá), prostitutas cultuais ou sacerdotes pagãos, uma vez que tais ações estão registradas tanto no caso daqueles que receberam esse veredicto em suas carreiras quanto no dos que não foram assim julgados. O julgamento também não está relacionado especificamente à prossecução dada pelo rei aos serviços do templo em Jerusalém.⁸⁵ Contudo, está claro que aqueles que fizeram “o que era reto perante o SENHOR” cometeram atos justos. Afirma-se em relação a todos eles que fizeram isso a não ser em determinadas circunstâncias. Desse modo, até mesmo o rei ideal Davi agiu dessa maneira “senão no caso de Urias, o heteu” (1Rs 15.5). O julgamento parece resultar de uma atitude de coração em plena dedicação, devoção e obediência ao SENHOR e aos seus caminhos e à palavra trazida por meio dos profetas,⁸⁶ bem como de uma disposição de buscar a vontade do SENHOR.⁸⁷

O fato de terem feito “o que era reto” em si não protege os reis do desastre ou da aflição, embora o Cronista destaque que Asa (2Cr 14.6-7; mas cf. 1Rs 15.16) teve paz em sua terra e Josafá teve paz com os territórios vizinhos. Jorão e Jotão precisaram passar por guerras (2Rs 15.23,37). Até mesmo os “bons” reis sofreram infortúnios: Asa teve problema nos pés (1Rs 15.23); os navios de Josafá afundaram (1Rs 22.48) e Azarias/Uzias foi atacado de lepra (2Rs 15.5). Joás e Amazias foram assassinados. Deve-se notar que o tempo médio de reinado dos dez “bons” reis de Judá (33,1 anos) foi muito maior do que o dos 33 reis “maus” de Israel (13,3 anos), fato que se mantém isolado de qualquer influência editorial. Fala-se de apenas um rei, Acáz, cujo nome da mãe não é mencionado, que “não fez o que era reto perante o SENHOR” (2Rs 16.2; cf. 2Cr 28.1). A expressão “cada um fazia o que achava mais reto”, ou seja, havia anarquia, usada quando não havia ninguém que estivesse cumprindo a lei (Jz 21.25), não é encontrada em Reis.

⁸⁴ D. J. Wiseman, “Law and Order in OT Times”, *Vox Evangelica* 8, 1973, p. 5-7.

⁸⁵ *Contra* von Rad.

⁸⁶ Desse modo, Joás fez isso apenas enquanto Joiada estava vivo (1Rs 12.2); Amazias fez, “não, porém, com inteireza de coração” (2Cr 25.2) e Azarias somente enquanto Zacarias foi seu conselheiro (2Cr 26.5).

⁸⁷ A atitude geral da vida é caracterizada por andar “em todo o caminho de seu pai, e não se desviou nem para a direita nem para a esquerda” e buscar a Deus. Assim fizeram Asa (1Rs 15.14; 2Cr 14.4), Josafá (1Rs 22.43; cf. 2Cr 17.6), Azarias (2Cr 26.5), Ezequias (2Rs 22.43; cf. 2Cr 17.6) e Josias (2Rs 23.25).

2. *Fez o que era mau perante o SENHOR.* Este, o único o julgamento alternativo, é o veredicto colocado sobre todos os reis de Israel, assim como sobre alguns de Judá. Em relação aos governadores do Reino do Norte, o mau normalmente é descrito nos seguintes termos: “Andou em todos os caminhos [estilo de vida] de Jeroboão, filho de Nebate, como também nos pecados com que este fizera pecar a Israel”. Essa divisão e a ruptura da unidade do povo de Deus levou ao seu afastamento do SENHOR e de sua lei (cf. SI 18.21-22). Jeroboão é considerado o protótipo do apóstata, embora os primeiros reis de Judá que falharam sejam comparados com outros que haviam pecado. Desse modo, Jorão não agiu como seus pais haviam se comportado (2Rs 3.2), enquanto Jeorão “andou nos caminhos dos reis de Israel” (2Rs 8.18); Azarias agiu como Acabe, por meio de um casamento ruim (2Rs 8.27); o último rei, Zedequias, é comparado a seu tio Joaquim (2Rs 24.19). Aqui, mais uma vez, a influência familiar é demonstrada como algo muito forte que levou à inclinação para o mal assim como poderia ter encaminhado para o bem. Os últimos reis de Judá foram todos comparados a Manassés, cujo pecado na tradição de Jeroboão é especificamente relatado (2Rs 21.2-6). A lista inclui práticas cananêias detestáveis, reconstrução de lugares altos, construção de altares a Baal e postes a Aserá, astrologia e a introdução de características não ligadas a Javé no templo de Jerusalém.⁸⁸ Nenhum julgamento de qualquer tipo é colocado sobre Salum, que governou durante apenas um mês antes de ser assassinado.

Em todas essas sessões introdutórias de um reinado será destacado que, juntamente com a forma mais estereotipada, muitas variações e adições podem ser encontradas. Isso é indicativo de um estilo fluido de escrever, relacionado a condições históricas verdadeiras.

(b) A história

Assim como acontece na fórmula introdutória, a história que se segue mostra uma grande variedade de tratamento. Muito espaço é dedicado às personagens que formam a maior ênfase da história e são, de certo modo, seus heróis — Salomão, Ezequias de Judá e Acabe de Israel. Outros monarcas de longo reinado são citados brevemente (e.g., Onri, 1Rs 16.21-28, e Manassés). Em relação à maior parte dos outros, apenas uns poucos destaques de seus reinos são mencionados, enquanto, para alguns, nenhum detalhe é fornecido entre a introdução e a fórmula de conclusão. É bem possível que isso se deva mais à seletividade do historiador do que a qualquer indisponibilidade de dados.

(c) Fórmula de conclusão

Depois de qualquer detalhe histórico ou de episódios contados de cada reinado, o relato normalmente termina com uma série de declarações arranjadas

⁸⁸ Como fizeram Amon (2Rs 21.21,22), Jeoacaz (23.32) e Zedequias (24.19).

numa ordem comum e frequentemente com uma terminologia padrão. Essas “fórmulas de conclusão” incluem:

(i) *Citação das fontes*. Ela fornecia informação adicional sobre o reinado ao qual o leitor estava sendo apresentado (leia o item Fontes, p. 40-6).

(ii) *Notas históricas adicionais*. Ao que parece, elas foram adicionadas pelo mesmo historiador para dar uma perspectiva geral. Normalmente trata-se de referências a guerras (Abias, Nadabe, Josafá, Acázias, Jeoacaz, Joás, Jotão, Josias), à recuperação de território (Jeroboão II) ou a façanhas arquitetônicas como o túnel de Ezequias. Nos casos em que um rei se rebelou ou foi assassinado, é nesse ponto que alguns detalhes são fornecidos.

(iii) *Nota de falecimento*. Esse tópico é introduzido pela expressão “X descansou com seus pais”. A frase tem a mesma força de “morrer naturalmente”, uma vez que a expressão não é usada com nenhum dos que encontraram uma morte violenta.⁸⁹ É seguida imediatamente pela citação do sepultamento.

(iv) *Nota de sepultamento*. Davi e os reis subsequentes de Judá foram sepultados (*wayiqqābçr*, i.e., receberam uma sepultura), “na Cidade de Davi”. Essas sepulturas ficavam a sudoeste do monte do templo e a oeste de Ofel. É dito que Ezequias foi sepultado “na subida para os sepulcros dos filhos de Davi” (2Cr 32.33), que, se não era na necrópole real da cidade de Davi, pode mostrar que, naquela época, ela já estivesse cheia. Manassés e os outros reis de Judá foram sepultados em cavernas da Idade do Ferro (Josefo, *Guerras*, v. 147), no caminho de Siquém (Nablus; hoje, parte do mosteiro de St. Etienne).⁹⁰ Essa área pode ter incluído o “jardim de Uzá”, usado para o sepultamento de Manassés e Amom (2Rs 21.18,26). Josias, morto na batalha em Megido, foi sepultado em seu próprio jazigo em Jerusalém (2Rs 23.30). Nenhuma referência feita à morte e ao sepultamento de Joaquim, uma vez que se presume que ele ainda estava vivo quando os versículos finais de Reis foram adicionados.⁹¹

Os reis de Samaria foram sepultados em Samaria depois de sua fundação por Onri. Aqueles que morreram assassinados (Nadabe, Pecaías e Peca) não possuem nota de falecimento e o lugar de sepultamento não é apresentado.⁹² Mais uma vez, as variações de padrão parecem ser históricas e condicionadas pelo verdadeiro sepultamento.⁹³

⁸⁹ A omissão dessa nota em relação a Jeroboão II (2Rs 14.29) não é explicada. É dito que Zinri, que se suicidou (1Rs 16.18), simplesmente morreu (*wayyamôt*).

⁹⁰ A. Kloner, “The Cave of the Kings”, *Levant* 18, 1986, p. 121-129; A. Nazar, “Iron Age Burial Caves North of the Damascus Gate, Jerusalém”, *IEJ* 26, 1976, p. 1-8.

⁹¹ I.e., 561 a.C. Veja 2Rs 25.27.

⁹² O lugar do sepultamento de Jeroboão I (1Rs 14.20), Jeroboão II (2Rs 14.29), Menaém (2Rs 15.22) e Jeoquim (2Rs 24.6) não é mencionado.

⁹³ E. J. Smit, “Death and Burial Formulas in Kings and Chronicles relating to the Kings of Judah”, *Biblical Essays* (Potchefstroom: Die Outestamentiese Werkgemeenskap, 1966), p. 173-177.

(v) *Sucessão*. O nome do sucessor, normalmente o filho, que “passou a reinar em seu lugar” (i.e., “o sucedeu”) conclui o currículo régio. Obviamente, a história é contada em detalhes nas situações em que um rei foi assassinado, levado prisioneiro, quando um substituto foi colocado no trono (e.g. Jeoacaz, 2Rs 23.24) ou quando o povo escolheu estabelecer outro sobre o trono (2Rs 14.21; cf. precisamente relatado nos anais assírios [1Rs 12.20; cf 2Rs 14.21; assír. *usessib*). Mais uma vez, os detalhes variados estão de acordo com a realidade histórica. Ocasionalmente, o historiador inclui uma sentença adicional para reforçar o elo com o sucessor.⁹⁴

(vi) *Pós-escritos*. Em alguns poucos exemplos, o que parece ser um adendo ou um pós-escrito foi adicionado depois da fórmula de conclusão, terminando com os detalhes da sucessão. Isso varia da frase explicativa “Houve guerra entre Asa e Baasa, rei de Israel, todos os seus dias” (1Rs 15.32) a “Os dias que Jeú reinou sobre Israel em Samaria foram vinte e oito anos” (2Rs 10.36). Uma das explicações para isso pode ser a questão de que a ordem da fórmula de fechamento variava em cada exemplo no qual o assassinato impediu que os detalhes normais da morte, sepultamento e sucessão fossem fornecidos. A legitimidade do reinado de Atalia pode ter feito com que as fórmulas introdutórias e de conclusão fossem inadequadas ou até mesmo tenha impedido que elas fossem sequer registradas. A ausência de uma fórmula final para Oséias (1Rs 17.1-6), Jeoacaz (2Rs 23.35), Joaquim (2Rs 24.8-17) e Zedequias (2Rs 24.18-19) pode ser mais bem explicada pela invasão, captura e deportação.

VII. Composição e autoria

As teorias que lidam com a questão de quem escreveu ou compilou Reis são abundantes. A maioria delas têm início a partir de uma visão de que as adições ou os comentários adicionados ao arcabouço padrão da história refletem um ponto de vista distinto do(s) editor(es). Enquanto o padrão de esboço do livro, com sua fórmula repetitiva e a seleção de dados, seja comumente aceito, existe uma grande diferença de aceitação — e não há acordo — sobre aquilo que possa ser adição pós-exílica ou retrabalho.

(a) *Um único historiador*

Este comentário assume a visão da minoria de que houve um único autor/compilador/editor que fez uma seleção de fontes históricas preexistentes (v. p. 40s) e permitiu que elas levassem adiante sua interpretação dos eventos. Ele ocasionalmente interpola seus próprios comentários (e.g., 2Rs 17.1-23), mas trata suas fontes de maneira reverente, considerando-as dignas de confiança e

⁹⁴ E.g., 1Rs 15.38; 2Rs 16.36.

usando-as de maneira objetiva.⁹⁵ É digno de nota que a história que abrange o período que vai de Davi até a queda de Judá forma uma unidade. Uma vez que o objetivo do autor é dar uma interpretação daquela história mostrando Deus trabalhando, abençoando, advertindo e julgando seu povo de acordo com a obediência ou a deslealdade registradas à lei divina revelada e cognoscível, o historiados omite muitos detalhes políticos, militares, econômicos e pessoais que um leitor moderno poderia esperar ou desejar. O historiador seleciona seu material de acordo com esse objetivo específico. Desse modo, por exemplo, o registro do internacionalmente conhecido rei Onri é reduzido a apenas seis versículos do capítulo seis de I Reis, e o longo reinado de Jeroboão II a apenas sete (2Rs 14.23-29).

Durante muito tempo, essa visão de uma única autoria foi dominante e a tradição judaica atribuía os livros a Jeremias (*Baba Bathra* 15a). De fato, Reis tem muito em comum com Isaías e Jeremias na perspectiva teológica, na linguagem e no propósito.⁹⁶ A visão pode não apenas refletir uma tendência anterior de acreditar que toda Escritura foi registrada por um profeta. Nem e uma mera reflexão sobre o final idêntico de Jeremias e Reis. Não é improvável que Jeremias, desfrutando de sua associação tão próxima com o corte e, por consequência, com o círculo dos escribas em Jerusalém, tenha tido acesso aos primeiros arquivos do estado de ambos os reinos hebreus anteriores à queda da cidade em 587/6 a.C. Tem-se sugerido que, até 580 a.C., a história tenha sido escrita a partir de registros existentes seja por Jeremias ou por alguém próximo a ele que residia com Gedalias em Mispa antes de Jeremias e seu grupo retirarem-se para o Egito.⁹⁷ Contra essa visão normalmente conjectura-se que o autor deve ter sido alguém em exílio na Babilônia pelo menos vinte anos depois de 561 a.C., ano no qual é feita uma referência final à libertação de Joaquim para que pudesse ir para um refúgio mais favorável. Contudo, se os três últimos versículos do livro (2Rs 25.27-30) — que são praticamente idênticos com aqueles que concluem Jeremias (52.31-34)⁹⁸ — devem ser entendidos como um *apêndice* adicionado a ambos os livros, isso em si mesmo não formaria argumento contra uma data anterior para a finalização do livro.

O principal expoente que defende a existência de um único autor é Noth, embora ele o tenha visto trabalhando em meados do século VI a.C., tendo os

⁹⁵ Cf. Long, p. 21.

⁹⁶ E naturalmente com Dt. Perceba que o uso intensivo de terminologia médica é encontrado apenas nesses três livros.

⁹⁷ Basicamente, essa também é a visão de Montgomery. p.; cf. S. R. Bin-Num, "Formulas from Royal Records of Israel and Judah", *VT* 18, 1968, p. 415, seguindo Noth.

⁹⁸ As únicas variantes verbais são os dias "vinte e cinco" e "vinte e sete" (2Rs 25.27) e "durante os dias da sua vida" (v.30), ao passo que a adição explicativa de Jeremias traz "até ao dia da sua morte" (52.34).

versos finais do livro sido descritos por um pessimista,⁹⁹ enquanto von Rad interpreta a mesma passagem como otimista.¹⁰⁰ Isso não parece evidência para garantir a leitura dos versículos finais do “apêndice” como que expressando qualquer visão teológica específica que exigiria um editor posterior para remodelar a história anterior. Para Noth, o autor único (comumente chamado de “Deuteronomista” e sua obra de “deuteronomica”, uma vez que compartilha as idéias, a aparência e a linguagem¹⁰¹ de Deuteronomio) escreveu uma obra que forma parte de uma narrativa contínua que vai de Deuteronomio a 2Reis. Nesse sentido, Reis é parte dos “Profetas Anteriores” da Bíblia hebraica (Josué—Reis). A nação inteira era o povo da aliança de Deus, chamado para ser santo e separado. A monarquia foi o meio político pelo qual o todo poderia ser mantido junto, embora a nação estivesse sempre correndo o risco de julgamento se o povo sucumbisse às influências malignas de seus vizinhos politeístas ou retornasse às práticas cananéias.

O peso de Deuteronomio sobre Reis deve dominar visões do período no qual Deuteronomio influenciou Reis. Aqueles que consideram Deuteronomio como o livro encontrado na época da reforma que Josias realizou no templo em 622 a.C. o vêem como uma obra composta pouco antes daquele período e atribuem o livro àquela época. Eles presumem que a data mais cedo que pudesse ter influenciado Reis seria o início do século seguinte. Contudo, não há certeza de que o “Livro da Lei” encontrado por Hilquias (2Rs 22.3ss) fosse Deuteronomio como o conhecemos, embora contivesse provisões tais que teriam incentivado a reforma de Josias (v. comentário). A visão assumida aqui é que a redescoberta incluiu documentos do Pentateuco escritos no início da monarquia e que formam a base de qualquer avaliação por toda a história dos reinos hebraicos. A escolha de Israel, o cumprimento da profecia, o exercício da justiça divina e a compreensão de que o santuário principal de uma divindade nacional deveria localizar-se na cidade capital eram idéias antigas. Todavia, a igualação de Jerusalém como o único local central e legítimo que Deus havia escolhido (1Rs 11.13,32,36) diante da exigência de Deuteronomio 12 como uma marca “deuteronomica” não é tão facilmente formada, uma vez que Deuteronomio sequer cita o nome de Jerusalém nem enfatiza tal centralização.

(b) Uma redação em etapas

Deve-se notar que a maioria dos estudiosos de hoje não aceita o conceito de um único autor proposto acima. Eles optam por uma “redação dupla” de Reis, seja a de uma obra básica à qual outra mão posterior fez mudanças moderadas

⁹⁹ M. Noth, *The Deuteronomistic History* (Sheffield: JSOT Supp 15, 1981, p. 75ss. *Überlieferungsgeschichtlich Studien* (Tübingen: Mohr, 1957, 1943), p. 1-110.

¹⁰⁰ G. von Rad, *Studies in Deuteronomy* (Londres: SCM Press, 1953), p. 90-1.

¹⁰¹ M. Weinfeld, *Deuteronomy and the Deuteronomistic School* (Oxford: Clarendon Press, 1972), p. 320-65.

ou a uma “segunda edição” com um drástico retrabalho sobre o núcleo anterior, mudando substancialmente o ponto de vista. A literatura sobre isso é imensa, mas pode ser rapidamente resumida como se segue.

1. Uma primeira edição pré-exílica da história deuteronômica (D(tr)H), preparada no reinado de Ezequias (Weippert, Provan), ainda que possua adições ao fim de Judá, e o todo tenha sido revisado com algumas mudanças no propósito original (von Rad, Wolff).

2. O arcabouço estrutural que vai até 2Rs 16 forma uma história que vai até o tempo de Josias (2Rs 23) para enfatizar o cumprimento da promessa feita à dinastia de Davi e o julgamento do Reino do Norte seguindo-se ao pecado de Jeroboão. Depois disso, adições e um retrabalho pós-exílio do todo (alguns o chamam de “segunda edição”) exaltam Josias como o “novo Davi” ideal (Gray, Cross, Nelson, Robinson, Mayes).¹⁰² Alguns desses estudiosos discutem a questão de mais de uma redação.¹⁰³

3. Alguns defendem uma redação em três estágios (Veijola)¹⁰⁴ e procuram identificar a sequência com precisão, e.g., Smend (fonte R I, a obra de um sacerdote ligado ao templo no começo do exílio, e a fonte R II que, ainda mais tarde, reinterpretou a atitude anterior em relação aos “lugares altos”).¹⁰⁵ Alguns enfatizam DtrG(eschichte) = DtrH(istory) como que mostrando uma visão positiva da dinastia davídica, enquanto DtrN é diagnosticada como uma fonte interessada na lei e na obediência a ela.¹⁰⁶ Diz-se que DtrP(rophetic) é ainda uma outra mão que, mais tarde, inseriu as palavras dos profetas da história para enfatizar o tema do cumprimento.¹⁰⁷ Deve-se fazer mais distinção daqueles que encontram num estilo sacerdotal didático (de Jerusalém?) em algumas passagens (von Rad). Tentativas anteriores de encontrar uma fonte P(“sacerdotal”, do inglês *priestly*) em Reis, como postulado para o Pentateuco, há muito tempo foram contraditadas.¹⁰⁸ Essa suposta diversidade de diferentes mãos editoriais pós-exílicas trabalhando ou questionando a história parece basear-se em:

¹⁰² A. Sanda, *Die Bücher der Könige* (Munster: Aschendorff, 1911), p. xxxvi-xlii, embora a “segunda edição” consistisse apenas de correções e adições menores. Contudo, isso não é atestado na prática literária do Oriente Próximo antigo (Long, p. 18-9).

¹⁰³ F. M. Cross, “The Theme of the Books of Kings and the Structure of Deuteronomy” In: *Canaanite Myth and Hebrew Epic* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1973), p. 274-289.

¹⁰⁴ T. Veijola, *Das Königtum in der Beurteilung des deuteronomistischen Historiographie: Eine redaktionsgeschichtliche Untersuchung* (Helsinki: Academia scientiarum fennica, 1977).

¹⁰⁵ R. Smend, “Das Gesetz und die Völker: Ein Betrag zur deuteronomistischen Redaktionsgeschichte”, *Probleme Biblischer Theologie* (Festschrift von Rad, ed. H. W. Wolff, Munike: Kaiser Verlag, 1971), p. 494-509.

¹⁰⁶ E. W. Nicholson, *Deuteronomy and Tradition* (Oxford: Basil Blackwell, 1967), p. 58ss. . 58ss. Cf. tb. acima, “fontes proféticas”, e.g., Abias (1Rs 14.7-14), etc. Cf. Rs 3.4-15; 9.1-9; 11.

¹⁰⁷ Cf. tb. “fontes proféticas” (acima), e.g. Abias (1Rs 14.7-11).

¹⁰⁸ I. M. Kikawada e A. Quinn, *Before Abraham Was* (Nashville: Abingdon, 1985), continua sendo um provocante desafio à hipótese documentária.

(i) passagens (esp. 2Rs 17.7-25) que se considera pressuporem o exílio de Judá e que, portanto, devem ser posteriores a 586 ou 561 a.C. (Gray) ou implicam uma situação exílica. Contudo, “outras passagens não possuem qualquer consciência do exílio” ou da destruição do templo, como na exigência de se orar voltado para o templo (1Rs 8.21-64). O exílio, porém, era uma experiência comum no Oriente Médio antigo, seguindo-se à invasão de reinos e de presença marcante na mente hebraica após as incursões assírias à Síria em 853 e a queda de Samaria em 722 a.C.¹⁰⁹ A não ser que as referências de Reis possam se mostrar, acima de qualquer dúvida, como aplicáveis apenas a uma situação Babilônia posterior, seu valor para os propósitos de datação é limitado.

(ii) Passagens nas quais se diz que a atitude da dinastia davídica mudou. O DH original era otimista, achando que isso seria eterno (“sempre”, 1Rs 11.34-36; 15.3,4; cf. 2Sm 7.11-16); seu otimismo chegou ao clímax no reino de Josias. Imagina-se que um editor posterior, num cenário mais pessimista, tornou a permanência condicional à obediência a Deus. Uma fraseologia similar (“sempre”) é encontrada em muitos tratados no Oriente Médio antigo em decretos e em concessões governamentais que não permaneceram depois do fim dos dias do rei que os promulgou (cf. 1Rs 9.3). A expressão é comumente usada em apontamentos reais a ofícios que poderiam ser hereditários (cf. 2Sm 19.13; Jr 35.18-19). Isso não é o mesmo que dizer que a tradição de uma linhagem eterna de Davi fosse apenas um conceito teológico.¹¹⁰

(iii) Passagens que se diz mostrarem uma mudança na estrutura e no pensamento podem ser indicadas por sua fórmula monárquica mais breve, usada em relação aos quatro últimos reis de Judá.¹¹¹ Isso implicaria que fontes do tipo “analítica” não estavam disponíveis durante o exílio, mas esse é exatamente o momento em que um número crescente de tais crônicas variadas foi encontrado na Babilônia.

(iv) Expressões tais como “até ao dia de hoje”¹¹² são usadas em situações que se considera serem apropriadas a apenas um editor exílico. A maioria das ocorrências indica uma fonte dentro da Palestina e a maior parte delas são inquestionavelmente extraídas de fontes do historiador (e.g. 1Rs 9.13), embora nem sempre esteja claro se outras sejam de material similar ou sejam os próprios comentários do historiador. A frase não é um indicador confiável de autoria pós-exílica.¹¹³

¹⁰⁹ K. A. Kitchen, “The Concept of Exile” in: J. B. Payne (ed.), *New Perspectives on the Old Testament* (Waco: Word, 1970), p. 5—7.

¹¹⁰ Long, p. 16-7. Sobre o assir. *ana ume sati*, “para os dias vindouros”, veja D. J. Wiseman, *The Vassal-Treaties of Esarhaddon* (Londres: The British School of Archaeology in Iraq, 1958), p. 51,57 (ll. 289, 384, 393).

¹¹¹ Weippert atribui isso ao editor R III.

¹¹² 1Rs 3.6; 8.8,24,61; 9.13,21; 10.12; 12.19; 2Rs 2.22; 8.22; 10.27; 14.7; 16.6; 17.23,34,41.

¹¹³ Nelson, p. 23-5.

(v) Diz-se que algumas passagens mostram uma atitude ambivalente em relação aos locais de adoração. Reis frequentemente faz referência à adoração “nos montes” (*bāmāh*, “lugares altos” ARC, AV; Montgomery “santuários pagãos”).¹¹⁴ Sua remoção é incentivada e considerada uma marca do governante que fazia o que era certo (como Asa, 1Rs 15.11-15). Contudo, Provan sugeriu recentemente que a forma de julgamento mostra tolerância que era “provinciana, mas também sancionada por Javé”. Para ele, um editor posterior vê os santuários como lugares de adoração a Javé, uma que era “correta em conteúdo, mas ilegítima em termos do local onde era praticada”.¹¹⁵ Uma visão como essa argumenta a partir do silêncio, pois o texto não confirma isso de maneira explícita em lugar algum.

Desse modo, será visto que há um número de visões sem acordo sobre qual a forma assumida por qualquer edição posterior. Alguns defendem uma redação contínua (Jones), embora a maioria pressuponha um núcleo de material preexistente no qual tais redatores trabalharam.¹¹⁶ A análise literária não é suficientemente precisa e é frequentemente subjetiva, de modo que os diferentes estágios da evolução de qualquer documento não podem agora ser distintos com qualquer grau de certeza. A historiografia contemporânea mostra que repetições, digressões, variedade de expressões e aparência devem ser encontradas mesmo em um único documento. Os detalhes de todas as interpolações e comentários editoriais propostos estão bem resumidos nos grandes comentários recentes (Jones e Long). Uma vez que o conhecimento das diferenças no estilo literário do final da era pré-exílica e do início do período pós-exílico em relação a uma determinada passagem ainda é insuficiente para que essa passagem seja caracterizada com certeza como pertencente a um determinado período ou a outro,¹¹⁷ tais pontos são discutidos aqui somente nos momentos em que eles podem afetar seriamente a interpretação.

VIII. Texto

Reis finaliza a seção da Bíblia hebraica chamada “Profetas Anteriores”. O texto massorético hebraico (TM) é notavelmente regular e claro.¹¹⁸ Alguns

¹¹⁴ 1Rs 3.2-4; 11.7; 12.31,32; 13.2,32,33; 14.23; 15.14; 22.44; 2Rs 12.4; 14.4; 15.4,35; 16.4; 17.9,11,29,32; 18.4,22; 21.3,5,8,9; 23.13,15,19-20.

¹¹⁵ Provan, p. 57-91. Ele acha que a reforma de Ezequias ocorreu para concentrar a adoração em Jerusalém e que o trecho que vai de 1Rs 3 a 2Rs 18 revela diferentes visões e mãos com talvez uma divisão norte-sul em relação ao assunto.

¹¹⁶ Mas não van Seters, que opta pelo todo como pós-exílico. J. van Seters, *In Search of History: Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History* (Chicago: Yale University Press, 1983).

¹¹⁷ *Contra* Nelson.

¹¹⁸ K. Elliger e W. Rudolf (eds.), *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (Stuttgart, 1967-71), dependem das revisões de Ben Naphtali e Ben Asher preservadas c. 1008 d.C. O atual Projeto da Universidade Hebraica está baseado no danificado códice de Aleppo (séc. VIII d.C.).

poucos e dispersos fragmentos datados do final do século II a.C. estão entre os Manuscritos do Mar Morto nas cavernas 5 e 6 de Qumran. Fragmentos de couro 5QK trazem o texto de 1Rs 1.3, 12, 22 e geralmente apóiam o proto-MT, como fazem os mais antigos fragmentos de 4Q Sam^b do século III a.C.¹¹⁹ Fragmentos de papiro (6QK) mostram apenas pequenas diferenças de um texto mais curto de 2Rs 8.1-6. Isso nos leva de volta ao tempo em que o texto hebraico foi primeiramente traduzido para a Septuaginta (LXX). O texto primário por trás deste comentário é o hebraico.

As traduções gregas de Reis possuem leituras diferentes em várias revisões. Nessas tradições, seguindo de 1—2Samuel, 1—2Reis estão os chamados “Terceiro e Quarto Livros dos Reinos” ou reinados (*Basileiōn* A, B, C, D; 1Reis = “3 Reinado”; 2Reis = “4 Reinado”). É provável que a tradução do grego antigo (Ogr) tenha se baseado originalmente em um texto hebraico egípcio do século IV a.C. e esteja refletida no Codex Vaticanus (séc. VI d.C.) e usado em muitas revisões. A recensão de Luciano (LXX(L)) é de modo geral considerada como originária da Palestina antiga do século III a.C., enquanto a Hexapla de Orígenes (c. 240 d.C.) procurou fazer com que sua tradução se conformasse ao MT já fixo naquela época. Não há concordância sobre o significado ou o desenvolvimento de textos variantes da LXX.¹²⁰ Gooding argumenta que o texto mostra uma tentativa deliberada de reordenar o material e, assim, reinterpreta alguns personagens e eventos, e.g., a tentativa de Jeroboão de alcançar o poder¹²¹ e o caráter de Acabe.¹²² A LXX não é uma tradução uniforme e é, em parte, interpretativa e, portanto, “midrashica” (Gooding) ou “targúmica” (Kahle). Ela contém um grande número de adições (“miscelânea”) que não estão no MT (1Rs 2.35^a; 2.46^{a b}; 12.24^{a-z}; 16.28^{a b}) e às vezes muda a sequência (e.g., transpõe 1Rs 20—21) e, em sua tentativa de uma revisão, varia a cronologia. Gooding considera a LXX como secundária e inferior ao MT e, às vezes, sem sentido.¹²³

¹¹⁹ F. M. Cross, “A New Qumran Biblical Fragment Related to the Original Hebrew Underlying the Septuagint”, *BASOR* 132, 1953, p. 15-26; “The Oldest Manuscripts from Qumran IV”, *JBL* 74, 1955, p. 165-72.

¹²⁰ D. G. DeBoys, “Recensional Criteria in the Greek text of II Kings”, *JSS* 31, 1986, p. 135-139, mostra a complexidade da tradição.

¹²¹ D. W. Gooding, “The Septuagint’s rival Versions of Jeroboam’s Rise to Power”, *VT* 17, 1967, p. 173-189.

¹²² D. W. Gooding, “Ahab according to the Septuagint”, *ZAW* 76, 1964, p. 169, 179.

¹²³ D. W. Gooding, *Relics of Ancient Exegesis: A Study of the Miscellanies in 3 Reigns 2*, SOTSM 4 (Cambridge: Cambridge University Press, 1976); “Temple Specifications: A Dispute in Logical Arrangement between the MT and LXX”, *VT* 17, 1967, p. 143-172; “The Septuagint’s Version of Solomon’s Misconduct”, *VT* 15, 1965, p. 325-35.

ANÁLISE

- I. OS ÚLTIMOS DIAS DE DAVI E A ASCENSÃO DE SALOMÃO (IRs 1.1—2.46)
 - A. A velhice de Davi (1.1-4)
 - B. Adonias reclama o trono (1.5-10)
 - C. Contra-ação de Natã e Bate-Seba (1.11-27)
 - D. Davi confirma Salomão como seu sucessor (1.28-40)
 - E. A insurreição de Adonias fracassa (1.41-53)
 - F. A instrução de Davi a Salomão (2.1-9)
 - i. Andar nos caminhos do SENHOR (2.1-4)
 - ii. Retribuição a Joabe (2.5,6)
 - iii. Bondade para com Barzilai (2.7)
 - iv. Retribuição a Simei (2.8,9)
 - G. Davi é sucedido por Salomão (2.10-12)
 - H. Salomão executa as retribuições (2.13-46)
 - i. Adonias (2.13-25)
 - ii. Abiatar, o sacerdote (2.26,27)
 - iii. Joabe (2.28-35)
 - iv. Simei (2.36-46)
- II. O REINADO DE SALOMÃO (IRs 3.1—11.43)
 - A. A sabedoria de Salomão (3.1—4.34)
 - i. Sabedoria herdada e demonstrada (3.1-28)
 - a. Um prefácio do reinado (3.1-3)
 - b. O dom da sabedoria (3.4-15)
 - c. Um exemplo da sabedoria dada por Deus a Salomão (3.16-28)
 - ii. A sabedoria de Salomão na administração (4.1-34)
 - a. Os altos oficiais de Salomão (4.1-6)
 - b. Os distritos administrativos de Salomão (4.7-19)
 - c. Provisões para a corte (4.20-28)
 - d. A sabedoria de Salomão (4.29-34; heb., 5.9-14)
 - B. As construções de Salomão (5.1—9.9)
 - i. A organização dos materiais e da mão-de-obra (5.1-18; heb. 5.15-32)

- a. Aliança com Hirão, rei de Tiro (5.1-12)
 - b. Uma nota adicional sobre o uso da mão-de-obra de Israel (5.13-18)
 - ii. A construção do templo (6.1-38)
 - a. A data da fundação (6.1)
 - b. A estrutura (6.2-10)
 - c. Um lembrete da promessa de Deus (6.11-13)
 - d. O trabalho em madeira do interior (6.14-18)
 - e. O santuário interior (6.19-28)
 - f. A ornamentação e as portas (6.29-38)
 - iii. A construção de seu palácio (7.1-12)
 - iv. A mobília do templo (7.13-51)
 - a. Hirão de Tiro (7.13,14)
 - b. As colunas de bronze de Jaquim e Boaz (7.15-22)
 - c. “O mar de fundição” (7.23-26)
 - d. Os utensílios (7.27-39)
 - e. Resumo dos trabalhos em bronze (7.40-47)
 - f. Lista das peças de ouro (7.48-51)
 - v. A dedicação do templo (8.1—9.9)
 - a. A entrada da arca (8.1-13)
 - b. A declaração de Salomão (8.14-21)
 - c. A oração de dedicação de Salomão (8.22-61)
 - d. A festa de Salomão (8.62-66)
 - e. O SENHOR aparece mais uma vez a Salomão (9.1-9)
 - C. Outros feitos de Salomão (9.10—11.43)
 - i. Um resumo (9.10-28)
 - a. Novo acordo com Hirão (9.10-14)
 - b. O uso de trabalho forçado (9.15-23)
 - c. Mais construções (9.24)
 - d. Adoração e sacrifício no templo (9.25)
 - e. Comércio marítimo de Salomão (9.26-28)
 - ii. A visita da rainha de Sabá (10.1-13)
 - iii. A riqueza de Salomão (10.14-29)
 - iv. O esplendor é superado pelo fracasso (11.1-43)
 - a. As esposas de Salomão (11.1-8)
 - b. O julgamento divino é anunciado (11.9-13)
 - c. Causas políticas da divisão do reino unido (11.14-40)
 - d. A fórmula de encerramento (11.41-43)
- III. A HISTÓRIA DO REINO DIVIDIDO (1Rs 12.1—2Rs 10.36)
- A. A divisão do reino (12.1—14.20)
 - i. Roboão (12.1-24)

- a. A atitude de Roboão (12.1-5)
 - b. Conselho certo e conselho errado (12.6-15)
 - c. Israel se divide (12.16-20)
 - d. O plano de guerra de Roboão é impedido (12.21-24)
- ii. Jeroboão (12.25—14.20)
 - a. O pecado de Jeroboão (12.25-33)
 - b. Jeroboão e os profetas (13.1—14.18)
 - c. A fórmula de encerramento do reinado de Jeroboão (14.19,20)
- B. A história de cada reinado (14.21—16.20)
 - i. Roboão de Judá (14.21-31)
 - a. Resumo do reinado (14.21-24)
 - b. Invasão de Sisaque (14.25-28)
 - c. A fórmula de encerramento do reinado de Roboão (14.29-31)
 - ii. Abias de Judá (15.1-8)
 - iii. Asa de Judá (15.9-24)
 - a. Resumo do reinado (15.9-15)
 - b. Nova guerra contra Israel (15.16-22)
 - c. A fórmula de encerramento do reinado de Asa (15.23,24)
 - iv. Nadabe de Israel (15.25-32)
 - v. Baasa de Israel (15.33—16.7)
 - vi. Elá de Israel (16.8-14)
 - vii. Zinri de Israel (16.15-20)
- C. A casa de Onri (16.21—22.40)
 - i. Onri de Israel (16.21-28)
 - ii. Acabe de Israel (16.29-34)
 - iii. Elias e os profetas contra Acabe (17.1—22.40)
 - a. Deus preserva Elias (17.1-16)
 - b. A ressurreição do filho da viúva (17.17-24)
 - c. Confrontação e justificação (18.1-46)
 - d. Elias é encorajado (19.1-18)
 - e. O chamado de Eliseu (19.19-21)
 - f. As guerras de Acabe (20.1-34)
 - g. Um profeta repreende Acabe (20.35-43)
 - h. A vinha de Nabote (21.1-29)
 - i. A batalha final de Acabe contra Arã (22.1-38)
 - j. Nota de encerramento sobre o reinado de Acabe (22.39,40)
- D. Histórias dos reinados posteriores (1Rs 22.41—2Rs 10.36)
 - i. Josafã de Judá (1Rs 22.41-50)
 - ii. Acázias de Israel (1Rs 22.51—2Rs 1.18)

- a. Resumo do reinado (1Rs 22.51-53)
- b. Elias e Acazias (2Rs 1.1-8)
- c. Elias e o destino dos capitães do exército (2Rs 1.9-17a)
- d. A fórmula de conclusão do reinado de Acazias (2Rs 1.17b-18)
- iii. Elias deixa seu sucessor indicado (2.1-25)
 - a. Uma viagem de despedida (2.1-6)
 - b. A divisão das águas (2.7-10)
 - c. A ascensão de Elias (2.11,12)
 - d. Eliseu assume (2.13-25)
- iv. Guerra contra Moabe (3.1-27)
 - a. Moabe se revolta (3.1-12)
 - b. Vitória sobre Moabe e promessa de abundância de águas (3.13-19)
 - c. Derrota de Moabe (3.20-27)
- v. Relatos sobre Eliseu (4.1—8.15)
 - a. O azeite da viúva (4.1-7)
 - b. O filho da sunamita (4.8-37)
 - c. A morte na panela (4.38-41)
 - d. Alimentando uma multidão (4.42-44)
 - e. Naamã é curado (5.1-27)
 - f. O machado que flutuou (6.1-7)
 - g. Os arameus são ludibriados (6.8-23)
 - h. O cerco a Samaria (6.24—7.20)
 - i. A sunamita recebe de volta sua propriedade (8.1-6)
 - j. Eliseu e Hazael (8.7-15)
- vi. História dos reinados (8.16-29)
 - a. Jeorão de Judá (8.16-24)
 - b. Acazias de Judá (8.25-29)
- vii. A revolução de Jeú (9.1—10.36)
 - a. Jeú é ungido rei (9.1-13)
 - b. A morte dos reis de Israel e Judá (9.14-29)
 - c. Jezabel é morta (9.30-37)
 - d. O extermínio das famílias reais de Israel e Judá e dos adoradores de Baal (10.1-36)

IV. A HISTÓRIA DE JUDÁ E ISRAEL ATÉ A QUEDA DO REINO DO NORTE (2Rs 11.1—17.41)

- A. Atalia assume o poder em Judá (11.1-20)
 - i. O plano de Atalia (11.1-3)
 - ii. O plano de Joiada (11.4-8)
 - iii. A execução do plano (11.9-12)

- iv. A morte de Atalia (11.13-16)
- v. A renovação da aliança (11.17-20)
- B. Joás de Judá (11.21—12.21)
 - i. Resumo do reinado (11.21—12.3)
 - ii. A reforma do templo (12.4-16)
 - iii. Detalhes históricos (12.17-21)
- C. Jeoacaz de Israel (13.1-9)
- D. Jeoás de Israel (13.10-25)
 - i. Resumo do reinado (13.10-13)
 - ii. Eventos finais da vida de Eliseu (13.14-21)
 - iii. Nota sobre as relações entre Israel e Harã (Síria) (13.22-25)
- E. Amazias de Judá (14.1.22)
 - i. Resumo do reinado (14.1-7)
 - ii. Israel luta contra Judá (14.8-16)
 - iii. O fim de Amazias (14.17-22)
- F. Jeroboão II de Israel (14.23-29)
- G. Azarias de Judá (15.1-7)
- H. Zacarias de Israel (15.8-12)
- I. Salum de Israel (15.13-16)
- J. Menaém de Israel (15.17-22)
- K. Pecaías de Israel (15.23-26)
- L. Peca de Israel (15.27-31)
- M. Jotão de Judá (15.32-38)
- N. Acaz de Judá (16.1-20)
 - i. Resumo do reinado (16.1-4)
 - ii. O ataque siro-efraimita (16.5,6)
 - iii. O apelo à Assíria (16.7-9)
 - iv. Acaz realiza inovações no templo (16.10-18)
 - v. A fórmula de conclusão do reinado de Acaz (16.19,20)
- O. Oséias e a queda de Israel (17.1-41)
 - i. A ocasião do exílio (17.1-6)
 - ii. As razões do exílio de Israel (17.7-18)
 - iii. Pecado e retribuição em Judá (17.19,20)
 - iv. Outro resumo do pecado de Israel (17.21-23)
 - v. Samaria é recolonizada (17.24-28)
 - vi. As diferentes práticas religiosas dos colonos (17.29-41)
- V. A HISTÓRIA DE JUDÁ ATÉ A QUEDA DE JERUSALÉM (2Rs 18.1—25.30)
 - A. Ezequias de Judá (18.1—20.21)
 - i. Seus primeiros anos (18.1-12)
 - ii. Oposição às ameaças de Senaqueribe a Jerusalém (18.13—19.37)

- a. A campanha de Senaqueribe em Judá (18.13-16)
 - b. Senaqueribe ameaça Jerusalém (18.17-37)
 - c. A libertação de Jerusalém é prevista (19.1-36)
 - d. A morte de Senaqueribe de (19.37)
- iii. Outros incidentes do reinado de Ezequias (20.1-21)
 - a. A doença de Ezequias (20.1-11)
 - b. Mensageiros de Merodaque-Baladã (20.12-19)
 - c. Fórmula de conclusão (20.20,21)
- B. Histórias de reinados (21.1-26)
 - i. Manassés de Judá (21.1-18)
 - a. Resumo do reinado (21.1-9)
 - b. A palavra de Deus a Manassés (21.10-15)
 - c. Demais eventos e a fórmula de conclusão do reinado (21.16-18)
 - ii. Amom de Judá (21.19-26)
- C. O reinado e a reforma de Josias (22.1—23.30)
 - i. Resumo do reinado (22.1-3b)
 - ii. Reparos no templo e a descoberta do livro da lei (22.3b-20)
 - a. Os reparos no templo (22.3b-7)
 - b. A descoberta do livro da lei (22.8-10)
 - c. A consulta (22.11-14)
 - d. A profecia de Hulda (22.14-20)
 - iii. Josias renova a aliança (23.1-3)
 - iv. A purificação do culto nacional (23.4-20)
 - v. A celebração da Páscoa (23.21-23)
 - vi. Outras reformas e o adiamento do julgamento (23.24-27)
 - vii. A fórmula de encerramento (23.28-30)
- D. Os últimos dias de Judá (23.31—25.30)
 - i. Jeoacaz de Judá (23.31-35)
 - ii. Jeoaquim de Judá (23.36—24.7)
 - iii. Joaquim de Judá (24.8-17)
 - iv. Zedequias de Judá (24.18-20)
 - v. A queda de Jerusalém (24.20—25.21)
 - a. A queda da cidade (25.1-7)
 - b. A destruição do templo (25.8-21)
 - vi. Gedalias, governador de Judá (25.22-26)
 - vii. Apêndice: A libertação de Joaquim (25.27-30)

COMENTÁRIO

I. OS ÚLTIMOS DIAS DE DAVI E A ASCENSÃO DE SALOMÃO (1Rs 1.1—2.46)

Esta história da corte, normalmente chamada de “narrativa da sucessão”, dá continuidade ao relato do reinado de Davi conforme registrado em 2Samuel 9—20. O estilo é vivo, retratando íntimo conhecimento provavelmente de pessoas envolvidas (possivelmente Natã)

É o registro da luta pela sucessão (1.1-53) acentuada pelo declínio físico de Davi. Sua falha em não apontar aquele que o sucederia no trono foi uma fraqueza, especialmente no momento quando não estava claro se a prática comum no Oriente Médio antigo de sucessão pelo primogênito (ou pela sucessão divina “carismática”, usada na escolha de Saul e do próprio Davi) deveria ser aplicada. Sua indecisão foi agravada por sua falha em disciplinar sua família (v. 6). O incidente com Adonias (v. 1-27) e a referência a Abisague (v. 3, cf. 2.13-35) são elementos essenciais da história do reinado de Salomão (2.10—11.43) que agora se inicia.

A. A velhice de Davi (1.1-4)

Ele estava *velho e entrado em dias*, tendo agora cerca de 70 anos (1.1; 2Sm 5.4,5). A expressão hebraica “a chegada de dias” implica passagem de tempo (contra AV “idoso”). O rei estava acamado. A palavra traduzida por “roupas” (ARA; “vestes”, ARC; “cobertas”, BLH) é usada para tecidos como aqueles que cobriam o tabernáculo (Nm 4.6; 1Sm 19.13). *Servos* pode abranger qualquer subordinado, desde escravos, servos domésticos e oficiais até pessoas com cargos no governo (2Rs 5.6; 25.8) e cortesãos. A maneira normal de se referir à realeza é “o rei, meu/nosso senhor”.

2-3. O uso de uma jovem para restaurar o calor do corpo era uma prática médica antiga (Galen, *Method. Medic.* viii.7; Josefo, *Ant.* viii.19.3). Uma vez que a moça escolhida estava em idade de casamento (*donzela*; “virgem”, ARC), há uma ênfase aqui quanto à ausência de relação sexual (v. 4). Embora essa referência seja considerada por alguns como algo que denota um teste de virilidade para verificar a necessidade de um co-regente,¹ não há evidência conclusiva de

¹ J. Gray, p. 77, baseado em C. H. Gordon, *Ugaritic Textbook* (Roma: Instituto Pontificio, 1965), no. 127, p. 35-38; cf. A. R. Johnson, *The Vitality of the Individual in the thought of Ancient Israel* (Cardiff: University of the Wales Press, 1964).

que a incapacidade em si desqualificava um rei para exercer sua função (cf. Azarias, 2Rs 15.5).

Abisague foi usada para dormir *nos seus braços* para que ele pudesse se aquecer (“durma no seu seio”, ARC). Ela deveria estar *perante o rei* e ter *cuidado dele* (*sōkenet* é “ser útil”, Is 22.15). Seu relacionamento com Davi é discutido, afirmando-se que Davi a aceitou como rainha,² embora, mais tarde, considerou-se que ela tinha o status de concubina (1Rs 2.22). Ela não era dispensada quando Bate-Seba e Natã estavam presentes (v. 15,22,23). Adonias (v. 17,21,22) a desejou como esposa, do mesmo modo como Abner desejou a concubina de Saul (2Sm 3.7) e Absalão desejou as de Davi (2Sm 16.21,22) para legitimar sua pretensão ao trono. A concubina (*pileges*) não era uma amante, mas uma esposa de classe secundária. Suném, a moderna Sōlem, fica 11 km a sudeste de Nazaré e 5 km ao norte de Jezreel, no território de Issacar (1Sm 28.4) e foi visitada por Eliseu (2Rs 4.8). Não há necessidade de identificar Abisague com a sulamita de Cântico dos Cânticos 6.13.

B. Adonias reclama o trono (1.5-10)

Adonias, com cerca de 35 anos de idade, era o quarto filho, mas o mais velho dos filhos sobreviventes de Davi, depois das mortes de Quileabe, Amnon e Absalão (2Sm 3.2-4; 13.28; 18.15). Ele *se exaltou* (v. 5; “se levantou” ARC; heb. *pluperf.* “estava se exaltando”) com base na sua primogenitura. A inserção do nome de sua mãe, de acordo com a prática do historiador na sucessão em Judá (v. Introdução, p. 47), poderia ser considerada como um apoio adicional à sua reivindicação.

5. *Eu reinarei* sinaliza um apelo público ao trono, a despeito da conhecida preferência de Davi por Salomão (v. 10). Para alcançar apoio, ele estabelece para si mesmo uma prestigiosa escolta de carruagem (se no singular, como na B) como teve Absalão (2Sm 15.1). Com efeito, essa foi uma força militar pessoal designada para antecipar a proclamação de Salomão e tratava-se de um *coup d'état* (golpe de Estado). Batedores eram parte de uma guarda pessoal da realeza (14.27; 1Sm 22.17).

6. *Jamais seu pai o contrariou* é uma expressão usada pelo autor (cf. v. 8,10) que revela a fraqueza de Davi em sua falta de vontade de causar a seus filhos qualquer desconforto físico ou mental (heb. ‘*sb*, “irritar-se, causar perturbações emocionais”; heb. m., “trabalhar como uma criança para dar-lhe forma”). Tal falta de disciplina com Amnon (2Sm 13.21) e Absalão (2Sm 18.5) já havia levado anteriormente a uma inquietação na família e na nação. O Antigo Testamento tem exemplos de outros homens piedosos que falharam ao não corrigir os membros de sua família (e.g., Eli, 1Sm 2.12-17). Leia sobre isso em Pv 22.6 e a obrigação colocado sobre Abraão (Gn 18.19). *Era ele de aparência mui formo-*

² M. J. Mulder, “Versuch zur deutung von *sokenet* in 1 Ko 1.2.4”, VT 22, 1972, p. 43-54.

sa: beleza física, assim como bravura, era uma qualificação popular para a liderança como fora com seu pai (1Sm 16.12), seu irmão Absalão (2Sm 14.25) e o rei Saul (1Sm 9.2).

7-8. Adonias foi apoiado (heb. *zr hr*, “estendeu uma mão ajudadora” moral ou fisicamente) por *Joabe*, filho da meia-irmã de Davi (2Sm 2.18), comandante da milícia e rival de Benaia, comandante da guarda real de Davi e do exército profissional. Joabe pode ter procurado se vingar por Davi tê-lo desprezado em favor de Amasa (2Sm 19.13). *Abiatar*, um dos consulentes de Davi (1Sm 22.20), pode ter tido ciúmes do sumo sacerdote Zadoque, que era de Jerusalém e, assim, possivelmente da antiga linhagem jebusita (2Sm 8.17),³ e que agora havia assumido precedência sobre ele. Adonias parece ter conversado ou negociado com esses dois (heb. “suas palavras estavam com”) antes de trazer os oficiais de Judá.

9. A festa na qual ele *imolou* animais pode ter sido dada para obter um apoio formal (como fez Absalão em 2Sm 15.7-12) em vez de para celebrar uma investidura simbólica. O lugar escolhido, *perto da fonte de Rogel* (“fonte do pisoeiro”, a moderna Bir Ayub, o poço de Jó, no vale do Cedrom a sudeste de Jerusalém), foi o lugar de encontro entre Benjamim e Judá (Js 15.7; 18.16), bem próximo do sul de Judá, de onde veio a maior parte do apoio de Adonias. Ao dar a festa ali, ele provavelmente esperava não chamar a atenção da guarda pessoal de Davi. Há quem encontre significado simbólico na *pedra de Zoelete* (“pedra da Cobra”, BLII), provavelmente a Fonte do Dragão de Neemias 2.13. Esse local é às vezes identificado como Ez-Zahweikeh, próximo de Silwan ou a face escorregadia que leva ao topo do monte das Oliveiras.⁴

10. A omissão do nome de Zadoque, assim como a ausência de Natã, Benaia e Salomão, é bastante significativa. As leis da hospitalidade impediam que a multidão agisse contra eles caso estivessem presentes. A menção de Salomão como *seu irmão* também serve para apresentar a narrativa a seguir e para criar uma consciência de sua pretensão ao trono.

C. Contra-ação de Natã e Bate-Seba (1.11-27)

A narrativa é vívida e, seguindo o tradicional estilo hebraico, envolve repetições (e.g., v. 19,25 e 13,17,30). Natã, o profeta, pode ter-se sentido responsável por dar continuidade à prometida dinastia de Davi e ter ficado tão preocupado quanto Samuel ficou como o “criador do rei”. Seu plano com Bate-Seba (v. 11-14) estaria de acordo com o plano dela de se tornar uma influente rainha-mãe (cf. 2.19; 15.13; 2Rs 10.13) e com seu desejo de que um co-regente e sucesor fosse indicado (v. 27). A ação segue o curso usual de um apelo ao rei, sem

³ J. A. Soggin, “Der Offiziell Geförderte Synkretismus in Israel während des 10 Jahrhunderts”, *ZAW* 78, 1966, p. 179-204.

⁴ Cf. G. R. Driver, “Hebrew Notes”, *ZAW* 52, 1934, p. 51, “The Rolling Stone”.

que seja necessariamente uma demanda formal, com discurso (v. 17-18), apresentação do caso (v. 17-19), pedido de tomada de decisão (v. 20-21), confirmação por parte das testemunhas (v. 22-27) e decisão por meio de um juramento (v. 29-30).⁵

11-12. A ação de Adonias foi entendida como uma pretensão formal ao trono (v. 25; 2.15). Embora ainda não coroado nem adotado como príncipe herdeiro, ele “age como governante”. Era de se esperar que um usurpador eliminasse todos os rivais juntamente com suas famílias (15.29; 2Rs 10.11; 11.1).

13. O suposto juramento de Davi (cf. 17, 28-30) pode não ter sido fabricado e está implícito em seu favorecimento a Salomão (2Sm 7). Este, na condição de segundo filho de Bate-Seba, era o “substituto” de seu primeiro filho (cf. 2Sm 11.2-5; 12.15-18,24).

15. A presença de Abisague como testemunha poderia ser uma razão para para Salomão não a ter entregue posteriormente a Adonias (2.22).

17-20. *Tua serva* (*'āmā*) mostra uma parte da maneira formal de tratamento, embora o termo também seja usado para denotar “concubina” (Êx 21.7; 23.12). A afirmação de que Davi havia jurado pelo Nome Divino serviu para lembrá-lo que o juramento era inviolável (cf. v. 29; Êx 20.7; Lv 19.12; Jz 11.30,35). Com o objetivo de colocar pressão sobre Davi, ela apela para sua popularidade e seu direito de indicar um sucessor.

21. *Jazer com seus pais* (“dormir com seus pais”, ARC) implica mais do que “morrer”, significando uma morte e um sepultamento pacíficos, uma situação também marcada pela expressão “descansar/dormir/adormecer com seus pais/família/ancestrais” (como no ugar. acad.).⁶ *Dormir* ou *jazer com seus pais* era ser sepultado no jazigo da família, embora, para Davi, que havia iniciado uma nova dinastia, o lugar do sepultamento ainda precisava ser definido (2.10). Se Salomão não fosse escolhido, Natã e Bate-Seba seriam *tidos por culpados* de conspiração e, por isso, seriam condenados à morte (cf. v. 12).

22. Com a chegada de Natã, Bate-Seba se afasta (cf. v. 28). Ele assume ou presume que Davi deve ter aprovado e autorizado a ação de Adonias sem tê-lo informado. Não faz qualquer menção direta a qualquer juramento prometendo o trono a Salomão (v. 13,17), mas enfatiza o apoio que Adonias está recebendo dos *chefes do exército* (v. 25, heb. plural; cf. LXX(L) singular, sendo que a RSV e a BLH adicionam “convidou Joabe” e a NEB “comandante-em-chefe”). Isso pode refletir o retorno de Natã à sua antiga franqueza (cf. 2Sm 12).

25. *Viva o rei Adonias* (“Deus salve o rei”, AV) era uma declaração pública blica de aclamação e o clímax de uma cerimônia de coroação (como também na Babilô-

⁵ V. Sasson, “An Unrecognised Juridical TeRm in the Yavneh-Yam Lawsuit and in an Unnoticed Biblical Parallel”, *BASOR* 232, 1978, p. 57-62.

⁶ W. L. Moran, “New Evidence at Mari on the History of Prophecy”, *Biblica* 50, 1969, 69. p. 42.

nia, cf. v. 34; como também aconteceu para Jeú e Joás, cf. 2Rs 9.13; 11.12). Isso também reafirma lealdade a ele (cf. v. 31).

D. Davi confirma Salomão como seu sucessor (1.28-40)

Cedendo à pressão de Natã e Bate-Seba, Davi designa Salomão como seu co-regente (cf. v. 43-44,47-48) para agir como regente pleno durante sua doença (v. 46,53). Tal prática já era comum em toda a Mesopotâmia e Egito.

29. O juramento formal *tão certo como vive o SENHOR* (Javé) está baseado na experiência pessoal de Davi quanto à libertação divina (heb. “libertou-me”, cf. 2Sm 4.9) e a promessa anterior de Deus (cf. v. 13).

32-33. Davi sabiamente toma a iniciativa que transformaria qualquer continuidade de pretensão ao trono por parte de Adonias em um ato de rebelião. Ele sabia da necessidade de apoio público num momento de crise. Suas sábias ordens incluíam o uso de seu apoio real. Era costume ver os reis cavalgando em cavalos ou mulas como um símbolo de status (cf. 2Sm 13.29; Et 6.8,9 e em Mari). Uma *mula* (heb. *pirdâ*) foi escolhida para levar Salomão pelo caminho íngreme até Giom (cf. 25,33, *desceu*). Os governadores cavalgavam jumentas brancas (Jz 5.10; 10.4) e o fato de o Messias ter feito exceto seria interpretado como sua chegada como rei e governador (Zc 9.9; Mt 21.5). *Giom*, no vale do Cedrom, a leste de Sião (a moderna Ain Umm ed-Daraj, identificada como a “mãe dos passos” ou Fonte de Miriã) talvez tenha sido escolhida para fazer o contraponto ao local de encontro de Adonias, a um quilômetro de distância, em En-Rogel. Não há apoio para a idéia de que qualquer purificação inicial fosse parte do ritual de ascensão para esta primeira coroação de um rei em Jerusalém.

34. A unção era uma parte essencial do ato público de consagração (1Sm 9.16) e era feita pelo sumo sacerdote (o verbo usado aqui e no v. 39 é singular) quando acontecia uma sucessão direta e dinástica (cf. 2Rs 11.12). Natã estava envolvido na autorização do ato. Os profetas ungiam aquele que era escolhido por Deus como rei numa nova iniciativa e não estavam na linha direta de sucessão, tal como aconteceu com Saul (1Sm 9.16), Davi (1Sm 16.13) e Jeú (2Rs 9.3). O soar da *trombeta* (*sôpār*) sinalizava um novo reino (v. 39; 2Rs 11.14; 2Sm 15.10).

35. Salomão é designado *príncipe* (*nāgīd*), um título dado aos líderes carismáticos Saul (1Sm 9.16; 10.1) e Davi (2Sm 7.8). Aqui, o termo pode simplesmente significar, como frequentemente acontece, alguém numa posição de destaque no governo ou nas situações militares ou religiosas. Não é um termo necessariamente usado em relação a líderes de milícias tribais ou um príncipe coroado⁷ ou simplesmente “príncipe” (como na ARA; cf. Seu uso em relação ao Messias, Dn 9.25).

⁷ E. Lipinski, “Le récit de 1 Rois xii.1-19 à la lumière de l’ancien usage de l’hébreu et de nouveaux textes de Mari”, *VT* 24, 1974, p. 447-9.

36-37. Benaia reafirma a lealdade do exército com um *Amém!* (“confirmação”), como aconteceu com os soldados heteus quando fizeram seu juramento. Aqui está um testemunho legal e um endosso de uma declaração (Dt 27.15-26). Não há necessidade de acrescentar *e disse* “fazer isso” (como Gray) ou “tornar-se lei” (*ya’^amēn*, como LXX(L)). *Seja maior do que [...] Davi* não é apenas um desejo piedoso por mais território e poder (cf. v. 47); é um cumprimento do reinado de Cristo, que é maior que o de Salomão (Mt 12.47).

38. *Os quereteus e os peleteus* (ARC) ou *queretitas e os peletitas* (NVI) eram um componente filisteu na guarda pessoal independente de Davi (2Sm 8.18). Essa expressão pode incluir os cretenses e homens de grupos minoritários, a não ser que *peleteus / peletitas* seja uma variante de *ḫ^alisti* (palestinos).⁸

39-40. *O chifre do azeite* (artigo definido) era aquele que era mantido na tenda que temporariamente abrigou a barca em Jerusalém (2Sm 6.17; 7.2). A unção denotava consagração, não um relacionamento contratual específico. *Todo o povo* representa o elemento democrático participativo de todas as coroações hebraicas em vez de qualquer tipo de assembléia formal (v. 2Rs 23.1-3). As ruidosas celebrações incluíam o tocar de gaitas ou “flauta” (BLH, NVI no plural), embora outros sigam alguns MSS (LXX, Sir., Targ.) para interpretar “dançando com danças”. *A terra retiniu* (ARC) ou *parecia fender-se* (ARA) usa a terminologia da reverberação associada a terremotos conhecidos naquela área (cf. Is 6.4; 29.6; Zc 14.5).

E. A insurreição de Adonias fracassa (1.41-53)

A ascensão de Salomão (v. 35,44) pôs fim à oposição pois, se esta continuasse, teria se transformado em guerra civil e rebelião.

41. *Ouviram, quando acabavam de comer* poderia ser “ouviram e pararam de comer”. Joabe, um homem militar, estava alerta à trombeta, que era facilmente audível em Giom,⁹ e o *sonido* (como o zunido de abelhas, *hômâ*) na “cidadela” (*qiryâ*), em vez de na cidade.

42. *Jônatas* foi o mensageiro de confiança de Davi quando Absalão se rebelou (2Sm 15.36) e permaneceu na cidade. Ele era *homem valente* (cf. v. 52, “homem de bem”, “homem de palavra”, BLH), uma pessoa de força (*’is hayil*) mental, física e econômica.

43-48. Num bom exemplo de estilo narrativo, esta seção repete as instruções dos versículos 33-35a, 38-40. A mensagem de Jônatas foi clara. As notícias não eram boas: *Pelo contrário* (heb. *’hāl.*, “não, mas”, um forte adversativa). O *clamor* ou “ruído” ouvido é explicado como a reação popular diante da ascensão de Salomão. Toda a administração do reino (os *oficiais*) *vieram congratular-se* (heb. “abençoar”) com o rei em aceitação do princípio de su-

⁸ POTT p. 56. Montgomery, p. 86.

⁹ B. Cobbey Crisler, “The Acoustics and Crowd Capacity of Natural Theatres in Palestine”, BA 39, 1976, p. 139-40.

cessão dinástico. Davi tinha agora um “sucessor” (NVI), *quem se assente no meu trono*; o Gr./Sir. adiciona “da minha semente”, portanto, “um dos meus descendentes” (BLH).

49-53. A resposta de Salomão. Uma vez que ninguém ousava opor-se a um governante ungido, Adonias esperava rápida retaliação, indo buscar asilo na maneira tradicional de pegar *nas pontas do altar* (v. 50, cf. Êx 21.12-14; Nm 35.6). O lugar do refugio não é declarado, mas foi provavelmente o tabernáculo em Jerusalém (como na LXX(L)), em vez de em Gibeão. Altares com pontas foram encontrados em Megido, Gezer, Berseba e Dã.¹⁰ As pontas (ou *chifres*; cf. Êx 27.2) eram usadas para prender a vítima do sacrifício. Prendê-la ali era clamar pela proteção de Deus até que o caso fosse julgado. Isso impedia a vingança sanguinária excessiva (Êx 21.13). Na Idade Média a igreja era chamada de “um santuário”.

Salomão exerceu seus recém-conquistados poderes reais como co-regente, foi reconhecido por Adonias como *rei* (v. 51; ARC) e proclamou um perdão condicional, jurando *hoje* (heb. “como o dia”) diante de testemunhas e concedendo anistia contanto que Adonias se comportasse de maneira honrosa como *homem de bem* (v. 52). Um “homem de valor” significa muito mais do que agir “como um cavaleiro”, mas alguém que não tenha feito mal. Se não agisse assim, encontraria a morte como punição judicial (*à espada*, cf. v. 51; 2.24,25). A ordem *vai para tua casa* não implicava uma prisão domiciliar, afastamento do público ou banimento (como aconteceu com Absalão em 2Sm 14.24), mas a indicação de um acordo ou uma reconciliação que não foi total (caso contrário, a expressão “Vai em paz” seria adicionada, 2Rs 5.19).¹¹

F. A instrução de Davi a Salomão (2.1-9)

Por exigência divina, um governante precisava passar suas responsabilidades ao seu sucessor (Dt 17.18-20). Essas orientações finais marcavam a transferência de liderança, como aconteceu com Moisés (Dt 31.1-8), Josué (Js 23.1-16) e Samuel (1Sm 12.1-25). O desejo político ou o testamento de Davi pode ter sido falado (ou escrito?) por um longo período de tempo (cf. 1Cr 28—29). Embora a instrução de Davi incluía encorajamento pessoal (v. 2) e vise aos benefícios futuros para o indivíduo e para a nação (v. 4), sua fala não segue o “estilo de posse”.¹² A passagem inteira gira em torno de um resumo da então conhecida lei deuteronomica que serviria para avaliar tanto o próprio governo de Salomão quanto o de seus sucessores.

O problema moral de eliminar rivais, mesmo por meios judiciais, não é novo (cf. Davi e os gibeonitas, 2Sm 21). Por não ter tomado uma atitude ante-

¹⁰ IBD, p. 35; A. Biran, “An Israelite Horned Altar at Dan”, *BA* 37, 1974, p. 2-6, 106-7.

¹¹ Veja D. J. Wiseman, “‘Is it peace?’ — Covenant and Diplomacy”, *VT* 32, 1982, p. 311-26.

¹² Como sugerido por D. J. McCarthy, “An Installation Genre?”, *JBL* 90, 1971, p. 31-41.

riormente, Davi estava adotando um expediente temporário que deixou sem resolução a necessidade básica de promover vingança (v. 32-33) e punir a quebra de acordos (v. 41-46) o que, naquela época, eram obrigações impostas a um rei.

Alguns defendem que essa é uma solução editorial posterior para exonerar Salomão da culpa por tomar parte numa vendeta pessoal, transferindo a responsabilidade a Davi. Até mesmo se Davi e sua casa tivessem sido tratados como o ideal do historiador, outros vêem isso como a maneira do escritor de explicar de que modo a promessa do amor eterno de Deus e de uma sucessão “para sempre” (2Sm 7.15,16) estava agora limitada pelo fracasso de seus filhos em serem fiéis a Deus (cf. 1Rs 2.4; 11.11). Poderia igualmente ser interpretada como a preocupação de Davi de fazer com que a dinastia seguisse adiante limpa da culpa pelo sangue e da maldição. Os exemplos citados mostram assim justiça que, até aquele momento, fora negligenciada (Joabe, v. 5-6), a necessidade de compaixão (Barzilai, v. 7) e a exigência de disciplina quando uma ordem real ou um acordo solene fossem desobedecidos (Simei, v. 8-9).

i. Andar nos caminhos do SENHOR (2.1-4). O “último pedido” era uma prática comum (2Rs 20.1; cf. Gn 49.29; At 20.18-35). Davi estava bem consciente de sua mortalidade e de sua morte iminente (*Eu vou pelo caminho de todos os mortais*, i.e., devo morrer). Suas palavras de exortação eram um remanescente de Josué (1.1-9), talvez seu herói como líder militar, e das leis, com frequentes referências a Deuteronômio (e.g., 8.6,10-12). O pedido para ter *coragem* (“esforçate”, ARC) é no sentido de ser firme mental, física e espiritualmente (Dt 31.7,23) e para agir como um homem (cf. 1Co 16.13).

A base de toda ação será o cumprimento da lei de Deus, expressa em serviço (v. 3, *mismeret*, o que Deus *exige*; Dt 11.1, cf. Gn 26.5) assumido de maneira leal como uma obrigação. O modo de vida do novo rei é andar *nos seus* [de Deus] *caminhos* e, assim, proceder em obediência a todas as obrigações da aliança (como em Dt 5.33 e *passim*). Para fazer isso, os *estatutos* de Deus devem ser guardados (Dt 6.2, etc.) e todos os seus *mandamentos, juízos e testemunhos* cumpridos e passados adiante. Somente dessa maneira o rei e a nação *prosperarão* (Dt 29.9; *sākal* é discernir, entender e então prosperar). Essa não é uma doutrina que incentiva o crer com o objetivo de prosperar economicamente, mas um chamado a agir sabiamente seja qual for o benefício obtido. Essa viria a ser uma característica especial de Salomão (3.28; Mt 12.42), assim como a de todo homem piedoso. O rei de Israel nunca era a fonte da lei, mas estava debaixo dela, pois a lei da aliança era imposta tanto sobre o rei quanto sobre o povo. A promessa de Deus impunha como condição que Salomão e seus filhos guardassem *o seu caminho* (heb. “guardar seu modo [correto] de vida”) ao *andarem perante a minha face fielmente*. “Andar perante Deus” é uma frase deuteronomica muito comum, encontrada em 1Reis (3.6; 8.23, 25; 9.4, etc.), mas a mesma

idéia é apresentada pela expressão mais comum “andar diante de Deus”, i.e., conduzir sua vida na presença de Deus (heb. *hithallēk*).¹³

ii. Retribuição a Joabe (2.5,6). O problema do “legado de sangue” de Davi só pode ser resolvido ao se determinar a responsabilidade. Se Joabe derramou *sangue* inocente em tempo de paz como se estivesse em tempo de guerra (o “sangue de guerra” da ARC, v. 5; cf. Dt 19.1-13; 21.1-9), então não foi um homicídio justificado (cf. 2Sm 2.18-23). É possível que ele tenha agido em função de traição, envolvido numa contenda familiar, resultante do assassinato de Abner (2Sm 3.19-30), em vez de fazê-lo por autodefesa. Ele matou Amasa por ciúme, em vez de por vingança, por atraso ou deslealdade a Davi (2Sm 20.8-10). Assim, o TM (e a NVI) tornam Joabe culpado (*sua cintura [...] seus pés*). Com menor probabilidade, outros atribuem a culpa a Davi (seguindo a LXX(L)); a leitura do latim antigo traz “minha cintura [...] meus pés” (RSV, NEB, BJ, REB, NRSV; veja acima).

6. Sabedoria é discernimento e habilidade no julgamento (3.9), baseada num amplo conhecimento do mundo (4.29-34) assim como no bom senso em escolher o melhor momento para agir (como aqui). A expressão *que suas câs* (“cabelos brancos”, idade avançada) *desçam à sepultura* (heb. Sheol, “o subterrâneo”) era o ideal preferido. *Em paz* não é apenas “incólume” (como Gray), mas em pleno acordo com Deus e o homem (v. 2Rs 5.19; 22.20, cf. Gn 15.15). Tal como seus vizinhos, os hebreus não tinham uma visão clara ou confortável do lugar da morte (Sheol), lugar cuja entrada considerava-se ser o submundo escuro e poeirento da sepultura. Davi errou ao passar a Salomão a responsabilidade de exercer esse juízo que ele mesmo deveria ter ordenado naquela época. Isso causaria muitas disputas e problemas a seu filho e a seus descendentes. A lei hebraica deixa claro que, embora o julgamento pelas ações erradas do pai ou da mãe possam cair sobre os filhos (Dt 5.9), a descendência não pode ser morta por isso (Dt 24.16).

iii. Bondade para com Barzilai (2.7). Mesmo na questão judicial sempre há espaço para a bondade. Barzilai ajudou Davi quando este estava em exílio (2Sm 17.27-29) e isso, como toda hospitalidade, precisava ser retribuído. *Usarás de benevolência* (“seja bondoso”, NVI e BLH; “tratarás com bondade”, BJ) denota feitos leais realizados para cumprir as exigências da aliança. A família de Barzilai (incluindo seu filho Quimã, 2Sm 19.37) agiu como qualquer vizinho deveria agir, pois *apoiaram* Davi (NVI; “se chegaram eles a mim”, ARC). *Os que comem à mesa* do rei era o equivalente a receber uma pensão, indicando os beneficiários, rece-

¹³ Você poderá ler sobre os aspectos legais dessa frase como indicativa de um ato de exercer justiça debaixo de Deus em D. J. Wiseman, *Essays on the Patriarchal Narratives* (Leicester: IVP, 1980), p. 147. n. 31 e *Nebuchadrezzar and Babylon* (Oxford: British Academy, 1985), p. 21-4.

bendo um auxílio real regular de comida e roupas, com uma casa e terra para sustentar a ele e a sua família (cf. 2Sm 9.7; 1Rs 18.19; 2Rs 25.29-30).¹⁴

iv. Retribuição a Simei (2.8-9). Simei, cujo ancestral Gera é citado (Gn 46.21; 6.21; cf. Jz 3.15) e cuja cidade natal era Baurim, a norte de Betânia, pronunciou palavras de *dura maldição* contra o rei ungido do SENHOR. Essa era uma ofensa capital (Êx 22.28; 1Rs 21.10), mas Davi, debaixo de juramento, não removeu a maldição que ainda o ameaçava. Assim, Salomão foi firmemente orientado a *não o [ter] por inculpável* (“não o considere inocente”, NVI). O heb. *nqh* significa “eximir de punição” (“não deve deixar que ele fique sem castigo”, BLH) ou “livre de juramento”. *Que as suas cãs desçam à sepultura com sangue* é um incentivo direto a impor-lhe a pena capital (v. 34-36).

G. Davi é sucedido por Salomão (2.10-12)

O final do reinado de Davi é marcado pelos detalhes da fórmula usada pelo historiador para descrever o fim de cada rei, i.e., sepultamento, duração e local do reinado e sucessão (v. Introdução). *Quarenta anos* pode ser uma expressão genérica para o equivalente a uma geração (cf. 2Sm 5.4,5). Sobre *descansou com seus pais* veja 1.21. O túmulo de Davi em Sião (Ofel) era conhecido nos dias de Pedro (At 2.29), mas sua exata localização é incerta. Algumas traduções em língua inglesa trazem o versículo 11 como introdução de 12ss, mas a prática editorial pesa contra isso, uma vez que a declaração da duração do reinado em várias capitais (cf. 16.23) era parte da fórmula de conclusão.

H. Salomão executa as retribuições (2.13-46)

A remoção dos oponentes que conspiraram contra Salomão, exercida por ele mesmo, é considerada o necessário e costumeiro estabelecimento do reinado davidico (v. 12, cf. v. 46). Ela marca o final do reinado de Davi (v. 1-9) e o início do de Salomão. As represálias são apresentadas como um processo legal que exigia que um rei punisse os rebeldes (1.52), os homicidas, os assassinos políticos e aqueles que quebravam acordos selados solenemente. O resultado apropriado foi antevisto por Davi, que deixou que seu filho usasse sua própria prudência (v. 6, 9) ao tomar as decisões que envolviam justiça. Prudência e compaixão também deveriam ser exercidas (v. 7, 26-27). Não necessariamente deve-se considerar a ação de Salomão como sábia, pois ela levou a divisões que perduraram por toda a dinastia davidica.

i. Adonias (2.13-25). A suspensão temporária da sentença de Adonias lonias estava baseada no fato de ele não cometer maldade, i.e., rebelião (1.52). A atitude

¹⁴ D. J. Wiseman, *Nebuchadrezzar and Babylon*, op. cit., p. 32-3.

de de pedir Abisague foi interpretada por Salomão como uma pretensão ao trono (v. 22), apesar de sua aceitação (possivelmente sincera) de que ele fora “ignorado” (NEB) e que “o reino havia mudado” (RSV; “as circunstâncias mudaram”, NVI), i.e., *o reino se transferiu* para seu irmão e que o SENHOR era autor disso (v. 15).

É difícil julgar se a ação de Bate-Seba como intermediária foi um plano ou se foi devida à simpatia por seu próprio filho (v. 20-21). Sua posição como rainha-mãe era respeitada (*o rei se levantou*, v. 19) e poderosa. Um *trono* (NVI, BLH; “cadeira”, ARA, ARC) à mão direita do rei era um lugar de honra (SI 110.1; Hb 1.3; 10.12; IPe 3.22).

22. Salomão ficou abalado temendo que Adonias pudesse estar reclamando o trono novamente com base na primogenitura (1.5), com apoio sacerdotal e militar, além de requerer uma conhecida concubina real ou esposa para legitimar isso (v. 1.2-3,15; cf. 2Sm 3.6-7; 16.20-22).

23. A decisão de Salomão de impor a pena de morte é declarada por meio de um voto solene em nome de Deus (Javé). Essa decisão envolvia sua própria morte (*Deus me faça o que lhe aprovar*) e a de outros caso ele deixasse de fazer disso uma questão de vida ou morte. “Que Deus me castigue” [...] (NVI, BLH) expressa muito bem o sentido. O juramento declarava a sanção divina ao julgamento e a promessa de que a dinastia seria certamente sua (v. 24, heb.; cf. NRSV, RSV), pois Deus *me edificou casa* por meio do nascimento de um filho, Roboão (cf. 11.43; 14.22), assim como Deus havia prometido a Davi (v. 4; 1Cr 22.9,10).

ii. Abiatar, o sacerdote (2.26,27). Abiatar foi confrontado por seu apoio a Adonias (1.7; 2.22). A base para a clemência foi sua associação com os levitas e Davi (2Sm 15.24,29; cf. 1Sm 22.20-23). Isso é contrário à teoria de que este material seja um comentário editorial desaprovando as práticas sacerdotais (como o uso do éfode), o que não é afirmado aqui, mas, pelo contrário, é considerado pelo historiador como o cumprimento da profecia contra os sucessores de Eli (1Sm 2.31-33). A distinção entre sacerdotes levíticos e zadoquitas (considerados por alguns como jebusitas em sua origem) é de longa existência pré-exílica (v. tb. 2Rs 23.8,9).¹⁵ Desde esse momento até 171 a.C. (2Mac 4.24), a família zadoquita manteve o domínio tendo um de seus membros como sumo sacerdote. Abiatar foi confinado em Anatote (Anata), hoje identificada como Deir es-Sid, cerca de seis quilômetros a nor-noroeste de Jerusalém, defronte de Ras al Harrubeh,¹⁶ onde os sacerdotes viviam quando não estavam prestando serviço em Jerusalém (Js 21.1-3,18; Jr 1.1).

iii. Joabe (2.28-35). Joabe *se tinha desviado* (“conspirado”, NVI) com Adonias (cf. 1.7) e sabia o que lhe esperava. O direito a asilo no santuário

¹⁵ J. G. McConville, “Priests and Levites in Ezekiel”. *TynB* 34, 1983, p. 4-5.

¹⁶ M. Biran, “On the identification of Anathoth”, *Eretz-Israel* 18, 1985, p. 209-14.

aplicava-se apenas àqueles envolvidos em morte acidental, não em homicídio intencional (Êx 21.13,14), e a LXX faz uma interessante adição sobre a pergunta de Salomão a Joabe, questionando-o sobre a razão de ele ter fugido para lá. A punição para o assassinato é essencial (Dt 5.17) e Salomão constata que a responsabilidade pela morte caía sobre o próprio Joabe (“sobre a sua cabeça”) e não sobre Davi e sua casa (v. 31-33). Isso impede a interpretação de que o historiador esteja tentando encobrir Salomão ao colocar a culpa de volta sobre Davi. Joabe havia matado dois homens (v. 33; 2Sm 3.27; 20.9,10). Assim, sua morte era uma retribuição divina por meio de uma punição judicial. A “retribuição do sangue” era um ato de Deus não envolvendo uma luta de sangue¹⁷ e, assim, “o SENHOR fará recair a culpa de sangue de Joabe sobre a sua cabeça [de Joabe]” (NEB; cf. Gn 9.6; Sl 79.10) e não sobre a casa de Davi, muito embora os homens de Davi tenham sido os instrumentos que perpetraram a morte de Joabe.

34. Cf. versículo 31. Ser deixado insepulto era uma desonra e uma vergonha para a vítima e sua família (1Rs 13.22; Jr 16.16) e derramamento violento de sangue era algo que exigia vingança (Gn 4.10,11). Até mesmo os criminosos eram sepultados (Dt 21.23), como foi Joabe, em sua própria terra (heb. “casa”) e Samuel (1Sm 25.1). Essa era uma prática comum; neste caso, aconteceu provavelmente na própria sepultura de seu pai ou perto dela, próximo a Belém (2Sm 2.32) ou “em campo aberto” (BLH).

iv. Simei (2.36-46). Para completar o desejo de Davi, Salomão precisava: isava finalmente eliminar Simei, um membro da tribo de Benjamim e aparentado de Saul que havia amaldiçoado o rei Davi. Davi o poupou temporariamente (2Sm 16.5-16), mas pediu que o juízo fosse realizado por Salomão (v. 8-9). Salomão confinou Simei a Jerusalém para separá-lo de suas propriedades em Baurim (na encosta leste do monte Scopus) e, assim, impedir que ele armasse algum plano com seus companheiros benjamitas contra o trono. Isso foi feito por um acordo por meio de juramento de Simei (o termo “boa” implica um acordo formal, cf. v. 42-43). Salomão esperou até que Simei quebrasse sua aliança indo à Filístia para recuperar seus escravos fugidos. O retorno mútuo de fugitivos era comumente permitido em tratados interestaduais (como no texto de Alalake n.º 3 e no Ugarítico)¹⁸ e algumas cláusulas especiais quanto a isso podem ter sido feitas quando Davi esteve em exílio com Aquis (1Sm 27.2-7). Maaca é um nome comum, de modo que este Aquis pode ser um sucessor com o mesmo nome de seu avô. Mas mesmo a pressão das circunstâncias não deveria ter feito com que Simei esquecesse suas obrigações. O historiador mais uma vez deixa implícito

¹⁷ R. Yaron, “A Ramesside Parallel”, *VT Supp.* 1958, p. 432-3.

¹⁸ W. F. Albright, “New Canaanite Historical and Mythological Data”, *BASOR* 63, 1936, p. 24; F. C. Fensham, “The Treaty between Solomon and Hiram and the Alalakh Tablets”, *JBL* 79, 1960, p. 59.60; D. J. Wiseman, *The Alalakh Tablets* (Londres: British Institute of Archaeology at Ankara, 1953), no. 3, p. 31.

que a vítima trouxe julgamento de Deus sobre si mesmo e que Salomão estava administrando a lei com sabedoria.

46. A declaração reafirmando o estabelecimento do reinado de Salomão depois de três anos de governo é um elo com o final do reinado de Davi (v. 12). Uma vez que nenhum reino é estabelecido para sempre se estiver longe da observância da lei de Deus (1Sm 13.13), este versículo é uma adequada introdução ao reinado de Salomão.

II. O REINADO DE SALOMÃO (IRS 3.1—11.43)

Em todo lugar a ênfase está na sabedoria concedida por Deus a Salomão (3.1-15) e o uso que ele faz do dom para mostrar que era um homem de Deus (3.16-28). Tal sabedoria incluía habilidade na administração de questões econômicas (4.1-19), sociais e militares (4.20-28), assim como no aprendizado e na cultura (4.29-34). Isso ampliou sua posição internacional (4.34) e foi base para a preparação (5.13-18) e execução da obra do templo (6.1—9.9). O historiador registra outras atividades de Salomão (9.10-28) e descreve os esplendores de seu reino, os quais são internacionalmente reconhecidos pela rainha de Sabá (10.1-13) e relatados em detalhes (10.14-29). As características da sabedoria e da glória de Salomão foram selecionadas não apenas para dar continuidade ao retrato de um rei ideal, mostrando-o debaixo de uma luz favorável. Por todo o trecho — e também no epílogo de seu reino (11.1-13,33) — a história comenta suas deficiências em termos teológicos. Uma avaliação similar será usada para julgar sucessivos governantes em contraste com os reinados de Davi e Salomão. As fontes para esses episódios podem muito bem ter sido os Atos (anais) de Salomão (“Livro da História de Salomão”, 11.41,42), que eram atas da corte, registros de casos legais e administrativos, bem como arquivos do templo de um tipo conhecido, mantido por todos os reinos contemporâneos.

A. A sabedoria de Salomão (3.1—4.34)

A situação do início do governo de Salomão recebe uma cobertura breve abrangendo três áreas: a) política, b) econômica (v. 2) e c) religiosa (v. 3). O resultado será mostrado mais tarde pelo historiador, que enfatiza o papel exercido pela sabedoria (v. Notas Adicionais). Tal sabedoria é o marco de um rei justo, e seu reino inspirado por Deus será autenticado pela aquisição (v. 1-15) e exercício dela (v. 16,17).

i. Sabedoria concedida e demonstrada (3.1-28)

a. *Um prefácio do reinado (3.1-3)*. 1. Salomão “tornou-se genro” (*hātān*)¹⁹ n) 19 do rei egípcio. E possível que Davi tenha dado início à aliança diplomática, o

¹⁹ T. C. Mitchell, *VT* 19, 1969, p. 93; *TDOT* V, p. 270-7.

primeiro dos vários “casamentos dinásticos” que Salomão viria a fazer para aumentar seu poder (v. o cap. 11). Tais casamentos arranjados eram uma confirmação comum dos tratados internacionais, mas esse foi o início da derrocada espiritual de Salomão. Ele ilustra os perigos da ação baseada apenas em expediente político e era contrário à lei, uma vez que significa a aceitação de deuses estrangeiros (cf. Dt 31.16; 1Rs 11.1-6).

Se esse trecho é uma introdução a 1Rs 9.16,17; 14.25, então o faraó pode ter sido Sisaque (21ª Dinastia). É mais provável que tenha sido Siamun (978-959)²⁰ ou seu sucessor, Psusenes II (959-945). Naquela época, o casamento entre a filha de um rei egípcio e um estrangeiro era um fato conhecido. Salomão já era marido de uma amonita e tinha um filho (14.24; cf. 11.42,43).

A capital (“Cidade de Davi”) ocupava agora a colina de Sião (Ofel) e expandiu-se para o norte apenas quando Salomão concluiu *os seus palácios* (7.1-2), o templo (6.38) e o muro da cidade (9.15).

2. O *nome* identifica a pessoa/personalidade, presença e fama. Sobre o Nome do SENHOR veja 5.3.

3. Salomão é julgado de acordo com o padrão estabelecido na lei (Dt 6.5), e.g., seu amor pelo SENHOR (referindo-se à lealdade à aliança)²¹ e seu modo de vida. Historicamente, ele seguiu seu pai, mas, tal como ele, fracassou (cf. 15.5). *Porém* introduz o uso contínuo de altos (v. Notas Adicionais). Essa prática será usada pelo historiador para condenar os reinos seguintes.

Notas adicionais sobre os lugares altos

Altos (heb. *bāmāh*, normalmente no plural *bāmôt*); não necessariamente ligado ao ugar. *bmt*, cf. acad. *bamtu*, “campo aberto”. Eram locais de culto ou locais sagrados, normalmente no formato de uma plataforma lavrada na rocha com um altar ou um lugar de sacrifício. As vezes estavam localizados numa elevação (cf. Nm 22.41; 1Sm 9.13), como os encontrados em Megido e Arade, enquanto outros ficavam nas baixadas dentro das cidades (2Rs 17.29, Jerusalém, Hazor, Dã) ou mesmo num vale (Jr 7.31). Parece que o termo foi usado para diferentes tipos de santuários locais usados para vários propósitos. Embora alguns possam ter sido originalmente santuários cananitas tomados depois da conquista de Israel e usados como lugares de sacrifício e de festivais (1Sm 9; 10.5), outros parecem ter sido usados para a adoração a Javé (2Cr 33.17). O tabernáculo e o verdadeiro altar estavam localizados primeiramente no “Grande Lugar Alto” em Gibeão (1Rs 3; 2Cr 1).

²⁰ K. A. Kitchen, *The Third Intermediate Period in Egypt (100-600 B.C.)* (Londres: Aris & Phillips, 1972), p. 273-4, 280-3.

²¹ W. J. Moran, “The Ancient Near Eastern Background of the Love of God in Deuteronomy”, *CBQ* 25, 1963, p. 77-87; D. J. Wiseman, *The Vassal-Treaties of Esarhaddon* (Londres: British School of Archaeology in Iraq, 1958), p. 49,50, linhas 266-8.

Lugares mais elevados eram inicialmente santuários rústicos ou pequenos santuários-“portão” (Tirza e Dã), enfeitados com ídolos (2Cr 33.19), postes Ase-rá, pedras fixas ou altares dedicados a divindades pagãs (11.7). Alguns podem ter mantido santuários em “tendas”, seguindo a antiga tradição patriarcal (2Rs 21.3) ou terem sido feitos como pequenas construções ou casas (às vezes interpretados como “templos”) para guardar vasos sagrados, servindo assim a uma função mais pública. Não há confirmação de qualquer associação com um ritual que pudesse incluir sacrifício humano (mas cf. Jr 19.5; 32.35).

Esses lugares significavam uma ameaça à adoração pura a Javé e, depois da construção do templo central de Jerusalém, a maioria das referências a eles são pejorativas, pois eles representavam lealdade conflitante e concorrência de fidelidade. Os israelitas eram expressamente proibidos de usar tais lugares em sua adoração a Deus (Dt 7.5; 12.3), que poderia, contudo, sancionar a construção e o uso de altares especiais ali (Ex 20.24; Dt 12.6-14). Iniciada no reinado de Salomão, a tolerância aos altos levou à adoração sincrética e à apostasia. Desse modo, o “lugar alto” tornou-se sinônimo de abominação e seu uso ou abuso é notado pelo historiador e destacado como fator de condenação de um rei pecaminoso (e.g. 2Rs 17.7-18; 23.4-25).²² Altos foram estabelecidos por outros reis: e.g. Mesa de Moabe “construiu um alto para o Deus Quem os em Qarhoh” (Pedra Moabita, linha 3).²³

b. O dom da sabedoria (3.4-15). 4. *Gibeão* (El-Jib, dez quilômetros a noroeste de Jerusalém) como o *alto maior* (“o altar mais famoso de todos”, BLH; “o principal lugar sagrado”, NVI) era o local do tabernáculo e o altar depois do saque de Siló (1Cr 21.29; 2Cr 1.2-6). Alguns o identificariam como a capital de Saul (que não estava em Tell el-Ful) ou com Mispá de Benjamim. Era um antigo santuário levita (Js 18.25; 21.7). *Mil holocaustos* pode ser usado como uma generalização (no sentido de “muitos”; Dt 1.11; 2Cr 1.6). Todavia, indica que Salomão fez as ofertas sem que ele mesmo agisse como o sacerdote que as sacrificou (cf. 8.62,63; 2Sm 6.14; 24.25).

5. O resultado de uma visão noturna. O hebraico não faz diferenciação entre sonho, visão ou epifania. A revelação de Deus por meio de sonhos é bem atestada entre os hebreus (Gn 26.24; 28.10-17; Jz 7.13; 1Sm 3; 28.6; Dn 2.4; 7.1) e no Novo Testamento (Mt 1.20; 2.13,22), bem como nas nações em redor. No Egito (o “romance real”)²⁴ e na Babilônia tais visões autenticam um reinado e

²² Provan (p. 62-66) argumenta de maneira não convincente que a fórmula de julgamento mostra tolerância aos altos e ainda que, no pecado de Jeroboão e na adoração a Baal, os lugares altos eram “corretos em conteúdo, mas ilegítimos em termos do local onde era praticado”.

²³ *IBD*, p. 1016-7.

²⁴ Cf. *ANET*, p. 449.

formam parte do chamado divino ao novo governante. Elas não são necessariamente prova de influência estrangeira.²⁵

A indagação e a promessa de Deus — “Pede-me o que queres que eu te dê”, v. 5 — são sempre para estimular a fê (Mt 21.22; Mc 6.22; Jo 14.13,14; Tg 1.6). Promessas de uma resposta ou de vitória plena também são feitas em rituais de coroação (cf. Sl 2.8; 20.4-5).²⁶

i. A oração de Salomão (3.6-9). Ela tem quatro elementos:

(i) Reconhece a ação passada de Deus. *Benevolência* é um sentido muito pobre para o heb. *hesed* — “amor perseverante” ou “bondade”. Fidelidade, retidão e lealdade são a resposta requerida à aliança de Deus, mediante a qual ele se compromete a ter um relacionamento similar.

(ii) Ela pede pela continuidade do favor de Deus. A linguagem é a mesma de Deuteronômio (7.6,9,12; 9.5). A resposta é dada pela sabedoria divinamente concedida (v. Nota Adicional) e *discernimento* (NVI; heb. *bînâ*, v. 9,11,12), similar às passagens messiânicas de Isaías (11.2), que foram cumpridas em Cristo (1Co 1.30).

(iii) Ela expressa humildade. *Não passo de uma criança* (v. 7) mostra isso (cf. Jr 1.6; Mt 18.4) e confessa falta de experiência. Heb. e ARC “nem sei como sair, nem como entrar” significa possuir qualidades de liderança ou de gerir negócios (Nm 27.17; Dt 31.2; Sl 121.8), consequentemente, *não sei como conduzir-me*. Essa é uma oração que todos nós precisamos fazer.

(iv) Ela pede habilidade para cumprir as tarefas. O povo era “grande”, i.e., a responsabilidade era enorme (v. 8). Conforme prometido a Abraão (Gn 22.17,18), o povo era agora tão numeroso *que se não pode contar*.

9. A atitude de coração ou mente que ouve e obedece a Deus é o fundamento de toda verdadeira sabedoria (Pv 9.10). Isso resulta num “coração apto a ouvir” (NEB, heb. “um coração que ouve”; “um coração cheio de discernimento”, NVI) capaz de distinguir o certo e o errado e a decidir e *governar* (BLH; “julgar”, ARA e ARC). O *coração* (heb. *lēb*) inclui a mente e não é o lugar onde habitam as emoções, pois, no pensamento hebraico, a compaixão émana das “entranhas” (v. v. 26).

Nota adicional sobre sabedoria

Salomão é retratado como o rei “sábio” ideal que demonstrou “sabedoria” (*hokmâ*) em seus muitos aspectos. A sabedoria cobre toda a experiência humana. Ela inclui “discernimento” (*bînâ*), “visão” ou “insight” (*ʾr bînâ*) e “inteligên-

²⁵ C. H. W. Brekelmans, “Solomon at Gibeon”, in *Von Kanaan bis Kerala*, AOAT 211, 1982, p. 53-59.

²⁶ A. K. Grayson, *Babylonian Historical-Literary Texts* (Toronto: University of Toronto Press, 1975), p. 85, linhas 4-7.

cia”. Usada de maneira correta, ela traz sucesso e prosperidade (*sākal*). Esses sinônimos de sabedoria, juntamente com “conhecimento” (*yādāh*), são qualidades exigidas na liderança, conforme mostradas por Davi (1Sm 18.14) e pelo Messias (Jr 23.5; 1Co 1.24). A verdadeira sabedoria é o dom criativo de Deus, de quem é um atributo (Jó 12.13; Pv 3.19).

Sabedoria é a correta compreensão da realidade e é a base da vida ética e moral (Jó 11.6; Pv 2.6). É expressa na conduta da vida em “temor [reverência, maravilha] do SENHOR”, que é sua principal origem e objetivo (Jó 28.28; Pv 1.7, etc.). Ela surge de uma atitude de coração ou mente (1Rs 3.7,12) e é expressa também em prudência nas relações seculares. A sabedoria marca habilidades técnicas e perícia (Êx 25.3; 31.3,6). Também é demonstrada na habilidade de julgamento entre o certo e o errado (1Rs 3; 4.28) e sua aplicação na boa administração (1Rs 10.4,24; cf. José: Sl 105.16-22; At 7.10).

A sabedoria deve ser ensinada e passada adiante (Dt 34.9) e é o principal assunto da coleção de Salomão em Provérbios. Tal qual os “sábios” acadêmicos das cortes contemporâneas da Mesopotâmia e do Egito, Salomão desenvolveu habilidades na escrita e naqueles gêneros de literatura (assim chamada de “literatura de sabedoria”) que ensinavam sobre vida e natureza, sobre ética e valores estéticos e comportamento em geral (1Rs 4.32). Isso incluía sérias discussões (“O Justo Sofredor”) e obras didáticas de todos os tipos. Entre essas, textos Escriturais de referência relatando assuntos filosóficos e naturais podem ser comparados, em forma literária, com os livros bíblicos de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão.²⁷ No Antigo Testamento, a sabedoria é personificada (Pv 9.1-6) e o conhecimento de Deus em relação a ela é enfatizado (Pv 2.6; 9.10).

ii. *O SENHOR responde (3.10-15). 11. Longevidade* (“muitos dias para ti”), *riquezas, a morte de teus inimigos* (“a alma dos teus inimigos”) e *glória* (v. 13, esplendor exterior) são marcas típicas de um grande rei (cf. Pv 3.16; 21.21 e textos do Oriente Médio antigo). Tais pedidos não são errados em si mesmos. *Vida longa* (v. 14, BLH) pode ser uma recompensa por guardar os caminhos de Deus (Ex 20.12; Sl 91.16). A extensão dos dias pode às vezes nos ser concedida para que cumpramos o plano de Deus para nós (cf. Ezequias, 2Rs 20.5,6). *Riqueza* também pode ser uma marca da bênção de Deus (Sl 112.3), o resultado da sabedoria (Pv 14.24), a recompensa pela humildade (Pv 22.4) e pelo trabalho duro (Pv 10.4; 14.23), próprios de um rei (1Rs 10.23). O perigo das posses é uma

²⁷ W. G. Lambert, *Babylonian Wisdom Literature* (Oxford: Clarendon Press, 1960); E. I. Gordon, “A New Look at the Wisdom of Sumer and Akkad”, *Bi.Or.* 17, 1960, p. 122-152; a sabedoria egípcia (*s3r.t*) é expressa de maneira similar em “verdade” (*ma'at*, “inteligência, justiça”); J. A. Wilson, *The Culture of Ancient Egypt* (Chicago: University of Chicago Press, 1951), p. 48; veja bibliografia em *TWOT*, p. 284 e traduções de Literatura Didática e de Sabedoria em *ANET*, p. 405-40.

atitude errada em relação a elas e ao seu uso (Pv 28.20; Jr 9.23,24; 1Co 1.29,30). É comum o SENHOR conceder algo além daquilo que foi pedido (Mt 6.33; Lc 12.31). Salomão ainda é lembrado por aquilo que Deus lhe deu (sabedoria) e adicionou (riqueza e glória), além da imaginação (cf. Ef 3.20). De acordo com nossos padrões, ele não viveu uma vida longa (morreu com cerca de sessenta anos, 11.42), pois deixou de cumprir a exigência divina no versículo 14.

15. Salomão passou a revelação adiante. Ele reconheceu o novo e próximo mo relacionamento entre ele mesmo, o adorador, e Deus oferecendo *oferas pacíficas* (cf. Lv 7.15-17), apresentadas em gratidão pelo término de uma obra ou pela restauração de um relacionamento (cf. Lv 7.11-17). A atitude de Salomão de pôr-se *perante a arca da Aliança* (i.e., serviu/adorou) pode representar seu hábito costumeiro antes de a arca ser instalada no novo templo (8.1-9). Salomão deu testemunho público de seu relacionamento com Deus como rei, assim como o de um rei com o povo, confirmando-o (como nos rituais de coroação) com um *banquete* (e.g. “pão e vinho”).

c. *Um exemplo da sabedoria dada por Deus a Salomão (3.16-28)*. Os antigos reis da Mesopotâmia mantinham registros de decisões legais excepcionais que eram apresentados às suas deidades como um relatório de que eles haviam agido de maneira sábia como “um rei justo”.²⁸ Há remanescentes desses detalhados documentos escritos e Israel parece ter seguido uma prática similar. A evidência de ambas as partes é apresentada de maneira oral (v. 16-22) e o rei faz um resumo (v. 23).

A sabedoria de Salomão reside em seu uso da mentalidade perspicaz dada por Deus. Ele viu que a ameaça de morte da criança revelaria os sentimentos da verdadeira mãe num apelo urgente contra isso (v. 24-26). Ele pronuncia sua decisão de forma breve (“ele respondeu [à prova] e fez uma declaração”; cf. “o rei deu o seu veredicto”, NVI).

O incidente é citado aqui como exemplo da sabedoria jurídica de Salomão. Embora seja um tipo com paralelos mundiais, a prova circunstancial apresentada significa que ela não é “passada e legendária”.²⁹ O oprimido tinha acesso direto ao rei, um privilégio exercido especialmente em questões de herança (2Rs 8.3). Uma decisão real era considerada equivalente à palavra divina e assim era aceita (Pv 16.10). Quando as testemunhas divergiam, método sagrados de orientação (Urim e Tumim) não eram agora mais usados (cf. 1Sm 28.6). Alguns consideram isso como parte de um argumento de que Salomão estava mais preocupado com a administração do que Davi, que estava preocupado com a guerra (5.17-19).

²⁸ E.g., as Leis de Hammurapi. D. J. Wiseman, “Law and Order in OT Times”, *Vox Evangelica* 8, 1973, p. 9,10.

²⁹ Cf. R. B. Y. Scott, “Solomon and the Beginnings of Wisdom in Israel”, *VT Supp* 3, 1955, p. 262-279, considera isso como um fenômeno literário posterior a Ezequias, mas cf. o “protocolo real” egípcio contemporâneo.

16. *Prostitutas*, heb. *zônôt*, poderia igualmente significar estalajadeira (como no Targum; cf. Raabe, Js 2.1).³⁰

26. *O amor materno se aqueceu* (heb. “suas entranhas se aqueceram”, cf. “seu coração se lhe enterneceu”, ARC). Na psicologia hebraica popular, as “entranhas” (fígado) são comparados ao nosso “coração”, onde se considerava estarem o centro das emoções (como no heb. Gn 43.20; Jó 30.27; gr. “baço”, Fp 1.8; 2.1; 1Jo 3.17).

28. *A sentença* (*mispāt*; NVI *veredicto*) é citada como base para o respeito pela sabedoria sobrenatural do rei, que também tinha uma qualidade espiritual (cf. 1Co 1.17,24,25; Ef 1.17) que seria a marca de todo líder piedoso (At 6.3).

ii. A sabedoria de Salomão na administração (4.1-34). A sabedoria de Salomão é mostrada agora abrangendo sua administração de casos do estado, incluindo sua escolha dos membros do gabinete (4.1-6) e dos governadores dos distritos (v. 7-19) e sua reestruturação do comércio para controlar os suprimentos do palácio do templo, as taxas e a mão-de-obra (v. 20-28). O historiador então resume a excepcional qualidade e abrangência da sabedoria real, que abrangia a cultura internacional e o conhecimento (v. 29-34). Veja a nota adicional sobre sabedoria (p. 85).

a. Os altos oficiais de Salomão (4.1-6). Veja essas listas cf. 1Crônicas 18.15-17; 2Samuel 8.15-18; 20.23-36. Todo rei tinha reuniões pessoais com sua corte e o comando do exército. Salomão mostra a continuidade da política de Davi ao empregar Benaia, filho de Joiada, e Adonirão, filho de Abda, como também na inclusão de seus genros (Ben-Abinadabe, v. 11, e Aimaás, v. 15), sobrinhos (Azarias e Zabude) e auxiliares próximos. O neto de Zadoque deu continuidade à influência da família sacerdotal. Embora a ênfase possa estar em sua preocupação para manter o reino unido (“todo o Israel”), como era debaixo de Davi (2Sm 8.15), a inclusão por parte de Salomão de um oficial encarregado dos novos distritos que surgiram nas áreas tribais tradicionais e de uma pessoa encarregada dos trabalhos forçados levaram a um reconhecimento que lançou a semente da ruptura entre o reino do norte e Judá que estava para se seguir.

2. *Homens principais* (“principais assessores”, NVI; heb. *sārîm*) é preferível a “príncipes”, ARC, pois esse termo designava a os oficiais mais graduados da corte (como no egip. *šr.w*).³¹ *Azarias* era neto de Zadoque e Aimaás (1Cr 6.9; 2Sm 15.29,36). *Eliorefe* pode ser uma indicação de que aqueles que haviam nascido no exterior (cananeus?) foram incluídos (cf. nome pessoal Hurrian E(h)liarip). “Encarregados da agenda”, NEB, está baseado na mudança do texto para “sobre o ano (outonal)” (*'al-hahôrep*). Mas os hebreus, diferentemente do epônimo

³⁰ D. J. Wiseman, “Rahab of Jericho”, *TynB* 14, 1964, p. 8-11.

³¹ T. N. D. Mettinger, *Solomonic State Officials* (Lund: Gleerup, 1971).

assírio (*limmu*), nunca nomeavam um ano novo dessa maneira, com os nomes dos oficiais. Além do mais, o início do Ano Novo no outono provavelmente não tem confirmação (v. nota sobre 2Rs 25.8).

3. “Escriba” ou *secretário* era um título profissional que abrangia desde um humilde escritor até um Secretário de Estado. Aqui, a existência de dois oficiais pode significar que um cobria os assuntos estrangeiros e outro os assuntos internos ou, conforme ilustrado na Assíria,³² que eles usavam diferentes métodos ou linguagens quando faziam os registros. “General-adjunto” (NEB) enfatiza seu papel administrativo principal, baseado em manter o controle de listas (*spr*). *Josafá*, que servira debaixo de Davi (2Sm 8.16; 20.24), continuava seu trabalho como *cronista* (*mazkîr*). Como tal, ele era mais um chefe de protocolo³³ do que “encarregado de lembrança”, ou aquele que registra o passado. Sua situação era quase a de um Secretário de Estado (NEB).

4. *Zadoque e Abiatar* podem ter sido pessoas de nomes iguais aos de 2Samuel 8.17; 20.28 e não apenas tirados da lista de Davi que consta daquela passagem, como alguns defendem.

5. *Natã* é um nome comum, mas poderia ser uma referência ao filho de Davi (2Sm 5.14,15), em vez de se tratar do nome do profeta (1.11). A utilização de *intendentes* (v. 8-19) ou “administradores dos distritos” (BLH) ou ainda “governadores regionais” (NEB) foi um conceito introduzido por Salomão para ajudar a promover suas reformas. O “amigo do rei” ou “conselheiro pessoal do rei” (como acontece na Inglaterra) era um ofício que teve Husai como último ocupante do cargo (2Sm 15.37; 16.16). A posição também é citada em textos de Amarna (cananeus).

6. *Aisar* era o *mordomo* (heb. “aqueles que cuida da casa”), i.e., ele era “o inspetor da casa (real)” e dos imóveis (NEB). Com o passar do tempo, esse ofício cresce em prestígio, chegando até a posição de primeiro ministro (1Rs 16.9; 18.3; 2Rs 10.5; 15.5; 18.18-37).³⁴ Alguns mss gr. adicionam “Eliabe, filho de Joabe, sobre o exército”. *Adonirão* pode ser aquele que foi apontado por Davi para o mesmo ofício (2Sm 20.24), que até mesmo sobreviveu à época de Roboão (1Rs 12.18, mas ali se lê “Adorão”?). Você poderá encontrar um comentário sobre o papel desempenhado por aqueles que *trabalhavam forçados* (heb. *mas*,³⁵ como alalaque *masu*) ao concentrar oposição ao regime em 1Rs 5.13-18; 9.15-22.

³² IBD, p. 412.

³³ R. J. Williams, “A people come out of Egypt”, VT Supp 28, 1975, p. 235.

³⁴ Esse título oficial aparece na inscrição da sepultura de Sebna (Is 36.3.22; IBD, p. 1431) e no selo de Gedalias de Laquis (2Rs 25.22; IBD, p. 545).

³⁵ Cf. o selo “de Pela’yahu que está encarregado dos trabalhos forçados” (N. Avigad, “The Chief of the Corvée”, IEJ 30, 1980, p. 170-173); pl. 18, D-6 (lendo *lpl yhw 'sr 'l hms*; o inverso associa Pel ayah a um Mattiyah(u), *lpl'yh w mty'hw*).

b. Os distritos administrativos de Salomão (4.7-19). As novas subdivisões ajudaram a centralizar o controle de taxaço e o recrutamento de mão-de-obra para o serviço. O sistema parece ter sido um desenvolvimento salomônico, independente de influência egípcia.³⁶ Salomão tentou preservar as regiões tribais tanto quanto possível (I, II, X, XI), incorporar antigas áreas cananitas adjacentes recentemente ocupadas (II, IV, V) e fazer ajustes para trazer elementos estrangeiros para o reino (VI, VII, IX, XII). Veja o mapa na página 84. O plano não objetivava explorar o potencial econômico praticamente igual de cada área, nem menosprezar deliberadamente a independência das famílias tribais, especialmente as da “casa de José”. O novo sistema desenvolveu-se a partir de prática anterior e permaneceu basicamente sem mudanças até o final dos reinos divididos. A apresentação geográfica parte basicamente do centro (I — V), Transjordânia (VI — VII), ao norte (VIII — X) e ao sul (XI — XII).³⁷

As variações e abreviações de nomes pessoais têm sido entendidas como marcas de uma alteração no texto original ou que aqueles chamados apenas pelo nome do pai (*Ben* = “filho de”) possuíam um ofício hereditário.³⁸ Tais listas administrativas são confirmadas de tempos antigos em Mari e em outros lugares. Os breves detalhes geográficos podem ter tido a intenção não de definir fronteiras precisas, mas de indicar nomes tribais proeminentes ou lugares associados a cada distrito em função de impostos.

8. I. *Ben-Hur*. As montanhas de Efraim abrangiam parte de Manassés indo até a planície de Jezreel.

9. II. *Ben-Dequer*. A leste de Sefelá, sudeste de Efraim, antigo território de Dã (Jz 1.35). Era limitado a leste por *Macaz*, localidade desconhecida, a não ser que seja identificada como Khirbet el-Mikezim, 17 km a noroeste de Bete-Semes. *Saalabim* (moderna Selbit) ao norte, no vale do Aijalom (cf Js 19.42; Jz 1.35). *Bete-Semes* (Tell er-Rumeilah) ao sul, 24 km a oeste de Jerusalém. *Elom*, ao oeste, pode ser tanto “Aijalom” como “distante de” (LXX).

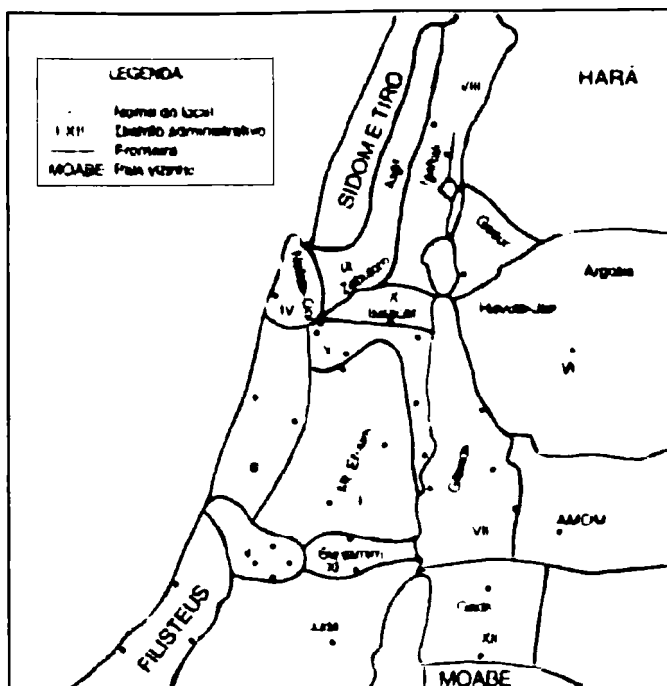
10. III. *Ben-Hesede* tinha a área da costa indo até abaixo do porto de Dor (Sarom) e parte de Manassés. *Arubote* (moderna ‘Arrabeh) na planície costeira ou ao sul do vale de Dotã. *Socó* (Khirbet Suweikeh) é citado em registros egípcios. A *terra de Héfer* deveria cobrir o território das filhas de Zelofeade (Nm 26.32,33; Js 12.17), o uádi Tirza até Samaria, em vez de ser identificada com um sendo Tell Ifshar, na planície de Sarom.

³⁶ D. B. Redford, “Studies in relations between Palestine and Egypt” in J. W. Wevers e D. B. Redford (eds.), *Studies on the Ancient Palestinian World* (Toronto: University of Toronto Press, 1972), p. 141-156, que argumenta que o sistema de taxaço de Salomão não era egípcio, mas local em sua origem.

³⁷ Mettinger, *op. cit.*, p. 120,121; cf. N. Na’aman, *Borders and districts in Biblical Historiography* (Jerusalém: Simor, 1986), p. 167-201.

³⁸ Mettinger, *ibid.*

Distritos Administrativos de Salomão



11. IV. *Ben-Abinadabe* foi o primeiro primo e genro de Salomão (1Sm 16.8; 17.13). A área coberta ia desde abaixo de Dor até o Carmelo. *Naphot* pode ser a descrição de “altos” (*nūp*) ou “terra da madeira” de Sarom (Lxx, Js 12.18).³⁹

12. V. *Baaná*, irmão de Josafá (v. 3), tinha a planície sul de Jezreel, território de Issacar, e o vale ocidental do Jordão. Estava incluídas as cidades cananéias de Taanaque (Tell Ta’annak) e Megido (Tell el-Mutesellim),⁴⁰ onde o palácio do sul foi identificado como tendo sido usado por Baaná. Sua área também se expandia pelo sul, de *Bete-Seā* (Beisan), descendo pela costa ocidental do rio Jordão até Abel-Meolá (Tell Abū-Šūs), até as proximidades de *Zaretā* (Tell Umm Hamad; 1Rs 7.46) pelo uádi Far’ah. *Jocmeão* (Tell el-Mazár) era uma cidade levítica a leste de Efraim (1Cr 6.68).

³⁹ M. Ben-Dor, “**נָפֹת** — A Geographical Term of possible ‘Sea People’ Origin”, *Tel-Aviv* 3, 1976, p. 70-3.

⁴⁰ G. I. Davies, *Megiddo* (Cambridge: Lutterworth, 1986); Y. Yadin, “Megiddo of the kings of Israel”, *BA* 33, 1970, p. 95.

13. VI. *Ben-Geber*. Na Transjordânia, perto de *Ramote-Gileade* (Tell Ramit), possivelmente fundada por Salomão. Essa área era fértil e foi ocupada por aldeias (“povoados”, NVI; TM *hawwôt*; “vilas de tendas”, NEB), assim como por cidades fortificadas anteriormente governadas pelo rei Ogue, de Basã (Dt 3.4). Alguns consideram o versículo 19 como uma nota suplementar desse distrito que, juntamente com VII, ia até Hamã e Moabe.

14. VII. Inclui o sul de Gileade e as terras tribais de Gade. *Maanaim* (Tell ed-Dhehab, a norte do rio Jaboque) foi a capital durante o governo de Isbaal (2Sm 2.8) e Absalão (2Sm 17.24).

15. VIII. *Aimaás* abrangia Naftali e a Galiléia Superior até Hazor. Ele era um dos filhos de Zadoque (2Sm 15.27).

16. IX. I.e., a terra de *Aser* entre Naftali e o Mediterrâneo, incluindo o oeste da Galiléia (cumprindo assim Gn 49.13). *Husai* citado aqui é provavelmente o amigo de Davi (2Sm 15.37). *Bealote* (ou “em Alote”, AV, Js 15.24) pode significar “ascendentes” (*ma'alôt*) ou um apelido de Zebulom.⁴¹

17. X. O território de *Issacar* (Js 19.17-23) estendia-se da planície central de Jezreel até o rio Jordão.

18. XI. As terras de *Benjamim* ficavam ao norte de Jerusalém e a oeste do Jordão, compreendendo as terras altas centrais ao sul de Efraim. *Simei* talvez seja o já citado em 1.8.

19. XII. *Geber* talvez se diferencie de Ben-Geber (v. 13) por causa do *filho de Uri*. A área cobria o sul da Transjordânia do distrito VI até parte de Gileade. Alguns seguem a LXX (2Sm 24.5) e lêem “Gade” em vez de “Gileade” (como no *New Bible Atlas*, IVP, 1985, p. 43). Esta era tradicionalmente a terra de Seom (cf. Dt 4.46) e de Ogue de Basã (Dt 3.8-17). A falta de referência a Judá nessa lista poderia ser explicada pela expressão “havia só um intendente nesta terra” (i.e., “No território de Judá”, BLH) — ou seja, esses doze distritos eram adicionais a Judá, que permaneceu sem alteração, alguns dizem sem taxaço. Outros consideram que isso é uma referência a Azarias (v. 5) — “além disso, um governador sobre todos os governadores da terra” (NEB, Josefo). Outros seguem a RSV e consideram Judá como o distrito XII (v. mapa na página anterior).

c. Provisões para a corte (4.20-28). A LXX omite alguns versículos.

20. O bem-estar social e econômico do estado é enfatizado (como também bem nos v. 27 e 28). *Numerosos como a areia que está ao pé do mar* significa “incomensurável”.⁴² *Comiam, bebiam e se alegravam* (“se divertiam, AV; heb. “eram felizes”) denota um contentamento harmonioso entre os vários grupos.⁴³

⁴¹ Y. Aharoni, *The Land of the Bible* (Londres: Burns & Oates, 1979), p. 89, 315.

⁴² Gn 22.17; 32.12; Sl 78.27; Is 10.22; Jr 33.22; cf. Hb 11.12; Ap 20.8.

⁴³ Cf. 8.65-66 e frases similares na estela assíria de Asumasirapli II, c. 869 a.C.

21. Este versículo dá início a um novo capítulo no TM (onde 5.1-14 = EVV 4.21-34, como também na BJ). O reino se estendia *desde o Eufrates [...] até à fronteira do Egito* (uádi el-Arish, 8.65); veja a promessa feita a Abraão em Gênesis 13.14-17. De fato, por causa da rebelião, algumas partes foram logo perdidas para Edom (1Rs 11.14-21) e também para Damasco (1Rs 11.23-25).⁴⁴ Davi controlara os arameus (2Sm 8.3-8; 10.16,19), Hamate (2Sm 8.9) e Filístia (2Sm 8.1) e Salomão e estava prestes a fazer uma coligação com a Fenícia (1Rs 5.24). *Tributo (minhã)* incluía “presentes, dádivas” e pode não representar dívidas regulares.

Existem paralelos nos textos egípcios e babilônios quanto ao arranjo das alocações diárias nos versículos 22-27 (heb. 5.2-8).⁴⁵ Não é possível calcular a quantidade de pessoas envolvidas, uma vez que as proporções poderiam variar com a situação dos recipientes, de modo que se estima que variavam entre 12 mil e 35 mil.

22-23. O *coro* (*cōr*; NEB “kor”) era uma medida de capacidade. Tal como o ômer, equivalia a seis bushels (220 litros), i.e., 185 bushels de *flor de farinha* (*sōlet*, uma iguaria) e 375 bushels de *farinha*, uma farinha mais grossa de outros cereais (*qāmāh*). A maioria dos bois era *cevado* em estábulos, mas alguns eram alimentados *de pasto*. Os *veados* e os outros mamíferos citados eram iguarias de mesa, assim como as *aves*, que poderiam ser gansos, galinhas ou “cucos” (BJ).

24. Não é uma mera repetição do versículo 21, pois *aquém do Eufrates* (“região Transeufratênia”, BJ; “banda de cá do rio Eufrates”, ARC) é uma referência à região de Eber nari cf. vista da Babilônia (Ed 4.10,11) e definida como *Tifsa* (gr. *Thapsacus*, a moderna Dibseh), definida como “o vau” que cruza o Eufrates; i.e., a fronteira nordeste do reino de Salomão, assim como Gaza marcava sua fronteira sudoeste (ao contrário de “Azzah”, AV).

25. *Desde Dã até Berseba* marca os limites tradicionais da Palestina (12.29,30, conforme Jz 20.1). A singular frase *tinha paz por todo o derredor* (v. 24) denota assim que Salomão controlava por acordo “todos os que passavam por ali” (‘*abārīm*) e em volta (*missabīb*, heb. v. 4), não apenas “em todas as suas fronteiras ao redor” (BJ). A ênfase na transferência de um reino para outro é encontrada em seu comércio internacional (cf. 10.28,29). Viverem *confiados* significa confiança em Deus (Lxx *elpizō*, “esperança”), ecoa Deuteronômio 12.10. Somente Deus poderia providenciar isso (Sl 4.8; Pv 1.33; Dt 33.12,28).

O contentamento marcado pela expressão *cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira* (cf. 2Rs 18.31; a expressão plena ocorre aqui em Reis) ecoa Deuteronômio 8.8 e Miquéias 4.4. Será que este símbolo aumenta a importância de João 1.48?

⁴⁴ A. Malamat, “Aspects of the Foreign Policies of David and Solomon”, *JNES* 22, 1963, p. 3ss.

⁴⁵ Veja *IBD*, p. 516; *NBD*³, p. 386 (item “Food”).

26. *Quarenta mil cavalos em estrebarias* (ARA, ARC; *urôt*), BLH “baias”.⁴⁶ De acordo com alguns manuscritos da LXX, eram “quatro mil”, 2Cr 9.25) para serem usados com 1.400 carruagens (10.26) usando um par de cavalos cada, mais as reservas. Contudo, a palavra tem sido mais bem interpretada como “jugo conjunto”.⁴⁶ Em 853, Acabe supriu duas mil carruagens do Reino do Norte. *Doze mil cavaleiros (paras)*: a palavra heb. pode significar “cavalo” ou “cavalo e cavaleiro”⁴⁷

27-28. *Forneciam [...] provisões (klkl, cf Acad. kakkaltu)*, conforme usado aqui (cf. heb. *kul*, “conter”, Is 6.11; 20.17) e por Jeremias (Jr 6.11, etc.), denota fornecimento ininterrupto e *coisa nenhuma deixavam faltar* pode melhor indicar que quando *lhe chegavam à mesa (haqqārēb)* para pedir hospitalidade “eles não eram dispensados por qualquer razão” (*dr*, do acad. *adāru* usado de “eclipsado”). Os *outros cavalos* (NVI; heb. *rekes*) não eram “dromedários” (AV) ou “cavalos rápidos” (RSV), mas os que estavam “presos” e eram treinados para correr junto com os outros, quer em conjuntos de carruagens ou como reservas (cf. “animais de tração”, BJ).

d. *A sabedoria de Salomão (4.29-34; heb., 5.9-14)*. A definição de sabedoria é considerada além da habilidade legal e administrativa e do insight, abrangendo *larga inteligência* (v. 29, ARC “largueza de coração”; rsv “largueza de mente”) comparada com a escola de sabedoria *do Oriente* (v. 30, Mesopotâmia, Gn 2.8) em lugar da Arábia, que era considerada sul⁴⁸ (Jr 49.28). Este era o manancial de sabedoria reunida em livros de provérbios, enigmas, contos populares, acrósticos, cânticos, diálogos e instruções passadas adiante pelo sistema educacional.⁴⁹ Os textos da escola egípcia também cobriam muitos desses aspectos de sabedoria. A sabedoria de Salomão era maior que a do Egito (cf. Gn 41.8; Êx 7.11; At 7.22): “pelo fato de sua sabedoria sobrepujar em vez de ignorar a deles, todos se reuniam para ouvi-lo”⁵⁰ (cf. Jo 7.46) e tornou-se proverbial (Mt 12.42). Ele foi o mais sábio até Jesus (Lc 11.31). Os homens sábios citados não pertenciam a uma única escola ou corte e é possível que apenas mais tarde eles tenha sido associados a dons especiais como cantar (1Cr 2.6,7; 6.31-33, cf.

⁴⁶ K. Deller, *Or* 27, 1958, p. 312,313; S. Parpola, “Collations and other Remarks”, *JSS* 23, 1976, p. 172.

⁴⁷ D. R. Ap-Thomas, “All the King’s Horses?” In J. I. Durham e J.R. Porter (eds.), *Proclamation and Presence* (Atlanta: John Knox Press, 1970), p. 135-151.

⁴⁸ D. J. Wiseman, “Light from the East”, *Bulletin of the Middle Eastern Cultural Center in Japan*, V: Near Eastern Studies dedicated to H.I.H. Prince Mikasa Takahito Mikasa on the Occasion of his Seventy-fifth Birthday, 1991, p. 469-471.

⁴⁹ Veja também D. J. Wiseman, “Israel’s Literary neighbours in the thirteenth century B.C.”, *Journal of Northwest Semitic Languages*, V, 1977, p. 77-91.

⁵⁰ Derek Kidner, *Wisdom to Live By* (Leicester: IVP, 1985), p. 15 (=The Wisdom of Proverbs, Job and Ecclesiastes [Downers Grove: IVP, 1985], p. 15).

os cabeçalhos de SI 88 e 89).⁵¹ É possível que os nomes não sejam hebraicos ou cananeus em origem, nem há necessidade de considerá-los figuras lendárias. Tradições judaicas posteriores associam Etã a Abraão, Hemã a Moisés, Calcol (“o fornecedor”, cf. v. 27) a José e Darda (com alguma dificuldade) à geração (*dōr*) do deserto

32. Os *provérbios* eram reunidos em livros; esses *māsāl* incluíam parábolas, símiles, metáforas e provérbios-enigmas, todos muito comuns no Oriente Médio antigo a partir do terceiro milênio. Longos escritos da Mesopotâmia e do Egito atestam uma tradição similar à exercida por Salomão. Diz-se que Provérbios contém 582 provérbios de Salomão. *Cânticos* eram catalogados por sua linha de antiguidade. Sobre Salomão e cânticos de amor veja Cântico dos Cânticos.⁵²

33. Relatos sobre a flora e a fauna eram feitos nos textos babilônios⁵³ e se fizeram referências a eles em provérbios (cf. Pv 6.6-8; 26.2-3, 11; 28.1, 15) e fábulas (Jz 9.8). A compilação de tais listas era um exercício escolar padrão.

Embora esse relato reflita a educação de Salomão como um homem sábio comparável àqueles que pertenciam a outros estados contemporâneos de sua época na literatura e na qualificação científica, ele não era simplesmente retórico. A criação de jardins zoológicos e botânicos na capital era um feito do qual muitos governantes se vangloriavam. Seu propósito não era apenas o prazer, mas tinha também fins práticos, além de prover apoio para o palácio e o templo. Adad-shuma-usur (c. 1200 a.C.) fez isso na Babilônia onde, mais tarde, Nabucodonosor construiu seu famoso “Jardim Suspenso”, c. 600 a.C. Outros exemplos de jardins reais murados já foram confirmados em Nínive, onde aqueles feitos por Tiglate-Pileser I (c. 1100 a.C.) foram conservados por Assurbanipal (600 a.C.), enquanto, em Calah (Nimrud), Ashur-nasir-apli II (860 a.C.) montou um jardim com pelo menos 85 espécies diferentes.

Desse modo, é muito possível que Salomão tenha criado parques e jardins (como Ec 2.5); sua beleza e fragrâncias são refletidas em Cântico dos Cânticos (e.g. 1.14; 2.3; 6.2, etc.). De acordo com a tradição judaica (Josefo, *Ant.* viii.7.3), Salomão também teve jardins 9 km ao sul de Jerusalém, fora de Belém, em Etã (2Cr 11.6, como LXX SI 74.15, a moderna Etham, Khirbet el Hoh), que tinha parques e riachos em abundância. No tempo de Zedequias, o jardim do rei era regado por um canal que vinha de Siloé (2Rs 25.4; Ne 3.15).⁵⁴

⁵¹ W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel* (Baltimore: Johns Hopkins Press, 1943), p. 127; R. De Vaux, *Ancient Israel: Its Life and Institutions* (Londres: Darton, Longman & Todd, 1961), p. 392 (“coristas”).

⁵² G. Lloyd Carr, *The Song of Solomon, TOTC* (Leicester: IVP, 1984).

⁵³ E.g., a série de léxicos babilônicos HAR.ra=*hubullu*; uru.an.na. etc.

⁵⁴ D. J. Wiseman, “Mesopotamian Gardens”, *Anatolian Studies* 33, 1983, p. 137-144; “A New Stela of Ashurnarsipal II”, *Iraq* 14, 1952, p. 24-44; Y. Shiloh, “City of David Excavations 1978”, *BA* 42, 1979, p. 168.

O *cedro que está no Líbano* era a árvore mais alta e com a maior largura (cf. 5.6; SI 80.10) e o *hissopo sírio* (*'ezōb*) era a menor, devido à interrupção de seu crescimento normal (50-70 cm) ao crescer em um muro. NEB traduz como “manjerona”.

34. A sabedoria oriental era apresentada tanto de maneira oral quanto escrita. Era transmitida entre as cortes pelos sábios itinerantes. LXX adiciona “e recebiam presentes”, como era costumeiro (v. 10.1-6). ato

B. As construções de Salomão (5.1—9.9)

O historiador concentra-se no trabalho singular de Salomão em construir o templo (capítulo 6) pela negociação de suprimentos de madeira e habilidades não disponíveis dentro de Israel (5.1-18). A construção do Palácio Real e da Sala do Julgamento (7.1-12) é seguida pela decoração dos novos prédios (7.13-51), a colocação da arca (8.1-21) e a dedicação da obra (8.22-66). O relato da segunda aparição de Deus (9.1-9) termina como um epílogo, com a reiteração dos termos para a bênção da dinastia, assim como houve o prólogo quando a obra foi iniciada (3.4-14).

A construção e a conservação de grandes prédios para administração religiosa e pública era uma responsabilidade de todos os monarcas do antigo Oriente Médio.⁵⁵ Isso era feito não apenas como uma tradição ou para assinalar a introdução de um novo reino, nem era feito para marcar a legitimidade do rei ou como um gesto de propaganda para condicionar as pessoas não urbanas à centralização do poder.⁵⁶ A construção de um templo imponente na capital certamente servia como um símbolo que basicamente era erguido para honrar a divindade nacional que, desse modo, vivia entre seu povo como a derradeira autoridade, demonstrando a unidade da nação. Salomão está fazendo algumas coisas singulares e novas para Israel. Deus (Javé) estava presente para presidir sobre todo seu povo. Sua afirmação de que os planos foram revelados e concedidos por Deus tem paralelos em relatos de outros reis como Gudea na Suméria (c. 2050 a.C.), que teve um sonho no qual ele foi ordenado a governar e recebeu os planos detalhados para a construção de seu templo.⁵⁷ Em seu caso, também, diz-se que a sabedoria divina exerceu um papel importante.

Há pouco apoio para a teoria de que o templo foi uma reconstrução de um local sagrado anteriormente pertencente aos jebusitas e só posteriormente atribuído a Salomão. A construção deveria empregar o melhor da perícia contemporânea e ser adaptada para enfatizar a visão distinta de Deus como invisível e

⁵⁵ E.g., ANET, p. 268, 270; S. N. Kramer, *The Sumerians* (Chicago: University of Chicago Press, 1983), p. 137-140 e Introdução desta obra, p. 42, n. 3.

⁵⁶ Contra K. W. Whitelam, “The Symbols of Power: Aspects of Royal Propaganda in the United Monarchy”, *BA* 49, 1986, p. 166-73.

⁵⁷ ANET, p. 268,269; IBD, p. 103.

localizável, ainda que estivesse em todo lugar. O templo de Jerusalém também serviu para centralizar a adoração e assim, em teoria, levou à diminuição da importância dos altos (e.g., Gibeão como o local do tabernáculo). Isso coincidiu com um plano nacional pela unidade de todos os grupos.

O programa completo da construção termina com detalhes de comércio internacional (9.10-28), exemplos da sabedoria de Salomão (10.1-13) e esplendor (10.14-29) que destacam sua fama internacional.

Há muita especulação sobre a fonte original desse material. E de se esperar que os escribas de Salomão tivessem mantido em forma escrita planos, relatos, listas e outros registros, seguindo a confirmada prática contemporânea. O todo é uma narrativa historicamente plausível e unificada.

i. Organização dos materiais e da mão-de-obra (5.1-18; heb. 5.15-32).

a. *A aliança com Hirão, rei de Tiro (5.1-12)*. Israel não tinha madeiramento em tamanho e quantidade suficientes, nem pedras e nem homens habilidosos para assumirem o projeto de construção em grande escala. A oportunidade de obter tudo isso veio quando Hirão, que já havia suprido Davi com tudo isso (2Sm 5.11), enviou a Salomão a costumeira troca de saudações devido à sua coroação.

1. *Hirão governava Tiro* em c. 969-936 a.C. (e possivelmente era co-regente com seu pai Abi-Baal desde 980 a.C.). Ele *fora amigo de Davi* (trad. do heb. *ohēb*, “amor”, conforme usado num relacionamento pactual próximo, e.g., Dt 6.5; Mt 22.37).⁵⁸ O tratado de comércio deu a Tiro acesso a comércio no continente em Israel e Judá, no mar Vermelho e na Transjordânia.⁵⁹

A seção seguinte (v. 2-6) é uma típica correspondência diplomática citando o destinatário (v. 2), fazendo referência a contratos anteriores (v. 3,5) e fazendo o movimento inicial para um acordo econômico específico (v. 6). O texto de 2Crônicas 2 fornece detalhes adicionais. O próprio Davi planejava construir o templo, mas foi impedido de levar essa tarefa adiante por causa das condições instáveis resultantes da guerra (2Sm 7.1-16) e a inexperience de sua família (1Cr 22.2-5). Isso não é conflitante com a declaração de que seu fracasso em fazer a obra se deveu ao fato de ele ser um guerreiro e de ter derramado sangue (1Cr 28.3). O próprio Davi reconhecia que isso não seria possível antes de sua morte e da vitória final (v. 5, 2Sm 7.12,13). Muitos reis contemporâneos que haviam ido à guerra construíram templos. Agora era o tempo escolhido de Deus (v. 4). Colocar *os seus inimigos [...] debaixo dos pés* (v. 3, LXX/Kethib “dos pés [do SENHOR]”; Qerē “meus pés”, i.e., de Salomão) era o ato simbólico de marcar conquistas (“os tornasse sujeitos a ele”, REB; Js 10.24; Sl 8.6; cf. Rm 16.20;

⁵⁸ W. L. Moran. “The Ancient Near Eastern Background to the Love of God in Deuteronomy”, *CBQ*, 25, 1963, p. 77-87.

⁵⁹ F. C. Fensham, “The Treaty between the Israelites and Tyrians”, *VT Supp* 17, 1969, p. 71-87.

1Co 15.25,27; Ef 1.22). Na arte contemporânea, os inimigos eram frequentemente representados como escabelo (como em SI 110.1, ARC).⁶⁰

4. *Descanso de todos os lados* (BLH “paz”, cf. 4.24) cumpriu a promessa de Deus a seu povo (Êx 33.14; Dt 12.10; cf. Hb 4.1-11). Isso foi literalmente verdadeiro somente no início do reinado de Salomão. Não havia *inimigo* (TM *sātān*). Posteriormente, Satã foi personalizado (cf. 11.14,23,25; 1Cr 21; Jó 1.6). Também não havia *adversidade*, melhor “acontecimento ruim”, AV; “perigo de ataques”, BLH, também é preciso.

5. O templo é interpretado aqui como “casa” (*bêt*), tanto no sentido de lugar de adoração quanto de casa real. Os templos frequentemente recebiam um nome de acordo com a divindade principal, mas, aqui, o Nome refere-se à pessoa de Deus e à sua auto-revelação, presença e posse (Êx 20.24; Dt 12.5). *Ao* é literalmente “com referência a” o nome do SENHOR Deus (Javé ou YHWH). A imagem do templo é posteriormente evocada para ser aplicada ao crente (1Cr 3.16,17; 6.19; Ef 2.21).

6. *Pois* (heb. “e então”, RSV) introduz a mensagem ou o assunto principal da carta.⁶¹ *Do Libano me cortem cedros* (*Cedrus libani* loud.). Os cedros crescem até uma altura de cerca de trinta metros em altitudes superiores a 1.500 metros e eram comumente usados por reis egípcios, assírios e babilônios para sustentar grandes tetos de templos. Juntamente com o cipreste (“Savínia do oriente”, *Juniperus excelsa*) e *faia* (ARC, v. 10; o pinheiro da Sicília, *Abies cilicica*), a madeira própria para vigamento e construção era abundante nas colinas do Libano / Taurus. Hirão concordou em fornecer a madeira, que seria conduzida *em jangadas* (v. 9) até o destino na costa mediterrânea escolhido por Salomão. O lugar era Jope (2Cr 2.16) ou nas proximidades de Tell Qasileh, na foz do rio Yarkon.

9. As *jangadas* (*dbr rôt e rapsôdôr*, 2Cr 2.16) aparecem apenas aqui e podem significar toras amarradas lado a lado (*dbr*) com cordas, até serem “quebradas” ou separadas para serem transportadas em terra. Uma carta assíria de c. 740 a.C. faz referência aos sidônios (v. 6) em conexão com o comércio de madeira de construção.⁶²

Como pagamento por esses suprimentos, Salomão tinha que prover comida a todos os oficiais subordinados de Hirão (v. 10-12). O historiador estende-se sobre o efeito da resposta de Hirão. O pagamento anual representava três quartos do que o próprio Salomão recebia de sua própria corte, mas em diferentes mercadorias (4.22,23).

⁶⁰ E.g., ANEP, p. 417; IBD, p. 519.

⁶¹ Cf. 2Cr 2.3-10; P.S. Alexander, “Remarks on Aramaic Epistolography in the Persian Period”, JSS 23, 1978, p. 155-70.

H. W. F. Saggs. “The Nimrud Letters”, 1952- Part II”. Iraq 17, 1955, p. 126-8.

⁶² H. W. F. Saggs. “The Nimrud Letters”, 1952- Part II”. Iraq 17, 1955, p. 126-8.

11. *Trigo* abrange todo tipo de grãos e *azeite batido* (como no heb.) era o azeite finamente prensado em pilão e almofariz, ao contrário do resíduo mais bruto do moinho de pedra. A quantidade de “azeite virgem” (como na BJ, ou “azeite de oliva puro”, BLH) era provavelmente de vinte coros (como no TM, RSV), em vez de *vinte mil batos* (uma medida), i.e., 435.000 litros, presentes em 2Crônicas 2.10 (e na LXX). Não é necessário pensar que Salomão fez um mau negócio em troca dos suprimentos que recebia. Contudo, o pagamento teria ajudado a empobrecer seu reino nos anos finais.

12. Tudo isso foi incorporado numa *aliança* (*b'rît*) entre os dois reis. São conhecidos outros tratados econômicos do primeiro milênio (e.g., Assíria e Matî'el da Síria).

b. Uma nota adicional sobre o uso da mão-de-obra de Israel (5.13-18).

13. O recrutamento ou trabalho forçado é bem comprovado na Síria e na Palestina nesse período.⁶³ Mão-de-obra escrava (*mas'obêd*), totalizando 150 mil homens, era formada principalmente por população não-israelita (“cana-neus”), uma vez que era proibido ao hebreu escravizar seu igual (1Rs 9.21; Lv 25.39). Os *trinta mil* empregados que ficavam fora do país por quatro meses ao ano eram conscritos dos israelitas (*dentre todo o Israel*).

14. *Adonirão*, cf. 4.6. *Alternadamente* (*h'lipôt*; Av “em turnos”) pode ser derivado do heb. *hālap*, “mudar” ou do acad. *hitlupu*, “cumprir turno”.

15-16. Os números e as categorias são gerais, e.g., *que levavam as cargas* (*nōsē' sabbāl*, “puxadores”, REB). Os pedreiros (mineiros) trabalhavam em lugares não definidos *nas montanhas* (TM, omitido na NEB, BLH, REB), provavelmente fora de Israel. Os *três mil e trezentos* descritos como *chefes-oficiais* (RSV; “capatazes”, NVI; cf. 4.1,7) podem ser seus representantes, i.e., numa proporção de um para cinquenta; em alguns MSS, lê-se em 2Cr 2.2 “três mil e seiscentos”. Com a adição de 550 oficiais principais (9.23; cf. 2Cr 2.18, totalizando 3.850), pode ser que apenas as onze tribos do norte estivessem envolvidas (perceba os múltiplos de onze). Há pouca base para mostrar que os números são exagerados ou forjados para aumentar a reputação de Salomão.

17-18. *As pedras grandes, e pedras preciosas, e pedras lavradas* (cf. “pedras de valor”, 7.11) ou “grandes blocos” (NVI) eram “extraídas” (*removidas*) e aparelhadas (*gāzît*) provavelmente para compor as bordas de acabamento de alvenaria conforme atestado nas pedras de fundação adornadas nas bordas encontradas nesse período.⁶⁴ O trabalho altamente técnico de moldar madeira e pedra (*psl*, em vez de simplesmente “preparar”) envolveu homens de Israel,

⁶³ T. N. D. Mettinger, *Solomonic State Official* (Lund: Gleerup, 1971), p. 134-136; I. Mendelsohn, “State Slavery in Ancient Palestine”, *BASOR* 85, 1942, p. 14-17; A. F. Rainey, “Compulsory Labour Gangs in Ancient Israel”, *IEJ* 20, 1970, p. 191-202.

⁶⁴ E.g., *IBD*, p. 106.

Sidom e Gebal juntos (7.13). *Homens de Gebal* (NVI; “giblitais”, ARA; “gebalitas”, ARC): Gebal é Gubla ou Biblos, sendo que alguns lêem como “bordado como entalhes” (*yagbilim*, AV “enquadrador de pedras”), mas isso exige emendas ao texto.

ii. A construção do templo (6.1-38). Cf. 2Cr 3.1-14; Josefo, *Ant.* vii.3.1-3. O exterior (v. 2-14), o interior (v. 15-30), a entrada (v. 31-35) e o pátio (v. 36) são descritos com detalhes insuficientes para se fazer qualquer reconstrução. Alguns aspectos (local, posição, fundações) são omitidos e há diferenças entre este e o relato livre posterior presente em 2Crônicas (3 e 4) e Ezequiel (41 e 42)⁶⁵ que poderiam ser explicados por mudanças subsequentes. As variantes da LXX também não são significativas⁶⁶ e alguns comentários são adicionados pelo historiador (v. 11-13). Os detalhes dos materiais, medidas e decoração podem presumir um relatório arquivístico, ou podem ter sido extraídos da lembrança de algum observador ou da instrução oral dada a um dos artifices.⁶⁷ 3.0

O templo estava localizado na eira de Araúna, comprada por Davi (2Sm 24.24), em vez de ter sido erigido sobre um santuário de origem jebusita. A área é atualmente marcada pelo Domo da Rocha (ou do Rochedo; Haram ash-Sharīf) em Jerusalém. A planta segue basicamente o desenho do tabernáculo, mas com o dobro do tamanho (Êx 26.15-25; 36.34), consistindo de (i) Hall de Entrada (Vestíbulo ou Pórtico, *'ûlām*), (ii) Santuário (Santo Lugar, hall principal ou nave, *hēkāl*) e (iii) Santuário Interior (Santo dos Santos, lugar santíssimo, *dʿbîr*). Veja a planta na página 94.

Como nenhum vestígio arquitetônico sobreviveu ao saque em 587/6 a.C., a planta tem sido comparada a muitos templos anteriores, especialmente os de Tell Tainat, Alalake, Ebla e Ras Shamra, na Síria, e em Megido, Hazor, Siquém e Arade na Palestina. Uma vez que estavam envolvidos artesãos da área costeira do Levante e daquelas áreas, é de se esperar haverem semelhanças. Parece que Salomão modificou o projeto contemporâneo em voga, o de um “templo comprimido”, incluiu uma área especial — o Santo dos Santos — no fundo e adicionou outras estruturas em volta.⁶⁸

O caráter sagrado e especial do templo era marcado principalmente por seu nome, elevação (visibilidade) e isolamento (santidade, separação). Não era apenas uma “capela real”, embora tenha sido construído dentro da cidadela e do complexo do palácio, pois era usado como o foco nacional da adoração ao Deus

⁶⁵ E.g., J. B. Taylor, *Ezekiel*, TOTC (Londres: Tyndale Press, 1969), p. 254-6.

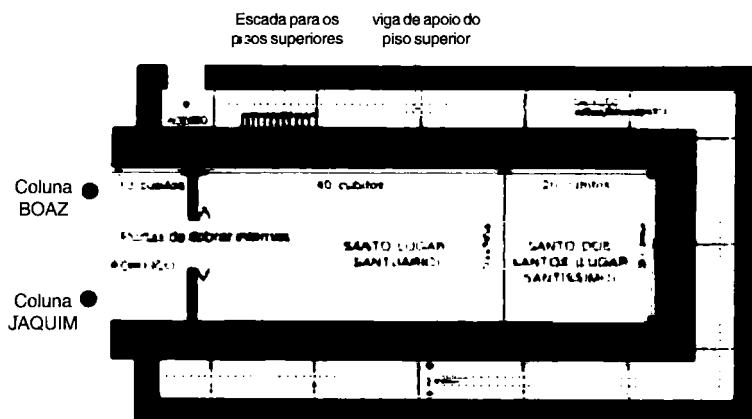
⁶⁶ D. W. Gooding, “Temple Specifications: A Dispute in Logical Arrangement between the MT and LXX”, *VT* 17, 1967, p. 143-172.

⁶⁷ Noth, *op. cit.*, p. 102-106.

⁶⁸ C. J. Davey, “Temples of the Levant and the Buildings of Solomon”, *TynB* 31, 1980, p. 107-46.

Javé de Israel. Seu propósito era abrigar a arca (v. 19). Embora fosse a “casa de Deus”, era menor que os prédios em volta, mas tinha espaço suficiente nos pátios ao redor para a adoração congregacional. Uma sugestão de reconstrução do templo é apresentada na página 97.⁶⁹

Planta do Primeiro Templo



a. A data da fundação (6.1). Ela é fornecida em relação a evento nacional, como acontecia com reis assírios e babilônios. Isso fornece detalhes precisos da obra realizada por seus antecessores em lugares sagrados. Desse modo, Nabucodonosor I da Babilônia (1150 antes de Cristo) refere-se ao rei Gulkishar, 690 anos antes, e Senaqueribe da Assíria (688/7 a.C.) fala da recuperação de estátuas dos deuses de Ekallate roubados por Marduk-nadin-ahhe 418 anos antes.⁷⁰ Outras inscrições encontradas em construções indicam o número de anos desde que o templo foi fundado ou de sua última reforma. Salmaneser I da Assíria (c. 1245 a.C.), por exemplo, reformou o templo em Assur 580 anos depois de Shamshi-Adad I (c. 1820 a.C.) tê-lo feito; Tukulti-Ninurta reformou um templo que fora fundado 720 anos antes por Ilu-shuma; Tiglate-Pileser III (c. 740 a.C.) restaurou outro templo que já fora reformado tanto por Shamshi-Adad I e, diz ele, 641 anos depois por Ashur-dan I.⁷¹

⁶⁹ Reproduzido de *IBD*, p. 1527. Cf. *NBD* (ed. de 1962), p. 1243; fig. 204.

⁷⁰ J. A. Brinkman, *A Political History of Post-Kassite Babylonia 1158-722 B.C.* (Roma: Pontifical Bible Institute, 1968), p. 83-4.

⁷¹ S. Lackenbacher, *Le Roi Bâtitteur* (Paris: Editions Recherche sur les civilisations, 1982), p. 15-19, 180.

A informação *No ano quatrocentos e oitenta* poderia ser uma generalização para indicar a passagem de doze gerações (cada uma delas com 40 anos, Dt 1.3) e, desse modo, ser o ponto médio da observação do historiador desde o Êxodo até o exílio. A tradição da LXX (“440 anos”) tem sido semelhantemente considerada como onze gerações, de Arão até Zadoque. Podemos comparar isso com o arcabouço cronológico presente em Mateus 1.7. Outros ainda consideraram isso literalmente como uma indicação da data do êxodo (c. 1446 a.C.),⁷² enquanto outros adotam a idéia de que a “saída do Egito” poderia se referir a um evento posterior. O *ano quarto* do reinado de Salomão tem sido colocado, por meio de datação comparativa (Hirão, a fundação de Cartago, etc.), entre 957/6 e 968/7 a.C.⁷³ *Zive* é explicado como *o mês segundo* (abril/maio = Lyyar no calendário babilônio), uma vez que os calendários locais (cf. *Bul.*, v. 38) não foram mais usados depois do segundo milênio antes de Cristo (há mudanças similares em Mari, Alalake e Ras Shamra).

b. A estrutura (6.2-10). O templo é chamado de “casa” (*bêt, byt*) por toda a narrativa, ou “a Casa do SENHOR” (Javé, 6.1), como no óstraco posterior de Arade (*byt (l)yhwh*).⁷⁴ A medida interna é de 30 m de comprimento por 10 m de largura por 15 m de altura, de acordo com o cúbito grande ou cúbito real (ou côvado, 50 cm).⁷⁵ A entrada do pórtico era aberta e alinhada com a largura do templo e tinha dez cúbitos *de fundo*. *Diante da casa* (ARC; *hêkāl*) é uma palavra emprestada do babilônio *ekallu*, usada em relação a qualquer grande estrutura, palácio ou templo ou ainda parte deles, como uma ala (cf. v. 17).

4. Os três termos técnicos normalmente traduzidos como *janelas* ainda precisam ser melhor entendidos (TM *hallônē š qupim* “*tumim*). Eles poderiam descrever a forma de *janelas de fásquias fixas superpostas* (ARA) ou *janelas com grades estreitas* (NVI) ou ainda janelas *que eram mais estreitas do lado de fora do que do lado de dentro* (BLH), como num castelo medieval.⁷⁶ Tais aberturas, porém, ainda não foram arqueologicamente comprovadas para esta época. O heb. *hallônē* tem sido considerado como uma característica arquitetônica típica

⁷² J. J. Bimson, *Redating the Exodus and Conquest* (Sheffield: JSOT Press, 1978), defende mais uma vez a data do século XV a.C.

⁷³ Cf. Josefo, *Contra Apionem* 1.18.116,117; M. B. Rowton, “The Date of the Founding of Solomon’s Temple”, *BASOR* 119, 1950, p. 20-22; H. Y. Katzenstein, “Is there any Synchronism between the Reigns of Hiram and Solomon?”, *JNES* 24, 1965, p. 116,117; J. Liver, “The Chronology of Tyre at the Beginning of the First Millennium BC”, *IEJ* 3, 1953, p. 113-120; H. Y. Katzenstein, *The History of Tyre* (Jerusalém: Schocken Institute, 1973).

⁷⁴ *IBD*, p. 1531 (século VI a.C.).

⁷⁵ O cúbito real varia: heb. 51.82 cm; Bab. 50,3 cm; Egip. 52.45 cm; cf. nr. nív.

⁷⁶ Cf. Ez 40.16; Sir. “obliquo e estreito” e não “abrindo e fechando” (*contra BA* 4, 1941, p. 26). J. Ouellette, “*atummim*” in I Kings xii:4”, *Bulletin of the Institute of Jewish Studies*, 2, 1974, p. 99-102, o considera como um pavimento superior.

da Síria/Assíria de um pórtico elaborado em frente a um edifício principal (*bit hilāni*) com salas laterais, colunas (cf. assir. *timmu*), soleira com vergas e batente (assir. *askuppātu*), janelas e uma galeria.⁷⁷ Nosso autor pode ter tido uma construção assim em mente aqui.

5-6. As câmaras laterais estavam numa *estrutura* (NVI; *andares*, ARA), i.e., sobre uma plataforma. Elas provavelmente eram curvadas do lado de dentro com suportes volantes (heb. *š'āl'ôt*, “costelas”; acad. *sillu*, “arco”, conseqüentemente “arcadas” NEB) para dar acesso. Isso pode explicar de que maneira elas circundavam a parede da casa, com espaço no chão entre a parede externa e a “costela”, aumentando conforme se subia de nível. As vigas se apoiavam em saliências ou “rebaixos” (REB, v 9-10, *migrā'ôt*, “reduções”) em toda a volta das paredes exteriores do templo principal, evitando assim fazer buracos na parede do santuário (v. 7). O espaço total da área de armazenamento — 3.060 cúbitos, usada para ofertas de “pagamento”, feitas em espécie — era duas vezes maior do que a área da adoração dentro do próprio templo.⁷⁸ Uma possível reconstrução é apresentada no diagrama da página 108.⁷⁹

7. Como se achava que uma ferramenta de ferro poderia violar a estrutura santa, o trabalho de preparação das pedras foi feito *nas pedreiras* (cf. Êx 20.25).

8. O caminho para as salas de armazenamento laterais, usadas para guardar equipamentos, ofertas e possivelmente as vestes sacerdotais e os utensílios, dava-se por uma abertura ao sul (“do lado direito da casa”, ARC; “ângulo direito”, BJ; heb. *ketep*) para o piso térreo (“andar inferior”, NVI e RSV). O TM traz “intermediário”, o que implica que a escada (*lūllīm*, LXX, Vulg. Targ.) levava a este piso e aos superiores (cf. BJ, sir. “alçapão”). *Caracóis* é influenciado por uma suposta característica arquitetônica que se pensava ter sido encontrada no templo de Alalake.

9-10. O templo terminado é coberto e revestido internamente com cedro (e provavelmente com pinho ou cipreste, veja v. 8, 14-16). A obra em madeira incluía “pranchões” (ARC, *spn*) e um *tabuado* ou “forro” (NVI; *s'dērôt*) formando uma espécie de abóbada na parte superior. (heb. *gēbim*)

c. Um lembrete da promessa de Deus (6.11-13). Esses versículos não estão na LXX. O historiador lembra o leitor das condições espirituais nas quais a presença de Deus habitaria com seu povo (Lv 26.11,12). Para que haja uma dinastia contínua (os termos incluem uma dinastia ou uma casa governante, 2Sm 7.12-16), a aliança deve ser cumprida. A promessa é que Deus jamais *aban-* não

⁷⁷ J. Börker-Klän, “Der bit hilani des Assur-Tempels”, *ZA* 70, 1981, p. 29-59, 258-273; o *hilani* também é descrito como tendo um “bico” ou “aberturas” (*appate*) e “portas dobráveis” (*bi t muterrēti*).

⁷⁸ K. A. Kitchen, “Two Notes on the subsidiary rooms of Solomon’s Temple”, *EI* 20, 1989, p. 107-12.

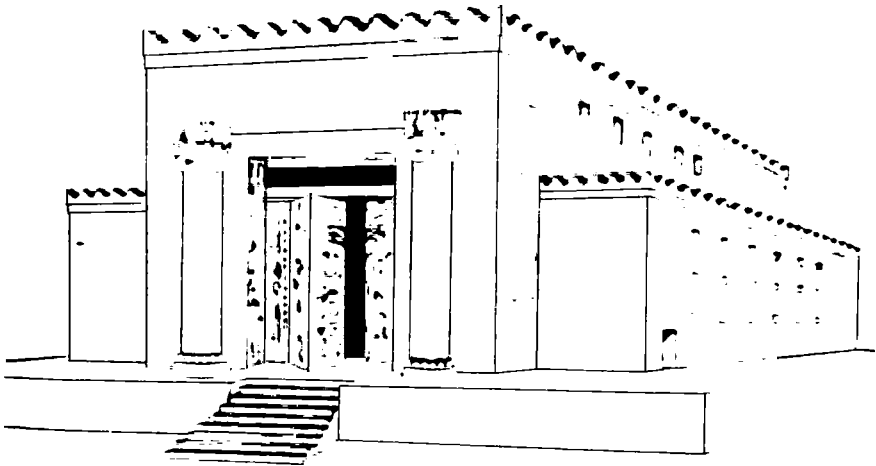
⁷⁹ Cf. G. E. Wright, “Solomon’s Temple Resurrected”, *BA* 4, 1941, p. 26.

donaria nem se afastaria do seu povo (Dt 31.6,8; Js 1.5; 1Sm 12.28; Hb 13.5). Essas são palavras adequadas, talvez trazidas por um profeta ou por meio de sonhos (1Rs 3.5; 9.2-9) em algum ponto crucial do projeto.

d. O trabalho em madeira do interior (6.14-18). Os termos técnicos ainda não são plenamente compreendidos e as frases repetitivas e explicativas poderiam muito bem ser um comentário do historiador quando o templo foi destruído. As *tábuas de cipreste* (v. 15, NRSV) ou “pinho” (NVI) podem ter formado um arco (*sal’ôt*) ou um teto abobadado (*teto* segue a LXX *qôrôt*, em vez de TM *qîrôt*, “paredes”); veja também versículo 10.

16. O santuário é definido como o *Santo dos Santos* (“Santíssimo Lugar”, ar”, BLH; “Lugar Santíssimo”, NVI)⁸⁰ “particionado” (NEB) ou separado do salão principal (*hékāl*). A palavra usada para o santuário interior (*ḏ bîr*) é usada somente na descrição da construção do templo⁸¹ e pode estar relacionada à parte “de trás” (heb. II *dābār*, “virar as costas”; acad. *dabāru* em vez de “oráculo” (heb. I *dābār*, “falar”, como na ARC, AV, RSV).

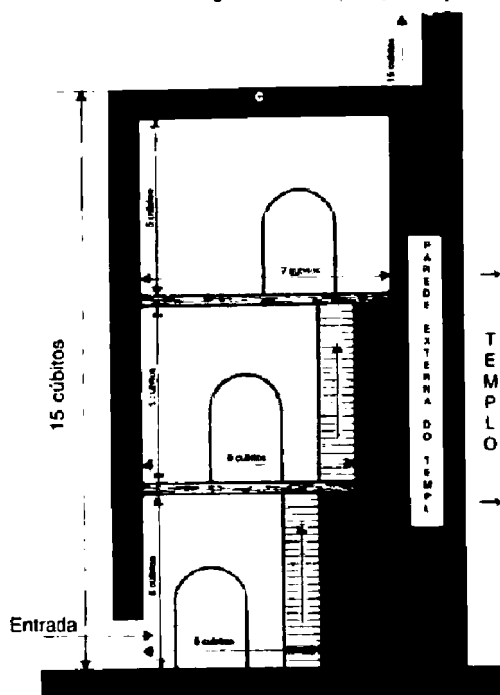
O Templo de Salomão (reconstrução de Steven)



⁸⁰ I.e., o superlativo “Lugar Santíssimo” ou “Santo dos Santos”.

⁸¹ I e 2Reis. 2Cr 3 — 5 e Sl 28.2.

Salas de armazenagem do templo (elevação lateral)



18. Um resumo da obra de madeira realizada não está presente na LXX nem relacionado com os versículos 19-22, que descrevem o revestimento de ouro. O desenho de *colocintidas* ("botões", ARC; "frutos", NVI; *Citrullus colocynthis*, cf. 1Rs 7.24; 2Rs 4.39,40) e *flores abertas* ("festões", BJ; "lírios", LXX) não necessariamente eram símbolos de fertilidade, mas eram motivos decorativos comuns encontrados em grande uso nessa época.

e. O santuário interior (6.19-28). Ele foi projetado apenas para abrigar a arca da aliança — a caixa ou a arca na qual as tábuas com os requisitos da aliança de Deus (a lei) eram mantidos (Êx 25.16; Dt 10.1-5). O templo deveria ser o guardião e o testemunho da lei. Em comum com os princípios de arquitetura religiosa do Oriente Médio antigo, o lugar santíssimo deveria ser um cubo perfeito.⁸² A

⁸² D. J. Wiseman, *Nebuchadnezzar and Babylon* (Oxford: British Academy, 1985), p. 71-73; também as dimensões do altar de Ezequiel (43.16) e as torres do templo (ziggurats); "A Babylonian Architect?", *Anatolian Studies* 22, 1972, p. 143.

diferença em altura entre o santuário interior e o salão principal poderia ser atribuída a um teto mais baixo (que tinha uma câmara acima, 2Cr 3.9),⁸³ pela inclinação do telhado,⁸⁴ ou por degraus que levavam a uma plataforma elevada.

20. O uso de *ouro puro* — um símbolo da glória passada, do esplendor e da pureza (cf. Ap 21.18-21) — segue o exemplo do tabernáculo. O uso intensivo aqui é corroborado por outras estruturas antigas, com o ouro cobrindo até mesmo o chão (v. 30), o que não é exagero.⁸⁵

21. As *cadeias de ouro* (*rattîqot* ocorre apenas aqui) eram provavelmente aquelas nas quais a cortina (ou véu) estava pendurada ou enrolada (cf. 2Cr 3.14; Mt 27.51; Hb 6.19). O verbo *estender* (NVI; heb. “fez passar”, como na ARA) é interpretado na NEB como “estendeu um véu com correntes de ouro”.

22. O altar citado aqui é o de incenso (7.48; Hb 9.3,4).

23-28. *Os querubins*. Pode ser uma referência a esfinges de estilo siro-fenício ou figuras protetoras com características específicas não humanas (acad. *kuribu*) guardando a entrada do palácio e as portas do templo, com seus pés prontos para rechaçar o mal, ou figuras fazendo um gesto de adoração (assir. *karibu*). Outros os consideram como as figuras de apoio nas quais Deus estava invisivelmente entronizado (Is 37.16; Sl 80.1). Eles seriam similares às figuras aladas nos braços do trono real (cf. a obra de marfim de Megido ou Nimrud).⁸⁶ Podem ser diferentes das figuras de asas abertas, *cada um da altura de dez côvados* que cobriam a tampa (BLH) ou propiciatório (Êx 25.17-22; 30.6) e se estendiam por toda a largura do santuário interior. Sua localização não é clara, se estavam um de cada lado da casa (8.6,7) ou na parede do fundo, virados para a cortina (2Cr 3.10-13). De fato, eles podem representar as asas protetoras e defensoras de Deus em todo lugar.

f. A ornamentação e as portas (6.29-38). Surgem aqui detalhes adicionais aos citados no versículo 18. Querubim, palmeiras (palmeta?) e rosetas (“flores abertas”) são encontradas em caixas cobertas de ouro e na decoração de estilo sírio (os objetos de marfim de Nimrud). Se são simbólicos, eles poderiam representar o Jardim de Deus (Éden) ao qual a entrada era agora possível outra vez somente por meio da expiação.

29. A referência *tanto no mais interior da casa como no seu exterior* é equivalente ao heb. “de fora para dentro” (AV “dentro e fora”).

⁸³ M. Noth, *Könige*, 1968, p. 121; Th. A. Bustnik, *Der Tempel von Jerusalem von Salomo bis Herodes* (Leiden: E. J. Brill, 1970), p. 209.

⁸⁴ Davey, *op. cit.*, p. 109.

⁸⁵ A. R. Millard, “Solomon in all his Glory”, *Vox Evangelica* 12, 1981, p. 5-18; K. A. Kitchen, *The Bible in its World: The Bible and Archaeology Today* (Exeter: Paternoster Press, 1977), p. 103.

⁸⁶ Essas figuras são ilustradas em *ANEP* nos. 128, 332; *IBD*, p. 974, 1560; cf. M. E. L. Mallowan, *Nimrud and Its Remains*, II (Londres: Collins, 1966), pl. IX, p. 442, 465..

31-35. As portas eram *de madeira de oliveira* (NEB “oliveira brava”; heb. “*sê-semen*). A repetição de detalhes como o entalhe são comuns em listas antigas e não deve ser descartada como apenas um comentário. As portas tinham quatro umbrais ou *a verga com as ombreiras formavam uma porta pentagonal* pode ser uma referência ao espaço coberto pelas portas do santuário interior, i.e., “uma quinta parte” (AV) e da largura total (4 cúbicos são iguais a 2 m),⁸⁷ assim como as portas que davam para o salão principal cobriam um quarto de sua largura. As portas mais largas tinham painéis dobráveis em vez de vergas moldadas. Eram as *vergas* (*g’lilim*, acad. *galālu*, “cada folha tendo dois pivôs”, REB). Tudo isso foi coberto de ouro de maneira uniforme (*yāsar*, cf. RSV, e não “de ouro batido” como na NVI).

36. O *átrio interior* implica a existência de um átrio exterior maior (8.64; 2Cr 4.9, cf. “átrio superior”, Jr 36.10). A técnica de construção, colocando uma fileira de madeira entre duas camadas de pedras, é confirmada em vários prédios escavados na Síria e também pode ter servido como proteção contra os danos causados por um terremoto.⁸⁸ 64;

37-38. Foram necessários sete anos e meio para completar o templo *tal como devia ser*, ou seja, “em relação a todos os assuntos (*dbar*) e todo o plano elaborado” (*mispāt*, como no heb.). *No mês de bul* significa o oitavo mês do antigo calendário, veja versículo 1. Durante todo o processo, Salomão usou as melhores habilidades e materiais disponíveis em sua obra para o seu Deus. Isso confirma sua devoção naquela época e deveria ser a atitude de todos os verdadeiros adoradores (cf. v. 7; Mt 2.11; 2Cr 8.1-5; 9.6-15).

iii. A construção de seu palácio (7: 1-12). Uma vez que o templo é o foco principal do relato do historiador, menos espaço é dedicado ao complexo dos prédios reais seculares construídos para propósitos administrativos e judiciais. Todos eles estavam dentro de um grande átrio ao qual é feita apenas uma referência geral (v. 9-12). Esta seção não está presente em 2Crônicas e está colocada em outro lugar na LXX e em Josefo (*Ant.* viii.5.2). Contudo, a obra desses prédios consumiu quase o dobro do tempo da construção menor do templo, talvez tendo ocorrido ao mesmo tempo, em sete anos (v. 6-38), dando um total de 20 anos. 600

2. O Salão de Colunas (v. 6, também chamado de *Casa do Bosque do Libano*) era usado como uma câmara de audiência ou sala do trono e, com 46 m por 23 m por 13 m e meio, era maior que o templo. Também servia como tesouro do estado, exibindo objetos preciosos selecionados recebidos como tributo (cf. 10.16,17). Não era necessariamente um depósito de armas que, no Oriente Médio antigo, ocupava quartéis separados e guardados. 2 do

⁸⁷ I.e., a principal e mais ampla entrada tinha cinco cúbicos (2.5 m); A. R. Millard, “The Doorways of Solomon’s Temple”, *EI* 20, 1989, p. 135-9. 10

⁸⁸ *IBD*, p. 102; H. C. Thomson, “A Row of Cedar Beams”, *PEQ* 92, 1960, p. 57-63.

O prédio recebeu esse nome por causa das *quatro fileiras de colunas de cedro* que lhe davam uma aparência de floresta. Duas fileiras poderiam estar contra as paredes (cf. LXX, onde se lê “três linhas”) e duas voltadas para o centro, permitindo a existência de duas portas amplas. O telhado descansava sobre *quarenta e cinco vigas, quinze por fileira* (NVI; “câmaras”, ARA) e é possível que servissem como suporte para o piso de uma sala superior. Isso é mais provável do que vigas adornadas (*k-rutôt*, “coisa cortada”), como se fosse uma característica arquitetônica (e.g., “pranchões”, BJ).

4-5. Ao que parece, as *janelas* (*meh'zāh*, “lugares de ver” acontece apenas aqui, cf. 6.4) foram colocadas *de três em três* (NVI; “em três ordens”, ARA), provavelmente umas sobre as outras, i.e., elas “correspondiam umas com as outras em três níveis” (NEB). A forma precisa das janelas não está clara (cf. 6.4), mas estas e todas as aberturas *eram quadradas* (cf. NRSV, REB) e estavam apenas “na parte frontal”, i.e., no átrio principal.

6. O *pórtico de colunas* (*'ulām*, cf. 6.3) pode ter servido como sala de espera para aqueles que queriam ter uma audiência, com sua parte frontal sendo caracterizada por um *baldaquino* (RSV “dossel”; REB “cornija”; heb. *’āb*, cf. Ez 41.25,26; “grossas vigas”, ARC, AV), um termo arquitetônico característico que alguns supõem ser um teto ou uma protuberância (“nariz”, *’ap*) que se projetava. Uma janela ou balcão poderia fazer parte dessa característica (cf. 2Rs 9.30,32).

7. Explica-se que a *Sala do Trono* era a *Sala do Julgamento*, o lugar onde o rei governava (*spt*). Possivelmente era parte do grande edifício do Bosque do Líbano, uma vez que não são fornecidas as suas dimensões. O trono é descrito em 10.18-20. A sala era *coberta de cedro desde o soalho até ao teto* (a NVI segue a Vulg., Sir.), sendo que este último era também um *piso* (MT) formando o teto do átrio principal (RSV “piso do esteio”, cf. NRSV “piso com piso”, o que exige uma mudança do texto, *qōrōr*). A imagem apresentada pode ser a de um tabuado que se estendia “de um piso a outro”, i.e., da sala do trono até o átrio com pilares da parte de trás. Os aposentos reais estavam em um outro átrio mais para trás (como RSV).

8. Tendo-se concentrado no templo, o historiador simplesmente nota a similaridade do projeto. Os aposentos da rainha (e o harém?) não necessariamente tinham um projeto separado ou de aparência egípcia.

9. O átrio era de pedra e madeira (v. 6.36) e fica implícita a existência de mais ^{ais} de um átrio. As construções principais *eram de pedras de valor, cortadas à medida, serradas*, como calcário, que endurece depois de ser exposto ao ar. Exemplos de pedras de quatro a cinco metros de comprimento do período herodiano foram encontradas em Jerusalém. Todo esse relato serve para enfatizar o esplendor dos edifícios da capital.

iv. A mobília do templo (7.13-51). Cf. 2Reis 25.13-17; 2Crônicas 4.11-18. ^{18.} Não há conhecimento exato dos termos técnicos, o que prejudica a interpreta-

ção. Está claro que habilidades não israelitas foram usadas na decoração da casa de Deus. Isso foi considerado outra expressão de sabedoria inspirada prática, mostrada pela “sabedoria” e “entendimento” comparáveis àqueles usados na construção do tabernáculo (tenda; cf. Ex 31.3-5). Informação básica é fornecida em separado em relação às colunas de bronze (v. 15-22), ao tanque chamado de “mar de fundição” (v. 23-26), aos suportes móveis (v. 27-37) e às pias (v. 38-39), assim como outros itens descritos apenas aqui (v. 40-45). E adicionada uma nota em relação ao lugar onde a obra foi feita (v. 46-47) e são fornecidas listas de diferentes fontes com relação ao trabalho em ouro (v. 48-51). A correlação com outras listas indica a originalidade desses detalhes.

a. Hirão de Tiro (7.13-14). Às vezes os arquitetos são citados em textos relativos que tratam de construções antigas. A referência à mãe de Hirão (o Huram[-abi], cf. v. 40-45; 2Cr 2.13) e sua ligação com Israel pode ter sido incluída para formar um retrato “nacionalista”. A ligação entre as fronteiras de Naftali e Dã (cf. 2Cr 2.14) pode ter sido incluída em função do primeiro casamento de sua mãe.

b. As colunas de bronze de Jaquim e Boaz (7.15-22). É possível que as duas colunas de bronze (cf. v. 41-42) fossem ocas (RSV, LXX fornecem uma largura de quatro dedos = 7,5 cm). As medidas — 8,1 m de altura e 5,4 m de circunferência (1,9 m de diâmetro) — estão de acordo com Jeremias 52.21 e podem incluir os capitéis originais (v. 16-20; cf. v. 41-42).

17. Os ornamentos das colunas eram *em forma de cadeia*, “redes de trabalho quadriculado” (NRSV) ou “faixas de rede ornamental” (REB) e havia *sete* para cada capitel (TM *sib* ‘â, leia-se “redes”, *šbākîm*, cf. RSV).

18. Em alguns MSS lê-se “romãs” (*rimmôm*, cf. ARA, NVI) e em outros “colunas” (*ammûdîm*, cf. ARC), dispostas em duas fileiras de uma centena (Jr 52.23) cobrindo o capitel ou a projeção *arredondada* (RSV, heb. *beten*, “bojo”). Foi encontrada uma romã de marfim com a inscrição “pertence à casa de YHWH”, e provavelmente era a ponta de uma vara usada no templo naquela época.⁸⁹

19-21. A ponta das colunas tinham a obra de um *lírios* (heb. *sûsan* ou egip. *ssn*, “flor de lótus”), provavelmente considerado um símbolo de vida.

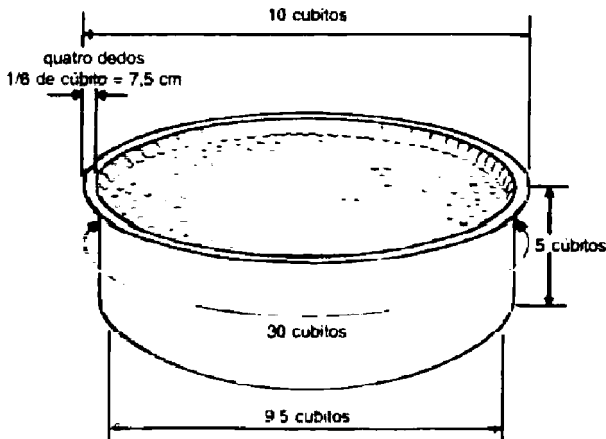
Há muita discussão sobre o posicionamento das colunas. Elas poderiam estar em pé, livres, como em diversas obras fenícias e de outros povos.⁹⁰ Tam-

⁸⁹ N. Avigad, “The inscribed Pomegranate from the ‘House of the Lord’”, *BA* 53, 1990, p. 158-166; *Israel Museum Journal* 8, 1989, p. 7-13; cf. *BAR* 16, 1990, p. 48-51 (Tell Nami). Você poderá encontrar mais informações em “The Pomegranate Scepter Head — From the Temple of the Lord or from a Temple of Asherah”, *BAR* 18, 1992, p. 42-5.

⁹⁰ De Hazor, Kamid el-Loz, Arade e Kition. Veja *IBD*, p. 726,727; 2Cr 15—17 implica que elas estavam soltas “em frente” ao templo.

bém poderiam servir de suporte para o telhado que se projetava. As colunas colocadas à direita (sul) e à esquerda eram respectivamente chamadas de Jaquim e Boaz (v. 21), mas seu propósito e importância ainda são desconhecidos. Elas parecem ser muito altas para serem piras reabastecíveis ou suportes luminosos que simbolizassem a coluna de fogo e a nuvem que demonstravam a presença de Deus. Entre outras sugestões, existe a de que temos aqui comentários feitos pelos artífices dizendo que “ela é firme” (*yākīn*) ou “sólida” e que “é forte” (lit. “com força”, *b'ōz*). Isso parece improvável na medida em que há paralelos na mitologia e monumentos de pedra (símbolos de fertilidade). Alguns consideram que os nomes são a primeira palavra de declarações como “*Ele* (Deus) *estabelecerá* o trono de Davi e seu reino para sempre” e “*na força* do SENHOR se regozijará o rei”, denotando a posição da dinastia davidica.

c. “*O mar de fundição*” (7.23-26). Esta grande bacia ou reservatório foi uma das grandes obras técnicas hebraicas, correspondendo na metalurgia moderna à fundição do maior sino de igreja. Era visto como uma grande quantidade e volume de água (heb. *yām*, “mar”, que é usado de maneira figurativa aqui, v. 23) e correspondia à bacia de bronze do tabernáculo (Êx 30.17-21). Era usada pelos sacerdotes para que lavassem as mãos e os pés e talvez também para suprir a água para as outras bacias para enxaguar as ofertas (2Cr 4.10).



O Mar de Fundição

23. O tamanho é descrito como de 5 m de diâmetro e 2 m e meio de altura, com grossura de quatro dedos (v. 26, um sexto de um cúbito = 7,5 cm; ARC “um palmo”). Sua capacidade era de cerca de 37.800 l (*dois mil batos* é uma medida; cf. os “três mil batos” do texto pós-exílico de 2Cr 4.5).⁹¹ Sua forma foi reconstruída com circunferência geralmente tendo *trinta côvados* (ou *cúbitos*; $\pi=3,1416$).⁹²

Este pesado tanque se apoiava em doze bois de bronze, com as ancas planas, colocados em grupos de três com a face para fora. Não há necessidade de se procurar uma interpretação simbólica de uma característica arquitetônica comum, seja representando as doze tribos ou, muito improvável para essa data tão antiga, os signos do zodíaco. Leia sobre a técnica de fundição nos versículos 46 e 47.

d. Os utensílios (7.27-39). Dez suportes idênticos (“carros” ou “vagones”, REB) que apoiavam as bacias de água, cheias a partir do mar de fundição, eram quadrados com quatro cúbitos de lado (2 m) e três de altura (1,5 m). A descrição feita por meio de termos hebraicos raros e o detalhe das estruturas de metal fundido é obscura. Uma estrutura circular apoiava a bacia: os painéis e molduras (v. 28,29), “em relevo” (RSV) em vez de “metal batido” (NVI), tinham *festões pendentes*, provavelmente as familiares guirlandas levantinas ou algum padrão espiral (como na NEB) e em outros pontos, *segundo o espaço de cada um* (v. 36), que podia significar que eles estavam espalhados, em vez de colocados “onde houvesse espaço disponível” (NEB).

32. A estrutura da roda era bastante elaborada (v. 30,32). Os eixos eram ramificados fixados ao suporte e com ele *formavam uma peça*.

39. A localização do Mar e dos suportes mostra que eles eram tratados como elementos fixos num lugar, talvez devido a seu peso quando estava cheio de água.

e. Resumo dos trabalhos em bronze (7.40-47). Os objetos são cuidadosamente relacionados e essa lista pode ter vindo de Hirão ou de registros do templo. Os detalhes diferem muito pouco em passagens nas quais a lista é reproduzida (v. 15-39; cf. 2Cr 4.11-18; 2Rs 25.13-17; Jr 52.21-23).

45. *Os caldeirões* eram grandes e usados para cozinhar a carne do sacrifício de ação de graças (Lv 7.15,17); *as pás* serviam para tirar as cinzas e *as bacias* para o uso ritual com sangue ou água (Êx 27.3). É possível que os exemplares de ouro fossem usados apenas em ocasiões especiais, enquanto os de bronze eram para o uso diário.

46-47. A manufatura de todos esses utensílios pelo processo de moldagem ou fundição foi realizada a leste do Jordão, entre *Sucote* (Deir ‘Allah, a norte

⁹¹ Existe confirmação arqueológica de que o *bato* variava localmente entre 18 l e 45 l.

⁹² A. Zuidhof, “King Solomon’s ‘Molten Sea’ e (π)”, *BA* 45, 1982, p. 179-84.

do rio Jaboque) e *Zaretâ* (Tell es-Sa'idiyeh, a oeste de Sucote, Js 3.16), onde escavações mostram muita escória de cobre e que o barro é adequado para a confecção de moldes escavados (cf. “na oficina de fundição”, NEB), havendo água em abundância ali. O aquecimento de grandes machos de fundição moldados com cera e o preenchimento deles com metal derretido era uma técnica há muito empregada no Egito e na Mesopotâmia, mas exigia grande habilidade para ser bem-sucedida. O fato de seu peso não ser registrado é uma maneira oriental comum de enfatizar a grande escala e o valor da obra que era tal a ponto de valer a pena transportá-la para a Babilônia (Jr 52.17).

f. Lista das peças de ouro (7.48-51). Essa lista inclui o *altar de ouro* (ou de incenso, cf. 6.22), as dez mesas para *os pães da proposição* (“pães da Presença”, NVI) e outros itens não mencionados em outros lugares (leia sobre o altar de bronze em 2Rs 16.14).

49-50. Os castiçais eram arrumados no sentido do comprimento do santuário principal para iluminar as mesas (Êx 25.31-40). As ferragens das portas, como *as dobradiças*, são mencionadas em textos assírios. Os *recipientes* (“tigelas”, NVI, mas *kappôt* são tenazes, lit. “palmas das mãos”) eram como que colheres com cabo longo na forma de mãos em concha das quais se encontraram exemplares em madeira e marfim em escavações.

51. Salomão dedicou coisas suas (1Cr 29.3) e dos espólios de guerra dedicados por Davi a Deus (2Sm 8.10-12). Isso foi resultado direto do conceito hebraico de “guerra santa” por meio do qual uma parte de qualquer despojo era dedicado como “a parte do SENHOR” (e.g. Nm 31.25-47).

v. A dedicação do templo (8.1—9.9). O centro do registro de 1 Reis sobre o reinado de Salomão é a construção e a dedicação do grande templo em Jerusalém, para o qual a arca foi levada para marcar a continuidade da Tenda da Congregação (“Tenda do Encontro”, NVI) que era o antigo símbolo da presença divina (v. 1-13). A cerimônia foi marcada por oração (v. 14-61) e sacrifício, assim como por uma refeição comunitária da qual participaram todos os presentes (v. 62-66). Desse modo, a aliança de Deus (alojada na arca) estava ligada tanto ao templo, na condição de precursor da sinagoga e da igreja, quanto à dinastia de Davi.

São abundantes as referências à lei, especialmente Deuteronômio e Êxodo, mas não há referência direta à destruição do templo ou ao exílio em 587 a.C., o que faria desse relato uma redação pós-exílica.

a. A entrada da arca (8.1-13). Cf. 2Crônicas 5.2—6.11 e Josefo, *Ant.* viii.4, LXX é mais curto.

1. Para unir a nação, uma assembléia solene (*qhl* — daí a tradicional associação de Salomão com o Qohleth [Eclesiastes]) foi convocada para testemu-

nhar (v. 3) e marcar sua concordância à nova localização do santuário nacional. Davi havia transportado a arca da casa de Obede-Edom para a recém-conquistada Jerusalém (2Sm 6.1-12; 15.24-29) e agora ela era transportada de Sião, na parte sul de Jerusalém, para a “cidadela”, para a nova extensão da cidade ao norte. A cidade inteira passaria agora a ser chamada de *Sião* (2Rs 19.31; Sl 9.11).

2. A data apresentada é setembro/outubro (*etanim* pelo antigo calendário dário local, i.e., Bab. Tishri) e a *feira* seria a Festa dos Tabernáculos (ou da colheita; Dt 16.13-15) que normalmente durava uma semana (15.º ao 21.º dia). Como um festival extra de uma semana era adicionado (v. v. 65), alguns concluem que isso deve ter sido um ano após a conclusão da construção (6.38, o oitavo mês, i.e., bul).

3-4. A *Tenda da Congregação* (“tabernáculo”, ARC, AV; “Tenda do Encontro”, NVI; “Tenda da presença”, NEB; Êx 33.7-11) foi trazida de Gibeão (3.4; 1Sm 7.1; 2Cr 5.4,5) e lembraria o povo das “tendas” e do Êxodo (Lv 23.42) na época da festa da peregrinação. Os *sacerdotes* levaram a arca e provavelmente os *levitas* (das cidades do interior) levaram a tenda e os utensílios, uma vez que apenas os primeiros poderiam entrar no santuário interior. A teoria de que o historiador dá destaque aqui ao papel dos levitas é bastante discutida.⁹³

5. *Sacrificando* (o sujeito é indeterminado e o verbo indica repetição ou intensidade) não necessariamente significa que os próprios indivíduos tiraram a vida dos animais. Possivelmente foram feitos sacrifícios em cada ponto de parada seguindo o exemplo de Davi (2Sm 6.13). A *congregação de Israel* (“comunidade”, NVI) é mais do que apenas os sacerdotes (v. Nm 14.35; 16.11). A falta de contagem não significa que isso foi um exagero (cf. v. 63-64; 7.47).

6-8. O posicionamento entre os querubins (cf. 6.23-28; Êx 25.15,20) significava que as pontas dos *varais* da arca eram visíveis apenas de fora do *santuário mais interior* (o *Santo dos Santos*), seja porque a cortina estava pendurada à beira da abertura ou, menos provável, porque os varais faziam pressão contra a cortina, colocada no sentido leste-oeste. *Até ao dia de hoje*, i.e., antes de a arca e as tábuas da aliança serem perdidas na destruição de 587 a.C. A falta de referência à vara de Arão e à uma de maná (cf. Nm 17.10; Êx 16.33; Hb 9.4), que originalmente ficavam na arca (cf. Êx 25.16; 40.20), poderia ser explicada por sua remoção anterior juntamente com outros itens “guardados” com a arca (1Sm 6.3-5).⁹⁴

9. *Horebe* era outro nome para Sinai ou um lugar específico dentro dele (cf. Dt 1.2). Leia sobre a aliança feita ali em Êxodo 20 e Deuteronômio 4.13.

10-13. a *glória do SENHOR* sempre marca sua presença, assim como foi no Sinai (Êx 24.15-17) e mais tarde no tabernáculo, quando a nuvem (heb. *‘ārapel*:

⁹³ J. G. McConville, “Priests and Levites in Ezekiel”, *TynB* 34, 1983, p. 4-9, defende que o uso deut. da terminologia mostra que “levitas” é usado de maneira geral, com o significado de tribo “sacerdotal”.

⁹⁴ J. Boyd, “What was in the Ark?”, *EQ* 11, 1939, p. 165-8.

Êx 20.21; Dt 4.11), uma densa nuvem escura ou de luz, significa que Deus possuía agora sua casa. A glória não estava presente o tempo todo (Is 6.3,4; cf. a transfiguração de Jesus, Mc 9.7; 2Pe 1.17). O fragmento poético do versículo 13 tem sido entendido por alguns como um trecho extraído de *Cântares* (*sir*), uma possível referência ao “Livro de Jasar” (NVI e algumas versões em inglês. ARA “Livro dos Justos” e ARC “Livro do Reto”; *yāsār*, Js 10.13; 2Sm 1.18) e RSV, NEB e gr. adicionam “o SENHOR que colocou o sol nos céus” depois de *trevas espessas* (v. 12, RSV) que encobrem a Deus (Êx 24.15; Dt 4.11; Sl 18.10,11) *uma nuvem encheu a Casa do SENHOR*. Isso não é evidência de adoração ao sol, como alguns sugerem.

13. A expressão *um templo magnífico* (NVI; RSV “casa exaltada; AV “casa estabelecida”; *bêt z’bul*) tenta traduzir uma palavra difícil, entendida tanto como “casa real (princesca)” (ugar. *zbl*), “residência imponente” ou, através de mudança no texto, como “sentar-se entronizado” (*ʾsibṛkā*). No pensamento hebraico não há incompatibilidade entre a onipresença divina e um lugar de habitação local na terra onde ele se fez conhecido (Is 8.19; Sl 76.2).

b. A declaração de Salomão (8.14-21). Ela começa no versículo 12 e apresenta uma revisão dos atos de Deus na história da nação ao escolher um povo, um lugar (Sião) e uma pessoa (por meio da linhagem de Davi, cf. Sl 68; 89; 132). De frente para a assembléia, o rei se levanta para saudá-la (*abençoou*, *brk*, um gesto que não se aplica apenas a um sacerdote; por *bendito*, v. 15, a RSV traduz “bendis-se”). A promessa de Deus a Davi veio por meio de Natã (2Sm 7.5-16).

16. *Meu nome* denota o próprio SENHOR (5.5). Davi planejara a construção, mas ouviu que Salomão seria o construtor (5.5; 2Sm 7.13). A linhagem familiar está associada ao templo.

c. A oração de dedicação do templo feita por Salomão (8.22-61). Essa oração foi feita não apenas em favor de si mesmo, mas pela família real e pela nação para lembrar o verdadeiro significado do templo como o lugar que mostra a presença de Deus até mesmo no meio da calamidade nacional.

i. A aproximação a Deus (8.22-31). **22.** *Pôs-se Salomão diante do altar* é usada no sentido de “pôr-se a serviço de” (10.8). O lugar estava numa plataforma próxima ao altar de bronze no pátio exterior, usada para a adoração coletiva (cf. 2Cr 6.12-42). Permanecer em pé não é uma atitude de oração comum no Antigo Testamento, ao contrário de ajoelhar-se (cf. v. 54) e estender as mãos (v. 38, Êx 9.29; Is 1.15). Normalmente as orações de dedicação eram feitas na inauguração de templos e palácios (e.g., Esaradom na Babilônia).⁹⁵

F. Rosner, *Medicine in the Bible and the Talmud* (Ktav: Sanhedrin Press, 1977), p. 70.

A oração eficaz está baseada em três fatos sobre Deus:

(i) Sua incomparabilidade (Êx 15.11; Dt 4.39; Sl 86.8-10).

(ii) Sua fidedignidade em cumprir sua aliança, nunca deixando de cumprir sua palavra (v. 24; Dt 7.9) ou de mostrar seu amor pactual (*hesed*, cf. 3.6). Sobre a promessa do v. 25, cf. 2Samuel 7.5-16. A resposta à oração depende também da obediência da pessoa que ora (v. 25, cf. 9.4-9; 2Cr 7.14,17).

(iii) Sua transcendência (v. 27-30). Deus está tanto no alto quanto aqui embaixo. Onde ele está (seu Nome, Dt 12.5), ali está a resposta (cf. Mt 18.19,20) e o templo de Deus não vai limitar nem determinar o local de sua atividade.⁹⁶

28. Três diferentes palavras são usadas aqui para oração:

(i) *Oração* (**pillâ*): intercessão e louvor (v. 29,30,33,35,38,42,44,45,48,49);

(ii) *Súplica* por misericórdia (**hinnâ*): oração sincera por ajuda (v. 45,52), “rogo” (REB, v. 52), “petição” (AV, REB);

(iii) *Clamor* (*rinnâ*): brado retumbante de alegria ou tristeza, petição (v. 28,52).

ii. “*A petição em sete partes*” (8.32-53). Dentro de cada uma das sete partes da oração existe uma referência ou expressão-chave relacionada ao local do templo como a “Casa de Oração” de Deus (Is 56.7; Lc 19.46) e à resposta necessária. Isso deveria acontecer também em nossas casas. *Sobre este lugar*, cf. v. 29,30,33,35,38,42,45,48; e como fez Daniel (Dn 6.10). *Ouve e perdoa* (v. 30,34,36,39) / *julga* (v. 32) / *faze-o voltar* (v. 34) / *ensina* (BLH, v. 36) / *age* (v. 39) / *faze tudo o que [...] te pedir* (v. 43), / *faze-lhe justiça* (v. 45,49). O formato dos sete pedidos é o mesmo usado em casos legais, i.e., *quando orarem neste lugar* (RSV “caso um homem...”); *se / quando um homem...*, cf. as Leis de Hamurapi, que presume que um homem fez ou fará algo. Elas mostram sete exemplos comuns nos quais o povo se voltaria para Deus.

31-32. I. Quando um homem causar danos ao próximo: Quando se supunha que isso havia acontecido, ele precisava submeter-se a um juramento para mostrar sua inocência. Diante do altar no átrio exterior ele pronunciaria seu juramento (v. 64) para provar inocência (cf. Êx 22.7-12) e Deus, como juiz, o declararia inocente (TM “justo”) ou culpado (cf. Dt 25.1). Quaisquer que fossem os meios em uso para se discernir a verdade, seguindo o uso do Urim e Tumim por parte dos sacerdotes para encontrar a resposta (Êx 28.29,30), que agora poderiam ser substituídos por um julgamento legal, tal procedimento era ratificado na área sagrada do templo. Uma pessoa culpada acha que isso é um auto julgamento (heb. “traze seu modo [de vida] sobre a sua cabeça”). Do mesmo modo Romanos 6.23.

33-34. II. Quando a nação for derrotada: Tal desastre é considerado resultado de pecado contra Deus por desobediência ou afastamento de sua aliança (Js 7.11,12). O único caminho de restauração é o arrependimento (*converter* para

⁹⁶ Cf. D. A. Hubbard, *Joel and Amos*, TOTC (Leicester: IVP, 1989), p. 42-3.

Deus), *confessar* (RSV, “reconhecer”) e *orar*. *Faze-o voltar à terra* não implica em si que eles estavam num longo exílio (v. comentário sobre v. 46 a seguir).

35-36. III. Calamidades que se seguirem à seca: Quando a bênção da chuva fosse retida, como acontecia periodicamente, isso deveria ser entendido como sinal de pecado contra Deus (Dt 11.13, 14; 28.23, 24). O propósito da punição divina é “tornar humilde” (cf. *afligido*) e educar (*ensinar* ou dirigir pelo *bom caminho em que andem*; TM, REB “o bom caminho pelo qual devem seguir”), ou seja, de acordo com o plano da aliança de Deus (Dt 6.18; 1 Sm 12.23).

37-40. IV. Outros desastres naturais: fome (Dt 32.24; Lv 26.19-20) e pragas (Dt 28.21-22; 32.24; Lv 26.25) são considerados outro sinal de descontentamento divino, apesar da falha do governante ou do povo. Como mostra o versículo 37, havia muitas causas “naturais”: a) A *ferrugem* (*siddāpôn*) em função do ardente vento oriental (Dt 28.22; Ag 2.17). Ela normalmente é entendida como uma doença que ataca as plantas, chamada “palidez” ou “doença verde”. A mesma palavra também é usada para icterícia. b) O *crestamento* (*yērāqôn*) causado pela chuva muito abundante ou na época errada. Esses dois também são considerados “ferrugem negra ou vermelha” (REB). c) Ataques de insetos voadores sobre as lavouras, e.g., *gafanhotos* (*‘arbeh*). d) Insetos rastejantes como *larvas* (“pulgão”, ARA. Cf. Dt 28.38, 42). Alguns consideram isso como outro estágio no ciclo de vida do gafanhoto (v. comentários sobre Jl 1.4). Maldições provocadas pelo homem incluem fome devido a cerco (Dt 28.52) *em qualquer das suas cidades* (LXX; TM “na terra, nos portões” pode denotar “no país ou na cidade”). Sobre *desastre* severo e prolongado veja também Dt 28.59-61; 32.23-25 e sobre *doença* severa e duradoura veja Dt 28.22.

A referência a um indivíduo (v. 38, *qualquer homem*) e a consciência (*a chaga do seu coração*, NEB “remorso”) não necessariamente é uma adição posterior. Somente Deus conhece o *coração* (v. 39, cf. Jr 17.10). Um dos objetivos da punição é reverente e amorosa submissão seguindo-se ao perdão (Sl 130.4).

41-43. V. As necessidades dos não judeus: O *estrangeiro* (*nākrî*, em oposição ao morador de origem estrangeira, *gēr*) é o assunto da próxima oração. Muitos não judeus seriam atraídos ao SENHOR em função de seus amplamente conhecidos feitos poderosos e sua fama (*nome*). Deveria ser-lhes permitido adorar (Nm 15.14) e reconhecer o poder salvador de Deus (*braço estendido* não é uma atitude de oração). Muitos ouviriam e responderiam (v. 9.9; 10.1, cf. Js 2.9-11). A casa do SENHOR deveria ser “Casa de Oração para todos os povos” (cf. Is 56.7; Mc 11.17).

44-45. VI. Sucesso na guerra: A ação militar deve ser realizada com a sanção divina (“guerra santa”) na punição daqueles que fazem o mal (Dt 20; 26.10; Lv 26.7; 2 Sm 5.19, 24). Até mesmo nisso Deus deve estar o tempo todo em mente, de modo que Deus fará justiça (TM, “fazer seu [justo] juízo”, *mispat*).

46-51. VII. Derrota na guerra: Isso também pode ser atribuído ao pecado e à consequente ira de Deus (cf. Dt 4.21). Desde o século IX a.C., senão antes, o

exílio era conhecido dos israelitas como uma prática antiga e comum entre os povos do Oriente Próximo, e a expressão “levar *cativo*” (*sābāh*), usada aqui em um jogo de palavras com *converterem* (*šub*), não necessariamente implica uma referência ao exílio posterior na Babilônia (*a terra inimiga, longe ou perto esteja*). O retorno dos cativos é mencionado em antigos textos babilônicos, cf. as Leis de Hamurapi parágrafo 27, c. 1730 a.C. A oração sempre demanda ação pelo suplicante para repensar a situação (heb. *av*, “refletir”), converter-se (mudança de coração) e suplicar (como v. 28) e confessar seu pecado.

O versículo 47 apresenta diferentes palavras para pecado e pecador (*hātā*, “errar o alvo”) *perversamente procedemos* (‘*āwā*, “agimos perversamente”, rsv, uma ação deliberada) e *cometemos iniquidade* (*rāsā*, agir de maneira contrária àquilo que é aceito ou certo). No versículo 50, *transgressões* (*pēsa*’) denota rebelião contra Deus e sua lei.

Voltados para a sua terra [...] para esta cidade. Essa prática pode ter-se iniciado antes do exílio na Babilônia (cf. Dn 6.10; Jn 2.4). *Faze-lhes justiça* (v. 49, cf. v. 59) não implica especificamente a concessão de liberdade, mas cf. versículo 51. *Move tu à compaixão* (v. 50) é uma melhor tradução para esse texto do que *faze-lhes misericórdia* (ARA, TM, RSV) na presença daqueles que os levaram.

52-54. A oração termina com uma referência à aliança do Sinai (Êx 19.5; Dt 7.6) que se iniciou como a Aliança Davídica (v. 23-30). *Tu [...] os separaste dentre todos os povos* (*hib’dil*), um verbo usado em relação ao véu que separava o Lugar Santíssimo do santuário (Êx 26.33). Não há aqui alusão direta ao assim chamado “Código de Santidade” (*qdš*).

iii. *O ato de conclusão* (8.54-61). A “bênção de Salomão” não é exatamente ente uma bênção, mas uma oração pela continuidade de um relacionamento estreito entre Deus e seu povo. Se for considerada uma bênção, então não é um ato exclusivo dos sacerdotes (v. 14, cf. Nm 6.23). A oração verdadeira descansa na promessa de Deus de que ele não nos desampara e não nos deixa (v. 57, como também Dt 31.6-8; Sl 94.14; Hb 13.5). Deus não faz aquilo que é tão comum aos homens (cf. Dt 32.15, “não abandonar” é considerado “cura”). Sobre Deus abandonar seu povo porque ele o abandonou veja 2Rs 21.14,15; Sl 27.9; Jr 2.13; 5.7, etc.

58. Ficarmos perto de Deus faz com que *o nosso coração se incline* na direção dele (Sl 119.36) para que sejamos capazes de cumprir sua aliança (Dt 30.6; Sl 51.10; Fp 2.13), i.e., faz com que possamos andar *em todos os seus caminhos*.

59-61. Referências à própria oração de Salomão não são incomuns (cf. v. 57). Oração pelas necessidades de cada dia (*segundo cada dia o exigir*, rsv), como também na Oração do Senhor (Mt 6.11). A razão de Deus escolher seu povo (v. 60) *é para que todos os povos da terra saibam que o SENHOR é Deus e que não há outro* (cf. Dt 4.35; Is 45.4). Para que isso aconteça, é preciso que o coração do povo *seja perfeito* (*sālem* ‘*im*, cf. BLH “sejam sempre fiéis”; REB “em perfeita lealdade”), i.e., numa relação pactual (de paz) com o SENHOR.

d. A festa de Salomão (8.62-66). Esta inaugura o templo como o lugar do sacrifício. Todos *ofereciam um sacrifício* significa que eles traziam suas ofertas (12.27). *Consagrada*: *hānak* significa literalmente ‘começar, inaugurar, iniciar’ uma criança, Pv 22.6; ou um lar, Dt20.5. Posteriormente, em 164 a.C., a Festa de Hannukah passou a ser a comemoração da reconsagração do templo. Um expressivo número de sacrifícios é dado em termos gerais, mas detalhes de ações similares na instauração de novas edificações em Nimrud⁹⁷, Asur, e Nínive⁹⁸ também falam de muitos sacrifícios e participantes. A *oferta de comunhão* (AV, RSV ‘ofertas de paz’, *šlāmîn*; cf. JB ‘ofertas de sacrifício de comunhão’, REB ‘ofertas compartilhadas’, outros ‘ofertas de agradecimento’) era compartilhada por Deus, sacerdotes e adoradores. Alguns argumentam que esta oferta era a última oferecida e alistada, o que pode então servir de base para ‘oferta de conclusão’, veja em Ef 2.14 O sacrifício final de Cristo pela humanidade (v. Hb 9.2; 10.12-14).

64. O número de ofertas requeria maior espaço (e altares), assim todo átrio era consagrado (*qds*) e utilizado. O altar de bronze é então inaugurado (v. 9.25). As outras ofertas faziam parte do sacrifício regular diário.

65. Naquele tempo. Veja a “Introdução”, na p. 57 (iv). De Lebo-Hamate, no vale de Beqa, à fronteira do norte (ou seja, Assy Laba’; atual Labweh), mencionada nos textos egípcios de execração do século 18 a.C. Sobre o domínio de Salomão, veja 4.21. A fronteira do sul era o *Wadi do Egito* (Assyr. *Nahal-Musr*; atual Wadi al- arish).⁹⁹

66. Eles abençoaram ao rei, ou seja, agradeceram-lhe (*brk*). Não compreendendo de modo adequado isto, a LXX faz Salomão dar uma bênção final de despedida. Como nos exemplos assírios, a multidão se foi ‘de coração feliz’ (JB, MT *tōb lēb*, ‘bondade de coração’ emerge de uma plenitude de alegria e contentamento associada ao prazer da celebração da aliança.. O povo todo reconheceu o bem que Salomão fizera como ação do SENHOR.

e. O SENHOR aparece mais uma vez a Salomão (9.1-9). Confira 2Cr 7.1-12. Um templo vazio seria sem significado. O SENHOR disse a Salomão que a presença contínua de Deus com seu povo dependerá da obediência às exigências divinas e da confiança em suas promessas. As promessas feitas a Davi e reafirmadas ao seu em *Gibeon* (3.4-15) fazem referência à oração e súplica de Salomão (9.3, 8.25-30). O SENHOR Deus responde à ‘consagração’ do templo por meio da declaração: *Eu consagrei este templo (qds)*. Somente Deus pode santificar uma

⁹⁷ D. J. Wiseman, ‘A New Stela of Ashshur-nasir-pal II, Iraque 14. 1952, p.32.1 149; 869 A.C. com 69.574 participantes em 869 a.C.

⁹⁸ D.D. Luckenbill, the Annals of Sennacherib (Chicago: Chicago University Press, 1924), p.116 (Palace without a Rival, viii.65-16. ‘countless sacrifices at the dedication).

⁹⁹ D. J. Wiseman, ‘Two Historical Inscriptions from Ninrud’, *Iraq* 13, 1951, p.23-4.

pessoa ou lugar. Ele *pôs seu Nome* e reputação *ali* (v. 8.10-13). O Nome de Deus ‘estará contido nele’ é a resposta ao que foi dito em 8.29.

4. A referência ao que Davi fez (15.5, 11) será um padrão de julgamento ^{ento} dos reis em uma dinastia que será conhecida pelo nome de Davi, não pelo nome de Salomão. O repouso dos reis estará associado à benção proveniente da obediência e as maldições serão decorrentes da recusa em obedecer. O ponto de referência será a palavra revelada de Deus e a linguagem é aquela de Deuteronômio.

Ande perante mim é conduzir-se (viver) na presença de Deus e de sua lei. Este conselho vem em momento oportuno porque Salomão, agora no seu vigésimo — quarto ano de governo, está pressionado por seus próprios desejos (9.1, 19, *hāpēs*, ‘em que ele teve prazer, ambição’; confira 2Cr 7.11, ‘tudo que ele intentava fazer’) que levou a possuir bens e fama, consequentemente, a confiança em suas próprias habilidades, a qual pode ser o inimigo da *integridade de coração* (v. 4, 3:6 *tām lēbāb*), ‘completude’ no sentido de estar de acordo com a verdade, não perfeccionismo. A integridade inclui honestidade. Há qualidades que devem diferenciar o povo que observa a aliança com Deus.

6-7 *Se vocês...* A glória e continuidade do templo e dinastia são condicionais. Isto é uma advertência, não uma ameaça. O plural é usado aqui como um parâmetro e o povo está envolvido igualmente em manter o princípios diferenciadores da fé do povo de Israel. (Cf. Rm 9.4).

O que aconteceu ao templo será o oposto daquilo que Salomão pediu em oração (v. 8.43). *dito* (*māsāl*, provérbio) e objeto de ridículo, (*š’nunā*, RSV [dito], NRSV ‘censura’, REB ‘ilustração prática’ são usados para se referir às canções de escárnio. Sobre o que aconteceu ao templo, veja Dt 28.37; Jr 24.9. Estes termos, com espanto e ‘escárnio’ (NEB, RSV ‘assobio, heb. ‘silvo’, são expressões de surpresa e horror extremos (v. Jr 18.16).

8. Este *templo*, longe de ser imponente (v. AV ‘alto’, *‘efyôn*, altíssimo) tornar-se-á um ‘monte de ruínas’ (NEB, RSV ao ler *‘iyyīm* desnecessariamente).

9. O SENHOR trouxe calamidade (heb. ‘mal’, cf. Is 45.7). Que isto foi predito ^{redi-} enfatiza que é, com efeito, autojulgamento. AV, RSV chama atenção para este fato.

C. Outros feitos de Salomão (9.10—11.43)

Cf. 2Cr 1.14-17; 8.1-9. A obra de Salomão, além de Jerusalém, demandou fontes adicionais. Estas ele agora obtivera (i) por um acordo adicional com Hiram (v. 10-14), (ii) uso extensivo de trabalho forçado (v. 15-25), e (iii) os proveitos das expedições marítimas (v. 26-28). Ao concluir suas obras, Salomão parece ter entrado em débito após ter expirado o antigo contrato (5.1-11), com a conclusão do templo e lugares reais.

i. Um resumo (9.10-28).

a. Novo acordo com Hirão (9.10-14). 11. Para pagar o ouro (cf. o v. 14; nenhum ouro é mencionado na primeira transação) Salomão penhorou *vinte* edificações (ao invés de *idades*, pois *îrîm* é usado para um conjunto de habitações desde um vilarejo até uma metrópole). Como com os contratos de Alalakh na Síria, a ‘permuta’ dos vilarejos era usada para regularizar as fronteiras.¹⁰⁰ Os vilarejos fronteiriços podem ter sido fortificados para propósitos de defesa e parecem ter sido resgatados posteriormente (2Cr 8.2), talvez em decorrência do comércio bem sucedido (v. 14) ou do tributo proveniente de Sabá (v. 10.10).

13. *Irmão* significa, diplomaticamente, ‘aliado’. Alguns associam *Cabul* à nova fronteira na Kābûl atual, recentemente descoberta, a treze quilômetros em direção sudeste de Acco (Josephus, *Ant.* viii 5.3). Outros a vêem como um jogo de palavras para significar ‘como nada’ ou ‘inacabada’. Poderia simplesmente significar ‘cidade fronteira’ (v. o heb. *y^abûl*).

14. Esta é uma quantidade imensa de *ouro*, cerca de quatro toneladas (talento fenício de 60 minas, isto é, 3.000 siclos ou 75 libras).

b. O uso do trabalho forçado (9.15-23). Cf. 8.3-16; a LXX apresenta outra leitura. Isto é observado como uma [narrativa] (ou ‘registro’, REB, *d^abar*, ‘assunto’). Listas de projetos de edificações reais são comuns nos textos do antigo oriente médio. Sobre os terraços de suporte, veja v. 24.

15. Salomão fortificou cidades estratégicas para guardar as proximidades principais do seu reino. A lista vai de norte a sul. Toda amostra de evidência arqueológica de obra de construção do período de Salomão: muralhas do tipo casamata e fortificações de ‘seis andares’.¹⁰¹ *Hazor* (Tell el-Qedah), oito quilômetros ao sudeste do Lago Huleh (agora praticamente seco), controlava a estrada do norte; *Megido* (Tell el-Mutesellim, veja 4.12) a estrada que ligava a Fenícia ao monte Carmelo.

16. *Gezer* (tel Jezer, a sudeste de Ramleh) guardava as proximidades ao sudoeste da Filistia. Não é preciso ler ‘Gerar’ neste contexto. Os versos 16-17 são acrescentados para mostrar como os Israelitas conquistaram a cidade dos vassalos cananeus dos Filisteus (cf. v. 20-21; Js 10.33; Jz 1.29).¹⁰² Sobre Faraó, veja 3.1. *Presente de casamento (silluhîm)*, um presente para a noiva é melhor do que ‘dote’ (RSV).

17. *Beth Horom a baixa*, dezoito quilômetros ao nordeste de Jerusalém (atual Beit ‘Ur et-Tahta’), controla a estrada que passa a [oeste] do vale de

¹⁰⁰ Wiseman, D. J. *The Alalakh Tablets*, London: British Institute of Archaeology at Ankara, 1953, p. 76-80.

O escavador Yadin (*BA* n.º 33, 1970, p. 67) disse: ‘Não, na história da arqueologia, caso em que uma passagem tenha ajudado tanto a identificar e datar as estruturas de várias das mais importantes rumas (-tels) na terra santa como em 1 Reis 9.15.’

¹⁰² Millard, A. R., em *POTT*, p. 64-65.

Ayalon. *Baalath* a sudoeste de Beth-Horom em Dan (Js 19.44). *Tadmor* (Texto Massorético *Q'rē*) é lido como Tamar (LXX, RSV, *K'tib*) e identificado com 'Ain Husb, ao sul do Mar Morto. Situada no deserto ('lugar deserto', NEB)¹⁰³ mas a alteração poderia ser desnecessária se houvesse uma Tadmor ao sul, distinta da famosa cidade caravana (=Palmyra, 240 quilômetros ao nordeste de Damasco).

19. Esta é uma descrição geral acerca das fortificações militares nas cidades-armazéns (locais para alojar coisas, veja Êx 1.11). Em vários lugares (Megido, Laquis, etc.) imensos depósitos em forma de pilar têm sido descobertos. Salomão podia ter construído um palácio de verão ou outras fortalezas de fronteira no Líbano (não consta na LXX).

20-23. Não há razão alguma para se crer que o sistema de trabalho forçado difere daquele empregado em 5.13-16, em que dois modos são utilizados: (i) o trabalho forçado de curto prazo, não tão comum, para os cidadãos israelitas (hebreus). Os israelitas não poderiam ser usados com *escravos*. (ii) Os não-israelitas são mencionados por suas tribos, não obstante os cananeus (cf. v. 16) e girgaseus que são omitidos dos sete grupos aqui (v. Êx 3.8; Dt 7.1; 20.17). *Capitães* (*šālīs*) eram originalmente o guardador de armas ou o 'terceiro-homem' na carruagem, não obstante agora eles tenham se tornado um auxiliar-de-campo (NEB 'oficial'), cf. 2Rs 7.2. Para os *oficiais de governo*, veja 4.5. O número 550 é também um múltiplo de onze (possivelmente representando as tribos, com exceção de Judá); veja 5.16.

Os versos 24-28 apresentam dados adicionais, provavelmente de um período posterior do reinado.

c. Mais construções (9.24) Este verso se refere à perícopa em 3.1-4. Os 4. Os terraços de suporte ou Millo (heb., isto é, 'completo' pode ter sido uma construção, tanto para formar a extensão do terraço e a muralha da cidade ao flanco leste do palácio, como uma ponte entre Sião e Ophel (cf. v. 15; 2Sm 5.9; 1Rs 11.27; 2Rs 12.20). De qualquer modo, o uso da palavra *ml'* em outro contexto pode indicar uma plataforma ou terraço no interior das muralhas que circundam a acrópole, talvez como um auxílio para defesa.¹⁰⁴

d. Adoração e sacrifício no templo (9.25). As três festas anuais eram: a Páscoa, o Pentecostes e os Tabernáculos (conforme Êx 23.14-17; Dt 16). O rito anual e a posição centro-nacional do templo foram então estabelecidos. Salomão providenciou, mas não executou, ele mesmo os sacrifícios (v. 8.63-64). As *oferas queimadas* eram queimadas totalmente (NEB 'oferta-completa'), ao passo que as *oferas de comunhão* eram compartilhadas (v. 8.63). O *incenso queimado*: o complexo termo hebraico ^aser (omitido na LXX) significa normalmente 'sua oferta-de-

¹⁰³Aharoni, Y., 'Tamar and the Road to Elath', *IEJ* n.º 13, 1963, p. 30-42.

¹⁰⁴Steiner, R. C., 'New Light on the Biblical Millo From Hatran Inscriptions', *BASOR* n.º 276, 1989, p. 19; cf. Kenyon, *Digging up Jerusalem*, London: Benn, 1974, p. 100.

forgo' ('issô, NEB 'oferecendo ofertas de 'fumaça'. *Completadas (sillam) as obrigações do templo* é provavelmente melhor entendido se interpretarmos do seguinte modo: 'completados os arranjos do templo' antes do que 'terminada a casa' (RSV) 'pago seus votos'(NEB), ou 'mantido o templo em bom estado' (JB), dos quais as duas ultimas leituras seriam possíveis de um certo modo.

e. Comércio marítimo de Salomão (9.26-28). Deve ser lido com 10.11-12 ; 2Cr 8-17-18 para se ter uma visão completa. A *frota de navios* ('nî, AV 'navio') era construída e manipulada por experientes construtores de navios fenícios, como foi a operação da frota de Senaqueribe no golfo pérsico. O porto [principal] de *Ezion Geber* é agora identificado com Guzarat al Far'un e as acomodações para armazenagem descobertas por N. Glueck. Em Tell el-Kheleifeh, Golfo de Aqabah. Era sempre um ponto estratégico para controlar também as rotas da caravana que procediam da Arábia. Foi reconstruída por Jehorão em 848 a.C. e Azarias (por volta de 780 a.C.; 22.48). Elath (próxima à Elat atual; cf. Eloth, em 2Rs 16.6; Dt 2.8) está situada também no Golfo de Aqabah (*yām sôp* 'mar do Fim da Terra', Jr 49.21) e deve ser diferenciada do Mar Vermelho (ou Pântano) (*yām sūp*) de Êxodo (13.18).

28. *Ophir* era uma fonte de ouro (Jó 28.16; Is 13.12), um comércio atestado pela inscrição ostraca de Tell Qasileh.¹⁰⁵ Sua localização deve ser provavelmente no Sul da Arábia, pois excavações em Madh ad-Dhahab entre Saba (Yemen) e Hawilan concordam com a descrição de Gênesis 10.29 (v. Sl 72.15). Outros têm sugerido Oman. Somália, Baluquístão, Índia (Supara, ao Norte de Bombaim) ou ainda Zimbábue, principalmente pela suposição de que uma viagem de dois a três anos implica uma longa distância (v. 10.22). O ouro que eles *trouxeram* (*lāqah*) implicava troca por bens comercializados.

ii. A visita da rainha de Sabá (10.1-13). Cf. 2Cr 9.1-12; Josephus, *Ant.* viii.6.5-6. A história agora inclui um exemplo da sabedoria e da riqueza de Salomão, tais como eram vistas internacionalmente. Ambos os exemplos eram o cumprimento da promessa divina, registrada em 3.13. O detalhe é suficiente para que isto não seja visto como uma mera lenda marcada pelo exagero e possa de certo modo ser comparado com textos antigos contemporâneos. A visita não era uma 'disputa de sabedoria' entre governantes poderosos, pois não se tem registro a esse respeito naquela época, mas se tratava de uma missão comercial, uma vez que Salomão exercia o controle sobre o 'Mar Vermelho' e sobre as rotas das caravanas que procediam do leste da Arábia até Ezion Geber.

Os assírios relatam encontros com rainhas que governaram Sabá ao sudoeste da Arábia (Iêmen atual) desde o século oitavo em diante, com seus reis-

¹⁰⁵Q. seja, 'ouro de Ofir para Beth Horon, 30 siclos' em um óstraco hebraico, com a inscrição *zhb pr lbyr hrn s=*. Ver as ilustrações na IBD, p. 1120.

sacerdotes. Esta sequência do relato da sabedoria de Salomão está evidentemente associada as suas habilidades adquiridas divinamente e ‘com referência’ ao (heb.) *nome do SENHOR* (v. 1), ou seja, o templo (8.20). Sua sabedoria é também expressa como o domínio de todo aprendizado e entendimento, bem como de administração civil e militar, conformando-se às perspectivas de sabedoria e prosperidade de todo o Oriente Médio antigo (v. a Nota Adicional sobre sabedoria, p. 85).

1. Não é citado o nome da *rainha*, uma vez que bastava, segundo o costume daquele tempo, citar o seu país de origem. As perguntas *díficeis* (‘enigmáticas’, REB) (*hîḏôt*) não eram apenas ‘enigmas’, como em Jz. 14.12, mas incluía questões éticas e diplomáticas complicadas. Segundo Josephus, Hiram fizera abordagens semelhantes. A pergunta não era um exercício acadêmico. Visava apenas ver se ele seria um parceiro de negócios confiável e um aliado fidedigno para prestar auxílio.

Posteriormente, a tradição judaica interpretou *ela veio a [...]ele* (*bô”el*) como se tratasse de relações sexuais entre ambos (‘tudo que ela tinha em seu coração’, v. 2; e ‘tudo que ela desejou’, v. 13) o que resultou no nascimento de Nabucodonosor (Rashi) ou Melik I, fundador da Etiópia, mas uma vez que a linhagem de ambos os governantes é conhecida, constata-se que se trata de uma lenda.¹⁰⁶

2. Era costume daquele tempo que um representante oficial, sendo um visitante, trouxesse um presente para a audiência real. As quantidades envolvidas aqui poderiam bem implicar uma missão de comércio, cf. os v. 10, 13. A *caravana* (*hayil*) denota uma comissão de homens (melhor RSV ‘súdito’, como a NIV no v. 13). Os camelos eram usados como transportadores de cargas desde o terceiro milênio a.C. (v. Gn 12.16) e transportavam *espigas* (*b’sāmîm*, ‘doces especiarias’). Tais luxos incluíam o bálsamo (Ct 5.1) e a mirra comercializados no território da rainha de Sabá.¹⁰⁷

4. A ostentação de Salomão de seus próprios bens e a confiança nas riquezas serão condenadas, porquanto ele estava confiando mais nas coisas do que somente em Deus (v. Pv 11.28). O historiador inclui a riqueza como um subproduto da sabedoria, mas posteriormente a rejeita quando a vaidade lhe está associada (como na ostentação de Ezequias aos representantes oficiais da Babilônia, 2Rs 20.13). Sobre a conexão entre a sabedoria e a riqueza, veja p. 85, 13.[ff].

5. A escala do entretenimento suntuoso (a comida), e o *alojamento* (*môsab*) que seria de acordo com a posição social (NEB ‘membros da corte assentados ao seu redor’), como também a acomodação para seus oficiais poderia estar em mente. Os *criados* (*m’sâr’tîm*) ‘em seus trajes’ (NEB) não eram gar-

¹⁰⁶Para uma excelente pesquisa sobre essas tradições, veja, Ullendorff, E., *Ethiopia and the Bible*, London: British Academy, 1968, p. 131-145.

¹⁰⁷Hepper, F. N., ‘Arabian and African Frankincense Trees’, *JEA* n.º 55, 1969, p. 66-72.

çons, mas oficiais, nem faziam parte do serviço de atendimento dos *copeiros*, mas eram oficiais do alto escalão (como o *rab shakeh* de 2Rs 18.19).¹⁰⁸ As *ofertas queimadas* ('*olātō*') seriam numericamente marcantes (v. 8.62; 9.25), embora alguns pensem que a referência possa ser a '*ascensão*' (NIV mg., AV *ālā*, 'subir'), ou a escada que conduz ao templo (REB, 2Cr 9.4). Esta passagem poderia posteriormente ter sido conhecida como o 'Pórtico de Salomão' (Jo 10.23; At. 3.11).

A rainha ficou 'boquiaberta' (MT, cf. NIV *estupefata*), e reconhece (v. 6-7) as *obras*, a sabedoria (Mt. 12.42) e a riqueza de Salomão (*tōb*, 'bom'; outros interpretam isto como 'prosperidade', AV, RSV, a NEB lê *tūb*).

8. Sua declaração reconhece tanto a herança espiritual de Salomão, como o seu Deus. O termo *felizes* ('*asrē*') não é um regozijo extremo, mas uma exclamação. Alguns lêem '*esposas*' (RSV, NEB) partindo da surpreendente suposição de que a rainha não diria *seus homens*, o que é um termo geral utilizado para se referir a cidadãos ou empregados, e pelo fato de que seus oficiais são mencionados separadamente (v. 1.9; Dt 32.26).

9-10. A rainha parece ter ouvido muito acerca de Salomão: o fato de Deus o escolher para que herdasse o trono (3.7; 8.20), o conceito de reinado de Israel e sua dependência de Deus para manter a *justiça e a retidão* como expressão do amor e cuidado eternos para com o seu povo Israel. Isto inclui o exercício da lei e ordem (v. 3.28; 4.24-25). *Louvido seja o Senhor* implica reconhecimento do Deus da nação de Israel e não precisa necessariamente ser um a expressão de fé pessoal. Um presente por ocasião da despedida era usualmente dado pelo hospede (como no v. 13), mas a grande doação de *ouro* (v. 10) implica a conclusão de um tratado comercial ou ainda feudatário.

11-12. A participação de Hirão no comércio é inserido aqui como um parêntese para ilustrar um outro acordo bem sucedido (v. 9.26-28). Os artigos de luxo incluíam o *sândalo* (v. Ugar. '*lmg*'; Acad. *elammaku*) ao invés de 'algum', também disponível no Líbano (2Cr 2.7-8). Este pode ser a madeira de sândalo vermelha¹⁰⁹ ou os Sândalos Vermelhos importados da Índia e Ceilão, utilizados na construção de instrumentos musicais.¹¹⁰ Harpas e liras eram utilizadas antigamente em salmos e na música do templo, em Ras Shamra (1.300 a.C.) e Mesopotâmia (2.300 a.C.).¹¹¹

13. O comércio era confirmado pela concessão de que todas as requisições estivessem de 'acordo com as fontes (literalmente 'mão') do rei Salomão'.

¹⁰⁸Malamat A., 'Philological Note', BA n.º 46, 1983, p. 171.

¹⁰⁹Clark, W. E., 'The Sandalwood and Peacocks of Ophir', AJS n.º 36, 1920, p. 103.

¹¹⁰Zohary, M., *Plants of the Bible*, Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 125.

¹¹¹Bit Rimki, *Sounds from Silence*, University of Berkeley, California, 1977, com gravações, Kilmer, A. D., 'The Cult song with music from Ancient Ugarit', *Revue d'Assyriologie* n.º 74, 1974, p. 69-82; Jones, I. H., 'Musical Instruments in the Bible', *The Bible Translator* n.º 37, 1986, p. 101-143; 38, 1987, p. 129-143.

iii. A riqueza de Salomão (10.14-29). Cf. 2Cr 9.13-24. O esplendor de Salomão tornou-se proverbial (Mt 6.29), como também aconteceu com sua sabedoria (Mt 12.42). Aqueles que considerariam seu rendimento de 666 *talentos* (cerca de 21.6 toneladas) de ouro um exagero deveriam compara-lo com os montantes registrados no Egito antigo no mesmo período, ‘onde o ouro é como o pó na terra’ e Osorkon I em seus primeiros quatro anos (*por volta* de 924-920 a.C.) acumulou dezoito toneladas de ouro, às quais seu pai Sisaque acrescentou uma certa proporção do ouro que saqueara de Jerusalém (v. 14.25-27). Semelhante aquisição e uso de ouro em larga escala em construções do templo é atestado na Mesopotâmia.¹¹²

14. Grandes montantes eram facilmente acumulados tanto por receitas anuais de tributos (RSV ‘em um ano’) e pela receita do fluxo de outras taxas.

15. As *receitas anuais* estão de acordo com a LXX (lendo *mē’onsē* em lugar do MT *mē’ansē* ‘homens’). Elas procediam dos ‘pedágios recebidos pelos agentes alfandegários, e lucros sobre tributo e comércio exterior’ (NEB) ou dos comerciantes (*tārīm*), intermediários que faziam circular os bens, e negociantes (*s’har*) — talvez o próprio comando de vendas de Salomão que circulava ao redor do comércio.¹¹³ Cf. ‘vendedores ambulantes e negociantes atacadistas’ (Delitzsch). Os *reis da Arábia* eram provavelmente xeiques locais negociando com Salomão. Para os governantes distritais ou regionais veja 4.17-19.

16-17. Escudos cerimoniais. Os *grandes escudos* (*sinnāh*) protegiam a pessoa completamente e os *pequenos* ao redor dos *escudos* cobertos com ouro batido (*sāhūt*) como uma placa de metal espessa pesando nove quilos (admitindo-se que a medida não especificada dos ‘siclos’ era omitida, como nas mais antigas tabuletas da Alalakh da Síria). Estes escudos poderiam ter sido utilizados em ocasiões cerimoniais (v. 14.28). Os tesouros de Davi foram consagrados novamente no novo templo (7.51), mas estes foram acrescentados ao tesouro do palácio, onde foram saqueados por Sisaque e substituído por escudos de bronze pelo rei Roboão (14.26-27).

18-20. O trono real. Seu uso está implícito em 7.7. Como era comum em mobílias nobres, o marfim era revestido e coberto com *ouro puro* (ou ‘ouro de Ufaz’, Dn 10.5) afixado por betume. O trono que ficava no topo das escadas era uma convenção arquitetônica utilizada posteriormente também [na elevação Babilônica de seis degraus] com um templo no topo de um zigurrat e nos altares (Ez 43. 3-17). Não há nenhuma evidência segura de que isto tivesse um significado cósmico. Evidências arqueológicas negam a teoria de que o *topo arredondado* (*‘āgol*) era síria lido *‘ēgel*, ‘um novilho’ ou como ‘um estrado’ (v. 2Cr 9.18). Exemplos de esfinges em forma de leão junto ao trono e leões prostrados em sua

¹¹² millard, A. R., ‘Solomon’s Gold’, *Vox Evangelica* n.º 12, 1981, p. 13-17.

¹¹³Sobre *shr* veja TWOT, p. 1484; albright, W. F., ‘Abram the Hebrew: A New Archaeological Interpretation’, *BASOR* n.º 163, 1961, p. 36-54; 164, p. 28

direção são encontrados no Egito, Palestina e Síria.¹¹⁴ Encurvados de costas também são encontrados no Egito, mas em geral, parece ser uma criação local única. Ao lado e defronte aos degraus, os pares de leões chamavam a atenção para o rei.¹¹⁵

21. A desvalorização da moeda corrente (prata) devido à abundância de um produto de maior valor (ouro) é encontrado em outra parte (e.g. Assurbani-pal da Assíria).

22. Pensava-se que as *naus mercantes* (v. 9.26-28) eram 'naus de Tarsis' (TM), e se referiam ao comércio Fenício com Tartessus em Portugal cerca de 800 a C. Esta idéia, como aquela da 'esquadra de refinaria' (de *rss*, 'refinar') e das supostas refinarias em Eziom-Geber (9.26), é atualmente questionada. O termo é usado para se referir a uma grande embarcação que cruza o oceano.¹¹⁶ Uma vez a cada três anos, um conceito semelhante à 'jornada de três dias', significa partida em um ano, um ano para transações comerciais e ainda, após negociações ao longo da costa da Arábia, Índia ou África, de onde artigos de luxo eram comprados, e o retorno no terceiro ano. O *marfim* (*sên*, 'dente' no v. 18) era disponível na Síria, e esta palavra rara aqui (*senhabbîm*, que significa 'dentes de elefante') pode denotar presas de marfim e ébano (*sên w'hobnîm*, Ez 27.15). Palavras estrangeiras (*qôpîm*) para *bugios* (Egípcio *g3f*, Acad. *Uqupu* e *babûinos* (NEB 'macacos', *tukkîyîm*), o que alguns interpretam como 'pavão'.¹¹⁷

23. Os feitos comerciais de Salomão (v. v. 26-29) não são incríveis.

26. Sobre os *doze mil cavalos*, veja 4.26. *Cavalos* pode também ser lido como 'cavaleiros' e *carruagens* (*rekeb*, coletivo) como condutores de carruagem' (NIV mg.).¹¹⁸ Assim como os assírios, Salomão dispersava suas forças móveis entre a capital e os lugares distantes, e estabelecia estrategicamente ases militares (e.g. Megido, Gezer e Hazor).

27. Para o efeito da inflação devido aos montantes excessivos de metal precioso disponível veja v. 21. A comparação aqui é com as abundantes árvores de sicômoro (*Ficus Sicomorus*) da planície costeira (Shephelah), utilizada como madeira, mas produzindo [poucos frutos].¹¹⁹

28-29. Os lucros comerciais de Salomão poderiam ter sido devido a habilidade para controlar as importações de carruagens do Egito (possivelmente sobre os modelos cerimoniais caros, veja o preço no verso 29) e os cavalos de

¹¹⁴Como, por exemplo, na placa de marfim em Megido. Veja ANEP, p. 111 (No. 332).

¹¹⁵metzger, M., *Königsthron und Gottesthron* (AOAT n.º 15), 1985, p. 198-308; cf. BSOAS n.º 50, 1987, p. 127 (revisado por Kitchen, K. A.).

¹¹⁶hoenig, S. B., 'Tarshish'. JQR n.º 69, 1979, p. 181-182.

¹¹⁷Sobre a identificação com a *tokei* dravidiana, a qual foi desmentida por Clark, W. E., The Sandalwood and Peacocks of Ophir'. AJSL n.º 36, 1920, p. 106-119.

¹¹⁸yadin, Y., *The Art of Warfare in Bible Lands in the Light of Archaeological Discovery*, London: Weidenfeld & Nicholson, 1963, p. 286.

¹¹⁹zobary, M., *Plants of the Bible*, Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 68.

Kue (JB ‘Cílicia’) que depois eram exportados aos aliados ao noroeste (Hatti- (hitita) terra) e ao nordeste (Aram). A simples sugestão de que o Egito (*misrāyīm*) seria lido como Musru (v. 2Rs 7.6), um local incerto ao nordeste da Assíria, não apresenta nenhuma interpretação mais plausível.¹²⁰

iv. O esplendor é superado pelo fracasso (11.1-43). No início de seu reino foi prometido e dado sabedoria a Salomão, a qual ele empregou com grande êxito na acumulação de riquezas, demonstrando-a em seu consistente programa de construção, rearmamento e governo. Todavia, a continuidade de seu governo não dependia de sua ostentação, mas de seu estado espiritual interior. Sendo assim, a avaliação do seu reino termina com o seu declínio e com as origens de uma inquietação evidente que o conduziriam a uma desintegração de seu reino. Avaliação teológica de seu reino e encontrada aqui na descrição de sua falha pessoal em guardar a lei que proibia o casamento com mulheres incrédulas (v. 1-13), em parte também é atribuída ao enfraquecimento de sua unidade interna perante os adversários externos (v. 14-24). Tudo isso combinou na rebelião de Jeroboão, inspirada pelos inimigos estrangeiros (v. 14-25) e sustentadas pela dissensão interna (v. 26-40). A avaliação é entremeada com um comentário teológico para mostrar que estes acontecimentos foram divinamente permitidos como um alto julgamento ocorrido a Salomão pelo pecado de não cumprir a lei, apesar das advertências (Dt 7.1-4; Êx 34.11-16).

a. As esposas de Salomão (11.1-8). Imensos haréns eram conhecidos. Davi tinha quinze esposas (1Cr 3.1-9), algumas das quais Salomão herdara; Jeroboão tinha dezoito esposas e sessenta concubinas (2Cr 11.21) e outros reis contemporâneos tinham mais que Salomão. O imenso número de mulheres resultava de alianças políticas, seladas pelo casamento, com nações vizinhas: Moabe, Amom e Edom, ao leste; Sidon, por meio do tratado com Hirão (5.1) e Síria (‘Hititas e Arameus 10.22), ao norte. Estas são citadas como exemplos; além disso (v. 1) seria ‘por exemplo’ ou ‘bem como’ (heb. *w’et*). O leitor estaria ciente de que embora a poligamia fosse permitida (Dt 21.15) ela era raramente praticada. O casamento com mulheres estrangeiras (v. 2) era estritamente proibido (Dt 7.1-4). Isto era devido ao perigo de se extraviar e espiritualmente seguir *após outros deuses* (v. 4, e o exemplo em Nm 25.1-15). Um profundo desejo sexual seria despertado (‘seguido após’) apesar da oração de Salomão (8.23); lealdades seriam divididas (v. 6) e o rei não estaria em perfeito relacionamento sincero com Deus, isto é, ‘em paz com’ (heb. *šālēm*) ele.

3. Setecentas esposas (RSV, REB ‘princesas’) pode ter um significado em tomo de um número (cf. três mil esposas e concubinas em uma família real egípcia).

¹²⁰ Ikeda, Y., *Studies in the Period of David and Solomon*. Tokyo: Yamakawa-Shuppan-
tra, 1982, p. 215-218.

5-6. Davi é tido desde então como um padrão pelo qual um rei será avaliado ao ‘fazer o que é correto’ (v. 12; 3.14; 9.4; 14.8; 15.3). Salomão do mesmo modo é o primeiro a ser descrito que ‘fizera mal aos olhos do SENHOR’ ao seguir pessoalmente outros deuses.

Salomão foi ludibriado pelos acordos matrimoniais, permitindo a [a revivificação] dos valores cananeus. Os falsos deuses (não-deuses) eram: *Astarote* (Attarat cananéia, Ishtar babilônica, Astarte [grega]), a deusa do amor e fertilidade atestada por imagens encontradas em muitos locais antigos. Era cultuada especialmente em tiro e Sidon e a vocalização de seu nome parecia ser influenciada por *bōset* (‘vergonha’). Milcom, o deus nacional de Ammon, representa um título, ‘o rei’, ou um sinônimo para *Moloque* (v. 7), uma divindade como o Reshef sírio (‘chama’), associado à iniciação de crianças que ‘passavam pelo fogo’.¹²¹ Não é comprovado se isto envolvia sacrifício humano.¹²² Tal culto é rejeitado veementemente como *detestável* porque as práticas envolvidas eram degradantes (AV ‘abominação’, NEB ‘repugnante’, LXX ‘deus-idolo’. Praticar isto é deliberadamente praticar o mal perante o SENHOR — uma frase fundamental no julgamento dos líderes através desta história (v. a Introdução, p. 49). Isto impede qualquer iniciativa de *seguir* ao SENHOR *completamente* (RSV ‘totalmente’; AV ‘plenamente’ está mais de acordo com o heb. *millē*) como é exigido em Deuteronômio 13.3.

7. Sobre o uso dos santuários em colinas, veja 3.2. Camos (Kamus) o [lugar alto] consagrado a ele são mencionados em sua Pedra moabita (1.4).

8. A tendência ao culto sincretista (politeísmo) é acentuada pelas formas interativas de uma ação repetida, *incenso queimado* (‘transformado em fumaça’) e sacrifícios ofertados (repetidamente) para estes deuses.

b. O julgamento divino é anunciado (11.9-13). A história do Antigo Testamento está repleta de falhas de seus grandes homens (um sinal de veracidade) e dá claras advertências acerca das consequências da desobediência a Deus. Os requerimentos divinos têm sido completamente conhecidos tanto pelo ensinamento escrito quanto pelo ensinamento oral (a lei, e.g. Êx 20.1-17; 34.28), e reiterado pelos profetas e outros meios tais como as teofanias (v. 9). A falha em obedecer a Deus (‘ande em meus caminhos’) resulta justamente na ira de Deus.

¹²¹ Cf. 2Rs 16.3; 21.6; 23.10; Lv 20.2-5; Jr 32.35.

green, A. R. W., *The Role of Human Sacrifice in the Ancient Near East*, Missoula: Scholars Press, 1975, p. 176 e seguintes; weinfeld, M., ‘The Worship of Molech and the Queen of Heaven’, *UF* n.º 4, 1972, p. 113-154; heider, G. C., *The Cult of Molek: a Reassessment*, Sheffield: JSOT Press, 1985, afirma que isso sempre se refere a uma divindade (originalmente associada a Jerusalém), conforme *JAOS* n.º 107, 1987, p. 727-732; Day, J., *Molech a god of human sacrifice in the Old Testament*, Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 13-16, descreve Moloque como sempre uma divindade relacionada a sacrifícios humanos, não meramente uma veneração.

Seu consequente julgamento é (a) profético, *visto que esta é sua atitude* (coração, NRSV ‘mente’), *Eu...*; (b) completo, *abandonar o reino* (enfático); (c) faz advertências (v. 12-15; 1Sm 15.28); (d) [alicerçado] na misericórdia, *Não [...] durante seus dias de vida* (v. 12, cf. 2Rs 20.19); e (e) consolado por causa da piedade de Davi, observara integralmente a aliança (2Sm 7.11-16, cf. Abraão, Gn 18.19). Note que *uma tribo* sobreviverá (v. 13, confira 2Rs 17.18), Judá agora sendo unido a Benjamin. A falha de Salomão não anula a promessa de manter a sobrevivência dos remanescentes. O destino da dinastia de Davi, Jerusalém e o templo estão sempre intimamente interligados.

c. Causas políticas da divisão do reino unido (11.14-40). Mais uma vez a oposição pode ser o fruto de uma ação anterior:

i. Hadade e Edom (11.14.22). O julgamento de deus pode ser progressivo. A desintegração do reino de Salomão começou no início de seu reino. A oposição edomita fora primeiramente [despertada] por sua derrota e massacre 2Sm 8.13-14). Joabe parece ter estado ali *para sepultar os mortos* (v. 15), interpretado como ‘procurar as covas’ (Gray), ou seja, ele liderara como um governante da Edom por um certo tempo.¹²³ Esta desconfiança mútua entre Edom e Judá persistiria até o tempo de Herodes da Iduméia.

14. O SENHOR levantou [...] um adversário (*sātān*). O caráter permissivo e personificado de Satã foi posteriormente usado como um nome próprio pessoal para se referir àquele que se opunha a Deus e ao seu povo (v. 1Cr 21.1; Jó 1.6-12), Hadade, o deus das tempestades (Baal), o (H)ad(a)du, era usado também em nomes reais¹²⁴ na Síria e em edom (v. 23; 1Cr 1.30, 46).

17-18. Como um jovem adolescente que fugiu para o Egito. A rota, primeiro ao sul através de Mídia, local em que Moisés ficou após ter fugido do Egito, depois ao norte de Aqabah através de Wadi Feiran no Sinai, é incerta.¹²⁵ Ele foi tratado como um penhor real, sendo dado a ele um lar e uma terra para sustento (v. 2Rs 25.28-30).

19. A posição da rainha (heb. ‘rainha mãe’) pode ser enfatizada dando-lhe o título de *Tahpenes* (Egip. *t.hmt.nsw*, ‘esposa do rei’), ela e o rei não sendo nomeados.

21-22. *Deixa-me voltar.* Faz referência a Êx 91. Este evento aconteceu no início do reino de Salomão e o Egito não parece ter interferido deliberadamente em seus negócios.

¹²³aharoni, Y., *The Land of the Bible: A Historical Geography*, London: Burns & Oates, 1979, p. 223, 3º7, também considera que Hadade levou Edom a romper com Salomão (11.25).

¹²⁴avigad, N., ‘Seals of Exiles’, *IEJ* n.º 15, 1965, p. 222-232; bartlett, J. R., ‘Na Adversary against Solomon, Haddad the Edomite’, *ZAW* n.º 88, 1976, p. 205-226.

¹²⁵glueck, N., ‘The First Campaign at Tell el-Kheleifech (Ezion-Geber)’, *BASOR* n.º 71, 1938, p. 7 (Nm 12.16;13.3).

ii. *Rezom de Damasco (11.23-25)*. Mudanças políticas são atribuídas à ação de Deus (v. 23). O reino de Salomão foi posteriormente dividido pelo controle de Zobah, ao sul de Hamate, por Rezom. Isso pode ter acontecido após a vitória de Davi ali (2Sm 8.3-8), o que possibilitou uma dinastia rival transferida a Aram (v. 15.18). Heziom seria seu nome pessoal, e Rezom, um título. O nome E(h)li-Ada é sírio.

24. A tática de se juntar a um ‘saqueamento’ (RSV) bando de rebeldes (‘capitão de piratas’, REB) foi semelhante àquela usada por Davi. Eles *exerceram controle* (TM ‘eles se tornaram governantes’); não é necessário seguir a NEB ‘ele tornou-se rei’. O resultado foi a hostilidade contra Israel. (‘ele alienou’; heb. ‘ele odiou’ Israel).

iii. *Jeroboão, filho de Nebate (11.26-28, 40)*. A maior ameaça procedeu do centro. A vida e ação deste usurpador passaria a se tornar um símbolo do ‘pecado contra Deus e Seu povo’.¹²⁶ Os reis posteriores eram advertidos, ou descritos como ‘andando nos caminhos de Jeroboão’ (15.34; 16.2, 19, 26; 22.52).

26. A nomeação de sua mãe pode se referir ao início de uma linhagem dos futuros reis de Judá (v. a Introdução, p.47). Os efraimitas teriam sido ameaçados devido à expansão de Jersalém. Zeredá é Banat-Bar próximo a ‘*Ain Seridah*’, a noroeste de Betel.¹²⁷

28. Jeroboão é descrito como *um homem de porte*, ‘muito capaz’ e ‘muito laborioso’ (RSV), ‘de grande vigor’ (NEB) ou ‘grande habilidade’ (REB), especialmente na inspeção da reconstrução de Milo, em Jerusalém (v. 9.24). As tribos do norte (José) eram usadas como transportadores (*sēbel*) ao invés de trabalhadores forçados (*mas*), a não ser que esta palavra seja um dialeto local para se referir a *sēbel*.

iv. *A profecia de Aias (11.29-39)*. Era importante para um pretendente ao trono ter um suporte profético. Isto é que procedeu de alguém recentemente designado (com *uma nova capa?*) e que se opôs ao trabalho [forçado]. Para o simbolismo na profecia veja 2Rs 2.20; 1Sm 6.7 e frequentemente em Jeremias.

30. A ação é explicada aqui para apenas como um ato de cortar a orla do traje real denotava rebelião, veja v. 11 (v. 1Sm 15.27; 24.4-6). Na prática, isto significava a cisão entre as dez tribos do norte (v. 31-32) e Judá (Simeão)-tribo de Benjamin (ver adiante). A linguagem ‘deuteronômica’ é revestida de um caráter legal (v. 33).

A promessa é condicional (v. 34-36). Salomão haveria de ser o *governador* (*nāsī*’, em outro contexto, ‘príncipe’) somente *durante todos os dias de sua vida*

¹²⁶12.31; 13.33-34; 14.16; 15.30.

¹²⁷Kochavi, M., “The Identification of Zeradah, Home of Jeroboam, son of Nebat, King of Israel”, *EI* n.º 20, 1989, p. 198-201.

(v. 34. Este título não implica necessariamente um estatuto inferior ao rei, mas era utilizado para uma liderança eleita.¹²⁸

36. A *lâmpada* era um símbolo de:

(i) Vida contínua. Extinguir uma lâmpada (*nîr*, uma forma rara para *nêr*) ou um braseiro significava o fim de uma linhagem.¹²⁹

(ii) Sucessão contínua (v. 2Sm 14.7). Não é necessário associar isto com ‘domínio’ (Acád. *nîr*, ‘jugo’).

(iii) Em outro contexto, direção divina (v. 15.4). Pois a palavra de D é sempre ‘uma lâmpada para nossos pés’ (SI 119.105; 2Sm 22.29; Pv 6.20, 22). Mas desprezar a lei de Deus é condenar a si mesmo a andar nas trevas. Veja também 1Rs 15.4).

38. ‘Poderia ter havido dois reinos tementes a Deus se Jeroboão tivesse observado a Sua palavra. Mas Jeroboão, filho de Nebate, não o fez; este foi o seu pecado’.¹³⁰ A promessa de que o território de Davi será restringido, mas *não para sempre* indica um período pré- exílico, e continua a promessa de restauração e do Messias (v. Jr 30.9). Maior detalhe acerca desta rebelião fracassada (v. 40) é dado na LXX após 12.24. Sisaque é o primeiro faraó egípcio (*rei*) a ser mencionado pelo nome na Bíblia (v. 14.25-26).

d. **A fórmula de encerramento (11.41-43).** Este é o primeiro uso deste padrão em sua forma expandida para relatar o fim de um reinado (v. a Introdução p. 50-2). Salomão morreu por volta de 932 a.C., com aproximadamente sessenta anos. Sobre seu sepultamento, veja 2.10-11. Seu sucessor é apresentado em 14.21. ‘A despeito de sua glória, a majestade política de Salomão selou a condenação do Reino’ (H.J. Blair).

III. A HISTÓRIA DO REINO DIVIDIDO

(1Rs 12.1—2Rs 10.36)

O historiador relata a divisão do reino de Salomão narrando os eventos do ponto de vista de alguém inteiramente informado. Nenhum relato direto da divisão real é dado, mas suas causas são indicadas. Não havia nenhum princípio de sucessão hereditária ou dinástica ainda em operação, de modo que cada governante é caracterizado pelo método de sua eleição e sucessão. Seu reino é avaliado subsequentemente em termos espirituais. A hostilidade entre as tribos do norte e Judá, ao sul, com um descanso apenas temporário, fez com que fosse

¹²⁸Gn 14.24; 15.18-21; Wiseman, D. J., *Essays on the Patriarchal Narratives*, Leicester: IVP, 1980, p. 145.

¹²⁹CAD B n.º 73, conforme Jó 18.5-6; 21.17; Pv 20.20.

¹³⁰Talmon, S., ‘Kingship and the Ideology of the State’, apud Malamat, A. (editor), *The Age of the Monarchies: Culture and Society*. Jerusalém: Massada Press. 1979. WHJP V, p. 13-15.

necessário recontar os feitos do norte e do sul alternadamente. Alguns eruditos argumentam que os relatos destas regiões são compostos a partir de fontes divergentes (e.g. 12.12-14), que pretendiam explicar tais questões como a falta de iniciativa de Roboão, do ponto de vista israelita (ou ainda siquemita) ou judaico (Jerusalém). Os comentários podem bem refletir a discussão do historiador acerca de suas fontes.¹³¹

A. A divisão do reino (12.1—14.20)

i. Roboão (12.1-24). Cf. 2Cr 10.1 — 11.4; Josefo, *Ant.* viii.8.1-3.

a. *A atitude de Roboão (12.1-5)*. Depois de assumir ou de ser chamado a assumir o trono de Judá em Jerusalém or Hebron, Roboão pretendia ter a aprovação das tribos do norte, que já estavam impacientes com o austero governo de Salomão. Ele escolheu Siquém (Tell Balata, próxima à atual Nablus) como um centro religioso associado aos patriarcas (Gn 12.6; 33.18-20) e à aliança divina que todas as tribos reafirmadas por intermédio de Josué (Js 24). Todos os representantes das tribos de *Israel* sobre os quais Davi fora eleito rei (2Sm 5.3) estavam presentes. O período de tempo da intervenção de Jeroboão não é especificado. Ele pode ter retornado após ouvir a assembléia enquanto ele ‘permanecia’ no Egito (TM *wayyēseḇ*), como a AV, NIV, mg.) e voltou somente após a rejeição de Roboão em ouvir a advertência dos anciãos (conforme a LXX, cf. o v. 20). Outros argumentam que Jeroboão já havia ‘retornado’ (a RSV lê *wayyāsob*; v. 2Cr 10.2) do Egito. Não foi pela primeira vez que o Egito pretendia explorar a divisão na Palestina.

b. *Conselho certo e conselho errado (12.6-15)*. A demanda para abrandar a taxação, o trabalho forçado e o [alistamento militar] era razoável, pois eles se tornaram um crescente fardo no governo de Salomão.

7. *Se [...] te tornares servo [...] eles se farão teus servos para sempre*. Autoridade e poder exercidos no serviço induzem à lealdade. Jesus como o servo Messias ilustra perfeitamente isto (Mc. 10.43-45; Rm. 12.1). Se Roboão tivesse respondido demonstrando um entendimento correto de autoridade, que visava servir o povo, despertando-lhe o desejo de governar em conjunto, a consequência teria sido bem diferente e a desintegração daquela unidade que

¹³¹ De forma semelhante, a *Septuaginta* acrescenta informações adicionais após 12.24 a-z (Gooding, D. W., ‘The Septuagint’s Rival Versions of Jeroboam’s Rise to Power’, VT n.º 17, 1967, p. 173-189); ‘Problems of Text and Midrash in the Third Book or Reigns’, *Textus* vii, 1969, p. 11-13, no qual o caráter de Jeroboão é depreciado como o chefe dos rebeldes (24n). Com a morte de seu filho, ele é denunciado por idolatria antes mesmo de subir ao trono (24g-n). A *Septuaginta* traz uma interpretação contraditória em 1 Reis 12.24, a fim de encaixá-la no esquema geral de uma reinterpretação do livro inteiro.

deveria caracterizar o povo de Deus jamais poderia ter acontecido. Sua indecisão demonstra que ele está despercebido de que a ação imediata (hoje) frequentemente influencia a vida ‘por todos os dias’ (heb. *sempré*). Era o conselho de Roboão para sua própria posição? A solicitação dos anciãos era por ‘palavras boas’ ou termos favoráveis, ou seja, por brandura, não independência.

8. A posição dos *anciãos* (NIV, NEB ao invés de ‘homens idosos’, RSV) V) era muito nobre e respeitada em Israel (Êx 12.21). Não há certeza alguma de que os *jovens* representavam um grupo específico que fazia parte de uma legislatura alicerçada em duas câmaras como proposta por Malamat,¹³² ou ‘recém-chegados’ se confrontados com os ‘veteranos’ (DeVries).

Roboão, Agora com 41 anos de idade, identificou-se mais prontamente com o grupo mais jovem, que citou um provérbio popular (v. 10). A resposta intransigente deles (v. 10-11) parece ter influído em Roboão para favorecer fardos em impostos intensificados pelo estado: Ele os açoitaria com escorpiões (v. 11,14) — um chicote feito de prego em contraste com uma ‘chibata’ (NEB ‘chicote’). Embora estes elementos humanos e possivelmente as oposições de personalidade conduzindo ao colapso sejam claros, o historiador os interpreta como divinamente governado para cumprir o propósito e julgamento de Deus conforme foi profetizado por Aias (v. 15, cf. 11.11-12).

Este aspecto de interpretação da História é consistente no interior de todo o livro e com resto da Escritura (v. a Introdução, p. 23-4). Não é necessário ver este episódio como uma polêmica para ensinar o respeito para com os anciãos e a sabedoria de seguir o conselho dos antigos (como faz o Talmud), embora ele bem demonstre a tolice de negligenciá-lo.

c. Israel se divide (12.16-20). Como frequentemente acontece, a estupidéz rígida de um partido força o outro a tomar uma decisão impulsiva. A resposta por todo Israel (seja considerado como os Israelitas em geral ou os seus representantes) está na forma de uma declaração solene. O sério pronunciamento (‘Nós não temos participação com Davi’), ao invés de *Que participação nós temos...?* (v. 16) e a forma idiomática de destituição (*para as suas tendas*, cf. 2Sm 20.1) ambos implicam uma total rejeição de qualquer reconciliação possível. Tendas não podem literalmente estar envolvidas. Malamat argumenta, com certa razão, que este não era francamente um pronunciamento de rebelião como uma resposta dada à assembléia de Siquém por demanda de brandura, não de independência (DeVries, p. 158).

A indecisão — e ambivalência — de Roboão é demonstrada pelo fato de que ele toma várias medidas para controlar a situação. Ele primeiramente tenta a diplomacia (v. 18), depois recorre à força (v. 21-24).

¹³²Malamat, A., ‘Kingship and Council in Israel and Sumer. A Parallel’, JNES n.º 22, 1963, p. 247-253, com possíveis analogias no Oriente Médio na antiguidade.

18. Adorão (heb. Adoram, cf. 4.6; 5.14) era uma escolha pobre, pois ele era renomado por empregar estritamente trabalho forçado (*mas 'ôbēd*) ao passo que Jeroboão representava menores obrigações de impostos (*sēbel*). Talvez uma barganha entre dois tipos de serviços de estado estivesse em vista.

19. Este dia marca a data da fonte do comentário, que deve ter sido antes da queda de Samaria (722 a.C.). *Rebelião (pāsa')* é usada em outros contextos para se referir ao pecado contra Deus (Is 1.18; Os 8.1).

20. Para o retorno de Jeroboão veja acima no v. 2. Sua ascensão ao poder pode bem ter sido devido ao apoio egípcio.¹³³

d. O plano de Roboão para a guerra é impedido (12.21-24). 21. *Cento e oitenta mil* guerreiros hábeis (LXX 120.000) implica um autêntico golpe para a unificação. DeVries interpreta isto simbolicamente (12 X 10 X 100). Tais métodos sempre falham para dispor feudos de família. Ao impedir a guerra, o profeta não dá suporte ao novo rei, mas assegura que a palavra de Deus seja ouvida e obedecida nesse novo contexto. A ameaça de invasão por Sisaque do Egito pode ter contribuído para a desistência de Roboão.

22. *Homem de Deus*: veja a nota adicional.

24. A LXX acrescenta que detalhes extras favoráveis a Jeroboão. As rivalidades entre Jeroboão e Roboão reiniciam-se, de acordo com 14.30.

Nota adicional sobre o homem de Deus

Esta expressão é sinônima de 'o profeta' (v. 13.1,18) e é assim utilizado em Reis 37 vezes, na maioria das vezes para se referir aos profetas Elias e Eliseu (28 vezes). Semaías como um 'homem de Deus' profetizou no reinado de Jeroboão (2Cr 11.1-4), e suas palavras foram relatadas como aquelas do profeta (2Cr 12.5-8, 15). 'Homem de Deus' é usado para se referir às pessoas mencionadas pelo nome: Moisés (Dt 33.1; Js 14.6; Ed 3.2; SI 90 (título); 1Cr 23.14; 2Cr 30.16) e uma vez de Davi (2Cr 8.14) o único outro homem que é assim chamado é Jigdalias (Jr 35.4). E usada também para se referir a mensageiros não mencionados por nome, que trazem a palavra aos pais de Sansão (Jz 13.6,8), a Eli (1Sm 2.27) a Jeroboão (1Rs 13.1-31) e a Amazias (2Cr 25.7,9). A característica comum é que os homens falavam com autoridade ('Esta é a palavra do SENHOR') e eram conhecidos como aqueles cujas palavras tornavam-se verdadeiras (e.g. 1Rs 17.24). Estas são as características de um verdadeiro profeta (Dt 18.22, cf. Dt 13.2). O uso de Paulo do termo 'homem de Deus' acerca de Timóteo (1Tm 6.11; 2Tm. 3.17) refletiria este uso do Antigo Testamento.

¹³³Alberbach, M e Smolan, L., "Jeroboam's Rise to Power", JBL n.º 88, 1969, p. 69-72; Klein, A. W., "Jeroboam's Rise to Power", JBL n.º 89, 1970, p. 217-218; Once more: Jeroboam's Rise to Power' ", JBL n.º 92, 1973, p. 582-584.

ii. Jeroboão (12.25 — 14.20).

a. O pecado de Jeroboão (12.25-33). 25. Jeroboão primeiramente reedificou Siquém (v. 12.1) onde escavações demonstram a muralha e os dois portões fortificados em seu reinado. Ela se tornou a primeira capital do Reino do Norte. Outros locais foram anexados para garantir proteção nas fronteiras e diminuir a necessidade de dependência para as tribos de Jerusalém. *Peniel* (NIV mg. Penuel; Tell ed-Dhabab esh-Sherqfeh) em Gileade, Transjordânia (Gn 32.31, Peniel), protegeria contra a incursão aramaica e amorita e serviria como um local de reserva, diante da pressão de Sisaque proveniente do lado oeste. Tirza foi posteriormente anexada como outra capital (15.33). Tais detalhes poderiam ter sido preservados no recém inaugurado ‘livro dos anais dos reis de Israel’ (14.19).

26-28. O pecado de Jeroboão ao fazer uma capital rival foi devido à sua incredulidade na promessa de Deus feita a ele por intermédio de Aias (11.38). Sua decisão foi deliberada, após ter *buscado conselho* (v. 28) ou após ter (‘considerado o assunto’ (NEB, cf. NRSV ‘tomado conselho’), e defensiva. Os dois bezerros representavam símbolos aos quais o poder de Deus era atribuído, embora a natureza ineficaz deles como ídolo fora já demonstrada por Arão Ex 32.4-8). Alguns acham que os *bezerros dourados* eram pedestais sobre os quais o deus invisível permanecia (v. a prática assíria de apresentar bois sobre os quais as divindades permaneciam). O objetivo era desviar o culto dos israelitas para distante de Jerusalém e delimitar as fronteiras do novo reino. O próprio Jeroboão pode não ter inicialmente pretendido qualquer tipo de anti-Yahweísmo.

29. Betel (atual Beitin) ao sul da fronteira de Efraim, no território benjamita, situada na estrada de peregrinação, a dezenove quilômetros ao norte de Jerusalém. Ela teria sido um lugar sagrado de culto (Gn 28.11-19) e tornou-se um santuário real (Os 10.5, NIV mg.; 8.4-6).

30. Dã (Tell el Qadi) situado às margens do rio Jordão (próximo ao Monte Hermon) foi edificada para servir ao norte por razões de conveniência e comodidade. ‘Todo o povo foi até o outro, até Dã’ (TM) talvez indique que fizeram isto em procissão (conforma a JB). Uma escavação demonstra um santuário e um lugar alto construídos em Dã no tempo de Jeroboão I.¹³⁴

31-33. O pecado de Jeroboão e seu modo de vida, ao qual o historiador frequentemente se refere (15.30,34, e vinte outras vezes no livro dos reis; cf. Oséias e Amós) está claramente descrito como:

(i) Cisão da unidade do povo de Deus, tanto fisicamente (v. 25-26) quanto espiritualmente (v. 26-27).

(ii) Criação de ídolos feitos pelo homem para serem cultuados como deuses nacionais (v. 28-30).

¹³⁴Biran, M., “Dan” em Avi-Yonah, M.(editor), *Encyclopedia of Archeological Excavations in the Holy Land*. Vol 1., Oxford: Oxford University Press, 1977, p. 320.

(iii) Intensificação da função dos santuários israelitas. Sobre os *altos*, veja 3.3. Sobre a edificação de santuários, cf. 1Rs 13.32; 2Rs 17.29, e sobre práticas abomináveis, confira Dt 18.9-13.

(iv) Desvio do culto devido ao SENHOR e de sua casa em Jerusalém, onde sua presença era comprovada e declarada.

(v) Possivelmente tomou sobre si a função de sacerdote (v. 32-33; confira 2Cr 26.16-21).

(vi) Introdução de sacerdotes não-levíticos procedentes de 'toda classe de pessoas' (v. 31, NEB), contrariando Dt 18.1-8). Esta ação propiciou a evasão dos sacerdotes verdadeiros (2Cr 11.13-14) e a introdução de sacerdotes provenientes dos santuários cananeus no país (1Rs 13.33-34).

(vii) Reorganização das festas e do calendário religioso (v. 32-33). A Festa dos Tabernáculos passou a ser celebrada um mês antes (v. Lv 23.24) para antecipar aquela de Jerusalém. Não há forte evidência alguma de que esta estabelecerá um vínculo em comum com Festa do Ano Novo (Gray) na qual um novo rei era entronizado. Esta pode ter sido uma nova instituição e não simplesmente uma tentativa de ajustar o calendário ao ano solar (DeVries). Nem é provável que a própria Jerusalém tenha feito a alteração do controle de tempo.¹³⁵

Cada uma destas ações desafiou e anulou os requerimentos dados por Deus em sua Lei e implicou que os assuntos civis eram considerados mais importantes do que a prática e os princípios religiosos. Tal expediência negligenciava diretamente a promessa de Deus (11.38) e trazia punição sobre o pecador, que era auto-infligida e divinamente permitida.

b. Jeroboão e os profetas (13.1-14.18). A atividade profética intensificada é atestada em tempos especiais entre o povo de Deus (e.g. Elias — Eliseu, o nascimento de Cristo, os primeiros dias da igreja, etc.). Almeja-se exaltar o conhecimento da palavra de Deus e as consequências inevitáveis de sua rejeição. Um Jeroboão obstinado (v. 13.33-34) ouve de um homem de Deus proveniente de Judá (13.1-10), um profeta de Betel (13.11-32) e do profeta Aias, que reitera uma prévia advertência (14.1-18). Estes episódios são interpretados, de um modo geral, como um conflito entre o verdadeiro profeta ('o homem de Deus') de Judá e o falso profeta (e o culto) em Betel.¹³⁶ Outros vêem aqui 'o primeiro caso extensivo do Midrash nos livros históricos' (Montgomery), ou seja, um comentário homilético sobre a Escritura usando ilustrações alegóricas e lendárias. Ainda não se pode negar que nós temos aqui uma história unificada, a partir da qual as lições espirituais podem ser aprendidas em toda geração. Isto mostra que, a despeito de um clamor injustificado para ter a palavra de Deus, um profeta

¹³⁵Sobre o pecado de Jeroboão, leia também Danelius, E., "The Sin of Jeroboam Bem-JGR n.º 58, 1967, p. 98.

¹³⁶Crenshaw, J. L., *Profetic Conflict: Its Effect on Israelite Religion*, BZATW n.º 124, 1971.

ainda pode ser usado (v. 18-19; cf. Balaão, Nm 22-23) para proferir a punição sobre um mal e sobre um homem de Deus desobediente (v. 20-32). Outros vêem aqui um conflito profético, no qual a voz de Judá é desprezada pelo norte e os fiéis se opõem a um profeta desobediente. Uma vez que somente a testemunha judaica acerca destes eventos fora assassinada (v. 24), a história pode ter sido preservada em Betel.

Os elementos miraculosos — o altar fendido (v. 5), a recuperação de Jeroboão em resposta à oração (v. 6) e o leão ou o jumento não tocando o corpo (v. 34-25) — são significantes no tempo de novas origens. Muitos interpretam a história como ‘uma lenda profética’ (Long), admitindo que estes elementos não são necessariamente factuais e que a história tem sido expandida por um historiador ou historiadores posteriores. Assim sendo, eles fazem referência a Josias (v. 2-3), a um evento que ocorreu em seu tempo (v. 5) e a menção de Samaria (v. 32). Entretanto, a história é uma unidade reconhecida (Noth) e bem poderia ter sido acrescentada após a lista dos pecados de Jeroboão (12.31-33) para ilustrar o argumento principal do historiador de que o julgamento inevitavelmente recairia sobre aqueles que desafiavam a palavra de Deus.

i. O homem de Deus proveniente de Bethel (13.1-10). 1. O homem de Deus (v. nota adicional sobre 12.22) é nomeado Yadon por Josefo (*Ant.* viii.91.; cf. *Ido*, 2Cr 13.22). Jeroboão poderia ter estado junto ao altar, assim como Salomão havia feito durante a cerimônia de inauguração do templo (1Rs 8.62-64).

3. O sinal (*môpēt*) marca um evento a ser cumprido seguramente à luz de um cumprimento tanto imediato como subsequente (2Rs 23.15-16). O sacrifício e o altar, ambos foram imediatamente mostrados para serem invalidados. Os meios não são apresentados; talvez o altar fosse *rachado* (v. RSV ‘arruinado’) por um terremoto ou por água fria derramada sobre cinzas quentes (*dešen*, i.e. as cinzas encharcadas de gordura normalmente removidas cerimonialmente para um lugar puro, Lv 6.10-11).

4-6. A enfermidade de Jeroboão. A mão estendida indicando que o seu denunciador sofreu um espasmo muscular ou uma rigidez nervosa devido ao espanto de identificar sua vítima como um profeta. A doença súbita tem sido atribuída a uma hemiflegia, a um bloqueio da artéria principal ou ao resultado de uma hemorragia cerebral ou embolismo do qual o coágulo dispersou.¹³⁷ A mão ressequida (heb. *ybs*, ‘seca’) seria tomada como um sinal do desprezo divino (Zc 11.17), assim como a cura foi um sinal de que o homem de Deus era um mensageiro autêntico. Um profeta era também conhecido por seu papel como intercessor (Am 7.2; 1Sm 7.8). Este não é ‘outro elemento lendário’.

7-10. Se o homem de Deus fosse fazer um acordo ou demonstrar comunhão ('comer pão', v. 7, 18) com o rei, isso teria sido equivalente à cessação de julgamento. O pretexto do rei poderia ter sido 'associar-se em comunhão com ele como uma forma de garantia' (Robinson, p. 161; cf. Noth, p. 298), e assim buscar a aprovação do profeta para sua nova posição real. A interdição para retornar a rota poderia servir para evitar um contato adicional com um povo e lugar amaldiçoados.

ii. *O velho profeta de Betel (13.11-32)*. Esta história representa a resistência do norte ao julgamento pronunciado por Deus. O homem não fez nenhuma reivindicação a uma palavra direta procedente do SENHOR (que veio por intermédio de um anjo ou mensageiro, v. 18) e estava mentindo (v. 18), contradizendo a verdadeira palavra de Deus (v. 9). E ainda ao mesmo tempo ele fora utilizado para repreender o homem de Deus (também um profeta, v. 18), por sua desobediência.

14. O *carvalho* (*elâ*, NEB 'terebinto') não precisava ser a mesma árvore ('*allôn*') como aquela sob a qual a ama de Raquel Débora fora sepultada (Gn 35. 8).

20. A *mesa* era normalmente o sinal de um lar próspero (v. *IBID*, p. 671 como ilustração). A *palavra do SENHOR veio*. Esta distingue a profecia verdadeira da falsa profecia, que procede da imaginação (Jr 23.16).

21. A razão para a punição vindoura é, de um modo bem comum, claramente apresentada e faz sentido. Esta não precisa ser descartada como um comentário posterior, mas é uma palavra real dada ao velho (decaído?) profeta.

22. Era uma maldição um corpo permanecer insepulto. Por isso, há a ênfase sobre o detalhe acerca do lugar do sepultamento. Era uma desgraça ser sepultado distante da família entre estranhos (v. 1.21).

23. *Fizera voltar*, ao invés de 'a quem ele (o profeta) tinha feito retornar' (RSV). O profeta sentiu-se responsável pelo seu hóspede e isto pode ser uma tentativa de salvar a sua consciência.

24-25. Os leões existiam na Palestina até, no mínimo, o décimo terceiro século d.C. Isso seria tomado como um sinal do *status* do homem de Deus, pois o leão não o feriu nem o jumento o tocou.

30. A sepultura da família em Betel era ainda reconhecida há trezentos anos depois (2Rs 23.17). O profeta de Betel pode ter procurado honra, sendo associado a um homem aprovado por Deus, ou pretendido realçar a unidade dos profetas de Israel e Judá (Jones, Wurthwein). Sobre a existência de Samaria, como um local conhecido antes da cidade ser nomeada após isto, veja 1Rs 16.24.

iii. *O pecado de Jeroboão (13.33-34)*. Isto é enfatizado pelos relatos da sua 'má conduta de vida' contínua (v. 12.30-33), a despeito de advertências e episódios significantes (*após isto*). 'Tal conduta transformou a casa de Jeroboão em uma casa pecaminosa' (JB; 'pecado' é aqui 'uma oferta de pecado',

hattā't). Este pode ser um exemplo do Antigo Testamento da comissão de um pecado mortal, apesar da advertência (v. 1Jo 5.16). A família de Jeroboão não sobreviveu à morte do seu filho (15.29), embora a memória de sua vida pecaminosa nunca fosse esquecida.

iv. *A profecia de Aías concernente a Jeroboão (14.1-18)*. Uma vez que a história toda depende da avaliação do Reino do Norte de Israel como uma falha, a narrativa continua como uma profecia adicional acerca do fim da casa de Jeroboão. A ênfase demonstra como sua posição prometida é abandonada devido à apostasia. Não é necessário rejeitar a estes como se fossem meramente lendas proféticas. O texto, na linguagem e no comentário, mostra-os sendo consistentes com o ponto de vista a partir do qual a história toda é escrita. O detalhe original poderia proceder de relatos proféticos, mantidos em Siló (Jones) ou em outro lugar (v. 19, cf. 1Cr 29.2; 2Cr 13.22).

1. *Abias* ('meu (divino) Pai é Yah(weh)') pode ter sido o primogênito de Jeroboão, pois o seu nome implica que o seu pai reconhecia o SENHOR Deus de Israel naquele tempo. Não são relatados detalhes de sua enfermidade (v. 1, 5, 12, 17). Sendo assim, é especulação dizer que a sua morte foi 'causada por Deus'. A morte de um filho era frequentemente vista como resultado do pecado de um pai (v. 2Sm 12.14; Jo. 9.2), e esta seria uma confirmação adicional à palavra de Deus por meio de Aías. Jeroboão pode ter pensado que o profeta lhe mostraria favor como ele fizera anteriormente (11.29-39; 12.15). Os profetas eram comumente consultados acerca dos assuntos de saúde (2Rs 1.2; 4. 22, 40; 5.3).

2. O disfarce da esposa pode ter sido motivado pela esperança de receber uma visita imparcial e de abrandar qualquer encorajamento a rebelar-se, se fosse conhecido que a saúde do seu herdeiro estava em risco. Mas o disfarce é sempre considerado errado e ineficaz, como no caso de Saul (1Sm 28.8), Acabe (1Rs 22.30) ou Josias (2Cr 35.22, cf. 1Rs 10.38). *Shiloh* (atual Khirbet Seilun), uma vez destruída pelos Filisteus, cerca de 1050 a.C., foi agora reocupada.

3. Normalmente, os altos dignitários recebiam um presente substancial (v. 2Rs 5.5, 15; 8.8), mas as pessoas comuns traziam apenas um simples 'presente de audiência'¹³⁸. O presente escolhido aqui era um alimento, uma vez que sua aceitação significaria favor, mas seus constituintes, além do pão, mel ou melado (uma guloseima), são incertos. *Bolos* (AV 'bolachas'; NEB 'uvas passas' segue uma interpretação da LXX); tem sido sugerido que esta palavra (*niqqudîm*) pode ser uma referência a um carneiro malhado (*nqd*, Gn 30.32) e, possivelmente, seja o leite de ovelha (ou queijo) ou um jogo de palavras tal como 'estar gravemente doente, causar preocupação' (Acád. *naqādu*).

4. Os olhos do profeta estavam escurecidos (*qāmû*), fixos (REB, cf. Gn 48.10), ou cegos (como os de Eli, 1Sm 4.15), i.e., 'sua visão estava falhando' e

¹³⁸ 1Sm 9.7-8 e, para a audiência, presente-*nāmurtu*, VT n.º 32, 1982, p. 315.

melhor do que *sua visão se fora*. Ele tinha inspirado uma segunda vista, agradecendo surpreendentemente a pessoa que veio para ‘inquirir do SENHOR (v. 1Rs 1 16-22.8; 2Rs 22.18) com sua identidade e o propósito de sua visita. Isto autenticou *sobremodo* sua mensagem como procedente de Deus.

6-8. As *más notícias* (*qāsā*) lembrariam o ouvinte de algo ‘difícil de ouvir’ e assim o jugo pesado de 12.11. O profeta relembra a Jeroboão (i) a provisão graciosa de Deus, pois ele tinha surgido de uma origem humilde (v. 7)¹³⁹ para ser designado por Deus como um líder (*nāgîd* ‘governante’, cf. 1.35) e governar como um príncipe (*nāsi*’, 11.34);¹⁴⁰ (ii) que ele era objeto de uma promessa de poder clara, mas condicional; (iii) mas, que ele tinha falhado em observar o exemplo de Davi (v. 8, cf. 11.31-33).

9. A maldade de Jeroboão está expressa em não meras ‘frases de estoques *deuteronomísticas*’; ele foi comparado por todos os governantes precedentes (como ‘juizes’, ou seja, ‘governantes’), incluindo Saul, como Onri foi posteriormente (16.25). Em seu caso, sua introdução de *outros deuses* (v. 12.28-30) havia agora tratado Deus com desdém (*me viraste as costas*, ‘viraste tuas costas sobre mim’, REB) e assim incitou Deus a uma oposição ativa ao pecado.

10-11. Este pretenso ‘oráculo de julgamento’ é expresso na linguagem das ‘canções insolentes’ populares (De Vries)¹⁴¹. O escravo ou liberto rítmicos (heb. ‘*āzur w’-‘āzûb*’) denota ‘todo aquele’, ‘grande e pequeno’ em outros contextos.¹⁴² Permanecer insepulto era uma maldição (Dt 28.26) como aconteceu posteriormente com Baasa (1Rs 16.4) e Jezabel (1Rs 21.24). Os cães eram os carniceiros na cidade, assim como as aves de rapina eram em campo aberto (Robinson).

12-13. *Menino* (*yeleḏ*) pode ser usado para se referir às várias idades, como acontece com o português ‘moço’. Sua morte poderia também ser vista como um ato de misericórdia para poupá-lo da desonra e catástrofe que adviriam ao reino de Jeroboão. Enquanto nada é dito acerca de *algum bem* (*tôb*) feito por Abias, este termo é usado para se referir à observância da aliança.¹⁴³ Tradicionalmente é dito que um príncipe-herdeiro tenha removido um corpo de guardas para impedir os fiéis de subir a Jerusalém onde ele mesmo participaria dos festivais (Talmud M.K. 28b). Assim sendo, ele foi o único membro de sua família que fora sepultado.

12.24, a *Septuaginta* diz que sua mãe foi uma prostituta.

¹³⁹Wiseman, D. J., *Essays on the Patriarchal Narratives*, Leicester: IVP, 1980, p. 144-145.

¹⁴¹Por exemplo, “todo macho” (v. 10); em hebraico, literalmente ‘ele que urina contra o muro como av, 1Rs 16.11; 21.21; 2Rs 9.8, pode ser escolhido para andar com “estrupe”.

¹⁴²Alguns autores apresentam uma interpretação que alude a limites, como, por exemplo, ‘sob proteção da família ou não’ (neb, reb); ‘nascido ou não nascido’ (Lewy, J., ‘*Biographical Notes*’, HUCA n.º 12/13, 1937/8, p. 99-101, acádico, série *Izbu*); ‘casa-
do ou solteiro’ (Slotki).

¹⁴³Fox, M. ‘*Tôb as Covenant Terminology*’, BASOR n.º 209, 1973, p. 41 e seguintes; TDOT n.º 5, 1986, p. 308.

A seção seguinte (v. 14-16) não é apenas ‘um apêndice à promessa de castigo original’ (Jones), mas a declaração arrazoada acerca dos meios de levar a sua conclusão. Uma nova linhagem iniciará o fim (Ba-ha, 15.27-16.7) e o exílio o completará. O caníço agitado é uma metáfora comum para a instabilidade da opinião pública, em breve a ser experimentada nos frequentes altos e baixos das famílias governantes de constantes alterações (v. Mat. 11.7; Lc. 7.24).

15. Arrancado (nts) ou ‘abandonado’ (NEB), usado para se referir ao exílio e à ação de Deus, é predito para qualquer um que quebre a aliança.¹⁴⁴ Isto se cumpriria com a queda do Reino do Norte em 722 a.C., quando os israelitas foram levados ao leste *além do rio* (Eufrates) para Assíria (2Rs 17.23). Os postes de madeira de *Asherah* (heb. é plural; logo AV traduziu ‘bosque’) foi colocado por altar como um símbolo ou representação da deusa-mãe cananita da fertilidade, a consorte de Baal (15.13; 18.19), com a qual eles estavam então associados (Jz 3.7; 2Rs 23.4). Fora dito aos hebreus que eles deveriam destruir tais imagens (Êx 34.13), ou queima-las (Dt 12.3).

c. A fórmula de encerramento do reinado de Jeroboão (14.19-20). Este final familiar para o relato de um reinado usualmente dá (i) outros aspectos não apresentados na história; (ii) fontes de inspiração; (iii) extensão do reinado; (iv) morte e sepultamento; (v) sucessão (v. a Introdução, p. 46s). A luz disto, a ênfase aqui é interessante. Ele relata as *guerras* contínuas com Judá (v. 15.5; 2Cr 13.2-20). Por comparação ao grande pecado de Jeroboão seus outros feitos não são dignos de nota. Uma vez que não tenha havido nenhuma asserção introdutória, seu início tendo sido subsumido pelos eventos que conduziram à cisão de Israel (12.3, 15-33), a extensão do reinado é acrescentada aqui. Os *vinte dois anos* separam os reinos de Roboão, Abias e parte do reinado de Asa de Judá. Note a ausência dos dados acerca do sepultamento (v. 1.21). *Nadabe*, veja 15.25-26 e sobre o nome cf. Nadabias (‘Yah[weh] tem dado generosamente’) na Carta de Laquis III.

B. A história de cada reinado (14.21-16.20)

i. Roboão de Judá (14.21-31)

a. Resumo do reinado (14.21-24). **21.** A história formal de Judá pode ser resumida a partir de 11.43. De agora em diante *Judá* é usado para se referir ao Reino do Sul e Israel para se referir ao Reino do Norte. Nenhum detalhe sincrônico é apropriado devido ao fato de Jeroboão nunca ter sido reconhecido como o rei contemporâneo justo de Israel. Outros detalhes do seu reino e família são dados em 2Cr 11-12. *Dezessete anos*=930-913 a.C. O título de Jerusalém enquan-

¹⁴⁴Dt 29.25-28; conforme Wiseman, D. J., *The Vassal-Treaties of Esarhaddon*, London: British School of Archaeology in Iraq, 1958, p. 52 (iv. 295).

to a cidade em que o SENHOR tinha escolhido [...] na qual ele pôs o seu Nome é característica de Deuteronômio (12.57-26) e 1Rs (8.16, 44; 11.13; cf. 9.3; 2Cr 12.13; Sl 132.13). O nome da mãe é apenas dado para os governantes de Judá (v. a Introdução, p. 47). *Naamá* era filha de Salomão por intermédio de um tratado de casamento com uma amonita (11.1); um texto suplementar da LXX faz dela uma filha de Hanun, filho de Naás (v. 2Sm 10.2).

22. *Judá*, aqui o povo de Judá representa Roboão (embora Gk. aqui e 2Cr 12.14 transforma Roboão em sujeito) — ‘tal rei, tal povo’. Para a avaliação teológica do seu reino, veja a Introdução, p. 47. Ele começou bem sob a influência dos sacerdotes leais ao SENHOR (Javê) que haviam sido desvinculados do norte, mas posteriormente se afastou deles, permitindo o desenvolvimento de centros de cultos locais (12.24; 2Cr 11.17; 12.1) O historiador não tem receio de castigar a casa favorecida de Davi.

23. Os empreendimentos pagãos incluíam *lugares altos* (v. 3.3) e *pedras sagradas* (NEB ‘pilares sagrados’). O heb. *massēbōt* (plural) denota pedras que representam divindades, algumas com símbolos divinos cravados sobre elas (2Rs 3.2). Estas eram erigidas junto aos altares, uma prática proibida há muito quando associada com ‘outros deuses’ (Êx 23.24; Dt 16.21-22), mas não quando erigidas em memória do próprio Deus (Gn 28.18; 31.45; Êx 24.4). A referência a *todo alto monte* e a *toda árvore verde* podem surgir a partir da idéia de que estas estavam associadas às divindades locais e aos símbolos de fertilidade naturais contidas nelas (v. Dt 12.2; Os 4.13; Jr 2.20).

24. *Prostitutos culturais* pretende traduzir ‘aqueles separados como santos’ (heb. *q’dēsīm*, plural), que é utilizado para ambos os sexos e tomados como se fizessem uma referência à antiga prostituição ritual cananita. Tais *práticas detestáveis* (AV ‘abominações’) indicam qual seria a atitude do verdadeiro crente quanto a estas e a outras atividades que são proibidas (Dt 23.17-18).

b. A invasão de Sisaque (14.25-28). Esta é única referência ao evento político no reinado de Roboão que pode ser considerado um sinal da punição divina, provocando uma reforma temporária (2Cr 12.2-12). Sesoque I (Sisaque) fundara a dinastia egípcia (Libia) XXII (945-924 a.C.) e sua invasão na Palestina neste ano (925a.C.) é seguramente comprovado nos relevos do templo de Amon em Teba (Karnak)¹⁴⁵. Dos cento e cinquenta topônimos ali registrados, seu objetivo parece ter sido sancionar o controle egípcio sobre as rotas de comércio principais por toda a Palestina e Negeb. Sua força de 12.2000 carruagens e sessenta divisões (60.000) de cavaleiros dragaram pelas áreas fortificadas de Judá exigindo tributo, incluindo um pagamento maior do tesouro do templo, fizeram uma vã tentativa de salvar a própria Jerusalém (v. 26, 2Cr 12). Como os

ento

¹⁴⁵Kitchen, K. A., *The Third Intermediate Period in Egypt (1100-600 a.C.)*, London. Aris & Phillips, 1972, p. 293-300. 432-447, 575.

Egípcios invadiram o território israelita e erigiram uma coluna em Meguido, pode ser que um outro objetivo fosse deter Jeroboão. E significativo que os egípcios não reivindicavam a captura de Jerusalém e, um ano depois, Sisaque faleceu. Para uma reconstrução da rota feita nesta campanha e as defesas contra ataques posteriores a partir do sudeste organizadas por Roboão (2Cr 11.5-12).¹⁴⁶ Estes postos de defesa haveriam de servir bem as gerações sucessivas.

26. A substituição dos escudos de ouro de Salomão por escudos de bronze (v. 27, cf. 10.16-17) mostra o declínio econômico de Judá neste tempo. Todavia a armadura do templo e o ritual eram mantidos.

27-28. O corpo da *guarda* real ('escolta', REB) como originalmente criado para os filhos de Davi (*rāsim*, homens corretores; 1.5; 2Sm 15.1-2) seria usado com cautela, se a ênfase sobre o retorno de suas armas cerimoniais para um câmara da guarda fosse significativa (heb. *tā'*; Acád. *ta'u*).

c. A fórmula de encerramento do reinado de Roboão (14.29-31). Este é o primeiro uso para o padrão de encerramento abreviado para um rei de Judá (v., porém, 11.41-43) e a primeira referência a fontes judaicas pós-davídicas disponível ao historiador (v. a Introdução, p. 40-1). Esta incluiria detalhes *do estado de guerra contínuo* (v. 30) entre Judá e Israel, quer este fosse um 'estado de hostilidade' ou frequentes conflitos de fronteira. Sobre o lugar de sepultamento na *Cidade de Davi*, veja a Introdução, p. 51 e 2.10. O nome da mãe do rei é normalmente dado na introdução formal ao reinado (v. v. 21), a LXX o omite aqui. *Abias*. Esta tradução do nome segue 2Cr 12.16 e alguns manuscritos hebraicos, mas muitos lêem aqui Abião. O nome é provavelmente uma variante de Abião (*conforme* MT, RSV, NAS; cf. 2Cr 12.15; Josefo e LXX(L) leu *Abiou*).

ii. *Abias de Judá (15.1-8).* Abias ('Meu pai é Yah-[weh]') continuava a guerra com seu contemporâneo Jeroboão de Israel. Ele é aqui censurado por sua corrupção religiosa e lealdade parcial ao SENHOR Deus. Ainda por amor a Davi e em resposta à sua fé foi lhe permitida uma vitória espetacular contra os israelitas que o cercavam, a quem ele desafiara, porquanto eram mais apóstatas ainda do que ele (2Cr 13.3-20). Sua posição e poder expandiu-se em Jerusalém (v. 4), e pela anexação de Betel, Jesana e Efraim (Ofra) e suas adjacências na região de montanhas, ele expandiu as fronteiras em direção ao norte. Este é um exemplo de Deus abençoando o indigno por amor ao digno.

1. Os padrões de ascensão a partir deste reinado em diante estabelecem contrastes entre Judá e Israel. Não é claro se isto haveria de correlacionar as

¹⁴⁶Aharoni, Y., *The Land of the Bible: A Historical Geography*, London: Burns & Oates, 1979, p. 323-325.

fontes para o leitor ou enfatizar a unidade essencial que teria marcado ambos os povos.

2. O pai de *Maaca* era Abishalom que parecia ser a tradução de Absalão (2Cr 11.20-23; Josefo, *Ant.* viii. 10.1), mas isto não é necessariamente assim. *Maaca* era neta de Uriel de Gibeá (2Cr 13.2) que, se ele tivesse desposado Tamar, filha de Absalão, ele a teria transformado em neta de Absalão (*conforme* NEB).

3. O historiador está interessado em comentar acerca do caráter dos reis. *Seu coração não era totalmente consagrado a Deus (sâlēm, 'totalmente em unidade com', AV 'perfeito', REB 'fiel', NRSV 'verdadeiro', cf. 11.4)* significa que ele era indeciso e muito instável (Tg 1.8). Somente quando um governante estiver em perfeito relacionamento com Deus, a promessa de sucessão poderá ser realizada.

4. A *lâmpada* (heb. *nîr* somente aqui e em Pv 21.4) simbolizava isto (v. 11.34-36). O próprio Deus fora a vida e a luz guia da liderança de Davi (2Sm 22.29) através de sua palavra (SI 119.105) e mandamento (Pv 6.23) que se extinguiu por sua morte (11.36; 2Sm 21.17). Salomão foi abençoado *por amor a Davi*, um pensamento recorrente neste livro.¹⁴⁷

5. Sobre *Urias, o Heteu*, veja 2Sm 11.

iii. Asa de Judá (15.9-24). Cf. 2Cr 14.1-15.

a. *Resumo do reinado (15.9-15)*. Asa deu sequência à política do seu pai, embora sobre isso o historiador não tivesse comentado em detalhes (15.6-7) como ele faz aqui, enfatizando que ele fizera o que era *reto perante o Senhor* (v. 11-15) e ainda, com poucos acerca dos quais isto é dito, existem exceções para uma perfeita mordomia (v. 14a). Ele se valeu de um tempo de paz para começar as reformas religiosas e extirpar os abusos e tendências pagãs. Pelo auxílio de Deus, ele derrotou uma ameaça egípcia. Mas ai, apesar do seu compromisso por toda a sua vida (v. 14) e o encorajamento dado pelas palavras proféticas de Azarias (2Cr 15.1-7), ele passou a não crer, renovando por isso uma aliança com os arameus de Damasco. Este simples procedimento conduziria eventualmente à queda de Israel e Judá.

9-10. Como filho de Abias (v. 2,10) ele pode ter sido um filho menor forçado pelo breve reinado de seu pai, de apenas um ano completo, a permitir que sua mãe/avó exercesse influência indevida. Ele atenuou isto, como também a apostasia religiosa, ao depô-la posteriormente em seu longo período de reinado (v. 13).

11. Note como 'fazendo o que é reto' é mostrado em atos específicos (v. 12-13) embora seja uma declaração geral.

12. A expulsão dos prostitutos-cultuais associados às práticas cananitas e pagãs pode ter sido um movimento impopular.

¹⁴⁷1Rs 11.12, 13, 32, 34; 2Rs 9.18; 19.34; 20.6; SI 122.8-9; *pelo bem de* (Hebraico: *ma an*: "por conta disso", literalmente "em resposta a isso").

13. Somente aqui é a *Ashera* (v. 14.15) descrita como ‘escultura cilíndrica’ (*gillûlim*, v. 12, *ídolos*) que conduziria o espectador a ‘cambalear-se’ (*miplešet*), um termo usado para se referir ao terremoto (*conforme* SI 55.5; Is 21.4), perante a imagem *repulsiva* (RSV ‘abominável’). O poste ídolo de Ashera também era repulsivo e ‘obsceno’ (NEB; segundo a Vulgata, um símbolo fálico; RSV, ‘abominação’) aos olhos do verdadeiro adorador de Deus e estava associado ao culto da deusa mãe cananita. O *Vale de Cedron*, ao leste de Jerusalém era então principal depósito de lixo da cidade.

15. Aos utensílios consagrados no templo poderiam ser incluídos os escudos feitos por Roboão e os espólios de guerra.

b. Nova guerra contra Israel (15.16-22). Esta foi uma reação ao bloqueio de Israel da rota norte a partir de Jerusalém (v. 9.17). Eles haviam adentrado até o extremo sul, que é Ramá (Er-Ram, nove quilômetros ao norte de Jerusalém). Asa se valia de suas relações de tratado existente (sobre a qual os Reis não fornecem detalhes) e possivelmente a origem aramaica da rainha-mãe invocasse auxílio do Ben(Bar)-Hada I de Damasco. É digno de nota que o cronista censurasse Asa por confiar em seu relacionamento de tratado antes do que no SENHOR e por sua supressão àqueles que se opunham a sua política (2Cr 16.7-10). Isto não é mencionado aqui, ao passo que a ênfase está sobre bem e o correto que Asa fez como sucessor de Davi. *Tabrimon* (v. 18) significa ‘bom é Rimmon’, o ‘deus-trovador’, um título de Baal. O pagamento (v. 19) era mais substancial do que um presente para a audiência; era *prata e ouro* — a prata sendo mais valiosa do que o ouro neste tempo (v. 10.21). E sucedeu que obteve o apoio dos arameus para atacar a fronteira de Israel, ao norte da Galiléia (Kinnereth) e Naftali ao leste. Isto resultou na interrupção da principal rota de comércio para Tiro e Sidom, a perda das últimas possessões de Israel ao norte de Gileade e sua retirada o território recentemente conquistado no sul (v. 21) de modo a enfrentar a nova ameaça.

18. *Heziom* pode ser o nome do fundador da dinastia, ao passo que Rezon era o seu título. *Aram* (NIV, NEB) denota a cidade-estado centrada em Damasco e deve ser preferido à ‘Síria’ (AV, RSV), uma designação geográfica não utilizada até muitos séculos após.

20-21. *Ijom* e *Dã* (Tell el Qādi), edificada junto as nascentes do rio Jordão Hazor não é nomeada e não há evidência arqueológica segura para um suposto saque da cidade por volta deste tempo. *Tirza* estava a ponto de ser a capital de Israel (v. 33), mas foi destituída por Samaria (16.23-24).

22. A convocação total usual (*mas*, não *mas* ‘*obēḏ*’) foi requerida pela necessidade urgente para estabelecer um novo posto de fronteira em Geba para defender a terra conquistada no território benjamita a treze quilômetros ao norte de Jerusalém apenas ao leste de Ramah. Este lugar não deve ser confundido com Geba próximo a Berseba (2Rs 23.8). As sólidas defesas desenterradas em *M-*

zpah (Tell en-Nasbeh) mostram que estas foram agora reorientadas em direção norte e fortalecidas contra um ataque de carruagem. A utilização de pedras e madeiras em construções deste período já está comprovada nas muralhas do pátio do templo (6.36; cf. *IBD*. p. 102).

c. A fórmula de encerramento do reinado de Asa (15.23-24). Padrão de encerramento do reinado de Asa inclui a nota em comum sobre sua condição física debilitada, a qual 2Cr 16.12 associa à confiança nos médicos antes do que em Deus. O Antigo Testamento usualmente ordena o uso da prática médica e oração. Está especificada que a enfermidade estava situada em *seus pés* ('*et*, v. 23) e pode ser interpretada como gota (podagra), descrita pelo Talmud babilônico como 'agulha em carne crua'. Mas a gota não era comum na Palestina e no Egito antigo, e é mais provável, em função da idade de Asa, que se tratasse da severidade da doença e morte no período de dois anos, para que tenha sido um distúrbio vascular obstrutivo periférico, com gangrena consequente.¹⁴⁸ Alguns interpretam 'pés' como se fossem um eufemismo aqui para se referir aos órgãos sexuais (v. 'ele cobriu seus pés', AV Jz 3.24) e encontram referência para a doença venérea tal como a sífilis terciária. Mas esta não ainda sido identificada no período do Antigo Testamento.

24. O cronista (2Cr 16-14) pode estar se referindo não à cremação de Asa, mas ao intenso fogo em honra a sua casa pelo modo de celebração ou de fumação no seu sepultamento (como aqui no v. 24).

iv. Nadabe de Israel (15.25-32). A história se reverte para os reis de Israel que são contemporâneos de Asa. O fim da casa de Jeroboão é predito pelo golpe sob o comando de Baasa. Estas fontes incluem registros locais da rebelião (v. 27-28) e da história profética (v. 29-30).

25-26. Este sumário do reinado concede a Nadabe dois anos, compreendendo parte do seu ano de ascensão e parte do seu primeiro ano de reinado completo, assim de fato pode ter abrangido menos (v. 24, 33).

27. *Baasa* é aqui dado o seu nome de família e o local de origem (Issacar ao sudoeste da Galiléia) para distinguir o pai Aías da pessoa do mesmo nome em Siló (v. 29). Israel era forte suficiente para atacar a Filistia ao sudoeste (v. 16.15). *Gibetom* (Tell Mal'at) situada a cinco quilômetros ao oeste de Guezer, próxima da fronteira onde Israel, Filistia e Judá se encontravam.

28-30. O reinado de Baasa é apresentado aqui para explicar a morte de Nadabe em suas mãos, que é interpretado como um cumprimento da profecia de

¹⁴⁸ Vries, A. e Weisberger, A., 'King Asa's Presumed Gout', *The New York State Journal of Medicine*, fevereiro de 1975, p. 452-455; ou tra enfermidade, que não um edema: Wiseman, D. J., em Palmer, B., (editor) *Medicine and the Bible*, Exeter: Paternoster Press, 1986, p. 111. 2Cr 16.12 pode indicar que a doença se espalhou para cima ('*ad L'ma 'alâh*, rsv, נִוִי: severa').

Aias (14.10-16). Isto envolvia o extermínio da casa do Jeroboão. A justificativa para matar *todo aquele que conspirou* no seu regime, agora concluído, parece terrível, mas era uma prática comum naquele tempo. Davi pretendia fazer isto com a casa de Saul, mas foi impedido. O propósito era inicialmente evitar qualquer foco de represália ou

disputa sangrenta após um golpe (v. 16.11; 2Rs 10.1-7; 11.1). Isto pode estar associado à extensão da punição divina (Dt 9.14; 25.19) para impedir a propagação deliberada do pecado (v. 30). A ordem para os israelitas que entrassem na terra era a total destruição daqueles que se opusessem a Deus (Dt 7.2). Neste contexto, isto pode ser interpretado como se referisse aos companheiros hebreus que se opunham a Deus, e isto requeria sanção profética especial (v. 29). A contaminação do pecado deve ser impedida.

v. **Baasa de Israel (15.33—16.7)**. Baasa, por tomar o poder através do assassinato de Nadabe, conduziu ao fim a casa de Jeroboão originalmente designada por Deus e por isto foi amaldiçoado, como havia sido profetizado (16.3, 7, cf. 15.29). Detalhes principais do seu longo período de reinado são dados em 15.33-34; 16.5-6. Tais detalhes servem como uma introdução à casa de Onri (Onrides) e o historiador destaca a apreciação teológica do seu governo citando a profecia do obscuro profeta Jeú, cujos escritos podem bem ter sido incluídos em sua fonte, ‘O livro dos reis de Israel’ (v. 2Cr 19.2; 20.34).

33. Escavações em Tirza (Tell el-Fara’) demonstram que a reconstrução no alto ponto começou no nono século a.C.

no

16.2-4. Esta profecia proferida por Jeú não segue necessariamente o padrão descrito em 15.30, uma vez que mensagens semelhantes eram frequentemente dirigidas contra os mesmos pecados (Jeroboão, 14.7-11; e Saul, 1Sm 15.17-19). A linguagem é declamatória, necessariamente formal e inclui maldições comuns (v. 4, cf. 21.24; 2Rs 9.10, 36).

Deus, do pó, conduz à liderança, como ele faz ao pobre (1Sm 2.8; Sl 113.7, cf. Sl 40.2). Israel não seguiu sempre o princípio da monarquia dinástica. Alguns sugerem que ser *líder* (v. 2, AV ‘príncipe’; *nāgīd* ‘posição proeminente’) se refere à hierarquia tribal. A palavra é usada para se referir a várias funções militares, governamentais e religiosas, mas aqui ela refletia o estatuto dado por Deus a Davi (1Sm 25.30), Jeroboão (1Rs 14.7) e posteriormente a Ezequias (2Rs 20.5). Segundo alguns, ela se refere a uma designação divina (carismática).

vi. **Elá de Israel (16.8-14)**. Excetuando-se a introdução usual (v. 8) e os padrões de encerramento (v. 14), somente o assassinato de Elá é registrado (v. 9-11). É interpretado, por comparação com um evento similar anterior (v. 12, cf. v. 7), como julgamento divino sobre o mal praticado pela família de Baasa, o que requereu sua extinção como aconteceu com a casa de Jeroboão. Tal ausência de bondade (v. 13) significa que não poderia haver estabilidade na sucessão, e isto

ainda mais desde que o antigo principio dinástico estabelecido para Judá não está em vigor.

8. O reino de Elá durou menos de dois anos completos (v. 15.25)

9. *Zinri* (possivelmente um nome aramaico, cf. *Zinri-Lim de Mari*) era um ‘servo’ real (AV, RSV) e consequentemente o *oficial* que comandava metade das *carruagens*, uma divisão incitada/reparada por razões estratégicas e não táticas. Metade da força estava com base em Megido, a outra, próximo a Tirza, pronta para a ação contra Judá.¹⁴⁹ Por conseguinte, a localidade de *Zinri* possibilitou-lhe associar-se ao principal oficial administrativo do estado, *Arsa* (heb. ‘Aquele que estava sobre a casa palácio’). AAV ‘mordomo’, o NEB ‘inspetor do lar’, são descrições inadequadas, por isto alguns consideram este ofício aquele do ‘primeiro ministro’. Ele atuava quando as forças militares principais estavam em *Gibetom* (v. 15), e Elá não estava com o exército, provavelmente porque a operação fora confiada ao seu comandante do exército (v. 16), e não porque Elá fosse negligente ou temeroso.

11. A total extinção da família (v. 15.25) foi planejada, de modo a não ser deixada nenhum do sexo masculino nem ‘parentela’ (AV), ou seja, parentes do sexo masculino (como no NIV) que teriam a obrigação moral de agir para vingar o sangue (*gō ēlim*).¹⁵⁰ A inclusão dos seus *amigos* pode refletir provavelmente o papel a ser desempenhado pelos conselheiros reais (e.g. ‘amigo do rei’, veja 2Sm 15.37; 16.16).

12-13. A ênfase é colocada sobre a profecia cumprida por *Zinri*, embora ele tenha feito assim inconscientemente (cf. v. 1-4). Os *Pecados* são relatados em termos que se referiam ao paganismo deliberado de Jeroboão com os seus *ídolos desprezíveis* (AV ‘ vaidades’), uma descrição utilizada para qualquer divindade além de Javé (1Rs 12.28; 14.9; 2Rs 17.15; Dt 32.21).

vii. *Zinri de Israel (16.15-20)*. Esta seção é incluída na história, em que *Zinri* era um monarca oficial, embora os fatos disponíveis, aparte da introdução (v. 15) e o padrão de encerramento (v. 20), sejam somente aquelas do assassinato de Asa (v. 16), seu próprio suicídio (v. 18) e uma rebelião que ele tinha instigado (v. 20). Esta única ação é suficiente para que seja feita uma avaliação teológica (v. 19).

15. O cerco contra *Gibetom* durou interminantemente vinte e quatro anos (15.27). O termo geral ‘o povo’ (heb. *hā‘ām*) incluiria ‘o exército’ (NIV, Noth) como em 20.15; cf. 1Sm 14.25 onde *o exército inteiro* traduz ‘todo povo da terra’.

16. *Onri*, possivelmente um nome não israelita. A omissão do nome do seu pai significa que ele não pertencia à linhagem real e era de origem humilde ou não possuía terra. Ele era, entretanto, o superior militar de *Zinri* (v. 9).

¹⁴⁹Yadin, Y., *The Art of Warfare in Biblical Lands*. London: Weidenfeld & Nicholson, 1963, p. 301.

¹⁵⁰A respeito disso, veja Js 20.3, 5; 2Sm 14.11; Dt 19.6-12.

18-19. A *fortificação* ('guarda', NEB) era uma parte do complexo do palácio real (v. 2Rs 15.25) isolado ('*armôn*') do espaço público. Seja os sitiantes (coletivamente) ou Onri (segundo os comentaristas judaicos, para quem o suicídio era repugnante) incendiou o lugar. Poderia se tratar de um suicídio, como no caso do último rei assírio em nínive. Este ato, e o consequente homicídio de Ela, bem como o seu modo de vida demonstrado em seu breve reinado, seriam fundamentos suficientes para a condenação sumária de uma vida que era bem característica da maldosa política religiosa de Jeroboão.

20. Sua *rebelião* (*qisrô*, AV 'traição', NEB melhor 'conspiração') implica que os versos 9-10 eram apenas um sumário de um relato mais amplo. Zinri doravante passou a ser o maior exemplo de um pérfido regicida (2Rs 9.31).

A guerra civil (v. 21-22) surgiu após a morte de Zinri. *Tibni* recebeu apoio popular suficiente para se opor a *Onri*, apesar de que o exército tenha aceitado a *Onri*. Tibni deve ter se oposto ao *Onri* por três ou quatro anos (cf. v. 15, 29) e pode ter sido contado como um governante oficial de Israel, uma vez que o último não se tornou rei até três anos depois da morte de Zinri. O texto não diz que Tibni foi de fato eleito rei. Não há evidência alguma de que isto era uma oposição entre a democracia popular e uma dinastia formalmente estabelecida,¹⁵¹ nem de que o relato da morte de Tibni se refere ao seu ser desprovido da autoridade real, ao invés de se tratar da sua dissolução física.¹⁵²

C. A casa de Onri (16.21—22.40)

i. Onri de Israel (16.21-28). Estes meros sete versos que se referem ao sexto rei de Israel, que fundou uma nova dinastia (os Onrides) e que durou três gerações (v. 885-874 a.C) enfatizam a perspectiva seletiva do historiador. Ele não tem nada a dizer sobre os seus sucessores, embora os reinos deles ocupem um terço da sua narrativa total (1Rs 16- 2Rs 12) e isto inclui a ênfase sobre o conflito entre o reino de Deus e seus profetas-campeões, Elias e Eliseu, contra o governo do mal. Deixando de lado os pormenores comuns acerca do reinado (v. 23, 27), somente a fundação de uma nova capital em Samaria (v. 23-24) e a avaliação do historiador do reinado de Onri como um mal (v. 25-26) são apresentados.

23. Não são dados detalhes do conflito antes que Onri começasse o seu reinado exclusivo como rei de Israel. Os doze anos em Tirza incluem o período da guerra civil com Tibni.

24. Escavações em Samaria, atual Sebastiyeh a onze quilômetros a noroeste de Siquém (Nablus) (heb. *som^crôn*, Assír. *samerina*), demonstra que Onri foi o primeiro construtor sobre uma montanha de cem metros de altura. Este local era uma boa escolha, pois visava bloquear vários ataques (v. 20.1-21; 2Rs 6.24-25;

¹⁵¹Soggin, J. A., 'Old Testament and Oriental Studies', Bi.Or. n.º 29, 1975, p. 50-55.

¹⁵²Miller, J. M., "So Tibni died.(1 Kings vxi.22)", VT n.º 18, 1968, p. 392-394.

18 9-10). O plano de Onri visava obter (a) uma posse pessoal que ele poderia legar; (b) um centro cananeu independente (v. 16.32, culto a Baal); (c) um centro de comunicação ao oeste da cordilheira e assim comercializar mais com Tiro e Sidom do que com Tirza, que estava ao leste; e (d) uma nova capital independente para o reino do norte, assim como Davi tinha Jerusalém para unificar seus partidários no sul.

25-26. ‘Ele excedeu a todos os seus predecessores em iniquidade’ (NEB). Excetuando-se uma referência aos seus outros feitos (v. 27), descritos como atos (RSV) poderosos (belicosos) ‘ele demonstrou’ (AV), suas contribuições mais significativas para a história de Israel, como um dos seus governantes mais distintos, estão fora do propósito desta história. Estas incluem a unificação do Reino do Norte, a paz com Judá, o controle efetivo sobre lado norte de Moabe, onde ele ‘humilhou [...] e ocupou a terra de Medaba’ e construiu fortalezas em Ataroth e Yahez, segundo a inscrição moabita (Mesha’) datada cerca de 830 a.C. (IDB, p. 1016-1017). A dinastia de Onri durou mais de quarenta anos. Seu governo e administração consistentes mereceram reconhecimento dos Assírios, que pelos próximos cento e cinquenta anos ainda se referiam a Israel como ‘a casa/ dinastia de Onri (*bīt 'Humrī*)’.

ii. Acabe de Israel (16.29-34). O padrão usual do resumo do reinado de Acabe é seguido por referência à sua configuração cronológica (v. 29) e uma avaliação do mal crescente da família (v. 30-32) progressivamente pior do que aquele feito por Onri. Pois Acabe tratava os pecados dos seus predecessores como *triviais* (‘uma coisa suave’) e por seu casamento com uma estrangeira devota ele introduziu o culto a *Baal* oficialmente em paralelo ao culto ao SENHOR DEUS (Javé). Uma nota incomum sobre um incidente em Jericó, demonstrado como um cumprimento da profecia (v. 34) é seguido pelos eventos nas vidas daqueles campeões anti-Baal. Elias e Eliseu, encorajando o culto e adoração ao verdadeiro Deus ((17.1-22.38). Após isto, os dados concludentes sobre o reinado de Acabe são apresentados em 22.39-40.

29. *Acabe*, o sétimo rei de Israel a governar junto ao regime estável de Asa em Judá, tinha um único nome não-israelita, possivelmente ‘meu irmão é aba (o deus Pai)’. Ele era chamado por seu contemporâneo, o rei assírio Shalmaneser III (859-824 a.C.) *Ahabbu (māt) sir'ilaia*, ‘Acabe o israelita’ (Kurkh stela ii. 90).

31. *Etbāl (Ittoba 'al* = ‘Baal está vivo’) era o rei de Tiro e da Fenícia (os *sidônios*) que tinha assassinado o seu predecessor e, segundo Josefo (*Ant.* viii. 12.1-13 1; *Contra Apion* i.18) era um sacerdote dos deuses Astarte e Melquarte. Ele governou ali por trinta e dois anos. Sua neta Dido fundou Cartago. Sua filha Jezabel provavelmente casou-se com Acabe no início do reino de Onri para selar o ‘tratado’ político-econômico entre os estados. Esta tentativa de servir a dois senhores. Baal (=senhor, mestre, marido) e Javé, conduziu à queda do Reino do Norte. A aliança refletia uma situação quando Tiro e Sidom cessaram de enviar

tributo ao assírio Ashur-nasir-apli II, e assim agora passou a agir independentemente e eles se tornaram aliados comerciais desejáveis.¹⁵³

33. Sobre os postes ídolos de Asherah, veja 14.15.

34. *No tempo de Acabe* introduz dados contemporâneos. Jericó (Tell es-Sultan, cerca de dois quilômetros ao noroeste da atual cidade) situada à fronteira sudeste de Israel (Aharoni, p. 322). As escavações não demonstram nenhum traço como se referisse à ocupação no século nono da idade do ferro a.C., embora possa ter sido reocupada discretamente (2Sm 10.5). Esta reconstrução por (A)Hiel, talvez contra o ataque de Moabe talvez tenha sido sujeita à permissão prevalecente de Acabe. Esta violação da maldição divina contra Jericó (Js 6.26) deve ser considerada um outro exemplo do pecado de Acabe. (A)Hiel foi punido 'à custa de' (heb. 'com'; AV 'em') seus filhos. Suas mortes, conforme fora dito, não implicou necessariamente a instauração do sacrifício de crianças, um fenômeno muito raro (v. 2Rs 16.3). Mas, qualquer que seja a causa, as mortes foram interpretadas como um exemplo do cumprimento da profecia.

iii. Elias e os profetas contra Acabe (17.1-22.40). O restante de IReis é preenchido com informações sobre o reinado de Acabe e seus sucessores, com ênfase sobre o confronto feito pelos ousados profetas Elias e Eliseu contra a pecaminosidade e resistência deles contra a palavra de Deus. Acerca dessas histórias de Elias, veja a Introdução, p. 44-6. O interesse em 'milagres' aqui deve ser comparado com a ocorrência especial deles e em outros tempos da crise nacional, tal como no período de Êxodo e, para a igreja, no período do nascimento, morte e ressurreição de Cristo e o subsequente surgimento da igreja.

a. Deus preserva Elias (17.1-16). Note como o SENHOR intervém para prover alimento e conforto ao seu mensageiro para capacitá-lo a continuar a sua obra. Para isto, ele utiliza os humanos (v. 15) a natureza (aves, v. 6) e os mensageiros ou os anjos (19.4-8). Do mesmo modo, Deus intervém a favor do seu povo na criação (Gn 1.29-30; 9:3), e nas maravilhas do deserto (Êx 16.31-35) e a favor do próprio Jesus Cristo (Mt. 4.11). Aqui tal provisão não é explicada em detalhes, mas pode ser considerada miraculosa, assim como o alimento providenciado a cinco mil pessoas (Jo. 6.10-14, 30-31).

1. O primeiro milagre de provisão (17.1-6). 1. Elias ('Meu Deus é Yah[weh]') porta um nome que significa sua mensagem (v. 1Rs 18.39). Ele era um profeta (conforme LXX acrescenta aqui) e um homem de oração (18.36; Tg. 5.17-18). Sua cidade natal *Tisba* parece estar situada em *Gileade* (v. 1, ao norte da

¹⁵³Oded, B., "The Phoenician Cities and the Assyrian Empire in the Time of Tiglath-pileser iii", ZDPV n.º 90, 1974, p. 38-49.

Transjordânia) para distingui-la de Tisbi em Naftali (Tobit 1.2). Esta leitura não requer mudança alguma de consoantes (v. TM *tōsābē*; ‘dos habitantes’, AV). Desde os tempos bizantinos, Tisba tem sido identificada com o Mar Elias, treze quilômetros ao norte de Jaboque. O profundo pronunciamento *tão certo como o SENHOR [...] vive* (RSV ‘pela vida que Deus (Javé)’) é comum, e está vinculado à pessoa a quem é proferida sob sofrimento de morte se ele desobedecer. Elias é consciente de sua posição perante Deus ‘de quem eu sou servo’ (RSV; heb. ‘perante a quem eu permaneço’ implica uma íntima posição oficial confidencial). A predição da interrupção da chuva que traz vida e orvalho implica pecado entre o povo (8.35; Dt 11.17; 28.23; cf. Lv 26.18-19). O padrão palestino do orvalho e de torrentes era contínuo. As ‘chuvas anteriores’ ocorrem o entre outubro e as chuvas posteriores enter abril e o início de maio (NBDR, p. 869, 1010). Menander relata esta severa estiagem como durando um ano todo durante o reino de Ittobal de Tiro (*conforme* 16.31). Certamente ela se alastrou à Fenícia (17.7) e teria durado um período de tempo mais longo nas orlas do deserto.

O poder e o controle do Deus vivo em contraste com a ineficácia de Baal, o deus cananeu da chuva, é o tema (*conforme* Am 4.6-11). A confiança de Elias seria provada por três anos e meio conforme ele havia orado que não haveria chuva (Lc. 4.25; Tg. 5.17). Este desafio feito pelo ‘perturbador de Israel’ a Acabe, que sabia acerca da intensa vida de oração de Elias (18.42-45), resultou em tentativas infrutíferas de impedir que Acabe abandonasse seus caminhos idólatras.

2. *A palavra do SENHOR veio para [...]* sela a autoridade de Deus na ação subsequente. Não se trata de uma mera fórmula ou introdução a uma história qualquer (cf. v. 8). Elias não estava tentando impedir o serviço a Deus, nem fugir de sua presença universal (Sl 139.7-10), que ele subestimava (heb. ‘*al p^{ne}*’) antes do que permanecer ao *leste do Jordão* (NIV, RSV, NAS, cf. AV ‘antes’). Elias estava escondido em uma área não facilmente acessível a Acabe por meio de sua família e aliados, como ele fizera posteriormente em Sarepta (v. 9; 18.10). A área poderia ser aquela de Wadi Qelt a oeste de Jericó. Não é necessário buscar um outro lugar além da jurisdição de Acabe a Oeste de Jordão (assim como faz Eusébio, *Onomasticon* 174).

4-6. Nossa obediência é um aspecto essencial da graça protetora de Deus. Os meios que Deus usa podem ser variados. Alguns se opõem à leitura *corvos* (‘*ōr**bīm***’), a qual, ainda que fosse comprovado ser o nome atual para os árabes negros (‘*‘rābīm*’ – as mesmas consoantes) ao leste do Jordão, é considerado por outros uma ‘racionalização desnecessária’.¹⁵⁴ O suprimento de ‘carne’ seria um luxo e a provisão do alimento e carne pela manhã e tarde relembriaria o leitor da provisão infalível de Deus (Êx 16.8, 12).

¹⁵⁴Seale, M., “The Black Arabs of the Jordan Valley”. *Exp. T* n.º 68, 1956-1957, p. 28, conforme Wenham, p. 121.

ii. *A viúva de Sarepta (17.7-16)*. Os dois incidentes ou milagres seguintes enfatizam a provisão incessante de Deus, baseada no que os outros deram primeiramente ao profeta (v. 7-16). Deus põe à prova antes que a oração seja respondida (v. 17-24). Tal suprimimento é tido como o cumprimento da promessa de Deus (v. 9, cf. v. 14-15), tal como os corvos haviam sido (v. 4, cf. o v. 6). Assim a mulher admitiu que Elias (*um homem de Deus*, v. 18, 24) era extraordinário e aprendera as bênçãos de compartilhar a hospitalidade.

9-14. Sarepta (atual Sarafand, treze quilômetros ao sul de Sidon) está situada no território fenício controlado pelo sogro de Acabe. Elias estava visitando território inimigo e demonstrando o poder de Deus em uma área onde Baal era cultuado, apesar de inoperante devido à seca. Ele ilustra como um profeta pode ser aceito fora de sua própria terra (Lc. 4.25-26). Elias desafia uma mulher aparentemente pobre a socorrer enquanto ela juntava mera lenha ou paus ('rebentos', *qss*) para responder a solicitação do estrangeiro. Mas ele era enviado de Deus. Sua solicitação por 'um bocado de pão' (v. 11) evocava a réplica de que ela não tinha alimento pronto, pois um *bolo pequeno* (v. 13) precisava ser assado com carvão e ela não tinha nada 'assado' (RSV, ao invés de *pão* ou 'substância', NEB). Do mesmo modo, ela tinha apenas uma porção de 'flor de cevada' (heb. 'farinha') em uma ampla botija (v. 18.33; Jz 7.16) e um pouco de óleo em um pequeno frasco portátil (*sappahat*, NEB, RSV 'pequeno pote', NIV, NRSV *jarro*) para preparar algo para comer.

Este e o incidente seguinte são comparados com a ação semelhante de Elias ao providenciar óleo e ressuscitar uma criança (2Rs 4). Porque este último relato apresenta mais detalhes, muitos acham que ele seja a origem de ambos os relatos (conforme Jones, Gray). Todavia, os detalhes diferem e não há certeza alguma de que milagres semelhantes não fossem realizados mais de uma vez, como também os milagres realizados por Cristo e pelos primeiros apóstolos, e este pode ter sido escolhido para mostrar que Elias tinha os mesmos poderes de seu mestre.

b. *A ressurreição do filho da viúva (17.17-24)*. O menino certamente estava morto segundo a sua mãe (v. 18), o profeta (v. 20), e os observadores do intervalo de tempo antes do tratamento. Este primeiro exemplo na Bíblia de ressurreição da morte não pode ser explicado sem que se faça referência à magia de contato nem ao poder de vida do profeta transmitido pelo método ressurreição boca-a-boca.¹⁵⁵ Naquele tempo a morte era considerada a partir do momento em que a respiração finalmente se acabasse, e é difícil considerar a morte aqui como se fosse uma fraqueza física, e a nova vida (*hāyāh*, v. 22) sem nenhuma morte prévia (como fazem Gray e Johnson). O ato de revivificação leva a um

¹⁵⁵Rosner (Rosen), F., *Medicine in the Bible and the Talmud*, Ktav: Sanhedrin Press, 1977, p. 216; Wiseman, D. J., em Palmer, B. (editor), *op.cit.*, p. 42.

notável pronunciamento de fé impulsionado pelo testemunho mais íntimo. (v. 24, cf. Êx 18.11).

18. *O que você tem contra mim?* ou ‘Por que você interferiu?’ (v. NEB) interpreta o heb. ‘O que é para você...?’ (v. Jo. 2.4). Ela cria, como frequentemente ocorre no pensamento do Antigo Testamento, que a morte e enfermidade deveriam ser a punição por algum pecado oculto trazido agora ‘à luz’ (NEB, Sl 19.13; Jo. 9.1). *Homem de Deus* significa mais do que uma pessoa ilustre. Veja a nota adicional na p. 142. Esta expressão refere-se a um mensageiro divino (Jz 13.6, cf. v. 9) assim como Moisés (Dt 33.1; Js 14.6), Samuel (1 Sm 9.6) e governantes como Davi (2 Cr 8.14; Ne 12.24) que falava com autoridade divina. Esta seria a descrição de qualquer servo devoto do SENHOR (1 Tm 6.11; 2 Tm. 3.17) cuja fé é demonstrada pelas obras (como no v. 24).

20. Nada mais é acrescentado ao interpretar *eu estou hospedando com* (heb. *mitgôrēr*), ou seja, recebendo hospitalidade de, como ‘para quem eu estou causando perturbação’ (uma rara palavra biforme do heb. *gārā*).

21-22. *Ele estendeu-se* é o surpreendente heb. ‘mediu-se’. A tradução ‘soprou intensamente sobre’ (NEB) provém da paráfrase da LXX influenciada por 2Rs 4.34. *Vida* (*nepes*, cf. ‘alma’, AV, RSV) por si só não apresenta base alguma para qualquer doutrina de sobrevivência da alma após a morte.

c. Confronto e justificação (18.1-46).

i. *Elias e Obadias* (18.1-16). Elias desafia Acabe profeticamente por intermédio de Obadias (v. 1-19), e o culto a Baal através da demonstração de que ‘o SENHOR Javé é o (verdadeiro) Deus’ (v. 20-40). A profecia e oração são cumpridas na aceitação da oferta queimada e com o fim da seca (v. 41-46). Esta história bem dramática marca o ponto de virada quando o culto ao SENHOR está quase abolido pela oposição. Um simples profeta desafia o estado todo a retornar a Deus.

Argumentos contra a unidade deste episódio incluem a ausência inicial de Acabe da cena do monte Carmelo e a ausência de qualquer oposição entre ele e Elias, as alusões alternantes à seca e chuva, e algumas seções repetitivas. Contra isto, pode ser demonstrado que a oposição de Elias em relação a Acabe é fundamental para a narrativa de todo o episódio, e tanto a introdução (v. 1-20) quanto a conclusão (v. 41-46) apresentam afinidades, e do início ao fim Javé controla os acontecimentos. O capítulo todo é uma unidade editorial incorporando tradições muito antigas.¹⁵⁶

1. *O terceiro ano* pode significar literalmente três anos (Lc. 4.25; Tg. 5.17) e incluir o tempo estadia em Sarepta e no monte Carmelo (Keil). Esta alternativa é melhor do que interpretá-lo simbolicamente como uma breve interrupção da seca que durou sete anos, ou como indicando parte de um ano, de um segundo e de um terceiro (v. 15.2).

¹⁵⁶Long, p. 137; e isso apesar de sua análise do texto em 89 subunidades literárias.

3. Obadias ('Servo de Yah[weh]') era um alto oficial do reino (heb. 'que estava sobre [no gargo de] a casa/palácio', veja 4.6) Ele 'reverenciava o SENHOR intensamente' (NRSV), isto é, era um crente devoto. que

4-5. A resposta de Acabe para contrastar com o arrependimento de Davi (2Sm 21.1). Sua necessidade prioritária era dar suprimento ao seu exército, incluindo os cavalos que puxavam as duas mil carruagens, as quais se juntariam aos aliados para combater a Assíria (Shalmaneser III, Kurkh Stehle ii 29 ff.) Os profetas esconderam 'cinquenta em uma caverna' (heb.) implica a existência de muitos grupos (cinquenta equivale a uma companhia ou formação militar, como está indicado em 1Sm 10.5; cf. 1Rs 13.11 ff.) que se levantaram em oposição ao baalismo (v. 13). Existem mais de duas mil cavernas na extensão do limoso [monte] Carmelo, datando desde o período paleolítico.

7. A pessoa e função social de Elias eram reconhecidas, provavelmente porque ele era bem conhecido na corte antes do que por causa de sua vestimenta (vestimenta de pelo e cinto de couro, 2Rs 1.8; cf. João Batista, Mt. 3.4). nte

8-9. Este é um desafio para estar publicamente com Elias, ao invés de ser um partidário secreto (v. 4,13).

12. A liberdade de Elias, desde a sua captura, era devido à mão preservadora de Deus mais do que mera ilusão ou uso de poderes sobrenaturais do *Espírito do SENHOR*. a-

15. A primeira ocorrência nos Reis do 'Senhor dos Exércitos', que também ocorre em outras locuções proféticas (19.10; 2Rs 3.14; 19.31), denota mais do que exércitos celestiais (Yahweh Sabaoth) ou todos os deuses subordinados ou os exércitos de Israel (1Sm 17.45). Ela inclui a idéia de Deus como o Deus da ordem e, portanto, refere-se à sua majestade e poder real irresistíveis (NIV, *o SENHOR DEUS Todo Poderoso*).¹⁵⁷ im

ii. *A disputa no monte Carmelo (18.17-46)*. Monte Carmelo (seiscentos metros de altura, ao sul da atual Haifa) pode ter sido escolhido porquanto estava situado à fronteira de Israel e o território fenício e possivelmente tratava-se de um lugar venerado por ambas as partes (pode ser a principal 'terra sagrada' (*rs qds*) na lista palestina de Thutmose III). tos

17. Elias era acusado de ser o perturbador de Israel ('*ākar* é tabu, expulso do convívio social porque se pensava de que ele havia trazido a seca (v. 17.1), e incorreu na ira de Baal (v. 18, plural). Isto era um crime contra o estado digno de morte (como aquele de Acã, Js 6.18; 7.25 e Jônatas em 1Sm 14.24-29).

18. A réplica de Elias é que perturbação de Israel não é a escassez da chuva, mas a ausência de fidelidade à aliança de Deus. Note a referência aos *mandamentos* (a LXX omite).

¹⁵⁷Ross, J. P., "Jahweh *s'bā ōt* in Samuel and Psalms", VT n.º 17, 1967, p. 76-92.

19. Todo o Israel provavelmente aqui denote os representantes da nação (Robinson) ao invés de *povo pertencente a todo Israel*. A profecia não era exclusiva para Israel e é atestada na Síria e Mesopotâmia antigas (esp. Mari, *cerca de 1700 a.C.*¹⁵⁸ Wen-Amun em Biblos, *cerca de 1100 a.C.*; Zakir de Mama-te, *cerca de 800 a.C.*). Acerca dos *profetas de Assera* (Astarte, a esposa de Baal) veja 16.31 e para os não números compare v. 4.

21. O desafio ‘até quando coxearei (*hesitante*) entre duas opiniões?’ (*s’ippim*) pode ser interpretado também como mancar entre duas forquilhas (denotando os ramos de uma árvore, encruzilhadas ou ainda muletas). Esta expressão equivale à expressão ‘estar em cima do muro’ (NEB). A alternativa deve ser entre reconhecimento do SENHOR (Javé) ou de Baal. O culto sincretista de ambos simultaneamente é impossível. Somente Elias estava se declarando publicamente aqui (v. 22), embora o SENHOR de fato tivesse outras testemunhas verdadeiras.¹⁵⁹

23-26. Altares. Sejam dois altares adjacentes separados, um para Baal (quer seja de Carmelo, Melqart ou Shamen não podem ser conhecidos), ou apenas um ao SENHOR (Javé) que fora reparado (v. 30). Elias permitiu a escolha de altares e novilhos a serem sacrificados para evitar o risco de qualquer acusação ou fraude. O povo concordou (v. 24). A prova seria o fogo enviado por Deus. O povo cria que Baal representasse o deus-sol também e em sua epopéia pensava-se que ele cavalaria nos trovões e enviava relâmpagos (como o SENHOR fez aos Hebreus, Sl 18.14; 104.3-4). A ação de Elias como um sacerdote oferecendo sacrifício não é incomum. Os adoradores de Baal ‘dançavam freneticamente’ em volta do altar (a mesma palavra empregada no desafio v. 21; heb. *psh* denota o ato de circular em volta do altar, cf. ‘Baal da dança’) como um ato de devoção semelhante àquele realizado pelos peregrinos ao redor de Ka’ba em Meca. Não se tratava de uma cerimônia para trazer chuva.

27-29. O pouco-caso de Elias é porque Baal estava agindo de um modo meramente humano. Ele usa termos conhecidos pelo povo a partir dos mitos ugaríticos de Baal. Deus estava refletindo para agir (*profundo em pensamento*)? Teria ele se retirado para responder ao chamado da natureza? (*conforme o Targum*; NEB ‘engajado’; NIV, segundo a LXX, *ocupado*) ou tinha ele partido em jornada como os mercadores fenícios? Estava Baal dormindo enquanto Javé não estava (Sl 121.3-4)? A prática da autoflagelação para despertar a piedade ou a resposta da divindade é comprovada em Ugarit quando os homens ‘se banhavam em seu próprio sangue como um profeta extático’¹⁶⁰. Em luto, esta prática

¹⁵⁸Malamat, A., “A Forerunner of Biblical Prophecy: The Mari Documents”, em Miller, R. D. e outros (editores), *Ancient Israelite Religion: Essays in Honor of Frank Moore Cross*, Philadelphia: Fortress Press, 1987, p. 33-52.

¹⁵⁹Conforme v. 4, 19.10, 14; 20.13, 28, 35; 22.6-8.

¹⁶⁰Ver Roberts, J. J., “A New Parallel to 2 Kings 18.28-29”, JBL n.º 89, 1970, p. 76-77.

era proibida aos hebreus (Lv 19.28; Dt 14.1). Os sacerdotes de Baal agiam como profetas em êxtase (v. 29. NIV, *profecia frenética*; melhor a RSV ‘extravagantes e delirantes’). Esta forma do verbo (heb. *hitnabbē*) é usado para se referir a ações loucas (v. 2Rs 9.11; Jr 29.26). O fato de que não há resposta alguma indica a impotência de Baal (Jr 10.5).

30. As ações de Elias (v. 30-39) ressaltam o significado da prova.

31. O altar reparado — as doze pedras representavam o verdadeiro Israel (como em Gilgal, Js 4.2-5) e as doze tribos restauraram o culto unido.

32a. O altar mencionado, como também o fogo sobre ele, como no templo de Salomão, eram testemunhas da aliança. Não pode haver nenhuma trapaça, tal como o uso de combustível em lugar de água, ou espelhos para ignição como é sugerido por alguns eruditos. A oposição estava próxima e atenta (v. 30). O fogo não era a única causa do calor intenso (v. 38).

32b—34 O tamanho do sulco pode ser interpretado como se pudesse comportar quinze litros ou, em extensão, trezentos metros quadrados. Dificilmente seria um círculo para prática da magia ou para conter sementes que germinariam com água por meio de falsa magia! (Gray). Um ritual para produzir chuva ou simpatia mágica estariam fora de cogitação. Ao derramar a água, Elias estava apenas ‘trazendo o dado para si’ (Rowley) como uma garantia contra fraude.

36-39. A oração simples (cf. v. 24) contrasta com os intensos delírios dos adoradores de Baal. Ele não invoca simplesmente uma demonstração de que Javé seja Deus, mas a conversão de Israel. Ele faz com que Deus se lembre de suas intervenções prévias, usando ‘Jacó’ para se referir a Israel, possivelmente como um termo de repreensão para a apostasia deste último. Sobre o ‘fogo do céu’ (v. 38), enquanto demonstração do poder de Deus, veja 2Rs 1.10, 12; Jô 1.16. O próprio reconhecimento do povo (v. 39) é uma resposta à oração (cf. v. 21, 24).

40. A matança dos profetas de Baal não foi um ato de crueldade irresponsável, mas a retribuição necessária, ordenada por Elias como o ‘novo Moisés’ representante de Deus, contra os falsos profetas, conforme está decretado em Deuteronômio (13.5; 13 — 18; 17.2-5), seguindo a ação de Moisés e Finéias (Nm 25.1-13). Os cristãos vêem a idolatria não como menos pecaminosa, mas vêem o completo julgamento reservado para o Dia final (1Co. 6.9; Ap. 20.11-15; 21.8; 22.19). O *Kishon* é o Nahr el-Muqatta’ baixo Carmelo. Aqueles que lançaram mão dos falsos profetas poderiam incluir homens livres das cavernas próximas (v. 4) ou o povo que percebera a falsidade do seu culto.

42. Acabe é impelido a estar satisfeito agora que a seca está chegando ao fim, e este ato entre Acabe e Elias parece não ter sentido de uma comunhão renovada. Elias *correu adiante* do ‘rei’ (v. 46) para chegar a Jezreel primeiro. Isto não denota um ato de homenagem como em 1Sm 8.11. A postura de Elias com *seu rosto entre seus joelhos* significava humildade, lamento e oração. Era muito comum esta atitude ser tomada como imitação de uma nuvem chuvosa incipiente (conforme Ap-Thomas).

46. Elias conseguiu correr vinte e sete quilômetros até o palácio de verão de Acabe em Jezreel (atual Tell Jezreel) devido à ‘mão’ (RSV; NIV *poder do SENHOR*) que não pode necessariamente ser um poder tão sobrenatural aqui (mas confira v. 12, 19.3; 2Rs 2.16) mas sim uma forte motivação. Alternadamente, *todo o caminho* (v. RSV) até ‘a entrada de’ Jezreel poderia significar que ele foi até o ponto onde ficava a estrada principal de Jezreel.

d. *Elias é encorajado (19.1-8)*

i. *Elias foge para Horebe (19.1-8)*. Confrontado com as ameaças de morte, continuou sua oposição à casa real e à apostasia de Israel, Elias foge para Horebe. A Bíblia expõe tipicamente a fragilidade de um homem de deus, pois Elias apresentou sintomas de maníaca-depressão, desejo de morte, associadas à perda de apetite, falta de controle, e excessiva autopiedade. Ele permaneceu imóvel pelos visitantes, ainda por uma visita de Deus e visões, mas foi restaurado quando lhe foi dado uma nova e exigente tarefa a cumprir. Não é certo se o historiador aqui pretendia recontar os eventos em sequência cronológica.

1-3. Este relato pode abranger um longo período no qual a inversão após a vitória em Carmelo aconteceu. Jezabel estava intrépida pela demonstração do poder exclusivo de Deus, e ela não foi a primeira perseguidora religiosa na história (v. Ikhnaton do Egito contra os seguidores de Amun). A rainha envia um mensageiro porque está receosa de se confrontar com Elias, com uma forte maldição, *façam-me os deuses comigo* (v. 2); significando Baal Shemayim ou todos os Baals.¹⁶¹ Algumas fontes (LXX(L)) ‘Tão certamente como você é Elias (‘Meu Deus é Yah’) e eu sou Jezabel (‘Onde está Baal?’). Elias vai até o mais extremo sul da cidade de Judá, uma designação que deve, portanto, anteceder 722 a.C., após o que não haveria por mais tempo o controle de Israel sobre Judá. *Temendo*, pois, Elias segue a LXX e a Syr., enquanto MT (NIV mg.) ‘viu’ tem as mesmas consoantes, mas vogais diferentes — e poderia portanto ser igualmente válido. O historiador deliberadamente escolhe eventos que são paralelos a Moisés, que também deixou seus servos (Êx 24.2 ff.; 33.11), como fez Abraão (Gn 22.5), de modo que ele pudesse ver a Deus sozinho. Assim devemos todos nós reconsiderar o chamado de Deus e a nossa missão.

4. Pedir a Deus assim: *tire a minha vida* sempre requererá certamente uma replica. Deus, porém, levará para si seu servo em seu devido tempo e modo (2Rs 2.11). Isso não nos leva a pedir a morte, mas a vida.

5. Enquanto isso, a provisão extraordinária lembraria a Elias o que Deus fez em Querite e Sarepta (17.2-16). O *anjo* (específico) ou mensageiro (*mal’āk*) é

¹⁶¹Textos ugaríticos (RS 20.24; RS 1929 n.º 17) listam um panteon, incluindo oito baais definidos como ‘Os Baais dos altos’ (*spn*) e como Baal (H)adade i-vii (Nougaryol, J., ‘Textes Suméro-Accadiens des Archives et Bibliothèques privées d’Ugarit’, *Ugaritica* V, 1968, p. 44-45).

aqui uma abreviação para o anjo do SENHOR (v. 7; cf. Gn 16.7). O zimbro (v. 4, heb. *rōtem*; *Retama raetam* Forssk. Webb) é comum próximo ao Sinai e adjacências ao norte. Ele atinge uma altura de aproximadamente três metros.

8. *Horebe* (= Sinai), quer seja localizado em Jebel Musa (ao sul do Sinai), Qudairat ou mais ao norte,¹⁶² era considerado o monte de Deus (Êx 3.1), e um lugar de peregrinação para Moisés (Dt 1.2, 6, 19). Está situado acerca de quatrocentos quilômetros ao sul de Berseba. Os *quarenta dias e quarenta noites* indicam um longo período de tempo, identificando Elias como um segundo Moisés (Êx 24.18; 34.28; Dt 9.8-10) assim como Cristo fez.

ii. O SENHOR aparece a Elias (19.9-18). 9. A teofania é apresentada pela expressão *a palavra do SENHOR veio*, um aspecto constante e dominante da inspiração das obras de Elias. *A caverna* (como o heb.) pode bem ter sido ‘o penhasco da rocha’ onde Deus apareceu a Moisés (AV, Êx 33.22) ao invés da habitual ‘região de cavernas’.

A pergunta: *Que fazes aqui ?*, é sempre o chamado de Deus para o indivíduo reafirmar a sua posição (v. Gn 3.9) e indica uma repreensão implícita, e ainda evoca confissão de nossos temores e sentimentos.

10. As razões para a depressão de Elias inclu tristeza devido à apostasia de Israel (v. 18.18), profanação dos lugares sagrados e martírio dos profetas do SENHOR (v. 18.13) apesar de Elias ser *zeloso*. Esta palavra (AV ‘ciumento’, ‘ardente’, heb. *qānā* significando ‘ser entusiástica e exclusivamente devoto’) é usado tanto para se referir a Deus (Êx 20.5) quanto para se referir ao homem em suas paixões dilacerantes (inveja, ciúmes, 2Rs 10.16). A queixa de Elias é de que ele está sozinho e *eles* (os numerosos *israelitas*, não apenas Acabe, 18.13, e Jezabe, 19.1) estão *tentando me matar*. Isto será respondido pela comissão e chamado renovado de Deus (v. 15-18). A repetição da pergunta (v. 13-14), sem contar o famoso e antigo recurso semítico narrativo para a ênfase, poderia dar a Elias uma chance a mais para demonstrar que ele aprendera a partir da experiência prévia.

11-14. O levante da natureza com ventos poderosos, terremotos, inundações ou tempestades está associado à ação de Deus em revelação e julgamento. É remanescente da aliança do Sinai e o comissionamento de Moisés e o povo (Êx 19.9, 16; 34.6; Dt 5.23-26). Cada um deles eram sinais amplamente conhecidos do julgamento sobre o pecado (Sl 18.7, 12; Is 13.13; 29.6) mas eles mesmo não transmitiam a mensagem integral. Deus nem sempre fala tão claramente através destas manifestações como ele o faz através de sua palavra pessoal ao seu profeta. O ‘zunido tranquilo’ (AV) era *um cicio gentil* (v. heb. ‘um som afável e silencioso’), ao invés de ‘um som de um murmúrio moderado’ (NEB); ‘tranquilidade’ não é incompatível como as palavras para som ‘som, voz’ (‘um som de

¹⁶²Davies, G. I., *The Way of the Wilderness SOTSM*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 63-69.

silêncio puro', NRSV) e a palavra 'fino' (*dāqqā*). A voz suave de Deus falando à consciência, iluminando a mente e incitando a resolução do indivíduo e nação pode seguir é frequentemente preferível ao forte rugido e trovão dos eventos cósmicos no Sinai e no Carmelo. Elias reconheceu que ele, assim como Moisés, não poderiam ver Deus e permanecerem vivos (Êx 33.20-22, cf. Gn 32.30), por isso, ele cobriu o seu rosto.

15-18. Uma nova tarefa para o profeta abatido. O mandamento do SENHOR (*disse*) envolvia o retorno para a cena da ação. O *Deserto de Damasco* (mencionado nos textos de Qmram) não era tanto um lugar de refugio, mas como a Galiléia na vida de Jesus, um ponto de partida para as próximas tarefas que estavam associadas a Elias em virtude da ameaça de Arão contra Israel. Encontrar Azael poderia envolver Elias como fez seu contemporâneo Jonas, em viagens para terras fora de Israel. Jeú, o sucessor de Acabe, efetivaria a subserviência à Assíria e isto eventualmente levaria à destruição de Israel. No entanto Elias, e Eliseu ('Deus salva') como seu sucessor (2Rs 8.7-15), estaria envolvido em implementar a vontade divina. *Ungido* (heb. *māśah*) denota a designação ou autorização de um sucessor real ou sacerdotal (v. Jesus [Yeshua] seguiu João Batista). Somente aqui este termo é usado a respeito de um profeta designando um sucessor (v. Is 61.1). Tais cerimônias de unção parcialmente poderiam ser realizados em particular (como nas cerimônias de coroação do Oriente Próximo antigo), e parcialmente em público como aqui.

Abel Meolá (v. 16), a cena da vitória de Gideão (Jz 7.22), situada no vale do Jordão a dezesseis quilômetros ao sul de Beth-Shan, assim Elias haveria de ir ao norte via lar de Eliseu. A despeito do holocausto vindouro um remanescente será deixado (v. 18). *Sete mil* pode ser um símbolo de um número perfeitamente completo e não insignificante. Acerca de ídolos *beijados*, veja Os 13.2.

e. O chamado de Eliseu (19.19-21). Tal detalhe poderia ter sido registrado pelo grupo de profetas de Eliseu. O nome Eliseu ('Deus é salvação') aparece também em um selo de Amã do sétimo século.¹⁶³ Elias cumpre sua tarefa de designar seu sucessor (v. 16) de modo que ele por sua vez pode completar as outras tarefas partilhadas com ele. É assim que sempre acontece no plano de Deus (assim como com Cristo e seus apóstolos).

Eliseu vem de uma experiência próspera (Jones) onde doze juntas de bois eram utilizadas na lavoura. O próprio Eliseu conduziu o último par com os

¹⁶³Selos amonitas, onde se lê o nome Eliseu ('*lys*'), foram publicados por Bordreuil, "Trois sceaux nord-ouest sémitiques inédits", *Semitica* n.º 24, 1974, p. 30-34; Lemaire, A., "Nouveaux sceaux nord-ouest sémitiques", *Semitica* n.º 33, 1983, p. 20-21, pl. ii n.º 6 (z bn 'lys'), e de Wooley, C. L., *Ur Excavations ix*. London: British Museum, 1962, pl. 30. U. 16805; conforme Gallig, K. "Ein hebraisches Siegel aus der babylonischen Diaspora", *ZDPV* n.º 51, 1928, p. 234-236, Taf. n.º 17C "Saul filho de Aliseu" (s' l bn 'lys), ambos período neo-babilônico.

outros ‘a frente’ (He. *l̥pānāw*) dele. Em um ato de investidura denotando autoridade ao invés de magia de contato, Elias lançou o seu manto — possivelmente uma capa ou *manta* característica (LXX ‘pele de carneiro, cf. 2Rs 1.8; Mt 3.4; Hb 11.37) — sobre ele. Não há evidência de que este ato era um símbolo de adoção como um filho que ele representasse transferência de poder do seu possuidor (2Rs 2.8). Essa teoria repousa somente na referência à bainha do vestimento (ISm 24.4-11), quando cortado denotava a quebra da fidelidade.

20-21. *o que tenho eu feito para (prevenir) você?* (v. NEB) poderia significar ‘Volte, mas lembre-se o que eu lhe fiz.’ Poderia ser uma repreensão sobre alguma demora em seguir (Mt. 8.21; cf. Lc 5.11, 28). Queimar os jugos de madeira antes do que escaldar o jugo dos bois (como em RSV!), simbolizava um rompimento com a sua vida passada. A festa de despedida celebrou o seu novo papel ao se tornar o assistente (NIV *atendente*; AV ‘servo’) de Elias.

f. As guerras de Acabe (20.1-34). A história se sucede a partir daquela de Elias para recontar as duas guerras na campanha entre Arã e Israel em Samaria (20.1-21) e Afeque (v. 22-34). Ambos os relatos enfatizam que esta foi a oportunidade final para Acabe demonstrar se ele obedeceria a palavra de Deus por meio do seu profeta, e ambos insistem no perigo da punição e transtorno se o mandamento do SENHOR não fosse cumprido plenamente. Essas narrativas antecipam a morte de acabe e o abandono de um Israel rebelde. Os comentaristas discordam a respeito da reconstituição histórica destes eventos, mas se unem na suposição de que este capítulo deva induzir a uma variedade de fontes, incluindo os registros dos profetas (círculo do Eliseu?) e possivelmente ao relato oficial dos atos de Acabe.

Este foi um período crucial na história de Israel. Arã se voltou ao sul, talvez em uma tentativa em obter novas rotas comerciais, desde que o norte tinha sido extirpado pelas guerras do assírio Ashur-nsir-apli (883-859 a.C.) e o seu sucessor Shalmaneser III (859-829 a.C.). Alguns acham que as guerras registradas aqui aconteceram no início do reinado de Acabe, para conceder tempo para amenizar a relação de Israel com Arã quando Acabe contribuiu para a coalizão que enfrentou Assíria na batalha de Qarqar em 853 a.C. (Bright). Yeivin argumenta que a primeira guerra ocorrera anteriormente, mas a segunda ocorreu após Qarqar, mas este argumento parece não ter fundamento em vista do 22.1. A agressão de Ben-Hadade II (Hadadezer, Assir. Adad-ʾidri) pode ter tido como objetivo dar segurança ao seu flanco sul enquanto ele enfrentava a incursão assíria para o Mediterrâneo *cerca de* 888-885 a.C. Não é preciso ver as alusões proféticas como secundárias, pois a interpretação delas acerca dos eventos é consistente com aquela do historiador deuteronomista. A descrição da dinastia Onride é consistente e Acabe é condenado por seu fracasso em seguir a palavra de Deus.

i. *A batalha por Samaria (20.1-21)*. Esta é um exemplo da auto-revelação e longanimidade para com Acabe (v. 13-14).

1-4. Os trinta e dois reis incluíam líderes tribais menores e podem ser comparados com os dez aliados de Ben-Hadade nomeados com Acabe, em 853 a.C., e aos dez, na estela de Zakir.¹⁶⁴ Bem-Hadade, provavelmente, seja um nome de trono dinástico ('filho do deus Hadade'). Sobre Bem-Hadade I, veja 15.18-19). Sua alegação de que Acabe era um vassalo é demonstrado por Acabe dirigindo-se a ele como 'ó rei meu senhor', que segue a terminologia comum do Oriente médio antigo, assim o ataque poderia implicar que Acabe havia se rebelado contra ele. Semelhantemente, 'eu sou teu, e tudo que tenho' (v. 4) eram normalmente as palavras usadas por um subordinado e foram empregadas por Acabe formalmente para evitar a pilhagem de sua capital.

5-6. A réplica aramaica foi mais específica e era uma declaração com o intuito de instigar guerra ao invés de implicar desagrado com relação a uma submissão meramente verbal. *Esquadrinhar os teus palácios e tuas casas* implica controlar a cidade toda (v. REB 'saquear').

7-8. Consultar *todos os anciãos [...]* e o povo é convocar uma assembléia deliberativa, sem a qual um rei não poderia tomar uma decisão extrema, como no caso de uma guerra (v. 1Rs 12).

10-12. A guerra iniciou-se formalmente por um voto solene proferido em nome dos deuses da nação e, como aqui, e uma declaração verbal e escrita ao oponente (v. 1Sm 17.43-44). A ameaça era a total obliteração de Samaria por um inimigo suficientemente numeroso para remover todo cascalho. *Aquele que se cinge...* — é um provérbio de quatro-palavras para indicar que o preparar-se para guerra era uma coisa e vence-las é outra — é equivalente a 'Não conte com os frangos antes que eles saiam do ovo'. NEB 'o aleijado não deve pensar ele mesmo um equivalente a um ágil' é uma paráfrase da LXX(L). Provérbios são citados em intercâmbios diplomáticos (v. tb. 1Sm 17.43, Mari Amarna Carta 61 e cartas assírias).¹⁶⁵

¹⁶⁴Salmaneser III da Assíria cita "Acabe, o israelita" com Irhuleni de Hamate, Adunu-Ba'al de Shizana, Matinu-Ba'al de Arvad, Gundibu' da Arábia. Ba'asa de Amon e homens da Cilícia, Musru, Uqahata e Usantu entre seus oponentes (ANET, p. 278-279). Em uma outra inscrição, Zakir, rei de Hamate, diz que Bem-Hadade (Bar-Hadad), filho de Azael, rei de Arã, reuniu um grupo de dez reis, incluindo Bargush, os reis da Cilícia, 'Umq, Gurgum, Sam'al e Milid para sitiá-lo em Hatarikka (a estela de Sakir em Apish, ANET, p. 655).

¹⁶⁵Como os provérbios citados em 1Samuel 17.43: "Sou eu *algum* cão, para tu vires a mim com paus?"; 1Samuel 10.12; 19.24: "*Está* também Saul entre os profetas?"; Jeremias 31.29. Provérbios semelhantes são encontrados na correspondência diplomática de Mari, Síria (*Archives royales de Mari I*, 1.5), Amarna, Egito: "Quando as formigas se vêem encurraladas, não aceitam passivamente mas mordem a mão que as encurra-la" (Carta 61, ANET, p. 426) e Assíria (Waterman, L., *Royal Correspondence of the Assyrian Empire*. Ann Arbor: University of Michigan Press. 1930-1936, Cartas Assírias e Babilônicas n.º 37, 403.4-7; 13-15; 595, r. 3-6; 652r. 9-13).

13-20a. A promessa certa da vitória que asseguraria que seria reconhecido como pertencente a Javé (*saberás que eu sou o SENHOR*, v. 13, 28) é dito pertencer à tradição da ‘guerra santa’. O plano tinha elementos de surpresa no controle de tempo (*tarde*, v. 12, 16), cerco e táticas utilizando um grupo seletivo utilizando 232 comandantes (solteiros?) jovens (heb. *n° ‘ānīm*). Também o uso de homens no ataque inicial definido pelos chefes das províncias ou ‘dos distritos’ (NEB) responsáveis pelos interesses fiscais e militares, era incomum. Eles pareciam engajar em um combate individual (v. Davi e Golias) pela iniciativa do próprio Acabe (v. 14). Eles podem bem ter sido equivocados por uma delegação que buscava termos de paz (v. 18, para *sālôm* nesse sentido ver 2Rs 9.17-19).

‘Listados’, (RSV, REB), ‘chamados’ (NEB) devem se preferidos ao invés de *convocados e reunidos* (v. 15), pois o hebraico *pāqad* significa ‘rever para ver quem está faltando’. Os 7.000 seriam somente um grupo representativo (LXX ‘homens de substância’) inferior numericamente se comparado ao exército completo (= 10.000), para demonstrar que o SENHOR não depende de números (v. Jz 7.2). sobre este número veja 19.18. Eles parecem ter sido mantidos em reserva ou se movidos na retaguarda da força principal Síria, o conflito principal sendo realizado pelos 232 homens fortes da vanguarda.

20b-21. A fuga de Bem-Hadad foi ‘sobre um cavalo com alguns cavaleiros’ (heb., RSV). O hebraico para cavaleiro (*pārās*) pode também significar carruagem. Havia um cavalo de reserva com cada carruagem e isto pode ter facilitado a sua fuga. A força principal israelita subjugou (MT, NIV golpeou; RSV ‘capturou’) o remanescente, demonstrando que os cavalos eram usados para perseguir.

22. Em tempos de triunfo Deus adverte contra a autoconfiança indevida. Medidas práticas devem ser tomadas de antemão contra o contra-ataque esperado.

ii. A batalha por Afeque (20.22-34). A segunda campanha aconteceu especificamente em Israel e seu Deus, ao invés de ser em sua capital luxuosa. O profeta tinha uma palavra sobre a estratégia militar. O ‘virar do ano’ é a primavera, não o outono, embora campanhas militares ocorressem o ano todo, exceto no ápice das estações chuvosas.

Os arameus criam que Javé, assim como seus próprios deuses, estava limitado geograficamente e o consideravam do mesmo modo como faziam com outro deus (*deuses*; contudo, a LXX interpreta ‘um Deus do monte é o Deus de Israel’). Acerca das nações que viam Samaria como tendo muitos deuses, veja 2Rs 17.7. Eles pensavam que a ação prévia em terreno montanhoso impedia o uso de carruagens, assim agora eles preferem combater em terreno plano, com uma substituição de comandantes (v. 24) que, apesar de não ter tido imediatamente bom êxito; posteriormente, se mostrou eficiente em Qarqar. Os comandantes escolhidos eram oficiais de província experientes (Assyr. *pahāt*) em lugar de *oficiais* de escalão inferior (NIV, NEB) ou ‘comandantes’ (RSV, cf. NRSV ‘servos’, REB ‘ministros’) que se encarregariam, eles mesmos, da substituição das

tropas. O local da batalha poderia ser Afeque do lado leste do lago da Galiléia (El Fiq, atual En Ger) na rota de Damasco para Israel próxima à confluência dos rios Yarmuk e Jordão, ou Afeque do Vale Esdraelon próximo a Endor. Se for a primeira hipótese, o importante acesso a Israel era interditado.

29. Os sete dias de expectativa para as forças de Arã podem ter sido para aguardar um presságio favorável. As perdas da guerra registradas como *cem* mil podem ser o símbolo de um número expressivo, pois o total das tropas do exército aramaico em Qarqar eram de 62.900. entretanto, 'mil' ('*elep*) poderia ser revocalizado sem alteração de consoantes para 'líder' ('*allup*).¹⁶⁶ Cem (mil) perdas em um dia de combate era um número expressivo. Semelhantemente, os 27.000 assassinados em Afeque incluiriam qualquer um na cidade do muro caiu. Isto traria à mente dos israelitas a vitória em Jericó (Js 6), por outro lado o número poderia representar vinte e sete líderes assassinados.

Ben-Hadade é tratado bem (v. 30-34).

30. O rei pode ter primeiramente buscado refúgio em *câmara* ou santuário ('um recinto dentro de um recinto', *conforme* 1Rs 22.25; 2Rs 9.2) ao invés de um local subterrâneo (Josefo, *Ant.* viii. 14.3) ou movendo-se de alojamento a alojamento (Gray).

31-33. De fato os israelitas tinham a reputação de serem muito misericordiosos? A palavra usada para se referir a eles (*hesed*) era uma característica do amor pactual-leal de Deus ('benevolência amorosa', AV 'misericórdia'). No mínimo valia a pena tentar, e o partido real emergiu vestido com pele de bode (panos de saco) como um sinal de lamentação e cordas ao redor da cabeça como um símbolo de submissão, não como sinal de um atalaia (*sanda*) ou de súplica (Josefo) mas antes de que eles estavam prontos para serem levados como prisioneiros. Os pedidos de súplicas para serem poupados foram feitos pelos homens 'que aguardavam um presságio' (RSV) que se referiam por Aca-be a Ben-Hadad como *irmão* (v. 33, isto é, aliado, parceiro igual ou de negociação) como um sinal de esperança confirmado pelo prisioneiro sendo conduzido até a carruagem real (v. 33). Esta é a interpretação mais razoável do que reorganizar o TM para 'detê-lo de uma só vez' (NEB) ou 'estava a ponto de toma-lo definitivamente'. (Gray). O Heb (*hlt*) ocorre somente aqui, por isso há incerteza sobre o seu significado.

34. Acabe impõe um acordo (*ḥrīt*) com dois pré-requisitos antes de assegurar a liberdade. Este acordo é confirmado posteriormente por intermédio de

¹⁶⁶Clark, R. E. D., "The Large Numbers of the OT", *Journal of the Transactions of the Victoria Institute* n.º 87, 1955, p. 82 e seguintes; Wenham, J. W., "Large Numbers in the Old Testament". *TynB* n.º 18, 1967, p. 19-53; Millard, A. R., "Large Numbers in Assyrian Royal Inscriptions" em Cogan, M. e Eph'al, I., *Ah, Assyria, Scripta Hierosolymitana* n.º 33 (1991), p. 213-222, que demonstra o uso equilibrado de números arredondados e estimativas, juntamente com a contabilidade precisa.

uma negociação formal. O primeiro seria o retorno das (cidades da fronteira?) capturada nos dias de Onri. O Antigo Testamento não faz referência alguma desta captura, mas o relato do reinado de Onri é breve (v. 16.23-28) e omite deliberadamente seus feitos principais (v. Pedra Moabita). Alternadamente eles teriam sido aqueles lugares conquistados por Baasa (15.20; 16.3). Este é preferível a relatar isto à redescoberta posterior feitas por Joash acerca das cidades conquistadas por Jeocás (Gray).

O estabelecimento das *áreas de mercado* ou das zonas de comércio protegidas (heb. *husôt*) era uma prática comum para estimular o comércio inter-estatal e as finanças pelos grupos de comércio.¹⁶⁷ Também em tudo isto nem o SENHOR Deus, seu profeta, nem o seu povo foram consultados.

g. Um profeta repreende Acabe (20.35-43). Uma parábola interpretada é usada para fazer com que Acabe reconheça sua inconsistência e culpa ao se opor ao propósito expresso de Deus adiando o julgamento sobre Ben-Hadade. Isto custou muito caro para Israel resultando em morte e destruição (v. 2Rs 10.32) e conduziu à queda final do Reino do Norte. O recurso literário da história para produzir convicção de erro pode ser comparado à condenação que Samuel fizera a Saul (1Sm 15.14-30), e a condenação que o profeta Natã fizera de Davi (2Sm 12.1-13). É responsabilidade de um profeta conduzir alguém que erra para interpretação correta dos acontecimentos e assim conduzir ao autojulgamento. Aqui somos lembrados de que nem ainda um rei está acima da lei, mas está sujeito à justiça divina (v. 42).

Aqueles que duvidam da confiabilidade histórica desta narrativa apelam para o que eles consideram a sua similaridade quanto ao incidente do leão (13.20-25). Esta história e a sua interpretação são, entretanto, essenciais para configurar o caráter de Acabe, contrastando-o com sua atitude no episódio de Nabote (cap. 21).

35. Um dos filhos dos profetas é interpretado por Josepho (*Ant. viii. 14.15*) como Micaías. Filhos representam uma classe ou filiação a um grupo (antes do que uma sociedade organizada) sob a autoridade de um superior ('pai'). Esta é a primeira referência a estes grupos específicos de profetas (2Rs 2.3-7, 15; 4.1, 38; 5.22; 6.1; 9.1) que aparecem durante o período crítico da dinastia Onride mas, por outro lado, não são comprovados adequadamente.

37-40. Para chamar a atenção do rei o homem disfarçou-se como um soldado ferido com 'uma faixa' (NEB) ou *venda* sobre os seus olhos (v. 38-41). O termo ('*pêr*') ocorre somente aqui e pode ser uma cobertura comum de cabeça (Assír. *apāru*, Cohen). O profeta pode ter apresentado uma marca distintiva sobre sua

¹⁶⁷Eilat, M., "Trade and Commerce". *WHJP V*, p. 184-186; Elat, M., em Lipinsky, E., (editor), *State and Temple Economy in the Ancient Near East ii*, Louvain: Editions Peeters, 1979, p. 543.

testa ou peito (v. 38, 41). O princípio de que um capturante deve ser responsável pela vida de um cativo é importante. A multa potencial de um *talento* (3.000 siclos, 34 quilos) de prata, que é cem vezes maior do que o custo de um escravo, não é fictício mas típico das penalidades legais proibitivas em caso de rescisão de contrato neste tempo.

42. O conceito do SENHOR *determinando* que o homem *devesse morrer* (heb. ‘o homem do meu edito’, cf. NIV mg.) é difícil para muitos aceitarem em nossa sociedade atual. A extinção total ou proscricção (*hērem*) era um requerimento divino para a destruição completa de algo designado estranho a Deus e a seu povo (Dt 7.2; 20.16; cf. Is 34.5). É frequentemente classificado como conceito ‘guerra sagrada’, mas todas as guerras antigas eram assim consideradas (v. a proscricção em Mari)¹⁶⁸. A prática pode proceder do temor de contágio, e a ação de Deus não pode ser condenada e a de Acabe perdoada porquanto a ação deste último causou um sofrimento bem maior. Deixar de requerer esta punição traria maldição e punição ao ofensor (Jones).

h. A vinha de Nabote (21.1-29). Os eruditos discordam quanto às fontes deste capítulo que não obstante lêem como uma unidade integrada. Eles consideram a história original (v. 1-16) o suplemento a partir dos registros de Elias (v. 17-21, 27-28) e os comentários adicionados do historiador (v. 22-27). As versões gregas colocam este incidente entre os capítulos 19 e 20. As profecias deste capítulo (e.g. 21.19-24) são cumpridas logicamente no próximo capítulo (22.38; cf. 2Rs 36).

Elias é apresentado para intervir dramaticamente para denunciar o rei Acabe de agir desrespeitando a lei. Seu pecado é exposto e o julgamento de Deus é pronunciado para trazer um fim a toda a dinastia (v. 21-22). Uma vez que veio o arrependimento este foi deferido por um breve tempo (v. 27-29). A clemência de Acabe, publicamente exposta aos arameus, é agora contrastada com o seu comportamento despótico para com um dos seus próprios cidadãos.

i. O conflito entre o rei e o plebeu (21.1-6). Embora Acabe pudesse ter agido conforme a lei e de um modo estritamente correto quando se propôs a comprar (v. 2, 3, 6 *vende* é mais adequado que AV ‘dá’) ou trocar a vinha de Nabote, uma prática comum atestada na Síria (Textos de Alalakh e Ugarit), a solicitação pode ter trazido à memória de Nabote as advertências de Samuel acerca da possibilidade do confisco real (1Sm 8.14). Idealmente, o poder em Israel estava limitado a defender os direitos humanos (Dt 17.14-20; 1Sm 10.25).

A profunda rejeição de Nabote, em nome de Javé (v. 4), tem sido considerada a perda da herança ancestral (v. 3-4) poderia transformar Nabote em depen-

¹⁶⁸Malamat, A., *Mari and the Early Israelite Experience*, London: British Academy, 1989, p. 70-75.

dente real. Não há forte evidência de que a concepção israelita e cananita de imóvel diferiam ou que em Israel tais heranças fossem inalienáveis uma vez que a terra pertencia a Deus e estava alocada para um rei ou família como seus locatários. (Lv 25.23-28; Nm 26.52-56). Dispor da terra não era um grave crime (Whitelam, *contra* Anderson). Certamente oriente antigo uma transferência de muitos tipos de terra estava sempre sujeita à sanção real, procedimentos legais e controles estritos. A apropriação (v. 15, 16, 18, heb. *yrš*) pelo soberano da terra na ausência de um locatário presente era conhecido (v. 2Rs 8.3). Uma tabuleta da Síria registra o abandono de posse pelo palácio quando um homem fosse culpado de traição e condenado a morte.¹⁶⁹

2. Os jardins reais eram sempre localizados junto ao palácio e fonte reais, e providos de ‘paisagens verdes’, árvores e arbustos para colorir e dar sombra¹⁷⁰ (assim *yārāq*, antes do que *pomar* NEB ou AV ‘jardim de ervas’).

3. *Guarde-me o SENHOR*. Esta expressão introduz um profundo voto em termos religiosos usando o nome de Deus (v. 1Sm 24), o que seria sempre utilizado com grande cautela (v. Êx 20.7). A teoria de Andersen de que Jezabel reinterpretou isto como se fosse uma declaração permissiva de que Nabote tivesse finalmente permitido a transferência de terra é muito improvável, como é sua visão de que despossuir um homem de sua propriedade familiar era blasfêmia.¹⁷¹

4. A reação de Acabe mostra o seu verdadeiro caráter. *Desgostoso* (NIV, Vulg.; ‘mal humorado, NRSV, REB) implica que a frase hebraica completa era ‘voltou a sua face (para o muro)’ (2Rs 20.2).

ii. *A trama de Jezabel (21.7-14)*. Como uma hipócrita inescrupulosa ela incultiu seus próprios conceitos fenícios de soberania despótica desviando os procedimentos públicos legais para os seus próprios interesses. Ela envolveu Acabe valendo-se do uso do seu selo real sobre as diretivas aos magistrados locais (v. 8). O uso do selo dinástico do rei, administrativo, ou ainda o selo real para obter sua autoridade requereria conspiração com Acabe. O próprio selo de inscrição de Jezabel foi encontrado.¹⁷² As *cartas* (plural) aos anciãos e nobres (RSV; NEB ‘notáveis’) que eram sancionados pelo rei para agir como juizes subordinados - entre os quais Nabote ‘se assentou’ (em concílio), é melhor do que *vivia* ou ‘habitva’ (RSV) como uma pessoa confiável — não apelou para a corte.

9. *Proclamar um dia de jejum* está associado ao poder do rei (2Cr 20.3-4; Jm. 36.9). o propósito, se tem a ver com a grande seca ou com crise local ou

¹⁶⁹Wiseman, D. J., *The Alalakh Tablets*, London: British Institute of Archaeology at Ankara, 1953, n.º 17; ANET. p. 546.

¹⁷⁰Wiseman, D. J., “Mesopotamian Gardens”, *Anatolian Studies* n.º 33, 1983, p. 139.

¹⁷¹Andersen, F. I., “The Socio-Juridical background of the Naboth Incident”, *JBL* n.º 85. 1966, p. 46-57.

¹⁷²Avigad, N., “The Seal of Jezebel”, *IEJ* n.º 14, 1964, p. 174-6.

nacional não é definida aqui. Poderia se pensar que a catástrofe que ocasionou isto teria sido enviada por Deus. Qualquer pessoa que tenha sido a causa de tal julgamento divino teria que ser identificada e punida, como aconteceu com Acã (Js 7.16-26) e Jônatas (1Sm 14.40-45). As instruções reais (v. 9-10) foram obedecidas pela confirmação de que elas se cumpriram (v. 11-13, LXX, reduziu isto). Jezabel cuidadosamente a lei deuteronômica de ter duas testemunhas em um caso envolvendo uma ofensa que merecesse a morte (Dt 17.6; 19.15; Nm 35.30) e por demandar a sentença de morte prescrita em virtude da blasfêmia (Dt 13.10; 17-5).

10, 13a. A acusação era de que Nabote *blasfemou contra Deus e contra o rei*. Esta acusação procedeu da falsificação deliberada de Jezabel da recusa de Nabote ao dizer ‘não te darei a minha vinha’ (v. 6).

As falsas testemunhas eram ‘filhos de belial’ (AV, heb. significando tanto ‘sem valor’ como ‘perversos’ (Dt 13.13), conforme a NIV *tratantes* (tb. Pr 6.12, confira REB ‘velhacos ignorantes’), RSV ‘companheiros indignos’, ‘aqueles que não sobem’, ou seja, “pessoas volúveis” que poderiam ser facilmente persuadidos a dar falso testemunho (v. Mt. 26.60). Belial é usado posteriormente para se referir a Satan como personificação da anomia e iniquidade (2Co 6.15). A palavra hebraica ‘bendito’ pode ser considerada aqui um eufemismo para *maldito* (como em Jó 1.11; 2.5, 9; Sl 10.3) para evitar que qualquer leia ou ouça uma expressão ímpia. NEB mg. ‘amaldiçoando’ interpreta isto (v. o heb. ‘bendito’, literalmente ‘proferindo adeus para’ como se fosse uma saudação de partida, implicando que Nabote estava dizendo adeus a Deus e ao rei (Robinson). Isto não é comum, embora algumas expressões hebraicas incluam um significado oposto (por contraste).

12. Pode ser também que Jezabel tenha preparado uma cilada para Nabote, que fora colocado (como foi instruído, v. 9) *em um lugar proeminente* (RSV ‘sobre um alto lugar; heb. ‘na cabeça do povo’, ao invés de ‘na frente de’ (segundo Andersen). Se isto fosse um procedimento de seleção ou identificação, Nabote seria apontado como a causa da perturbação quando as falsas testemunhas o acusassem de uma ofensa digna de morte, porquanto ele amaldiçoara Deus e o rei. A corte local, sob a crueldade real, concordou.

A pena capital era aplicada *fora da cidade*, em um monturo, para evitar a poluição. (Nm 15.36, cf. At 7.58; Hb 13.12).

iii. Elias profetisa a morte da casa de Acabe (21.17-24). Novamente Elias se põe a caminho em resposta diligente à direção de Deus (v. 17). A ordem é precisa.

18. *Desce* é típico do detalhe exato registrado, pois Jezreel (a 115 metros acima do nível do mar) está situada bem abaixo de Samaria (412 metros). ‘Quem (está) em Samaria?’ (AV, REB) é muito limitado, pois que Acabe naquele tempo estava em Jezreel (v. 17), de onde a NIV, RSV *quem governa em Samaria*. Elias

confronta Acabe na cena de seu crime. Seu propósito em vir poderia ser o de reclamar a terra, ele mesmo, em favor do seu legítimo proprietário, para limpar o nome do homem falecido e representar Deus como o vingador de sangue (por esse motivo, sua designação aqui como inimigo meu, v. 20). Pois quando há injustiça e opressão, a única restrição para a conduta de um déspota pode ser um apelo à justiça de Deus, que sempre faz o que é correto.

19-20. O cumprimento da profecia é, às vezes, gradativo. Aqui se cumpriu parcialmente a profecia devido ao fato do cadáver de Acabe ter sido exposto em Samaria (22.38) e depois, em função da prorrogação prometida por Deus (v. 29), quando o corpo de seu filho Jorão foi lançado no campo de Nabote (2Rs 9.25-26). Elias pronuncia o veredicto final sobre o partido culpado com um julgamento profético. Acabe quebrara dois mandamentos do Decálogo, a proibição do homicídio (Dt 5.17, 'não matarás') e não cobiçará ('ou a terra [...] de seu próximo', Dt 5.21). O fato de Acabe 'ter se entregado' (heb. v. 20, cf. NIV *se vendeu*, LXX e Versões inserem 'sem propósito') para *fazer o mal* demonstra que ele fizera uma escolha deliberada. O resultado seria o 'mal' inevitável (v. 21, AV, cf. NIV *desastre*) de uma total destruição retributiva trazida por Deus (como em Is 45.7).

21-22. Elias fala por Deus em primeira pessoa quando está entregando a palavra divina. Isto não é comum e nem é garantia para práticas atuais semelhantes. Não é necessário, todavia, tomar isto como parte do comentário do historiador, alinhando o destino da dinastia Omride com aquele de suas duas casas anteriores, a de Jeroboão e a de Baasa, embora este seja um tema recorrente (v. 14.10-11; 2Rs 22.16). O comentário nos versos 25-26 certamente faz com que Acabe seja o pior de todos os vinte reis de Israel.

23. O que ocorreu a Jezabel é relatado em 2Rs 9.36. Seu fim foi marcado especificamente devido ao fato de não ter sido sepultada, o que implicava uma imensa desgraça. As fontes variam quanto ao lugar significado pelo *muro* exterior e circular de Jezreel (RSV 'baluarte'; TM *hēl*). Alguns manuscritos lêem aqui 'um pedaço de terra' (*hlq*), como em 2Rs 9.10.

iv. O arrependimento de Acabe (21.27-29). Esta secção explica porque o cumprimento da profecia concernente ao fim de Acabe foi prorrogada depois do que parece ter sido um genuíno arrependimento, com Acabe demonstrando o comportamento típico de alguém em luto (v. 27), em contrição e em modéstia (v. 29, *humilhou-se*, RSV 'com tristeza'; ele se tornou (=comportou) gentilmente, heb. 'at'. A prorrogação temporária da punição pode advir do arrependimento, como aconteceu com Ezequias (2Rs 20.1, 6, 11) e Nínive (Jn 3.10).

i. A batalha final de Acabe contra Arã (22.1-38). Cf. 2Cr 18. Esta terceira campanha continua desde 20.34 e se encerra com o cumprimento da profecia de Eliseu de que haveria três vitórias contra Arã (2Rs 13.14-19). Os intérpretes

divergem quanto à possibilidade de ter ocorrido antes ou após a batalha de Qarqar no rio Crontes, no verão de 853 a.C., quando Acabe é nomeado pelos assírios como um forte elemento na coalizão síria que verificava marcha deles em direção ao oeste. Não há base alguma para aqueles que procuram dissociar as tradições proféticas dos registros de política e de batalhas, pois a narrativa é inseparável. Nem há unanimidade entre aqueles que argumentam que aqui a favor de uma confluência de dois relatos acerca de duas batalhas em Ramote Gileade sob o domínio de Jeocás e Acazias, ou que o material de Josafá tenha sido introduzido para reforçar embasamento teológico superior de Judá (Miller, Jones). Os três anos de paz (v. 1) podem ter sido para a preparação para Qarqar que requereu que Acabe protegesse o flanco ao sul de Israel. Para fazer isto, ele teve a oportunidade de fazer uma negociação com Josafá, seu cunhado, para por em vigor os termos impostos sobre Ben-Hadade na negociação de Afequem, uma vez que Ramote-Gileade pertencia a Israel (v. 3), mas não havia sido retomada.

i. Acabe consulta os profetas (22.1-7).

2-4. O rei de Israel, apesar de não ser citado pelo nome, deve ser Acabe, como no v. 20. Para os detalhes de sua recepção a Josafá, veja 2Cr 18.1-2; 2Rs 8.18. Ramote-Gileade era uma cidade fronteira entre Arã e Israel, atual tell ar-Ramith (Glueck) ao invés de Hus-‘Ajlun, ao sudeste de Irbid (Gray). Foi conquistado pelos Sírios e, posteriormente, por Jeú (2Rs 10.32-33). Tratava-se agora simplesmente de um conflito entre Arã e Israel (Oded) e a pergunta *Irás tu comigo para à peleja?* (v. 4) implica ausência de subordinação de Judá a Israel. Nem é uma solicitação para fazer uma coalizão com as cidades-estados do norte como alguns conjecturam. A resposta *Serei como tu és [...] meus cavalos como teus cavalos* são termos de um acordo de igualdade — aqui para o comandante de uma junta militar, posteriormente, ser condenado pelo profeta quando Judá retornou à sua prévia aliança entre Asa e Aram (v. 15.17-23).

5-6. Era comum *buscar o conselho da* (‘consultar’, JB; heb. *dāras*) divindade nacional por meio palavra antes de uma guerra principal. Isto era necessário se fosse para ser feito uma ‘guerra sagrada’. A postura evidente de Josafá — como alguém que não cultua Baal — era buscar a palavra de Javé. Sua postura opunha-se à de seu companheiro, o qual buscava apoio em preságio proveniente de suas próprias divindades para sua própria ação (v. 2Sm 2.1; 2Rs 3.11). A importância de buscar a vontade de Deus antes de minha ação futura é enfatizada. Os *quatrocentos* ‘profetas nacionalistas’ estavam provavelmente concentrados em Betel (1Rs 18.19). De um modo acrítico eles eram leais ao rei de Israel e a unidade deles deve ter levantado suspeita, haja vista que o objetivo deles era agradar ao rei ao invés de proclamar a verdade (Am 7.10-13). O fundamento do seu veredicto de que o SENHOR daria a vitória seria o sucesso das campanhas anteriores.

ii. *Micaías profetiza conta Acabe (22.7-28)*. Aqui outra vez o historiador enfatiza a perspectiva de Judá. Havia um conflito entre Judá e Israel acerca da natureza da verdadeira profecia (v. Jr 27; 29). Micaías (‘Quem é como Yah[weh]?’ — nome comum) era um homem de deus nesta ocasião (Elias reaparecerá posteriormente). Alguns o identificam com o profeta que havia predito a catástrofe a Acabe (20.42; cf. 22.18). O verdadeiro profeta transmite apenas o que o SENHOR diz (v. 4), o que pode ser calamidade, como acontece aqui; enquanto o falso profeta, assim como qualquer adivinhador de presságios atualmente, tem por objetivo agradar o inquiridor (v. 18, cf. 18.17; 21.20).

Acabe é enviado por Micaías (22.7-12). 9. Não seria inadequado enviar um alto oficial para trazer o profeta (AV. ‘oficial’; heb. *sārīs* é o Assírio *ša rēš(i) sarri* que não é necessariamente um ‘eunuco’, como traduz a JB).

10. Os reis estavam vestidos *de trajes reais* (LXX ‘com plena panóplia’) que pode bem não significar ‘com armaduras brilhantes’ (NEB; ‘com uniforme’ (Gray), mas com seu trajes de gala, pois se tratava de uma ocasião formal (*assentados em seus tronos*) em local público. *O portal*, ‘espaço aberto’ (AV) ‘na entrada’ (NEB) para o portão da cidade era usado quando se tratava de uma grande concentração de pessoas. Sobre outra socorte em espaço aberto, veja 1Sm 14.2; 22.6.

11. Zedequias usou símbolos para reforçar a mensagem de seu grupo, escolhendo os chifres como representação do poder de deter (como José em Dt 33.17). Semelhante uso de profecias decretadas ou ilustradas era uma característica de Jeremias (19.1. 10-12, uma botija; 28.10-11, um jugo; cf. Ez 4, um panorama de uma cidade sitiada), e enfatizava intensamente a mensagem.

A advertência de Micaías (22.13-18). Consultar duas vezes o profeta era uma prática comum para Acabe, quando se tratava de obter confirmação (como em Mari e ao consultar os presságios antes da batalha). Quando Micaías repetiu meramente a falsa profecia, ela poderia ter sido isenta de ironia ou para por à prova a sinceridade de Acabe. Este relato não é uma inserção posterior para realçar o contraste entre a verdadeiro e o falso, o que é evidente a partir de todo este incidente.

16. Acabe desejava uma declaração autorizada sobre o voto em nome do SENHOR. Em consequência disso, Micaías prediz a Morte de Acabe e o colapso do exército, valendo-se de uma visão narrada (v. 17). Note que ele também teve a oportunidade de ‘abster-se’ (v. 15) ou de pleitear um acordo de paz (ao invés de ler ‘incomodado’, JB).

17. As ovelhas sem pastor representa uma ausência de liderança que pode resultar somente em divisão e ruína (Nm 27.17-17; Zc 13.17; Mt. 9.36; 26.31).

Uma segunda visão (22.19-28). Esta foi mais punitiva e direta que a primeira. Isto envolvia uma visão direcionada para o lugar secreto do Altíssimo (como em Is 6.1; Ap. 4.2). O verdadeiro profeta não recontará somente a palavra de Deus (v. 14), mas o que ele tem visto por si mesmo. As ‘hostes celestiais’ não

eram divindades astrais ou uma corte celestial como é sugerido em mitos ugáricos, mas servos de Deus executando sua vontade.

22-23. Muitos estão interessados se o uso de um *espírito mentiroso* (o espírito do v. 21) enviado para *instigar*, NIV, NRSV; cf. JB ‘farsa’ ou ‘engano’, confira Jr 20.7) é contrário à natureza moral de Deus. Não há evidência alguma para equipará-la aqui com Satanás, o opositor da vontade de Deus e o pai de todas as mentiras, ou com o espírito geral da revelação (deVries). Trata-se apenas de um espírito da profecia personificado (Zc 13.2; 1Jo 1 4.6), pois os falsos profetas também podem ser governados por forças espirituais sobrenaturais, ao invés de serem governados pela razão meramente humana. Ele representa o poder de uma mentira nos lábios de alguém que se opõe à verdade e fala em seu próprio interesse (Jr 14.14; 23.16,26; Ez 13.23, 17). Tal uso de um espírito mentiroso pela pessoa de Satanás é condizente com a Escritura (Jô 1.6-12; Jo. 8.44). O Senhor, na verdade, decreta não somente o bem, mas também o mal (v. 23, *catástrofe*; Is 45.7). A predição do fim de Acabe já havia sido decretada por Elias, e este uso de uma falsa profecia enfatizaria que Deus controla todas as coisas, incluindo o juízo final sobre o incrédulo. Deus havia cedido a Acabe (cf. Rm. 1.24-28), concedendo-lhe uma oportunidade de usar seu livre arbítrio e se arrepender. O engano de Acabe foi o que o conduziu à sua ulterior apostasia e destruição e o reprovou (Jr 2.19).

24. ‘Golpeie a bochecha’ (RSV), é melhor do que *esbofetear a face* ou *maxilar* (JB), como se este fosse um ato simbólico usado e reconhecido legalmente há muito tempo ao se fazer um desafio público para que se falasse a verdade (como aconteceu com Jesus Cristo em Jo. 18.22). A inquirição *De que modo o Espírito do* (NIV mg.) ou *a partir do SENHOR saiu de mim?* pode questionar a fonte profética de Micaías ou implicar que qualquer um pode forjar mentiras (cf. 2Cr 18.23). O texto hebraico é complicado e a LXX e Crônicas são possivelmente uma interpretação (‘Que tipo de espírito....?’).

25-28. A consequência provará que Micaías estava certo. E uma reação humana comum tentar silenciar a palavra de Deus quando ela decreta julgamento, e Micaías, assim como Jeremias (36.26; 38.2-6), não foi o primeiro ou o último a ser assim aprisionado. O governante da cidade e ‘Príncipe Joás’ (JB), um outro filho desconhecido de Acabe, foram responsáveis pela rigorosa custódia do profeta. Não há nenhuma evidência sobre o uso do *filho do rei* para se referir meramente a um oficial inferior (v. 26, NEB mg. ‘deputado’; cf. Jr 36.26; 38.6 onde custódia, em função do interesse do palácio, está também envolvida). ‘Até que eu retorne em paz’ (TM) deve poder bem ser com um pacto de vitória efetuado, ao invés do que simplesmente *em segurança* (NEB, NIV). A réplica de Micaías é comprovada pelos eventos históricos. Alguns acreditam que *Observem minhas palavras, todos os povos!* (Não em Cr., LXX) seja uma tentativa de identificar Miquéias (1.1) com Micaías. É apropriado para um profeta, como prisioneiro, fazer este desafio para buscar a confirmação de sua profecia, a qual estava

prestes a se cumprir, quando Acabe fracassou, não podendo retornar em segurança (v. 35).

iii. *A batalha em Ramote-Gileade* (22.29-38). O relato flui logicamente e não é preciso assumir que as semelhanças com Jorão em 2Rs (8.28-29; 9.14-16) signifiquem que o relato mais recente tenha influenciado este. Há diferenças contrastantes em que na morte de Jeocás não é recontada e o sangue de Jorão não é lambido pelos cães (cf. v. 38). Não é certo que ao se disfarçar (*hithappēs*) Acabe estava tentando afastar a atenção sobre si e assim evitar o seu destino predito, ou que estava agindo sem superstição, de modo a afastar o mal para longe de si. Malamat sugere que a palavra pode significar o uso de um capacete para tornar-se irreconhecível¹⁷³ ao invés de ‘uniforme real’ (JB) (embora alguns manuscritos gregos apresentem vistam *minhas* vestes).

31. O número *trinta e dois* não pode ser considerado um acréscimo de escriba a partir de 20.1, pois 2Cr 18.30 o omite. Ele poderia enfatizar que Acabe teria tolamente poupado anteriormente (20.1; 16, 24).

32. A concentração sobre o comandante inimigo para romper a unidade dos oponentes é uma velha tática que Acabe corajosamente procurava nulificar ao permanecer visível no campo de batalha até a tarde (v. 35). Josafá *gritou*, quando cercado, para decretar sua identidade ou requerer auxílio. 2Cr 18.31 interpreta isto como uma oração a ser respondida por Deus que ‘o socorreu’, afastando dele os capitães dos carros. Josafá haveria de ser repreendido por sua parcela nesta batalha (2Cr 19.2).

34. Armou-se um *ao acaso* (AV ‘em uma ventura’ transmite a força do heb. ‘em sua simplicidade’, ou seja, sem um alvo em específico) para que fosse derrubado o alvo profetizado (NRSV ‘ignorantemente’). Armadura composta de segmentos de pequenas lâminas de metal fundido deste período tem sido descoberto em Láquis, Nuzi e Nimrud no Iraque, o tiro parece ter atingido entre a armadura (heb. *ḏbāqīm*) e o peitoral. O *cocheiro*, pois não parece ter havido um terceiro homem com um escudo de defesa como em algumas carruagens assírias deste período (2Rs 7.2), virou precisamente (He. ‘virou sua mão’).

37-38. *Assim faleceu o Rei* é considerado por alguns (LXX ‘o rei está morto!’) uma parte de um pranto que era entoado (v. 36). O detalhe do v. 37 cumpre a profecia de Elias (21.19). o açude em Samaria poderia medir 10m x 5m., escavado no pátio do palácio (v. plano, *IBD*, p. 1377) e onde *eles lavavam a carruagem* (v. 38) e os cães lambiam o sangue enquanto as prostitutas ali se lavavam (assim o heb. ordem). Não é preciso aceitar isto como ‘um acréscimo feito por um editor hiper-zeloso’ (Robinson) ou ‘uma tentativa desajeitada de um editor piedoso para garantir que nenhum detalhe da profecia original deixas-

¹⁷³Malamat, A., “Josiah’s Bid for Armageddon”, *Journal of the Ancient Near Eastern Society of Columbia University* n.º 5, 1973, p. 278 n.º 35.

se de ser cumprida` (Jones) especialmente como se fosse um cumprimento parcial (v. 21.19). Se for considerado uma nota sobre *onde as prostitutas se banhavam*, então poderia ser para identificar o açude como estando em um outro lugar. Tentativas para esclarecer isto ao ler que as mulheres se banhavam com sangue real com propósito de fertilidade, ou que eles lavavam suas armaduras (Gk.) ou armas (NIV mg.) requerem uma mudança no TM.

j. Nota de encerramento sobre o reinado de Acabe (22.39-40). Esta prossegue desde a introdução dada em 16.29-34. Acabe *edificou* (v. 39, poderia ser ‘re-dedicou’ ou ‘fortificou’) um novo palácio e fez intensas mudanças em Level II em Samaria como também em Meguido (Level IVb-Va) onde ele edificara armazéns antigamente designados ‘estábulos de Salomão’. Ele também foi responsável por duplicar a extensão de Hazor. Tudo isto, com a revivificação de Jericó (16.34), prenuncia um período de grande prosperidade.

A ‘casa de marfim’ (MT; AV, NEB ‘casa de marfim’) não era um palácio adornado com marfim, mas, como também em outro local neste período (Nimrud, Arsian Tash) digno de nota por seus objetos preciosos, mobílias e instalações ornamentadas com marfins, entalhados em motivos de estilos fenício, egípcio e locais. Este era um sinal de grande opulência, mas não existem exemplos conhecidos de almofadas de marfim de todos os recintos ou exteriores.

Acabe descansou com seus pais (v. 40) não é um erro do historiador, embora ele seja normalmente usado por aqueles que encontram uma morte pacífica. A frase é utilizada para se referir a todos os reis de Israel além daqueles que morreram no assassinato.

D. História posteriores dos reinados (1Rs 22.41—2Rs 10.36).

i. Josafá de Judá (1Rs 22.41-50). O historiador aqui retorna a sua forma usual de fórmulas introdutórias e sincrônicas (v. 41-42); uma apreciação do reinado — aqui uma daquelas estimativas raras do rei fazendo o que é correto (v. 43-45) — está baseado nas reformas do rei (v. a nota adicional). Uma vez que os detalhes do seu reinado têm sido incluídos separadamente (v. 1-26; 2Cr 17.20; cf. Josefo, *Ant. IX.1.3*) eles não são repetidos aqui. O historiador enfatiza a ação positiva de Josafá sem eliminar a referência à suas falhas. O padrão de encerramento (v. 45-50) é uma adição clara e extensa (v. 46-49).

41. A referência pode ser ao início do seu reinado exclusivo (859 a.C.), seu reinado pleno datando do trigésimo nono ano de Asa (v. 16.29) que reinou quarenta e um anos (15.10). Josafá pode ter sido influenciado pelas obras de seu pai, haja vista que ele também não removeu os altos (15.11-14).

44. A aliança (*de paz*) com Acabe tinha sido selada pelo presente por sua filha Atalia ao filho de Josafá (2Cr 18.1). O *rei de Israel* poderia se referir a Acabe, Acazias, ou Jorão, mas, a frase pode trazer luzes ao fato de que Josafá não era o primeiro desde Roboão a negociar paz com Israel.

45-46. ‘Como ele guerreou’ (RSV; NIV *façanhas militares*) contra Edom e Amon e as reformas judiciais e militares de Josafá são dadas em 2Cr 17-19. Ele deu sequência ao trabalho de Asa (15.12) de remover os *prostitutos* (cultuais) (v. 14. 24).

47. *Edom*, conquistado por Salomão (11.14-25), deve ter sido reconquistado e colocado sob a inspeção de um comissionado sujeito a Judá e aberto à exploração de Hezion Geber (Tell Kheleifeh), um porto no Mar Vermelho reforçado neste tempo com um muro espesso e um portão triplo similar àquele de Megido (level IVA). No Negev outras fortificações foram recentemente construídas (2Cr 17.12) e Beerseba reforçada com um novo muro (Level III).

48. As *embarcações de Târsis* (AV, NIV mg., ‘comerciantes’ NEB, uma frota de navios mercantes NIV) eram comerciantes que iam pelo oceano comercializando até Ofir, veja 9.28. Que eles ‘se quebraram’ (MT, AV) não implica necessariamente que eles *naufragaram* (NIV). Eles foram construídos para implementar um pacto de comércio com Acazias que tinha acesso aos habilidosos fenícios, mas segundo uma profecia de Eliezer, eles nunca mais foram usados (v. 2Cr 20.35-37).

50. Acerca de Jeorão veja 2Rs 8.16-24; 2Cr 21. Edom pode ter tido uma mão ao negar o uso de Hezion Geber como um porto (POTT, p.236).

ii. Acazias de Israel (1Rs 22.51—2Rs 1.18). Confira 2Cr 22.1-9; Jôsephus, *Ant* ix.2. O reinado de Acazias de *dois anos* representa um ano do décimo sétimo ano de Josafá = 854/3 a.C. e parte de um ano durante o qual o seu sucessor podia ser comparado ao décimo oitavo ano de Josafá. A LXX ‘vigésimo quarto’ está se ajustando a 2Rs 1.17.

a. Resumo do reinado (1Rs 22.51-53). O resumo introdutório traça o mal do filho de Acab como imitativo de todos os seus predecessores (cf. 16.30-33). Para o culto a Baal como provocador da ira de Deus, veja 12.28; 16.13, 26.

Nota adicional acerca das reformas de Josafá

O historiador se concentra nas relações políticas de Josafá com seus vizinhos do norte, e faz apenas uma nota formal de um aspecto de suas reformas como exemplo de ter feito o que era reto (v. 43a). Este fato foi a remoção dos prostitutos, encaminhando o leitor para os anais oficiais de Judá a fim de que este obtenha mais detalhes (v. 45). No início de seu reino, Josafá começou um reavivamento religioso com a missão doutrinária de trazer o povo de volta ao Senhor (2Cr 19.4). A consequência foi uma chamada para desarraigar a corrupção e reformar o judiciário ao designar cortes provinciais e distritais, centradas nas principais cidades fortificadas, e, possivelmente, em todo grande povoado. Essas estavam aptas a se ocuparem com os assuntos militares (recrutamento) e civis (tributação) (2Cr 19.5-7). Não está claro até onde a jurisdição do velho

sistema tribal e dos anciãos foi afetada. Contudo, em Jerusalém a corte foi reorganizada tanto para agir como uma instância superior sobre todo o reino, quanto para abranger sanções religiosas e causas, levando-se em conta a presença dos sacerdotes nesta corte (2Cr 19.8-11; cf. Dt 17.8-13).¹⁷⁴

2REIS

b. Elias e Acazias (2Rs 1.1-8). O historiador mostra que o embate entre Elias, com sua crença absoluta no Senhor Deus (Javé), e a monarquia israelita, cuja crença ainda repousava basicamente em outras deidades, continua. Acazias é reprovado por consultar um deus estranho (v. 2-8) e sua tentativa em reverter a desaprovação de Javé a seu respeito mostra-se dramática (v. 9-17a). O ponto continua sendo o mesmo do episódio em Carmelo. Deus mostra, através do fogo, que ele não irá dividir sua glória com nenhum outro deus. 2Reis segue o primeiro sem qualquer interrupção (v. Introdução).

1. Moabe revolta-se *após a morte de Acabe*, pois, de acordo com a Pedra Moabita, este povo foi controlado por Israel nos ‘dias de Onri e em metade dos dias de seu(s) filho(s): cinquenta anos’. A rebelião começou durante o segundo ano de Acazias (Herman).

2. O *aposenso superior* com corrimãos entrelaçados ou janelas (pois não havia, então, envidraçamento), era parte do segundo pavimento, não apenas uma “câmara no sótão” com sacada, ou alguma construção síria sustentada por pilares do tipo *bīt-hilāni* (cf. Robinson, Gray).

3-6. *Baal-Zebube*, “O Senhor das Moscas”, (Septuagintas, *Baal-Mvian*) não está provado que seja uma troca deliberada de Baal-Zebul (“O Príncipe senhor” ou, possivelmente, “O Senhor da casa”; um epíteto de Baal ou, no ugarítico (“a chama”), como, por exemplo, de Mefibosete para Mefi-Baal). Embora o nome da divindade seja singular, é citado em Mateus 10.25. *Consultar* aqui significa buscar a vontade divina por meio de um oráculo (Am 5.5-6), uma prática de adivinhação proibida ao povo de Deus (Lv 19.31). Essa prática significava um desterro para Ecrom, atual Khirbet el-Muqanna, próximo a Aqir, cerca de dezesseis quilômetros a sudeste de Jaffa, cidade mais ao norte de Filístia, na fronteira com Judá. Este deus deve ter sido famoso pelas qualidades de cura. Tal consulta, em razão de alguma doença, a despeito da causa (no hebraico *h’lfi*), ‘doença’, ou ‘ferimento’ era uma prática comum daquela época. O resultado, como normalmente referido nos textos com prognósticos médicos, é ‘ele viverá/morrerá’, cf. versículos 6, 16 (*Você certamente morrerá*).

O retorno imediato dos mensageiros deu ao rei a certeza de que não houve tempo suficiente para que eles tivessem ido a Ecrom, cerca de setenta e dois quilômetros de Samaria, e retornado, ensejando o questionamento do monarca. Deus interveio mais uma vez através de seu servo a fim de manter os mensageiros longe do destino, pois se Acázias tivesse obtido a palavra de Baal-Zebube, depreciaria Javé junto à opinião do povo. Deus normalmente falava diretamente a Elias (exceto em 1Rs 19.5), mas aqui deve ter tentado mostrar o contraste entre o seu mensageiro (v. 3, *anjo do Senhor*) e os de Acázias. Com referência ao rei de Samaria, veja 1Rs 22.37. A palavra infalível que o rei Acázias buscava em Baal-Zebube foi oferecida por Deus em pessoa (v. 4, cf. v. 16).

7-8. A descrição (*aparência*, ‘modo’, cf. Jz 13.12) do profeta foi suficiente para o reconhecimento pelo rei, cujo pai havia encontrado Elias muitas vezes. Vestia peles de camelo ou de outro animal, que o distinguiam como um profeta (Zc 13.4; Mt 3.4; cf. 1Rs 19.19). O termo hebraico para “vestido de pêlos” (“um homem peludo”, AV, NEB, greg., *Vulgata*), está de acordo com esta sugestão e não se aplica apenas ao que diz respeito à barba comum. Não existe a certeza de que qualquer protesto contra pessoas com tais vestes extravagantes esteja aqui implicado (Is 3.18-22; Mt 11.7-8).

c. Elias e o destino dos capitães do exército (2Rs 1.9-17a). Acázias mostrava-se desesperado na tentativa de reversão da profecia contra ele e usaria a força bruta, se necessário. A moralidade do ato têm sido frequentemente mal-interpretada como “a desumanidade da destruição das vidas dos inocentes capitães e seus cinquenta” (Montgomery). É insuficiente descartar este aspecto como uma adição posterior aos versículos de 2-8, uma vez que o versículo 17b soaria abrupto caso fosse lido após o versículo 8 diretamente. Também não deveria ser visto apenas sob os padrões do Novo Testamento, uma vez que Jesus repreendeu seus discípulos por quererem uma demonstração similar do poder do fogo (Lc 9.54-55), embora fossem circunstâncias diversas. Deve-se observar que a interpelação feita a Elias foi equivocada. Um rei não tinha o direito de pedir tal submissão, e suas ações deveriam estar sempre subordinadas à palavra de Deus (cf. ISm 10.25). Deus estava protegendo sua palavra e seu servo. Qualquer contradição concernente a esta passagem deve implicar na negação de outros eventos de julgamento do Antigo Testamento. Elias não agiu a mando de uma vingança particular, mas sim em nome de Deus, e este tipo de julgamento divino também se faz claro no Novo Testamento (Hb 12.29; Ap 11.5; 2Ts 1.7-9). Alguns cristãos sensíveis gostariam de pensar que ninguém será amaldiçoado, mas isto não é bíblico.¹⁷⁵ As repetições com uma variação menor (v. 9-10; 11-12; a segunda com uma autoridade mais formal) são comuns nesse tipo de narrativa.

¹⁷⁵Jn 3.18

10. *Fogo* vincula Elias a Moisés mais uma vez (Lv 10.2; Nm 11.3), e deve ter feito o rei lembrar-se de que Deus já havia revelado a si próprio e confirmado Elias através desse artifício (1Rs 18.38-39). Existe um pensamento de que há um jogo com as palavras 'ēs *‘elōhīm* (“fogo de Deus”, i.é. fogo violento) e 'is *‘elōhīm* (“homem de Deus”), mas não há necessidade de vermos isto aqui.

13-15. O terceiro grupo foi poupado, não por conta do pedido de clemência, mas por causa da intervenção divina. *Não temas* (v. 15) mostra que a vida de Elias corria perigo. “O rei conhece a vontade do Deus de Israel, mas se mostra relutante em segui-la” (Robinson), trazendo, assim, condenação sobre si.

d. *A fórmula de conclusão do reinado de Acazias (2Rs 1.17b-18)*. A conclusão difere do formato padrão. A avaliação do reinado de Acazias já foi fornecida (1Rs 22.52-53). *Jorão*, forma reduzida de J(e)orão, possivelmente irmão de Acazias (*Septuaginta*, sir.), subiu ao trono em 852, sincronizando com o segundo ano da co-regência de Jeorão com Jeosafá em seu décimo oitavo ano no reinado em Judá (3.1).

iii. *Elias, deixa seu sucessor indicado (2.1-25)*. O sucessor de Elias já havia sido designado (1Rs 19.19-21), mas o episódio dramático e único que marca a partida ou ascensão de Elias (v. 1-18), serve também para conferir o comissionamento ao seu sucessor, que é, de pronto, confirmado como possuidor dos mesmos poderes miraculosos de seu mestre. Esta ênfase não é meramente um alongamento feito pelo escritor, mas mostra-se o clímax perfeito da confirmação da comissão de Eliseu feita por Deus. Os dois exemplos fornecidos, a cura das águas (v. 19-22) e o julgamento dos escamecedores (v. 23-25), podem ser vistos como propósitos morais, éticos e didáticos.

a. *Uma viagem de despedida (2.1-6)*. Elias levou seu pupilo em uma viagem de visita a grupos de profetas em Betel (v. 1), Jericó (v. 4) e Gilgal pelo Jordão (v. 6). Sua partida foi reiterada (v. 3, 5), assim como sua garantia de que o Senhor o havia enviado nesta jornada (v. 2, 4, 6). Era vontade de Elias encarar esta experiência sozinho, a menos que a ordem para *ficar aqui* (v. 2) fosse um teste de lealdade para Eliseu, que foi respondida em três negativas deste em deixar seu mestre. O zelo de Pedro enquanto discípulo de Cristo (Mc 14.29), e a tripla ordem de Jesus ao seu discípulo, podem mostrar correspondência com este tópico (Mt 26.38-45).

1-2. Ao passo que *Gilgal*, entre Jericó e o Jordão (Js 4.19-20; moderna Khirbet al-Mafjar¹⁷⁶) seja o local provável dos acontecimentos no versículo 19, outros vêem este lugar como Jiljulieh, onze quilômetros ao norte de Betel, uma vez que daí eles *desceram* a Betel (“Casa de Deus”).

¹⁷⁶ Muilenburg, J, ‘The Site of Ancient Gilgal’, BASOR n.º 140. 1955, p. 11-33.

3. Para *companhia* (“filhos”) dos profetas, veja 1Rs 20.35; e para Betel fundada por Jacó (Gn 28.11-19), veja 1Rs 12.29-33; 13. A partida de Elias é iminente e está predita (v. 3, 5).

b. A divisão das águas (2.7-10). Mais uma vez temos uma ligação entre Elias e Moisés, que usou um cajado como símbolo de seu ofício, a fim de golpear as águas do Mar Vermelho ao tirar o povo de Deus do Egito (cf. Ex 14.21-22). Da mesma forma, Elias usou sua longa capa dobrada a fim de fazer o mesmo e atravessar o Jordão (cf. Js 3-5).

O pedido por uma *porção dobrada* (v. 9), não era para sobrepujar seu mestre, mas para que recebesse a parte que cabia ao filho primogênito, segundo a lei (Dt 21.17). Este filho tinha a responsabilidade de perpetuar o nome e o trabalho do pai. A “coisa dura” (RSV, NVT *coisa difícil*) para Elias estava no fato de que somente Deus poderia oferecer o seu Espírito a alguém (cf. Jo 3.34; 1Jo 3.24; 4.13), e assim, seria impossível a ele satisfazer o pedido de Eliseu. O teste seria saber se Eliseu teria “a habilidade para ver e entender o mundo espiritual [...] e a visão necessária para penetrar os céus” (Jones).

c. A ascensão de Elias (2.11-12). Elias foi arrebatado ao céu por um *redemoinho*, e não pela *carruagem e cavalos de fogo*, que, simplesmente, “ficaram entre os dois” (no hebraico), tirando-o das vistas humanas. *Carruagens* e *cavaleiros* simbolizava proteção poderosa bem como a presença espiritual de Deus, que eram a verdadeira segurança de Israel (v. tb. na ulterior tradição judaica, cf. Eclesiástico 48.9). Não se configuram como um mito solar ou intrinsecamente local, nem podem ser vistos como o meio usado como passagem de Elias para o céu. Elias *subiu ao céu* (v. 11) também pode ser classificado como *tomado de* Eliseu (v. 3, 9). De forma semelhante, Enoque desapareceu, pois Deus o tomou (Gn 5.24), uma vez que já tinha a Moisés (Dt 34.4-6; cf. Judas 9).

12. Eliseu *nunca mais o viu* significa que Elias desapareceu (como na expressão acadiana “ele descansou em seu monte”; cf. v. 16). *As carruagens e cavaleiros* (coletivo) dificilmente indica Deus atravessando os céus como outras deidades do sol costumeiramente descritas em relatos antigos sobre salvamentos, uma vez que isso não fica evidente aqui pela repetição da expressão *de Israel* (cf. 2Rs 13.14). Esta expressão pode ser uma forma enigmática de dizer que Elias era o poderoso defensor do verdadeiro Israel, tornando-se muito mais valioso a eles do que sua jactanciosa defesa militar.

d. Eliseu assume (2.13-25).

i. *O golpear das águas (2.13-15).* Não havia necessidade de demonstrar que o mesmo Espírito que controlava Elias pertencia também a Eliseu. Depois de uma expressão de lamento mostrada pelo ato deliberado de rasgar suas roupas (v. 12b), deixou cair o símbolo de seu ofício profético, tornando a usá-la a fim de

repetir o milagre perpetrado por Elias (v. 14, cf. v. 8), na presença de inúmeras testemunhas (v. 15). O hebraico, ao repetir *ele feriu as águas*, deve ter sido refletido na adição da Septuaginta “e as águas não se dividiram”, o que levou à pergunta, *Onde está agora o SENHOR*, o Deus de Elias? A NVI traz *agora* (‘*ēpô*) para o ‘*ap hū*’ do Texto Massorético (“Onde ele está?”). Algumas versões gregas omitem isto, bem como o fazem a Septuaginta, MXX, RSV e NEB, tomando este trecho como forma temporal, *quando ele feriu*. Deve ter ocorrido que nada aconteceu da primeira vez, de forma que Eliseu deu um novo golpe.

15. A prova do espírito de seu mestre habitando nele, levou ao reconhecimento de Eliseu como líder (*se prostraram [...] diante dele*).

ii. *A busca infrutífera por Elias (2.16-18)*. A busca por Elias feita por cinquenta homens “fortes, ágeis” (*hábeis*, REB “atléticos”) no terreno acidentado não é apenas uma intrusão editorial secundária. Era importante para eles que se evitasse a desonra de um cadáver deixado ao relento, e a necessidade de confirmação de seu último desaparecimento tornava-se essencial para eles, quando não para o próprio Eliseu, pois Elias era conhecido pelos súbitos desaparecimentos (e reaparecimentos) (1Rs 18.12). *Até se enfastiar* (v. 17) tem sido traduzido como “além da capacidade” (cf. as outras únicas ocorrências em 8.11; Jz 3.25). Outros ainda interpretam o trecho como “Até ele não ter mais coração para recusar” (REB).

iii. *A cura das águas (2.19-22)*. Observe que este outro exemplo, selecionado a fim de mostrar que os poderes miraculosos de Elias também pertenciam a Eliseu, não foi executado para sua própria glorificação, e sim, para ajudar outras pessoas. A explicação para *as águas* como *más* (BJ “sujas”; no hebraico “nocivas”) em vez de inexistentes (AV “nenhumas”) é, geralmente, que Jericó ainda vivia sob a maldição do pacto (Dt 28.15-18; Js 6.26). Foi sugerido que a fonte (atual “Ain es-Sultân, próxima à antiga Jericó, atualmente chamada ‘Fonte de Elias’) ficou estéril por conta do contato com camadas radioativas, e que sua súbita limpeza deveu-se a mudanças geológicas,¹⁷⁷ ou a algum tipo de contaminação.¹⁷⁸ Quer seja pela *improdutividade* da terra ou porque (MT, NEB, BJ) “o país sofre por seus maus-comportamentos”, esta é uma questão em aberto; o hebraico (*m^ssakkelet*) normalmente é usado para pessoas ou animais domésticos, exceto em Malaquias 3.11. O método para a cura pode ter sido simbólico: uma *salva nova* representando a pureza, e *sal* representando a preservação, indican-

¹⁷⁷Blake, I. M., ‘Jericho (ain es-Sultan); Joshua’s Curse and Elisha’s Miracle One Possible Explanation’. PEQ n.º 99, 1967, p.87-97.

¹⁷⁸Hulse, E. V., Medical History n.º 15, 1971, p. 376-386 considera que a águas de Jericó podem ter sido infectadas por *Bulinus truncatus* levando ao seu abandono por causa de uma infecção parasitária (esquistosomose) encontrada no caracol; Sperber, D., ‘Weak Waters’, ZAW n.º 82, 1970, p.114-116.

do a purificação (a despeito da proximidade do Mar [Morto] Salgado), e a aliança de fidelidade de Deus (de sal, 2Cr 13.5). Foi o Senhor quem *curou* (v. 21), e não o ato de espalhar o sal como símbolo das forças que separam do mal (Gray, “restaurar a fertilidade”). O ato de Eliseu mostrou a misericórdia de Deus para uma comunidade em tempos de tensão.

iv. *Eliseu é escarnecido* (2.23-25). Essa passagem é frequentemente citada como tendo um aspecto moral no Antigo Testamento¹⁷⁹ ou descartada como “no todo, uma história pueril [...] Nada existe de sério nesse incidente, em nada diminuindo o crédito do profeta [...] no máximo, a lembrança de algum acidente coincidente com a visita de Eliseu a Betel” (Gray, p. 479). Contudo, mostra a oposição contínua sofrida por um profeta autêntico em Betel, o principal centro pagão de adoração a animais. A principal dificuldade recai sobre a *maldição* [...] *no nome do SENHOR* (v. 24). Na doutrina deuteronômica de justiça por retribuição (Dt 7.10), esta era a exigência contra todo aquele que zombasse de um profeta, um ato que equivalia a diminuir a importância do próprio Deus (Dt 18.19; Lv 24.10-16). A palavra para *escarnecido* (NVI, REB, BJ) ocorre em Habacuque 1.10; conforme “opróbrio” em Jeremias 20.8. Zombar de um representante de Deus (cf. 2Cr 36.16), como do próprio Deus (Gl 6.7), ou de sua cidade (Ez 22.5), leva, inevitavelmente, a julgamento.

23. Os *jovens* (em vez de “criancinhas”, AV, ou “rapazinhos”, BJ, no heb. *n’-ârîm*, usado para servos ou pessoas jovens ou em idade de casamento, conforme Absalão em 2Sm 14.21; 18.5) devem ter provocado Eliseu para ver se ele era mesmo igual a Elias ao se levantar (*Sobe*, “vá embora”, REB) e zombaram dele, chamando-o *calvo*. A calvície, ao contrário do mito popular, não é um sinal de inferioridade ou infertilidade, pois Eliseu ainda era jovem, ao contrário do cabeludo Elias (1.8), embora cabelos longos fossem considerados sinônimo de força (2Sm 14.26).¹⁸⁰ O profeta deve ter sido portador de queda precoce dos cabelos (alopecia). Não há evidência externa de que a tonsura fosse marca comum a profetas. Os jovens podem bem representar Betel como o pilar de idolatria e o trono principal do culto a Baal em Israel naqueles tempos.

24. Os *Ursos* habitavam as áreas das colinas até o período medieval. Os *quarenta e dois* podem representar uma trupe organizada atacando o profeta em vez de significar apenas o número de desafortunados (cf. 2Rs 10.14; Ap 11.2; 13.5).

25. Os lugares aqui mencionados estão todos associados com o ministério de Elias. Eliseu pode ter rumado para o Monte Carmelo onde o local da fé e da vitória de Elias faria deste um lugar de contínuo testemunho profético (1Rs 18.19).

¹⁷⁹Wenham, J., *the Goodness of God* (London: IVP, 1974), p. 128 e seguintes; Messner, R. G., ‘Elisha and the Bears’, *Grace Journal* n.º 3, 1962, p. 12-24.

¹⁸⁰Gray, p. 480 afirma que ‘a referência não poderia dizer respeito a calvice natural, visto que um oriental, principalmente um estranho ou viajante, diferentemente de um escravo ou trabalhador, não traria sua cabeça descoberta’.

iv. Guerra contra Moabe (3.1-27). O historiador seleciona agora um evento que demonstrará que a palavra de Eliseu é tão poderosa, e sua profecia tão efetiva quanto o foi a de outros em circunstâncias parecidas (1Rs 22). A história de Jorão é **recomeçada** a partir de 1.17-18, com o formato introdutório usual (v. 1.3). A unidade da narrativa de guerra (v. 4-27) tem sido questionada baseado no surgimento repentino (v. 11) e partida de Eliseu, mas mesmo nesse quesito, ele se parece com Elias. O afastamento (v. 27) após uma vitória quase completa, conforme prometido (v. 24-25, cf. v. 18-19) não se configura necessariamente na evidência de fontes divergentes, mas mostra-se um tema aberto a várias interpretações. O predomínio de uma linguagem teológica nas palavras do profeta é esperado, assim como a continuidade da visão favorável ao rei por parte do historiador. A evidência extrabíblica contida nas Inscrições de Mesa (DOTT, p. 196-7) dá-nos uma ajuda na compreensão da perspectiva moabita para esses eventos.

a. Moabe se revolta (3.1-12). 1-3. A cronologia do *décimo oitavo ano* estaria consonante com 1.17 se Jorão de Judá tivesse sido co-regente com seu pai; seu reinado de *doze anos* foi de 852-841 a.C. Os reis israelitas tinham como norma a afirmação de sua capital, assim *em Samaria* deve satisfazer a esta norma, embora o texto grego omita isto, ao colocar os versículos 1-3 após 2Rs 1.18. O *mau* de Jorão não é o mesmo de Acabe (1Rs 16.30-34) ou da rainha-mãe Jezabel (1Rs 18.4; 19.1-2; 21.7-15) que vivem durante todo o seu reinado (9.30). O pilar de Baal (*pedra sagrada*) era uma estela¹⁸¹ vertical (*MT massēbā*), talvez um exemplar similar às inscrições e saliências encontradas nas imagens de Baal vistas em altares próximos a Hazor, Zenjirli (Panammu) e na Síria (estela de Barhadad para Baal-Melcarte).¹⁸² Algumas destas estátuas permaneceram no templo (2Rs 10.26-27), talvez reinstaladas por Jezabel ao agir como uma mãe inútil (1Rs 16.32-33). Elas não guardavam necessariamente relação com símbolos de fertilidade (v. 1Rs 14.23).

4-5. Mesa *rebela-se* em razão de seu papel subalterno como súdito no qual ele usava seus conhecimentos de “tratador de ovelhas” (*nōqēd*, NEB) a fim de fornecer um sem-número (*cem mil*) de cordeiros e carneiros anualmente, ou “regularmente” (NEB, o verbo é frequentativo) em vez de um único tributo. Sua rebelião após a morte de Acabe (v. 1.1) uniu Israel a Judá contra ele. Jorão reativa o tratado igualitário com Judá, isto é, um tratado de paridade, o qual é aceito por Josafá (1Rs 22.4) com a garantia adicional de que este iria marchar a seu lado.

8-9. O plano era evitar o caminho por Amom, de forma a fugir das fortalezas recém-reforçadas e reconstruídas de Moabe, atacando esta pela retaguarda. Outros propõem uma rota para Moabe pelo Sudeste. Ambos os caminhos ne-

¹⁸¹ Placa de pedra destinada a inscrição. (N. do T.)

¹⁸² ANEP, n.º 490. 827; IBD, p. 153; conforme Lemaire, A., ‘La stèle araméene de Barhadad’, *Orientalia* n.º 53, 1984, p. 337-349.

cessitavam de livre acesso através de Judá e Edom, cujo vice-rei (aqui, *meleque*, “rei”) era súdito de Josafá. Para “subir” (*atacar*, v. 8) o planalto de Moabe, escolheram o caminho pelo *Deserto de Edom* via deserto de Arade, contornando o extremo-sul do Mar Morto, pela estrada de Zoar Horonaim até a capital Quir-Haresete (Is 15.5; Jr 48.5). Após 853 a.C, Mesa entendeu que havia chegado a oportunidade de se rebelar, uma vez que Israel estaria preocupada com a Assíria.

10-12. J(e)orão deve ter consultado seus próprios profetas. Contudo, sob tensão, suas diferentes personalidades afloraram. Jeorão se desespera, ao passo que Josafá busca a Deus. As lições apreendidas do encontro em Ramote-Gileade foram lembradas (1Rs 22.7-20) e Josafá reclama uma declaração de Deus. Em antigos combates era praxe *indagar* (“consultar”) ao oráculo sobre a vontade divina (v. 11) em diferentes estágios. Alguns entendem que Eliseu agiu como representante de Elias, o qual havia escrito anteriormente a Jeorão (2Cr 21.12-15). Certamente aqui ele é mostrado como um velho criado do profeta. A estocagem de água para abluções era uma tarefa de criados. Dessa vez, os reis vão ao profeta em vez de convocá-lo (cf. 1Rs 22.9). Jeosafá confirma Eliseu como o verdadeiro profeta, ou seja, aquele que ousadamente reproduz a palavra de Deus (v. 12).

b. Vitória sobre Moabe e promessa de abundância de águas (3.13-19). O antagonismo de Eliseu em relação ao rei de Israel é demonstrado pela pergunta “O que temos em comum?” ou *o que tenho eu contigo?* (v. 13), embora no hebraico (“O que há relacionado entre mim e ti?”) possa implicar em que ambos devemos fazer nossa parte (da mesma forma que Cristo em Caná da Galiléia, Jo 2.4), em vez de significar “Por que você interfere?”.

14. As palavras de Eliseu ecoam nas palavras de Elias (1Rs 17.1). “Ter consideração por” (RSV, REB) ou *respeito por* exprime a expressão idiomática “favorecer a alguém” (literalmente, “levantar a cabeça”).

15. O pedido por um *tangedor* (no hebraico, “o que toca um instrumento de cordas”), um menestrel tocando uma pequena lira portátil (ISm 16.15), não estigmatiza Eliseu como um exemplo inferior de homem enlevado ou fanático¹⁸³ ou diferente de Elias. A música era um dos recursos da *mão* (no hebraico, “mão, poder”) *do Senhor* caindo sobre alguém, tanto para acalmar como para controlar (vide Saul, ISm 16.16, 23).

A profecia nos versículos 17-19 exigiu itens difíceis de lidar a fim de tornar-se efetiva, e poderes invisíveis para realizar o milagre da provisão. O leito seco do rio (provavelmente o Wadi Hesa; Rio Zered) deveria possuir muitas valetas (no hebraico “valas”) cavadas a fim de reter a breve torrente (no árabe *sayl*),

¹⁸³O termo utilizado é ‘dervixe’: Membro de qualquer ordem monástica muçulmana (N. do T.)

resultado de uma chuva que cairia fora das vistas, nas distantes colinas moabitais. Esta forma de irrigação ainda é comum na região central e sudeste da Arábia.

17. *Gado*, alguns lêem “tropas”, mas isto exigiria a troca de uma consoante média. Nossas dificuldades assumem um aspecto diferente à luz da capacidade de Deus fornecer água e mudar a perspectiva do inimigo.

19. Este versículo é antes uma promessa do que uma ordem. A derrubada de árvores frutíferas é proibida em Deuteronômio 20.19.

c. *A derrota de Moabe (3.20-27)*. 20. As primeiras horas da *manhã* são, com frequência, o período em que Deus agiu com poder (cf. 2Rs 19.35).¹⁸⁴

21. Aqueles “capacitados para vestir uma armadura” (AV), incluiriam até mesmo crianças *que cingiam cinto* e pudessem resistir às invasões do outro lado da fronteira.

22. *Vermelho como sangue* (no hebraico *dummîm*) não é um mero jogo com a palavra Edom, uma vez que as pedras avermelhadas de Wadi Hesa refletindo a água, poderiam ter sido interpretadas como um sinal agourento de derramamento de sangue entre as fileiras inimigas, iludindo assim os moabitais. Os aliados dos hebreus executaram uma destruição completa (v. 25, cf. v. 19), até pararem na capital ao sul de Moabe, Quir-Haresete ou Quir de Moabe (Is 15.1), moderna Kerak, transversal à Estrada do Rei, a dezessete quilômetros do Mar Morto e vinte e quatro quilômetros ao sul do rio Arnon (cf. Jr 48.31, 36).

26. O hebraico aqui se torna complicado. O rei de Moabe tentou reagir ao assalto indo *através de* (RSV “confrontando”) ou contra o rei de Edom, talvez escolhendo o que pensava ser o ponto mais fraco daquela ofensiva. Há pouco suporte textual (latim arcaico) para se confundir aqui Aram (*rm*) com *Edom* (*dm*), uma vez que esta região longínqua não está sendo mencionada.

27. O sacrifício humano do príncipe herdeiro publicamente nos muros da capital era uma prática incomum (Jz 11.31), utilizada para satisfazer Chemosh, o deus nacional, “que estava furioso com esta terra” (Inscrições Moabitais 5), e havia mostrado seu descontentamento com a desastrosa derrota de seu povo. A subsequente grande *ira contra Israel* pode ser vista como a reação furiosa dos moabitais, que fizeram Israel retroceder (Josefus, *Ant.* ix 3.2). A ira de Deus voltou-se contra a aliança que provocou o holocausto do príncipe ou, o mais provável: o pavor e o medo fizeram com que Israel retrocedesse.

v. **Relatos sobre Eliseu (4.1—8.15)**. Continuando a série de episódios relacionados a Elias, estes relatos agora narram acontecimentos igualmente mi-

¹⁸⁴ ‘Levantar cedo’ (AV, heb. *ôakam*) significa literalmente ‘dispor o ombro ao trabalho’. por exemplo: assumir a carga ao levantar acampamento. Isso era importante na vida de líderes como Abraão (Gn 21.14; 22.3), Jacó (Gn 28.18), Moisés (Ex 34.4), Josué (Js 2.12; 7.16; 8.10), Gideão (Jz 7.1), Samuel (1Sm 15.12) e Davi (1Sm 17.20).

lagrosos associados a Eliseu. Embora estes relatos mostrem Eliseu como sucessor habilitado, com as mesmas prerrogativas de seu mestre, o propósito central é mostrar que ele (e Deus, por tabela) serviria como amparo para aqueles tementes ao Senhor. Os incidentes, não considerando aqueles ligados aos filhos dos profetas, podem não estar dispostos em ordem cronológica. Servem, também, para mostrar o dia-a-dia naqueles tempos. As tentativas em explicar os componentes milagrosos como meramente descrições de acontecimentos triviais, não obtiveram êxito.

a. O azeite da viúva (4.1-7). Este relato mostra a preocupação moral do profeta com respeito a um grave problema social. A escravização dos devedores ou de suas famílias era comum em todo o Oriente Próximo (cf. 1Rs 2.39-40; Lv 25.39; Is 50.1; Ne 5.5; Código de Hamurábi §§ 117, 119, 213). A fim de evitar abusos, a lei hebraica estipulou um limite (Ex 21.2-3, 7).

O Targum cita o profeta morto Obadias (1Rs 18.4) como tendo, de acordo com Josefus (*Ant.* ix 4.2), tomado emprestado dinheiro a fim de alimentar os jovens profetas.

1. “*Teu servo*” era uma forma educada de se dirigir a um superior (GNB “senhor”).

2-3. A “botija (‘*āsûk*) de azeite” (AV; NVI *um pouco*) é, aqui, um exemplo singular, provavelmente referindo-se a um pequeno frasco de óleo. O socorro sempre começa a fluir com o pouco que temos em mãos. Eliseu evoca ação e fé com perguntas e palavras (“não poucas”) de encorajamento. A quantidade de azeite foi limitada apenas por conta da falta de fé da mulher ao não conseguir mais *vasilhas vazias* (AV “vasilhas”, *kēlīm*) — uma palavra genérica para utensílios, independente de tipo ou tamanho.

4. A necessidade de privacidade é reforçada, a fim de mostrar a capacidade que Deus tem de agir através de seu servo, mesmo à distância, indicando a natureza pessoal das ações de Deus, enfatizando, assim, o poder do Altíssimo. Esta não é apenas uma atitude banal cujo instrumento se mostra infalível (cf. Gray), mas deve ter sido escolhida pela semelhança do método usado por Elias com relação à viúva de Sarepta (1Rs 17.8-14).

5. *E ela as enchia*; o particípio contínuo ressaltando a ação progressiva da fé (cf. Jo 2.7).

7. *Paga as tua dívida* (no plural, cf. NVI, GNB, NEB mg), conforme “resgata a sua fiança” (BJ), a NEB parafraseia “resgata seus filhos que foram tomados por fiança”. A bênção de Deus é sempre abundante (Mc 6.43; Ef 3.20). Uma lição deduzida pelo historiador nesta passagem é que o Deus das viúvas e dos órfãos não falha (Dt 10.18; Tg 1.27), como o fazem as leis do mundo.

b. O filho da sunamita (4.8-37). A história da mulher sunamita e a restauração da vida de seu filho tornou-se uma confirmação dos poderes proféticos e

de cura de Eliseu herdados de Elias (cf. 8.1-6). Também reitera as bênçãos da hospitalidade e a proteção de Deus.

8. *Suném* (atual Solem) situa-se a cerca de onze quilômetros ao sul do Monte Tabor, a oito quilômetros de Jezreel, e a trinta e dois quilômetros do Carmelo (cf. v. 25), próxima, portanto, a uma rota que possivelmente fora usada com frequência. A *mulher rica* (literalmente “grande”, MT, AV) dá mais ênfase à saúde do que à sua importância e posição social (GNB “abastada”).

9. O reconhecimento de Elias como *o santo homem de Deus* é invulgar, e encerra uma qualidade especial (v. 1Rs 17.24; 2Rs 5.8).

10. O *pequeno quarto* na *parte de cima* era, de acordo com o hebraico (*‘liyyat qîr*), um abrigo permanente, e não temporário (cf. 1Sm 9.25), mobiliado, visando privacidade, conforto e para uso imediato. Deduz-se, então, que fosse cercado (*qîr*), conforme a RSV “com paredes”, AV “na parede”, embora alguns entendam como “lugar fresco” (*qôr*). A candeia deveria ser um pires aberto ou uma vasilha em forma de tigela contendo gergelim ou azeite de oliva, com um gargalo comprido por onde passava o pavio (v. IBD, p. 870).

12-16. A utilização de um criado como mensageiro tinha o intuito de que se fizesse uma sondagem preliminar, em vez indicar dignidade ou reverência (cf. v. 15-16). Pela promessa profética de um filho, conforme Sara (Gn 18.10-12) e Manoá (Jz 13). O nome Geazi, talvez o criado sem nome de 2Reis 4.43 e 6.15, pode significar “homem de visão” (BDB) ou “avaro” (Gray). A mulher, satisfeita com sua sorte (v. 13), porém necessitada de um filho que perpetuasse o direito de posse da família sobre a propriedade, não buscava favores ou remissão de impostos que Eliseu, por sua posição, poderia angariar para ela. Sua preocupação não estava em ser iludida ou enganada (conforme v. 28 *falsas esperanças*). Não foi fornecido um tempo exato, pois *por volta desta época, no ano que vem* (NVI) é uma expressão corriqueira para tempo.¹⁸⁵ A ênfase está no cumprimento da profecia (v. 17).

18-20. A doença do menino não parece ter diagnóstico. Sua morte, após algumas horas normalmente é tida como um caso de golpe de calor (insolação, siriase), cujo sintoma é dor de cabeça intensa. Isto deveria ser um fato raro entre as crianças, mesmo em se tratando da planície de Esdrelon em época de colheita. Sugeriu-se tratar de malária cerebral, uma vez que a meningite raramente mata tão rapidamente.¹⁸⁶

21. A mulher perdeu seu filho mas não sua fé. Ao levá-lo ao quarto do profeta, demonstrou uma atitude emocional ou de conveniência. Não precisava ser feito como um ato de infortúnio, uma tentativa de enclausurar o espírito da

¹⁸⁵ Yaron, R., ‘Ka’eth hayyah and Koh Leher’, VT n.º 12, 1962, p. 500-501 seguida por ¹⁸⁶ Bibl. Words for Time, London: SCM Press, 1969, p. 119-120.

¹⁸⁷ Wiseman, D. J., ‘Medicine in the OT World’ em *Medicine and the Bible*, editado por ¹⁸⁸ Palmer, Exeter: Paternoster Press, 1986, p. 28.

criança (Gray), tampouco indicou que o menino não tivesse na verdade falecido, mas apenas sido “eletrocutado”, condição esta comum em golpes de calor (Mishnah *Niddah* 70b).

23. *Lua Nova ou Sábado* (Lv 23.3; Nm 28.10, 14). Esta referência precoce a respeito do culto e trabalho no Sábado significa que as viagens e o trabalho eram permitidos nestes dias (cf. 2Rs 11.5-8). A atitude de Jesus deve estar relacionada a este aspecto em detrimento às práticas farisaicas (Mc 2.23-28; conforme Hebreus 4, ao fazer concessões quanto ao descanso e o trabalho dos santos no paraíso). Keil sustenta que o devoto em Israel dirigia-se à casa do profeta para o culto e aprendizado, uma vez que este ambiente estava livre da influência sacerdotal levítica da época. Alguns afirmam serem aqueles dias “favoráveis”, posto que a *Lua Nova* fosse um dia onde não se trabalhava, ou um festejo (1Sm 20.5, 18, 24) que deveria ser usado para o culto (Is 66.23, cf. Cl 2.16).

24. A narrativa ganha ares de urgência: “guia e anda” (v. 24, RSV; NVI *vamos rápido*; no hebraico “siga adiante”, e v. 29); “Cinge os lombos” (AV, RSV); *ponha a capa por dentro do cinto* (e BJ), a fim de que não pare sequer para cumprimentos (como em Lc 10.4), apressando-se desembaraçadamente.

27. Um profeta carecia de revelação divina em ocasiões específicas. Os discípulos podem se tornar obstáculos a que o necessitado chegue ao mestre (Mt 19.13-14).

29-31. Geazi, com o bordão do profeta, um símbolo de autoridade como o usado por Moisés ao efetuar os milagres (Ex 4.1-4; 17.5-6), seguiu à frente a fim de tranquilizar os pais do menino, porém ele *não falou nem reagiu* (NVI, BJ, como em 1Rs 18.29) ou deu um “sinal de vida” (NEB). O menino estava morto.

32.35. O despertar gradual desse menino difere do método de Elias em 1Reis 17, onde houve uma resposta imediata à palavra (Cristo em Mc 5.41-42; cf. At 9.40). Não se tratava simplesmente da aplicação de respiração artificial, e Geazi foi testemunha tanto da morte do menino quanto de sua ressurreição, fato este que se tornou largamente conhecido (8.5). Também não se trata de um caso de transmissão de poder pelo contato físico do indivíduo.¹⁸⁷ A fé que Eliseu tinha em Deus, embora não expressa diretamente aqui, é demonstrada através de sua oração (cf. Tg 5.17-18).

c. A morte na panela (4.38-41). Este evento mostra o poder de transformar o nocivo em inofensivo (cf. Lc 10.19), bem como mostra o cuidado e provisão de Deus para os seus.

38. *Gilgal*. Provavelmente refere-se àquela de Efraim, a sudeste de Siló (cf. 2Rs 2.1), em vez daquela próxima à Jericó (Js 4.19) ou Qalqaliyah (Baal-Salisa, cf. Gray). A *fome* (MT) provavelmente era a mesma encontrada em 8.1. Uma vez que

¹⁸⁷Johnson, A. R., *Vitality of the Individual in Thought of Ancient Israel*, Gardiff: University of Wales Press, 1949.

os discípulos dos profetas estavam “sentados diante” dele (AV), tem-se que essa reunião fosse uma sessão “escolar” (Yeshiva, Ben Shira 51.29). O “cozido” (AV, RSV) era um “caldo de carne” (NEB) ou *ensopado* (NVI, GNB) — um prato popular.

39. As *cabaças* (*paqu ôt*) ou pepinos silvestres (*Septuaginta, colocynth*) era um purgativo potente. “Maças amargas” (NEB) amarelas, como pequenos melões: são as características do *citrullus colocyntis*. Não se tem uma razão pela qual essas plantas, facilmente reconhecíveis, sejam desagradáveis ao paladar. O ato simbólico de purificação ou cura (como o sal empregado na fonte em Jericó, 2.19-22) não é diminuído por aqueles que buscam eliminar o veneno e o milagre, na suposição de que estavam lidando com uma magia contrária, de que algo mais fora acrescentado ou que a farinha tinha a função de se opor à superstição de mau agouro.

d. *Alimentando uma multidão (4.42-44)*. Este episódio pode não ter conexão com o anterior, embora também mostre o cuidado de Deus pelos seus. A aceitação das primícias, normalmente uma oferta a Deus feita pelos sacerdotes (Lv 23.10), por parte de Eliseu, e a divisão desta oferenda em benefício de todos, pode indicar o seu reconhecimento como representante do Senhor. Todo o incidente está descrito como o cumprimento da profecia. Na qualidade de milagre, deve ser comparado com aquele em que Jesus alimenta cinco mil pessoas (Mt 14.13-21).

42. *Baal-Salisa* fica a vinte e dois quilômetros ao norte de Lida, na planície de Saron (cf. 1Sm 9.4) e deve ser identificada com Khirbet al-Marjah em Efraim.¹⁸⁸ As *primeiras espigas* (espigas frescas de) *milho* (*w'karmel b' siq' lônô*; NEB “espigas da nova estação”) pode ser uma referência à “espigas de milho assadas” (cf. Lv 2.14).

43. *Seu servo*, um termo hebraico pouco comum (*m'sār'tô*), como usado por Josué (Ex 24.13, “auxiliar”), pode se referir aqui a Geazi, que se mostrava descrente em relação da suficiência da provisão, assim como se mostraram os discípulos de Jesus (Mt 14.17; 15.34-39), possivelmente por conta de que o alimento tenha sido trazido em um pequeno saco. A figura dos *cem* pode estar aqui representando uma grande quantidade (1Rs 18.4).

e. *Naamã é curado (5.1-27)*. Embora o foco principal após a introdução (v. 1-7) esteja em Eliseu (v. 8-14), Naamã (v. 15-19) e Geazi (v. 20-27), o capítulo mostra unidade. Além disso, é único em relação ao seu conteúdo e extensão entre as histórias da Bíblias. Unicamente aqui nas narrativas sobre Elias-Eliseu, temos a cura de um leproso e sua conversão, e a adoração a Javé por um não-Israelita. O milagre determina seu significado moral. Este é um “exemplo compe-

¹⁸⁸Mazar, A., ‘Theree Israelite Sites in the hills of Judah and Ephraim’, BA n.º 45, 1982, p. 167-178.

tente de narrativa bíblica na qual a arte e a teologia estão simbioticamente relacionadas”.¹⁸⁹ E estrutura inclui a inversão de papéis entre criado e mestre, abnegado e interesseiro; um leproso é purificado e alguém é punido com lepra.

1. Na’aman, um nome comum na Síria (textos Alalakh e Ras Shamra), significa “benevolente”. Ele é descrito como *um grande* (importante) *homem* (*’is gādol*), *muito respeitado* (no hebraico “beneficiado”), um homem consistente (*gibbôr hayil*), *porém* leproso. A última descrição não é mera adição editorial, pois desperitava respeito (v. 16) e foi apresentado na carta real como “meu oficial”.

2. O rei de Aram pode ter sido Ben-Hadade III que fez uma trégua com Israel (8.7)

3-4. Uma cativa ajuda o comandante. O papel de profeta (*nābi*) executado por Eliseu era sobejamente reconhecido pelos israelitas. A garota sabia que ele poderia livrar-se (*’sp*) dos efeitos da lepra (cf. Nm 12.10, 14); talvez esta rara denominação para “cura” reflita os trabalhos ritualísticos dos médicos da Mesopotâmia (*asipu*). Lepra (*sāra at*) é usada no Antigo Testamento para designar inúmeras doenças de pele tanto “malignas” (NEB) quanto infecciosas (cf. Nvi mg.), a qual se mostra uma tradução mais exata. Caracteriza-se por inúmeros inchaços, crostas, manchas esbranquiçadas (cf. v. 27), sinais claros ou escuros, ou pele escamosa. Também descreve o mildio¹⁹⁰ na lã, linho ou couro, como também o fungo nas paredes (Lv 13—14).¹⁹¹ A doença do bacilo de Hansen (lepra — *Elephantiasis graecorum*) foi identificada inicialmente no Egito, no segundo século a.C.

5-6. Correspondências entre estados (arquivos Mari, Hititas e Assírios)¹⁹² a respeito de assuntos médicos comprovam a prática do oferecimento de presentes diante da necessidade de uma audiência. Esta em especial, foi excepcionalmente rica, custando somente em prata o equivalente a cinco vezes o que Onri pagou pela região de Samaria (1Rs 16.24). As “mudas de roupas” (AV) ou *peças de roupas* eram fardos de tecidos usados naquele tempo na Síria como pagamento adicional, em vez de roupas prontas (cf. “vestes festivas” BJ).

O rei de Aram entende que o profeta deveria ser membro do séquito real, mas o rei de Israel vê na carta uma provocação para reavivar a guerra (v. 7). O poder de Eliseu como “homem de Deus” contrasta com a impotência de um anônimo “homem de estado”. Isto aconteceu para enfatizar o ato de Eliseu como um testemunho do poder de Deus (v. 8).

9-12. Naamã esperava antes uma atitude de respeito (“para alguém como eu”, v. 11) e um ritual público com “algo portentoso” em vez de um simples ato individual. O objetivo era ensiná-lo humildade e fé. Um grande homem pode esperar *algo grandioso* (v. 13, NRSV, REB “algo difícil”), ao passo que Deus

¹⁸⁹Cohn, R. L., ‘Form and Perspective in 2 Kings 5’, VT n.º 33, 1983, p. 171-184.

¹⁹⁰Descoloração causada por fungos. (N. do T.)

¹⁹¹E. G. Browne, *Leprosy in the bible*, Christian Medical Fellowship, 1974, p. 5.

¹⁹²Wiseman, D. J. em B. Palmer, *op. cit.*, p.32

muitas vezes nos testa com coisas pequenas. Os rios límpidos de Damasco fluíam das montanhas cobertas de neve de Amanus (no hebraico *Qerç* lê-se Amana em vez de Abana, atual Rio Barada) ou do Monte Hermon, Rio Barbar (atual 'Awaj).

13-14. O ritual de limpeza da lepra (no hebraico *rhs*, v. 10), necessitava de sete etapas (Lv 14.7-9). Naamã “submergiu” (no hebraico *tbl*, NVI *mergulhou*, BJ “afundou-se”) no Rio Jordão. Isto significando total obediência à ordem divina bem como um “renascimento”. *Sete vezes* é o simbolismo de um número perfeito e, provavelmente, não guarda relação com a purificação do batismo (1Pe 3.21) ou com a separação do passado, como no momento em que Israel atravessa este mesmo rio, onde a ênfase é “estar em pé” no rio. (Js 3.8; 4.9).

15-16. As atitudes de Naamã são enfatizadas. Quando sua carne foi *restaurada* (“se tornou”, v. 14), ele assim também o fez (v. 15). Isto não se configura uma evidência de que o culto sirio a Baal-Shamaim em Damasco já fosse mono-teísta, embora a confissão de Naamã possa simplesmente estar reconhecendo que o Senhor Deus Jave é universal. A recusa de Eliseu em aceitar um *presente* ou “sinal de gratidão” (NEB; hebraico *b' rākā*, “bênção”) contrasta com a dos falsos profetas e a de Geazi (v. 22-23).

17. A carga de *terra* era para preparar o fundamento para um “lugar sagrado” no qual poderia ser erigido um altar, e não porque o Senhor Deus apenas poderia ser adorado em solo israelita. O conhecimento que, até então, Naamã tinha de Deus era débil.

18. Eliseu não o repreende, pois sua posição era de oficial do rei. O termo hebraico para “apoiar a mão” não implica em suporte físico, mas em que ele era “o homem da mão direita” do rei (cf. 2Rs 7.2, 17). Para *Rimon*, veja em IReis 15.18, onde é feita uma referência ao oferecimento de presentes.

19. A relação de Naamã com Eliseu está expressa em linguagem diplomática. “*Vá em paz*” não é um simples “adeus” (NEB), mas o reconhecimento de que o receptor numa relação de aliança com o orador e seu deus. Da mesma forma, “está tudo bem?” (v. 21, *h'sālôm*) geralmente indica a reabertura de negociações (2Rs 9.17-19).¹⁹³

20. O ato de Geazi rompeu o relacionamento ao buscar o próprio enriquecimento. Suas atitudes: avariza (v. 22), fraude (v. 23-25) e a depreciação de superiores (v. 20, “*aquele arameu*”). Além disso, jurou dolosamente pelo Senhor (v. 20, diferentemente de Eliseu, v. 16), e encobriu este fato sendo, justamente, punido (Lv 19.12; At 5.2-3). Naamã mostrava-se mais fiel ao seu novo Senhor do que Geazi ao seu.

24. A *colina* (hebraico *ôpel*, “torre”) pode ser vista como a região de Ophel em Jerusalém, mas aqui é provável que se trate da “colina” em Samaria (RSV).

¹⁹³Wiseman, D. J., “‘Is it Peace?”

Covenant and Diplomacy”, VT 32, 1982, p. 320-324.

26. “Não fui contigo em espírito” (RSV, NEB, GNB) pode indicar tanto a preocupação (AV “coração”) quanto à sabedoria do profeta.

27. A saída de Geazi da *presença de Eliseu* (MT *mill'pânâw*; cf. 6.32; Jn 1:3; Gn 41.46) é uma expressão de dispensa em uma audiência oficial. A lepra de Naamã que *se apegará a Geazi* e a sua *descendência para sempre* ilustra o castigo, prenunciado em Êxodo 20.5 e aplicado à família de Acã (Js 7.24-26), bem como àqueles que quebraram o mandamento que proíbe a fabricação de ídolos (aqui, o amor ao dinheiro e às posses). Em sua misericórdia, Deus às vezes somente pune a primeira geração, ou até a quarta. Nos dias de Jesus, o episódio de Naamã era bem conhecido e citado como um caso único de um não-israelita limpo da lepra pela obediência às palavras de Deus através de um profeta, numa época em que muitos judeus não atentavam para o brado do profeta de seu tempo (Lc 4.27).

f. O machado que flutuou (6.1-7). Este foi um milagre de provisão para as necessidades dos discípulos “a exemplo do episódio do estêter na boca do peixe” (Mt. 17.27, Keil) em vez de simples engrandecimento pessoal. A explicação de que Eliseu usou um galho no ponto indicado para localizar e recuperar o machado, é contestada por: ele *lançou o galho e fez flutuar o ferro* (v. 6). Encontramos também aqui a evidência da expansão da comunidade profética.

5. A *cabeça de ferro do machado* (no hebraico “ferro”) foi pedida, (MT *sā'ul*), ou seja, solicitada ou suplicada, e não necessariamente “tomada emprestada” (EVV).

g. Os arameus são ludibriados (6.8-23). O registro de incidentes milagrosos com lições morais continua. Visão contrasta com cegueira, recursos espirituais com táticas humanas (v. 15-16) e etc. Isto serve de prelúdio para as conversações que Eliseu teria com a corte e sua conduta com relação à guerra com os arameus (6.24; 7.20). Eliseu tinha intimidade com o rei sem-nome de Israel, para quem prestou um eficiente serviço de inteligência. Provavelmente, seus conhecimentos foram conseguidos através de informantes (cf. 2Rs 5.3), em vez de sua intuição. Por isso, a preocupação com a deslealdade (v. 11, no hebraico “*pelo rei de Israel*”; NEB corrige para “nos traiu com”).

8. O plano arameu levava em conta um ataque repentino ou emboscada (MT *tah'nôî*); *meu acampamento* apenas aqui é de significado incerto, provavelmente “arremeter em [...] direção” (NEB).

13. Dotã situa-se estrategicamente na ponta do vale, em direção à planície de Jezreel, cerca de quatorze quilômetros ao norte de Samaria.

16. Em tempos de provação, existem sempre bastante proteção e auxílio divino disponíveis para o povo de Deus (cf. Sl 91.11; At 7.56; Rm 8.31).

17-18. É sempre possível ter uma visão positiva e negativa. A necessidade aqui é por revelação (*abrir os olhos* — usado apenas como ação de Deus) para

que se vejam as forças sobrenaturais ao redor dos sitiadores. A cegueira (MT *sanwerim*) algumas vezes é tida como punição divina para povos pagãos incrédulos (*gôy*; Gn 19.11), porém, Jesus afirma que a causa da doença pode não estar relacionada com o pecado (Jo 9.3). A declaração de Eliseu (v. 19) foi um *ardil de guerra* (Delitzsch).

21.23. O rei reconhece a autoridade superior de Eliseu (*meu pai*) e pede moderação. Prisioneiros de guerra, mesmo sob banimento inicial (*hêrem*), normalmente não eram sacrificados ou postos à morte (exceto líderes rebeldes). *Devo matá-los?* (NVI, BJ) ratifica isto; sendo o *não* (v. 22) uma declaração forte. Outros (Montgomery) entendem que Eliseu tinha em mente que os capturados na batalha deveriam ser mortos, mas os que se rendiam, poupados (cf. o julgamento de Acabe em 1Rs 20.31-43). A NEB interpreta o versículo 22 como “Você pode destruir aqueles feitos prisioneiros [...] mas para estes [...]” Ao oferecimento de um *banquete* (v. 23, no hebraico: *kârâ*; *acádico*: *qirçtu*), seguiu-se um acordo que, em princípio, evitou represálias (Rm 12.20-21). A clemência quase sempre leva à paz.

h. O cerco à Samaria (6.24 — 7.20). Esta seção pode não estar diretamente relacionada com os eventos anteriores (v. 24 “depois disso”, *algum tempo depois*) ou com a grande escassez (8.1).

i. Escassez na cidade (6.24-33). **23.** Ben-Hadade era o nome do trono sírio para os contemporâneos de Jeorão Ben-Hadade II, ou, aqui, Ben-Hadade III.

25. O cerco trouxe à cidade tamanha escassez que, mesmo a proibida cabeça de asno (Lv 11.3) era adquirida por um preço exorbitante. Um terço de litro (um oitavo de uma pinta¹⁹⁴; MT *qab*) de feijões de alfarrobeira (*harûbim*; NVI grãos de vagem) em vez de “esterco de pombas” (AV; MT *hir' yyônîm*), ou “cebolas selvagens” (BJ) eram vendidos por cinquenta e cinco gramas de prata ou o correspondente a mais de um mês de salário (Mt 20.1-16 e as proporções da fome em Ap 6.6).

26-29. As pessoas podiam sempre apelar diretamente ao rei. Sua resposta mostra a impossibilidade da ajuda. Na MT “se o SENHOR não [...]” poderia ser “Não, deixe que o SENHOR ajude [...]” (Robinson), ou “Se o SENHOR não socorrer [...]” (NVI, NEB).

O canibalismo em tempos de cerco está bem testemunhado (Dt 28.55-57; Ez 5.10; também em Jerusalém (Josefus, *War* v. 13.7; vi. 34) e na Babilônia).¹⁵

30-31. O lamento real, mesmo em segredo, foi sincero, vendo o cerco como punição pelos pecados da nação (Jn 3.6). Seu juramento solene contra Eliseu (1Rs 2.23) pressupõe que o monarca atribuía ao profeta a tribulação de Israel (1Rs 18.17).

32-33. *Aquele assassino* (no hebraico *ben-ham'rassçah*; AV “filho do homicida”) denota uma categoria em vez de ser uma referência a Jeorão como o filho de Acabe. Enquanto o rei falava, o *mensageiro* (*male'âk*; NVI, RSV) chegou, embora se entendêssemos como “rei” (*melek*; NEB, GNB) também faria sentido (7.2). *Esta desgraça* (calamidade ou mal) poderia ter vindo do Senhor como parte de seus propósitos soberanos (Jó 2.10; Is 45.7).

ii. O cerco é levantado (7.1-20). **1.** Eliseu havia feito uma declaração profética (*disse*) o cumprida com o bem-sucedido resultado do cerco (v. 1, cf. v. 18-20), a qual levaria à redução nos preços dos artigos de primeira necessidade a patamares abaixo do normal. Tal profecia mostrava-se bastante útil uma vez que a safra não poderia crescer em tempo de restaurar o abastecimento. *A porta* era o mercado, bem como o local do tribunal de justiça.

2. O *oficial* (AV “Senhor”; MT *ôlîs*) denota o terceiro homem de um grupo de charreteiros, que funcionava como carregador de armas, ajudante-de-ordens (NEB “*lugar-tenente*”) e também assistente do rei (2Rs 9.25; 2Rs 5.18).¹⁹⁶ As janelas (NVI comportas) do céu são figurativas (Gn 7.11; Mt 3.10).

6. O *som* ou rumor que produziu o pânico é atribuído à ação divina. Deus lança mão de diferentes meios. Por este período, os neo-hititas dominavam o norte da Síria (terra de Hati)¹⁹⁷, e para egípcios (MT *misrayim*) possivelmente devêssemos entender este termo como povos de *Musri* (*musrîm*), aliados dos hititas e arameus (1Rs 10.28). Em sua debandada os arameus até abandonaram os cavalos desatrelados.

9. Os princípios morais devem prevalecer graças ao medo de punição (MT 'awôn). A palavra denota ambos: o fato e suas consequências. A preocupação com a não-violação de normas sociais pode ser uma razão convincente para uma mudança de comportamento.

10-15. O rei imaginou uma tática parecida com aquela empregada por seus ancestrais em Ai (Js 8.3-28). Contudo, decidiu agir de forma pouco arriscada ao enviar *cinco* dos *cavalos* remanescentes (NEB “alguns”), embora, aparentemente apenas dois cavaleiros (v. 14, NEB, MT *rekeb sūsîm*); AV “cavalos de biga”, ou NVI *carruagens com seus cavalos*), foram enviados.

17-20. O teste para a veracidade de uma profecia é o seu cumprimento (Dt 18.21-22). Esta seção não é mera repetição ou duplicação, mas um sumário moralizador que enfatiza o ponto-de-vista do historiador a respeito deste episódio. Deus nunca falha em suprir as necessidades de seu povo quando este confia nele. Aqui, uma quantidade (7,31) de uma farinha fina e cara pôde ser comprada por apenas o dobro do preço da cevada comum, tão abundantes eram os víveres.

¹⁹⁶Mastin, B. A., ‘Was the *ôlîs* the Third Man in the Chariot?’, VTSupp n.º 30. 1979. p. 125-154.

¹⁹⁷Hoffner, H., ‘Some Contributions of Hittitology to Old Testament Study’, *TynB* n.º 20, 1969, p. 88; POTT, p. 213.

i. A sunamita recebe de volta sua propriedade (8.1-6). Esse apêndice para a narrativa de Eliseu tem como objetivo confirmar o milagre da restauração da vida do menino (2Rs 4.8-37), e prossegue a partir dessa história. Também mostra a influência que o profeta tinha na corte ao ajudar a viúva, da mesma forma como Elias o fez. A datação do período de escassez em Samaria (4.38; 6.24 — 7.20) não é clara. Contudo, todo o período de fome era tido como a vontade de Deus e um sinal do descontentamento divino sobre uma nação, fazendo-se necessária uma conclamação por arrependimento (v. 1Rs 17.1; 18.2; Ag 1.6, 9-11; 2.16-17; Ap 6.5-8). O incidente deve ter ocorrido durante o reinado de Jeorão e após as reformas judiciais no sul (Whitelam).

1-2. O profeta predisse que a fome estava determinada, e isto explica a viúva estar ausente de Israel. Ela ficou temporariamente (como moradora estrangeira, no verbo hebraico *gûr*); portanto a NVI, *vá morar onde puder* (REB “encontre alojamento”, NRSV “fixe residência”), representa o hebraico “fique temporariamente onde puder”. Não há razão para se pensar que os *sete anos* de fome foram um mecanismo artificial usado para harmonizar com o período de sete anos requeridos pela lei para o cancelamento de dívidas (Dt 15.1-4). Esses períodos longos de escassez estão registrados em textos antigos (Gn 41.30).¹⁹⁸

3. O rei era o tribunal de apelação para todos os casos que envolviam a posse da terra (1Rs 21), de forma que ela *procurou o rei* na qualidade de proprietária de imóvel tomado durante sua ausência. Ela foi ao rei *clamar* (no hebraico *s'q*) por sua casa (v. 5), indicando que este era um termo legal mais forte do que *implorar* (NVI ou “buscou uma audiência com o rei” para suplicar, NEB, REB; “apelou”, RSV). “Apresentar uma reivindicação” (BJ) mostra bem o sentido (acádico: *ragâmu*). Ao rei (v. 4) não é dado um nome, e, uma vez que Geazi está na presença real, devemos assumir que este acontecimento ocorreu antes de sua dispensa como criado de Eliseu (5.27). Se assim foi, o rei deve ter sido Jeú, pois Jeorão conhecia bem Eliseu (3.13).

6. O *oficial (sârís)* designado para cuidar do caso dela não era um “eunuco” (BJ; veja 1Rs 22.9). Ele teve que calcular os rendimentos (usufruto) obtidos em suas propriedades durante sua ausência (“proventos” NEB, em vez de “produção” RSV). Deus sempre usa autoridades para trazer provisão para viúvas e órfãos como um encargo imputado ao estado (Dt 10.18; 24.19-20; Jr 7.6-7).

j. Eliseu e Hazael (8.7-15). A fonte de informações para tamanha quantidade de detalhes pode estar nos discípulos de Eliseu. Certamente diferente daquela nas guerras aramaicas (2Rs 6.24 — 7.20). Eliseu vai à Damasco, não para imitar Elias, e sim para cumprir as ordens dadas por Deus, as quais seu predecessor não terminou de cumprir (1Rs 19.15). Nesse momento, um rei pagão busca o Deus de Israel (2Rs 1.1-4).

Shea, W. H., *Famines in the Early of Egypt and Syro-Palestine*, Ann Arbor: University of Michigan, 1977, p. 129-235.

7. Ben-Hadade, provavelmente o nome do trono do rei de Damasco (Aram) entre 844 — 818 a.C., é aqui o segundo detentor deste título, cujo nome era Hadadézer (assírio: *adad'idri*). Ele é mencionado nos anais assírios durante o décimo-oitavo (840 a.C.) e vigésimo primeiro ano (837 a.C.) das campanhas de Salmaneser III, rei da Assíria.

9. Para *Hazael*, veja nota adicional. O presente que enviou para a audiência com o profeta (1Sm 9.7; 1Rs 14.3) foi de tal expressão que deve ter visado fazer um agrado ao oráculo de Javé. Uma vez que a aproximação era diplomática (*teu filho*, v. 9) e implicava antes cortesia do que subserviência (6.21; 1Sm 25.8), não há razão para sugerir que os quarenta camelos carregados serviram para impressionar pelo número, tanto que os camelos estavam levemente carregados, ou que este número convencionalmente indique um grande número.

Nota adicional sobre Hazael

Hazael (hebraico: *h'zā'ēl*) foi um forte rei de Aram (843-796/6 a.C.). É mencionado em registros assírios contemporâneos como *haza'ili mār la mammana*, o “filho de ninguém”, ou seja, sua linhagem não está registrada, provavelmente por ser homem do povo e não necessariamente um usurpador. Subiu ao trono após o assassinato de Ben-Hadade II e foi obrigado a pagar cem talentos de ouro e mil talentos de prata como tributo a Salmaneser III da Assíria, o qual sitiou sua capital Damasco (mais tarde conhecido na Assíria como Bit-Haza'ili, “a Casa de Hazael”; cf. Am 1.3-4; Obelisco Negro 102).¹⁹⁹

Hazael era o usurpador de Israel nos reinados de Jorão, Jeú e Jeoacaz, lutando contra Salmaneser uma vez mais em 837; com Jorão em Ramote-Gileade em 843/2 (2Rs 8.28) e Jeoacaz (13.22). Em idade avançada, ele era súdito de Adade-Nirari III (805/798), o qual se referia a ele como *mari'*. Este poderia ser um título (“meu Senhor”), ou um nome de pessoa, abreviação de Mari'-Hadade, pois numa inscrição em peça de marfim de Arslan Tash (Til Barsip) lemos “senhor Hazael” (*mr'n hz'l*). Encontramos também seu nome em uma peça de marfim de Nimrud e escrito em uma pérola capturada por Salmaneser. Encontramos uma possível representação de Hazael em outra peça de marfim (*IBD*, p. 612). Foi sucedido por seu filho Bir-Hadade (Ben-Hadade III), que governou entre 796-770 a.C. (13.24). Inscrições na estela aramaica de Zaqir mostram “Bar-Hadade bar (filho de) Hazael, rei de Aram”.

10. *Certamente não te recuperarás* ou viverás (NVI mg; MT *lō hāyōh ūh'yeh*) é o que de fato está escrito (Kethib). Contudo, a fim de evitar uma mentira desagradável por parte do homem de Deus, muitos *mss* têm mudado para

¹⁹⁹Monumento assírio relacionado a Israel (N. do T.)

lô, “a ele”, fazendo-nos, então, interpretar como “certamente viverás” (Qere). A maioria dos LXX mss entende assim. Contudo, a explicação seria que a resposta foi verdadeira de início, pois o rei morreria, não doente, o que responderia à **indagação**, mas numa segunda perspectiva, ele certamente morreria pelas mãos de um assassino. Hazael transmitiu a primeira mensagem, encobrindo, contudo, a segunda (v. 14). É mais provável que a primeira resposta tivesse um caráter geral, ao passo que a segunda seria mais ponderada (Montgomery), ou que estivesse endereçada a Hazael em vez de seu mestre (Labuschagne), ou, ainda, que deva ser tomada como mera saudação (Gray).

11. Este versículo também não se mostra muito claro, uma vez que o motivo não está especificado. “E tanto lhe fitou os olhos que este ficou embaraçado” (NEB “o homem de Deus permaneceu de pé como um homem atordoado até ele não poder mais suportar”), assumindo que Hazael sentiu-se desconfortável no encontro com um profeta em êxtase, levando-o a ser o motivo para tal comportamento, ao passo que a NVI (*Ele [Eliseu] ficou olhando fixamente para Hazael [...] até deixá-lo constrangido*) permite uma mudança de motivos. Esta pode ser a melhor solução.

12-14. Eliseu comoveu-se com o resultado de sua predição. Ele previu o **dano** (“mal”, AV) que Hazael iria perpetrar a Israel (10.32-33; 13.3 em diante). As **barbáries** covardes da guerra, esquecidas pela lei hebraica, foram bastante **relembradas** (Am 1.4). Hazael objeta com uma autodepreciação (“cão”) de que não faria tais coisas. Esta frase tradicional ocorre em muitos textos (ostraca de Lachish nº 6; Carta de Amarna nº 60, cf. 1Sm 24.14; 2Sm 9.8). A revelação da futura condição de Hazael necessariamente não implica que Eliseu encorajou, legitimou ou tomou parte no *coup d'état* (golpe de Estado).²⁰⁰ Não há registro da unção de Hazael (exceto 1Rs 19.15), o qual não era um sucessor legítimo, uma vez que não pertencia à linha dinástica.

15. O modo como Ben-Hadade morreu é discutível. Se, conforme presumido, foi Hazael (*ele*) quem pegou a “coberta” (hebraico *maḵbēr*, ocorre apenas aqui), então deve ter sido um assassinato premeditado. O objeto poderia ser tanto um *tecido grosso* e opaco (AV, NVI) ou um cobertor parecido com um *tamis* (Am 9.9, RSV), usado como mosquiteiro que, ao ser molhado, foi empregado tanto para sufocar o rei quanto, como pensa Gray, para cobrir a janela ou seu corpo, de forma a evitar que o cadáver pudesse ser visto de imediato.

vi. História dos reinados (8.16-29).

a. Jeorão de Judá (8.16-24). Conforme 2Crônicas 21.1-20. Essa é a continuação da história de Judá a partir de 1Reis 22.50.

²⁰⁰Golpe de estado. (Cf. do T.)

A fórmula introdutória usual (v. 16-17) e a data de término (v. 23-24; veja Introdução, p. 46) têm, entre elas, uma longa avaliação desse rei feita pelo historiador (v. 18-19), e um episódio de sua guerra com Edom (v. 20-22). Isto ocorre porque os reis de Israel e Judá, nesse período, tinham o mesmo nome. A mss varia entre escrever o nome por extenso (Jeorão) e a forma abreviada (Jorão) para ambos, em toda a obra. Por conveniência, adotaremos aqui Jeorão para Judá, e Jorão para Israel. Observe também que ambos são classificados como soberanos malvados.

16-17. O quinto ano de Jorão de Israel, e o primeiro de Jeorão, era 848 a.C. (v. v. 25; 1Rs 22.42, 51; 2Rs 3.1). A duração do reinado em Jerusalém, *oito anos*, é dada como “dez” (LXX(L)) ou “quarenta” (LXX), mas o número aqui bem poderia indicar unicamente seu reinado, desconsiderando sua co-regência com Jeosafá em 853. A RSV e alguns mss de LXX omitem “Jeosafá (foi) rei de Judá”. A omissão do nome da mãe de Jeorão, inesperada em se tratando da mãe do soberano de Judá, pode ser explicada se ela já tivesse morrido antes de sua subida ao trono.

18-19. A maldade do reinado de Jeorão é aqui ressaltada (contrário à visão de que o historiador apresenta uma descrição ideal de Judá). Ele estava associado a Israel por conta do casamento dinástico com Atalia, filha de Acabe, aquela que introduziu o culto a Baal em Jerusalém (v. 27, 11.18) supostamente com a anuência de Jeorão. Portanto, *neta* de Onri (v. 26), uma vez que o hebraico para “filha” (*bat*) é usado para todo descendente do sexo feminino, da mesma forma que “filho” (*ben*) é usado para descendentes do sexo masculino. A influência de uma mulher malvada, assim como de um homem mal, pode persistir. O historiador vê mais maldade em Judá do que em Israel, e isto forma o cenário para uma aliança de misericórdia de Deus (v. 19). *Por amor ao seu servo Davi* (1Rs 11.12-13, 32, 34; 15.4). A lâmpada não era apenas um símbolo de vida e testemunho. Ela lembrava o ouvinte da aliança (SI 132.17, cf. 2Cr 21.7). Veja em 1Reis 11.36. Não existe evidência para a troca (MT) de “a seus filhos”, *descendentes* (*l'pânâw*) para “perante ele” (*l'pânâw*) como alguns sugerem.

20-21. A rebelião em Edom não contradiz 1Reis 22.47, isto implicando que antes não havia rei, apenas um “vice-rei” (NEB). Zair pode estar localizada em Zior a nordeste de Hebrom (Js 15.54), ao passo que outros entendem ser um local em Arabá. Não se trata de Zoar (Gn 13.10). O hebraico no versículo 21 é difícil de entender e tanto pode ser interpretado como *Jeorão e seus comandantes* (da cavalaria) (RSV, NVI, REB) como aquele que fugiu de um cerco à noite, ou como os edomitas, o exército que derrotou Jeorão (NEB mg). Este último é possível uma vez que *fugir para casa* ou “para as suas tendas”²⁰¹ implica numa batalha terminada em derrota.

²⁰¹Não foi apenas ‘ir para casa’ (como em Dt 5.30; Js 22.4-8) ou uma expressão de despedida (2 Sm 20.1; 1 Rs 12.16). Para ‘tenda’ como local de habitação geral, leia, de D. J. Wiseman, ‘They Lived in Tents’, editado por G. A. Tuttle, *The Bible and Near Eastern Studies: Essays in Honor of William Sanford LaSor*, Grand Rapids: Eerdmans, 1978, p.195-200.

22. Evidentemente, depois deste episódio, Edom “permaneceu independente de Judá” (REB), e nunca mais esteve totalmente sob o controle de Judá, embora Amazias a tenha atacado mais tarde (14.7) e tenha edificado Elate (14.22). Por isso, encontrarmos na NVI *Edom [...] em rebelião contra Judá. Libna* era uma cidade fronteira com a Filístia em Tell es-Safi, nos contrafortes de Sefelá ou Tell Burnât, ao sul.²⁰² Saiba mais sobre a relação dessa área com os árabes e Edom vendo 2Crônicas 21.16-17. A invasão de Judá e a morte dos filhos e esposa de Jeorão, além do saque ao palácio real, estão omitidos nessa passagem.

23-24. Da mesma forma, o historiador não faz referência à morte de Jeorão causada por uma doença incurável no intestino grosso, responsável por uma diarreia crônica e prolapso retal severo (2Cr 21.18-19). Também não relata que, embora enterrado na Cidade de Davi, não foi colocado no mausoléu real com honrarias públicas. O cronista inicia uma carta, baseada na antiga fraseologia de Elias, fazendo uma crítica severa à Jeorão por sua aliança com Israel (2Cr 21.12-15).

b. Acazias de Judá (8.25-29). Conforme 2Crônicas 22.1-9, Josefus, Ant. ix. 5. O historiador, como de hábito, adota o formato com uma introdução (v. 25-26) e avaliação de seu reinado (v. 27) seguido de um resumo do fato mais importantes do reinado: a guerra com Aram (v. 28-29). Os detalhes quanto à morte de Acazias e seus momentos finais são deixados para 9.28-29, seguindo a história de seu encontro com Jeú.

25-27. O sincronismo implica que ele reinou por menos que um ano, embora o historiador tome frações de ano como um todo. O “ano da posse” é contado aqui como o primeiro ano de reinado (9.29, *décimo-primeiro* ano de Jeorão). Atalia foi a neta de Onri (v. 18). A relação de Jeorão com a dinastia Onri de Acabe ocorreu *por conta de seu casamento* (NVI; BJ). A palavra usada (MT *h^{tan}*) significa “alguém da família” (em acádio: *hatānu*), e não simplesmente “genro” (AV, RSV).²⁰³

28-29. Conforme 1Reis 22.29-39 para a guerra com Acabe em Ramote-Gileade, e 2Reis 9.15-27 para o presente episódio. O texto aqui não é muito claro se o fato de Acazias ter acompanhado Jorão (seu tio) à batalha com Hazael foi uma aliança especial para este fim específico, uma vez que ele não esteve presente na batalha de Ramote-Gileade, mas tinha ido tão somente visitar o rei de Israel em Jezreel (9.21, 27, 29). “Ramá” (RSV, MT “elevação”) pode ser uma forma reduzida de Ramote (Gileade), conforme NVI. Ele *desceu* de Jerusalém.

Aharoni, Y., *The Land of the Bible*, London: Burns & Oates, 1979, p. 86, 353, cf. p. 392.

²⁰³Mitchell, T. C., ‘The meaning of the noun *h^{tan}* in the Old Testament’, *VT* n.º 19, 1969, p. 93-112.

vii. **A revolução de Jeú (9.1 — 10.36).** Jeú, um chefe militar (9.5), é endossado pelo profeta Eliseu, e pelo historiador, por conta do zelo em eliminar o culto a Baal em Israel e por um fim à dinastia Onri e, acima de tudo, à casa de Acabe. Tudo isto é registrado com uma ênfase frequente na forma como esses acontecimentos vieram a cumprir antigas profecias de Elias e Eliseu. Do mesmo modo certamente ocorre com alguns comentários feitos pelo escritor (em vez de editores), que incorporou resumos (9.14-15) ou notas (9.29) às narrativas históricas, que podem ter sido oriundas de fontes leigas ou proféticas. O relato como um todo também se configura num protesto contra a política de Onri ao apoiar o princípio dinástico (cananeu) contra o ideal carismático que o historiador esperava que Jeú pudesse renovar. A razão é recontar o fim da casa de Acabe, bem como de sua esposa que, indubitavelmente, mostrou ser uma influência maligna e trágica para o povo de Deus. O fundo político mostra a pressão assíria sobre Israel durante sua incursão na Transjordânia em direção ao Carmelo (Baal-ra'si) sob o domínio de Salmaneser III em 841 a.C., quando Jeú estava submetido a ele. Sob a mão de Tiglate-Pileser III (745-727 a.C.), os assírios, entretanto, mantiveram um forte domínio sobre a Fenícia.²⁰⁴

a. *Jeú é ungido rei (9.1-13).*

i. *A incumbência (9.1-3).* Eliseu envia um membro do grupo de profetas (cf. 1Rs 20.35) a fim de cumprir a tarefa de ungir Jeú que Elias passou lhe (1Rs 19.16). O jovem profeta anônimo é identificado na tradição judaica (*Seder Olam*) como Jonas (2Rs 14.25), e é envolvido numa estranha missão. Certamente Jeú também estava motivado por interesses pessoais e pela insatisfação com o regime e sua pesada taxaço. Contudo, ele era um agente de Deus usando sua posição militar para acabar com esta situação, da mesma forma como o militarismo originalmente trouxe Onri ao poder.

Jeú é o único soberano do reino do norte (Israel) a ter sido ungido, talvez para mostrar que devesse seguir a tradição davídica, assim como Saul havia sido ungido por Samuel (1Sm 9.16; 10.1); Davi por Samuel, simbolizando o Espírito de Deus preparando-o para a tarefa (1Sm 16.12-13); e Salomão pelo alto sacerdote Zadoque e Natan, o profeta (1Rs 1.45). Tal unção era simbólica, e, provavelmente, estava confinada à práticas dos hebreus (v. tb. 1Rs 1.34).²⁰⁵

O *frasco* usado (hebraico *pak*) é do mesmo tipo usado por Samuel (1Sm 10.1). Jeú, cujo nome pode significar “Ya(hweh) é o único (verdadeiro)”. De

²⁰⁴Saggs, H. W. F., ‘The Nimrud Letters, 1952- Relations with the West’, *Iraq* n.º 17, 1959, p. 126-154; Cogan, M., ‘Tyre and Tiglath-pileser III’, *JCS* n.º 25, 1973, p. 96-99; Oded, B., ‘The Phoenician Cities and the Assyrian Empire in the time of Tiglath-pileser III’, *ZPDV* n.º 90, 1974, p. 38-49.

²⁰⁵Ben-Barak, Z., ‘The Coronation Ceremony in Ancient Mesopotamia’, *Orientalia Lovaniensia Periodica* n.º 11, 1980, p. 55-67.

acordo com os assírios, em 841 a.C. referiam-se a ele como “*Yaua* o filho de Onri” (Obelisco Negro de Salmaneser III *Ya-ú-a mār Humri*)²⁰⁶, deste modo, tratando-o como o próximo regente legítimo em Samaria. Profetas posteriores não o tinham em boa conta (Os 1.4). O nome paternal Jeosafá, filho de Nimsi pode ter sido adicionado a fim de evitar confusão com Jeosafá, rei de Judá, filho de Asa. O termo “irmãos” talvez corresponda a *companheiros*, “camaradas” (RSV), ou simplesmente estivesse associado a irmãos-oficiais (REB). O *aposenso interno* forneceria o sigilo para que Jeú pudesse escolher a hora de se manifestar.²⁰⁷ A necessidade de *correr* ou fugir seria por conta da incerteza da reação do exército, que tinha em suas fileiras elementos favoráveis a J(e)orão.

ii. *Cumprimento da missão do jovem profeta (9.4-10)*. O mensageiro era “um jovem, um jovem profeta” (assim, duas vezes) (MT). Um desses “um jovem” (no hebraico *na ar*) foi omitido pela maioria dos EVV (e LXX). O significado aqui não deve ser de “um homem muito jovem”, pois esta é a descrição usual para um assistente de profeta (também pela Vulgata, cf. 2Rs 19.6). Este termo é usado para indicar uma extensa gama de idades, desde jovens ajudantes até um maduro Absalão (2Sm 14.21; 18.5). Uma das interpretações diz que, ao chegar, encontrou os oficiais sentados (também no hebraico) juntos (NVI, BJ), “em conselho” (RSV). Quando a consagração foi completada, o profeta (para alguns, o último editor), ampliou a declaração divina (v. 7-10, cf. v. 3) a fim de definir a missão de Jeú. Jeú já deveria ter conhecimento disto (v. v. 25-26; 1Rs 21.21-24). Além do fim da casa de Acabe, esta declaração incluiria a vingança exigida em Deuteronômio (cf. Dt 32.43) para o caso de assassinatos dos servos de Deus. Somente aqui em Reis encontramos uma ênfase em um Javé vingativo, usando um agente humano como vingador de sangue (cf. Gn 4.24; Ap 6.10). Este conceito era forte na tradição davídica (2Sm 4.8; 22.48; cf. Sl 9.12; 79.10). As vítimas de Jezabel incluíam Nabote e seus filhos, e muitos profetas (1Rs 18.4; 19.10), cem deles salvos por Obadias (1Rs 18.13). A tarefa de Jeú deveria ser cumprida cabalmente, como o feito em relação a toda a família de Jeroboão (1Rs 14.10) e Baasa (1Rs 16.3, 11-12).

O poderio do reinado geralmente traz consigo corrupção política e religiosa e, por conseguinte, o julgamento divino (cf. ISm 8.6-18; Os 13.11). O versículo 10 cumpre 1Reis 14.11; 16.4; 21.23.

iii. *A reação das tropas (9.11-13)*. Quando Jeú reapareceu, seus companheiros lhe perguntaram “É paz?” (MT), significando mais do que *Está tudo*

²⁰⁶Para esse retrato de Jeú (e não seu mensageiro) no Obelisco Negro, veja as ilustrações em *IBD*, p. 742, 1427; *ANEP*, p.352.

²⁰⁷Todavia, a cerimônia de coroação babilônica ocorreu, parcialmente, em um salão interno (*kummu*) e, em parte, em público (pátio do templo).

bem?, e ainda melhor, “Ele veio para fazer algum acordo com (o acád. “pedir a paz a”) você?” Quando Jeú se esquivava da pergunta, eles induzem-no a contar tudo (“É *mentira*”), uma vez que negaram ter reconhecido (“conhecido”) o homem e sua “informação” (AV, no hebraico *æihô*). A principal utilização desta palavra é no sentido de “reflexão” (1Rs 18.27; Sl 104.34; 119.97) ou um tipo de prece (Sl 64.1; Pv 23.29 “queixa” poderia ser usado para murmúrios na meditação, cf. AV “balbucio”).

11. De acordo com a NVI o tipo de coisas que eles dizem ou “a forma como seus pensamentos correm” (NEB). Estas traduções são melhores do que “conversa vazia” ou “conversa infantil” (Montgomery), que às vezes dão a idéia de que houvesse a associação da imagem do profeta como a de um louco, “maluco”, ou algo parecido. Tem-se que esta palavra (*m’suggâ*) tem a ver com um comportamento extático. Não é usado para demência ou loucura, e sim para descrever os sintomas de alguma doença (Dt 28.34) ou condição, a qual excluiu Davi do palácio de Aquis (1Sm 21.13-15) e era distinto do genuíno comportamento profético (Jr 29.26; Os 9.7). O cognato acadiano (*segû*) é usado para animais e mulheres, e pode significar o agir furiosamente, ou seja, o oposto de agir pacificamente.²⁰⁸ Veja também no versículo 20.

13. Os oficiais *pegaram seus mantos e os estenderam, espalharam* ou “colocaram-nos” *diante dele* a fim de aclamá-lo rei. O ato de estender uma peça de roupa significava reconhecimento, lealdade e promessa de apoio (cf. o povo a Cristo em Mt 21.8; Lc 19.36). O local onde ocorreu o ato não está claro, pois a palavra traduzida como *degraus* (no hebraico *gerem*) ocorre apenas aqui. Se olharmos o que ocorre com “osso”, esta expressão está sendo tomada como “os próprios” degraus, fundamentando-nos na forma reflexiva do hebraico exemplificada com “meu osso”, isto é, eu mesmo. Este pode ser um termo arquitetônico, a plataforma entre os lances da escada (Gray), ou uma estrutura elevada com suporte (cf. o acadiano *girnû*). O toque da trombeta (*sôpâr*) (como usado na coroação de Salomão, 1Rs 1.34; e Joás, 2Rs 11.14) servia para fazer uma proclamação ou sessão pública. Deve ser digno denota que eles disseram “Jeú é rei” em vez da aclamação popular “Vive o rei”, que era feita apenas quando havia o consentimento popular: para Saul (1Sm 10.24), Absalão (2Sm 16.16), Salomão (1Rs 1.34, 39), Joás (2Cr 23.11), e Josias (2Rs 11.12). As negociações para que isto ocorra com Jeú ainda virão adiante.

b. As mortes dos reis de Israel e Judá (9.14-29).

Era necessária uma ação rápida caso Jorão não conseguisse reunir apoio. A situação está estabelecida numa nota editorial (v. 14-15a, colocada entre parênteses em algumas evv). Jeú faz um desafio. “Se você preza sua vida” ou “alma” (MT literalmente), pode ser visto como “Se vocês estiverem do meu lado”

²⁰⁸Wiseman, D. J., “‘Is it Peace?’ — Covenant and Diplomacy”, *VT* n.º 32, 1982, p. 321.

(REB, cf. Gray), ou melhor “Se isso é o que pensam” (RSV) ou “desejam” (NRSV); *se esse é o modo como se sentem* a fim de evitar que alguém saísse da cidade (como sobrevivente, aqui “desertor”), dando as notícias a Jorão. Jeú queria ter um elemento-surpresa, de forma que parte para ver o convalescente Jorão em seu palácio de verão em Jezreel. No relato de “uma grande quantidade” *das tropas de Jeú se aproximando* (v. 17; tropas, no hebraico *sip ‘â*, é usado para “abundância”, Dt 33.19; Ez 26.10), Jorão envia um cavaleiro (*rekeb*, no acadiano *rakbu*, termo também usado para mensageiro diplomático) para perguntar “Há paz?” secretamente. Quando ele obedeceu ao comando de Jeú, “passa para trás de mim” em fila, indicando assim um revés na lealdade, os reis mudaram de atitude e enviaram um segundo mensageiro para dizer “É paz” (v. 19, *ôâlôm*). Observaram o modo de aproximação de Jeú, dirigindo não como um louco, “furiosamente” (AV) ou despreocupadamente, todas as reações esperadas de um cavaleiro experimentado. Contudo, este vinha agressivamente (hebraico *m’ôuggâ*, veja v. 11; cf. no Targum “rapidamente”; Josefus “moderadamente, firmemente”).

Vendo que Jeú não negociaria com seus enviados, os reis rumaram para provocar (MT “desafiar”) Jeú pessoalmente com “E paz?” (negociação). Porém, Jeú rejeitou qualquer possibilidade de um acordo-aliança pela razão de não querer pactuar com eles já que a influência pagã de Jezabel iria continuar (v. 22). A nomeação do local desse encontro como aquele que foi o palco da tirania de Acabe e Jezabel contra Nabote (v. v. 26) é significativa. A associação com idolatria (“prostituição”) — falso culto a falsos deuses — está fora de questão para o povo de Deus, pois Ele exige exclusiva submissão. Por isso, não há lugar para falsas práticas, incluindo *feiticiária*, “magias terríveis” (RSV), praticar agouros (Jr 27.9). Todos esses atos são passíveis de morte, de acordo com o pacto (Dt 13; 17.2-7; 18.10-12). A paz verdadeira nunca será possível sem que haja um entendimento religioso.

24-25. A palavra de Deus de que a casa de Acabe seria destruída foi concretizada através das impetuosas ações de seu agente Jeú. O guerreiro experiente quis, deliberadamente, atirar em Jorão. Um termo técnico entre arqueiros é empregado: “encheu a mão com o arco” (MT; cf. acadiano *gasta mulû*), ou esticou o arco “com toda sua força” (RSV segundo Rashi). Bidcar era o terceiro homem de Jeú ou, menos provável, de Acazias, na carruagem (hebraico *ôâlîs*, ou seja, não aquele que guia, ou apenas um *oficial*, mas o ajudante de campo; cf. 2Rs 7.2). É possível que Bidcar estivesse guiando sua própria carruagem ao lado de Jeú.²⁰⁹

²⁰⁹E pouco provável que a referência nesse texto seja *salîs*, significando três cavalos atrelados a uma carruagem, como vem sendo sugerido (UF n.º 19 1987, p.335-372), apesar da prauca de se ter um terceiro cavalo (reserva) ser bem conhecida (Wiseman, D. J., ‘The Assyrians’, em *Warfare in the Ancient World*, editado por Sir John Hackett, London: Sirgwick & Jackson, 1989, p. 43).

26. O ato, dessa forma, foi o cumprimento calculado da profecia de Elias (1Rs 21.18-24).

27-28. A morte de Acázias é registrada para concluir um relato de muitos detalhes, incomum, no que tange a fórmula de encerramento de um reinado, e parece se encaixar com a narrativa mais extensa da morte de seu companheiro. Isto mostra a adaptabilidade no estilo do historiador. Parece que Acázias vinha tentando um refugio em Judá, mas teve que fugir para Megido.

Bete-Hagã (v. 27; “casa-jardim”, NVI mg.) poderia estar associado com os jardins reais em Jezreel (1Rs 21), porém, está mais identificado com En-Ganim (Js 19.21; 21.29), atual Jenin, onze quilômetros ao sul de Jezreel. *A subida de* ou “subindo para” (RSV) “subindo para o vale próximo” (REB), *Gur* seria a estrada para a atual Gurra, próximo a Taanaque (Aharoni, p. 169). Poderia ser que Jeú estivesse ultrapassando seus limites ao ampliar a remoção da casa de Acabe até Judá, e por isso foi mais tarde abominado (Os 1.4). Posteriormente, contudo, a eliminação de Atalia foi considerada uma extensão justificada do castigo divino (11.16; cf. 8.18, 26).

29. Este versículo dificilmente significa uma “correção de datas” feita subsequentemente por um revisor, mas serve para ajustar o calendário de Judá com o de Israel a fim de indicar que ele reinou entre onze e doze anos (cf. p. 47).

c. Jezabel é morta (9.30-37). Este evento é especialmente incluído a fim de mostrar o total cumprimento da profecia de Elias (1Rs 21.23) e para demonstrar o resultado da influência nefasta que tinha sobre Israel, além das políticas maléficas que adotou.

30. Ao pintar os olhos com estíbio (hebraico *pûk*; “antimônio”, no árabe *qhl*) pretendeu sombrear os olhos, e não dar um efeito de ampliação. Ela não estava agindo de forma insinuante, e a declaração “Teve paz?” pode ter sido uma pergunta sincera, não sarcástica (vv 17-22 acima). Seu pedido foi feito com o intuito de receber uma concordância. Se assim for, a referência a Zinri não se referia àquele usurpador que teve morte prematura (1Rs 16.18-20), o que seria, no mínimo, grosseiro. Seu pedido foi simplesmente aquele, possivelmente um jogo com uma tradução rara para a palavra “herói” (ugar. *dmr*). *Olhou pela janela* não significa necessariamente que tivesse agido como uma prostituta. Cenas mostrando desenhos rituais esculpidos em marfim encontrados em Samaria e Nimrud podem não ter qualquer relação com este episódio.

32. O hebraico para “Quem é comigo, quem?” foi interpretado como “Quem é você, desça comigo” (no grego) ou “Quem está do meu lado?” (RSV), um pedido de auxílio respondido apenas por poucos “oficiais” (v. 1Rs 22.9, hebraico *sáris*) e não por eunucos (EVV) que funcionavam como ajudantes de harém.

33. Após a queda, Jeú a atropelou matando-a sob os cascos de seus cavalos, após o quê os cães comeram seus despojos.

36-37. Depois de refletir um pouco, Jeú decidiu enterrá-la, na crença de que um corpo insepulto e memórias profanadas era motivo de mau agouro e ultraje. Não há certeza de que a demora em sua decisão deveu-se a uma prévia reunião (*comido e bebido*, v. 34) com a comunidade (cf. Gray).

d. O extermínio das famílias reais de Israel e de Judá, e dos adoradores de Baal (10.1-36). Aqui, a preocupação do relato é mostrar o zelo de Jeú, ao agir como agente divino, a fim de remover totalmente os descendentes e parentes de Acabe e Amazias, o que poderia perpetuar todo o tipo de maldade em oposição a Deus, tanto em Israel quanto em Judá (v. 1-14). Também agiu assim para evitar qualquer animosidade sangrenta e para proteger sua dinastia recém-formada. Ele também massacrou os adoradores de Baal em Samaria (v. 15-27). Estas ações foram consideradas excessivas, sendo severamente reprovadas por Oséias (1.4). Muitos comentaristas quiseram suprimir as referências a estes terríveis eventos, achando que foram medidas necessárias para o cumprimento da palavra profética de Deus (p. ex. v. 10, 17), ou simplesmente desculpam estes atos (v. 19, 23). Qualquer que seja nossa visão atual de tais acontecimentos, a eliminação de rivais era um fato comum no Israel dos tempos bíblicos e entre seus vizinhos, e de acordo com a filosofia do historiador.

A aparente contradição entre o versículo 20 e Oséias 1.4, que condena a ação de Jeú, pode ser explicada de diferentes formas: (i) embora Jeú estivesse executando a ordem divina (9.1-10), matou mais pessoas do que o exigido; (ii) este ato deve significar mais vantagem pessoal do que obediência a Deus; (iii) embora obstruísse o culto a Baal, tarefa que lhe foi confiada e por conta de que seus sucessores imediatos foram poupados de julgamento (10.30), seu modo de vida mostrava (iv) que faltavam os passos efetivos em direção à reforma de Israel, devendo agir com sinceridade de acordo com a lei do Senhor (10.29, 31); (v) ele envolveu outros no caso (v. 6). Assim, o julgamento das quatro gerações subsequentes caíram em sua própria casa real, da mesma forma como ele próprio findou a dinastia de Onri (Os 1.4)²¹⁰.

i. O fim da família de Acabe (10.1-11). O número de sobreviventes do sexo masculino (*filhos*) da família de Acabe poderia ter chegado aos *setenta*. O número também poderia ter representado simbolicamente uma dinastia, da mesma forma que setenta corresponde ao período entre avô e neto. A dinastia de Panammuwa de Sam'al foi destruída por um homem que massacrara setenta de seus parentes, de acordo com um texto do oitavo século a.C..²¹¹ Setenta era o

²¹⁰Wood, L. J., *Hosea*, Expositor's Bible Commentary n° 7, Grand Rapids: Zondervan, 1985, p. 171; Hubbard, D. A., *Hosea TOTC*, Leicester: IVP, 1989, p. 62.

²¹¹Cooke, G. A., *A Text-book of North-Semitic Inscriptions*. Oxford: Oxford University Press, 1903, p. 62.

número de descendentes de Jacó no Egito (Gn 46.27), assim como Noé, o qual repovoou a terra (Gn 10) com setenta anciãos (Nm 11.16), além de ser o número de todos os familiares de Gideão (Jz 9.5). Estes números extensos certamente visavam cobrir todos aqueles que provavelmente iriam buscar retaliação ou que iriam fazer alguma reivindicação legítima ao trono.²¹²

1-2. As cartas seguem o padrão literário do remetente com uma breve mensagem introdutória (ele disse), uma vez que, geralmente, eram escritas por um escriba com o intuito de ser lida pelo ou para o receptor. Talvez muitas cópias fossem necessárias, até mesmo para diferentes destinatários dentro da mesma cidade de origem. As cartas foram enviadas para (i) os “governantes” (RSV) de Jezreel (Vulgata e alguns textos gregos mss trazem “a cidade”), talvez aqueles associados com o julgamento de Nabote (cf. 1Rs 21.8), porém provavelmente à hierarquia militar; (ii) anciãos seculares, antigos líderes tribais, mas agora, parte do aparato de justiça real, e nessa ocasião (iii) aos *guardiães* do palácio ou “tutores” (NEB) da família real. Aqui, *uma cidade fortificada* provavelmente seja Samaria (cf. NEB “cidades”, em confronto com quase todo o hebraico mss).

3-5. O desafio não era um blefe, pois foi pedido que selecionassem, indicassem e publicamente apoiassem um rival para Jeú. Sabedores das ações pregressas de Jeú, “ele, que comandava a casa”, isto é, o administrador chefe do palácio, equivalente a primeiro-ministro (1Rs 4.6) e outros oficiais, aqueles nomeados para o trono, imediatamente escreveram com o fim de se submeterem (*somos seus servos*, cf. Js 9.8) e declararem que “não permitiremos que outro reine”.

6. A segunda carta pode conter uma ambiguidade proposital, pois a palavra *cabeças* (MT *râ dêt*) também pode significar “chefes”. Muitas versões omitem o hebraico (“os filhos [plural] de seus senhores [...]”, e também NEB, RSV, NVI) que, se incluído, removeria qualquer dúvida, como de fato ocorre, quando os cabeças são trazidos (v. 8).

7. O cumprimento de tais ordens severas era uma tarefa dos notáveis ou *homens de liderança* (v. 6), que incluíam os *guardas* (v. 5). Assim, foi agora cumprida a profecia de Elias de que todas as pessoas do sexo masculino da família de Acabe seriam deserdadas (1Rs 21.21).

8. Era costume no oriente antigo “empilhar” (REB) no portão principal da cidade, as cabeças dos rebeldes capturados como sinal de aviso público contra a rebelião.²¹³

9. Jeú, em uma assembléia formal (*ficou de pé diante de todo o povo*), também absolveu o povo da culpa pelo holocausto (*vocês são inocentes*), no hebraico “justificados”, baseado em que foi uma ação previamente ordenada

²¹²Fensham, F. C., ‘The Numeral Seventy in the OT and the Family of Jerubbaal, Ahab, Panamuwa and Athirat’, PEQ n.º 109, 1977, p. 115.

²¹³Grayson, A. K., *Assyrian Royal Inscriptions* n.º 2, Wiesbaden: Harrassowitz, 1976, p. 161; ARAB I. 213, 215, 219; cf. 2Sm 4.8.

ou pôs a responsabilidade sobre eles para que decidissem se sua (Jeú) ação obtinha a aprovação deles (“vocês são juizes justos. Se eu conspirei contra meu mestre e o matei, quem executou todos estes?” (NEB)). Assim, eles já estavam implicados.

10-11. Esta não é uma mera inclusão editorial, mas uma ênfase típica na aprovação divina pelos feitos de Jeú e no cumprimento de repetidas profecias (cf. 1Rs 21.20-24, 29; 2Rs 9.7-10). *Sem sobreviventes* (cf. v. 14; Dt 3.3; Nm 21.35; Jó 18.19). Ao aniquilar aqueles fora da família de Acabe, incluindo todos os notáveis, o comandante (*g^edôlâw*, “nobres”), Jeú ultrapassou as classes cujas mortes haviam sido preditas. Ao ler “parentes” (*gô^ulâw*, Burney, Gray), seria preciso uma mudança no texto em *notáveis* (cf. v. 6, *g^edôlâw*). Ao se incluir *amigos íntimos* (*m^eyudâ'im*) do rei, deve-se entender que houvesse uma ligação entre as práticas da corte em Samaria e Canaã (acadiano *mudu*).²¹⁴

ii. *O massacre da família de Acazias (10.12-14).* É provável que os príncipes de Judá estivessem retornando de Jezreel antes que as atrocidades por lá e em Samaria fossem de seu conhecimento. Sua visita pode ser explicada pelo seu relacionamento com a casa de Onri através da rainha-mãe (2Rs 9.30).

12. *Bete-Equede dos Pastores*, um nome próprio (*Septuaginta*, conf Jr 41.7), tem sido relacionada com Beit Qad, a cinco quilômetros ao norte de Jenin. A REB entende como “um abrigo de pastores”, e o Targum vê como “casa de reuniões” (árabe *'akad*).

14. Sobre *quarenta e dois* veja 2Reis 2.24.

iii. *Jeú encontra Jonadabe (10.15-17).* Esta informação é colocada a fim de explicar sua posterior ação em conjunto (v. 23), embora alguns considerem esta nota artificial, para mostrar que Jeú recebeu apoio de uma rígida seita puritana.

15. Os recabeus tinham sua origem entre os queueus (1Cr 2.55, cf. Jz 4.11-12) e normalmente são vistos como aqueles que retornaram à suposta pureza de uma vida nômade simples no deserto, que era representada pelos seguidores de Javé, mais do que o posterior urbanismo. Absteram-se de vinho. Jonadabe foi lembrado como líder deste movimento conservador (Jr 35.6, 14-16). Alguns acreditam que os recabeus eram artífices em metal.²¹⁵ Josefus (Ant. ix. 6.6) vê em Jonadabe um antigo amigo de Jeú, de forma que a associação dos dois não assustaria os sacerdotes de Baal em vista de sua conhecida reputação na comunidade. Na pergunta “Tens tu sincero o coração para comigo, como o meu o é para contigo?” o texto quer saber se eles são aliados nesse assunto (*Você está de acordo comigo?*). O ato de “dar [...] a mão”, isto é, apertando as mãos, é visto

²¹⁴Andersen, F. I., ‘The Socio-Juridical Background of the Naboth Incident’, *JBL* n.º 85, 1966, p. 50.

²¹⁵Frick, R. S., ‘The Rechabites Reconsidered’, *JBL* n.º 90, 1971, p. 279-287.

em auto-relevos assírios como um sinal de acordo entre indivíduos semelhantes, gerando compromisso mútuo (cf. Ed 10.19; Ez 17.18).²¹⁶

16. Jeú agora tinha apoio para mostrar seu *zelo pelo Senhor* em feitos, como Elias fez (1Rs 19.10, 14). Isto não foi fanatismo (Gray, p. 560), mas um zelo exagerado a fim de completar uma tarefa dada por Deus. *Ele o levou em seu carro* (RSV, NVI extraordinário; MT “fizeram-no cavalgar”) para mostrar sua associação em público.

17. Uma repetição ou sumário para ênfase (cf. 1Rs 15.29).

iv. *Adoradores de Baal são assassinados (10.18-27)*. Este relato conta a grande destruição do culto a Baal, seus reguidores e o templo construído por Acabe e Jezabel (1Rs 16.31-32). O ato foi consumado com o uso de um embuste (v. 19), *dolosamente* (NVI; hebraico ‘qb) e “sutileza” (AV) e “com astúcia” (RSV). Vemos o mesmo verbo no nome de Jacó (Gn 25.26; 27.35-36). Assim como Elias convocou os profetas de Baal (1Rs 18.19), Jeú agora reúne todos os “adoradores”. Esta tradução é melhor do que *ministros*, os quais deveriam estar incluídos (NVI; MT ‘bd significa “servir, adorar, ministrar”). O chamado baseou-se na proclamação de um dia especial de festividades, usado por Jeú, talvez, como pretexto para o desafio aos dignitários religiosos (*convocar*), da mesma forma que fez com os soberanos profanos (v. 1-6). Pode haver um jogo verbal entre as palavras “culto” (‘abad) e “carnificina” (‘ibbad), como no versículo 19.

20. A convocação obrigatória foi para uma sessão fechada ou restrita na assembléia (MT *sāra*), de forma que o prédio estava completamente cheio (literalmente “de uma ponta a outra”).

22. O uso de vestimentas especiais (geralmente branca ou vermelha) aumenta a solenidade da ocasião, uma vez que foram fornecidas pelo *guardador do vestiário* (AV “a ele, que cuidava do vestiário”). A palavra para manta (*mel-rāhā*) ocorre apenas aqui e nas roupas colocadas ao redor de Jeremias a fim de elevá-lo da cisterna (38.11).

24. Temos aqui alguma ambiguidade, já que *entrando eles* (RSV depois da *Septuaginta* mostra o singular “ele”, ou seja, Jeú) poderia estar se referindo a Jeú e Jonadabe, ou aos ministros de Baal, ou ambos. A respeito de *sua vida pela vida dele*, veja em Josué 2.14 e 1Reis 20.39).

25. A pessoa que ofereceu o sacrifício não é mencionada. Pode estar indefinido (“alguém fez”), a NVI indica *Jeú*. O texto não diz que Jeú agiu como sacerdote sacrificial (cf. 1Rs 8.5). Os *guardas* eram do séquito real ou “batedores” (cf. 1Rs 1.5), e *os oficiais* eram ajudantes reais (“terceiro oficial”, *šālīsim*, veja 2Rs 7.2). Ao que tudo indica, eles “entraram na cidade” (‘ir) após retirarem os corpos dos adoradores mortos. Esta explicação parece melhor do que tomar esta pala-

²¹⁶O estrado do trono de Nimrode, D. Oates, ‘The Excavations at Nimrud (Kalhu), 1962, *Iraq* n° 25, 1963, p. 21-22, pi.VII c.

vra exclusivamente como *santuário interno* (NVI; Gray encontra uma palavra ugarítica análoga, *gr*, mas isto é duvidoso) ou “o calabouço do templo” (NEB). Outros retiraram os objetos de culto, que poderiam ser facilmente esmagados do lado de fora.

26-27. A maioria dos objetos pagãos consistiam em colunas (*masṣḇôṭ*) ou obeliscos (AV “imagens”). Se estes objetos não são aqueles relacionados aos postes sagrados de Asera, consorte de Baal, os quais foram queimados (a NEB muda o texto para “poste sagrado”, cf. 1Rs 14.15), então as pedras (sem garantias, alguns mudam para *mizbḇah*, ‘lugar de sacrifício, altar’) devem ter sido fragmentadas pelo calor, o mesmo ocorrido às pedras moabitas, quando encontradas em 1868. O destino do templo não está claro, exceto que seu uso foi mudado para casa de pechinchas (*môhâr ôṭ* ocorre apenas aqui) que, numa etimologia duvidosa, é tomado como “um lugar de estrume”, ou seja, *uma latrina* (AV “latrina”) ou “privada”, uma antiga palavra para lavatório público. Alguns associam a palavra com “mercado” (acadiano *mahîru*).

v. *Resumo dos feitos de Jeú (10.28-36).* A avaliação do reinado de Jeú é tida como boa (*reto*, v. 30), sem, contudo, negligenciar a avaliação honesta de suas falhas (v. 29, 31). E fornecida uma explicação a respeito da longevidade de sua dinastia (102 anos), a mais longa de qualquer outra de Israel, passando por Jeoaçaz, Joás e Jeroboão até Zacarias. Mais à frente, o ponto de vista do historiador é claro ao reprovar Jeú, pois *não se preocupou em “andar”* (NVI, *manter*) *a lei*, ou seja, ele não conduziu sua vida de acordo com os princípios de Deus. “Parece que ele se deixou levar muito mais pelo desejo político de salvaguardar sua posição no trono do reino do norte do que pelo desejo de servir ao Senhor. Nisso ele foi culpado, ao usar o julgamento de Deus sobre a casa de Acabe para satisfazer interesses próprios”.²¹⁷ Contudo, a Israel, como qualquer crente que fracassa, foi concedida misericórdia singular, em meio aos rígidos princípios da justiça divina. Deus triunfará até mesmo através dos esforços inconscientes daqueles que não o aceitam, trazendo aos poucos o julgamento predito (v. 31-32).

32-33. Entrementes, os arameus se aproveitaram da nova situação política em Israel e na pausa na pressão assíria, empregada em outra ocasião, para *reduzir* ou “provocar feridas” (MT) no território israelita, efetuando ataques em sua fronteira do norte, e reconquistar terras no lado oriental do Jordão, que, com frequência, havia sido local de disputas entre eles. *Aroer* pode ser a atual Khirbet ‘Arâ’ir, quatro quilômetros a leste de Medaba em direção à estrada de Kerak, ao norte da barragem do Wadi Meyib (rio Arnon), tradicional limite meridional de Israel (Dt 2.36). Sabemos muito pouco da história de Moabe para questionar na confiabilidade dessas afirmativas, e a própria Moabe poderia ser vulnerável

²¹⁷Vannoy, J. R. na *NIV Study Bible*, London: Hodder & Stoughton, 1985, p. 542.

naqueles tempos. A região foi reconquistada, com certeza, nos dias de Jeroboão II (2Rs 14.25).

34. *Demais acontecimentos* incluiria a submissão de Jeú a Salmaneser III da Assíria em 841 a.C. (inscrições no Obelisco Negro; *IBD*, p. 242). *Todos os seus feitos*; cf. 1Rs 10.6. Esta expressão geralmente está ligada a períodos de guerra. Alguns sustentam que Jeú reconquistou Moabe para Israel.

35-36. Não é praxe o historiador colocar a duração do reinado no final. Sua intenção talvez seja ressaltar o início de uma longa dinastia (cf. v. 30).

IV. A HISTÓRIA DE JUDÁ E ISRAEL ATÉ A QUEDA DO REINO DO NORTE (2Rs 11.1 — 17.41)

A história continua com Judá e a linhagem de Davi quase extinta por conta da associação com o regime do norte, seguidores de Baal. Aí, a despeito de um renascimento no governo de Jeroboão II, Israel é gradualmente enfraquecido pela pressão assíria e, com a queda de Samaria, deixa de ser um reino viável. Durante todo este período turbulento, Deus estabelece seus porta-vozes. Isaías e Miquéias para Judá; Amós e Oséias para Israel.

A. Atalia assume o poder em Judá (11.1-20)

Em seguida ao golpe de Jeú no norte, Atalia tentou salvar algo para a família de Acabe ao tentar exterminar a dinastia de Davi em Judá. Parecia que a prometida linhagem do Messias (2Sm 7.11, 16; 1Rs 8.25) fracassaria. Isto não aconteceu por conta dos esforços dos sumos sacerdotes que, juntamente com o povo, renovaram a aliança com Deus.

i. O plano de Atalia (11.1-3). Conforme 2Crônicas 22.10-13; Josefus, Ant. ix. 7. Atalia, como filha de Acabe, casou-se com Jeorão (2Rs 8.18). Ao destruir “toda a linhagem real” (NEB) ou “descendência” (BJ) que ainda não havia sido trucidada (2Rs 10.10-14; 2Cr 22.1, 8-9), ela deve, como rainha-mãe, ter tido o poder por si mesma de reinar até que um sucessor fosse escolhido.¹⁸ As variações no nome Atalyah (hebraico, v. 13-18) e Atalyahu em outras partes, não indicam fontes diferentes, pois é comum que isso ocorra com nomes que terminam em —yah ou —yahu para a mesma fonte. O governo de Atalia é tratado como uma usurpação ou interrupção, de modo que a introdução costumeira para um reinado convencional de Judá é omitida. *Jeoseba* (Jeosabeate em 2Cr 22.11), esposa do sumo sacerdote, era filha de Jeorão com outra esposa (não Atalia). Ela provavelmente era uma meia-irmã de Acázias, e o infante Joás, seu sobrinho. *J(e)oás* (“Yah[weh] ofereceu”) é idêntico no nome com o rei israelita da época

¹⁸ Isso é atualmente questionado por Z. Ben-Barak (Ensaio lido na *SBL*, Birmingham, 1988).

(13.9-10, cf. 12.1). O nome também é encontrado na ostraca de Lachish e mais adiante nos papiros de Elephantine. Jeosabeate pode ter morado nas áreas destinadas aos sacerdotes, vizinhas do templo. Josefus (Ant. ix. 7.1) diz que o *quarto* onde a criança e sua ama se ocultaram era o mesmo usado para guardar cobertores e mobília. Ela fugiu às escondidas com a criança; o hebraico *gānab* significa “raptar” (Gn 40.15; Dt 24.7) e ocorre no oitavo mandamento, “não roubarás” (Ex 20.15). A criança *estava prestes a ser morta* — por muito pouco, a lâmpada de Davi (v. em 1Rs 11.36; Sl 132.17) não foi apagada. Mas Deus havia prometido que nunca falharia em providenciar um herdeiro para Davi (Sl 89.36).

ii. O plano de Joiada (11.4-8). Joiada mandou chamar os capitães dos cârios e da guarda, provavelmente da guarda real, guarda-costas reais e escolta real, e os fez entrar em sua presença, fazendo com eles *uma aliança* (NEB “acordo”, REB “pacto”) sob juramento. Os cârios eram mercenários da Cária, no sudoeste da Ásia Menor, e podem ser identificados com os quereteus na guarda pessoal de Davi (2Sm 20.23; *Karî*). A narrativa em Crônicas (2Cr 23.1) nomeia os comandantes, e faz o recrutamento dos levitas e cabeças das famílias (“clãs”). O plano era colocar cinco grupos de sacerdotes, incluindo dois que estariam de folga da guarda após a semana de serviço, e um grupo de serviço, de forma que todos estivessem no templo ao mesmo tempo sem que ninguém suspeitasse durante um festival sabático. Entretanto, os guardas do palácio real (deixado claro no v. 13) e outros, seriam capazes de proteger o jovem rei em sua aparição pública.

6. A *porta de Sur* pode equivaler à Porta do Fundamento no pátio externo do templo (2Cr 23.5 diz *y’sôd*), em vez de uma leitura errônea para Entrada dos Cavalos (*sûs*), conforme versículos 16 e 19. O Talmud (Erubin 22c) define este como a porta oriental do pátio do templo, onde os impuros eram repelidos. O texto traz após *o templo* uma referência à Massá, que alguns consideram um nome próprio de lugar, mas aqui omitido pela *Septuaginta*, RSV, NEB, conforme “ser uma barreira” (RV). “Que não seja destruída” na AV está baseado em um comentário judeu, assim como em “da destruição” (Rashi). Outras sugestões menos prováveis incluem “ajudando-se mutuamente” (Gray) ou “evitando o povo” (Keil). *O portão detrás da guarda* não tem local determinável, mas deve-se ter em mente que o templo e o complexo do palácio eram adjacentes, com muitas portas guardadas entre eles.

iii. A execução do plano (11.9-12). Os grupos de sacerdotes tinham o apoio das tropas, cujos comandantes, a fim de evitarem suspeitas e em concordância com o costume, entraram no templo desarmados. Os homens foram dispostos em fileiras com a escolta real (*râsim*) e seus oficiais guarnecidos com as armas já existentes no templo. Algumas destas armas foram lá consagradas por Davi como despojos de guerra (2Sm 8.7-8), outras eram meras peças de reposição (1Rs 14.26-28). A lança (no MT está no singular, mas no plural cf. 2Cr 23.9) pode

ter sido um símbolo real ou um estandarte. Contudo, havia armas suficientes para evitar um possível ataque ao jovem rei. Os guardas formaram um semicírculo do lado de fora do prédio do templo, e no altar no jardim, de norte a sul (v. 11).

O capítulo inclui um relato singular e completo da posse de um rei em Judá. Depois da unção, característico nos reis carismáticos da “tradição davídica”²¹⁹, a coroação é seguida de uma cerimônia formal pactual no templo. Este é o formato já consagrado pelo pacto em Mizpá (1Sm 10.17-25). O pacto monárquico é executado pelo representante do Senhor, Joiada, que ungiu Joás em meio à aclamação do povo (v. 12). O pacto tinha um aspecto político entre o rei e o povo, e também um aspecto religioso entre Deus (Javé), o rei e o povo (v. 17).²²⁰

A cerimônia de coroação (como agora também conhecemos através dos registros de cerimoniais minuciosos na coroação de muitos reis orientais)²²¹ foi realizada em etapas. Primeiro, um ato dentro do santuário; depois, uma apresentação para um grupo maior de representantes no lado de fora. Em Judá, a *coroa* (*nçzer*), o pacto e, talvez, a unção, eram incomuns. Saul ao ser coroado recebeu um bracelete (2Sm 1.10;²²² a RSV retifica aqui). Alguns interpretam o texto sustentando que, tanto como a coroa, o *pacto* ou o “testemunho” (AV, MT *‘ēdūt*) foi posto “nele” ou “sobre ele”, uma vez que ambos estão regidos por “ele entregou”. Isto poderia estar asseverando que o rei divinamente escolhido não era um monarca infalível, mas, como um ungido de Javé, estava sob a lei. O significado completo do termo aqui não é muito certo. *Testemunho* pode muito bem estar indicando uma cópia dos dez mandamentos e o pacto mosaico, especialmente no que se refere às obrigações de um reinado (Dt 17.14-20; 1Sm 10.17-25). As promessas do pacto feitas a Davi (2Sm 7.12-16) poderiam estar incluídas caso a intenção fosse um acordo formal preparado para a ocasião, mas não há provas disso. A maioria das traduções, então, acrescentam um verbo ao texto hebraico, por exemplo, “deu” (AV) ou “*presenteou-lhe com*” (NVI, NEB) uma cópia dos termos do pacto (‘*ēdūt*’, “a garantia”, NEB). Este é o fundamento do costume inglês, ao apresentar o monarca com uma cópia da Bíblia nas cerimônias de coroação. Outros tentaram interpretar a palavra como “véu”²²³ ou outro ornamento como o disco alado.²²⁴

12. Eles *o proclamaram rei*, ou seja, Joiada, os sacerdotes e os representantes do povo (cf. 2Cr 23.11). A respeito de *ungiu*, veja 1Reis 1.34, 39); sobre a aclamação *Viva o rei!*, veja também 1Reis 1.25; 2Reis 9.13; conforme 1Samuel 10.24.

²¹⁹Weisman, Z., ‘Anointing as a Motif in the Making of the Charismatic King’, *Biblica* n.º 57, 1976, p. 378-398.

²²⁰Bem-Barak, Z., ‘The Manner of the King’ and ‘The Manner of the Kingdom’, PhD Hebrew University, Jerusalem, 1972, p. 200-232.

²²¹Wiseman, D. J., *Nebuchadrezzar and Babylon*, Oxford: British Academy, 1985, p.19-21.

²²²Yeivin, S., ‘Eduth’, *IEJ* n.º 24, 1974, p. 17-20.

²²³Yeivin, S., *ibid* Dalley, S., ‘The god Salmu and the winged disk’, *Iraq* n.º 48, 1986, p.92.

²²⁴Objetos em forma de disco que representavam asas. (N. do T.)

iv. A morte de Atalia (11.13-16). Conforme 2Crônicas 23.12-15. Esta passagem tem sido considerada como de uma fonte distinta pois mostra contradições aparentes (mas veja v. 1, 20). A assembleia *do povo* que ratificou a posse estava unida aos *guardas* (da “escolta real”) em aclamação, quando Atalia surgiu. O rei Joás, então com sete anos, *estava junto à coluna* (MT *‘ammūd*) próximo à entrada do templo (2Cr 23.13; Ez 46.2), provavelmente as colunas Jaquim e Boaz, tidas como símbolos do pacto (v. 1Rs 7.21). Necessitamos de uma localização precisa aqui, antes de qualquer releitura do texto para “num estrado” ou “plataforma” (neb *‘ōmēdā*) ou “seu lugar” (*‘omēdō*, cf. 2Cr 34.31); nem é necessário trocar aqui “cantores” (*sārīm*, cf. 2Cr 23.13) por *oficiais* ou “capitães” (*sārīm*).

14. Todo o povo da terra (*‘am hā’āres*) tem sido objeto de muita discussão. E um conceito de Judá sem nenhuma definição precisa.²²⁵ Aquelas pessoas possuíam certa autoridade judicial (2Rs 21.9; Jr 36), e atuavam na nomeação do rei (cf. 2Rs 14.21; 21.24). Não compreendiam apenas os proprietários de terras ou o proletariado (daí Neb “ralé”); nem eram um povo sagrado (Gray). Certamente eram pessoas da região, incluindo lavradores.

15. O sacerdote ordenou que Atalia fosse levada para fora a fim de evitar desonra à casa do Senhor. É preferível *entre as fileiras* do que “fora de alcance” (AV) ou “fora dos limites” (NEB). A palavra (MT *ūdērōt*, assim como o acádio *sidirtu*) é usado para designar fileira ordenada ou linha. Isto foi feito para evitar que alguém tentasse abrir caminho para socorrer ou seguir Atalia.

16. A porta dos cavalos estava localizada nos fundos do palácio (cf. 2Rs 23.11; Jr 31.40; Ne 3.28). A rampa que levava ao pátio do estábulo está representada em relevos assírios de Nínive.

v. A renovação da aliança (11.17-20). Da mesma forma que antes com Davi (2Sm 5.3; 7.8-16), e mais tarde com Josias (2Rs 23.3), a renovação da aliança (Êx 24) era uma parte essencial do retorno do povo de Deus à manutenção do verdadeiro culto. Rei e povo devem agora se unir para se tornarem e agirem como o povo de Deus (Dt 4.20; 27.9-10). O princípio desta aliança é que Javé será o seu Deus e eles seu povo santo (Dt 14.2), uma verdade não apenas aplicável aos fiéis judeus, mas também aos cristãos (2Co 6.16; Hb 8.10; 1Pe 2.10).

A aliança era reiterado no momento em que era quebrado (cf. Êx 34, o bezerro de ouro; 2Rs 23, Manassés) ou após a união com os gentios (Es 10.3). A aliança também era renovada em tempos de mudanças na liderança nacional: por Josué (Js 8.30-35); Davi (1Cr 11.3); Ezequias (2Cr 29.10), aqui, e em momentos nacionais de relevância (1Rs 8; Jr 34.8; 2Cr 15.12).

A principal exigência para um pacto entre rei e povo era que o rei se unisse a fim de reinar de acordo com a lei de Deus. Isto é omitido em 2Crônicas 23.16

²²⁵Nicholson, E. W., ‘The Meaning of the Expression צַמַּח הַצִּדִּיק in the Old Testament’, JSS n.º 10, 1965, p. 59-66.

(mas cf. 1Rs 12.12; 2Rs 23.3). Não era apenas um pacto político, em oposição ao religioso, mas funcionava também como um comprometimento público de que as obrigações com a aliança seriam cumpridas.

18. A obrigatoriedade de servir somente a Javé necessitava da destruição do baalismo, seu locais de sacrifício (*altares*), e todas as imagens representativas ou ídolos, incluindo certamente os postes de Asera. O historiador viria neste ponto uma correlação com a abolição do culto a Baal em Samaria (10.17-18). Seu comentário a respeito foi que eles os destruíram “certeira­mente” ou “completamente” (MT *hêtêb*, NVI ‘*em pedaços*’), talvez ligando este fato à aprovação de um monarca religioso que estivesse “fazendo o correto” (v. Introdução, p. 48-9). O significado do nome *Matã* pode ter sido “Presente (de Baal)”, mas não necessariamente (Jr 38.1), pois Matanias significa “Presente de Yah(weh)” (cf. Mataná, Nm 21.18).

20. Não houve oposição de elementos dissidentes na cidade de Jerusalém, pois “a cidade ficou tranquila” e tudo *ficou calmo*. Este versículo deve ser lido no mais-que-perfeito (*Atalia fora assassinada*) e não há necessidade de procurar aqui um relato de sua morte diferente do encontrado no versículo 16).

B. Joás de Judá (11.21 — 12.21)

i. **Resumo do reinado (11.21 — 12.3).** Conforme 2Crônicas 24. O historiador segue o padrão usual na introdução (11.21 — 12.3) dando detalhes da posse, fazendo sincronismo com Israel, duração e local do reino, nome da mãe do rei e avaliação. Pelo último item, o rei *governou corretamente*, mas é dito que apenas inicialmente, não completamente. Após a formula conclusiva (v. 19-20), são fornecidos dois itens: a reparação do templo (v. 4-16) e o tributo levado ao templo sendo oferecido a Hazael. Ambos causam um interesse especial ao nosso historiador; o último, como punição pela apostasia de Joás. Este relato precisa ser lido em combinação como aquele feito pelo cronista (2Cr 24).

1. O MT começa o capítulo doze com 11.21. *Joás* como o nome para o rei de Judá, lido pela NVI na forma extensa “Jeoás” (RSV), a fim de diferenciá-lo do rei de Israel, possuidor do mesmo nome (13.10-25). Como um menino de *sete anos*, precisava de um tutor que bem poderia ser um que tivesse aconselhado na disputa com Atalia. O reinado de *quarenta anos* (835-796 a.C.) não é uma extensão exata (pois Jz 5.31; 8.28), mas realista (v. 1Rs 11.42). O casamento de seu pai com *Zibia* (“Gazela”) foi feito para angariar apoio tribal na fronteira do Neguebe com Edom.²²⁶

2. Joás *fez o que era certo* (v. “Introdução”, p. 48-9) *todos os dias* ou “pelo tempo que” (NEB) Joiada o ajudou (também 2Cr 24.2). O velho homem era respeitado por isto e, no fim, foi sepultado entre os reis (2Cr 24.15-16). Quando o

²²⁶Yeivin, S., ‘The Divided Kingdom’, *WHJP* n.º IV.1, p. 150.

sacerdote envelheceu e Joás se tornou independente, o rei, infelizmente, seguiu pelos caminhos do mal (2Cr 24.17-27). O benefício em se ter alguém experiente como conselheiro pode ser visto no momento em que Joás abandona a fé e a influência de Joiada é removida.

3. A avaliação da vida de Joás é feita com restrições, conforme Asa (1Rs 15.14) e Jeosafá (1Rs 22.43), onde o culto a Javé nos lugares altos abriam uma brecha para divergências quanto ao verdadeiro culto, por conta das práticas pagãs feitas nestes locais (cf. 1Rs 3.2-3).

ii. A reforma do templo (12.4-16). A manutenção do principal templo nacional era de responsabilidade do rei, pois o local também servia como capela real. Todos os monarcas do antigo oriente registraram seus cuidados com tais relicários. Joás, por escassez ou por algum intento, transferiu a responsabilidade executiva para os sacerdotes do templo. Foi preciso muito trabalho para restaurar o prédio de 124 anos, após a depredação perpetrada por Atalia e seus filhos ao destruírem o templo de Javé e transferir os objetos para os oráculos de Baal (2Cr 24.7).

4. A renda normal do templo era de: (i) obrigações diárias recebidas (RSV, BJ, “coisas sagradas”, NEB “presentes sagrados”, NVI *ofertas sagradas*); (ii) contribuição de meio shekel por cada homem registrado na lista do censo (heb. ‘ôbêr; como em Ex 30.11-14; cf. Mt 17.24); (iii) pagamentos por votos feitos (Lv 27.1-25); (iv) presentes voluntários ou “o dinheiro trazido de acordo com o coração do homem” (MT; cf. Lv 22.18-23; Dt 16.10), ou seja, oferecido espontaneamente.

5. Estas quantias também eram recebidas pelos sacerdotes daqueles que (de acordo com 2Cr 24.5) arrecadaram em todas as cidades de Judá. O oficial que participava desse procedimento pode ter sido um “assessor comercial” (Gray), em vez de “conhecido seu” (RSV, heb. *makkârô*, v. 6, 8), que pode ser interpretado como um tipo de oficial do templo (ugar. *mkrm*) ou alguém “que fazia negócios” (acad. *makâru*). A NVI traduz *um dos tesoureiros*, e a NEB, baseada no hebraico pós-bíblico, “de seus próprios recursos” (o que é improvável). Originariamente, os sacerdotes recebiam todos esses recursos a fim de manter os serviços do templo e executar reparos necessários.

A falta de zelo dos sacerdotes (2Cr 24.5) e, talvez, a falta da supervisão de um Joiada envelhecido (que morreria aos 124 anos), levou Joás, agora com trinta anos (v. 6), a fazer novas mudanças (v. 9-16) para implementar os reparos necessários (v. 7, *danos*, “rachaduras” AV). Parece haver também uma preocupação com o mau gerenciamento nos assuntos financeiros, que sempre traz vergonha à casa de Deus. A transferência de responsabilidade para todo o povo pode ter sido intencional a fim de fazer com que o templo pudesse ser auto-administrável, e para fazer com que o povo se envolvesse na divisão da responsabilidade sobre a casa de Deus. O povo neste momento desiste do recolhimento de recursos e da administração dos reparos na estrutura (v. 7-8).

A ruptura entre Joiada e Joás deve ter ocorrido nesse período.

9. O local da caixa coletora (MT “caixa” ou *arca*; heb. ^u*rôn*, v. 10; “arca”, AV) tem sido muito discutido. Ao que parece foi colocada junto ao lado direito do altar principal como visto da entrada. Porém o versículo 9 (e 2Cr 24.8) indica que foi do lado de fora da porta de entrada. Isto leva à sugestão de que havia um altar próximo à porta.²²⁷ Outros (JB e LXX Alexandrinus) lêem “ao lado da coluna”, ou seja, ao lado da coluna de Jaquin na entrada principal, dentro do templo. Ainda outros tentam reformar o texto.

10-12. Três sacerdotes ou grupos de guardadores da porta (2Rs 22.4, 8; cf. 25.18) eram responsáveis por verificar se as ofertas eram colocadas na caixa. A supervisão e a contagem das ofertas era uma operação conjunta entre templo e estado. Diz-se que a designação de sumo sacerdote foi originada com o segundo templo, mas a existência anterior de um primaz, como aqui, é confirmada em outras culturas (p.ex. Ras Shamra *rb khnm*, cf. 2Rs 25.18).

O secretário real não era um oficial fiscal, e sua presença significa que o palácio controlava diretamente as finanças do templo da mesma forma com autoridades clericais. Uma vez que a cunhagem não se tornaria comum até depois do quinto século a.C., os objetos de prata e seus fragmentos eram o *dinheiro* (RSV, NVI, heb. “prata”).²²⁸

Contavam o dinheiro [...] e colocavam em sacos. Esta a tradução da RSV, a NVI transpõe os verbos a fim de trazer sentido uma vez que o primeiro verbo (*sârar*, heb. v. 11) foi entendido como ser “embrulhado”. Não existe palavra na MT para “os sacos”, embora o cronista coloque *wayyâsuru* como *way’ârû* “eles esvaziaram” (2Cr 24.11). Um verbo difícil *srr* (acad. *surrûru* “despejar”) ou *sûr* (= *srr*, “derreter”) fariam mais sentido. A prata geralmente era derretida e transformada em barras, daí a NEB “eles derreteram a prata [...] e a pesaram”. Assim, ficava rapidamente disponível para pagamentos e compras. Para artesão, veja 1Reis 5.13-18.

Quando foi assegurado ao povo que o dinheiro de fato seria empregado para os propósitos combinados, ele respondeu generosamente, permitindo que procedimentos parecidos fossem feitos posteriormente por Josias (22.3-7).

13-15. A proibição do uso do metal precioso para a confecção de objetos ornamentais e rituais em vez do seu emprego na construção pode significar o mau uso em épocas anteriores. Havia um excedente destes recursos após a implementação dos reparos necessários, o que possibilitava, então, o uso desses recursos excedentes para fins decorativos (2Cr 24.14). A entrega desses blocos aos fiéis guardadores dependia da *honestidade* dos mesmos (heb. “fidelidade”). O uso que fazemos do dinheiro é sempre um teste de fidelidade.

²²⁷McKane, W., ‘A Note on II Kings 12.10 (EVV 12.9)’, ZAW n.º 71, 1959, p. 260-265.

²²⁸Como na Assíria do século vii, Hurowitz, V., ‘Another Fiscal Practice in the Ancient Near East: 2 Kings 12.15-17 and a Letter to Esarhaddon (LAS 277)’, JNES n.º 45, 1986, p. 289-294.

16. O dinheiro de *oferlas pela culpa* ('*âdâm*, heb. v. 17), usado para restituir ou reparar ofensas contra o próximo (Lv 4.5) e *oferlas pelos pecados*, usado para expiação pelos pecados contra Deus, era entregue aos sacerdotes (Lv 5.16; 6.5; Nm 5.7-10). Estes sacrifícios eram conhecidos e oferecidos antes do período do exílio.

iii. Detalhes históricos (12.17-21). Não existe outra fonte bíblica para estes acontecimentos. A pressão assíria deveria estar afrouxada sobre Aram agora, permitindo que Hazael fizesse uma incursão, via um Israel enfraquecido, até Gate. Este movimento rápido pode ser comparado àquele da expedição de Salmaneser III em 841 a.C., recebida por Jeú (cf. 10.34).

O historiador em Reis enfatiza o castigo, e em Crônicas, o pecado que o causou. Um grupo arameu derrotou um grande exército de Judá (2Cr 24.24) e precisou receber dinheiro para que partisse. Joás foi seriamente ferido nesse período, o que foi tomado como evidência da insatisfação divina (2Cr 24.25). A localização de Gate não é conhecida, pois escavações em Tell el 'Areini, cerca de trinta quilômetros ao norte de Gaza, não mostraram vestígios desta cidade, que foi uma das cinco principais cidades filistinas. Outros possíveis locais para a posição de sua região sul foram sugeridos. Veja mapa, *IBD*, p. 543).

Os *outros eventos* do reinado (v. 19.21) são mostrados em maiores detalhes em Crônicas (2Cr 22.10-24.27). O assassinato de Joás pelos seus *oficiais* (v. 21) ou servos, mostra que este deve ter sido o resultado de insatisfações frente ao episódio com Hazael. Era mais plausível que a vingança sobre Joás tivesse como motivação o apedrejamento de Zacarias (que criticou o rei), filho de Joiada, até a morte, no templo. O local pode ter sido uma praça ou outro local em Milo, na banda oriental de Jerusalém (1Rs 9.15; 22.27 conf Jz 9.6). *No caminho que desce para Sila* é omitido pela *Septuaginta*. A NEB entende que era a descida para o vale de Kidron, outros interpretam Sila como “declive” (heb. *m^esillâ*). A MT oferece variantes para um mesmo nome dado a dois dos assassinos (o que é possível), ambos diferenciáveis pelos seus nomes de família. A RSV e a NEB mostram “Jozacar”, ou com Crônicas (2Cr 24.25-26), leva-os a serem Zabade e Jeozabade (de novo, variantes para um único nome), filhos de mulher amonita e moabita, os quais mataram Joás no leito. Devemos ressaltar que ele foi sepultado na Cidade de Davi, mas não no mausoléu real (2Cr 24.25).

C. Jeoacaz de Israel (13.1-9)

A história continua por um período em que o reino do norte estava sendo duramente pressionado pelo estado arameu de Damasco (cf. v. 22). A principal razão para isto é que, por algum tempo, a atenção assíria foi desviada do lado ocidental tanto pelas campanhas em suas fronteiras à noroeste e leste no fim do reinado de Salmaneser II, quanto pela grande revolta em Nínive e outros centros assírios, celebrizada pela Crônica de Eponym para os anos 827-822 a.C. Seu

sucessor, Shamshi-Adad V (823-811 a.C.), precisava controlar terras próximas e por algum tempo, o domínio assírio no ocidente declinou. Esta era a oportunidade para Hazael incomodar Israel. O historiador conta o reinado do filho de Jeú sob sua própria perspectiva, com a introdução (v. 1-2) seguida pela opressão de Aram e a provisão de um libertador (“salvador”) (v. 4-6) divino, recontada de forma remanescente das ações similares de Deus em tempos de fraqueza e opressão sob o governo dos “juizes” (Jz 3.9, 15). Após uma nota a respeito da resultante fraqueza do exército de Israel (v. 7), a narrativa termina com os detalhes normais usados nas conclusões (v. 8-9).

1. O *vigésimo terceiro ano* (dos quarenta de governo) *de Joás [...] de Judá*, lá, pode ser comparado com seu primeiro ano findando no sétimo ano de Jeú (12.1), que morreu após vinte e oito anos, no vigésimo segundo ano do reinado de Jeoás de Israel. Não há, portanto, necessidade suspeitarmos das diferentes contagens entre os dois reinados; o reino de Jeoacaz, então, começou nesse vigésimo-terceiro ano.

2-3. para os pecados de *Jeorão*, veja em 1Reis 12.26. As reformas de Jeú tiveram vida curta. O hebraico “todos os dias” não precisa implicar “continuamente” (RSV) ou “sem interrupção” (Gray), mas preferivelmente “por alguns anos” (RSV) ou possivelmente *por um longo tempo* (NVI). O que Hazael fez foi “apertar” Israel (v. 22). Hazael pode ter morrido durante este reinado, pois seu filho Ben-Hadade (III) começou a reinar cerca de 806 a.C. A ira de Deus objetivava a disciplina, não a destruição. Ele nunca abandona seu povo, nem nunca deixa de expressar seu dissabor com os caminhos errados dos seus (Rm 9.22; 13.4-5).

Embora normalmente atribuído a um editor posterior, os versículos 4 — 6 são essenciais para que se explique o afastamento da ira de Deus através da oração (heb. *hillá*, “implorar”; AV “implorou” em vez de rogar o favor de Deus, ou “tentou aplacá-lo”, JB, NEB). A resposta do Senhor a essa, como a muitas, orações foi dada não de imediato, mas no reino subsequente (v. 22, 25).

5. O *libertador* não era Eliseu, nem mesmo Jeoás (v. 17, 19, 25), nem Jero-boão II, quem mais tarde faria recuar os opressores (14.25-27), mas Adade-Nirari III da Assíria, que em 802 e 796 a.C. marchou para o Mediterrâneo e fez grande pilhagem na viagem (v. v. 10). Que os israelitas *habitaram em seus próprios lares* não significa necessariamente que mais cedo tenham sido levados para as colinas (Gray). Sem dúvida que “morar em tendas” (MT: tenda significando “lar”, 1Rs 8.66) significa que estavam tranquilos. Deus deu a eles um ambiente de paz.

6-7. Os israelitas não apenas falharam em abandonar os pecados de Jero-boão (v. 1Rs 12.31), mas a cada um é dada responsabilidade por seus próprios pecados (heb. “andou”, ou seja, “viveu” está no singular, cf. NVI ‘*continuaram neles*’). O poste de Asera permaneceu em Samaria no mesmo lugar colocado por Acabe (1Rs 16.33), não tendo sido removido por Jeú (2Rs 10.27-28). As justificativas humanas são sempre débeis e o estado depreciativo do exército de Israel encontrado aqui contrasta completamente com a contribuição de parte dos seus

recursos (dois mil carros e dez mil homens) para a coalizão em oposição à Assíria na batalha de Qarqar em 853 a.C.

8. Este formato de encerramento é repetido em 2Reis 14.15. Não é possível afirmar qual deles é o original.

D. Jeoás de Israel (13.10-25)

i. Resumo do reinado (13.10-13). Uma estela assíria encontrada em Tell Rimh, ao norte da Mesopotâmia, marca os registros do reino de Adadnirari III em suas campanhas contra a Síria em 805-802 a.C. Entre os reis que traziam tributo, ele solicita “Jeoás, o samaritano” (*Yu- a-su Sa-mer-ri-na-a*), fazendo também notar com isso que a dinastia de Onri (*bīt Humri*) já havia passado. Alguns datam este referência como 796 BC, mas isso não é absolutamente certo.²²⁹ O mesmo monarca assírio dominou Damasco, levando pilhagens de *Mar'i* (= Ben-Hadade III) a quem ele se refere na linha anterior da mesma estela pelo seu nome sírio correspondente (v. nota adicional sobre Hazael, p. 214).

Este reino é mencionado aqui apenas com referência a sua fórmula introdutória (v. 10-11) e seu término (v. 12-13).

10. *Trigésimo-sétimo* ano (assim MT) não precisa ser mudado para trigésimono (em alguns MSS e NEB) a fim de coincidir com 13.1, 14.1, uma vez que inclui uma possível co-regência de dois anos de Jeoás com seu pai em 789-796 a.C.

12-13. Estes versículos são repetidos em 2Reis 14.15-16 e talvez estejam aqui a fim de se fazer um registro desse reino, sem qualquer detalhe (a guerra com Amazias é mostrada mais tarde em 14.8-14; 2Cr 25.17-24), obedecendo ao esquema do historiador. Muitos querem apagá-los por conta das divergências. Mas estas podem ser propositais, uma vez que Jeroboão “sentou-se no trono” (NVI *‘Jeroboão o sucedeu’*) pode indicar que ele, deliberadamente, tomou o trono (cf. anais assírios “x sentou-se no trono”, implicando uma tomada, legítima ou não, comparado com “eles o fizeram sentar no trono” depois do procedimento usual de eleição). Em 14.16 temos a fórmula normal.

ii. Eventos finais da vida de Eliseu (13.14-21). 14. Esta última menção à Eliseu após um ministério de mais de sessenta anos não fornece detalhes de sua doença terminal ou sua localização. Diferentemente do ocorrido com Elias, ele estava “doente”, mas não sofrendo. A visita oferece um vislumbre do relacionamento íntimo que deveria haver entre rei e profeta. Em geral há a interpretação de que a declaração “*Meu pai [...]*” seja a palavra de um rei aflito com a perda daquele que era um profeta genuíno. Eliseu era uma proteção mais eficiente para

²²⁹Page, S., ‘A Stela of Adad-nirari III and Nergal-eres from Tell al Rimah’, *Iraq* n.º 30. 1968, p. 141, l. 8; POTT, p. 145-146.

Israel do que seu exército, embora fosse incomum que um rei empregasse a mesma frase usada por Eliseu no episódio com Elias (2Rs 2.12). Quem sabe não seriam estas as palavras de um profeta moribundo antecipando sua morte.

15-19. Um teste de fé. Não existe uma indicação precisa do uso de magia indulgente ou criativa no Antigo Testamento, nem que tal ação de Eliseu pudesse ocorrer. É, sem dúvida, um ato simbólico, como aquele de Josué ao apontar a lança na direção de Ai (Js 8.18). Semelhantemente, o arremesso de flechas por Jônatas foi um sinal pré-combinado com Davi, e não mera belomancia²³⁰ (1Sm 20.22). O ato de Eliseu em colocar suas mãos sobre as do rei pode simbolizar unidade de propósitos ou objetivos em vez de bênção de Javé em relação à guerra próxima. A profecia de vitória sobre Aram em Afeque aviva a memória sobre uma grande vitória que Israel obteve ali em tempos anteriores (1Rs 20.26-30). Esse ataque em (Tell En Gev) pode ser avaliada como nível II de destruição.²³¹ A amplitude da vitória está limitada pelo fracasso do homem em perseverar. Assim, disparar flechas para o chão apenas três vezes (talvez utilizando apenas meia aljava) significava que o próprio Joás não impediria o inimigo. Esta tarefa teria sido deixada para Jeroboão (14.25, 28).

20-21. Eliseu em sua morte é declarado com os poderes miraculosos que Elias tinha em vida (2Rs 4.32-37; 1Rs 17.21-24). Esta história não pode ser tida como pós-exílica com base em seu caráter único, pois está ligada com a referência ao pacto patriarcal (v. 23). E também, é mera conjectura afirmar que, pelo motivo de Elias não ter morrido, algo extraordinário também deveria ocorrer com a passagem de Eliseu. "Seu corpo profetizou quando morreu. Assim como em vida ele fez maravilhas, em sua morte seus feitos foram maravilhosos" (Eclesiástico 48.13-14). Repare as grandes lacunas entre os períodos dessas manifestações milagrosas nas escrituras. Como aqui, elas parecem surgir em maior número em tempos de fraqueza nacional ou da igreja. Este talvez fosse um símbolo da necessidade de retorno à vida para o povo de Deus.

iii. Nota sobre as relações entre Israel — Harã (Síria) (13.22-25). 23. Isto liga a história com os versículos 3 e 7, e enfatiza a relação da *aliança* divina com o povo em termos do procedimento de Deus com os ancestrais. Esta passagem lembraria aqueles que lessem ou ouvissem as claras provisões do pacto, prevendo exílio se seus preceitos fossem quebrados, e ainda a promessa de perdão e restauração quando se desviassem de seus maus caminhos. A primeira parte estava para ser cumprida menos de um século depois quando Deus permitiu que o povo fosse levado de Samaria em exílio (2Rs 17.14-23).

Tal punição por banimento *da presença* de Deus havia sido há muito prevista desde Adão (Gn 3.23), e a possibilidade reiterada (1Rs 8.47). Todavia, a

²³⁰Arte adivinhatória pelo uso de flechas. (N. do T.)

²³¹IEJ n.º 11, 1961, p. 193.

graça e a misericórdia pelo longo sofrimento (*vāhān*, “misericordioso”) e *preocupação* com seu povo daria tempo para arrependimento, sem o qual, o julgamento deve ser implacável, embora não fosse a sua vontade que alguém perecesse. Seu trato com o povo nos tempos de Noé ilustra esta situação (Gn 6.13, cf. 7.11; 1Pe 3.20; 2Pe 2.5). Da parte do homem, a relutância de Aram em invadir Israel pode ser em parte explicada pela pressão que Adade-Nirari da Assíria estava impondo à Damasco (v. nota adicional a respeito de Hazael, p. 214).

Até esse dia é a evidência de que esse registro antedata o exílio na Babilônia (v. Introdução, p. 57).

Millard sugeriu que a libertação de Israel da opressão dos arameus nesse período pode ter sido o resultado do pedido de Zakkur de Hamate e “Ana da Assíria, ao intervir contra Bar-Hadade, filho de Hazael, de Aram.”²³²

24. A última referência à Hazael em textos não bíblicos data de 838 a.C., e a última para seu filho Ben-Hadade III (como *Mar'i*), 806 a.C.

25. *As cidades* recuperadas por Jeoás provavelmente estavam a oeste do Jordão (cf. 1Rs 20.34), uma vez que aquelas a leste do Jordão foram as perdidas no tempo de Jeú (10.32-33), e não reconquistadas até que Jeroboão o fez (14.25). A derrota imposta por Jeoás (heb. aqui há a variação Joás), *três vezes*, está registrada a fim de mostrar o cumprimento da promessa nos versículos 18-19.

E. Amazias de Judá (14.1-22)

i. Resumo do reinado (14.1-7). A história continua de uma forma que bem ilustra a liberdade do autor ao arranjar suas fontes em razão do seu intento. A introdução com os dados habituais para um governante de Judá (v. 1-6), é seguida por uma breve descrição da campanha contra Edom (v. 7), e daí continua com a narrativa de Jeoás, sob uma visão israelita e, provavelmente, usando uma fonte do norte, ao relatar a invasão do rei em Judá (v. 15-16), após a qual é mostrado o fim do reino de Jeoás. Por fim, são mostrados os detalhes da vida e assassinato de Amazias, após a morte de o próprio Jeoás ser informada (v. 17.21). Muitos comentaristas vêem aqui o trabalho de revisores posteriores, concentrando-se cada qual em suas concepções individuais, tais como: referência a ancestrais (v. 3), à lei de Moisés (v. 6) ou ao cumprimento profético (v. 25, DtrP), porém a narrativa se mantém como um todo. É digno de nota que em toda o tempo o historiador favorece Amazias em detrimento de seu contemporâneo israelita.

1-2. A cronologia se encaixa caso inclua uma co-regência de vinte e quatro anos com seu filho Azarias, começando em 791 a.C. (v. 21, cf. 15.1-2). Não pode ser considerado um reinado excessivamente longo se comparado ao de cin-

²³²Sobre o pilar de Zakkur, leia Millard, A. R., ‘Israelite and Aramean History’, *TynB* n.º 41. 1990, p. 273-274, cf. p. 264; ‘The Homeland of Zakkur’, *Semitica* n.º 39. 1989, p. 60-66.

qüenta e dois anos de Azarias. Alguns tentam ler “nove” para *vinte e nove anos*, mas o versículo 17 não o permite. Como é praxe com as introduções para os reinos de Judá, o nome de sua mãe *Jeadã* (MT *Kʿtīb*, e grego) é mencionado (v. Introdução, p. 47). Algumas versões e Josefus (*Ant.* ix. 9.1) lêem este trecho com 2Crônicas 25.1 como *Jeadã* “Yah(u) tem dado regozijo” (NVI mg.).

3. Embora a avaliação seja a de um rei que fez o *que era reto*, a exceção *mas não* (MT *raq*, “apenas”) leva o leitor de volta à Davi (que fez o que era reto, “exceto no caso de Urias, o Hitita”, 1Rs 15.5) e 2Crônicas 25.14-16 nos lembra que Amazias não se libertou do envolvimento pagão. Sua firmeza com o Senhor não alcançou à de seus predecessores Asa e Jeosafá (1Rs 15.11, 14; 22.43).

4. *Os altos [...] não foram tirados*. Veja 1Reis 15.14.

5-6. Ao que parece, Amazias estava tão empenhado em ganhar controle quanto Salomão (cf. 1Rs 2.46, embora o verbo lá signifique “firme, determinado”, e aqui “forte”). Finalmente, ele liquida os assassinos de seu pai (2Rs 12.20), o que era uma prática nas práticas do Oriente próximo onde havia um juramento entre os súditos e oficiais do rei (p. ex. *Tratado dos Súditos de Assaradão*, 672 a.C., p. 302-315). O costume assírio também vê toda a família como responsável. Contudo, a tendência humanizadora da lei é agora seguida ao não se condenar à morte os filhos pelo pecado (singular, como Dt 24.16) dos pais. A referência ao *Livro da Lei de Moisés* não é uma edição deuteronomística posterior, mas é a explicação necessária apresentada nesta hora por conta de tal comportamento incomum. Aqueles que seguem a lei de Deus não serão confundidos.

7. A nota tirada dos arquivos a respeito da reconquista do controle sobre Edom, perdido no reinado de Jeorão (8.20-22), não dá o detalhe disponível em 2Crônicas 25.12, que infere que *dez mil* foi o número de mortos, ou seja, todo um contingente do exército (cf. 2Rs 13.7). O *Vale do Sal* era o eterno campo de batalha ao sul do Mar Morto, no nordeste da Arábia. Aqui, Davi derrotou Edom (2Sm 8.13; 1Cr 18.12; Sl 60 título). *Sela* (“Rocha”) não era Petra, capital de Edom, oitenta quilômetros ao sul do Mar Morto, mas provavelmente Sil’, noroeste de Buseirah. Sela controlava a Estrada do Rei.²³³ Renomear o local conquistado para *Jocteel*, implicava controle sobre esta cidade, por exemplo, a cananéia Lais foi transformada em Dã após a ocupação (Jz 18.29), e Quenate virou Nobá (Nm 32.42).

ii. Israel luta contra Judá (14.8-16). Este relato israelita é usado pelo autor sem fornecer o contexto. Após a vitória sobre Edom, Amazias tomou controle das deidades edomitas capturadas e as incorporou no culto em Jerusalém. Por conseguinte, incorrendo na desaprovação profética que previa julgamento (2Cr 25.14-15). Pode ser, também, que mercenários não requisitados pelo exército

---Bartlett, J. R., ‘The Moabites and Edomites’. *POTT*, p. 253 n. 55. Vestígios da idade do ferro foram encontrados aqui.

de Judá para a empreitada em Edom tivessem eles mesmos atacado Samaria ou Israel (2Cr 25.13-24). Do modo em que o historiador usa para descrever os maiores feitos de seus personagens, ele, surpreendentemente aqui, não os descreve; ao contrário, mostra claramente que ele acreditava na falha de Amazias ao mostrar arrogância após a vitória (v. 10).

8. O chamado *venha me encontrar frente a frente* não era apenas para um encontro pessoal, embora *frente a frente* incluía essa pretensão e é uma forma comum de desafio para que haja um encontro com Deus (Gn 32.30; Ex 33.11; Dt 5.4 e em ICo 13.12); a NEB parafraseia “propor um encontro” (REB “um confronto”). A sugestão de que esta era uma proposta para um tratado selado por uma aliança matrimonial irá depender da fábula que se segue. Tal proposição poderia ter levado Judá de volta à situação de Jorão — Acázias (8.27), mas é improvável. É mais factível que fosse um desafio para a guerra, pois tais insultos normalmente ocorrem no início do conflito (1Sa 17.4 em diante).

9. A fábula — uma história baseada não em fatos mas que une parábola e alegoria — é encontrada em muitos lugares da literatura antiga, geralmente com exemplos de animais, árvores e plantas, como ocorre aqui. Alguns relacionam o fato a querelas entre cidades. Um exemplo, uma forma de provérbio enigmático, ocorre numa carta do trigésimo século a.C. em Ras Shamra, na qual os reis de Carchemish e Urarit se correspondem.²³⁴ A forma pode ser comparada à fábula de Jotão (Jz 9.8-15) e a outros exemplos, possivelmente Isaías 10.15; Ezequiel 17.3-8; 19.1-9. Jeoás se vê como um cedro forte e Amazias, um pequeno cardo facilmente pisoteado.

10. O sucesso em Edom “te subiu à cabeça” (NEB). “Vanglorie-se em seu triunfo” mas não me leve junto, empreende um sentido mais vívido do que *Glorie-se na sua vitória*. Ambas, a fábula e sua explicação, são confirmadas pela resposta cautelosa de Jeoás a respeito de “entrarem numa contenda” (heb. *gârâ*, cf. *procurar problema*), o que resultaria em “desastre” (NEB) para o rei de Judá e seu povo. O cronista infere que a falha de Amazias em não ouvir foi parte de uma série de fatos que Deus permitiu para produzir sua queda (2Cr 25.20).

11. Esta *Bete-Semes* (Tell er-Rumeilah) está situada cerca de trinta e dois quilômetros a oeste de Jerusalém (1Rs 4.9), próxima à fronteira com Dã (Js 15.10; 1Sa 6.9) em Judá, ou seja, diferente do lugar de mesmo nome em Naftali. Bete-Semes (destruição nível IIc) pode ter sido saqueada por Joás nesse período.

13-14. O ataque à Jerusalém. Não é revelado nenhum detalhe de onde ou por quanto tempo o rei foi mantido cativo. Pode ser que, nesse período, seu filho tivesse sido nomeado regente (v. 21).

²³⁴Nougayrol, J., ‘Textes Sumero-Accadiens des Archives et Bibliothèques privées d’Ugarit’, *Ugaritica* V, 1968, p.108-109 n.º 35; cf. Daube, D., *Ancient Hebrew Fables*, Oxford: Oxford University Press, 1973.

O aspecto de Jerusalém nesse tempo era desconhecido, mas a *Porta de Efraim* deveria estar situada na parte norte do muro (Ne 12.39), correspondendo à atual Porta de Damasco (Shechem), e a *Porta da Esquina* estaria além da fenda de 180 m a noroeste (Jr 31.38; Zc 14.10). Em nenhum lugar encontramos qual foi exatamente o teor do saque contra o templo nesse período, mas pouco deve ter restado uma vez que Hazael (2Rs 12.17-18), e antes dele Sisaque (1Rs 14.25-26), já haviam saqueado o local.

Os *refêns* (v. 14; heb. *b'neç hata 'arubôt* ocorre apenas aqui e em paralelo com 2Cr 25.24) dificilmente eram garantias como compensação de guerra (pouco registrada no período do Antigo Testamento), porém, provavelmente eram constituídos de altos oficiais tomados como garantia para um comprometimento de lealdade futuro. Seria por isso que, tendo oficiais do templo entre estes refêns, em certas situações cantores do templo, exilados no norte e desejosos de retornarem à casa de Deus, compuseram os salmos 42 e 43.

15-16. A fórmula de encerramento para o reino de Jeoás está reinserida aqui (v. 13.12-13) provavelmente para lembrar ao leitor o seu perdão após o desastre.

iii. O fim de Amazias (14.17-22). A conexão de seu próprio registro (v. 7) é feita com o versículo 17. A fórmula final, iniciada no versículo 18, é interrompida para o registro da trama contra Amazias. O nome dos conspiradores não são fornecidos, mas parece que eram da capital, pois Amazias primeiro buscou refúgio em Laís (atual Tell ed-Duweir, 55 quilômetros a sudoeste de Jerusalém²³⁵). Yeivin sugere que Azarias (Uzias) deveria estar envolvido, pois não puniu os conspiradores.²³⁶

21-22. A eleição de Azarias, filho de Amazias, deve ser referência a tempos anteriores quando “todo o povo tomou Azarias, quando este ainda tinha dezesseis anos, e fizeram-no rei” ao tempo que Azarias era um prisioneiro. Se traduzido como “tomou”, esse *flashback* ligaria este trecho à toda história de seu reinado em 15.1. A escolha parece ser uma eleição popular (cf. 2Rs 11.14). A presença de Judá em *Elate*, a noroeste do Golfo de Aqaba, é atestada por um selo com as inscrições “pertencente à Jotão” encontrado em Tell el-Khaleifeh.²³⁷ Este antigo porto fortificado era de grande importância para Judá, da mesma forma que o é para Israel atualmente. Lá era feito um comércio com o sul da Arábia, o que resultou em um selo desta região encontrado em Betel.²³⁸ O controle do porto de Elate parece

²³⁵Essa identificação foi confirmada, mas veja as indagações de G. I. Davies, em ‘Tell eduweir: not Libnah but Lachish’, *PEQ* n.º 117, 1985, p. 92-98.

²³⁶Yeivin, S., ‘The Divided Kingdom’, *WHJP* IV, p. 160.

²³⁷O selo edomita *lym*: Avigad, N., ‘The Jotham Seal from Elat’, *BASOR* n.º 163, 1961, p. 18-22; cf. N. Glueck, ‘The Third Season of Excavation at Tell Khaleifeh’, *BASOR* n.º 79, 1940, p. 13-15, Fig. 9; o selo ‘Jotão, filho de Eliezer’ em ‘Nouveaux sceaux hébreux et araméens’, de P. Bordreuil e A. Lemaire, *Semítica* n.º 29, 1979, p. 75, pl. IV. 7.

²³⁸Cleveland, R. L., ‘More on the South Arabian Clay Stamp found at Beitin’, *BASOR* n.º 209, 1973, p. 33-36.

que logo foi perdido em 730 a.C. para Aram, que, mais tarde, deixou que o controle fosse revertido para seus aliados de Edom (16.6).

F. Jeroboão II de Israel (14.23-29)

O historiador mostra sua seletividade ao dar visivelmente pouco espaço a este que foi o mais ilustre, de reinado mais longo (793-753 a.C.), e mais próspero rei de Israel. Jeroboão, o quarto rei da dinastia de Jeú, seguiu de perto as vitórias de Jeoás sobre Ben-Hadade III de Aram (2Rs 13.25). Ele foi capaz de continuar a política de expansão agressiva de Jeoás, pois as campanhas de Adade-Nirari II decepcionaram a coalizão dos arameus, e os assírios agora voltavam suas campanhas para Urartu (Armênia), abandonando Jeoás, que eles registram como um súdito ou criado da Assíria, pagador de tributo (v. 2Rs 13.10), livre para se tornar uma força poderosa na região e restaurar a fronteira norte de Israel para o que havia sido nos tempos de Davi.

A prosperidade daí resultante, que transformou o mau uso do poder em luxúria e opressão ao necessitado, foi revelada aos profetas de seu tempo, especialmente Amós (2.6-7; 8.4-6); Isaías (3.18-26; 5.8-13) e Miquéias (2.2). Eles viram que a segurança do estado era falsa (Am 5.21-24).²³⁹

A Assíria tornou-se enfraquecida sob o governo de Ashur-dan III (772-754 a.C.), uma situação que muito pode ter servido fundo para este reino.²⁴⁰ Liberdade sem a interferência externa trouxe vantagens refletidas no lucro dos tributos descrito na ostraca de Samaria²⁴¹, que mostra a economia obtendo uma elevação dos pagamentos reais. Os nomes pessoais ali registrados mostram um avanço da apostasia, pois para casa onze nomes compostos com “Yah”, agora incluem “Baal”.

O formato da história é regular. A introdução (v. 23.24) é seguida de várias notas sobre a expansão das fronteiras (v. 25) e o livramento divino oferecido à Israel sob o governo de Jeroboão (v. 26). Enquanto comentaristas atribuem essas notas a diferentes redatores, elas bem podem se vistas como informações tiradas de fontes da época, incluindo as proféticas (v. Introdução, p. 44). A conclusão sobre o reinado segue adiante nos versículos 28-29.

23. *Décimo quinto ano de Amazias* é compatível com os versículos 1 e 17, e com 15.1, caso a co-regência entre Jeroboão e Jeoás for considerada. Esse, então, seria o início desse reino somente, e o todo *quarenta e um anos*, incluindo tal co-regência, indo de 793-753 a.C..

25. A região recém-ocupada incluía aquela anteriormente mantida por Aram-Damasco de *Lebo-Hamate*, marcando a fronteira do norte de Israel com o reino de Hamate, ou seja, *Lebo* (Labweh), no vale libanês de Beqa', correndo entre os

²³⁹Bright, J., *A History of Israel*, London: SCM Press, ²1981, p. 238-248.

²⁴⁰Haran, M., 'The Rise and Decline of the Empire of Jeroboam ben Joash', VT n.º 17, 1967, p. 279; Wiseman, D. J., 'Jonah's Nineveh', TynB n.º 30, 1979, p. 46.

²⁴¹DOTT, p. 204-208; ANET, p. 321.

limites acima e abaixo do Líbano. Historicamente, esta foi a fronteira norte ideal de Israel (Nm 13.21), como no tempo de Davi e Salomão (1Rs 8.65). A fronteira sul era o *Mar* (rio) *de Arabá*. Se isto estiver identificado com o “rio dos Salgueiros” (“*rābīm*”, Is 15.7, rsv) ou com o Vale do Sal (cf. v. 7), então Jeroboão teria dominado Moabe e toda a extensão da Estrada do Rei.²⁴² Este sucesso é confirmado em Amós 6.13-14.

Esta expansão foi predita, e o profeta *Jonas* tido como o autor e encorajador da ação de Israel. Amós não é mencionado porque sua mensagem foi de crítica quanto ao estado espiritual da nação. “Jonas pertencia à tradição de Eliseu, diferentemente de Amós.”²⁴³ Ele também empreendeu uma missão estrangeira ao coração do território do inimigo próximo, a Assíria. Enquanto muitos negam que o livro sob seu nome tivesse sido escrito nesse período, há uma forte evidência de que os dias de Ashur-dan III formam o verdadeiro pano-de-fundo para o seu trabalho em Nínive.²⁴⁴ *Gate-Hefer* em Zebulom (Js 19.13), bem ao norte de Nazaré (em *ez-Zurra’* ou *al-Meshed*) era o local de nascimento de Jonas (conf. Jn 1.1).

26-27. Após o sofrimento causado por Aram (10.32-33; 13.3-7), Moabe (13.20), e Amom (Am 1.13). Deus agora ofereceu um período de graça a fim de dar oportunidade para o arrependimento. Veja em 13.23. A apostasia mantida estava levando ao inevitável julgamento final (Am 4.2; 6.14) e “Israel usou este período de trégua para tecer a corda com a qual logo iria se enforçar”.²⁴⁵

Os versículos 26 e 27 são a explicação do versículo 25.

28. Os *outros eventos* do longo reinado de Jeroboão e *tudo o que fez* inclui uma grande construção em Tirza, reparo da grande porta e do palácio local com grandes prédios de fundamentos de pedra. Em Megido, o grande poço para estocagem de grãos (7 m prof. por 11,4 m larg.), capaz de guardar 12.800 alqueires de grãos, é atribuído ao seu trabalho. Os sessenta e três élitros de Samaria, se datados de seu reino e não do reinado de Menaém, registram a prosperidade que permitiu importar azeite e vinho de estados reais vizinhos a fim de manter o alto imposto cobrado para esses e outros itens.

Deus se utiliza de diversas mãos a fim de trazer sua salvação, conforme 13.5. O hebraico de parte deste versículo, “A Judá, para Israel” (MT) leva a diversas interpretações. A autoridade de Jeroboão foi estendida a Hamate e Damasco, onde Acabe havia primeiro colocado um pequeno ponto econômico

²⁴²Aharoni, Y., *The land of the Bible: A Historical Geography*, London: Burns & Oates, 1979, p. 344; Oded, B., ‘The Historical Background of the Syro-Ephraimite War Reconsidered’, *CBQ* n.º 34, 1972, p. 158.

²⁴³Jones, p. 515.

²⁴⁴Wiseman, D. J., ‘Jonah’s Nineveh’, *TynB* n.º 30, 1979, p. 29-51; para uma análise das visões atuais, veja T. D. Alexander em *Obadiah, Jonah and Micah*, de D. W. Baker e outros, TOTC, Leicester: IVP, 1988, p. 77-81.

²⁴⁵Robinson, p. 133.

(1Rs 20.34). Ou esses “haviām pertencido a Judá” (RSV), ou, mais provável, haviām pertencido a *Yaudi* (como na NVI). Um estado *Y’dy* está descrito no texto aramaico Sam’al (Zenzirli), no qual há uma referência que alguns pensam ser “Azarias de Judá”, mas seria uma coincidência incomum haver dois governantes com o mesmo nome e território (*Azriyau* ^{mai} *Yaudaia*) ao mesmo tempo.²⁴⁶

29. A ascensão de *Zacarias* cumpre a profecia de que haveriam quatro gerações na linhagem de Jeú (10.30. Para o reino de Azarias de Judá, veja 15.8-12.

A história de Israel e Judá é recomeçada tendo o propósito teológico como base. Assim, para Azarias (Uzias), o maior rei de Judá após Davi, é dado um pequeno espaço para dizer que ele continuou a “fazer o certo” na tradição davídica. Este capítulo, sozinho, cobre aproximadamente cinquenta anos, nos quais são recapitulados dois reinados de Judá (790 — 732 a.C.) e cinco de Israel.

Por este tempo, deve-se supor que Judá compartilhava a prosperidade de Israel antes de a pressão assíria começar a ser sentida. O modelo de introdução com a avaliação do reino, breve comentário histórico e notas conclusivas no fim do reinado é mostrado para cada governante sucessivamente.

G. Azarias de Judá (15.1-7)

O cronista (2Cr 26) fornece dados importantes a respeito deste reinado.

1. A respeito da relação cronológica com Jeroboão, veja Introdução, página 31. Uma vez mais, o historiador fornece datas baseado no ano de ascensão, e o sincronismo pode ser mais bem explicado ao tomarmos Azarias como coregente com seu pai, Amazias, por vinte e quatro anos, sinalizando assim o ano que ele *começou* seu próprio reinado como 767 a.C. O número oficial de anos deve ser cada um contado como ano de reinado, ou seja, ele havia sido coregente de 791/0-767 a.C. De forma igual, Jotão seria regente durante parte desse reinado (15.33; 750-740 a.C.).

Azarias (“Yah(weh) é o meu auxílio”) é improvável que seja um nome real. Seu outro nome, Uzias, é frequentemente empregado para nomeá-lo aqui em Reis (v. 13, 30, 32, 34), no restante do Antigo Testamento (exceto 1Cr 3.12) e no Novo Testamento (Mt 1.8-9), incluindo os profetas (Is 1.1; 6.1; 7.1; Os 1.1; Am 1.1; Zc 14.5). Uzias (“minha força é Yah(weh)”) é uma variação conhecida de nome de pessoa (p. ex. Azare-el — Uzi-el, 1Cr 25.4, 18).

3-5. Como de costume, quando ocorre uma avaliação favorável (*fez o que era correto aos olhos do SENHOR*), são fornecidas algumas manifestações das qualidades. O cronista adiciona algumas deficiências à esse desfecho, pois não removeu os altos (sobre isso, veja 1Rs 3.2-4). A doença de Azarias foi tida como imposta por Deus, assim como eram vistas as enfermidades nos tempos bíblicos. A “terrível doença na pele” (GNB), ou *lepra* (AV, NVI; veja em 2Rs 5.3) foi um

²⁴⁶Tadmor, H., ‘Azriyau of Yaudi’, *Scripta Hierosolymitana* n.º 8. Jerusalem: Magnes Press, 1961, p. 232-271.

castigo por ter, contra a lei, usurpado a função sacerdotal ao queimar incenso no altar do templo (2Cr 26.16-21; cf. Lv 13.46). Uma vez que, assim, não podia mais exercer suas funções reais publicamente, “viveu em uma casa sozinho, aliviado de todos os seus afazeres” (GNB). *Casa separada* (RSV, NVI) é uma palavra (heb. *bēt haḥopsît*) de difícil interpretação; na verdade, o grego apenas translitera o termo. A palavra pode estar relacionada à “liberdade” da escravidão (Ex 21.3, 5; Dt 15.21; Jr 34.9-11, como no ugar. *hpt*; acad. *hupsu*), ou aos impostos e obrigações civis (1Sm 17.25). Não há evidências da ligação deste termo com palavras que descrevam lugar de isolamento (BJ “ele viveu confinado ao seu quarto”). Porém, provavelmente ele tenha vivido como um rei “livre vivendo em casa”. Uma pequena e bela construção real, à sudoeste de Jerusalém, em Ramate Rahel, é tida por Aharoni, seu escavador, como o local em que este rei viveu. Outras construções parecidas com esta, também feitas de pedras, são conhecidas nos primeiros períodos em Samaria e Megido.

Na ausência de Uzias, seu filho Jotão serviu tanto como principal administrador do palácio (“ele que está dirigindo a casa”, veja 1Rs 4.6) como governador *do povo e da terra*. Estas últimas características denotam sua posição como chefe do judiciário e principal conselheiro, ou responsável por toda a administração.²⁴⁷

6. Os outros acontecimentos e feitos de Azarias podem ser retiradas de 2Crônicas 26.6-15. Ele guerreou sucessivamente contra os filisteus, controlou os árabes na Transjordânia e recebeu tributos dos amonitas. A fama do seu nome ia da fronteira do Egito até ao controle do Neguebe, ao estabelecer uma série de “torres de vigia no deserto”, uma das quais estava em Qumran, sobre a qual foi levantado mais tarde um povoado.²⁴⁸ Elate foi reconstruída e Ezion Geber foi ampliada nesse período que, diante das boas relações com os árabes, viu um aumento no comércio. Jerusalém foi fortificada e ganhou um moderno aparato de defesa com o exército reorganizado e reequipado. Economicamente, tudo ia bem. Porém, quando Uzias tornou-se famoso e muito poderoso, seu orgulho o levou à infidelidade e à queda (2Cr 26.9, 15-16). Agora, no tempo de sua morte, o Senhor chama Isaías para que tenha uma visão inicial ou nova de si próprio (Is 6.1; Jo 12.41).

7. Não há disparidade no relato do sepultamento com 2Crônicas 26.23, que se refere ao local de descanso com seus pais como um *lugar de sepultamentos* pertencente aos reis. Já que era um leproso, não foi enterrado no mausoléu real, mas *próximo a eles* na Cidade de Davi. Uma inscrição aramaica datada do primeiro século a.C. registra que ele foi depois de novo enterrado — “aqui trouxemos

²⁴⁷Leia Reviv, H., ‘The Structure of Society’. *WHJP* V, p. 144.

²⁴⁸de Vaux, R., ‘Installation Israélite. Fouilles de Khirbet Qumran’, *RB* n.º 63, 1956. p. 535-537.

os ossos de Uzias — não abram”.²⁴⁹ A respeito do reino de Jotão, veja versículos 32-38.

H. Zacarias de Israel (15.8-12)

A morte deste último rei da dinastia de Jeú (v. 12), testemunhou o fim, propriamente dito, do reinado do norte. Durante os últimos vinte anos, seis regentes seguiram um ao outro, porém apenas um morreria de forma natural. Anarquia, rivalidade e regicídio levaram a um derramamento de sangue sem fim, cumprindo assim as profecias de Oséias (1.4). A costumeira introdução (v. 8), avaliação negativa do reino (v. 9) são seguidas de detalhes do assassinato (v. 10), que fizeram com que detalhes da fórmula normal para a conclusão, por exemplo, sepultamento, se tornassem inaplicáveis aqui.

8. A aparente divergência com 14.23 e 15.1 pode ser explicada se (i) a coregência de Azarias com seu pai for admitida, e (ii) os *seis meses* de Zacarias tiverem feito a ponte entre dois anos (753-752 a.C.), conforme 1Reis 22.51.

9. Sobre os *pecados de Jeroboão* “que levaram Israel ao pecado” (NEB, levando a partícula relativa à Jeroboão, em vez de ao pecado, como RSV), veja em 1Reis 12.26-33; 13.33-34.

10. *Salum, filho de Jabes*, pode ser entendido como “um homem de Jabes”. Geralmente, o local de uma conspiração é fornecido (v. 25, cf. 1Rs 15.27), mas não invariavelmente (v. 30). Assim, a versão da NIV *em frente ao povo* (*qābāl ‘ām*, cf. NRSV “em público”), embora tendo uma forma gramatical incomum, pode ser possível. Há pouco apoio (LXX(L)) para a leitura diferente (RSV) “em Ibleão” (heb. *b’yibl’ ‘ām*), embora agrade, uma vez que foi lá que a dinastia de Jeú começou com um assassinato (2Rs 9.27).

12. Para o cumprimento da promessa de Deus, veja 2Reis 10.30.

I. Salum de Israel (15.13-16)

O breve reino desse usurpador durou um mês, até ser assassinado por facções rivais, em luta pelo trono. Não são fornecidos detalhes se o assassinato foi motivado pelo ressurgimento de velhas facções rivais ou se foi um protesto contra um possível restabelecimento dos princípios hereditários de sucessão.

13. Sobre *Uzias* (Azarias), veja versículo 2. *Um mês*, no hebraico “um mês de dias”, possivelmente corresponda a um mês inteiro.

14. *Menaém* (“confortador”) pode ter sido um comandante de guarnição em *Tirza*, capital de Israel antes da fundação de Samaria (1Rs 14.17; 15.21, 33). Para o seu reinado, veja versículos 17-22. *Filho de Gadi* é um nome que significa “minha sorte” (cf. Gadiyahu), em vez de estar relacionado à tribo de Gade. Não

²⁴⁹Sukenik, E. L., ‘Funerary Tablets of Uzziah, King of Judah’, *PEQ* n.º 63, 1931, p. 217-220; *IBD*, p. 1615.

há referência à Salum como “o filho de ninguém” nos anais assírios, como fazem crer alguns comentaristas (Jones, Gray).

16. *Naquela ocasião* (heb. 'āz, “então”) introduz dados adicionais a uma crônica. A ação de Menaém (para seu reinado, v. versículos 17-22 a seguir) contra os habitantes de Tifsa não encontra paralelo em brutalidade para um israelita. Aqui, talvez esteja marcada a influência crescente das nações ao redor (cf. 2Rs 21.2, 6). Foi uma prática estrangeira imposta por Aram aos próprios israelitas (2Rs 8.12): Amom (Am 1.13) e Assíria (Os 13.8). Alguns vêem isso possível se *Tifsa* (MT, NIV) for identificada com a longínqua Thapsacus na margem oeste do rio Eufrates. Esse importante “lugar de passagem” (heb. *tipsah*) ficava nos limites do reino de Salomão (1Rs 4.24). Embora a situação política possa permitir a sua localização ali, não há outra evidência de uma incursão israelita tão distante ao norte. Por essa razão, alguns seguem uma rara tradução grega aqui de “Tapua” (RSV; LXX(L)). Esta ficava na fronteira de Efraim (Js 17.8), sul de Shechem e próximo a Tirza, na atual Sheikh Abu Zarad. Se aceita, esta leitura implica uma intensa disputa pelo trono. Outros entendem que deva ser um lugar desconhecido, cujos habitantes toleraram Salum (cf. BJ “Tapua”).

J. Menaém de Israel (15.17-22)

Menaém assumiu bem antes de Tiglate-Pileser III da Assíria (745-727 a.C.) ter recommçado as operações no oeste, numa série de campanhas de 743 a.C. em diante, que culminaram no primeiro grande contato direto com Israel. A política assíria era inicialmente deixar em suas fronteiras um estado independente, embora requisitasse um polpudo pagamento anual por esse privilégio. Depois disso, este estado seria transformado em súdito, o que implicava na presença de um oficial assírio na corte, como um cão de guarda atento aos movimentos do rei. Este procedimento deixava o rei local no trono, mas, no caso de alguma violação, os assírios invadiriam, extorquindo pagamentos especiais, e aumentariam os tributos anuais. Por fim, Tiglate-Pileser, o reorganizador de toda a administração, e seus sucessores, subdividiram a região siro-palestina em províncias assírias, sob responsabilidade direta da capital assíria. Menaém manteve sua posição através de métodos ríspidos (v. 16) até que, próximo ao fim de seu reinado (752-752/1 a.C.), Tiglate-Pileser (Pul) fez uma aproximação e recebeu pelo apoio à Menaém. Isto formou a maior parte das entradas nos anais, registrando a vida desse rei de Israel (v. 18-20), os detalhes introdutórios (v. 17-18) e conclusivos (v. 21-22), seguindo o formato usual do historiador.

17. O nome Menaém aparece em anais assírios (*me-ni-hi-im-me^asa-me-ri-na-a*).²⁵⁰ Eles estavam cientes de que ele não estava relacionado à nenhuma

²⁵⁰Anais de Tiglath-Pileser III, p.150; *ANET*, p. 282-284; *DOTT*, p. 54, 57. O nome *mnhm* também é encontrado em um pedaço de cerâmica de Nimrode c.700 a.C. (Segal. J. B., ‘An Aramaic ostrakon from Nimrud’, *Iraq* n.º 19, 1957, p. 140).

dinastia (ou seja, que ele não era da dinastia da “casa de Onri”, Bit-Humri). O nome ocorre numa lista mista de pagadores de tributo entre 743 e 738 a.C. Entre 745 e 740 os assírios marcharam anualmente em direção oeste até Arpad, a fim de receber tributos, e esse fato recai já nesse período.²⁵¹

19-20. *Pul* (assír. *Pulu*) é o nome pessoal que Tiglate-Pileser usou em 729 a.C. ao assumir o trono da Babilônia.

Ele ocorre também em 1 Crônicas 5.26, conforme Poros no Cânon de Ptolomeu. *Mil talentos de prata* representa três milhões de shkalim, cerca de trinta e sete toneladas ou “trinta e quatro mil quilogramas” (GNB). À *cinquenta ciclos* a cabeça, que era, na época, o preço de um escravo na Assíria,²⁵² seriam necessários sessenta mil pagadores para que se livrassem (fossem compensados) pelo trato. O valor era exato, o dinheiro, vindo das classes principais (*gibbôrê hahayil*), que deveriam, de outra forma, fornecer homens para a guerra. “todo o homem de qualidade” (BJ) é menos interpretativo do que *abastado* ou “homem rico” (GNB). Os valores pagos pelos indivíduos não deveriam ser excessivamente opressivos. Sem dúvida que esta arrecadação permitiu que Menaém designasse seu filho Pecaías como sucessor, pois o medo de um retorno assírio frustraria qualquer tentativa de rebelião.

K. Pecaías de Israel (15.23-26)

O historiador registra desse curto reinado, os dados introdutórios (v. 23-24) e conclusivos (v. 26), com um relato da conspiração (v. 25) que levou ao seu sucessor Peca. Pecaías, ao que parece, seguiu a política pró-Assíria que resultou na derrubada de seu pai.

O dado cronológico, *quinquagésimo ano de Azarias*, mostra-se coerente dentro do capítulo (v. 8, 13, 17, 17). *Pecaías* (“Yah[weh] abriu [os olhos/o ventre]”) é um nome que ocorre em um selo palestino (*pkhy*).²⁵³ Seu assassinato pode ter sido seu comandante supremo (heb. *sālīs* “terceiro homem”, para *comandante chefe* veja 1Rs 9.22). Alguns o imaginam líder de uma facção gileadita que era contrária a Pecaías como representante da hereditariedade monárquica.

O local do assassinato é desconhecido. *Argobe* e *Arié* poderiam ser nomes pessoais, como na NVI, nomes de grupamentos militares ou mesmo nomes de lugares²⁵⁴ (cf. 1Rs 4.13; Dt 3.4); a rsv omite, fazendo com que sejam deslocados do versículo 29. Uma sugestão possível é que esses nomes se refiram às

²⁵¹Para um outro pilar originário do Irã, com diversos nomes de pagadores de impostos, entre os quais está listado o nome de Menaém, leia Levine, D., ‘Menahem and Tiglath-pileser: A New Synchronism’, *BASOR* n.º 206, 1972, p. 40-42; Thiele, E. R., *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, Grand Rapids: Zondervan, ¹1983, p. 126-128.

²⁵²Wiseman, D. J., ‘The Nimrud Tablets, 1953’, *Iraq* n.º 14, 1952, p. 135 n. 1.

²⁵³Diringer, D., *Le iscrizioni antico-ebraiche palestinesi*, Firenze Università degli studi di Firenze 1934. p. 353.

²⁵⁴Yeivin, S., ‘The Divided Kingdom’, *WHJP* IV. 1, p. 174.

figuras de uma águia (*rgb*) e um leão (*ryh*) existentes no caminho de entrada. Senaqueribe foi morto entre figuras protetoras, segundo relatos de Assurbanipal.²⁵⁵ Aqui, tal detalhe se mostraria incomum.

L. Peca de Israel (15.27-31)

A introdução e a avaliação do reino como tendo sido mau (v. 27-28) é seguido de resumos históricos relatando a primeira invasão assíria em Israel e a primeira deportação para o exílio (v. 29). Segue-se então a conspiração de Ozéias e o assassinato de Pecaías (v. 30) e o formato conclusivo usual (v. 31).

O diversificado ambiente é importante. A postura anti-Assíria de Peca, levou Tiglate-Pileser da Assíria, em 734 a.C., a marchar até Gaza a fim de aniquilar a esperança pela ajuda egípcia (como mais tarde 2Rs 17.4; cf. Os 7.11; 12.1). seu rei, Hanunu, escondeu-se um tempo no Egito, e os assírios mantiveram controle da rota costeira, ao estabelecerem uma província, *Du'ru* (Dor), a fim de vigiar a região da Filístia-Sarom. Em 733/32, os assírios conquistaram Gal'za, Abilakka, próximo à Samaria (*Bît-Humria*) e a vasta região de Damasco (*Bît-Haza'ili*) em toda a sua extensão. "Anexei estes à Assíria e nomeei meus próprios oficiais como seus governadores" (anais assírios).²⁵⁶ Textos cuneiformes mostram como a Assíria devastou o norte da Galiléia (v. 29) e incorporou este território ao seu sistema de províncias (com *Magiddu* = Megido como centro), assim como Gileade (*Gal'za*). Este era para ser o começo da eliminação de Israel como estado independente. A invasão assíria pode ter sido o resultado da petição feita a eles por Acáz ou Juda (v. 16.7).

27. *Quinquagésimo segundo ano de Azarias* é consistente com o versículo 23; 15.8. os textos hebraicos omitem *e ele reinou*, mas isso pode ser suprido com base no formato habitual. *Vinte anos* de reinado é sempre tido como impossível, ao se comparar com os registros assírios.²⁵⁷ Esta perspectiva é, contudo, geralmente baseada numa suposta datação posterior (738 a.C.) para o tributo de Menaém, que se sabe agora ser 743 a.C. (cf. v. 17). A solução, em vez de se apagar o *vinete* aqui e no versículo 30 sem o apoio de manuscritos, é entender que os primeiros vinte anos de Peca tenham sobrepostos tanto Menaém por dez anos quanto Pecaías por dois anos, e que estes anos não foram contados. O "reinado" de Peca, então, seria de 752 a.C., com o correspondente exclusivamente ao seu reino começando em 740. Sob este aspecto, Peca deve ter sido um

²⁵⁵Geller, M. J., 'A New Translation For 2 Kings XV. 25', *VT* n.º 26, 1976, p. 374-377.

²⁵⁶*ANET*, p. 272, 283; Wiseman, D. J., 'Two Historical Inscriptions from Nimrud', *Iraq* n.º 13, 1951, p. 21-24; 'A Fragmentary inscription of Tiglath-pileser III for Nimrud', *Iraq* n.º 18, 1956, p. 117-129.

²⁵⁷Jones, p. 528; Reade, J., 'Mesopotamian Guidelines for Biblical Chronology', *Syro-Mesopotamian Studies* 4/1, 1981, p. 5-6; A idéia de Thiele de que Peca iniciou seu reino em Gileade quando Menaém governava a Samaria, tomando posteriormente o controle de todo o reino, não possui fundamentos claros.

antagonista a esses dois reinos seus contemporâneos que foram sobrepostos; mais até do que foram Zinri, Tibni e Onri (1Rs 16.15-24).

29. Tiglate-Pileser; conforme 16.7, 10 (mais corretamente anglicizado como Tiglatel-pileser, cf. assír. *Tukulti-apil-esar(ra)*) com o Tiglate-Pilneser de 1 Crônicas 5.6, (26); 2Crônicas 28.20 explicável como variações internas hebraicas.²⁵⁸ A respeito do ambiente histórico, veja a seguir. *Ijon* (Tell ed-Dibbin), *Abel Beth Maacah* (T. Avel Bet Maakha), quatorze quilômetros ao sul, e *Hazor* (T. el Qedah), era uma linha de cidades fortificadas, numa estrada direta para o sul, na direção de Israel. Estas cidades foram tomadas pelos arameus em resposta a um antigo pedido de ajuda por parte de Judá (1Rs 15.19-20). Em Hazor, uma camada da escavação (VA) revelou uma cerâmica com as inscrições *lpqh smdr* (“para Peca, semader [-oil]”, *IBD*, p. 1181). Os assírios rumaram para oeste, vale acima, na direção de *Kedesh* (Abu Qedes, próximo a Megido, em vez de Tell Qades, a noroeste do lago Huleh), e para *Janoah* (Yahuh, nordeste de Acco), assim, impossibilitando que o norte de Israel pudesse obter uma possível ajuda dos arameus. Dessa forma, toda a *Galiléia* e Gileade estavam agora perdidas, e Israel pressionada a retornar para a região das colinas de “Efraim”.

Deportou o povo. Esta primeira referência à prática de remoção dos líderes e habilidosos selecionados ao exílio mostra que o próximo passo agora havia sido dado com o objetivo de tornar Israel um estado subordinado. Algumas reações provocaram o assírio Tiglate-Pileser, que registra “De Israel (Bit-Humria) [...] retirei seus habitantes e propriedades para a Assíria” (anais assírios). A deportação serviu como castigo aos rebeldes, enfraquecendo possíveis centros de resistência, bem como advertência de futuro exílio para os transgressores obstinados.²⁵⁹ Pagava-se com punição a tudo que estivesse em desacordo com um pacto/tratado feito com os assírios ou babilônios.

30. Oséias (“Salvador”) também recebe registro nos anais de Tiglate-Pileser: “eles derrotaram Peca (*pa-qa-ha*), seu rei. Assim, estabeleci Oséias (*a-ú-si-i*) como rei sobre eles”. Recebi deles um tributo de 10 talentos de ouro e 1.000 (?) talentos de prata, trazendo tudo para a Assíria”.²⁶⁰ Enquanto Reis subentende uma revolução popular, o cronista do rei assírio enfatiza sua influência na mudança.

31. Outros eventos incluem o ataque de Peca a Jerusalém (v. 37); 16.5-9; Is 7.1).

M. Jotão de Judá (15.32-38)

Conforme 2Crônicas 27.1-9. Após as rápidas mudanças no reino do norte, a cena retorna para o filho de Uzias, Jotão, que já foi muito efetivo nas obriga-

²⁵⁸Millard, A. R., ‘Assyrian Royal Names in Biblical Hebrew’, *JSS* n.º 21, 1976, p. 7

²⁵⁹Oded, B., *Mass Deportation and Deportees in the Neo-Assyrian Empire*, Wiesbaden: Reichart, 1979, p. 41-59.

²⁶⁰*ANET*, p. 284.

ções do estado durante o reinado e doença de seu pai (v. 5). A forma usual para a introdução (v. 32-33) e avaliação de um respeitado monarca de Judá (*fez o que era reto*, v. 34) é obliterada pelas exceções em um viver quase totalmente idôneo, também experimentado por seus antepassados (v. 35, cf. v. 3; 2Cr 27.2). O único acontecimento notabilizado por seu reino foi a reconstrução de uma porta do templo (v. 35). A fórmula de encerramento (v. 36-38) é interrompida por uma nota retrospectiva acerca das incursões Aram-Israel (siro-efraimita) em Judá (v. 37). Também, conforme mostra Crônicas, Jotão esforçou-se para defender seu pequeno território, e sua força crescente foi atribuída a um modo de vida firme diante de Deus. O compilador de Reis surpreendentemente não menciona este fato ou sua conquista de Amom, de onde recebeu um grande tributo por três anos.

32-33. *Jotão* (“Yah[weh] é perfeito”), começou seu reino durante o segundo ano do reinado de Peca, após dez anos de co-regência, incluídos nos seus dezesseis *anos* de reinado. O local de origem de sua mãe pode ter sido omitido na suposição de que o título sacerdotal de Zadoque já lembrava Jerusalém. 2Crônicas 27.1 interpreta o nome como Jerusa. Um selo de Jotão, encontrado em Elate (Ezion Geber), mostra um par de foles, denotando a importância da indústria do cobre na Arabá por aqueles tempos (Cf. 14.22).

35. A reconstruída *Porta de Cima* era, provavelmente, a Porta de Benjamim, a nordeste da área do templo (Zc 14.10), ou seja, a porta superior de Benjamim de Jeremias 20.2, voltada para o norte (Ez 9.2). O cronista agrega outros trabalhos de reconstrução em um extenso muro na colina de Ophel e em cidades nas colinas de Judá, com fortes e postos de observação nas regiões florestais como parte das medidas defensivas anti-Síria/Efraim, agora necessárias.

37. Os movimentos iniciais de Rezin e Peca contra Judá são mencionados a fim de explicar o versículo 35. O total das hostilidades não chegariam, senão nos dias de Acáz (16.5-12), mas Jotão, cômico do impacto do ataque sobre Jerusalém ocorrido na época de seu pai (14.31), não quis se arriscar. *Rezin* foi o último rei de Aram-Damasco, e é mencionado nos anais assírios e em Isaías (7.1-8; 8.6; 9.11). A variação Rezon (1Rs 22.23-25) foi empregada para subentender que este era um título (cf. *rôzēn*, “soberano”), adotado por mais de um rei de Aram. Tiglate-Pileser III, 738 a.C., registra o nome *Ra-hi-ia-nu* (Rahyān, Razyōn, isto é, Rezōn, outrora lido erroneamente como *Ra-sun-nu*), numa lista lida perante Menaém de Samaria, como alguém trazendo tributo ao rei.²⁶¹

N. Acáz de Judá (16.1-20)

Conforme 2Crônicas 28.1-27. A história move-se adiante para o fim do reinado do norte, mas com ênfase na idolatria e apostasia do rei de Judá, que

²⁶¹Anais de Tiglath-pileser III. Para uma leitura correta desse nome, leia Landsberger, B., *Sam'al*, Veröffentlichungen der Türkischen Historischen Gesellschaft VII/16, Ankara, 1948, p. 66. n. 169; Weippert, M., ‘Menahem von Israel Und seine Zeitgenossen in einer Steleninschrift des assyrischen Königs Tiglath-pileser III aus dem Iran’, *ZDPV* n.º 89, 1973, p. 26-53.

estava empenhado em fazer concessões, na crença errônea de que isso iria produzir unidade nacional diante da adversidade. O historiador nem mesmo confere à Acaz a aprovação qualificada obtida por Amazias (14.3), Azarias (15.3) ou Jotão (15.34). Hoje, muitos vêem Acaz como fraco em vez de mau, mas o historiador de Reis não faz distinção. O cronista imprime ênfase ao registro da apostasia de Acaz.

O cenário político mostra a crescente intervenção assíria nas questões palestinas. Em 734 — 732 a.C., Peca e Rezin devem ter se aproximado de Acaz para se unirem antes dele se tornar o único monarca em Judá, após Tiglate-Pileser da Assíria ter feito campanha em direção sul até o limiar da fronteira com o Egito (*Nahalmusur*; Wadi el-‘Arish). Circunstâncias externas levaram Acaz a confiar na ajuda Assíria, contra a recomendação de Isaías (1.1-7).

A introdução (v. 1-4), é seguida por duas entradas: uma, a respeito da guerra Aram-Israel (frequentemente chamada siro-efrainita), à qual levou ao ataque sobre Jerusalém e à aliança de Judá com a Assíria (v. 5-9); a outra, a respeito das mudanças do mobiliário do templo, que, tanto eram originárias da ambição pessoal, quanto às inclinações para um culto sincretista, que estava levando à queda e ao exílio de Israel. A fórmula de conclusão de reinado é fornecida nos versículos 19-20.

i. Resumo do reinado (16.1-4). 1-2. *O Décimo sétimo ano* de Peca, como correlação, considera este período de reinado do monarca como exclusivamente dele (sem co-regencia) (15.27-31), e data o reinado de Acaz de 744/43 a.C., quando ele era o co-regente mais velho com Jotão, e monarca único após a morte do mesmo em 732 a.C..²⁶²

Acaz, como nome pessoal, também é visto em um selo: “Ashna, oficial de Acaz”.²⁶³ E a abreviação do nome Jeoacaz (13.1), escrito pelos assírios como *Ya-ú-ha-zi* ^{mar} *Ya-ú-da-aia* numa lista de reis vinda da Cilícia para Gaza, que pagava tributo para a Assíria em cerca de 732 a.C..²⁶⁴ A cronologia aqui é difícil e pode ser presumido que *vinete anos* era sua idade quando começou a reinar como co-regente com Jotão em 735 a.C., e deveria estar com cerca de quatorze quando Ezequias nasceu. Não há, portanto, necessidade de ler “vinete e cinco” como na *Septuaginta* (sir.), em 2Crônicas 28.1. Os *dezesesseis anos* de reino seriam após a morte de Jotão (v. 15.30). A omissão do nome de um rei de Judá é incomum. A única avaliação de seu reino e caráter é: *ele não fez o que era reto*. Pode ser vista como uma avaliação pesarosa, a qual implica que faltaram poucos passos para

²⁶²Stigers, H. G., ‘The Interphased Chronology of Jotham, Ahaz, Hezekiah and Hoshea’, *Bulletin of the Evangelical Theological Society* n.º 9, 1966, p. 81-90.

²⁶³Torrey, C. A., ‘A Hebrew Seal from the Reign of Ahaz’, *BASOR* n.º 1940, p. 27; mas para uma visão contrária a essa interpretação, leia Plataroti, D., ‘Zum Gebrauch des Wortes *mlk* im Alten Testament’, *VT* n.º 48, 1978, p. 266-300.

²⁶⁴*ANET*, p. 282; *DOTT*, p. 56-57.

que fosse classificado como mau. Por outro lado, somente Manassés receberia uma avaliação mais severa do que Acaz.

3-4. Este é o primeiro exemplo onde Judá imita a apostasia de Israel (cf. 17.17), e isto influenciaria Manassés (21.6; 23.10). Ele até “chegou a queimar seu filho” (AV, tb. heb.) tem sido interpretado como *sacrificou* (NIV) ou como uma oferenda no fogo (RSV) — um ato desesperado diante da derrota (3.27), contrário à lei mosaica que exigia a libertação do primogênito (Lf 18.21; Dt 18.10). Porém, se tomarmos como um sacrifício de criança, o que é escassamente confirmado até mais tarde, essa visão deve estar fundamentada na interpretação do juramento feito em Juizes 11.31. Pode ter existido uma prática cananéia na qual dedicava-se ou iniciava-se um filho para o deus Moloque num culto com fogo (v. 1Rs 11.7), que se diferencia de um sacrifício de crianças, não praticado na Assíria.²⁶⁵ Os altos agora tanto eram usados para o culto a Javé quanto a outros deuses, e *toda a árvore frondosa* denota a difusão de rituais imorais praticados aqui e em Israel (v. 1Rs 14.23).

ii. O ataque siro-efraimita (16.5-6). Isto aconteceu após a pressão sobre Jotão (15.37) naquele ataque direto. Não há evidências de que isto ocorreu a fim de levar Acaz a aceitar uma coalizão anti-Assíria. O plano era depor Acaz e pôr Tabeal no trono (Is 7.6), em vez de simplesmente angariar expansão para o território israelita.²⁶⁶ Também, falharam em subjugar-lo ou “trazê-lo para guerrear” (NEB), ou houve alguma intervenção divina (MT “estavam impossibilitados de lutar”), significando que Acaz e seus homens não ofereceram resistência e assim, mais tarde, caíram nas mãos sírias (2Cr 28.5). Judá sofreu muitas perdas, enquanto Acaz resistia aos ataques (Is 7.3), mas em seguida, pediria por socorro. A afirmativa de que *Rezim [...] restituiu Elate para Aram* (MT, NIV) tem sido rejeitada com base geográfica, e Aram (‘*rm*) tem sido tomada pela RSV, NEB como um erro para Edom (‘*dm* como em 1Rs 9.26; 22.48). Todavia, a afirmação de que os *edomitas* entraram então na cidade (AV troca também para “sírios”!), torna a ocupação temporária pelos arameus uma possibilidade.

iii. O apelo à Assíria (16.7-9). O uso de cartas através de mensageiros para negociações está bem testemunhada na diplomacia assíria. O discurso “Eu sou teu servo e teu filho” coloca claramente Acaz como servo suplicante e mostra que sua confiança estava na Assíria, em vez de firmada no Senhor, contra

²⁶⁵Mc Kay, A. J., *Religion in Judah under the Assyrians, 732-609 a.C.*, Society for Biblical Theology n.º 26, 1973, p. 39-41; Cogan, M., *Imperialism and Religion: Assyria, Judah and Israel in the Eighth and Seventh Centuries BCE*, Missoula, Montana: SBL, 1974, p. 77-83.

²⁶⁶Como vemos em Oded, B., ‘The Historical Background of the Syro-Ephraimite War Reconsidered’, *CBQ* n.º 34, 1972, p. 153-165.

os conselhos de Isaías (7.10-16; cf. Ex 23.22). Nesse período, Judá, cujos habitantes são aqui pela primeira vez chamados homens de Judá, ou “judeus” (AV), era, com poucas exceções, subserviente à Assíria. De acordo com tratados assírios sobre escravos, o servo poderia contar com ajuda diante de quaisquer inimigos de seu senhor, caso esse fosse atacado. O cronoísta completa que, durante este período, Edom e Filístia estavam atacando Judá (2Cr 28.20-21) e vê esta missão à Assíria como a “mais infiel ao Senhor”, e “promotora da perversidade em Judá”. A intervenção foi comprada por um alto preço. O templo e as reservas do tesouro foram exauridos (cf. 12.18; 14.14) a fim de prover um “suborno” (tb. NEB, *sōhad*), aceito pelos assírios como tributo (cf. v. 1).

A captura e o confisco de Damasco por Tiglate-Pileser também está registrado em seus anais, datados de 733-732 a.C., que se refere à cidade como “a casa de Hazael (*Haza'ili*). A deportação era muito utilizada pelos assírios neste período, a fim de suprimir hostilidades (v. 15.29). O retorno a *Kir* no Elão (Is 22.5-6) é considerado como cumprimento profético (Am 1.5; 9.7). Não existe base para a identificação de Gray em relação a *qir* (“a cidade”), como Nínive.

iv. Acáz faz inovações no templo (16.10-18). Este pode ter vindo de registros antigos do templo (v. as referências a *rei acáz*). Reis vassalos se encontravam em Damasco para levarem tributo ao opressor assírio. O nome de “(Jeo)acáz de Judá” é mencionado, juntamente aos dos governantes de Amom, Moabe, Asquelom, Edom e Gaza, como aqueles que levaram seus presentes em 734 a.C.²⁶⁷ Panamuwa de Sam'al é mencionado neste mesmo encontro, de acordo com a estela de seu filho Bar-Rekub.

Tem-se questionado se o altar representou a nova posição de Judá, pois não há evidência da imposição de tais símbolos ao templo nacional de alguma nação subjugada, ainda que se possa encontrar uma estela assíria ou alguma figura real colocada lá. Talvez fosse esperada uma reação de crítica por parte do historiador, contra tão devastador afastamento público dos ritos a Javé. Outros interpretam como uma preferência estética pelo formato siro-fenício ou arameu (2Cr 28.23), reutilizado para o culto a Javé. De qualquer forma, isto significou uma mudança drástica no cerimonial, em vez de ter enfatizado a subordinação de Judá a um poder político superior. O motivo da mudança de posição, ao se substituir o novo altar de pedra (?), colocado sobre degraus (v. 12, “levantou” cf. NVI, *se aproximou*) pelo altar de bronze salomônico original, não é claro.

Ao que tudo indica, Acáz permaneceu em Damasco o tempo suficiente para que o altar ficasse pronto. Fez, então, como fizera Salomão na dedicação do templo (1Rs 8.62-64), oferecendo uma grande variedade de sacrifícios.

O versículo 13 é o *locus classicus* para esta cerimônia: o *holocausto queimado* (*ōlā*) sendo totalmente consumido, e sua oferta de grãos ou “cereais”

²⁶⁷ DOTT, p. 56-57 (*Ya-ú-há-zi (mat) Ya-ú-da-a-a*)

(*minhã*), e a libação ou *oferta de bebidas (neseḱ)*, aspergindo óleo e vinho (produtos da terra) sobre tudo (Nm 15.5.12). O clímax foi a oferta (*šlāmîm*) “pacífica” (contra BJ, “sacrifício”, comunhão ou *companheirismo*), compartilhada com o sacerdote e demais adoradores. Acáz, agindo como sacerdote, consagrou seu novo altar para propósitos que podem ser questionados como essencialmente corretos, mas de uma maneira não comandada por Deus. O resultado foi o fechamento temporário do templo, seguindo-se a instituição de um novo cerimonial (2Cr 28.24). Esse novo ritual manteve os sacrifícios básicos (v. 15-16) das ofertas permanentes da *manhã* e da *tarde* (Ex 29.38-42; Nm 28.2-8); a instituição de ofertas reais especiais (apenas conhecidas nas práticas sabáticas e festivas posteriores, Ez 46.12), e oferendas públicas. Tudo isso bem pode representar a insinuação de uma prática que tenta ser “todas as coisas para todos os povos” e deidades.

15. O uso de *altar de bronze para buscar direcionamento* ou “meio de consulta” (RSV) não é claro, assim como não há nenhum comentário depreciativo a respeito. O hebraico *baqqqr* significa “examinar para procurar imperfeições”, e a tradição judaica interpreta o termo como a forma adequada de examinar os animais do sacrifício. Contudo, é um termo incomum utilizado para indicar o exame feito nas entranhas de animais com propósitos de presságio, uma prática condenada por Deuteronômio 18.10-12. Outros interpretam o uso desse altar como de uso pessoal exclusivo do rei (“quanto ao altar de bronze, eu cuidarei a respeito” BJ).

17. Acáz precisava de metal precioso para reabastecer suas finanças e, talvez, para um futuro tributo anual. Dessa forma, ele retirou os *painéis laterais*, “bordas” (NASB) ou “armações” (RSV) de dez bacias móveis (cf. 1Rs 7.27-33), e substituiu o grande vaso com base de bronze contendo o grande “Mar” por uma pedra (cf. 1Rs 7.23-25). Tudo isso para retirar o metal que, inicialmente, estava consagrado unicamente ao culto e à glória de Deus.

18. Outras mudanças na construção do templo são difíceis de interpretar. “A estrutura” (neb), “cobertura/fundação” (*Septuaginta*; heb. *mûsak*), pode ter sido “um caminho coberto” (usado) “para o Sábado” (RSV, seguindo os intérpretes judeus; cf. NIV *abrigo sabático*). Alguns acham que esta pode ter sido uma colunata coberta usada pelos sacerdotes. O corredor privativo real que ia do palácio até o exterior (*h’hîsônâ*), aparentemente foi mudado em volta (MT *hesēb*; RSV muda para “removido”, *hêsîr*). Relata-se que todas estas mudanças foram executadas “diante da face do rei da Assíria” (MT), talvez “por causa” (RSV) da instalação de uma estátua real estrangeira. A maioria interpreta esta ação como tendo sido executada por algum vassalo *em defesa* do rei da Assíria, mas esta não é a única interpretação possível.

v. Fórmula de conclusão do reinado de Acáz (16.19-20). Para o reino de Ezequias, veja 18.11-20; 21.

O. Oséias e a queda de Israel (17.1-41)

O historiador recapitula o reino de Oséias (v. 1-2), e utiliza fontes analíticas para cobrir a queda de Samaria (v. 3-6). Isso vai direto ao cerne da teologia de Reis, pois ele agora resume acontecimentos que vão até à divisão da nação (v. 7-17), mostrando, então, como os israelitas recusaram repetidas vezes retornarem a sua aliança de obediência com Deus (Javé, v. 21.-33). A mesma sorte sobrevinda a Israel, recairá agora sobre Judá (v. 18-20). A explicação para isto é que Deus permitiu essa situação em retribuição aos pecados da nação contra ele. Israel rejeitou repetidamente o Senhor, e os avisos dos profetas sobre um julgamento vindouro falharam em trazê-los de volta às suas obrigações espirituais. Dessa forma, a maldição do pacto prevista por Moisés (Dt 28-49-68; 31.16 em diante) recairiam agora sobre Judá. Assim, *todo o povo de Israel* (aqui, Israel e Judá) é rejeitado (v. 20).

Alguns comentaristas vêem muitas linhas de opinião por todo esse capítulo, porém tudo poderia ser explicado como o esperado entendimento “deuteronomístico” do historiador em face da negligência da nação quanto à lei, e seus movimentos em direção a uma religião que não cultua Javé. Geralmente, os versículos 7-17 são creditados a um comentarista, e os versículos 18, 21-23, creditados a outro, tendo os versículos 19-20 sido adicionados após a queda de Jerusalém.²⁶⁸ Contudo, este seria exatamente tempo que o historiador de Reis estaria escrevendo (v. Introdução, p. 53).

i. A ocasião do exílio (17.1-6). 1-2. Oséias (“salvação”), veja 15.30. Para a cronologia, veja Introdução, página 33. Ao que parece, ele foi feito vassado da Assíria em 732/1, mas não foi reconhecido como único rei em Israel até 730.²⁶⁹ Outra possibilidade é que aqui a ascensão é sincronizada com a de Acáz de Judá, considerando que em 15.30 a sincronia é com seu pai Jotão, e que esse duplo sincronismo pode ser a evidência de uma co-regência.²⁷⁰ *Nove anos*, ou seja, 732/1-724/3 a.C. A qualificação incomum de seu reino “mau” como *não como os reis de Israel*, não pode ser creditada por conta de seu pouco tempo para assuntos religiosos (cf. Gray, p. 641), uma vez que outros com reinados mais curtos são condenados com uma avaliação severa. Ele não parece ter inaugurado ou continuado as práticas contrárias a Javé, pelas quais Israel é condenado (v. 7-21).

3. Salmaneser V (assír. *sulman-asaridu*) sucedeu Tiglate-Pileser III como o rei da Assíria (727-722 a.C.), para quem Oséias *havia sido vassalo* (v. 15.30). Não é claro se a *subida* de Salmaneser a Oséias foi para receber seu *tributo* (ou

²⁶⁸Jones, p. 542-545; MacDonald, J., ‘The Structure of 2 Kings xvii’, *Glasgow University Oriental Society Transactions* n.º 23, 1969/70, p. 29-41.

²⁶⁹Borger, R., e Tadmor, H., ‘Zwei Beiträge zur alttestamentlichen Wissenschaft auf Grund der Inschriften Tiglapilesers III’, *ZAW* n.º 94, 1982, p. 244-249.

²⁷⁰Cogan e Tadmor, p. 195.

“presente”) durante uma campanha assíria contra cidades fenícias (Josefo, *Ant.* ix. 14.2), ou, mais provável, foi para atacá-lo (heb. *‘ālāw*, “sobre ele”, cf. IRs 25.1). Todavia, Oséias logo não conseguiria fazer sua declaração de paz anual, nem pagar o tributo necessário para assinalar a continuidade de sua lealdade, e, parece, procurou fazer uma aliança com o Egito (Os 7.11).

4. Isto foi infidelidade aos olhos assírios, pois “nenhum homem pode servir a dois senhores”. A identidade de *Sô, rei do Egito*, é incerta. O hebraico *sô’* pode ser uma abreviação do nome líbio Osorkon IV (727-716 a.C.), pois a sugerida combinação com Sib’e, um general egípcio a quem Sargão II disse ter encontrado em Raphia, está baseada na leitura errônea do nome para Siwe. Outros, lendo o nome como Rê’e, raciocinam que esta pessoa poderia ter atuado por Osorkon.²⁷¹ Cronologicamente, o rei não poderia ser o faraó seguinte Shebaka, nem a composição So = Sais (*s’w*; cf. NEB), uma cidade do delta agora nas mãos de Tefnakte (726—716 a.C.), uma vez que isto requer que seja erradamente tomada como um nome real.²⁷² Oséias pode ter sido colocado na prisão (“preso”, NEB; cf. Jr 33.1; 36.5; 37.4) quando saiu de Samaria.

5-6. O posterior cerco à Samaria está bem documentado pelos anais assírios em 724/3 — 722/1 a.C. O nome do *rei da Assíria* não é especificado (mas cf. 18.9-11), e isto pode espelhar a declaração feita por Salmaneser V de que ele carregou a cidade, enquanto seu sucessor, Sargão (II, cf. Is 20.1), faz a mesma declaração em seu primeiro ano. Samaria era bem fortificada, e o cerco de três anos bem poderia ter sido executado por qualquer um dos dois, incluindo operações em todos os territórios circunvizinhos (v. 5). Poucos dos registros de Salmaneser anteriores à sua morte em 722/1 permaneceram. Sargão declarou: “os homens de Samaria e seu rei me eram hostis, e concordaram entre si não continuarem com as obrigações de servos ou trazerem tributo a mim; então, pelejaram contra mim [...] Entrei em conflito com eles e tomei como recompensa 27.280 pessoas com seus carros e os deuses em quem acreditavam. Incorporei 200 carros ao meu exército. O restante do povo, fiz habitar na Assíria. Restaurei a cidade de Samaria e a fiz maior do que antes”.²⁷³ Dessa forma, Samaria foi feita capital de uma província assíria, sob um governo distrital assírio.

Os exilados foram levados a *Halach*, possivelmente Halahhu, no lado oriental de Haran (Av), próximo ao rio Balikh (LXX) ou a Calah; para *Gozan* (Tell Halaf), próximo ao rio Habur,²⁷⁴ e para lugares em Media, recentemente ocupada

²⁷¹Borger, R., ‘Das Ende des ägyptischen Feldherrn Sibb’e = Sô’, *JNES* n.º 19, 1960, p. 49-50.

²⁷²Goedicke, H., ‘The end of “So, King of Egypt”’, *BASOR* n.º 171, 1963, p. 64-66.

²⁷³Gadd, C. J., ‘Inscribed Prisms of Sargon II from Nimrud’, *Iraq* n.º 16, 1954, p. 179-180. cf. *ANET*, p. 284; *DOTT*, p. 54.

²⁷⁴Textos de Tell Halaf afirmam que um Halbisu de Samaria é localizado lá, além de outros com nomes compostos com s partícula —*yau*; Oded, B., *Mass Deportation and Deportees in the Neo-Assyrian Empire*, Wiesbaden: Reichart, 1979, p. 79.

por Sargão, em cujos anais são feitas várias referências à deportações nesta cidade. Muitos israelitas se fixaram ali (v. 23), mas esta seção não forma a base para qualquer teoria da sobrevivência das “tribos perdidas de Israel” no exílio, onde devem ter formado pequenas comunidades em aldeias, e de onde alguns foram engrossar as fileiras do exército assírio.²⁷⁵

ii. As razões do exílio de Israel (17.7-18). Esta narrativa, tipicamente “deuteronomística”, a respeito das relações de Deus com seu povo, reúne todas as lições a serem aprendidas a partir das falhas sobre a manutenção do pacto do Sinai (v. 7, cf. Ex 20.3), seguindo o mesmo ato redentor (*tirou-os do Egito*), o que os tornou um povo. Seu pecado é mostrado (v. 7-9a) através (a) do culto a outros deuses; (b) do seguir práticas pagãs (cananéias); e (c) pela introdução de costumes e rituais não ligados ao culto a Javé, feito pelos *reis de Israel*: Jeroboão I (1Rs 12.28-33); Onri (16.25-26); Acab (16.30-34); Jeú (2Rs 10.31) e agora, Jeroboão II (14.24).

9. A acusação é ampliada com uma referência específica ao pecado de contruir os altos (v. 14.4) que iam desde as pequenas até as maiores localidades (heb. *irîm*; MT da torre até a cidade fortificada). Assim, o hábito de cultuar ao Senhor (Javé) e deidades locais ao mesmo tempo (sincretismo), se espalhou. Isto estava relacionado a locais de sacrifício (*pedras sagradas*), *postes de Asera* (fertilidade), ou símbolos e, provavelmente, ritos sexuais sob *toda árvore frondosa*, incluindo o ritual de prostituição (1Rs 14.24; Os 4.13-14).

11. Essas eram *coisas pecaminosas* contra as ameaças específicas de Deus na lei, e eram atos que sempre provocam a *ira* de Deus. A provocação da *ira* de Deus é um tema recorrente em Reis (v. 11-17).²⁷⁶

12. A fabricação e o culto a ídolos é proibido no decálogo (Ex 20.4; Dt 5.8), e levaram ao grande pecado de Jeroboão no caso específico dos dois bezerros em Betel e Dã (v. 12, 16; 1Rs 12.28-30). Pior ainda foi a rejeição aos avisos proféticos para que não quebrasse aquela que foi a única lei transmitida no Sinai (v. 12-13, 15; 1Rs 13.1-3).

13-15. Ambos os reinos foram advertidos por seus profetas, que proclamaram que o desvio da lei era o resultado de obstinação (“teimoso”, obstinado; Dt 10.16; Jr 7.24), que leva a “nenhuma fê, nenhuma estabilidade” (Is 7.9). A falta de reação (obediência) à palavra de Deus demonstrada através da infidelidade à palavra do Senhor (v. 15), sempre leva a objetivos *sem valor*,

²⁷⁵Diakonoff, I. M., “The cities of the Medes’ in M. Cogan and I. Eph'al, Ah! Assyria”, *Scripta Hierosolymitana* n.º 33. 1991, p. 13, 20, afirma que esses são na região de Kar-Kassi (Harhar).

²⁷⁶Tais provocações geralmente ocorriam com idolatrias. Veja também 1Rs 14.9, 15; 15.30; 16.2, 7, 13, 26, 33, 22.53; 2Rs 21.6, 15; 23.19. Note outras ocorrências da mesma natureza em Crônicas (2Cr 28.25; 33.6).

buscados por vidas *sem valor* (REB) ao seguir meras ilusões, como os bezerros em Betel e Dã (1Rs 14.15), tornando a si próprios vazios (v. 15, NEB).

16-17. Outras atitudes pecaminosas incluem o interesse pela astrologia e deidades do céu (cf. Am 5.26), uma prática claramente proibida a Israel em Deuteronômio 4.19; 17.3, contudo introduzida posteriormente em Judá por Manassés (2Rs 21.3; 3, 5), e abolida por um período por Josias (23.4-5, 12, cf. Ez 8.16). Igualmente reprováveis eram: a dedicação de crianças a Moloque (v. 17, veja 1Rs 11.5), possível adivinhação (heb. *qâsam* como em Pv 16.10, “sentença divina”), e feitiçaria, condenada em Deuteronômio 18.9-13 (heb. *niḥēḏ* pode significar o uso de encantadores de serpentes, cf. Gn 44.5; 1Rs 20.33; procurando sinais ou adivinhação). Estas formas de “buscar o agouro” imputam a corpos sagrados poderes que inerentemente devem ser encontrados em Deus, seu criador.

18. Este versículo frequentemente é separado do texto anterior com base em que esta é a única referência à queda do reino do norte, mas isto não está especificamente dito, e deve fazer alusão ao versículo 7. Apenas *Judá* manteve sua integridade tribal.

iii. Pecado e retribuição em Judá (17.19-20). Este reino também é culpado pelos mesmos pecados de Israel (cf. 16.3-4). A menção a *saqueadores* relembra 2Reis 24.2; mas veja também 10.32-33; 13.3, 20.

iv. Outro resumo dos pecados de Israel (17.21-23). O castigo foi o cumprimento da profecia. O Senhor promoveu a ação, mas a nação trouxe o julgamento sobre si mesma (1Rs 11.11, 31). Para o *grande pecado* de Jeroboão, veja 1Reis 12.26-32; 13.33-34. Uma vez mais, os avisos dos profetas são enfatizados, renunciando o exílio final.

v. Samaria é reorganizada (17.24-28). A introdução de religião estrangeira dentro dos já misturados credos e práticas da região de Samaria, é agora relatada a fim de explicar a origem dos samaritanos que, por muito tempo, tiveram desavenças com o povo de Judá.

23-24. Sargão II diz agora que ele “estabeleceu povos de muitas terras que havia conquistado a caminho de Hatti” (siro-Palestina).²⁷⁷ Era uma prática assíria libertar localmente estes colonos o quanto possível, porém mantendo a dependência direta da Assíria. Esar-Hadom da Assíria (681-669 a.C.) e Assurbampal (669-627 a.C.), deram continuidade a esta política (Ed 4.2, 9-10). Após as campanhas na Síria e Babilônia em 721 — 709, as pessoas eram transferidas em grande número.²⁷⁸ Alguns eram procedentes de *Cuta* (Kutha; Tell Ibrahim, oito

²⁷⁷ARAB II § 4.

²⁷⁸Oded, B., *op. cit.*, p. 79.

quilômetros a nordeste da Babilônia), capturados por Sargão em 709 a.C., sendo que *cutitas* permaneceria como um termo injurioso para os samaritanos por muitos séculos. Outros vieram de províncias assírias, dentro da própria Síria: Ava, sendo talvez Kefr'Aya junto ao Orontes" (cf. Ivvah, 19.13; Is 37.13), em vez de "Ama no Elão", capturada por Sargão em 710 a.C. *Hamate* junto ao Orontes foi saqueada pelos assírios em 720 (v. 18.34). Sefarvaim, por causa de suas deidades, pode ser Sibraim, próxima a Damasco (Ez 47.16), em vez de Sippar na Babilônia, que também foi atacada nesse período. A Sabara'im da crônica babilônica é um nome para a própria Samaria e, portanto, não pode ser aplicado. A assimilação desses novos elementos, incluindo suas crenças religiosas, levou tempo, pois *a princípio, quando passaram a habitar ali, não temeram o SENHOR* (v. 25, 28), e em verdade, nunca o fizeram totalmente (v. 33).

26. A invasão dos leões foi interpretada como castigo divino (cf. Lv 26.21-22). Estes animais habitavam aquela região e o vale do Jordão até o último século (cf. 1Rs 13.24; 20.36; Am 3.12), e seus movimentos eram objeto de especulações agourentas. A lembrança desse evento, contudo, foi tão impactante que os samaritanos foram depois chamados de "convertidos do leão".²⁷⁹

27. Todo o deus tinha seus próprios hábitos, rituais ou "costumes estabelecidos" (NEB), os quais, se desconsiderados, poderiam trazer desgraça. Assim, sacerdotes que conheciam tudo isso, eram trazidos. Sargão também seguiu a política de instruir os deportados quanto ao culto às deidades locais, de acordo com uma inscrição em Khorsabad.²⁸⁰

28. *Um* (ou certo) *dos sacerdotes* pode ser referência a um que fosse versado no culto ao bezerro dourado de Betel (1Rs 12.28-31). Esta atividade prosperou porque nenhum profeta havia ainda sido mandado para conclamar o povo ao arrependimento (2Rs 17.13). Mais tarde, os samaritanos seguiriam a lei mosaica e o monoteísmo. Esta é a única menção dos samaritanos como tais no Antigo Testamento.

vi. As diferentes práticas religiosas dos colonos (17.29-41). 30. *Sucote-Benote* poderia ser um local ("barracas") para prostituição (como MTT, LXX) ou para o culto a uma deusa babilônica (Banîtu, como uma alcunha para Ishtar/Astarte). Uma vez que se espera o nome da deidade, Zêr-banit (consorte de Marduque) tem sido sugerido, e Socote comparado com Sicute (Saturno) em Amós 5.26. *Nergal* era o deus da guerra, morte e peste, com seu templo principal em Cuta, sendo o seu símbolo um leão. *Asima* possivelmente seja 'sm dos papiros de Elephantine, ou o nome de um ídolo cidato em Amós 8.14.

²⁷⁹Brucc, F. F., *Commentary on the Book of Acts*, London: Marshall, Morgan & Scott, 1965, p. 177, n. 18.

²⁸⁰Paul. S. M.. 'Sargon's Administrative Diction in II Kings 17.27', *JBL* n.º 88, 1969, p. 73-74.

31. O deus *Adrameleque* possui o mesmo nome de um dos assassinos de Senaqueribe, que atualmente sabemos tratar-se de Arda-mulissi (v. 19.37), que significa servo de Milki. Anu-milki significa, possivelmente, “o deus Anu reina”. Porém, deidades como Nibaz e Tartaque, são desconhecidas. Seus devotos *queimavam* (tb. heb.) seus filhos, em contraste com o versículo 17, “fez passar pelo fogo”; NVI: ‘*sacrificou*’. Todos estes falsos adoradores são guiados por um sacerdócio não capacitado (v. 32), nenhum dos quais conhecia as necessidades especiais do pacto com Deus (1Rs 12.31).

34-40. Este é um culto eminentemente sincrético, apresentado por aqueles não tementes a Javé (v. 34, 36, 39), sem *ordenanças* de governo (v. 34, 37), levando assim, a diferentes costumes e práticas (v. 34.38). Tal infidelidade ao grande pacto entre Deus e seu próprio povo contrasta com a lei e ordem que deveria caracterizá-lo. A linguagem e estilo são claramente “deuteronômisticos” ao condenar o tipo de culto mesclado de Samaria. O culto ao Senhor deve ser fiel e exclusivo, nunca parte de uma adoração paganizada (v. 37-40). Aquelas que não procedem assim, em verdade não cultuam a Deus, independente do que professem.

41. Para até os dias de hoje, veja “Introdução”, p. 57. Caso *seus netos* seja tomado aqui literalmente, teríamos um direcionamento quanto à possível datação dessa parte da história para uns setenta anos depois.

V. A HISTÓRIA DE JUDÁ ATÉ A QUEDA DE JERUSALÉM (2Rs 18.1—25.30)

A última parte da história concentra-se apenas em Judá, após a queda de Israel (Samaria). Ela focaliza detalhadamente Ezequias, que, encorajado por Isaías, resistiu aos assírios (18.1—20.21), e o reino de reformas de Josias (22.1—23.30), enfatizando o ideal deuteronômico e selecionando dados que minimizem as intrigas anti-assírias e a drástica redução de poder sofrida pela perda de território por Judá. E ainda, ela menciona as muitas falhas, iguais às aquelas que condenaram Israel, às quais viriam a levar a casa de Davi para o exílio após a queda de Jerusalém (caps. 24—25). Esta história precisa ser lida em conexão com 2Crônicas 29—32, que fornece mais detalhes, e com Isaías 36—39 (um texto paralelo a 2Rs 18—20). Evidências arqueológicas, incluindo os anais assírios contemporâneos, corroboram os acontecimentos sob outro ponto de vista.

A lembrança da queda de Samaria (v. 9-11), repetição de 17.3-6, tem, como explicação teológica para isto (v. 12), o desejo do historiador de salientar a diferença entre o “bem sucedido” início de reinado de Ezequias e os anos finais de apostasia do reino do norte. Judá não saiu em ajuda a Samaria, pois Ezequias adotou uma política do não enfileiramento com a Assíria. Da mesma forma, ele não tomou partido da Filístia quando Ashdod caiu em 712 a.C. Porém, após o mal-estar na Assíria com a ascensão de Senaqueribe em 705 a.C.,

e a rebelião de Luli de Tiro contra seu novo rei, os planos de expansão de Ezequias (18.8) foram interpretados como movimentos antiassírios ou que levavam a laços com o Egito.

A história de Ezequias (18.1—20.21) agrupa material de diferentes fontes, incluindo os anais de Judá (e, provavelmente, o relato a respeito da queda de Samaria (18.9-12)). Os detalhes do ataque de Senaqueribe à Judá (18.13-16) e a exigência da rendição de Jerusalém (18.17— 9.37), estão em harmonia com os registros assírios. A tradição profética enfatiza o papel inconfundível de Isaías nos negócios, na cura de Ezequias (20.1-11 e na recepção ao embaixador de Merodaque-Baladã (20.12-19).

Muitos discutem que a narrativa mostra sinais de ser a combinação de duas versões, por exemplo, 18.17—19.7 e 19.9b-35, a despeito da harmonia geral, como é o caso com as fontes extrabíblicas. Não há evidências de que elas (as narrativas) deversem ser classificadas como “tradição oral popular” em vez de história editada, o que professam ser. Outros as consideram referências aos mandamentos divinos (18.6-7) ou referências à reforma do culto (v. 4), por ser o trabalho de diferentes editores, sendo que um deles exibe uma visão positiva da dinastia de Judá (designada como fonte DtrG). Este é corrigido por um outro, bastante interessado na lei e na obediência ou desobediência do rei (DtrN). Esta interpretação implica completa ignorância da lei de Deus antes dos dias de Josias, o qual não está provado (v. p. 20).

A. Ezequias de Judá (18.1 — 20.21)

i. Seus primeiros anos (18.1-12). A fórmula introdutória usual (18.9-11) é seguida por um relato da queda de Samaria (18.9-11), que repete 17.3-6 com pequenas mudanças e com o acréscimo de um comentário teológico. Seu posicionamento aqui talvez seja para colocar esse evento crucial no contexto do novo reinado de Ezequias como um contraste à história do reino do norte, que termina com estes versículos. A seleção dos principais episódios rem relação ao papel de Ezequias na libertação de Jerusalém ao seguir a fé em Deus (18.17), e um erro trágico nesta mesma fé ao conspirar com os babilônios, que viriam a subjugar Judá (20.12-19), ressalta a ênfase do historiador. Seu reino finda com a costumeira fórmula de encerramento (20.20-21).

1-3. *O terceiro ano de Oséias, i. e. 729/8 a.C.*, em cujo ano Ezequias tornou-se co-regente com Acáz. O reino exclusivamente seu começou em 716/6 a.C. Compare com o versículo 13 onde seu *décimo quarto* ano como único rei (716/5 — 687/6 a.C.) é uma data (701 a.C.) confirmável com os anais de Senaqueribe. *Ezequias tinha vinte e cinco anos de idade* quando se tornou rei por direito. *O nome de sua mãe Abi* (מַטִּי), é uma abreviação de Abia (2Cr 29.1). *Ele fez [...] o que era reto [...] segundo tudo o que fizera Davi* é a mesma qualificação de vida que Asa recebeu (1Rs 15.11), Jeosafá (1Rs 22.43) e Josias (2Rs 22.2). Por trás disso encontramos a influência de Isaías, que o encorajou a reabrir o templo,

fechado anteriormente por Acáz (2Cr 28.24; 29.3), e a purificar o culto em Jerusalém (2Cr 30.14). Sua ação é interpretada como boa (conf. 2Cr 19.3), assim como foi a influência do profeta Miquéias sobre ele (Jr 26.18-19).

4. A motivação para a reforma era dupla. Primeiramente, havia um desejo de unidade, em vista do acordo assírio. O Cronista conta como Ezequias enviou um desafio a Israel (2Cr 29.5-11), que resultou na celebração da Páscoa e em contribuições para o templo (30.21-27) e seu reparo (v. 16), com a reorganização de seus serviços e servidores (31.11-21). Em segundo lugar, é provável que o objetivo fosse a centralização do poder em Jerusalém, a restauração do reinado davídico e salomônico, bem como devoção pessoal e conveniência política.²⁸¹ Seu zelo ao destruir os altos dedicados a Baal (conf. 12.3; 14.4; 15.4, 35; 17.9) deve ter se tornado do conhecimento de Senaqueribe (v. 22). Aqueles que tentam ver nessa reforma uma concepção editorial da reforma de Josias não percebem que “fazendo o reto”, por si só, necessitou de um ato de reforma (v. “Introdução”, p. 48). Para *altos*, veja Nota Adicional (p. 82-3), 1Reis 3.2; *colunas sagradas*, 1Reis 14.23, e *postes de Asera*, 1Reis 14.15. A *Neustā* (*nāhās*, “serpente”, e *n’ hōset*, “pedaço de bronze”) ainda era aquela serpente de bronze que representou vida para os fiéis nos dias de Moisés (Nm 21.4-9), em vez de um símbolo jebuseu guardado por zadoque em Jerusalém. Parece que tais caracterizações da serpente tinham se tornado progressivamente veneradas (p. ex. um estandarte encontrado em Hazor. IBD, p. 1421). Assim, Ezequias transformou objetos envolvidos em cultos falsos em pedaços de metal.

5. A reputação de Ezequias é mostrada como de alguém que confiou no SENHOR (v. 5), não deixou de segui-lo (v. 6), resultando em que Deus estava com ele (v. 7) e ofereceu-lhe a vitória (v. 8). A este respeito, ele foi único entre os reis de Judá desde Davi, como o foi Josias no que se refere ao cumprimento da lei mosaica (23.25).

7. Um desses resultados foi o sucesso (av “prosperou”) que teve em tudo, outorgado por conta de sua demonstração de fé e trabalho incansável, a despeito de seus desvios e dificuldades.

8. A derrota *dos filisteus* reverteu a perda de território sofrida por Acáz (2Cr 28.18-19), que havia se tornado vassalo assírio. Ezequias buscou a independência, mas a deposição de Padi de Ecrom e a aliança com Sidqa de Asquelom foi, de acordo com os anais assírios, tidos como ação anti-assíria. *Gaza* permaneceu leal à Assíria.

9-11. A queda de *Samaria* repete 17.3-6 (v. a seguir). *Os assírios tomaram* (v. 10, heb. “eles tomaram”) pode ser referência à ação tanto de Sargão II quanto de Salmaneser v. Veja 17.3-6.

²⁸¹Nicholson, E. W., ‘The Centralization of the Cult in Deuteronomy’, *VT* n.º 13, 1963, p. 383-389; Reviv. H., ‘The History of Judah from Hezekiah to Josiah’, *WHJP* IV. 1. p. 194; Weinfeld, M., ‘Cult Centralisation in Israel in the Light of Neo-Babylonian Analogy’. *JNES* n.º 23, 1964, p. 202-213.

O comentário do versículo 12 seria apropriado para o autor deuteronomístico dessa história. Confronte a atitude do reino do norte em relação a Deus, com aquela de um Israel *obediente*: *obedeçam* [...] não violem, *i. e.* mantenham a *aliança*, façam tudo [...] o que o Senhor ordena [...] ouçam [...] ajam (Ex 24.7; Dt 7-9).

ii. Oposição às ameaças de Senaqueribe a Jerusalém (18.13—19.37).

a. Campanha de Senaqueribe em Judá (18.13-16). A terceira campanha do rei (701 a.C.) foi conduzida via Fenícia, quando então Luli de Sidon fugiu para o Chipre, sendo substituído por EtBaal, seguindo pela Filístia, onde Sidqa foi capturado junto com Bet-Dagom, Jope, Ben-Baraque e Azor. Os ecronitas foram punidos por sua oposição ao rei Padi, que foi mantido por Ezequias em Jerusalém. De acordo com os anais de Senaqueribe, as forças do rei do Egito saíram até Elteque²⁸² e foram derrotadas em pleno conflito. Senaqueribe reclamou um tributo nesse período aos governantes de Sidom, Arvade, Gebal (Byblos), Asdode, Amon, Moabe e Edom.

Seguindo-se à queda de Timna (Tell el-Batashi) e Ecrom (Khirbet ell-Muqanna'), o rei assírio voltou-se para o centro de Judá. Ele já havia interceptado o vale de Sorec e Elá como possíveis rotas de entrada ou saída de Judá. Senaqueribe declarou que o rebelde Ezequias (*Hezaqiau* “o judeu”; *Yaudâva* também poderia ser entendido como “o judeu”) havia sido “aprisionado em Jerusalém, sua capital real, como um pássaro na gaiola”. Entre os capturados estavam 200.150 pessoas e “46 de suas cidades fortificadas e inúmeras vilas nas redondezas”. Entrementes, a própria Jerusalém estava sendo severamente sitiada.²⁸³

A área de Judá foi diminuída, e suas cidades afastadas, transferidas para Asdode, Ecrom e Gaza, ao tempo que a arrecadação do tributo anual foi bastante aumentada. Senaqueribe seguiu para Jerusalém vindo de seus quartéis-generais próximos a *Laquis* (Tell ed-Duweir), que está representada nos relevos do palácio de Nínive como sucessivamente sitiada. Ezequias confessou sua culpa (v. 14) e libertou Padi, mas teve que pagar um alto preço: *trezentos talentos de prata* (onze toneladas) e *trinta talentos de ouro* (uma tonelada). Ao que parece, em Judá a prata era mais valiosa do que o ouro. Os anais assírios registram o recebimento de “30 talentos de ouro e 800 talentos de prata”.²⁸⁴ A diferença pode ser devido a diferentes escalas de peso, mas isto é improvável. Se não houve um erro de leitura nos dígitos das notas dos escribas assírios, então a prata confiscada do templo (v. 15) pode ter sido adicionada ao total, uma vez que os detalhes dos tesouros extraídos do templo estão registrados meticulosamen-

²⁸²Tell esh-Shallaf, a cerca de 3 km ao norte de Jabneh e 40 km a sudoeste de Jerusalém.

²⁸³Luckenbill, D., *The Annals of Sennacherib*, Chicago: Chicago University Press, 1924, p. 29-34, ii. 37- iii. 49; *ANET*, p. 287-288. *DOTT*, p. 66-67.

²⁸⁴Cf. Luckenbill, D., *op. cit.* iii. 41-49 (*DOTT*, p. 67, cf. *ANET*, p. 288).

te (cf. 12.10, 18; 14.14; 16.8; 1Rs 7.51; 14.26; 15.18). Senaqueribe conclui que levou tempo para colher este pagamento.

16. Ombreiras das portas (heb. *'ôm'nôt*, apenas aqui), possivelmente “alizes das portas” (NEB).

b. Senaqueribe ameaça Jerusalém (18.17-37). Veja também Isaías 36 — 37; 2Crônicas 32. Este é um relato paralelo do texto já mostrado no relato do historiador para a resistência de Ezequias com base em sua confiança em Deus, oração e promessa profética de livramento. Alguns tentam perceber duas fontes aqui: (i) 18.18 — 19.9a; 19.36-37, e (ii) uma visão mais teológica em 19.9b-33. Porém, ambos os pontos de vista poderiam ser ligados de acordo com o propósito do historiador. Não existe nada aqui que não possa ser reconciliado com os anais assírios, que se referem a um ataque à cidade, e não fazem referência à sua captura. Essa visão agora predomina sobre as teorias de um posterior segundo ataque (689 a.C.) inventado para responder a uma suposta idade precoce de Tiraca do Egito, o qual interferiu. Novas fontes, contudo, indicam que ele tinha pelo menos vinte anos em 701 a.C.

17. O *aqueduto*, onde a rendição foi exigida, é o local exato onde Isaías conclamou Acáz a confiar no Senhor, não na Assíria, pela libertação (16.5-10); Is 7.1-17). O *açude superior* (cf. Is 7.3) não pode agora ser localizado com precisão, mas provavelmente fosse a fonte de Giom, lado oriental da cidade, cujo aqueduto, parcialmente sob o solo, irrigava os campos em direção ao aqueduto inferior (Birket el-Hamrā).²⁸⁵ Veja também 20.20 e 2Crônicas 32.30 para outros trabalhos de irrigação de Ezequias, incluindo o túnel de Siloé, que permitiu à cidade sustentar o período de cerco. Os participantes na negociação de rendição eram altos oficiais assírios: (i) o *oficial supremo* (heb. *tartān*; acád. *turtan*, cf. Is 20.1 (NRSV), “comandante supremo”); (ii) Rabe-Saris (*rab sārīs*) pode ser o chefe dos conselheiros reais mais íntimos (Acád. *rab sa rēsi*) um oficial superior (cf. a REB); (iii) o *rab-sāqē* (NRSV “Rabshekah”, provavelmente não o *comandante de campo*) era um título de governador de província assíria. Era, portanto, um grupo poderoso a fim de confrontar os mais altos oficiais de Judá.

18. *Eliaquim*, “aquele responsável pela administração do palácio”, (v. 1Rs 4.6), era filho de Hilquias. Era um nome comum (cf. vv 26, 37).²⁸⁶ *Sebna*, o escriba, em um só tempo reunia as funções de Eliaquim, bem como as de “tesoureiro”, ou, administrador principal do palácio (“Primeiro Ministro”), e foi condenado por

²⁸⁵Shiloh, Y., ‘City of David, Excavation, 1978’. BA n.º 42, 1979, p. 165-171; Bahat, D., ‘The Fuller’s Field and the ‘Conduit of the Upper Pool’’, EI n.º 20, 1989, p. 253-255 (heb. p. 203-204), acreditam que esse era o duto que descia do tanque de Berseba para abastecer O monte do templo. Era um tanto distante dos muros da cidade.

²⁸⁶O selo em que se lê ‘Anan, filho de Hilquias, o sacerdote’ provavelmente dizia respeito ao Hilquias aqui citado ou em 22.12 (Elayi, J., ‘Le sceau du prêtre Hanan, fils de Hilqiyahu’, Semitica n.º 36, 1986, p. 42-46).

Isaías por sua fé vacilante. O nome Sebna também ocorre nos selos.²⁸⁷ Nada mais se sabe a respeito de Joá como cronista (heb. *mazkîr*, cf. 2Sm 8.16).

As negociações foram uma obra-prima de trapanças e hostilidades psicológicas. O principal porta-voz assírio falou em nome do *grande rei* (v. 19) dirigindo-se ao rei de Judá e ao povo em geral, como os assírios haviam feito no certo à Babilônia em 731 a.C.²⁸⁸ O objetivo da argumentação era minar a confiança de Judá, posto que: (i) Jerusalém não possuía poderio ou destreza militar para resistir (v. 20, 23); (ii) Javé não poderia salvar Jerusalém mais do que os deuses das cidades já tomadas pelos assírios (v. 32-36); (iii) a ajuda egípcia não era confiável (v. 20-21); e (iv), a conquista assíria já havia sido autorizada por Deus (Javé, v. 25). Isto, em parte, era verdade, pois o exército de Judá era uma força de infantaria recrutada com pouca cavalaria. Os assírios parecem ter ciência das palavras de Isaías chamando-os “a vara do furor de Deus” (Is 10.5-11) e ao enfatizarem a fraqueza egípcia (v. 21, cf. Is 30.1-5).

22. As reformas de Ezequias podem não ter sido amplamente populares, e os negociadores tiraram partido disso para dividirem a oposição. A confirmação de que as reformas foram feitas por Ezequias e não por Josias, está no desmonte do altar em Berseba nesse período.²⁸⁹

26. Este é o relato da insistência para que se falasse no diatelo corrente de Judá (heb. *y'hûdî*, a “língua dos judeus”, v. 28; cf. Ne 13.24), em vez de no *aramaico* diplomático (*ʿrāmî*), usado em documentos da corte assíria àquele tempo.²⁹⁰ Existem detalhes nos registros assírios, de oficiais falando tais línguas locais, sendo alguns deles exilados nativos (v. 17.5).

27-32. Os assírios conclamam baseados no medo e no favor. A ameaça é que haveria um longo e desgastante cerco, caso eles não capitulassem (v. 27), recaindo a culpa sobre Ezequias (v. 29). O poder do *grande rei*, um título real assírio, usado em outros lugares apenas para o Senhor Deus (SI 47.2; MI 1.14; Mt 5.35), recebe ênfase (v. 28, 29). A conclamação é para *fazei as pazes comigo*

²⁸⁷Um selo atual de Lachish (*Isbn 'h 'b*), Hooke, S. H., ‘An Israelite Seal from Tell Duweir’, *PEQ* n.º 66, 1934, p. 97-98, pl. VII, cf. a impressão do selo na alça de uma jarra *Imlk* (*Inr 'sbn'*), Aharoni, Y., *Excavations at Ramat Rahel, Seasons 1959 & 1960*, Rome: Centro di studi semitici, 1962, p. 16 f., pl. 6.2; e em uma jarra (*Isnbn' shr*), McCown, C. C., *Tell en-Nasbeh I*, Berkeley and New Haven: Palestine Institute of Pacific School of Religion and ASOR, 1947, p. 160-162, pl. 57, 9-12. Os selos também podem ser vistos na obra de Wiseman, D. J., *Illustrations from Biblical Archaeology*, London: IVP, 1958), p. 59; *IBD*, p. 1431.

²⁸⁸Saggs, H. W. F., ‘The Nimrud Letters, 1952’, *Iraq* n.º 17, 1955, p. 23-24 (ND. 2632); Tadmor, H., ‘On the use of Aramaic in the Assyrian Empire: Three observations on a relief of Sargon II’, *El* n.º 20, 1989, p. 249-252 (em hebraico) fala sobre a libertação de Khorsabad, mostrando um oficial assírio em pé sobre uma máquina de guerra e segurando nas mãos um pergaminho, enquanto discursa aos guerreiros que defendem o muro.

²⁸⁹Aharoni, Y., ‘The Horned Altar of Beer-sheba’, *BA* n.º 37, 1974, p. 6.

²⁹⁰Leia Wiseman, D. J., *Nebuchadrezzar and Babylon*, Oxford: British Academy, 1985, p. 1-2.

(NIV, NEB, MT). O uso de “bênção” para nomear a relação de acordo, normalmente “paz” (*sālôm*), ocorre apenas aqui, e deve indicar um gesto de concessão a fim de que possam desfrutar uma vida idílica de paz e prosperidade em sua própria terra (v. 31, cf. 1Rs 4.25; Mq 4.4; Zc 3.10). O exílio era uma ameaça constante para todos os grupos minoritários no antigo Oriente Próximo, e as referências a isto contidas no Antigo Testamento não devem ser sempre interpretadas como tendo sido escritas durante o exílio pós-Judá, pois o exemplo do exílio de Samaria ainda pululava em suas mentes.²⁹¹

33-35. Isaías iria se opor a este insulto sobre a inoperância do Deus nacional em salvá-los da mão da Assíria, e iria responder, pois era fato que Javé é o único e verdadeiro Deus vivo, e que não pode ser comparado aos que não são deuses (Dt 4.35, 5.7). Além disso, este Deus, na verdade, salvou a cidade (cf. 19.31-36; 2Cr 32.21; Is 10.9-11).

Hamate (v. 34) foi tomada por Senaqueribe, seguindo-se sua captura em 720 a.C. *Arpade* (Tell Erfad, norte de Alepo); *Sefarvaim e Iva*, veja em 17.24; *Hena* é desconhecida, porém devia estar em seus arredores. Alguns MSS (LXX(L) e o latim arcaico) inserem “onde estão os deuses de Samaria?” após *Iva*, mas isto está subentendido. “Acaso *eles* livraram a Samaria?” refere-se aos deuses de Samaria, para os quais veja 17.5.

36-37. O silêncio do povo mostra apoio ao seu rei, não sendo necessariamente um sinal de medo, embora marcasse sua aflição, assim como indicou o *rasgar das vestes*, uma forma tradicional de lamento, talvez aqui, pelas palavras de insulto e de blasfêmia faladas contra Deus (19.4, 6; cf. Mt 26.65).

c. A libertação de Jerusalém é prevista (19.1-36).

i. *Ezequias busca uma palavra do SENHOR* (19.1-5). A história do cerco de Senaqueribe em Jerusalém continua a primeira referência a um aconsulta ao profeta Isaías (v. 1-7). Ele era francamente contrário as egípcios e aos assírios (Is 30.1-7; 31.1-9; 10.5-19). Ezequias foi levado pelas circunstâncias a se arrepender (cf. v. 14), e sua entrada dentro do templo recém-reaberto pode estar relacionada a um ato público de jejum (cf. Jr 36.6-9). Isto não deve ser visto como mera ênfase editorial para o ato de religiosidade do monarca, pois as mudanças de atitude contidas no versículo 6-7 são explicadas como resultantes da mensagem de Deus. Ele envolveu tanto o estado quanto as autoridades religiosas neste período de crise (v. 2, *o secretário e sacerdotes líderes*, cf. Jr 19.1). Sobre Eliaquim e Sebna, veja 18.18, 37.

A mensagem a Isaías (v. 3-5) reflete a visão sombria de Ezequias a respeito da situação crítica e o sentimento de impotência (o parto difícil pode ser um

²⁹¹Kitchen, K. A. em *New Perspectives on the Old Testament*, editado por J. B. Payne, Waco: Word, 1970, p. 1-2.

provérbio, v. 4). Ele tinha consciência de que Deus havia escutado a blasfêmia (v. 6), demonstrada pelas palavras dos oficiais assírios, quando eles “escarnecem” (v. 4, NRSV; NIV ‘*ridicularizam*’ REB “insultam”) de Deus ao colocá-lo no mesmo nível que os falsos deuses. As palavras ditas contra o povo de Deus têm o mesmo peso que palavras ditas contra o próprio Deus. Por este motivo, tanto o locutor quanto aquele que o enviou, serão chamados a prestar contas. Para Ezequias, Deus está vivo, ao contrário dos falsos deuses (18.331-35). Ele tinha ao profeta Isaías como um homem de oração, a exemplo de Moisés (Ex 32.31-32; Nm 14.13-19) e Samuel (1Sa 7.8-9; SI 99.6; Jr 15.1).

A doutrina dos restantes (v. 4, 30) deixada pela graça de Deus em tempos de provação, foi demonstrada por Isaías, cujo filho recebeu o nome de Shear-Jashub, “um resto volverá”. (Is 7.3; 37.30-32). Os israelitas se refugiaram em Judá, de modo que, de certa forma, Judá congregava também os remanescentes de Israel para carregarem o nome e o trabalho de Deus

ii. *A resposta de Isaías para Ezequias (19.6-7)*. A resposta surge com autoridade divina (*Assim diz o SENHOR*), e condiz com a palavra de Deus ao seu povo em necessidade através dos tempos: *Não temas* (cf. 1Rs 17.13; 2Rs 6.16). O porta-voz de Deus está dizendo o que o próprio Deus sempre disse (cf Gn 15.1; Mt 10.26; 14.27; Ap 1.17; 2.10). É Deus que também move os corações e mentes dos homens; aqui, usando um boato a fim de refrear o ataque inimigo. Isto também poderia significar a aproximação de Tiraca com suas forças egípcias (v. 8-9), ou conflitos na Síria, que posteriormente levaram à morte de Senaqueribe.

A idéia de que *Tiraca* (egíp. *Taharqa*; assír. *Tarqu*) era jovem demais para liderar as forças combinadas da Núbia (Cush) e Egito, não é correta, conforme agora podemos perceber, pois ele tinha mais de vinte anos de idade, e, mais tarde, se tornaria o rei da vigésima quinta dinastia (690-664 a.C.). Por esse tempo, Tiraca era o comandante supremo de seu irmão Shebitku, rei do Egito, o qual morreu em 691 a.C.²⁹² Embora Senaqueribe tenha derrotado uma aliança em Elteque (*altaqū*), não capturou o rei egípcio, que pode ter retrocedido. Não há necessidade de supor uma segunda invasão assíria em Judá em 686 a.C., pois os anais assírios nada mencionam.

7. A profecia de Isaías (v. 20-34) cobre a retirada dos assírios de Judá e Jerusalém (v. 8), e também prevê o assassinato de Senaqueribe vinte anos depois em 681 a.C., visto como um castigo por sua blasfêmia contra Javé.

²⁹²Kitchen, K. A., *The Third Intermediate Period in Egypt* (1100-600 B.C.), London: Aris & Phillips, 1972, p. 154-158; Supplement 1986, p. 557, *contra* Macadam, M. F. L., *Temples of Kawa I*, London: Oxford University Press, 1949, p. 18-20, considere que Taharqa não nasceu até c. 709 a.C..

iii. Outra mensagem de Senaqueribe para Ezequias (19.8-13).

8. Senaqueribe atacou *Libna* (entre Gate e Laquis; possivelmente Tell Burnat)²⁹³ com intenção de evitar que os egípcios chegassem a Jerusalém. Auto-relevos assírios em Nínive mostram o povo de Judá sendo levado para o exílio, vindos de Laquis durante esse período.

9-10. A segunda mensagem (*mandou novamente*) a Ezequias vem de uma fonte diferente de 18.19-35, mas não a contradiz. O MT “voltou a enviar” (cf. Is 37.9), enfatiza a repetição, e os rolos IQIsa²⁹⁴ (e greg.) entendem como “quando ele ouviu (cf. v. 7), enviou”. Existem variantes, e a carta pode mostrar a arrogância ainda maior de Senaqueribe. A carta parece ter sido produzida com pressa e sob pressão, em vez de, ao contrário do que alguns sustentam, ser mera reflexão teológica feita mais tarde por um editor. Veja a forma meticulosa de correspondência assíria: “*Digam a [...]*”. O argumento ainda se sustenta na crença de que Deus não pode salvar a cidade. Como “podem ser (tão) iludidos por seu deus?” (REB).

11-12. A lista das cidades-estado banidas (heb. *hērem*; “exterminadas” ou completamente destruídas, rsv) lembra ao leitor que não foi apenas Israel que usou este método em período de guerra (v. Nm 21.2-3; Js 6.21).

Gozã (Tell Halaf) foi capturada pela Assíria em 809 a.C. (cf. 17.6); *Rezeze* possivelmente seja Rezafe, a nordeste de Damasco, tomada em 841 a.C.; Éden é a província assíria de Bit-Adîni, sul de Harran, da qual Telassar (cf. Is 37.12) pode ser uma cidade, possivelmente Tell Assur ou Tell Bassar, a sudeste de Raqqa, junto ao rio Eufrates. Todos foram exemplos notáveis dos triunfos assírios em uma área conhecida do povo da Palestina. Para os outros lugares mencionados no versículo 13, veja 17.24 e 18.34.

iv. *A oração de Ezequias* (19.14-19). Conforme Isaías 37.14-20. O historiador mostra que não apenas o profeta ora, mas o rei também (cf. v. 1). *Estendeu* a carta em forma de papiro ou pergaminho, pode ser comparado com a prática mesopotâmica da época de se colocar cartas no templo a fim de serem lidas pelo deus. Estas geralmente eram pedidos de ajuda, incluindo livramento de doenças, bem como relatos de situações diversas.²⁹⁵ A oração é dirigida a Deus como criador, rei, vivo, único, e ainda no comando. O apelo é para o suplicante ser ouvido, e que a situação seja vista por Deus.

²⁹³Aharoni, Y., *The Land of the Bible: A Historical Geography*, London: Burns & Oates, 1979, p. 439.

²⁹⁴Rolos do Mar Morto, descobertos, aproximadamente, em 1945, em Qumran. (N. do T.)

²⁹⁵Hallo, W. W., ‘Royal correspondence of Larsa: a Sumerian Prototype for the prayer of Hezekiah’, em Eichler, B. L. e outros (editores.), *Kramer Anniversary Volume*, Kevelaer: Butzon & Bercker, 1976, p. 209-224; *JAOS* n.º 53, 1968, p. 75-80; Na’aman, N., ‘Sennacherib’s ‘letter to God’ on his campaign in Judah’, *BASOR* n.º 214, 1974, p. 25-39.

15. *Entronizado entre os querubins, i. e.*, presente com seu povo. Veja 1Reis 6.23-28 (cf. Ex 25.18; 1Sm 4.4). A inspiração pode ter vinda do templo, ou da experiência de Isaías (Is 6.1). *Tu somentes és o Deus*, pois seus preceitos são considerados universais como o criador de tudo.

18. Os ídolos, uma vez reconhecidos como *obras das mãos de homens* (Dt 4.28; At 17.29), podem ser vistos como falsos deuses, incapazes de fazer qualquer coisa (Is 44.9-11; Jr 10.3-10). A futilidade de tais deidades (Sl 115.3-8; 135.15-18) é um tema recorrente nos ensinamentos de Isaías (2.20; 40.19-20; 41.7; 44.9-20).

19. O apelo *livra-nos* (“salve-nos”, rsv) só pode ser respondido se for para a glória de Deus. *Que só tu, ó SENHOR, és Deus* tem sido chamada de “fórmula de reconhecimento padrão”. Contudo, não precisa ser classificada como pós-exílica com base no seu suposto uso frequente em Ezequiel, onde a frase, exatamente da forma como está aqui, não é usada (cf. Is 37.16, 20; Ne 9.6). Esta é a base para se pedir que Deus mostre suas veredas ao homem.

v. *A profecia de Isaías (19.20-34)*. Conforme Isaías 37.21-35. A resposta de Isaías consiste em mensagens separadas para Senaqueribe (v. 21-28) e Ezequias (v. 29-31). Embora alguns discutem que estas sejam inclusões feitas posteriormente, outros entendem que foram adicionadas não muito depois da composição de toda a narrativa (18.17 — 19.37).²⁹⁶ Os dizeres da mensagem são pertinentes com a arrogância assíria contra Deus.

A resposta de Deus a Senaqueribe (19.21-28). O inimigo, e não Deus, é agora escarnecido em uma “canção de escárnio” poética, com sua métrica característica. Existem alguns paralelos entremeados no conteúdo desta canção (p. ex. v. 28, 33).

21. Jerusalém e seus habitantes são personificados como uma *filha virgem*. Sacudir ou “menear a cabeça” (RSV; NIV “jogar a cabeça para trás”) é um gesto de desdém ridículo (Sl 22.7; Jr 18.16).

22. *O Santo de Israel* é uma frase característica de Isaías (1.4 e etc., cf. Sl 71.22; Jr 50.29; 51.5).

23. O hebraico aqui é intrincado. Ter *subido às alturas* pode ser comparado com a ostentação nos anais assírios: alcançar as regiões montanhosas inacessíveis onde ninguém jamais esteve. A NEB traz “montei em minha carruagem [...] subi bem alto nas montanhas”, e acrescenta, “e fiz grandes coisas” (não no MT, mas em poucos LXX MSS). *Deitar abaixo [...] cedros* era o objetivo de muitas expedições militares na região do Líbano. *Regiões mais remotas* ou “recantos mais distantes” (REB) ou cumes, “florestas mais densas” (RSV; “florestas mais luxuriantes”, REB) é retificado pelo MT “floresta de seu Carmelo”.

²⁹⁶Clements, R. E., *Isaiah 1-39*, London: Marshall, Morgan & Scott, 1980, p. 285.

24. “*Todos os rios dos lugares sitiados*” (*māsār*, AV), pode estar mais próximo do MT do que “*Sequei todos os rios do Egito*”, uma vez que Egito (*misrayîm*) não se encontra no texto hebraico. Fora a menção de Heródoto à chegada de Senaquerib à Pelúsia (II. 141), não há outra afirmação de que os assírios, neste momento, tivessem entrado no Egito, de forma que a maioria entente este trecho como um exagero pretensioso. Contudo, uma vez que o texto mostra “sinais de uma fortaleza” (*māsôr*), alguns buscam em outros lugares, como uma não localizada *Missôr* (cartas de El Amarna), ou, menos provável, Musri.²⁹⁷

25. Este é um panorama de completa destruição, com cidades transformadas em *montões de ruínas* ou “amontoados de pedras” (NEB, REB; cf. Is 37.26, IQIs^a)

26. Isto simboliza fraqueza, “falta de destreza” (MT, cf. Is 50.2), *debilidade*. A comparação do capim no telhado antes de crescer, ou “antes do vento leste” (REB, cf. Is 37.27) segue os rolos IQIs^a.

27. O mesmo texto acrescenta “levantar” antes de “sentar” (NVI: *ficar*) nos IQIs^a em Isaías 37.28 (cf. Sl 139.2).

28. A prática assíria de conduzir reis estrangeiros cativos por um anel ou *um anzol no nariz* está representada na estela de Esar-Hadom em Zinjirli, retratando-o conduzindo Tiraca do Egito e Ba’alu de Tiro (ANEP, p. 447).

A resposta de Deus a Ezequias (19.29-34). A expectativa de recuperação da terra dentro de dois anos após a invasão assíria é tida como uma mensagem de esperança para os sobreviventes (*o restante*). O sinal (‘*ôt*, uma palavra usada em Is 7.11) é que a safra remanescente daquilo que foi destruído em março ou abril, produzirá apenas *o que crescer por si mesmo* (REB “semente auto-semeada”). A palavra (*sāpiah* refere-se à semeadura deixada durante o ano sabático (Lv 25.5, 11). O exército assírio deve ter partido apenas em outubro, quando já seria tarde para aguardar a próxima colheita. Contudo, por volta do *terceiro ano* tudo será recuperado.

30. A doutrina dos restantes — embora a palavra usada aqui (*p’lêtat*) não seja a mesma usada em Isaías (7.3, *s’âr*), onde ele dá nome a seu filho Shear-Jashub (“O resto volverá”) — está manifesta tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Refere-se àqueles mantidos para futura libertação (Is 10.20-22; 11.11, 16; Mq 4.7; Rm 11.5). Uma vez que muitos israelitas fugiram para Judá neste período, existe um pensamento de que Judá se tornou o remanescente de Israel.

31. *O zelo do SENHOR fará isso* aplica-se aqui ao ato milagroso de libertação de Jerusalém, como em Isaías. Isaías 9.6-7 usa essa frase a respeito do nascimento do único rei libertador que iria subir ao trono de Davi.

Os versículos 32-34 continuam o versículo 21 como a resposta profética a Ezequias. Isto não contradiz os anais de Senaqueribe, que informa que ele rampas de terra e artefatos de cerco, minas e outros equipamentos contra as cidades de Judá (incluindo Laquis), Mas em Jerusalém, onde ele aprisionou Ezequias,

²⁹⁷Tawil, H., ‘The problem of Ye’ōrē Masôr’, JNES n.º 41, 1982, p. 195-206.

colocou grupos de pilares de vigia em círculos (*halsu*), a fim de evitar a entrada e saída da cidade (contra ANET, p. 288, traduzindo por “fortificação”). Não há, portanto, a necessidade de considerarmos os versículos 32 e 33 como um exagero, ou como referência a um segundo ataque.

33. “Esta é a verdadeira palavra de Deus” (NEB) traduz as duas palavras hebraicas (*n’ um yhw h*) *declara o Senhor*, que sempre autenticam uma profecia. A repetição de idéias no versículo 33 (cf. v. 28) pode servir como ênfase, do mesmo modo como o versículo 34 ressalta o significado teológico da defesa de Jerusalém. Este propósito está manifesto em todo o remado de Ezequias, e não implica em qualquer concepção de inviolabilidade da capital em geral. Para a relação especial mostrada em “*por amor de mim e por amor de Davi*”, versículo 34, veja 1 Reis 11.12-13. Jeremias, mais tarde, afirmou que aqueles que se aproveitaram dessa profecia para interpretar que o templo em Jerusalém nunca seria tomado, são supersticiosos e presunçosos (Jr 7.1-15).

vi. *A retirada de Senaqueribe (19.35-36)*. Conforme Isaías 37.36-38; 2Crônicas 32.21-22. O local do acampamento assírio não é fornecido, pois o rei em pessoa pode não ter ficado em Jerusalém mas, possivelmente, a sudoeste (Libna?). Heródoto (II. 141), relata a respeito de uma retirada assíria após ratos terem destruído as tiras de couro do equipamento militar em Pelúsia, no nordeste do Egito. Este relato tem sido interpretado como peste bubônica. Contudo, este incidente possivelmente seja diferente daquele ocorrido em Jerusalém, no qual os detalhes se mostram insuficientes para que se faça uma identificação positiva do motivo da retirada. Para o *anjo do SENHOR* como causador da morte ou doença, veja 1 Crônicas 21.12-15, 30 (cf. Ex 12.12, 29-30). Os antigos atribuíam a doença à “mão de Deus”. Acredita-se que tenha ocorrido uma disenteria bacilar, que teve um período de incubação de três dias.²⁹⁸ Crônicas subentende que os líderes também foram atingidos (2Cr 32.21). Os números podem ser interpretados como “cento e oitenta e cinco oficiais” que morreram (cf. *cento e oitenta e cinco mil homens*). *Quando o povo se levantou na manhã seguinte — o lugar estava repleto de cadáveres!* (NVI) faz mais sentido do que “quando se levantaram na manhã seguinte, olharam e eis que todos eram corpos mortos!” (av). O relato de Heródoto é significativo quando mostra que a tradição egípcia (Heródoto II. 141) também se referiu a uma intervenção divina salvando o Egito das mãos de Senaqueribe em 701 a.C. A volta de Senaqueribe à sua capital Ninive está confirmada em seus anais (iii. 47-48).

d. *A morte de Senaqueribe (19.37)*. O rei assírio, alguns anos mais tarde (certo *dia*) foi assassinado por seu filho no vigésimo mês de Tebet do seu

²⁹⁸ Wiseman, D. J., ‘Medicine in the OT World’, em *Medicine and the Bible*, editado por B. Palmer, Exeter: Paternoster Press, 1986, p. 25.

vigésimo terceiro ano (681 a.C.). Uma carta neo-babilônia diz que houve uma conspiração (Crônica Babilônia) liderada pelo filho mais velho Arda-mulišši (assim Adrameleque, Berossus *Adramelos*, Ardamuzan). O conspirador fugiu para Hanigalbat em Urartu (Ararat) e, finalmente, o filho mais novo Esar-Hadom, reinou na Assíria (681-668 a.C.), conforme Esdras 4.2.²⁹⁹ Um relato posterior de Assurbanipal a respeito do assassinato, indica como local do assassinato a entrada do templo, entre as figuras guardiães. *Nisroque* pode ser a tradução do nome do deus nacional Assur (cf. LXX Esdrach, Asorach), em vez de Nusku (*nswk*).

2Crônicas 32.23 acrescenta um comentário a respeito do reconhecimento internacional conferido a Javé e a Ezequias pelo sucesso da resistência contra as forças assírias.

iii. Outros incidentes do reinado de Ezequias (20.1-21). O relato a respeito desse rei termina com dois incidentes: a doença de Ezequias (v. 1-11), e a visita dos diplomatas de Merodaque-Baladã da Babilônia (v. 12-19, na mesma ordem seguida por Isaías 38 — 39), e a costumeira fórmula conclusiva (v. 20-21). A ênfase está em Ezequias como o receptor do favor divino, a despeito do papel de Isaías ao apontar suas falhas. Três oráculos proféticos são oferecidos (v. 1, 4-6, 16-18), e alguns vêem neles um conjunto de tradições independentes. Observe que os versículos 1-8 usam o nome pessoal Ezequias (*hizqiyāhū*), e os versículos 9-11, Yezequias (*y' hizqiyāhū*). Aqueles que não admitem o ato profético (v. 16-18), fazem algumas divisões *post-eventum* (após 587 a.C.), e procuram esboçar uma teologia em desenvolvimento produzindo diferentes estilos editoriais.³⁰⁰ Contudo, o próprio autor de Reis bem poderia estar refletindo acerca desses eventos naquele período.

a. A doença de Ezequias (20.1-11). Conforme Isaías 38; 2Crônicas 32.24-26. *Naqueles dias* é uma afirmativa vaga, mas a visita dos diplomatas de Merodaque-Baladã teria ocorrido, presumivelmente, antes de seu exílio em 702 a.C. O historiador liga a doença com o cerco a Jerusalém (v. 6). O rei estava “perigosamente doente” (NEB) e *quase à morte*, e isso não é contestado pelo tratamento que se seguiu, como se fora uma doença comum (v. 7), nem pela sua rápida recuperação. Para intervenções de profetas em casos de doença, veja também 1Reis 17.17-24; 2Reis 4.22 em diante; e para o conselho *põe sua casa* (assuntos familiares) *em ordem* antes da morte, veja 2Samuel 17.23. O hebraico *siwwā* significa “dar ordens”, e aqui e em 1Reis 2.1, alguns interpretam isto como “dê

²⁹⁹Parpola, S., ‘The Murder of Sennacherib’, em *Death in Mesopotamia*, editado por B. Alster, Copenhagen: Akademisk Forlag, 1980, p. 171-182.

³⁰⁰Clements, R. E., *op. cit.*, p. 277-297; Ackroyd, P., ‘Interpretation of the Babylonian Exile: a study of 2 Kings 20, Isaiah 38-39’, *Scottish Journal of Theology* n.º 27, 1974, p. 329-352.

sua última ordem” (NEB “instruções”) com base em um termo arábico posterior *wasā*. Também pode estar implicando a necessidade de se nomear um sucessor. Os quinze anos de vida adicionais permitiram que Ezequias tivesse tempo para treinar seu filho Manassés como seu co-regente. A afirmativa profética *you will die* (típica em antigos prognósticos médicos) será cobrada em uma oração (cf. Am 7.1-3, 4-6). Existem orações assírias e babilônias desse período direcionadas a deuses, com o intuito de “estender os meus dias e multiplicar os meus anos”.³⁰¹

A soberania divina não vê inadequação na oração pela cura, pois tanto a oração quanto a resposta de Deus são parte de seu plano (cf. 1Rs 21.29; Ez 33.13-16; Tg 5.15-16).

3. Esta não é uma simples ênfase na religiosidade de Ezequias, pois o choro e a contrição são mencionados em 2Crônicas 32.26. As palavras usadas na oração, que Ezequias *andou* (viveu) *com fidelidade*, fez o que era reto aos *teus* (do Senhor) *olhos* e foi “leal em seus serviços” (REB), são típicas de Reis e Deuteronômio. O Senhor contempla com favor aqueles que o servem com fidelidade (cf. 2Sm 22.21).

4. O profeta mal havia deixado o palácio quando Deus o enviou de volta. Ele era sensível ao chamado de Deus. O *pátio intermediário* (MT *Q'rē*, o texto como lido; *hāsēr*, “pátio”) estendia-se entre o palácio e o templo (como em 1Rs 7.8), embora o MT kethib (o texto como escrito) tem *cidade do meio* (*hā'ir*), daí supostamente temos “a cidadela” em REB. O título *o líder* ou “o príncipe” (MT *nāgīd*, não em Is 38.5) era um elo entre Ezequias e Davi (1Rs 1.35). Uma vez que Deus ordena todas as coisas (Ef 1.11), somente ele pode dizer *eu o curarei* (Is 57.18; Jr 33.6) como o supremo curador (Ex 15.26; cf. At 9.34). Tal convicção não impede o uso de remédios comprovados ou médicos (v. 7).

5-6. *No terceiro dia* (“depois de amanhã”) sugere “logo”, em vez de um tempo algumas vezes interpretado tradicional e literalmente como o da ressurreição (Mt 12.40). O terceiro dia finaliza um período convencional de hospitalidade ou visita.. A importância em dar graças na casa de Deus é realçada (cf Lc 17.14, 16-17). Aqui *subir ao templo* deve ter sido com este propósito (Lv 14.2). Nosso tempo está nas mãos de Deus (Sl 31.15), e qualquer alongamento da vida é obra de sua graça. Ezequias foi agraciado com um acréscimo de *quinze anos*; uma vez que sua morte se deu em 686 a.C., essa promessa pode ser datada de, aproximadamente, o tempo do cerco de Jerusalém. Sua recuperação, então, foi também simbólica da recuperação de Jerusalém (como v. 6). Sobre os cuidados de Deus com sua cidade e dinastia (mas não necessariamente sua inviolabilidade), veja 19.34. *Por amor de Davi*, como prometido inicialmente (2Sm 7.15-16) e frequentemente reiterado, veja 19.34; 1Reis 11.13; Atos 2.30.

³⁰¹ Wiseman, D. J. na obra supracitada editada por B. Palme. p. 40.

7. Este é um raro exemplo de um profeta como curador. *O cataplasma de figos*, em vez de “bolo de figos” (RSV; “emplastro de figos”, REB) é influenciado pelo uso corriqueiro do termo (*d^hbelet*) em textos médicos (Ras Shamra 55.38; 56.33), onde um cataplasma de uvas foi usado para curar um cavalo! Em Isaías (38), a cura ocorre depois do salmo de agradecimento de Ezequias (omitido aqui e em 2Cr 32). Se houver importância nesse fato, isto significa que ele possuía fé para acreditar na palavra do profeta mesmo antes da manifestação da cura.

8-11. O sinal da cura. Este sinal milagroso (assim 2Cr 32.24) também é parte integral de Isaías 38.1-8, e não pode ser descartada como uma “lenda” profética posterior. Não é incomum a necessidade de um sinal para autenticar a palavra do profeta como a ação de Deus. Era natural (“uma coisa fácil” MT) que a sombra se movesse adiante. Assim, a inversão da ordem natural através do retrocesso seria mais significativa e menos inequívoco do que um rápido avanço.³⁰² Os graus ou *passos* devem ser melhor interpretados como “câmara superior” ou “relógio de sol”.

Uma câmara superior (lendo *‘aliyat* com os rolos de Qumran IQIa^a em Is 38.8) foi usada, talvez, para observações celestes na tomada de decisões. Acas deve ter introduzido tais práticas na área do templo.³⁰³ A história não é “claramente lendária” (Jones) ou uma referência a um eclipse solar. Este fenômeno de autenticação também é visto em Josué 10.12-14. Um relógio de sol (v. 11) era conhecido na Babilônia (Heródoto II. 109), e no Egito a hora era marcada pela sombra nos degraus ou escadaria (como NIV; MT *ma’ lôt*; veja IBD, p. 1567), indo do oriente para ocidente e, talvez, tendo a sombra milagrosamente inclinada.³⁰⁴

b. Mensageiros de Berodaque-Baladã (20.12-19). 12. *Merodaque-Baladã* (MT Berodaque-baladã, no heb. *b e m* são variantes labiais comuns) foi Marduk-apla-iddinna II, o rei caldeu da Babilônia em 721 — 710, e por seis meses em 703/2 a.C. *Filho de Baladã* é, provavelmente, o nome comum babilônio Bel-iddin (ressonorizado no MT *bel^adan*, encaixa com as notações aramaicas em placas cuneiformes *bl^adn*).³⁰⁵ O envio de cartas e um presente pelos emissários era um procedimento diplomático babilônio usual. O período do envio dos embaixadores deve ter sido antes ou durante o segundo período de Merodaque-Baladã no trono (v. a seguir). Ezequias “deu atenção” aos mensageiros (MT *sm*), ao passo que em Isaías 39.2 “alegremente” segue o grego e a Vulgata ao ler “regozijou-se” (*Smh*).

³⁰²Cf. Ramm, B., *The Christian View of Science and Scripture*, London: Paternoster Press, 1955, p. 110-112.

³⁰³Iwry, S., ‘The Qumran Isaiah and the end of the Dial of Ahaz’, *BASOR* n.º 147, 1957, p. 27-33.

³⁰⁴Ramm, B., *op. cit.*

³⁰⁵Millard, A. R., ‘Baladan, the Father of Merodach-Baladan’, *TynB* n.º 22, 1971, p. 125-126.

De acordo com Josefus (ant. x.2.2), o motivo da visita foi assegurar o apoio de Ezequias como aliado em uma coalizão anti-Assíria, mas isto não é ressaltado aqui. Os babilônios já estavam desafiando seus senhores assírios, e Isaías era firmemente contra alianças com qualquer grande potência do momento.

13. Ezequias não foi “hospitaleiro demais”; esta exibição do *depósito* de objetos valiosos (RSV “casa do terouro”, REB “tesouro”, heb. *bēt n’kot*; ocorre apenas aqui e em Is 39.2; acád. *bīt nakkamāti*) era comum para impressionar potenciais aliados. Para as riquezas de Ezequias, veja 2Crônicas 32.27. A extensão dessa narrativa sugere que isto ocorreu antes dos pagamentos a Senaqueribe em 701 a.C. (18.15-16). As especiarias e “óleos aromáticos” (NEB) indicam um comércio próspero com a Arábia central. O *arsenal* pode ter sido a casa do bosque do Libano, onde Salomão conservava os tesouros do estado (cf. 1Rs 10.16-17).

14-19. A resposta de Isaías. O profeta sabiamente levantou os fatos antes de promulgar um julgamento. Sua declaração diz claramente que o tesouro real será levado para a Babilônia e que os descendentes de Ezequias (RSV “filhos”, v. 16) também serão levados para lá. Muitos comentaristas entendem que este é um comentário feito posteriormente, e não dão importância ao fato de que a atitude babilônia já era conhecida nesse instante, e que Jerusalém irá amargar o mesmo destino que Samaria caso continuem vivendo em pecado. Não é possível esperar por um outro livramento especial.

A palavra do SENHOR [...] é boa (v. 19) pode ter sido apenas uma reação formal ao oráculo. Ezequias interpreta isto como paz e segurança enquanto ele estiver vivo. Ezequias talvez estivesse aceitando a palavra de Deus com submissão, em vez de sentir alívio pelo adiamento do julgamento, embora fosse exatamente isto o que estava ocorrendo. A palavra de Deus está aberta a diferentes interpretações, para o bem ou para o mal, dependendo da atitude e vida do receptor.

c. Fórmula de conclusão (20.20-21). Estes elementos-símbolos nesta narrativa tomam como exemplo o túnel de abastecimento de água de Ezequias, correndo de Giom (Fonte da Virgem) até o açude superior (Birket Silwan), a oeste de Ofel, e para o velho (inferior) açude em Jerusalém (cf. Is 22.1). Este túnel, descoberto em 1880, foi diminuído em 643 metros para cobrir uma distância em linha reta de 332 metros, a fim de permitir que não faltasse água dentro dos muros de proteção, mesmo durante um cerco. Uma inscrição em hebreu cursivo do início do oitavo século a.C. detalham este trabalho:

Quanto (o túnel) foi perfurado, enquanto (os mineiros brandiam seus) machados, cada homem, um próximo ao outro e, enquanto ainda havia 3 cúbitos para serem perfurados, (ouve-se) a voz de um homem chamando o companheiro, pois havia uma fenda (?) à direita [...] e quando (finalmente) o túnel estava perfurado, os

mineiros desferiram golpes, um próximo ao outro, machado contra machado. Então, as águas fluíram da Fonte até o açude, por 1.200 cúbitos, e a altura da rocha acima das cabeças dos mineiros era de 100 cúbitos.³⁰⁶

O detalhe adicional em 2Crônicas 32.30 (Eclesiástico 48.17) pode, contudo, confundir o túnel com um conduto abaixo da superfície da colina com eclusas destinadas a regar os jardins reais abaixo, talvez um trabalho de Acáz (18.17).³⁰⁷

21. Ezequias foi enterrado no sopé da colina, onde as tumbas dos descendentes de Davi foram cavadas (2Cr 32.33). Isto porque as grutas que serviam como cemitérios reais (da Idade do Ferro), e que ficavam no norte da cidade, estavam lotadas neste período. Dali em diante, nenhum rei de Judá pode ser enterrado naquelas cavernas lavradas na rocha.³⁰⁸ Sobre *Manassés*, veja 21.1-17.

B. História de reinados (21.1-26)

i. **Manassés de Judá (21.1-18).** Conforme 2Crônicas 33.1-20; Josefus, *Ant.* x.3.1-4. Embora Manassés tivesse o mais longo reinado entre todos os reis de Israel e Judá, o historiador se concentra em sua apostasia religiosa, que contrasta neste aspecto com o seu predecessor Ezequias e seu sucessor Josias. A seleção que faz dos eventos não mostra distorção, pois o quadro mais abrangente do Cronista transmite a mesma mensagem.

Manassés nasceu após a doença de Ezequias (20.6), e viveu durante o auge do poder assírio que, sob Esar-Hadom (681-669 a.C.) e Assurbanipal (669-627 a.C.), controlou o Ocidente até o Alto Egito, e de 671 em diante, Judá foi um vassalo estável e seguro dos assírios, permitindo que a estes livre passagem pela rota costeira. Manassés é mencionado nos anais assírios (*Menasi* ou *Min-se*, rei de Yaudi) entre doze soberanos da Palestina que levavam tributo em espécie para seus senhores.³⁰⁹ Não há, contudo, evidência de que os assírios forçassem algum país vassalo a mudar sua orientação religiosa, exceto quando este tinha que reconhecer o deus de seu senhor como aquele que iria exigir vingança por qualquer violação de um pacto, cuja cópia deveria ser mantida no templo. O pecado de Manassés ao abolir a purificação do culto feita por seu pai (18.3-5) e ao voltar às práticas de Acáz (16.3) deve ter sido por decisão própria.

³⁰⁶Extraído do texto, cf. *DOTT*, p. 210; *ANET*, p. 321. Vemos uma cópia do original em *IBD*, p. 1452-1453; para o túnel (altura variando entre 1 e 3,5 m. e largura de 60 cm.) leia também *ANEP*, n.º 275, 744.

³⁰⁷Shiloh, Y., 'City of David, Excavations 1978', *BA* n.º 42, 1979, p. 168.

³⁰⁸Kloner, A., 'The Cave of the Kings', *Levant* n.º 18, 1986, p. 129. Ele localiza essas tumbas ao norte do portão de (na atual St Etienne) e as data do fim da era do ferro por causa do corte perfeito.

³⁰⁹Também uma carta assíria (K 1295) dessa época menciona "ouro de Beth-Ammon e Moabe, silver from Edom and 10 medidas de prata dos habitantes de Judah" (*ANET*, p. 301; *DOTT*, p. 75).

Isto pode ter sido encorajado por alguma facção pró-assíria ou pró-egípcia grandjeando a ascendência.

a. Resumo do reinado (21.1-9). 1. A introdução (v. 1-2) dá uma referência de quando Manassés se tornou governante (MT “em seu governo”) como coregente de 696/5 ou depois (único governante 687/6-642/1 a.C.), em um total de *cinquenta e cinco anos*. Seu nome significa “ele fez esquecer (a perda de um filho prematuro)”. Sua mãe *Hefzibá*, “o meu prazer está nela” (cf. Is 62.4).

2-3. Os pecados de Manassés foram considerados os piores entre todos os reis de Judá, e levaram todo o povo à condenação ao exílio (v. 12; 24.3). Eram práticas “cananéias” especialmente proibidas pela lei mosaica. Tais práticas *repugnantes e detestáveis* (RSV, AV “abominações”) eram todas idólatras (cf. 1Rs 14.24), devolvendo o que fora removido por Ezequias (2Rs 18.3-5), e voltando às praticadas por Acaz (2Rs 16.3). Os santuários nos montes (*altos*) haviam sido destruídos por Ezequias (18.4; cf. 2Cr 31.1), ao passo que os *altares* e os *postes de Asera* (símbolo do culto à deusa-mãe Astarte) haviam sido introduzidos por Acaz (1Rs 16.32-33). O agravamento do pecado ocorreu porque agora estes símbolos idólatras estavam sendo introduzidos na área do próprio templo. Manassés foi “o Acab de Judá”, e a antítese do grande Davi. O culto às hostes celestes era praticado por toda a Palestina (por exemplo, o culto à “Rainha dos Céus”, Jr 7.17-18 e etc.).

4. O *nome* único de Javé, mostrando seu caráter e presença, deve sempre dominar o seu culto (v. 1Rs 8.16-19; Ex 20.24). Uma vez que dois pátios não são mencionados em 1Reis 6, alguns consideram esta área como uma intercalação do átrio exterior e interior em Ezequiel (Ez 40.19). Contudo, pode ser uma referência ao “pátio central” de 20.4.

6. Para *queimou seu próprio filho em sacrifício*, compare o hebraico “fez [...] passar pelo fogo”, em vez da RSV “queimou seu filho como oferenda”, o que pressupõe sacrifício de crianças. Veja em 16.3. Para “predição” (RSV) ou *feiticeira*, veja 17.17, e para “agouro” (RSV) ou *adivinhação* (MT *nihēs* pode implicar recitação ou mesmo encantamento de serpentes). *Médiuns*, “fantasmas” e *espíritos* implica no reconhecimento de poderes de revelação não pertencentes a Deus. Todas são práticas antigas proibidas no tempo de Moisés (Lv 19.26; Dt 18.10-14). Não há evidências de as proibições deuteronomícas contra tais práticas foram determinadas somente em um período posterior.

Os comentários vigorosos do historiados e pronunciamento resultante nos versículos 7-15, são tidos por muitos críticos como uma explicação feita posteriormente sobre a destruição de Judá. Contudo, a linguagem é compatível com a utilizada em todo esse livro. A expressão singular “imagem esculpida” (RSV) ou *poste esculpido de Asera* (cf. 2Cr 33.7, “imagem de ídolo”) pode implicar na colocação de ídolos suntuosos dentro do templo. Essa seção (v. 8-15) usa uma fraseologia deuteronomística típica, pois o povo está ligado aos pecados

de Manassés. Nenhuma nação pode pecar sem o consentimento ou aquiescência popular. O líder é o maior responsável.

9. O grego complementa “mal aos olhos do SENHOR”. As nações que o Senhor destruiu no momento da entrada no novo lar, deixaram um legado residual de tentação para seguir seus próprios caminhos (1Rs 14.24; Dt 12.29-31).

b. A palavra de Deus a Manassés (21.10-15). Deus emite um aviso através de mais de um mensageiro. *Seus servos* aqui também são *os profetas*, cuja posição oficial deu-lhes acesso à corte (como 2Cr 33.18).

11. Sobre *agiu pior que os amorreus*, veja 1Reis 21.26.

12. *A desgraça em Jerusalém* refere-se à devastação final de Jerusalém em 587 a.C., reverberada nas palavras de Jeremias (19.3). Veja também o uso de *Deus de Israel*, que ocorre trinta e duas vezes em Jeremias. O *cordel e o prumo*, usado em construções (Is 44.13), irão assinalar o trabalho cuidadoso de completa destruição (Is 34.11; Am 7.7-9), como o ocorrido com Israel (*casa de Acab*). Limpar o prato e *virá-lo para baixo* para escoar teve como significado o despovoamento da terra (cf. Jr 51.34).

14. Sobre o remanescente, veja 19.4, 30-31. Deus deixará o julgamento do pecador a cargo de seus inimigos (Dt 1.27; 2Rs 13.3; 17.20).

15. *Porquanto* acrescenta uma outra razão para a punição nos versículos 12-14. O povo, assim como o seu soberano (v. 6), provocou a Deus.

c. Demais eventos e a fórmula de conclusão do reinado (21.16-18) 16. Derramar sangue inocente implica tirania contra o jovem, inocente e o religioso (cf. 2Rs 24.3-4). A tradição judaica, não confirmada (A Ascensão de Isaías), diz que Isaías foi serrado ao meio durante o reinado de Manassés (cf. Hb 11.37). Outros interpretam como a destruição dos oponentes.³¹⁰

17-18. A fórmula de conclusão conduz o leitor a outros textos. 2Crônicas 33 acrescenta detalhes das práticas religiosas (v. 1-9), o trabalho de reconstrução do muro de Jerusalém (v. 14), e (um aspecto omitido pelo autor de Reis) o rapto de Manassés para a Babilônia, talvez para que fosse mostrado em alguma celebração de vitória por lá (648 a.C.), que foi seguido por seu arrependimento e libertação e reconhecimento de que Javé é Deus (v. 11-16). Até esse momento não vemos nenhuma evidência externa desse episódio ou da remoção por Manassés dos altares e deidades estrangeiras dentro e fora de Jerusalém (2Cr 33.15-16). Ahlstrom, o qual entende que Reis nos fornece um quadro distorcido desse reinado, argumenta que Manassés recuperou o território perdido por Ezequias e

³¹⁰Reviv, H., ‘The History of Judah from Hezekiah to Josiah’, *WHJP* IV. 1, p. 199; Oded, B., em *Israelite and Judean History*, editado por J. H. Hayes e J. M. Miller, London: SCM Press, 1977, p. 452.

reorganizou adequadamente os sistemas administrativo e religioso, com ênfase nos centros de culto locais.³¹¹

O enterro no jardim do palácio de Uzá, não necessariamente uma contração de Uzias ou o nome da deidade árabe Uza (Vênus), deveu-se, provavelmente, por conta da falta de espaço no mausoléu real (v. em 20.21).

ii. Amom de Judá (21.19-26). O historiador nos fornece apenas a fórmula introdutória (v. 19-22), breves detalhes da conspiração e assassinato (v. 23-24) e a fórmula conclusiva para este breve reinado de dois anos (v. 25-26). Este rei seguiu a apostasia de seu pai (v. 20-22) e sofreu as mesmas consequências que outros reis de Israel que agiram de igual modo. Subentende-se que o nome de sua mãe, Mesulemete, e sua cidade de origem, indiquem sua procedência árabe. Contudo, a identificação de tais nomes não é certa. Jotbá possivelmente seja Jotbatá, ao norte de Aqaba (Nm 33.33; Dt 10.7).

20. *Fez o que era mau* (v. Introdução, p. 49). É digno de nota que em sua longevidade, a influência de seu pai parece ter encorajado o filho a reinstituir a idolatria que Manassés havia removido. Este ponto de vista é reforçado pela influência ainda vista no reino Josias (23.5-7, 12).

23-24. Não existe registro de intervenção assíria nesse reinado. A conspiração contra Amom pode ter tido origem em grupo político pró-egípcio em vez de motivos religiosos.

26. Sobre povo da terra, veja 11.14. **Sobre Jardim de Uzá,** veja versículo 18. **Sobre Josias,** veja 22.1 em diante.

C. O reinado e a reforma de Josias (22.1 — 23.30)

Conforme Crônicas 34 — 35. O historiador dedica bastante espaço ao último rei devoto de Judá antes do exílio. Embora Jeremias, o profeta contemporâneo, não seja mencionado, este elogiou Josias (Jr 22.15-16), e o profeta Sofonias (1.1) estava em atividade durante esse reinado.

A estrutura da história segue o padrão habitual, com uma introdução (22.1-2) e notas sobre os principais pontos históricos, principalmente os reparos no templo (v. 3-7), e a descoberta do Livro da Lei (v. 8-10) e a reação do rei a esse respeito. Depois, temos a resposta da profetisa Hulda quando consultada (v. 14-20) em duas profecias: uma a respeito do futuro de Jerusalém (v. 15-17), a outra sobre o favorecimento a Josias quando este evitou a queda final da cidade (v. 18-20). A leitura do livro em público resultou tanto na reafirmação do pacto divino (23.1-3), quanto em uma série de atos de reforma baseados nos ensinamentos contidos nesse pacto (v. 4-25). Por todo o livro e no final, o historiador

³¹¹Ahlstrom. G. W., *Royal Administration and National Religion in Ancient Palestine*, Leiden: E. J. Brill, 1982, p. 75e seguintes.

ressalta a afirmação e o cumprimento da profecia (v. 26-27). A fórmula de encerramento do reino é fornecida (v. 28-30).

O Cronista (2Cr 34 — 35) parece apresentar uma sequência de eventos em dois estágios: (i) a purificação das práticas religiosas em Judá, Jerusalém e Nafali, no décimo segundo ano de Josias, e (ii) a continuidade da reforma, estimulada pela descoberta do Livro da Lei no décimo oitavo ano. Mas esta deve ser uma apresentação a fim de se encaixar com a ênfase particular do Cronista.³¹² Aqueles que seguem esta interpretação ligam a primeira ação com a morte de Assurbanipal da Assíria, 627 a.C., o que encorajou Judá a trabalhar pela independência durante as incertezas que permearam a sucessão tanto na Assíria quanto na Babilônia. Outros vêem a crescente influência de grupos anti-assírios em Judá forçando uma ruptura, ou interpretam a narrativa em duas linhas: (i) o primeiro estágio da reforma após a descoberta do livro (22.3 — 23.3), e (ii) reformas feitas sem qualquer referência específica ao livro da lei (23.4-20). Este último pensamento é improvável em vista do quadro coerente das referências à linguagem e a teologia do Deuteronômio contidos em toda a parte, e do histórico de reformas anteriores em Judá. Muitos vêem as reformas como tendo sido estimuladas pela descoberta do pergaminho.

Pode não ser possível determinar a natureza exata do Livro da Lei (cf. Introdução, p. 20). Aqueles que argumentam que este texto foi escrito *ad hoc*³¹³ aqui no reino de Josias, não podem explicar as mudanças levíticas e outras descrições “fora de lugar”, assim, vêem-no como uma “respeitosa fraude”. Da mesma forma, aqueles que vêem o livro como o Pentateuco completo, devem entender que apenas partes foram lidas publicamente com a compreensão total duas vezes em apenas um dia. Isto também indica que, se o presente livro fosse Deuteronômio, apenas o corpo legal e as maldições (*i. e.* sem a introdução, caps. 1 — 11, e o epílogo, 31 — 34) deveriam estar na cópia redescoberta. Todavia, uma vez que o segundo plano é essencial para a sua interpretação, a totalidade dos pergaminhos deve ter sido encontrada completa. A identificação com Deuteronômio apoia-se na dependência de algumas ações de Josias quanto a este livro (p. ex. 23.9, cf. Dt 18.6-8; e o impacto das profecias ao predizerem o exílio; o apoio que Dt 17.14 dá às aspirações nacionalistas e etc.).

Existe uma opinião crescente de que Deuteronômio foi um produto de sacerdotes que fugiram do reino do norte antes da queda de Samaria. Isto requer a hipótese de que originalmente, este texto referia-se ao santuário em Siquém e teve que ser revisado a fim de condizer com o culto centralizado exclusivamente em Jerusalém. Sugestões de que este livro tenha sido colocado no templo por um grupo pró-reformas e que a história da descoberta se deveu a uma interpre-

³¹²Williamson, H. G. M., *1-2 Chronicles*, London: Marshall Morgan & Scott, 1982, p. 397 e seguintes.

³¹³Expressão latina que significa “para isso, para este caso”. (N. do T.)

tação posterior, ou que o texto foi composto no tempo de Ezequias a fim de apoiar as reformas, todas são hipóteses sem evidências.

Muitos sustentam que Deuteronômio tem elementos originais anteriores a Moisés (*subdeuteronômio*). A visão sustentada aqui é de que a história (e o pacto com a lei), foi escrita logo após sua compilação, e não além do período de Juizes ou do início da monarquia. A relação entre Deus e seu povo com base no pacto foi uma tradição contínua (v. Introdução, p. 18 em diante). Deuteronômio bem pode ter estado perdido por gerações e não ter sido lido durante os reinos de Manassés, Amom e nos primeiros dias de Josias.

i. Resumo do reinado (22.1-3b). 1. O reino de Josias (“Javé tem dado”, cf. o nome Joás, 12.1), 640/39-609 a.C., está fixado pela data de sua morte durante a marcha de Neco II em apoio ao rei assírio em Haran em 609 a.C. (Crônica Babilônia).³¹⁴ *Jedida* significa “amada”. *Bozcate* está localizada entre Laquis e Eglom (Js 15.39).

2-3a. *Ele fez o que era reto* (v. em 1Rs 15.11, cf. Dt 17.19), assim como seu predecessor Davi, recebendo assim a mesma aprovação que Ezequias (18.3). *Décimo oitavo ano* (622/1 a.C.): ele começou a servir a Deus aos dezesseis anos, e a purificar a terra aos vinte anos (2Cr 34.3). O trabalho de reparação do templo — normalmente de responsabilidade de todos os reis do antigo Oriente — deve ter aguardado os acontecimentos advindos da morte de Assurbanipal da Assíria (627) e as subsequentes incursões cíticas.

ii. Os reparos no templo e a descoberta do Livro da Lei (22.3b-20).

a. Os reparos no templo (22.3b-7). Conforme Crônicas 34.8-13. Estas reformas seguiram o método adotado por Joás, incluindo uma coleção pública (12.4-16).

3b. Safã, o *secretário* de estado (MT *sōpēr*) em vez de REB: “ajudante-general”, recebe o nome completo de família a fim de distingui-lo, uma vez que este era um nome comum (cf. 2Sm 8.17; 2Rs 25.22, Jr 36.11). Sobre o seu cargo, veja 1Reis 4.3. Foram enviados outros com ele (2Cr 34.8).

4. *Hilquias* (“Javé é a minha porção”, refere-se ao sumo sacerdote em Jerusalém (cf. 12.10), agora possivelmente um cargo instituído, foi o último a exercer esta posição antes de seu sucesor ter sido executado pelos babilônios antes do exílio (2Rs 25.18-21). O dinheiro foi “contado” (RSV) ou foi preparado (heb. *tm* significa “juntado”, “completado”). Não é necessário retificar para

³¹⁴Décimo-Sétimo ano de Nabopolassar, Wiseman, D. J., *Chronicles of Chaldaean Kings* (626-556 B.C.) in the British Museum, London: British Museum, 1956, p. 63; Grayson, A. K., *Assyrian and Babylonian Chronicles*, Locust Valley, New York: J. J. Augustin, 1975, p. 95, l. 61.

“fundir” como a NEB (v. em 12.10). Quanto aos supervisores, veja os nomes em 2Crônicas 34.12-13.

5-7. Esses versículos podem ter sido retirados dos registros do templo, bem como 12.9-15.

b. A descoberta do Livro da Lei (22.8-10). Isto é apresentado sem grande surpresa. *O Livro da Lei* foi prontamente reconhecido como tal. O livro pode ter sido encontrado na caixa quando a prata era “despejada” (2Cr 34.14). Observe que o livro foi lido pessoalmente na primeira vez (v. 8), e depois ao rei (v. 10; MT “nele”; NIV dele implica um resumo), e depois ao povo (23.2). Sobre o *Livro da Lei* ou da *Aliança* (23.2), veja a seguir. Quando é trazido ao rei, referem-se a ele como *um livro* (ou pergaminho, *sēper*), sendo o rei ainda desconhecedor de sua natureza específica. Mas o versículo 11 pode ir contra esta interpretação.

c. A consulta (22.11-14). A resposta do rei à palavra de Deus é de arrependimento e remorso (pesar pelo pecado da nação e seu próprio), pois *rasgou suas vestes* (oficiais) (cf. 18.37). Confronte esta reação com a de Jeoiaquim mais tarde (Jr 36.24). Ele pode ter ouvido a respeito das seções de Deuteronômio que detalham as maldições pela falha em guardar o pacto, resultando em exílio (28.151-26; 29.25-28). O versículo 11 inicia a resposta do rei (v. 11-13). Isto contrasta com a teoria de que a estrutura aqui está moldada alternativamente em “ele enviou [...] ele ordenou [...]”, e que o versículo 11 finaliza a seção que abrange os versículos 3-11 (Lohfink).

12. Esta é uma delegação oficial em busca de interpretação, não de adivinhação, mas através de um porta-voz de Deus. A resposta era necessária tanto para o rei quanto para o povo de Judá. Ambos devem agir em consonância. *Aicão*, filho de Safã, era um sacerdote que ajudou Jeremias (26.24), e era pai de Gedalias, mais tarde, governador de Judá (2Rs 25.22; Jr 39.14). *Achor* era “o oficial real” (*‘ebeq hammelek*), um termo comum nos carimbos administrativos de Judá. Esta leitura mostra-se mais adequada do que *auxiliar do rei*, “empregado” (AV, NRSV), ou “ministro” (Gray).

13. A palavra de Deus sempre deve ser vista como importante e aplicável (*a respeito de nós* NIV, RSV, tem a implicação de “contra” (*‘al*), ou “sobre nós”, assim NEB: “colocada sobre nós”).

d. A profecia de Hulda (22.14-20). A identidade de Hulda, como a pessoa indagada a respeito da explicação das palavras não pode ser conhecida e é irrelevante, uma vez que, certamente, ela possuía a autoridade para falar em nome de Deus e interpretar o pergaminho. Alguns sustentam que Jeremias estivesse ausente neste período, ou que ainda não fosse totalmente reconhecido (isto é improvável por conta de suas relações familiares); que Sofonias fosse pouco conhecido, ou que uma profetiza fosse mais complacente (cf. Débora,

Jz 4.1-5), ou que profetizasse de forma mais favorável, já que era esposa de um oficial do templo. *Salum* como *responsável pelo guarda-roupa* (do templo?) (cf. 2Rs 10.22), pode ter sido um tio de Jeremias (32.6). O *Segundo Distrito* ou “área de Mishneh” de Jerusalém foi uma “segunda” Nova Área (Sf 1.10, cf. Ne 3.9, 12) construída a noroeste da Jerusalém original (e não “congregação”, como AV, baseada em um significado secundário posterior do heb. *mineh*).

15. *O homem* (um) *que os enviou a mim*, ou seja, aquele que recomendou que viessem até mim, em vez de ressaltar a condição do rei como um mero homem. A verdadeira voz profética é sempre carregada de autoridade (*Assim diz o SENHOR*). A resposta se dá em duas partes: uma para o rei, outra para o povo.

16-17. A mensagem a respeito de Jerusalém está baseada no pergaminho. A fraseologia é típica de Deuteronômio e Jeremias. *Este lugar é Jerusalém. Tudo o que está escrito* ou “todas as palavras do pergaminho” (RSV), ou seja, as maldições (2Cr 34.24), relembra Levítico 26.14-46; Deuteronômio 28. Muitos críticos vêem evidências de uma reelaboração posterior desses versículos, mas à luz da lembrança de experiências anteriores (p. ex. a queda de Samaria), não se pode presumir que tenham sido escritos após a queda de Jerusalém em 587 a.C.

18-19. A resposta ao rei associa sua situação com o tempo do pedido (cf. v. 11). A sinceridade com Deus ao final é recompensada.

20. *Sepultado em paz* não entra em contradição com a morte de Josias durante uma batalha e consequente enterro, conforme 23.29-30. Às vezes, uma morte prematura pode indicar a bênção de Deus ao impedir que tenhamos que suportar um futuro desastre ao termos o coração dilacerado. *Eu te reunirei a teus pais*, conforme 1Reis 1.21. Aqui é deliberadamente declarado tratar-se de um ato de Deus.

iii. **Josias renova a aliança (23.1-3).** A resposta imediata diante da descoberta do Livro da Lei foi um ato de liderança de Josias. Como um princípio de unidade e ação, ele conclamou a nação a retornar ao antigo pacto e a aceitar publicamente suas obrigações, as quais iriam torná-los povo exclusivo de Deus e reafirmar a aliança como a lei da terra. Este fato, juntamente com a celebração da Páscoa, iria se tornar fator influente no desenvolvimento tanto do Judaísmo quanto do Cristianismo.

O cerimonial é comparado com os fundamentos do pacto de Mizpá (1Sm 8.11-17; 10.25), e com a renovação do pacto em Siquém (Js 24), ambos pontos decisivos na história judia.³¹⁵ Os participantes (v. 2) incluíam aqueles pertencentes a todas as camadas (2Cr 34.30 substitui depois “Levitas” por *profetas*). Todos são imprescindíveis para um comprometimento completo, com Josias, ao seguir o Senhor tão logo assume a liderança na tradição de Moisés (Dt 1.3; Ex

³¹⁵Ben-Barak. Z., ‘*The Manner of the King*’ and ‘*The Manner of the Kingdom*’. PhD Hebrew University, Jerusalem, 1972, p. 49-68, 197 e seguintes.

24.3-8), Josué (Js 8.34; 24), e Samuel (ISm 7.6; 12.18-25), seguido mais tarde por Esdras (Ne 8.2). A renovação da aliança (cf. Dt 29) tem como cerne o *Livro da Aliança* (aqui, pela primeira vez assim chamado, cf. v. 8 nomeado por alguns tecnicamente como Ex 20-23), um termo largamente aplicado a Deuteronômio.

3. O rei se pôs em pé *junto à coluna* da mesma forma que Joás anteriormente (2Rs 11.14); “sobre o estrado” NEB (cf. Ne 8.4). A palavra (*‘ammūq*) pode simplesmente designar “um local para ficar em pé”, o posicionamento real no ritual. O povo “mostrou sua fidelidade” (BJ) ao pacto e, portanto, comprometendo-se (lit. “sustentaram”, nrsv “tomaram parte”) com a ratificação da ordem deuteronômica para *seguir o SENHOR*. Para tal, levantaram-se (literalmente) e, simbolicamente (Jr 34.18) e verbalmente (dizendo “amém”, Dt 27.11-26) deram sua aprovação. Este tipo de confissão pública periódica é essencial para a vida do povo de Deus.

iv. A purificação do culto nacional (23.4-20). O historiador de Reis e o Cronista (2Cr 34 — 35) apresentam uma possível diferença na ordem dos eventos e podem alegar que 23.4-20 é uma lista de reformas não datadas, algumas das quais incluem ações tomadas antes da descoberta do Livro quando a reforma já havia começado. Entre algumas dessas ações está a centralização do culto em Jerusalém³¹⁶, com as consequentes exigências fiscais dos dízimos pagos ao palácio central, uma prática possivelmente confirmada pela distribuição corrente de jarros entalhados no corpo e nas alças (*lmlk*) nesse período.³¹⁷ O objetivo pode ter sido fazer o templo funcionar mais como um “santuário central” e menos como “capela real”.

4. O rei agiu de forma decidida (*ordenou*, cf. 22.12; 23.21). A respeito do *sumo sacerdote*, veja em 12.10 (cf. 2Rs 25.18; Jr 52.24 “o sacerdote principal”). *Sacerdotes da próxima ordem* é preferível a “representante do sumo sacerdote” (NEB, mas no heb. está no plural), ou a “sacerdotes de segunda ordem” (RSV), uma vez que estas ordens não estão confirmadas em outro lugar. *Guarda das portas* do templo era uma profissão existente há muito tempo em templos antigos e incluíam sacerdotes de menor categoria (cf. 2Rs 12.9). Foram tomadas providências a fim de retirar os objetos introduzidos no templo de Jerusalém pelo culto a *Baal* e sua consorte *Asera*, deidades cananéias (siro-fenícias), cuja introdução no tempo de Jeroboão e Acab levaram Israel ao descaminho. *Todas as hostes do céu* incluíam todas as deidades associadas com suas representações celestes vistas nos céus (como era a maioria), junto com o culto astral e

³¹⁶Wenham, G. em *History, Criticism and Faith*, editado por C. Brown. London: IVP. 1976, p. 36-38.

³¹⁷Clayburn, W. E., ‘The Fiscal Basis of Josiah’s Reform’, *JBL* n.º 92, 1973, p. 11-22; Na’aman, N., ‘Sennacherib’s Campaign to Judah and the date of the *lmlk* Stamps’, *VT* n.º 29, 1979, p. 61-86.

práticas astrológicas. Esses ídolos, muitos com o miolo de madeira (Is 40.20), foram queimados fora da cidade santa a fim de evitar futura contaminação.

Os campos do Vale de Cedrom (heb. *saḏ môt*; NEB “campo aberto”) ficavam numa “área de altitude” ou “planaltos” (*sādam*), embora alguns prefiram a LXX “forno de calcinação” (*misr-pôt*), mas isto necessita de uma retificação do texto. A distribuição das cinzas por Betel não é uma mera “intrusão absurda” de algum editor posterior, pois Josias saiu com a intenção de expandir suas fronteiras (v. no v. 19 a seguir), e aqui pode ter objetivado profanar Betel como o local de origem do falso culto do bezerro dourado (1Rs 12.28-29), porém, muito antes tomada pelos assírios ou outros conquistadores (Os 10.5-6). Betel também marcava a fronteira sul do antigo reino do norte, agora, província assíria de Samaria, e assim, era um claro desafio aos senhores assírios debilitados.

5. Da mesma forma, a purificação se estendeu às cercanias de Judá, onde ele “fez com que os sacerdotes pagãos fossem eliminados”. O tipo de oficiante (heb. *k'mārīm*, acád. *kumru*)³¹⁸ indicava o culto a deidades pagãs (cf. So 1.4; Os 10.5). Ao contrário dos que oficiavam em Judá (v. 8), esses sacerdotes não foram trazidos para Jerusalém. *O exército dos céus e constelações* (heb. *mazzālôt*, acád. *manzaltu*) são termos usados tanto para objetos do céu representados por imagem quanto pelo poste sobre o qual a imagem era colocada. Os signos do zodíaco não são confirmados em nenhum outro lugar durante este período.

6. A respeito de Asera, veja em 1Reis 14.15. Uma vez que o poste de madeira simbólico podia ser queimado e destruído (heb. *dqq*), o espalhar das cinzas sobre as covas das pessoas (B) “área de cemitério comum”) servia para desdenhar tanto o deus quanto os seus adoradores (cf. Jr 26.23). Esses símbolos de Asera haviam sido reintroduzidos por Manassés (21.7) e talvez não totalmente removidos após seu arrependimento (2Cr 33.15), depois da primeira purificação feita por Ezequias (18.4) Amom também parece ter trazido outros (21.21; 2Cr 33.22).

7. Para “prostitutas culturais” (RSV; AV “sodomitas”), veja 1Reis 14.24. A palavra é masculina (*q'dēšīm*), assim a maioria traduz *prostitutos* (*do santuário*) (NIV, NEB), embora a palavra possa geralmente ser usada para ambos os sexos (cf. Dt 23.17; Gn 38.21-22). A palavra hebraica basicamente indica “santo, separado”, aqui claramente usado para propósitos não ligados a Javé. Costumeiramente adota-se que essas pessoas estavam associadas com um culto da fertilidade, mas não existe evidência específica que fundamente isto ou a natureza das atividades pelas quais estes são sempre condenados.³¹⁹ Os *alojamentos* ou casas (*bāttē*) das prostitutas do santuário podem, no entanto, ser interpretados como “reposteiros” (RSV) ou “vestes de tecido” (*bāttīm*; acád. *bittu* de lã) que

³¹⁸CAD K 534-535.

³¹⁹Weinfeld, M., ‘The Worship of Molech and the Queen of Heaven and its Background’, *UF* n.º 4, 1972, p. 133-154.

eram usados pelos sacerdotes ou estátuas, ou para denotar o “cordão franzido” ao redor da cabeça conforme usado pelas prostitutas babilônicas.³²⁰

8-9. Esses versículos podem estar se referindo ao trabalho feito fora de Jerusalém (cf. v. 4-5). Sobre os *altos*, veja em 1Reis 3.3. *Geba até Berseba* indica as fronteiras norte e sul de Judá pelos seus centros administrativos e de culto, como em 1Reis 15.21.³²¹

Os altares das portas (NIV mg altos) por outro lado, são desconhecidos, e a NEB “dos demônios” (*haššē'îrîm*; “sátiros”) necessitam de uma mudança do MT “portas” (*haššē'ârîm*; cf. 2Cr 11.15; Lv 17.7). Yadin sugere que isto refere-se ao alto destruído por Josias encontrado em Berseba.³²² A redundância entre em meio ao clero foi resolvida ao se dar a eles provisões, conforme prescreve Deuteronômio 18.6-8, mas aqui, talvez, numa proporção equivalente aos sacerdotes com defeitos físicos (Lv 21.16-23).³²³

10-11. A purificação se estendeu aos desvios de culto menos frequentes. *Tofete*, ou “lugar de fogo”, estava associado com o culto a Moloque (ugar. *mlk*) e à prática de passar homens e mulheres pelo fogo (NIV sacrificar). Localizava-se em uma área pobre do *Vale de (Ben) Hinom*, a oeste e sul de Jerusalém. Emprestou seu nome à Gena (*Gē*, “vale”, *Hinnom*; greg. e lat. “lugar de tormento”). O uso da palavra “queimar” tem feito alguns comentaristas compararem isto com práticas fenícias de sacrifícios de crianças, mas isto não tem respaldo em outro lugar do mundo bíblico. Veja em 1Reis 11.5 (cf Dt 12.31; 2Rs 17.31; Jr 7.31; 19.5).

A evidência do culto solar em Jerusalém repousa nesta passagem e nos desenhos de *cavalos*, alguns com discos solares na frente, encontrados a oeste de Ofel e em Hazor e outros lugares.³²⁴ Os aposentos onde Natã-Meleque, o oficial encarregado, estavam localizados é incerto. O *pátio (parwār)* tem sido traduzido como “arredores” (RSV) que ficavam a oeste do templo, ou, com base em 1 Crônicas 26.18 (*parbār*), “colunata” (REB). O hebraico rabínico traduziu como “subúrbio”.

12-13. Sobre os altares no terraço usados para o culto astral, compare com o quarto de cima de Acaz (20.11), e Manassés (21.3, cf. Jr 19.13; 32.29; So 1.5 para atividade da época), e para os *dois pátios*, veja 2Reis 21.4-5. As provi-

³²⁰Herodotus I. 199.

³²¹McKay, A. J., *Religion in Judah under the Assyrians, 732-609 B.C.*, Society for Biblical Theology n.º 26, 1973, p. 105.

³²²Yadin, Y., ‘Beersheba: The High Place destroyed by King Josiah’, *BASOR* n.º 222, 1976, p. 5-17.

³²³McCoville, G. J., ‘Priests and Levites in Ezekiel’, *TynB* n.º 34, 1983, p. 5-8, considera que essa passagem não é uma ampla condenação dos sacerdotes rurais. Ele não acredita que esses versículos possam ser usados no argumento de que eles “pressionavam para servir no santuário de Jerusalém, pois a reforma os havia privado de seus meios de subsistência”. Os sacerdotes dos lugares altos não eram levitas.

³²⁴Yadin, Y., ‘The Third Season of Excavation at Hazor. 1957’, *BA* n.º 21, 1958, p. 46-47; Kenyon, K. M., ‘Excavations in Jerusalem. 1967’, *PEQ* n.º 100, 1968, p. 97-109.

dências tomadas quanto aos altares não estão claras; *os demoliu* (cf. v. 15), segue a *Septuaginta*, conforme a NEB que muda para “reduziu a pó” com respeito ao estranho hebraico “quebrou em pedaços dali”. Os lugares pagãos de culto a oeste de Jerusalém foram iniciados a fim de apaziguar as esposas estrangeiras de Salomão (1Rs 11.5-11). O *Monte da Corrupção* (*har hammahîr*, “monte do Destruidor”, cf. 1Rs 11.7) no termo sudeste do Monte das Oliveiras (atual Jebel Batm el Hawa) é mudado pela NEB para um jogo de palavras, ou seja, azeite de oliva, para “Monte de Azeite” (*hammishâ*), mas isto não é necessário.

15. A menção ao altar em Betel assinala a extensão da autoridade de Josias em direção ao norte, em vez de ser um trabalho de um editor posterior (DtrP), ansioso por tecer um comentário a respeito do cumprimento da profecia. Sua destruição (v. 15-17) enfatiza o trabalho de reforma fora de Jerusalém. Visto que queimar um lugar alto parece difícil, embora fosse mais simples que queimar ossos sobre ele, a NEB muda para “quebrou suas pedras em pedaços” (ou seja, ler-se-ia *wayyʿsabbēr ʿet ʿbānāw* no lugar de *wayysrōp ʿet habbāmā*).

16. Mostra-se aqui que a profecia em 1Reis 13.1-2 foi cumprida. O texto grego, mais longo, é seguido pela NEB “[...] assim, cumprindo a palavra do SENHOR anunciada pelo homem de Deus quando Jeroboão ficou de pé ao lado do altar nos festejos. Mas quando viu a sepultura do homem de Deus que havia predito estas coisas, mandou [...]”.

17. O “monumento” (NEB; heb. *śyûn*) era um marco notável (Jr 31.21), assim como outras lápides (cf. “sinal” em Ez 39.15).

19. Josias, uma vez mais, é mostrado percorrendo a província assíria de *Samaria*. Isto, juntamente com as referências à Betel (v. 4, 15, 19) e a reivindicação para controlar Manassés, Efraim e Simeão, até Naftali (2Cr 34.6-7, possivelmente um quadro idealizado posteriormente), dá uma boa visão do prolongamento do reino de Josias. Isto é reforçado por evidências arqueológicas do período de Arade (onde ele reforçou a fortaleza), pelos textos hebraicos tirados do arquivo de Eliashib,³²⁵ em En-Gedi, a oeste do litoral do Mar Morto, em Mesad Hashavyahu³²⁶, e pelos selos *lmlk*. Poucos interpretam a lista de distritos fornecida em Josué 15.21-63 como reflexo do resultado da reorganização administrativa desse período.³²⁷

20. Ele *matou todos os sacerdotes* nos altos localizados ao norte, os quais foram a causa da apostasia de Israel (cf. 1Rs 13.2; 18.40; 2Rs 10.18-25).

³²⁵Aharoni, Y., ‘Arad: Its inscription and Temple’, *BA* n.º 31, 1968, p. 5-10.

³²⁶Naveh, J., ‘A Hebrew Letter from the Seventh Century BC’, *IEJ* n.º 10, 1960, p. 129-139.

³²⁷Cf. Ogden, G., ‘The Northern Extent of Josiah’s Reform’, *Australian Biblical Review* n.º 26, 1973, p. 26-34.

v. A celebração da Páscoa (23.21-23). Conforme 2Crônicas 35.1-9. A singularidade desta Páscoa residiu no ato dos levitas ao sacrificarem os cordeiros em vez de serem as famílias a fazerem isso como na Páscoa de Ezequias (2Cr 30.2-3, 17-20), talvez a primeira a ser comemorada desde Gilgal (Js 5.10-12). Temos também aqui uma ligação com a Festa dos Pães Ázimos (2Cr 37.17; Dt 16.1-8). A páscoa era um ato público (Ex 12.21-27; 23.15-17).

vi. Outras reformas e o adiamento do julgamento (23.24-27). 24-25. A remoção das inovações de Manassés envolvendo tanto o culto (v. em 2Rs 21.6; e rejeitado em Dt 18.11), quanto o uso de deuses domésticos (**rāpīm*, Gn 31.19), os quais deveriam ser usados para adivinhações (cf. Jz 17.5) ou falsos propósitos (1Sm 19.13-16), recebe uma aprovação adicional por parte do historiador (cf. 2Rs 18.5 e Dt 6.4-5). O termo lei de Moisés (1Rs 2.3) não é necessariamente um sinônimo posterior para a lei como um todo. Josias foi elogiado por guardar a lei como meta principal (cf. Dt 6.5).

26-27. Caso, conforme alguns críticos desejam, o elemento profético seja removido, o que resta aqui não faz sentido. O julgamento é adiado mas não removido pela reforma. A linguagem a respeito da escolha do templo e de Jerusalém foi usada antes em IReis 8.16 e 2Reis 21.4, 7, 13.

vii. Fórmula de encerramento (23.28-30). Conforme 2Crônicas 35.20-27. Aqui, encontramos dados adicionais a respeito do embate entre Josias e o Egito, além de sua morte subsequente, ambos considerados eventos de envergadura de seu reinado. O controle assírio a oeste terminou efetivamente em 631/0 a.C., e Megido parece ter sido uma base egípcia, e não assíria, em 646 a.C. Evidências arqueológicas indicam que a única fortificação ali (Nível II, Área C) provavelmente fosse egípcia.³²⁸ Por conseguinte, Neco II advertiu Josias de que o exército egípcio estava a caminho de uma “base fortificada” (possivelmente Carquemis, 2Cr 35.20-22) e dali para *ajudar* (em vez de *av* “contra”) Ashur-Uballit, que se havia retirado rumo oeste para Harem, após o saque de Nínive feito pelos medos e babilônios em 612 a.C. O plano de Josias em bloquear o avanço egípcio pela passagem de Wadi ‘Ara, próximo a Megido (Magiddu), em vez de Magdol mais ao sul, próxima de Asquelom, na fronteira egípcia (Magdalu de Heródoto ii.159), falhou. Neste período, Neco II dominou Gaza e saqueou Mesad Hashavyahu (Yabne Yam). Falhou, contudo, em chegar a Harem a tempo em 610/9 a.C., e quatro anos mais tarde foi derrotado pelos babilônios em Carquemis. Pode ser que a captura de Harem e o surgimento de um novo faraó tivessem encorajado

³²⁸Malamat, A., ‘Josiah’s Bid for Armageddon’, *Journal of the Ancient Near Eastern Society of Columbia University* n.º 5, 1973, p. 267-280; Welch, A. C., *ZAW* n.º 43, 1925, p. 255-260, propõem a idéia de que o que aconteceu em Megido “não era tanto uma batalha, porém mais uma corte marcial”.

Josias a agir. O cronista interpreta a morte de Josias como resultante de sua falha em atender os avisos de Neco oriundos “da boca de Deus” (2Cr 35.22). Contudo, o *povo da terra* de Judá, contrário ao Egito, apoiaram-no e escolheram como seu sucessor o filho mais jovem *Jeoacaz*, considerado menos anti-egípcio do que seu irmão mais velho Eliaquim (Jeoquim, v. 34).

D. Os últimos dias de Judá (23.31 — 25.30).

O historiador conclui sua história com rápidos resumos dos últimos quatro reis: Jeoacaz (23.31-35), como introdução ao reino de Jeoiaquim (23.36 — 24.6); Joaquim (24.8-17); e Zedequias (24.18-20) como líder até a queda de Jerusalém e o exílio (25.1-21). São fornecidos dois apêndices que dão informações a respeito daqueles na diáspora babilônica : (i) a história de Judá sob o governo de Gedalias e o exílio no Egito (25.22-26), e (ii) a libertação de Joaquim (25.27-30).

Aos reis são fornecidas as fórmulas introdutórias costumeiras, mas não os dados do término do reinado (exceto Jeoiaquim), uma vez que todos terminaram como prisioneiros de guerra nas terras do Egito ou Babilônia, nos quais eles confiaram em lugar de Deus (Javé). Muitos desses dados provêm do conhecimento pessoal do historiador (p. ex. 25.1-12; 18-26 com vv 22-26), e bem poderiam estar relacionados com as memórias de Jeremias (Jr 40 — 41). Outros buscam aqui editores diversos (chamados R[edator], R[evisor] ou Exílico), por conta do “tom negativo”,³²⁹ mas isso não difere de outros comentários encontrados através da triste história da derrocada do povo de Deus.

i. Jeoacaz de Judá (23.31-35). Neco II, após derrotar Josias, rumou para o norte, para Hama. Ele convocou seu sucessor pró-egípcio em Judá, Jeoacaz, preso em Ribla, de onde o levou para o Egito.

31. *Jeoacaz* (“Javé agarrou”) era provavelmente um nome monárquico, pois seu nome pessoal era Salum (Jr 22.11; 1Cr 3.15). A prática da primogenitura foi anulada tendo em vista a tendência anti-egípcia de seu irmão mais velho Eliaquim.

Sua mãe *de Libna* (provavelmente recuperada por Josias para Judá, cf. 2Rs 8.22) foi assim nomeada a fim de distinguir seu pai do profeta Jeremias.

32. O julgamento de um período de responsabilidade de três meses como *mal* é compreensível (por suas falhas, cf Jr 22.13-17), assim como o ocorrido com os seis meses de Zacarias no cargo (2Rs 15.9), e como pode ser inferido pelo único mês do reinado de Salum (2Rs 15.13-15). Jeoacaz foi *posto em correntes* e “removido do trono de Jerusalém” (NEB, 2Cr 36.3).

33. *Ribla* no rio Orontes, trinta e quatro quilômetros ao sul de Hama, era um forte de guarnição egípcia guardando a estrada principal para o vale de Beqa'. Nabucodonosor, mais tarde, fez do lugar o seu quartel general (2Rs 25.6, 20).

³²⁹Weippert, M., ‘Die “deuteronomistischen” Beurteilungen des Königs von Israel und Judas Problem der Königsbücher’. *Bib* 53, 1972, p. 301-339.

O tributo arrecadado deve ter sido em um único pagamento: prata (3 $\cdot$ t), muito mais valiosa para o Egito do que o ouro (34 kg).

34. A mudança de nome de Eliaquim (“Deus estabeleceu”) para Jeoaquim (“Javé estabeleceu”) serviu para indicar sua nova vassalagem (cf. 2Rs 24.17), em vez de uma concessão espiritual ao culto a Javé. Os egípcios alegavam que Javé, sem dúvida, estava do seu lado.

35. A fim de cumprir o pagamento, o *povo da terra*, como anti-egípcios, foram sobretaxados da mesma forma como Menaém havia feito tempos atrás ao receber uma reivindicação de tributo extraordinária (2Rs 15.19-20).³³⁰ Contudo, ao mesmo tempo, Jeoaquim gastava recursos na construção de um novo palácio às custas de trabalhos forçados (Jr 22.13-19).

ii. Jeoaquim de Judá (23.36—4.7). Conforme 2Crônicas 36.5-8. A introdução (v. 36-37) indica que Josias também controlou Ruma na área de Megido. O pano de fundo significativo neste reinado (609-657 a.C.) foi a invasão de Nabucodonosor, rei da Babilônia (605-562 a.C.). Seu nome significa “Nabu protegeu minha descendência” (babilônio *Nabu-kudurriusur*, daí a escrita comum desse nome como *Nebuchadrezzar* usado por Jeremias e contemporâneos).³³¹ O pai de Nabucodonosor, Nabopolassar, defendeu Hama em 609 a.C. de um contra-ataque de Ashur-Uballit, o último rei da Assíria. Nos anos seguintes ele se opôs aos avanços egípcios de Carquemis no rio Eufrates. Até que depois de sua morte em 15 de Agosto de 605 a.C., seu filho Nabucodonosor II derrotou a guarnição egípcia na Batalha de Carquemis e perseguiu o inimigo rumo ao oeste. Os babilônios ganharam a área de Hamate. De acordo com informações confiáveis nas Crônicas Babilônicas, Nabucodonosor recebeu todos os reis de Hati (siro-palestina), que vieram diante dele oferecer seus tributos no ano seguinte.³³²

Não se sabe se Jeoaquim se tornou um vassalo da Babilônia nesse período, ou se quando os babilônios retornaram em 603 a.C. Provavelmente tenha sido mais cedo pois, após a rebelião na Babilônia, Nabucodonosor encontrou os egípcios em plena batalha em 601 a.C. Os babilônios foram forçados a voltar para casa a fim de se reequiparem, e isto parece ter encorajado Jeoaquim a se rebelar contra a vassalagem após três anos (24.1; 603-601 a.C.). Os babilônios não estavam em condições de enviar uma força punitiva por si próprios de uma só vez. Assim, encorajaram vassalos vizinhos a se unirem numa incursão à Judá.

³³⁰Malamat, A., ‘The Last Years of the Kingdom of Judah’, *WHJP* IV. I, p. 207.

³³¹Wiseman, D. J., *Nebuchadrezzar and Babylon*, Oxford: British Academy, 1986, p. 2 e seguintes.

³³²Wiseman, D. J., *Chronicles of Chaldaean Kings (626-556 B.C.) in the British Museum*. London: British Museum, 1956, p. 19-28. Leia também ‘Babylonia 605-539 B.C.’ em *The Cambridge Ancient History* n.º III/2, Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 231.

Para *abilônios* (“Caldeus”, rsv) e arameus, veja Jeremias 35.1, 11; e para Moabe e Amom, Sofonias 2.8-10.³³³

2-4. Esta seção fornece a visão teológica do historiador. *O SENHOR enviou*. Suas ações através de agentes humanos eram parte de seu julgamento por conta do pecado. A história é o cumprimento do plano do Senhor (cf. 2Rs 21.12-15), e essa interpretação pode ser argumentada como o objetivo geral do historiador de Reis, não necessariamente apenas de um re-editor posterior (p. ex. uma fonte “sacerdotal deuteronomística”, DtrP).

Derramando *sangue inocente* (v. 4), como em 2Reis 21.16, tanto era um “ato cruel de tirania” (Jr 22.17), quanto um ato deliberado de quebra da lei de Deus. Este *o SENHOR não o quis perdoar* (av, nrsv “perdoar”), está de acordo com Deuteronomio 29.20 (cf. Gn 9.5). Nós sempre necessitaremos da dádiva especial do perdão para também perdoarmos os outros, mesmo quando nossos pecados tiverem sido perdoados pelo amor de Cristo (Sl 130.4; Lc 7.47; Cl 3.13).

5-6. A fórmula de encerramento não faz menção ao enterro de Jeoaquim, cuja morte ocorreu aproximadamente em dezembro de 598, antes da primeira captura de Jerusalém por Nabucodonosor. O texto de 2Crônicas 36.7 sugere que ele tenha sido levado para a Babilônia, mas Jeremias 22.19 conta como ele foi jogado para fora de Jerusalém sem pranteamento, talvez por um grupo pró-babilônio que deu a ele um enterro informal de “um asno”. A tradição de que foi enterrado no jardim de Uzá (v. 2Rs 21.26) tem origem em uma tradução grega de 2Crônicas 36.8.

Entre os seus *outros eventos*, estava a reintrodução de coisas idólatras (“abomináveis”) (2Cr 36.8). Esta é a última referência aos *anais oficiais dos reis de Judá* (v. Introdução e 1Rs 14.29 para a primeira referência), que, presumivelmente, terminou com o cerco à capital.

7. Esta nota ressalta a incursão final egípcia após a derrota em Carquemis quando os Babilônios chegaram e defenderam a fronteira sul de Judá.³³⁴ Os egípcios não eram dignos de confiança. Nem o rei Adom (de uma cidade não especificada) apelando por socorro ao faraó em 604 a.C.,³³⁵ nem Jeoaquim, nem ainda Zedequias mais tarde, receberam o socorro solicitado. A *Wadi do Egito*, Hahal-musur, atual Wadi el-‘Arish (1Rs 8.65), marcou a fronteira com o Egito ao sul de Gaza. Alguns estudiosos entendem que aqui termina o livro original de Reis, sendo o restante, uma série de apêndices.

iii. Joaquim de Judá (24.8-17). Este reino (597 a.C.) também está registrado em 2Crônicas 36.9-10; Jeremias 29.2; Esdras 1.41-44; Josefus, *Ant.* x.6.3; 7.1 e continuado em 2Reis 25.27-30.

³³³Wiseman, *Chronicles of Chaldaean Kings*, p. 29-31.

³³⁴Josephus, *antologia judaica*, tomo x, capítulo 6, diz o mesmo.

³³⁵Wiseman, *Nebuchadrezzar and Babylon*, p. 25-26.

8. *Joaquim* (heb. *y'hôyaqîn*, “Javé confirma”; bab. *Yauktm*) era, provavelmente, o nome monárquico de Jeconias (tb. heb. 1Cr 3.16; Jr 24.1, “Javé é firme”), abreviado também para Conias (Jr 22.24; heb.). O nome aparece como *ykyn* em suportes de jarros da época.³³⁶ Ele reinou por três meses e dez dias (2Cr 36.9), a maioria dos quais durante o cerco babilônio à Jerusalém. *Dezoito anos* é mais confiável do que “oito” (como alguns heb. mss, 2Cr 36.9). *Elnatã* era filho de Acbor (Jr 26.22).

9. A valiação do reino como *mal* tem como razão Ezequiel 17.12-24. Por conta dos pecados de seu pai, conforme 23.37; Jeremias 22.24-30.

A primeira captura de Jerusalém (v. 10-17), conforme registrado aqui, vai ao encontro da Crônica Babilônia, que diz que “no sétimo ano de Nabucodonosor, em Kislev (novembro/dezembro), o rei babilônio reuniu seu exército e marchou para a terra de Hati (siro-palestina). Ele sitiou a cidade de Judá (Jerusalém) e no segundo dia do mes Adar, ele prendeu o rei e capturou a cidade”.³³⁷

12. Nabucodonosor veio de Ribla provavelmente para aceitar a rendição de Joaquim, com o cerco feito algum tempo após dezembro de 598 quando o exército havia partido da Babilônia até o dia da captura de Jerusalém em 15/16 de março, 597 a.C.. O *oitavo ano* de Nabucodonosor começou em 13 de abril, e essa data concorda com “na virada do ano”, ou seja, primavera (2Cr 36.10, NEB). Os prisioneiros e a pilhagem provavelmente não eram levados imediatamente.³³⁸ De acordo com a mesma Crônica Babilônia, Nabucodonosor “nomeou lá um rei de sua própria escolha (lit. “coração”, ou seja, Matanias/Zedequias) e, recebendo um grande tributo, trouxe para a Babilônia”. Este registro extrabíblico atesta, assim, o início do exílio. Os versículos 13-14, portanto, não precisam ser um resumo feito pelo editor incluindo dados da pilhagem final da cidade dez anos mais tarde. Joaquim “saiu” (MT), ou seja, *rendeu-se*. O número fornecido de deportados tanto pode ser geral para “um grande número” (*dez mil*), quanto os sete mil homens de guerra mais mil trabalhadores especializados (v. 16) mais outros não especificados. À luz de Jeremias 52.28, alguns interpretam esses números como deportação feita em dois estágios, 3.023 e 7.000, ou como 3.023 de Jerusalém e 7.000 de Judá. O objetivo era remover todos os *líderes* (v. 15), incluindo administradores e líderes religiosos, “todos os homens de substância” (NEB, REB “primeiro”; RSV “homens de valor”) que pudessem fornecer homens saudáveis e habilidosos para o caso da possibilidade de organização de uma futura resistência.

³³⁶Albright, W. F., ‘The Seal of Eliakim and the Latest Preexilic History of Judah. With Some Observations on Ezekiel’, *JBL* n.º 51, 1932, p. 77-106.

³³⁷Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings*, p. 72-73; Grayson, A. K. *Assyrian and Babylonian Chronicles*, Locust Valley, New York: J. J. Augustin, 1975, p. 102.

³³⁸Nem isso seria evidência de um calendário diferente (como afirma Malamat, A., ‘The Last Years of the Kingdom of Judah’, *WHJP* IV. I, p. 211).

15-16. O cativo de Joaquim (cf. v. 27-30) cumpriu a profecia de Jeremias (22.24-27). Sua presença na Babilônia está confirmada por placas contendo listas de suprimento de azeite e cevada para ele, sua família e cinco filhos em 592-569 a.C., chamando-o “Yaukin, rei de Judá”.³³⁹

17. Nabucodonosor escolheu Matanias, o terceiro filho de Josias (1Cr 3.15) e, como seu irmão Jeoacaz, era um antiégipcio a sucedê-lo. Ele, então, era *tio de Joaquim* (2Cr 36.10, heb. usa “irmão”, ou seja, “parente”). A mudança de nome de Matanias para Zedequias (“Javé é justo” ou “Justiça de Javé”) pode ter ocorrido a fim de ressaltar que o ato de Javé contra Jerusalém foi judicialmente justificado, em vez de meramente servir para enfatizar a posição de Zedequias como um vassalo (2Rs 23.14).³⁴⁰

iv. Zedequias de Judá (24.18-20). Veja também 2Crônicas 36.11-14; Jeremias 39.1-10; e quase uma repetição textual em Jeremias 52.

Esse rei (597-587 a.C.) herdou uma Judá bem mais reduzida, pois o Neguebe foi perdido (Jr 13.18) e a terra enfraquecida pela perda de pessoal experimentado. Havia tanto elementos pró-egípcios quanto falsos profetas entre os sobreviventes (Jr 28 — 29; 38.5). Contudo, Jeremias continuou a advertir acerca da existência de uma releição contra a Babilônia sendo insuflada por forasteiros (Jr 27), e ainda apoiou Zedequias. O historiador considerava Javé como o verdadeiro rei e Joaquim ainda o “rei dos judeus” em vez de líder dos exilados judeus.

Ele visitou a Babilônia (Jr 51.59) e manteve contato com os exilados ali (Jr 29.3), talvez para mitigar qualquer suspeita que Nabucodonosor pudesse ter a respeito de sua lealdade, não obstante, em 589 a.C. ele tivesse se rebelado, talvez encorajado pelo faraó Psamético II (Psamtik), que agora estava no trono do Egito e havia visitado as cidades costeiras fenícias em 592. Seu sucessor Apries (Hofra) em 589 colaborava com Corias, o comandante supremo de Judá.³⁴¹ Uma vez que Zedequias tenha convocado a Jerusalém os representantes diplomáticos de Tiro e Sidom, Edom, Moabe e Amom, mas, de modo importante, não os das cidades filistéias (Jr 27.1-11), estes devem tê-lo encorajado a se rebelar em 595/4 a.C., o ano no qual Nabucodonosor encarou uma rebelião doméstica.

O *mal* de Zedequias (v. 19) está completamente explicado em 2Crônicas 36.12-14. (i) Ele não estava disposto a ouvir a palavra de Deus através de Jeremias; (ii) ele quebrou um juramento feito em nome de Javé como vassalo da Babilônia; (iii) ele não estava arrependido e falhou em impedir os líderes e sacerdotes de profanar o templo com a reintrodução de práticas de idolatria. O historiador, mais uma vez, acrescenta suas razões teológicas para o exílio (interpretado como

³³⁹Wiseman, *Nebuchadrezzar and Babylon*, p. 81-83.

³⁴⁰Posição contrária: Malamat, A., *op. cit.*, p. 213.

³⁴¹Lachish Letter (*ANET*, p. 322); Freedy, K. S. e Redford, D. B., ‘The Dates in Ezekiel in Relation to Biblical, Babylonian and Egyptian Sources’, *JAOS* n.º 90, 1970, p. 480.

“golpe na presença de Deus”). A história é explicada muito mais em termos divinos do que em ações humanas. Não existe nenhuma menção específica quando ao pedido de ajuda aos egípcios feitos por Ezequias de Hofra. Tiro se rebelou e foi sitiada por treze anos.³⁴² Amom parece ter se juntado a Zedequias na rebelião, mas isso não se configurou em uma coalizão efetiva contra o poderio da Babilônia.

v. A queda de Jerusalém (24.20 — 25.21). Conforme Jeremias 39.1-10; 52.4-27; 2Cr 36.17-20. O escritor agora está centrado no principal evento do reinado de Zedequias, ou seja, a rebelião contra a Babilônia que trouxe o julgamento final ao governo da casa de Judá, sobre sua capital e sobre o templo de Jerusalém. Este é principalmente um registro factual dos arquivos do estado, das listas do templo e das observações pessoais. O historiador deve ter estado a par das fontes usadas em registros paralelos para esse mesmo evento.³⁴³ Uma vez que a narrativa de Jeremias segue a nota “até aqui são as palavras de Jeremias” (51.64), muitos vêem aqui um registro feito por Baruque, escriba de Jeremias,³⁴⁴ embora uma narrativa anterior desse mesmo evento (v. 18, v. 1-12 em Jr 39.1-10) pudesse ter como origem seu mestre Jeremias, em vez de, como sugere Noth, o que “parece ser” um sumário de passagens paralelas posteriores. A maioria dos estudiosos tomam 2Reis 25 como um registro histórico confiável. A ausência de comentários teológicos (como ocorre em outras narrativas), pode ser explicada em parte pela seleção de itens que levam à conclusão de que “Judá foi levado preso para fora da sua terra” (25.21), assim cumprindo a profecia por último reiterada no reinado de Josias (23.27) de que o mal feito desde os tempos de Manassés resultaria em exílio. Na verdade, o exílio era o resultado esperado para aqueles que quebrassem o pacto de Javé (Dt 28.36; Lv 26.33), e nada menos que o tratado assumido como vassalo da Babilônia, é agora negligenciado.³⁴⁵ A lição da queda de Samaria e o exílio deveriam ter sido aprendidos.

a. A queda da cidade (25.1-7). 1. O cerco começou em 15 de janeiro, 588 a.C.. Conforme Jeremias 39.1; 52.4; Ezequiel 24.1-2 para *nono* ano. O ano e meio

³⁴²Wiseman, *Nebuchadrezzar and Babylon*, p. 26-29, considera mais prováveis os anos 580-573 a.C. para isso.

³⁴³Por exemplo: 2Rs 24.18-25.21 utilizados em Jr 52.4-27; 2Cr 36.17-20; 25.1-12 em Jr 39.1-10; 2Rs 25.22-26 em Jr 40.7-9; 41.1-3, 16-18.

³⁴⁴O selo de Baruque, com a inscrição “Berechiah, filho de Nérias, o Escriba” (*lbrkyhwbw nryhw hsrp*) foi encontrado junto às outras pessoas mencionadas em Jr 36 (por exemplo, Jerameel), provavelmente indicando que ele também era um agente estatal trabalhando para o profeta Jeremias (Avigad, N., ‘Jerahmeel and Baruch’, *BA* n.º 42, 1979, p. 114-117).

³⁴⁵Conforme Wiseman, D. J., *The Vassal-Treaties of Esarhaddon*, London: The British School of Archaeology in Iraq, 1958, p. 52, II. 292-295: “Se transgredires essa aliança, estarás entregando tua terra à ruína e seu povo como prisioneiros”.

de sítio pode ser devido a (i) a ausência de Nabucodonosor em Ribla, e a preocupação em conter os portos marítimos fenícios, e, (ii) sua cautela contra uma intervenção egípcia potencial em favor de Zedequias (Jr 37.5, 11).

2-3. Os babilônios confiavam inicialmente em aumentar o controle através de “postos de observação” (NEB, “torres de cerco”, REB; heb. *dāyēq*) em vez de *mecanismos de cerco* (rsv, niv), permitindo que aqueles que quisessem sair, pudessem fazê-lo (cf. v. 11; Jr 38.19; 39.9), mas fazendo a cidade sofrer de fome (Jr 38.2-9).

4. A cidade foi então rompida para o norte,³⁴⁶ em vez da NEB “aberta” (REB “capitulou”), pois a incursão do inimigo foi firmemente resistida e isso possibilitou que alguns escapassem através dos muros duplos a sudeste, com vista para Cedrom (cf. para esses muros duplos, Is 22.1). A intenção deve ter sido continuar a resistência nas colinas de Judá e ali se unirem aos bealis de Amom ao fugirem pelo vale da fenda de Arabá e sul do Mar Morto. Ao que parece, o exército se espalhou a fim de evitar a captura; alguns ligam a profecia de Obadias 2-14 a respeito de Edom a esse período.

6. A despeito deste incidente, Nabucodonosor era conhecido como “um rei justo”³⁴⁷ e “falaram com ele (de acordo com a) lei” (MT, cf. NEB “ele defendeu o seu caso diante dele”) e assim, a *sentença foi pronunciada sobre ele*. A execução dos herdeiros reais teve como intenção eliminar qualquer possibilidade futura de reivindicação do trono ou rebelião (cf. 2Rs 10.1-17). Isto também cumpriu a profecia de Ezequiel, que Zedequias seria levado para a Babilônia, morreria lá, mas não a veria (Ez 12.13). Cegar os inimigos não era uma ocorrência comum (cf. Jz 16.21), uma vez que a maioria era colocada para trabalhar. Caso Zedequias tivesse dado ouvidos às palavras do profeta, teria salvo tanto Jerusalém quanto a si próprio (Jr 38.14-28), posto que iria morrer na Babilônia (Ez 12.14).

b. A destruição do templo (25.8-21). Presta-se mais atenção ao templo do que à cidade, uma vez que este era o símbolo da presença e da glória de Deus, agora passadas. O assalto final foi liderado por Nebuzaradã (Nabû-zer-iddina), um nome que aparece na “lista da corte” de Nabucodonosor, como oficial sênior (Chanceler, *rab nuhatimmu*, literalmente “padeiro chefe”; cf. heb. *rab tabbāhīm*, literalmente “açougueiro chefe”). Os meses precisos fornecidos daqui em diante (v. 8, 27) seguem o calendário babilônio, com o ano começando em Nisan (março/abril). O templo caiu uma semana após a ruptura (no 7º ou 10º do décimo-primeiro mês do calendário judaico, ou 5 de agosto, 587), e toda a cidade caiu

³⁴⁶Malamat, A., ‘The last years of the Kingdom of Judah’, *WHJP* IV. 1, p. 220; cf. referências aos portões do meio e de Benjamin (Jr 38.7; 39.3; Ez 12.12 ‘buraco no muro’).

³⁴⁷Wiseman, *Nebuchadrezzar and Babylon*, p. 99-101.

cerca de um mês depois. Os que acreditam que Judá utilizava uma datação outonal (Tishri) para o ano-novo, o seria 586 a.C.³⁴⁸

A pilhagem da cidade, do templo, do palácio e *de todas as casas* (v. 9) está qualificada como *toda a construção importante* (*gādōl*). A NEB lê *gādōl* (NRSV “grande”; reb “notáveis”) como “as mansões de Gedalias” sem justificativas. Para a completa destruição da cidade, veja também Jeremias 39.8; 52.12-14; Ezequiel 33.21; Neemias 2.13; e a destruição do templo, 2Crônicas 36.19; Jeremias 52.13. As evidências arqueológicas do cerco são múltiplas, indo de armas encontradas na parte superior da cidade,³⁴⁹ construções queimadas e alvenarias caídas na colina de “Ofel”, mais tarde abandonadas (cf. Ne 2.13 em diante).³⁵⁰ Em outras partes, muitas cidades e vilas em Judá deixaram de ser habitadas.³⁵¹

11. As classes de exilados mencionadas incluem desertores e o restante da “multidão” (RSV, MT *hehāmōn*), *ralé* que alguns lêem como “artífices” (NEB ao ler *hā’āmōn*, cf. Jr 52.15). Estes termos gerais podem em parte ser responsáveis pela dificuldade na interpretação precisa de números (cf. 24.16).

12. Os menos hábeis deixados para trás foram empregados como vinhateiros. A área ao norte de Jerusalém (Mizpá, Gibeom, Mozá) e estados próximos, Tell Beit Mirsim, Beth-Shemesh e Ramate Rael, foram deixadas como fornecedoras de vinho para as forças babilônias e para a corte. Selos mencionando esses lugares, encontrados em escavações, atestam este fornecimento.³⁵² “Agricultores” (RSV, “trabalhadores” NEB, MT *yōg’bīm* apenas aqui e Jr 52.16) é melhor lido como *campos* (NIV, vulg. sem mudança de consoantes, *y’gēhīm*).

13-17. Os detalhes dos utensílios do templo sendo fragmentados para o transporte para a Babilônia podem bem ter sido tirados de uma lista separada (Jr 52.17-23, cf. 1Rs 7.15-45). Para o *mar* [...] *de bronze* conforme 1Reis 7.23-26; a ausência de referências aos touros de bronze que apoiavam o mar é explicada pela remoção feita antes por Acáz (2Rs 16.17).

Os babilônios valoravam mais o ouro do que a prata (v. 15, cf. 18.14-15). Existem algumas variantes não explicadas nesta lista, como os capitéis sobre os pilares Jaquim e Boaz (1Rs 7.15-22) dando medidas que aqui diferem em três cúbitos. Isto pode se dever a uma leitura direrente da lista ou, possivelmente, a uma mudança devida a algum reparo (cf. Jr 52.22).

³⁴⁸Por exemplo Malamat, A., ‘The last Kings of Judah and the Fall of Jerusalem’, *IEJ* n.º 18, 1968, p. 150. Contra essa posição, tal datação é repudiada por D. J. A. Clines, *Australian Journal of Biblical Archaeology* n.º 2, 1972, p. 9-34; ‘The Evidence for the Autumnal New Year in Pre-exilic Israel Reconsidered’, *JBL* n.º 93, 1974, p. 22-40.

³⁴⁹Avigad, N., ‘Jerusalem the Jewish Quarter of the Old City, 1975’, *IEJ* n.º 25, 1975, p. 26.

³⁵⁰Shiloh, Y., *Excavations at the City of David I* (= *Qedem* 19, Jerusalem, 1984), p. 1-31.

³⁵¹Wiseman, *Nabuchadrezzar and Babylon*, p. 38

³⁵²Graham, J. N., ‘“Vinedressers and Plowmen”’, 2 Kings 25:12 and Jeremiah 52:16’, *BA* n.º 47, 1984, p. 55-58.

A lista daqueles executados em Ribla (v. 18.21) está de acordo com a prática comum de remoção dos líderes de oposição e possíveis futuros rebeldes. Atitude similar está representada no relevo de Senaqueribe em Laquis. *Os que ainda se achavam na cidade* (v. 19) pode significar que alguns tentaram se esconder, enquanto outros fugiram.

18. *Seraías*, aqui primeiro designado “sumo sacerdote” (23.4; um título comum em Crônicas e Esdras), tinha um filho, Jeozadaque, cujo neto era Esdras, levado para a Babilônia (Ed 7.1-5). *Sofonias*, neto de Hilquias, era o representante do sumo sacerdote (25.18; Jr 52.24) e, possivelmente, o sacerdote designado em Jeremias 21.1. A menção de cinco sacerdotes mais antigos pode indicar sua responsabilidade no movimento anti-babilônio.

19. Os oficiais do estado incluíam o chefe militar (18.17; *sārîs*; NEB “um eunuco que comandava os homens de luta”). Os conselheiros reais como “cinco homens que viam a face do rei” (heb) eram aqueles que tinha acesso à presença do rei e, como tais, formavam “o conselho do rei” (RSV). O secretário do comandante supremo era uma alta posição (cf. NEB “ajudante-general”). Os sessenta envolvidos no *alistamento do povo da terra* podem ter sido na maioria proprietários de terras ou um grupo simbólico (NEB “o povo”), em vez de “notáveis do interior” (Gray).

21b. O comentário sobre Judá indo para o cativeiro, *londe de sua terra*, é considerado pela maioria como o fim do original de Reis.

vi. **Gedalias, governador de Judá (25.22-26).** Uma vez mais temos um relato abreviado (cf. Jr 40.7 — 41.9). O autor talvez esteja ciente de que os detalhes já foram fornecidos em outro lugar. Este apêndice teve como meta mostrar (i) como Gedalias (que tinha o apoio de Jeremias), nomeado pelos babilônios, foi rejeitado e com isso nenhum representante da casa de Judá foi deixado na terra; (ii) aqueles que aparecem como minoria devem estar preparados para o perigo, morte e dificuldade em buscar qualquer política de resistência.

22. *Gedalias* era apoiado pelos oficiais babilônios (v. 24) de acordo com a prática corrente pela qual um senhor assegurava a lealdade de seu nomeado. Em Laquis ele era bem conhecido como membro da corte de Zedequias, o filho de Aicam, um ajudador pró-babilônio de Jeremias (Jr 26.24), e neto de Safã, o qual havia participado da reforma de Josias (22.12). O selo de Gedalias (*lgdlyh* “o que governa a casa”) foi encontrado em Laquis.³⁵³ A influência familiar pode preparar uma pessoa para um papel crucial. Gedalias tinha a reputação de ser gentil e generoso (Josefus, *Ant.* x.9.1) e seus inimigos faziam troça disso.

23. Jeremias 40.7 afirma que os homens ainda estavam em campo aberto (como refugiados), quando ouviram as novidades (isto não está no MT). *Mizpá* (provavelmente Tell en-Nasbeh, quatorze quilômetros ao norte de Jerusalém)

³⁵³Ilustração em *IBD*, p. 545.

foi, originalmente, um importante centro administrativo (ISm 7.5; Irs 15.22). *Ismael*, que tem o nome em dois selos da época,³⁵⁴ recebeu a confiança de Gedalias, a despeito dos avisos de Jeremias contra ele (Jr 40.14). Seu avô, Elisama, havia sido o secretário de estado de Joaquim (cf. v. 25; Jr 36.12), mas sua lealdade agora está a favor da facção pró-amonita. Joana opôs resistência a Ismael (Jr 41.11-18). *Seraias* é diferenciado do sumo sacerdote de mesmo nome pela adição de seu nome de família e origem familiar próximo a Belém (cf. para netofatitas, 1Cr 9.16; Ne 12.28). O selo oficial de ágata de Jazaniaz (escrito *v znyh*, “oficial do rei”) foi encontrado em Tell-en Nasbeh (Mizpá).³⁵⁵ É de se ressaltar que um esconderijo de selos escritos foi descoberto em Jerusalém³⁵⁶ (o papiro ao qual eles estavam fixados foi perdido), incluindo o que contém “Baruque, filho de Nérias, o escriba”, o qual pode indicar a dispersão dos oficiais de estado mencionados em Jeremias 36.

24. Gedalias fez um juramento como parte de suas incumbências oficiais como governador, ou deu sua palavra em nome de Deus que a sua lealdade iria garantir sua segurança. Ele estimulou a aceitação do julgamento que Deus impôs a Judá ao manter uma política pró-babilônia. *Estabeleçam-se nesta terra pacificamente*, também foi a mensagem de Jeremias aos exilados (29.4-78). Quando existe um reconhecimento de que um governante estrangeiro tem sido um agente divino da punição, esta resistência passiva torna-se mais eficaz.

25-26. A história do assassinato de Gedalias aqui é breve se comparada com a contida em Jeremias 40.13 — 41.15, que mostra que os homens de Siquém, Siló e Samaria também foram mortos. Esta ação direta anti-babilônia inevitavelmente produziu retaliações e o povo ficou, justamente, temeroso dos babilônios. O profeta Jeremias foi relutantemente forçado ao exílio no Egito, onde Apries (Hofra) era o rei (24.20). Ele argumentou que eles estavam agindo contra a palavra de Deus ao partirem (Jr 42.7—43.7). A reação babilônia veio em 582/1 a.C., quando Nebuzaradã levou um adicional de 745 judeus para o exílio babilônio, e Judá foi temporariamente feita parte da província de Samaria (Jr 52.30; Josefus, *Ant. Jud.* x.9.7). A história termina com Judá subjugada à Samaria, o velho reino do norte que foi o primeiro povo de Deus a ser levado para o exílio. Os samaritanos seriam adversários frequentes dos judeus.

vii. Apêndice: a libertação de Joaquim (25.27-30). O segundo apêndice é adicionado para lembrar o leitor que, enquanto Joaquim ainda estava na Babilônia como representante da dinastia de Davi, Deus ainda preservou seu povo. Alguns vêem nisso a intenção de terminar a história com uma nota de esperança.

³⁵⁴Diringer, D., *Le iscrizioni antico-ebraiche palestinesi*, Florence. Universita degli studi di Firenze, 1934, p. 203-310.

³⁵⁵IBD, p. 725; ANEP, p. 276.

³⁵⁶Avigad, N., ‘Jerahmeel and Baruch’. BA n.º 42, 1979, p. 114-117.

talvez até uma “revivificação messiânica”. A ausência de referências a Jeremias precisa ser explicada como devido ao seu ponto de vista, inaceitável aos olhos do “historiador deuteronomista”, ou de que a história foi originada na Babilônia, onde o relato de Jeremias era desconhecido. Assim como no apêndice anterior, o autor pode ter sido Jeremias ou de um conhecido próximo em contato com os exilados na Babilônia (cf. Jr 52.31-34; cf. 40.7 — 43.7).

27. O trigésimo sétimo ano do exílio. Os judeus por toda a diáspora calculavam os anos pelo cativeiro de Joaquim (Ez 1.2). As circunstâncias alentadoras de Joaquim podem ser corretamente datadas pelos textos babilônios, que mostram que o *vigésimo sétimo dia do décimo segundo mês* do ano, quando o sucessor de Nabucodonosor *tornou-se rei* (bab. *res šarrūti*), caiu em 22 de março/ 4 de abril de 562/1 a.C. *Evil-Merodaque* (heb. *“wīl mrdk*) é uma transcrição exata (não vocalização) do babilônio *Awēl-Marduk*, que sucedeu seu pai Nabucodonosor em outubro de 562, e reinou até 560 a.C., quando, ao conduzir certas questões “de forma afrontosa e ilegal”, foi assassinado por seu cunhado *Nergal-šarrausur* (Neriglissar), o qual tomou o trono.

Este ato de clemência com Joaquim foi, mais tarde, visto como uma reversão deliberada da política de seu pai, em vez de ser uma anistia³⁵⁷ por conta do período da ascensão ou do período de festejos de Ano Novo. “Levantar a cabeça de uma pessoa” (MT) significa mais do que *libertou* ou “mostrou favor” (NEB), uma vez que abrange uma mudança de condição social e perdão (cf. Gn 40.13, 20). Os textos babilônicos do período de escassez datados de 592-568 a.C., mostram que Nabucodonosor já havia concedido a Yaukīn o seu apoio.

28. “Comer à mesa do rei” significava receber porções regulares de cevada, azeite, carne e roupas, que não eram necessariamente usadas somente no palácio. Textos mostram que estes favores foram promulgados; os benefícios incluíam residência e terra suficientes para manterem a família real, em troca de lealdade ao doador.³⁵⁸

A mudança de condição social é assinalada aqui por uma posição mais alta (*assento*) nas funções cerimoniais. (Sobre “subir mais alto”, veja Lc 14.10). Esta condição foi resultado de um acordo (MT, “falou boas (coisas) com ele”), em vez de *e lhe falou benignamente*.

O fim deste apêndice não assevera se Joaquim apenas agora era um vassalo aprovado, ou se fora finalmente designado o rei oficial de Judá. A situação indica que Deus protege os seus, e que este não é o fim da história. A história do relacionamento de Deus com seu povo prossegue desde então.

³⁵⁷ Wiseman, D. J., *Cambridge Ancient History* III/2, Cambridge: Cambridge University press, 1991, p. 240-242; *Nebuchadrezzar and Babylon*, p. 102, 113-115; Sack, R. H., *Amel-Marduk*; 562-560 bc, Wiesbaden: Butzon & Bercker: 1972, p. 25.

³⁵⁸ Wiseman, *Nebuchadrezzar and Babylon*, p. 83; cf. 1Rs 4.27; 11.18-19. Sobre comer à mesa do rei, leia também 2Sm 9.7; 19.33; 1Rs 2.7.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.